

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

A

A água amarga que traz maldição, A escada de Jacó, A Muralha Larga, Aaarel, Aará, Aasbai, Aava, Ab, Abã, Abodom, Abagta, Abana, Abarim, Abba, Abda, Abdeel, Abdiel, Abdom (Lugar), Abdom (Pessoa), Abede-nego, Abel (Lugar), Abel (Pessoa), Abel-Bete-Maacá (Maacá), Abel-Maim, Abel-Meolá, Abel-Misraim, Abel-Queramim, Abel-Sitim, Abençoar, Bêncão, Abeto, Abetouro, Abi-Albom, Abia, Abia, Abiai, Abias, Abiasafe, Abiatar, Abibe, Abida, Abidã, Abiel, Abiezer, Abiezerita, Abigail, Abilene, Abimael, Abimeleque, Abinadabe, Abinoão, Abirão, Abisque, Abisai, Abisalão, Abismo sem fundo, Abisua, Abisur, Abital, Abitube, Abiú, Abiúde, Abner, Abominação, Aborto espontâneo, Abraão, Abrão, Abrona, Abrona, Absalão, Absinto, Abubos, Abutre, Acã, Acã, Acã, Acar, Acabe, Acácia, Acade, Acádios, Acaia, Acaico, Acanto, Acasz, Acbor, Aceldama, Aco, Açoitamento, Acor, Açor, Acos, Acra, Acraba, Acrabatena, Acrabim, Acre, Acrocorinto, Acrópole, Acróstico, Acsa, Acsafe, Acube, Aczibe, Ada, Adã, Adada, Adaga, Adafás, Adalias, Adam (Pessoa), Adamá, Adami, Adami-Nequebe, Adão (Lugar), Adão, o Segundo, Adar (Lugar), Adar (Mês), Adar (Pessoa), Adasa, Addus, Adi, Adida, Adiel, Adim, Adina, Adino, Aditaim, Adivinhação, Adivinhos, Adlai, Admá, Admata, Adamata, Admim, Adna, Adoção, Adom, Adonai, Adoni-Bezeque, Adoni-Zedeque, Adonias, Adonicão, Adonirão, Adoração, Adoram, Adorão, Adrameleque, Adramítio, Ádria, Adriel, Aduel, Adulã, Adulamita, Adultério, Adumim, Advento de Cristo, Adversário, Advogado, Aeon, Aer, Afeca, Aflição, Ágabo, Agagita, Agague, Ágape, Agar, Ágata, Agé, Ageu (Pessoa), AGEU, Livro de, Ágia, Ágora, Agricultor, agricultura, Agricultor, Pecuária, Agricultura, Agripa, Água, Água da Purificação, Águas de Merom, Águas, Portão das, Águia, Águia-marinha, Aguilhão, Agulha, Agur, Ai, Ai, Ái, Aia, Aiã, Aia, Aiá, Aião, Áias, Áias, Áias, Aiate, Aicã, Aicão, Aicam, Aiezer, Aijalom, Aijeleth Shahar, Ailude, Aim, Aimã, Aimaás, Aimeleque, Aimote, Ainadabe, Ainoã, Aio, Aiô, Aira, Airão, Airamita, Aisaar, Aisamaque, Aisar, Aisora, Aitofel, Aitube, Aiúde, Ajoelhado, Ajudar, Dom de, Akiba, Rabbi, Al-Taschith, Alabastro, Alabe, Alai, Alameleque, Álamo, Alamo, Alamo, Alamo, Alamo, Alamo, Alcaparreira, Alcimo, Alegoria, Alegria, Aleluia, Alemete (Lugar), Alemete (Pessoa), Alexandra, Alexandre, Alexandre (Balas) Epifânio, Alexandre Janeu (Janaeus), Alexandria, Alexandrino, Código, Alfa e Ômega, Alface, Alfarrobeira, Alfeu, Algodão, Algum, Algumins, Alho, Alho-poró, Aliá, Aliã, Aliança, Aliança, Aliança de sal, Aliança, A Nova, ALIANÇA, Livro da, Alimas, Alma, Almodá, Almom, Almom-Diblataim, Almugue (Sândalo, Junípero), Aloés, Alom (Lugar), Alom (Pessoa), Alom-Bacute, Alom-Bacuth, Alote, Alpendre de Salomão, Altar, Altíssimo, Alus, Alva, Alvã, Amá, Amã, Ama (Babá), Amade, Amal, Amaleque, Amalequitas, Amana, Amarias, Amarna, Tábuas de, Amasa, Amasai, Amasias, Amassai, Amasai, Amave, Amazias, Âmbar, Ameia, Amém, Amendoeira, Ametista, Ami, Amiel, Amigos, Amilenismo, Aminadabe, Amisadai, Amitai, Amiúde, Amizabade, Ammi, Amnom, Amom (Lugar), Amom (Pessoa), Amom, Amonitas, Amoque, Amor, Amora-preta, Amoreira, Amorreus, Amós (Pessoa), Amós, Livro de, Amoz, Amplias, Amplíato, Amuleto, Ana, Aná, Anã, Anabe, Anacarate, Anaías, Anameleque, Anamim, Anamitas, Anani, Ananias (Lugar), Ananias (Pessoa), Anaque, anaquim, anaquitas, Anás, Anate, Anátema, Anatote (Lugar), anatotita, Anatote (Pessoa), Ancião, Ancião de Dias, Ancião, Âncora, André, O Apóstolo, Aner (Pessoa), Anfípolis, Animais, Animais noturnos, Animal horrível, Anjo, Anjo da guarda, Ano do Jubileu, Anrafel, Anramita, Anrão, Anti-Líbano, Antílope, Antioquia da Pisídia, Antioquia da Síria, Antipátride, Anunciação, Anzi, Aoá, Aoí, Aoíta, Aoliabe, Apelo, Apocalipse, Livro de, Apocalíptico, Apócrifos, Apócrifos, Evangelhos, Apolo, Apolônia, apostasia, Apóstolo, Apostolado, Apotegma, Áquila, Aquim, Aquis, Aquisor, Ar, Arã, Arã (Pessoa), Arã-Zobá, Arabá, Arábia, Árabes, Arade (Lugar), Aram-Naaraim, Aramaico, Arão, Ararat, Arato, Araúna, Arbusto, Arbusto de lótus, árvore de lótus, Arca da Aliança, Arco, Arco-íris, Arde, Ardita, Areli, Arelita, Areopagita, Areópago, Aretas, Arfaxade, Argila, Argobe (Lugar), Argueiro, Ariete, Arioque, Aristarco, Armadura e armas, Armas, Arnom, Arode, Arodi, Aroditas, Aroer, Aronitas, Arpade, Arpaxade, Arqueiro, Arqueiro, Arco e flecha, Arqueologia e a Bíblia, Arqueus, Arquitetura, Arrependimento, Arsa, Arsaces, Artaxerxes, Ártemas, Ártemis, Artesão, Artesãos, Vale dos, Artífice, Arubote, Arumá, Arvade, Arvadita, Árvore, Árvore da Vida, Árvore de Estoraque, Árvore de louro, Louro, Árvore do conhecimento do bem e do mal, Asã, Asafe, Asbel, Asbelitas, Ascensão de Cristo, Asdode, Asdodita, Asdote-Pisga, Aser (Pessoa), Aser (Tribo), Asfalto, Asfar, Ásia, Ásia Menor, Asiarca, Asibias, Asiel, Asilo, Asíncrito, Asmodeu, Aspata, Áspide, Asquelonita, Asquenaz, Asriel, asrielita, Assassinato, Assassino, Asse, Assento da misericórdia, Assir, Assíria, assírios, Assistente, Assôs, Assuã, Assuero, Assur, Assur, Assur (Lugar), Assureus, Assuritas, Assuritas, Assurnasirpal, Astarote, Astarote, Asteratita, Astarte, Asterote-Carnaim, Astígues, Astrologia, Astronomia, Asvate, Atace, Atade, Atai, Ataías, Atalia, Atália, Atalo, Atara, Atarim, Atarote, Atarote-Adar, Atarote-Bete-Joabe, Atarote-*

Sofã, Atbash, Atenas, Atenóbio, Ater, Atlai, Atos dos Apóstolos, Livro dos Atributos de Deus, Attharates, Attharias, Auaran, Augusto Cesar, Aumai, Aurano, Aurora, Estrela da Manhã, Autógrafo, Auzã, Auzão, Auzate, Ava, Aveleira, Áven, Aves domésticas, Avestruz, Aveus (Pessoas), Avim (Lugar), Avins, Avitas, Avitas, Avite, Azã, Azael, Azai, Azalias, Azanias, Azareel, Azarel, Azarias, Azaz, Azazel, Azazias, Azbuque, Azeca, Azel, Azel, Azenate, Azgade, Aziel, Aziza, Azmavete (Lugar), Azmavete (Pessoa), Azmom, Aznote-Tabor, Azor, Azoto, Azricão, Azricã, Azriel, Azuba, Azul, Azur

A água amarga que traz maldição

A água da amargura fazia parte de um "julgamento" usado no antigo Israel quando um marido suspeitava que sua esposa havia cometido adultério, mas não tinha provas. Esta cerimônia é descrita em [Nm 5.11-31](#). Alguns estudiosos acreditam que isso pertence a um grupo de procedimentos chamados "provas por ordálio". Nesses julgamentos, a pessoa acusada tinha que enfrentar algum desafio físico para determinar se era inocente ou culpada. As pessoas acreditavam que um poder superior que conhecia a verdade controlaria o resultado.

No antiga Israel, assim como em muitas sociedades antigas, as mulheres tinham poucos direitos. Um marido israelita podia usar este teste quando não tinha provas de que sua esposa havia sido infiel, mas simplesmente tinha uma "desconfiança" em relação a ela ([Nm 5.11-14](#)). Muito provavelmente, uma esposa grávida passaria por um teste se seu marido suspeitasse que o bebê não fosse dele.

O marido suspeito levaria sua esposa ao sacerdote com uma oferta especial da melhor farinha de cevada ([Nm 5.15](#); cp. [Lv 2; 5.11](#)). O sacerdote iria:

1. Levar a mulher para ficar "na presença do Senhor"
2. Misturar "água santa" (provavelmente da pia de água do tabernáculo) com terra do chão do tabernáculo
3. Soltar o cabelo da mulher (possivelmente para demonstrar vergonha)
4. Colocar parte da oferta de farinha de cevada nas mãos dela ([Nm 5.16-18](#)).

Então o sacerdote faria com que ela jurasse que, se tivesse sido infiel, beber a "água da amargura" traria uma maldição sobre ela. Ela concordaria dizendo "Que assim seja!" (vv. [19-22](#)). Depois de escrever as palavras da maldição, o sacerdote as lavava na água. Após fazer uma oferta ceremonial

de um punhado de farinha de cevada, o sacerdote faria a mulher beber a água (v. [23-26](#)). Se ela fosse culpada, o resultado seria um sofrimento amargo, que tornaria a mulher incapaz de ter filhos (v. [27](#)).

A escada de Jacó

Quando Jacó saiu de casa após enganar seu pai, Isaque, para receber a bênção que Isaque havia destinado a Esaú ([Gn 27.6-40](#)), ele não estava apenas desejando encontrar uma esposa entre as filhas do irmão de sua mãe, mas também estava literalmente fugindo para salvar sua vida, pois Esaú havia decidido matá-lo (v. [41](#)). Quando ele parou para descansar à noite no campo aberto, o Senhor apareceu a ele em um sonho e o abençoou ([28.10-22](#)). Na visão, Jacó viu uma escada alcançando da terra ao céu com anjos subindo e descendo sobre ela. No topo da escada estava o próprio Senhor, que confirmou a Jacó a promessa anteriormente dada a Abraão ([12.2-3.7](#)) e repetida a Isaque ([26.3-5](#)). No contexto, parece claro que a escada com os anjos subindo e descendo representa Deus alcançando Jacó e criando um caminho para Jacó ter um relacionamento com Ele. A comunhão que deveria existir entre Deus e Jacó é simbolizada na escada e no movimento dos anjos. Esta comunicação entre céu e terra parece ser o mesmo ponto que é feito em [João 1.50](#) quando Jesus diz a Natanael e seus outros discípulos: "Vocês verão o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (NTLH). Jacó ficou tão impressionado com a graça de Deus ao se revelar a ele dessa maneira que nomeou o lugar onde isso aconteceu Betel — a Casa de Deus.

A Muralha Larga

A Muralha Larga era uma seção da muralha externa de Jerusalém que Neemias reconstruiu no século V a.C. É possível que a Muralha Larga estivesse no lado noroeste da cidade ([Ne 3.8; 12.38](#)).

Veja Jerusalém.

Aaarel

Filho de Harum da tribo de Judá ([1Cr 4.8](#)). A NTLH usa a grafia "Acarel".

Aará

Outro nome para Airão, o terceiro filho de Benjamim ([1Cr 8.1](#)).

Veja: Airão, Airamita.

Aasbai

Pai de Elifelete. Elifelete morava na cidade de Maaca e era um guerreiro entre os valentes de Davi, conhecidos como "os trinta" ([2Sm 23.34](#)). A NTLH usa a grafia "Acasbai".

Aava

O nome do rio (e possivelmente da cidade) na Babilônia onde Esdras acrescentou alguns levitas ao grupo de judeus que estavam voltando para casa do exílio. Ele também declarou um jejum (abstinência de alimentos por um tempo) ali para que os judeus se humilhassem e buscassem a proteção de Deus antes de retornar à Palestina ([Ed 8.15,21,31](#)).

Ab

Um mês no calendário hebraico. Corresponde aproximadamente ao período de meados de julho a meados de agosto no nosso calendário moderno. Veja: Calendários, antigos e modernos.

Abã

O filho de Abisur e Abiail da tribo de Judá ([1Cr 2.29](#)).

Abadom

Esta é a transliteração de uma palavra hebraica que significa "lugar de destruição". Ela aparece seis

vezes no Antigo Testamento, geralmente referindo-se ao lugar para onde as pessoas vão após morrerem ([Jó 26.6; 28.22; 31.12](#); [Sl 88.11](#); [Pv 15.11; 27.20](#)).

Abadom tem o mesmo significado que Sheol (o submundo ou reino dos mortos). Algumas traduções da Bíblia utilizam palavras como "inferno", "morte", "a sepultura" ou "destruição" em vez de Abadom.

A mesma palavra hebraica aparece uma vez no Novo Testamento em sua forma grega, Apoliom ([Ap 9.11](#)). Neste versículo, a ideia de destruição é apresentada como uma pessoa chamada de "anjo do Abismo [o poço sem fundo]". Por causa disso, algumas traduções usam a palavra "destruidor" em vez de Abadom.

No livro do Apocalipse, João tem uma visão em que Abadom (ou Apoliom) é descrito como o anjo que governa o lugar dos mortos. Este anjo aparece após a quinta trombeta soar ([Ap 9.1](#)).

Veja também Sheol.

Abagta

Um dos sete eunucos (oficiais na corte do rei) foi comandado pelo Rei Assuero para trazer a Rainha Vasti à sua festa de embriaguez ([Ester 1.10](#)).

Abana

Um rio que atravessa a cidade de Damasco, na Síria. Hoje, é chamado de Rio Barada.

Naamã pensou que o Rio Abana seria melhor para curar sua lepra do que o Rio Jordão. No entanto, ele decidiu obedecer ao profeta Eliseu. Ele se lavou no Rio Jordão e foi curado de sua lepra ([2 Reis 5.9–14](#)).

Veja também Amana.

Abarim

Uma área montanhosa localizada a leste do Rio Jordão e do Mar Morto, que se estende para o norte a partir das terras planas de Moabe.

O ponto mais alto do Monte Nebo está em Abarim. É chamado Pisga e tem cerca de 805 metros de altura.

Moisés olhou para a Terra Prometida desde Pisga pouco antes de morrer ([Dt 32.48-50; 34.1-6](#)).

Abba

Palavra aramaica de "pai", que é aplicada a Deus em [Marcos 14.36](#); [Romanos 8.15](#); e [Gálatas 4.6](#). O nome expressa uma relação muito íntima e inseparável entre Cristo e o Pai, e entre os crentes (como filhos) e Deus (como Pai).

Abda

1. Pai de Adonirão. Adonirão estava encarregado do trabalho forçado sob o rei Salomão ([1 Reis 4.6](#)).
2. Filho de Samua. Ele foi um líder levita em Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Neemias 11.17](#)). Em 1 Crônicas, seus nomes são dados como Semaías e Obadias ([1 Crônicas 9.16](#)).

Abdeel

Pai de Selemias. Selemias era um oficial enviado pelo Rei Jeoacim de Judá para prender Jeremias e Baruke depois que o rei leu e queimou seu manuscrito profético ([Jeremias 36.26](#)).

Abdi

1. Um membro do clã Merari dos levitas. O neto de Abdi, Etã, foi um músico durante o reinado do Rei Davi ([1 Crônicas 6.44; 15.17](#)).
2. Um levita cujo filho Quis serviu durante o tempo do Rei Ezequias ([2 Crônicas 29.12](#)). Este Abdi às vezes foi confundido com Abdi #1.
3. Um membro do clã Elão na época de Esdras. Ele se casou com uma mulher não israelita após o exílio na Babilônia ([Esdras 10.26](#)).

Abdiel

Filho de Guni e pai de Aí ([1 Crônicas 5.15](#)). Aí foi um líder de clã na tribo de Gade durante os reinados do

Rei Jotão de Judá e do Rei Jeroboão II de Israel ([1 Crônicas 5.15-17](#)).

Abdom (Lugar)

Uma das quatro cidades que os levitas receberam do território de Aser após a conquista de Canaã, a terra que Deus prometeu à família de Abraão ([Josué 21.30](#); [1 Crônicas 6.74](#)). Abdon é provavelmente a mesma que Ebron ([Josué 19.28](#)). Hoje, Abdom é chamada de Khirbet 'Abdeh.

Abdom (Pessoa)

5. O filho de Hilel que julgou Israel por oito anos ([Juízes 12.13-15](#)). Ele era um homem muito rico e possuía 70 jumentos.
6. Filho de Sasaque da tribo de Benjamim. Ele viveu em Jerusalém ([1 Crônicas 8.23,28](#)).
7. Jeiel era o filho mais velho da tribo de Benjamim. Ele morava em Gibeão. Este Abdom é mencionado na lista de ancestrais de Saul ([1 Crônicas 8.30; 9.36](#)).
8. Filho de Miquéias ([2 Crônicas 34.20](#)). Ele também é chamado de Acbor, filho de Micaías. Veja Acbor #2.

Abede-nego

Um dos três amigos de Daniel que foi condenado à morte por Nabucodonosor, mas foi protegido na fornalha ardente por um anjo ([Daniel 1.7; 3.12-30](#)). Veja Sadraque, Mesaque e Abednego; Daniel, adições a (oração de Azarias).

Abel (Lugar)

Uma cidade fortificada na fronteira da Alta Galileia, no norte de Israel.

O líder do exército do rei Davi, Joabe, perseguiu um homem chamado Seba até Abel. Seba estava lutando contra Davi. Uma mulher sábia de Abel conversou com Joabe. Após a conversa, o povo de

Abel matou Seba e jogou sua cabeça por cima da muralha da cidade. Então Joabe parou de atacar a cidade ([2 Samuel 20.13-22](#)).

Mais tarde, a cidade foi conquistada pelo rei sírio Ben-Hadade durante uma guerra entre o rei Asa de Judá e o rei Baasa de Israel. Quando Asa persuadiu Ben-Hadade a romper seu acordo com Baasa, Ben-Hadade tomou uma grande quantidade de terras, incluindo Abel, chamada Abel-Bete-Maaca ([1 Reis 15.16-20](#)).

Algum tempo depois, Tiglate-Pileser III tomou Abel-Bete-Maacá, também chamada Abel de Beth-Maaca, ou Abel de Beth-maachah. As pessoas que viviam lá foram levadas como prisioneiras para a Assíria ([2 Reis 15.29](#)).

Abel é às vezes chamada de Abel-Maim ("prado de água"). O nome indica que a cidade era cercada por terras férteis ([2 Crônicas 16.4](#)). A cidade foi identificada com a moderna Tell Abil-el-Qamh.

Abel (Pessoa)

O segundo filho homem de Adão e Eva ([Gn 4.2](#)). Seu nome provavelmente vem de palavras antigas sumérias e acádias que significam "filho". "Abel" era usado como um termo geral para todos os humanos.

O irmão mais velho de Abel, Caim, era agricultor, enquanto Abel era pastor. Quando ambos trouxeram ofertas, Deus aceitou o sacrifício animal de Abel, mas rejeitou a oferta de vegetais de Caim. Por isso, Caim ficou com ciúmes de Abel e o matou.

A história bíblica sugere que Abel tinha um caráter melhor, por isso Deus abençoou sua oferta e não a de Caim ([Gn 4.7](#)). A Bíblia não diz que ofertas de grãos ou vegetais eram inferiores às ofertas de animais para sacrifícios de pecado ou comunhão. A lei mosaica permite ambos. No Novo Testamento, Abel é considerado a primeira pessoa que morreu por causa de sua fé ([Mt 23.35](#); [Lc 11.51](#); [Hb 11.4](#)).

Abel-Bete-Maacá (Maacá)

Outro nome para Abel, uma cidade fortificada na alta Galileia em [1 Reis 15.20](#) e [2 Reis 15.29](#). Veja Abel (Lugar).

Abel-Maim

Outro nome para Abel, uma cidade fortificada na alta Galileia, em [2 Crônicas 16.4](#).

Veja Abel (Lugar).

Abel-Meolá

O local de nascimento do profeta Eliseu ([1 Reis 19.16](#)).

Elias encontrou Eliseu em Abel-Meolá, onde ele estava arando. Ele jogou seu manto sobre os ombros de Eliseu, simbolizando o chamado de Deus para que Eliseu se tornasse um profeta ([1 Reis 19.19-21](#)). Anteriormente, a cidade é mencionada como um lugar para onde os midianitas fugiram dos trezentos guerreiros de Gideão ([Juízes 7.22](#)). Também é mencionada em uma lista de distritos estabelecida pelo Rei Salomão ([1 Reis 4.12](#)).

Abel-Meolá é provavelmente a atual Khirbet Tell el-Hilu.

Abel-Misraim

Um nome alternativo para Atade, onde os filhos de Jacó pararam durante o funeral a caminho de Hebron. Abel-Misraim era um lugar em Canaã ([Gn 50.11](#)).

Veja também Atade.

Abel-Queramim

Uma cidade capturada por Jefté, o juiz israelita, quando ele derrotou os amonitas ([Juízes 11.33](#)). Estava localizada ao sul do rio Jaboque.

Abel-Sitim

Um nome alternativo para Sitim, um lugar nas planícies de Moabe ([Nm 33.49](#)).

Veja Sitim (Lugar).

Abençoar, Bênção

Pronunciamento do favor de Deus sobre uma congregação reunida. Os serviços de adoração, especialmente observâncias da Eucaristia nas igrejas Ortodoxa Oriental, Católica Romana e a maioria das igrejas Protestantes, geralmente terminam com uma bênção falada pelo clérigo sênior presente. Este pronunciamento (chamado de "bênção" nas igrejas Católicas Romanas, Ortodoxas Orientais e Anglicanas e na maioria das igrejas protestantes) é baseado no precedente bíblico generalizado de bênção ([Gn 27.27-29](#); [Nm 6.22-27](#); [Lc 24.50](#); [2Co 13.11,14](#); [Fp 4.7](#); [2Ts 2.16-17](#); [Hb 13.20-21](#)).

Embora frequentemente vista como um mero ritual de despedida, a prática da benção é, na verdade, uma proclamação do favor gracioso de Deus, a qual deve ser realizada somente por seus ministros, com base na autoridade das Escrituras Sagradas, para os crentes fiéis. Nesta ação, os cristãos são assegurados de que a graça de Deus, o Pai, o amor do Filho e a comunhão do Espírito Santo estão com eles.

O termo "bênção" também é aplicado à ação de graças por comida e bebida ([Mt 14.19](#); [Mc 8.7](#); [Lc 24.30](#)).

Veja também Beatitudes, As.

Abeto

Uma tradução de várias palavras hebraicas no Antigo Testamento que pode se referir a uma árvore com cones (árvores coníferas). Os especialistas não conseguem identificar exatamente qual árvore é essa.

Abeto é um termo geral para várias árvores perenes que têm agulhas planas em seus galhos em formato de cones eretos. Muito provavelmente, a maioria das referências a abetos na Bíblia está, na verdade, falando sobre pinheiros, ciprestes ou zimbros. O único verdadeiro abeto em Israel e nas áreas circundantes cresce nas partes mais altas do Líbano e nas montanhas ao norte. *Abies cilicica* cresce a uma altura de 9,1 a 22,9 metros e muitas pessoas o cultivam para diversos usos.

Abetouro

Um abetouro é uma ave aquática de pernas longas (*Botaurus stellaris*). É semelhante a uma garça, mas tem pernas mais curtas e um corpo menor.

Os abetouros vivem em pântanos, onde podem se esconder facilmente. Suas penas marrons e pretas se assemelham às plantas ao redor, tornando-os difíceis de ver. Seu pescoço longo possui penas macias que o fazem parecer grosso e pesado.

Os abetouros são tímidos e geralmente vivem sozinhos. Na época de acasalamento, eles emitem um chamado profundo e de som peculiar. Eles também torcem seus corpos de uma maneira especial enquanto chamam. Os abetouros constroem seus ninhos sozinhos em pântanos com vegetação.

Devido à sua natureza secreta, as pessoas frequentemente veem os abatedouros como símbolos de lugares solitários ou vazios.

Há alguma dúvida sobre se o abetouro é realmente mencionado na Bíblia. O significado da palavra hebraica é incerto, por isso os tradutores às vezes escolhem animais muito diferentes.

Algumas versões em português traduzem esse termo em [Isaías 14.23](#) e [Sofonias 2.14](#) como "ouriço". Em [Isaías 34.11](#), outra versão usa "coruja estridente".

Alguns estudiosos acreditam que os versos descrevem um pássaro, não um mamífero. [Sofonias 2.14](#) diz que a criatura irá "empoleirar-se no topo de suas colunas" (ou seja, acima dos umbrais de Nínive). Isso se encaixaria melhor com um pássaro.

Os abetouros vivem nos pântanos do Rio Tigre, perto de Nínive. Seus hábitos podem se encaixar melhor nessas referências bíblicas do que os do ouriço.

Consulte também Aves; Falcão; Ouriço; Pelicano; Porco-espinho.

Abi-Albom

Nome alternativo de Abiel em [2 Samuel 23.31](#). Veja Abiel #2.

Abia

9. Apesar do nome em hebraico para Abias ser o mesmo para Abia, este nome aparece com esta grafia no português em [1 Crônicas 2.24](#) e [2 Crônicas 29.1](#). Em ambos os casos, o nome se refere a uma mulher, no primeiro caso à esposa de Hezrom e no segundo à mãe do rei Ezequias.

Veja: Abias.

Abia

Uma forma abreviada de Abias, o nome da mãe do rei Ezequias de Judá ([2 Reis 18.2](#)).

Veja Abias #4.

Abial

Um nome utilizado tanto para homens quanto para mulheres no Antigo Testamento.

10. O pai de Zuriel é um líder da família Merari dos levitas durante a peregrinação de Israel no deserto ([Nm 3.35](#)).
11. Esposa de Abisur e mãe de Abã e Molide ([1Cr 2.29](#)).
12. O filho de Huri, um descendente de Gade, que viveu em Gileade e Basã ([1Cr 5.14](#)).
13. Uma mulher mencionada em [2 Crônicas 11.18](#). Sua relação com o Rei Roboão não é clara. Em algumas traduções, Abial parece ser a segunda esposa de Roboão. No entanto, apenas uma esposa é listada inicialmente. Abial provavelmente era a mãe da primeira esposa de Roboão, Maalate. Assim, Abial era filha de Eliabe, o irmão mais velho de Davi. Ela se casou com seu primo Jerimote, um dos filhos de Davi.
14. Pai de Ester e tio de Mardoqueu ([Et 2.15](#); [9.29](#)).

Abias

15. Filho de Roboão e seu sucessor como rei de Judá. Ele governou de 913 a 910 a.C. ([1 Crônicas 3.10](#)). Ele também era chamado de "Abias" ([2 Crônicas 11.18-22](#); [12.16](#); [13.1-22](#); [14.1](#)).

O principal evento do reinado de Abias foi sua guerra com o rei Jeroboão I de Israel ([2 Crônicas 13.1-3](#)). Antes de uma batalha importante, Abias subiu ao Monte Zemaraim e criticou a divisão do país por Jeroboão e a adoração de ídolos ([2 Crônicas 13.4-12](#)). Abias e seu exército oraram pela ajuda de Deus na batalha. Mesmo que o exército de Jeroboão fosse duas vezes maior, o exército de Abias escapou de uma emboscada e obteve uma vitória surpreendente ([2 Crônicas 13.13-19](#)).

O reinado de Abias sobre Judá não foi descrito de forma gentil em [1 Reis 15.1-8](#): "Abias cometeu os mesmos pecados que o seu pai havia cometido e não foi fiel em tudo ao Senhor, seu Deus, como o seu bisavô Davi tinha sido" ([1 Reis 15.3](#)). Mas Deus havia prometido manter os descendentes de Davi no trono em Jerusalém ([1 Reis 11.36](#)), então o filho de Abias, Asa, tornou-se rei após ele.

Abias era um membro da família de Davi, portanto, ele foi um antepassado de Jesus Cristo ([Mateus 1.7](#), chamado "Abias").

16. Segundo filho de Samuel. Ele e seu irmão mais velho, Joel, eram juízes corruptos em Berseba. Devido à sua corrupção, os líderes de Israel exigiram ser governados por um rei ([1Sm 8.2](#); [1Cr 6.28](#)).
17. O filho do rei Jeroboão I do reino do norte de Israel. A doença do menino levou sua família a buscar orientação do profeta silonita em Siló ([1Rs 14.1-2](#)).
18. Esposa de Acaz e mãe do Rei Ezequias ([2Rs 18.2](#)). Às vezes escrita como "Abi" ([2Cr 29.1](#)). Ela era filha de Zacarias.
19. Filho de Bequer da tribo de Benjamim ([1Cr 7.8](#)).

- 20.** O levita que liderou uma das oito divisões das 24 divisões sacerdotais estabelecidas pelo Rei Davi ([1Cr 24.10](#); [Lc 1.5](#)).
- 21.** O chefe de uma família sacerdotal que assinou a promessa de fidelidade a Deus feita por Esdras com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.7](#)).
- 22.** O chefe de uma família sacerdotal que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ne 12.4](#)). Talvez da mesma família mencionada no número 7.

Abiasafe

Uma forma alternativa de Ebiasafe, um descendente de Corá, em [Êx 6.24](#).

Veja também Ebiasafe.

Abiatar

Um dos dois sumos sacerdotes durante o reinado do rei Davi. O outro sumo sacerdote era Zadoque, que foi evidentemente nomeado por Davi após sua conquista de Jerusalém.

Apenas Abiatar escapou quando as famílias sacerdotais em Nobe foram massacradas pela instigação do rei Saul. Os sacerdotes de Nobe haviam dado comida e a espada de Golias a Davi durante sua fuga da ira de Saul, ganhando assim o ódio dele ([1Sm 21-22](#)). Quando Abiatar se juntou a Davi, ele trouxe o éfode, que Davi então usou para determinar a vontade de Deus ([1Sm 23.6, 9-11; 30.7-8](#)). Abiatar foi uma das primeiras pessoas do governo de Saul a apoiar Davi. Seu apoio era formidável porque ele representava o sacerdócio da antiga liga tribal da linhagem de Eli.

Durante os últimos dias do reinado de Davi, seus filhos lutaram pelo trono. Os dois principais rivais eram Adonias e Salomão. Abiatar, o sumo sacerdote, apoiou a reivindicação de Adonias ao trono, provavelmente porque Adonias era o herdeiro vivo mais antigo de Davi e porque o general de Davi, Joabe, um dos homens mais fortes no reino, apoiou Adonias ([1Rs 1.5-7](#)). Zadoque apoiou Salomão, que, na realidade, sucedeu a Davi no trono. Tendo caído em desgraça com o novo rei,

Abiatar foi banido para sua propriedade em Anatote ([1Rs 2.26-27](#)), uma aldeia a cerca de 6,4 quilômetros a nordeste de Jerusalém.

O relacionamento de Abiatar com Aimeleque é confuso. Aimeleque poderia ter sido o nome tanto do pai de Abiatar ([1Sm 22.20; 23.6](#)) quanto do filho ([2Sm 8.17](#); [1Cr 18.16; 24.6](#)). Se cada uma das referências fosse ao mesmo Aimeleque, então os nomes foram invertidos nas passagens posteriores. No NT, Abiatar é mencionado como o sumo sacerdote quando Davi veio a Nobe precisando de comida e armas ([Mc 2.26](#)). O relato do AT diz que Aimeleque era o sacerdote naquela época ([1Sm 21.1-2](#)). A aparente discrepância pode ter resultado do erro de um copista ou do fato de que Abiatar como sumo sacerdote era mais proeminente do que Aimeleque.

Abibe

O nome cananeu do mês hebraico Nisan corresponde aproximadamente ao período de meados de março a meados de abril.

Veja Calendários, antigos e modernos.

Abida

Um dos filhos de Midiã. Midiã era filho de Abraão com sua concubina Quetura ([Gn 25.2,4; 1Cr 1.33](#)).

Abidā

O filho de Gideoni era o líder da tribo de Benjamim quando os israelitas estavam vagando no deserto do Sinai após sua fuga do Egito ([Nm 1.11; 2.22](#)). Como líder, ele apresentou a oferta de sua tribo na dedicação do Tabernáculo ([Nm 7.60-65](#)).

Abiel

- 23.** O pai de Quis é Ner, avô do Rei Saul, de acordo com [1 Samuel 9.1](#) e [14.51](#). Outras listas de ancestrais em 1 Crônicas mencionam Ner, em vez de Abiel, como pai de Quis e avô de Saul ([1 Crônicas 8.33; 9.39](#)). Essa confusão pode ser devido a um erro de copista ou porque Saul pode ter tido dois parentes chamados Ner, um bisavô e um tio.
- 24.** Um guerreiro entre os valentes de Davi que eram conhecidos como "os trinta" ([1 Crônicas 11.32](#)). Ele também é chamado de Abi-Albom, o Arbatita ([2 Samuel 23.31](#)).

Abiezer

- 25.** Um descendente de Manassés ([Js 17.1-2](#)). O pai de Abiezer não é nomeado, mas ele é listado entre os descendentes do irmão de sua mãe, Gileade ([1Cr 7.18](#)). Em [Números 26.30](#), o nome de Abiezer é abreviado para Iezer, e sua família é chamada de iezeritas. Gideão fazia parte da família de Abiezer, e eles foram os primeiros a responder ao seu chamado para lutar contra os midianitas ([Jz 6.34](#)). Os descendentes de Abiezer foram chamados de abiezritas ([Jz 6.11,24.34; 8.32](#)).
- 26.** Um membro da tribo de Benjamim de Anatote e guerreiro entre os valentes de Davi, conhecido como "os trinta" ([2Sm 23.27; 1Cr 11.28](#)). Abiezer foi nomeado líder da nona divisão do exército no sistema de rodízio estabelecido por Davi ([1Cr 27.12](#)).

Abiezerita

Um membro da família de Abiezer ([Juízes 6.11,24.34; 8.32](#)).

Veja Abiezer #1.

Abigail

- 27.** A esposa de Nabal, que mais tarde se tornou a esposa de Davi ([1 Samuel 25.2-42](#)). Nabal era um rico proprietário de ovelhas cujo rebanho havia sido protegido pelos homens de Davi. Quando Davi pediu comida a Nabal em troca, Nabal recusou. Isso deixou Davi muito irritado. Ele levou 400 homens armados para atacar Nabal e sua casa. Abigail ouviu o que seu marido havia feito. Ela rapidamente reuniu comida e encontrou Davi no caminho e pediu desculpas pelo comportamento tolo de seu marido. Davi agradeceu a Deus por usar Abigail para impedi-lo de fazer algo errado.

Na manhã seguinte, Nabal acordou após beber demais. Quando ele soube o que aconteceu, teve um derrame (uma doença súbita que afeta o cérebro). Ele morreu 10 dias depois.

Abigail então se casou com Davi e viveu com ele entre os filisteus ([1 Samuel 27.3](#)). Mais tarde, ela foi capturada pelos amalequitas e resgatada por Davi ([1 Samuel 30.1-19](#)). Abigail foi com Davi para Hebron quando ele se tornou rei de Judá ([2 Samuel 2.2](#)). Ela deu à luz seu segundo filho, Quileabe ([2 Samuel 3.3](#)), também chamado Daniel ([1 Crônicas 3.1](#)).

- 28.** A irmã de Davi, que se casou com Jéter e deu à luz Amasa ([1 Crônicas 2.16-17](#)). Há alguma confusão sobre o pai de Abigail. Em [1 Crônicas 2.13-17](#), ela é listada como filha de Jessé. No entanto, em [2 Samuel 17.25](#), seu pai é identificado como Naás. A diferença pode ser porque um escriba cometeu um erro ao copiar o texto, ou Naás pode ser outro nome para Jessé, ou a viúva de Naás pode ter se casado com Jessé.

Abilene

Uma região no lado leste das Montanhas Anti-Líbano na Síria. O distrito é nomeado após a cidade capital de Abila, localizada a cerca 29 quilômetros de Damasco. Na época de João Batista, Abilene era governada por Lisâncias ([Lc 3.1](#)).

Abimael

Um dos muitos filhos ou descendentes de Joctã, e assim um descendente de Sem ([Gn 10.28](#); [1Cr 1.22](#)).

Abimeleque

Um título real para governantes filisteus. É semelhante ao título "Faraó" usado pelos egípcios e "Agague" usado pelos amalequitas.

29. O rei de Gerar no tempo de Abraão. Gerar era uma cidade perto de Gaza. Abraão, por medo de sua vida, disse às pessoas que sua esposa Sara era sua irmã ([Gn 20.1–18](#)). Ele já havia feito isso antes no Egito ([Gn 12.10–20](#)). Sara foi levada para o harém de Abimeleque, mas Deus avisou Abimeleque em um sonho que Sara era casada e ele morreria se a tocasse. Abimeleque devolveu Sara a Abraão. Mais tarde, Abraão e Abimeleque fizeram um tratado para esclarecer os direitos sobre a água no deserto do Neguebe em Berseba ([Gn 21.22–34](#)).

30. O rei de Gerar no tempo de Isaque. Isaque, assim como seu pai Abraão, disse às pessoas que sua esposa Rebeca era sua irmã. Abimeleque estava ciente do perigo porque sabia o que aconteceu com o rei antes dele. Então Abimeleque protegeu Rebeca declarando que seria morto qualquer um que tocasse nela ou em Isaque ([Gn 26.1–11](#)). Devido a disputas por água e superlotação, Abimeleque pediu a Isaque que deixasse o território dos filisteus ([Gn 26.12–22](#)). Eles eventualmente fizeram um tratado de paz em Berseba, renovando o que foi feito entre Abraão e o Abimeleque anterior ([Gn 26.26–33](#)).

31. Filho de Gideão com uma concubina em Siquém ([Jz 8.31](#)). Após a morte de seu pai, Abimeleque conspirou com a família de sua mãe para matar seus 70 meios-irmãos. Jotão foi o único que escapou ([Jz 9.1–5](#)). No terceiro ano como governante, ele reprimiu severamente uma rebelião ([Jz 9.22–49](#)). Por fim, ele foi morto quando uma mulher deixou cair uma pedra de moinho em sua cabeça. Abimeleque pediu ao seu escudeiro que o matasse com uma espada para que ninguém pudesse dizer que ele havia sido morto por uma mulher ([Jz 9.53–57](#)).

32. Aquis, rei da cidade filisteia de Gate ([1Sm 21.10–15](#)).

33. O filho de Abiatar, um sacerdote que serviu com Zadoque no tempo de Davi ([1Cr 18.16](#)).

Abinadabe

34. Alguém que viveu em Quiriate-Jearim e que abrigou a arca de Deus depois que ela foi trazida de volta dos filisteus ([1Sm 6.21–7.2](#)).

- 35.** Segundo filho de Jessé e irmão de Davi ([1Sm 16.8; 17.13](#); [1Cr 2.13](#)). Ele serviu no exército de Saul durante parte da guerra contra os filisteus.
- 36.** Outra forma de Ben-Abinadabe. Ele foi um dos oficiais administrativos do rei Salomão em [1 Reis 4.11](#). Veja: Ben-Abinadabe.
- 37.** Um dos filhos de Saul ([1Cr 8.33](#); [10.2](#)).

Abinoão

Pai de Baraque. Baraque foi um aliado de Débora, uma juíza israelita, na guerra contra os cananeus ([Jz 4.6.12](#); [5.12](#)).

Abirão

- 38.** Um dos dois filhos de Eliabe. Abirão e seu irmão Datã se juntaram a uma rebelião contra Moisés e Arão. Moisés fez com que o chão se abrisse sob os dois irmãos e suas famílias. Eles morreram em um grande terremoto ([Nm 16.1-33](#)).
- 39.** O filho mais velho de Hiel. Ele morreu cedo quando seu pai reconstruiu Jericó contra a vontade de Deus ([1Rs 16.34](#)). Josué havia profetizado sobre este evento ([Js 6.26](#)).

Abisague

Uma bela jovem de Suném foi enviada para cuidar do Rei Davi durante seus últimos dias ([1Rs 1.1-4](#)). Após a morte de Davi, Adonias pediu ao seu meio-irmão, o Rei Salomão, para se casar com Abisague. Naquela época, tomar a concubina de um rei falecido era reivindicar o direito de ser o próximo rei (uma concubina é uma mulher que vivia com um homem e tinha uma relação semelhante à de uma esposa, mas sem os direitos plenos do casamento). O pedido de Adonias deixou Salomão furioso, e ele ordenou que Adonias fosse morto ([1Rs 2.13-25](#)).

Abisai

Sobrinho do rei Davi. Filho da irmã de Davi, Zeruia (seu pai não é mencionado) e irmão de Joabe e Asael ([1Cr 2.16](#)).

Abisai foi com Davi ao acampamento de Saul uma noite e quis matar Saul enquanto ele dormia, mas Davi o impediu ([1Sm 26.6-12](#)). Ele também ajudou Joabe a matar Abner, o general de Saul, para vingar a morte do irmão deles, Asael ([2Sm 3.30](#)).

Mais tarde, Abisai derrotou os edomitas ([1Cr 18.12-13](#)) e foi o segundo em comando em uma batalha decisiva contra os amonitas ([1Cr 19.10-15](#)). Abisai era frequentemente cruel. Por exemplo, ele queria decapitar Simei por insultar Davi durante a rebelião de Absalão, mas novamente, Davi o impediu ([2Sm 16.5-12](#); [19.21-23](#)). Quando o rei Davi fugiu além do Jordão, Abisai liderou uma das três divisões de Davi que derrotaram Absalão ([2Sm 18.1-15](#)).

Mais tarde, em uma batalha contra os filisteus, Abisai salvou a vida de Davi ao matar o gigante Isbí-Benobe ([2Sm 21.15-17](#)). Ele foi chamado de um dos guerreiros mais valentes de Davi ([2Sm 23.18-19](#); [1Cr 11.20-21](#)).

Abisalão

Outro nome para Absalão, filho do Rei Davi, em [1 Reis 15.2,10](#). Apesar das versões em português, em geral, não mostrar diferença nessas ocorrências, nesses dois textos de 1 Reis a grafia no hebraico está diferente.

Veja: Absalão.

Abismo

Um poço profundo e sem fundo que não pode ser medido, ou o submundo.

Veja: Abismo sem fundo.

Abismo sem fundo

Frase usada na Bíblia para denotar a morada dos mortos e das forças demoníacas. A palavra hebraica (literalmente “o profundo”) é traduzida como “abismo” em muitas versões da Bíblia. No mundo antigo, o conceito referia-se a qualquer coisa tão profunda a ponto de ser insondável — por

exemplo, poços ou fontes. É usada dessa forma no AT para descrever o mar primordial ([Gênesis 1.2](#)) ou as profundezas do oceano ([Salmos 33.7; 77.16](#)). Nas culturas do Oriente Próximo, o termo era usado para significar o inverso da Grande abóbada do céu; assim, passou a ser usado metaforicamente para a sepultura, sinônimo de Sheol ([Salmo 71.20](#)). Nos tempos intertestamentais, passou a ser usado para a morada dos espíritos malignos (Jubileus 5.6; 1 Enoque 10.4,11).

No NT, o termo é usado de ambas as maneiras metafóricas. O demônio implorou para não ser lançado no “abismo” ([Lucas 8.31](#)), que muitos conectam com referências posteriores a uma “prisão” ([2 Pedro 2.4](#); [Judas 1.6](#)). O significado exato de tal prisão é difícil de definir; estudos recentes de passagens como as acima e de [1 Pedro 3.19](#) e [4.6](#) sugerem que o abismo provavelmente não é sinônimo de Hades. Mais provavelmente, refere-se a um lugar onde espíritos malignos estão confinados. [Romanos 10.7](#), por outro lado, usa o termo para o túmulo, contrastando a descida nele com a ascensão ao céu. Paulo ali adaptou livremente [Deuteronômio 30.12-13](#).

O uso principal do termo aparece no livro de Apocalipse. Lá, o “poço sem fundo” é a morada de gafanhotos semelhantes a escorpiões ([Apocalipse 9.1-11](#)); do princípio do submundo, chamado “Abadom” ou “Destruição” ([9.11](#)); e da “Besta”, ou Anticristo ([11.7](#); [17.8](#)). É também o lugar onde Satanás é confinado por 1.000 anos ([20.1.3](#)).

Várias características devem ser observadas em um estudo do conceito de “abismo” em Apocalipse. Primeiro, está sob o controle absoluto de Deus. O anjo “recebeu a chave do abismo” para abri-lo ([9.1](#), NTLH); a Besta irá “subir do abismo, e dali sairá, e será destruído” ([17.8](#), NTLH). Satanás é capturado, amarrado, lançado e trancado nele ([20.2-3](#)). Segundo, desde o início é destinado à destruição eterna. Depois que foi aberto, “A estrela abriu o poço do abismo, e dele saiu fumaça, como se fosse de uma grande fornalha” ([9.2](#), NTLH). Embora o abismo não seja o lugar de tormento (ou seja, “o lago de fogo” em [20.10-15](#)), será substituído por punição eterna após o Fim (cf. [17.8](#)). Finalmente, é a imagem inversa do céu, e dele jorra a maldade. Isso está de acordo com a metáfora e a imagem ao longo de Apocalipse, na qual o dragão ([12.9](#)) e a Besta tentam duplicar o poder e a glória reservados apenas para Deus. Assim como o céu é a fonte de tudo que é valioso, o abismo é a fonte de tudo que é maligno.

Veja Apocalipse, Livro de.

Abisua

40. Bisneta de Arão, filho de Fineias e ancestral de Esdras ([1Cr 6.4-5,50](#); [Ed 7.5](#)). O nome de Abisua também aparece no registro da ascendência de Esdras em 1 Esdras ([1Ed 8.2](#); [2Ed 1.2](#)).
41. Filho de Belá e neto de Benjamim ([1Cr 8.4](#)).

Abisur

O filho de Samai era o pai de Abã e Molide, da tribo de Judá. Sua esposa era Abiail ([1Cr 2.28-29](#)).

Abital

Mãe do quinto filho do Rei Davi, Sefatias ([2Sm 3.4](#); [1Cr 3.3](#)).

Abitube

Filho de Saaraím e Husim da tribo de Benjamim ([1Cr 8.11](#)).

Abiú

O segundo filho de Arão e Eliseba ([Êx 6.23](#); [Nm 26.60](#); [1Cr 6.3](#)).

Abiú e seu irmão Nadabe se juntaram a Moisés, Arão e os 70 anciãos de Israel para adorar a glória de Deus no Monte Sinai ([Êx 24.1-11](#)). Os quatro filhos de Arão foram nomeados sacerdotes junto com seu pai ([Êx 28.1](#)), mas, mais tarde, Abiú e Nadabe foram queimados até a morte por oferecerem “fogo estranho” perante o Senhor ([Lv 10.1](#); veja também [Nm 3.2-4](#); [26.61](#); [1Cr 24.1-2](#)).

Abiúde

42. Alguém na lista dos ancestrais de Jesus no Evangelho de Mateus. Ele é mencionado como pai de Eliaquim ([Mateus 1.13](#)).
43. Um dos nove filhos de Belá ([1 Crônicas 8.3](#)).

Veja A ancestralidade de Jesus Cristo.

Abner

Filho de Ner e primo de Saul, Abner era um comandante no exército de Saul ([1Sm 14.50; 17.55](#)). Ele era muito respeitado por Saul e até comia à mesa do rei junto com Davi e Jônatas ([1Sm 20.25](#)).

Cinco anos após a morte de Saul, Abner fez do filho de Saul, Isbosete, o rei de Israel ([2Sm 2.8-9](#)). A guerra entre Isbosete e Davi, o rei de Judá, durou dois anos. Abner comandava o exército de Isbosete e Joabe comandava o exército de Davi em muitas pequenas batalhas. O exército de Davi geralmente vencia, mas Abner se tornou poderoso entre os seguidores de Saul.

Abner dormiu com a concubina de Saul, Rispa. Isso foi errado porque apenas o rei tinha permissão para fazer isso. Abner pode ter estado planejando se tornar rei. Quando Isbosete o repreendeu, Abner ficou tão irritado que deixou Isbosete e fez um acordo com Davi. Davi mostrou-lhe grande respeito e, em troca, Abner prometeu trazer todo o Israel para apoiar Davi.

Joabe temia a influência de Abner sobre o rei e o matou. Ele alegou que fez isso para vingar a morte de seu irmão, que Abner havia matado em batalha. Abner foi honrado com um funeral público e luto. Esse tipo de honra era reservado apenas a um governante ou grande líder. O rei Davi chorou em voz alta no túmulo, e até mesmo o povo chorou com ele ([2Sm 3.7-34](#)). Davi condenou Joabe por assassinar Abner.

Veja também: Davi; História de Israel.

Abominação

Ato, pessoa ou coisa repugnante ou detestável. A ideia de abominação deriva das demandas específicas que a santidade de Deus faz sobre seu

povo. Os adjetivos frequentemente usados para abominações no AT são "abomináveis", "repugnantes", "impuros" e "rejeitados".

Das quatro principais palavras hebraicas traduzidas, "abominação" sendo a mais frequentemente usada, indica violação de um costume ou ritual estabelecido que, por sua vez, traz o julgamento de Deus. Os exemplos variam de sacrifícios defeituosos ([Deuteronômio 17.1](#)) à magia e adivinhação ([Deuteronômio 18.12](#)) ou práticas idólatras ([2Rs 16.3](#)). Uma segunda palavra hebraica se refere à carne de certos tipos de animais que eram ritualmente impuros, caso fosse tocada ou comida ([Lv 11.10-13](#)). Uma terceira palavra designa carne sacrificial velha de três dias ([Lv 7.18](#)). Uma quarta palavra se refere quase exclusivamente a objetos idólatras de origem pagã ([Jr 4.1; 7.30](#)). Além do uso especializado de "abominação da desolação", a palavra grega para "abominação" é usada com pouca frequência no NT ([Lc 16.15; Rm 2.22; Tt 1.16; Ap 17.4-5; 21.8,27](#)) e é traduzida por muitas palavras em inglês (ou no caso, português). A conotação primária é qualquer coisa que seja abominável para um Deus santo.

Veja também Pureza e Imundícia, Regulamentos a respeito; Leis da Dieta (Depois de Moisés).

Aborto espontâneo

O aborto natural e repentino de uma gravidez antes que a criança possa sobreviver fora do útero. O aborto espontâneo ocorre tanto em gestações animais quanto humanas ([Gn 31.38; Jó 3.16; 21.10; Os 9.14](#)). O principal problema não é a incapacidade de engravidar, mas a dificuldade em levar a gravidez até o tempo completo. A maldição de um "ventre que aborta" significa que uma mulher não pode ter filhos ([Os 9.14](#)). A bênção de Deus resulta em gestações bem-sucedidas e vida longa ([Êx 23.26](#)).

A questão chave no aborto espontâneo é o tempo, mostrado por um parto prematuro ou o que a Bíblia chama de "nascimento inoportuno" ([Sl 58.8; Jó 3.16](#)). Embora abortos espontâneos ocorram por várias razões, a Bíblia menciona duas causas específicas:

- cuidados inadequados com animais grávidos ([Gn 31.38](#)), e;
- lesão física a uma mulher grávida ([Ex 21.22](#)).

[Números 5](#) descreve um teste para uma esposa suspeita de infidelidade. Se ela for culpada de adultério, "seu ventre inchará, sua coxa murchará" ([Nm 5.27](#)). Essas frases podem ser formas de descrever um aborto espontâneo ou a incapacidade de ter filhos.

O apóstolo Paulo enfatiza sua indignidade de ser um apóstolo comparando seu nascimento espiritual a um nascimento físico prematuro ([1Co 15.8](#)).

Veja também Esterilidade.

Abraão

Uma das personalidades mais significativas da Bíblia, a quem Deus chamou da cidade de Ur para se tornar patriarca do povo de Deus.

O nome de Abraão era originalmente Abrão, que significa "[o] pai é exaltado". Quando ele recebeu esse nome de seus pais, eles provavelmente eram participantes do culto lunar de Ur, então a divindade paterna sugerida em seu antigo nome poderia ter sido o deus da lua ou outra divindade pagã. Deus mudou o nome de Abrão para Abraão ([Gn 17.5](#)), em parte, sem dúvida, para indicar uma separação clara das raízes pagãs. O novo nome, interpretado pelo texto bíblico como significando "pai de muitas nações", também era uma declaração da promessa de Deus a Abraão de que ele teria muitos descendentes, bem como um teste significativo de sua fé em Deus — já que ele tinha 99 anos na época e sua esposa sem filhos tinha 90 ([Gn 11.30; 17.1-4,17](#)).

A Vida de Abraão

A história de Abraão começa em [Gênesis 11](#), onde seus relacionamentos familiares são registrados ([Gn 11.26-32](#)). Terá, o pai de Abraão, foi nomeado em homenagem à divindade lunar adorada em Ur. Terá teve três filhos, Abraão, Naor e Harã. Harã, o pai de Ló, morreu antes da família deixar Ur. Terá levou Ló, Abraão e a esposa de Abraão, Sarai, de Ur para ir a Canaã, mas se estabeleceram na cidade de Harã (v [31](#)). Afirma-se em [Atos 7.2-4](#) que Abraão ouviu o chamado de Deus para partir para uma nova terra enquanto ainda estava em Ur.

Uma nota de grande importância para o curso da vida de Abrão é encontrada em [Gênesis 11.30](#): "Sarai não tinha filhos, pois era estéril" (NTLH). O problema da esterilidade de Sarai proporcionou a base para grandes crises de fé, promessa e cumprimento nas vidas de Abrão e Sarai.

Após a morte de Terá, Deus disse a Abrão: "Deixe seu país, seus parentes e a casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei". Este comando foi a base de uma "aliança", na qual Deus prometeu fazer de Abrão o fundador de uma nova nação naquela nova terra ([Gn 12.1-3](#)). Abrão, confiando na promessa de Deus, deixou Harã aos 74 anos. Entrando em Canaã, ele foi primeiro a Siquém, uma importante cidade real cananeia entre o Monte Gerizim e o Monte Ebal. Perto do carvalho de Moré, um santuário cananeu, Deus apareceu a ele ([12.7](#)). Abrão construiu um altar em Siquém, depois mudou-se para a vizinhança de Betel e novamente construiu um altar ao Senhor ([12.8](#)). A expressão "invocar o nome do Senhor" (ARA) significa mais do que apenas orar. Em vez disso, Abrão fez uma proclamação, declarando a realidade de Deus aos cananeus em seus centros de falsa adoração. Mais tarde, Abrão mudou-se para Hebron, junto aos carvalhos de Manre, onde novamente construiu um altar para adorar a Deus. Outra bênção dada em uma visão ([15.1](#)) levou Abrão a exclamar que ainda estava sem filhos e que Eliezer de Damasco era seu herdeiro ([15.2](#)). A descoberta dos documentos de Nuzi ajudou a esclarecer essa declaração que, de outra forma, seria obscura. De acordo com o costume hurriano, um casal sem filhos de posição e substância adotaria um herdeiro. Frequentemente um escravo, o herdeiro seria responsável pelo enterro e luto de seus pais adotivos. Se um filho nascer após a adoção de um escravo-herdeiro, o filho natural naturalmente o substituiria. Assim, a resposta de Deus à pergunta de Abraão é direta: "Não, seu servo não será seu herdeiro, pois você terá um filho próprio para herdar tudo o que estou lhe dando" ([Gn 15.4](#)). Deus então fez uma aliança com Abraão garantindo um herdeiro, uma nação e a terra.

Abraão tinha 86 anos quando Ismael nasceu. Quando Abraão tinha 99 anos, o Senhor apareceu ao patriarca idoso e novamente reafirmou sua promessa de aliança de um filho e bênção ([Gn 17](#)). A circuncisão foi adicionada como o selo da relação de aliança ([17.9-14](#)), e nesse ponto os nomes Abraão e Sarai foram mudados para Abraão e Sara ([17.5,15](#)). A resposta de Abraão à promessa de outro filho foi rir: "Abraão se ajoelhou, encostou o rosto no chão e começou a rir ao pensar assim: 'Por

acaso um homem de cem anos pode ser pai? E será que Sara, com os seus noventa anos, poderá ter um filho?" ([Gn 17.17](#), NTLH).

[Gênesis 18](#) e [19](#) relatam a destruição total de duas cidades da planície do Jordão, Sodoma e Gomorra. O capítulo [18](#) começa com três indivíduos buscando conforto no calor do dia. Abraão ofereceu refresco e uma refeição aos seus convidados. Eles acabaram por não ser viajantes comuns, no entanto, mas o Anjo do Senhor junto com dois outros anjos ([18.1-2](#); [19.1](#)). Há razão para acreditar que o Anjo do Senhor era o próprio Deus ([18.17-33](#)). Outro anúncio de um filho prometido fez Sara rir em descrença e depois negar ter rido ([18.12-15](#)).

[Gênesis 21](#) a [23](#) formam o clímax da história de Abraão. Finalmente, quando Abraão tinha 100 anos e sua esposa 90, "o Senhor fez exatamente o que havia prometido" ([Gn 21.1](#)). A alegria do casal idoso com o nascimento de seu filho há muito prometido não podia ser contida. Tanto Abraão quanto Sara riram em descrença nos dias da promessa; agora eles riem de alegria, pois Deus "a riu por último". O bebê, nascido no tempo prometido por Deus, foi chamado de Isaque ("ele riu"). Sarah disse: "Deus me deu motivo para rir. E todos os que ouvirem essa história vão rir comigo." ([Gn 21.6](#), NTLH).

O riso pelo nascimento de Isaque cessou completamente na prova de fé de Abraão descrita no capítulo [22](#), o comando de Deus para sacrificar Isaque. Só quando alguém experimentou vicariamente com Abraão os longos 25 anos da promessa de Deus de um filho pode imaginar o trauma de um teste tão supremo. Assim que a faca estava prestes a cair, e só então, o anjo de Deus quebrou o silêncio do céu com o chamado: "Abraão!" ([22.11](#)). O nome da promessa, "pai de muitas nações", assumiu seu significado mais significativo quando o filho de Abraão foi poupadão e o teste foi explicado: "Agora sei que você teme a Deus, pois não me negou o seu filho, o seu único filho." ([Gn 22.12](#), NTLH).

Essas palavras foram acompanhadas por uma promessa implícita na descoberta de um carneiro preso na moita. O Senhor providenciou um sacrifício alternativo, um substituto. O lugar foi nomeado "o Senhor proverá." Os cristãos geralmente veem todo o episódio como uma antecipação da provisão de Deus de seu único Filho, Jesus Cristo, como um sacrifício pelos pecados do mundo.

Veja também Aliança; Patriarcas, Período dos; Israel, História de; Sara #1.

Abrão

O nome original do patriarca Abraão ([Gn 11.26](#)).

Veja Abraão.

Abrona

Um lugar perto de Elate onde os israelitas acamparam em sua jornada do Egito para Canaã ([Nm 33.34-35](#)).

Veja Peregrinações no Deserto.

Abrona

Um riacho ou leito de rio seco mencionado no Livro de Judite. Estava localizado no caminho que o general de Nabucodonosor, Holofernes, tomou durante seu ataque ([Jt 2.24](#)).

Alguns estudiosos antigos pensaram que era o bíblico Jaboque ([Nm 21.24](#)). Outros o chamaram de Cherbona, talvez por causa de uma leitura equivocada de Habor ([2Rs 17.6](#)).

Absalão

O filho do rei Davi e sua esposa Maacá ([2Sm 3.3](#)). Em hebraico, seu nome possui uma pequena diferença na pronúncia em [1 Reis 15.2,10](#). Absalão era um jovem príncipe bonito, famoso por seu cabelo longo e cheio ([2Sm 14.25-26](#)). Ele tinha uma irmã bonita, Tamar, que foi estuprada por seu meio-irmão Amnom. Após desonrar Tamar, Amnom se recusou a se casar com ela ([2Sm 13.1-20](#)).

Absalão levou sua irmã magoada para sua própria casa. Ele esperava que seu pai, Davi, punisse Amnom por seu ato incestuoso. Apesar de dois anos de raiva e ódio intensos, Absalão planejou sua vingança. Ele organizou um banquete para o rei Davi e seus príncipes em sua casa de campo. Davi não compareceu, mas Amnom sim, e foi assassinado pelos servos de Absalão depois que ele o embebedou. Absalão temia a ira do rei Davi, então ele fugiu através do Rio Jordão para o rei Talmai de Gesur, o pai de sua mãe ([2Sm 13.21-39](#)).

Após três anos no exílio, Absalão foi chamado de volta a Jerusalém devido aos esforços do general de Davi, Joabe, e de uma mulher sábia de Tecoa. Depois de dois anos, ele foi totalmente perdoado pelo rei ([2Sm 14](#)). Ele começou a tentar tomar o trono de seu pai, ganhando apoio público enquanto minava a confiança no rei, seu pai ([2Sm 15.1-6](#)).

Eventualmente, Absalão planejou uma rebelião contra Davi, indo para Hebron para ganhar apoiadores de todo Israel. Depois que Aitofel, um dos conselheiros mais sábios de Davi, apoiou Absalão, o príncipe anunciou que agora era rei. Quando Davi ouviu o que Absalão havia feito, ele precisou fugir de Jerusalém ([2Sm 15](#); [Sl 3](#)).

Absalão chegou a Jerusalém sem lutar. Aitofel aconselhou-o a atacar Davi imediatamente com 12.000 tropas. Mas Husai, que era o espião de Davi na corte de Absalão, recomendou que Absalão tomasse algum tempo para reunir toda a nação contra Davi. Husai usou lisonjas ao sugerir que Absalão deveria liderar o ataque. Absalão preferiu o conselho de Husai, e Aitofel, em desespero, cometeu suicídio. Husai enviou os planos de Absalão para Davi por meio de dois sacerdotes, Zadoc e Abiatar. Com essa informação, Davi cruzou o Jordão e acampou em Maanaim ([2Sm 16-17](#)).

Absalão trouxe seu exército através do Jordão para lutar contra Davi na floresta de Efraim. Joabe, Abisai e Itai, o geteu, lideraram o exército de Davi. Eles derrotaram as forças de Absalão. Absalão fugiu em uma mula, mas seu longo cabelo ficou preso nos galhos de um carvalho. Ele ficou pendurado pelos cabelos, sem poder fazer nada. Joabe estava perseguindo Absalão e, quando o encontrou, matou-o. Os homens de Joabe jogaram o corpo em uma cova e empilharam pedras sobre ele ([2Sm 18.1-18](#)).

Davi havia ordenado a todos que não ferissem Absalão. Então, quando Absalão morreu, Davi ficou chocado e muito abalado. Davi chorou: "Ó meu filho! Meu filho Absalão! Absalão, meu filho! Eu preferiria ter morrido no seu lugar, meu filho!" ([2Sm 18.33](#)). Em sua dor, Davi não percebeu que a rebelião havia terminado até que Joabe o lembrou de que os seguidores de Davi haviam arriscado suas vidas por ele ([2Sm 19.1-8](#)).

Veja Davi.

Absinto

Absinto é um nome geral para um grupo de plantas lenhosas com um forte cheiro aromático. Essas plantas têm um sabor forte e amargo. Os brotos jovens e as pontas dos ramos das plantas de Absinto são usados para fazer o produto "absinto" vendido nos mercados. Devido ao seu sabor amargo, o absinto é frequentemente mencionado junto com o fel como um símbolo de calamidade amarga e tristeza ([Pv 5.4](#); [Jr 9.15](#); [23.15](#); [Lm 3.15.19](#); [Ap 8.11](#)).

Artemisia herba-alba é o tipo mais comum de absinto encontrado na Terra Santa atualmente. Possui um cheiro aromático forte, semelhante ao cânfora, e um sabor amargo. Outro tipo, *Artemisia judaica*, cresce apenas na região do Sinai.

As pessoas fazem uma bebida chamada absinto a partir de plantas de absinto. No início, o absinto causa aumento de atividade e sensações agradáveis, enchendo a mente com grandes ideias ([Lm 3.15](#)). No entanto, o uso regular de absinto leva ao estupor e a uma diminuição gradual na capacidade de pensar. Eventualmente, causa delírio e, às vezes, morte. O absinto também é mencionado em [Amós 6.12](#).

Abubos

Pai de Ptolemeu. Ptolemeu foi um governador militar em Jericó. Ele matou seu sogro, Simão Macabeu, e dois dos filhos de Simão em 134 a.C. ([1Mc 16.11-17](#)).

Veja: Período macabeu.

Abutre

Uma grande ave de rapina que se alimenta de animais mortos (carníça). Os abutres na Terra Santa pertencem à família dos falcões (Accipitridae), subfamília Aegypiinae. Existem quatro espécies:

- abutre-barbudo (também conhecido como quebra-ossos),
- urubu-de-cabeça-preta,
- abutre-do-egito,
- abutre-grifo.

O menor é o abutre-do-egito, com cerca de 61 centímetros de comprimento. O maior é o abutre-barbudo, a maior ave voadora na Terra Santa.

A maioria dos abutres é marrom ou preta. Eles têm pescoços curtos e bicos curtos e curvados para rasgar carne. Todos os abutres, exceto o abutre-barbudo, têm cabeças e pescoços nus ou cobertos de penugem. Isso os ajuda a se alimentar profundamente dentro de uma carcaça sem sujar suas penas. Os abutres têm excelente visão, mas um sentido de olfato fraco. Eles podem avistar comida enquanto voam alto no céu. Eles fazem ninho em muitos tipos de lugares, e ambos os pais cuidam dos filhotes.

Abutre-barbudo

O abutre-barbudo ou quebra-ossos (*Gypaetus barbatus*) é o maior abutre na Terra Santa. É menos comum que outros abutres. Suas penas são marrom-acinzentadas com listras brancas. Ele possui um tufo preto de pelos rígidos no rosto, o que lhe dá o nome de "abutre-barbudo". Outro nome para ele é "abutre-cordeiro".

O abutre-barbudo mata suas presas de uma maneira única. Seu bico não é muito forte. Em vez disso, ele leva a presa para o alto e a solta sobre as rochas.

O abutre-barbudo aprecia especialmente comer tartarugas e tutano. Depois que chacais e abutres menores consomem a maior parte de uma carcaça, o abutre-barbudo esmaga os ossos para obter o tutano ou engole os pedaços de osso inteiros. Por essa razão, também é chamado de ossifraga, uma palavra latina que significa "quebrador de ossos".

O abutre-barbudo era uma ave impura sob a Lei de Moisés ([Lv 11.13](#)).

Urubu-de-cabeça-preta

O urubu-de-cabeça-preta (*Aegypius monachus*) é uma grande ave de rapina ativa durante o dia. Ele pode atingir quase um metro de comprimento e tem uma envergadura de mais de 2,7 metros.

O urubu-de-cabeça-preta possui penas pretas. Sua cabeça e a parte superior do pescoço são carecas, como em outros pássaros que se alimentam de animais mortos. Ele faz ninho no vale do rio Jordão. Era comum nos tempos bíblicos, mas agora é raro.

O urubu listado em [Levítico 11.13](#) e [Deuterônômio 14.12](#) às vezes é traduzido como "água-pescadora". Na ciência ornitológica moderna, o urubu e a águia-pescadora (*Pandion haliaetus*) são aves diferentes. A águia-pescadora é uma ave que se alimenta de peixes e possui penas marrons e brancas.

Abutre-do-egito

O abutre-do-egito (*Neophron percnopterus*) também é conhecido como águia-gier, galinha do Faraó ou abutre-de-carnes. Suas penas são predominantemente brancas. Sua cabeça é desprovida de penas e seu pescoço é amarelo. É a menor ave necrófaga na Terra Santa, medindo cerca de 61 centímetros de comprimento.

O abutre-do-egito frequentemente quebra ossos deixados por outros abutres. Ele voa de forma lenta e suave. Seu chamado é um som rouco.

A Bíblia pode referir-se a ele nas listas de aves impuras ([Lv 11.18](#); [Deuterônômio 14.17](#)). Algumas versões podem traduzir a ave nesses versículos como "água-pescadora". Neste contexto, "água-pescadora" provavelmente se refere ao abutre egípcio, não à moderna águia-pescadora que se alimenta de peixes.

Grifo-eurasiático

O grifo-eurasiático (*Gyps fulvus*) é uma das maiores aves voadoras da Terra Santa.

Uma geração atrás, essa ave era muito comum na região. Hoje, está próxima da extinção. Muitas morreram após ingerirem veneno colocado para raposas e chacais. Além disso, elas se reproduzem lentamente. Uma fêmea põe apenas um ou dois ovos por ano.

O grifo-eurasiático tem cerca de 122 centímetros de comprimento. Suas asas podem se estender até 3 metros. Ele possui um bico muito forte. Seus dedos curtos têm garras rombas. Suas penas são de um marrom claro. A cabeça e o pescoço são de um amarelo pálido e quase nus, com uma cobertura suave de penugem fina.

Este abutre se alimenta principalmente de animais mortos (carníaca), mas também pode comer gafanhotos e pequenas tartarugas. Pode ficar sem

comida por vários dias. Quando se alimenta, pode ingerir uma grande quantidade de uma só vez. Na Terra Santa, é encontrado com mais frequência perto do Mar da Galileia.

A maioria dos abutres mencionados na Bíblia são provavelmente grifos-eurasiáticos.

Abutres na Bíblia

A palavra hebraica frequentemente traduzida como “águia” no Antigo Testamento pode se referir tanto a águias quanto a abutres. Alguns versículos da Bíblia sobre águias podem também descrever abutres. Estes incluem versículos sobre:

- nidificação ([Jó 39.27-28; Jr 49.16; Ob 1.4](#)),
- cuidado com os jovens ([Dt 32.11](#)),
- capacidade de voar ([Êx 19.4; Dt 28.49; Jó 9.26; Lm 4.19](#)), e
- voar alto ([Pv 23.5; 30.19; Is 40.31](#)).

Como os abutres comem carniça, eles estão listados entre as aves impuras na Lei de Moisés ([Lv 11.13.18; Dt 14.12.17](#)).

Algumas traduções modernas substituem “águia” por “abutre” em passagens que mostram abutres como um sinal de desgraça ([Lm 4.19; Os 8.1](#)) ou como aves que comem os mortos ([Pv 30.17](#)). A frase “careca como uma águia” ([Mq 1.16](#)) é melhor traduzida como “careca como o abutre”, já que não há águias carecas em Israel, mas muitos abutres são carecas. No antigo Oriente Próximo, abutres e águias eram ambos símbolos de poder e domínio. Isso significa que as comparações de Ezequiel de reis com águias ([Ez 17.3.7](#)) também poderiam representar abutres. Em [Mateus 24.28](#), Jesus provavelmente falou de abutres se reunindo em um cadáver, já que as águias geralmente comem sozinhas, mas os abutres se reúnem em grupos.

Veja também Aves; Águia.

Acâ

Um nome alternativo para Jaacã, um filho de Ezer ([Gn 36.27](#)).

Veja Jaacã.

Acã

Ortografia da NVI para Jaacã, descendente de Esaú, em [1 Crônicas 1.42](#).

Veja Jaacã.

Acã, Acar

Um membro da tribo de Judá que guardou parte do saque da vitória israelita em Jericó, desobedecendo às ordens de Josué e aos mandamentos de Deus ([Is 6.1-7.1](#)).

Mais tarde, Israel foi derrotado em Ai, uma cidade mais fraca que Jericó. Essa derrota mostrou a Josué que Deus estava zangado. Com a ajuda de Deus, Josué descobriu qual israelita havia desobedecido. Acã confessou que havia enterrado uma túnica e algum ouro e prata de Jericó em sua tenda ([Is 7.20-22](#)). O saque roubado foi encontrado e levado para o Vale de Acor (que significa “problema”), onde Acã e sua família foram mortos.

No texto hebraico, [1 Crônicas 2.7](#) dá o nome de Acã como Acar (que significa “desastre”) porque ele “trouxe problemas para Israel ao violar a proibição sobre coisas consagradas”.

Acabe

44. O oitavo rei do reino do norte de Israel. Ele reinou por volta de 874-853 a.C. Seu pai, Onri, estabeleceu uma família real (dinastia) que durou 40 anos, através dos reinados de Acabe e seus dois filhos, Acazias e Jeorão. Essa dinastia teve um impacto que foi além do que está escrito na Bíblia. Eles foram mencionados na conhecida Pedra Moabitita e em vários escritos (inscrições) da Assíria.

De acordo com 1 Reis, Onri era um general sob o comando do Rei Elá, filho de Baasa. Após o assassinato de Elá, as tropas de Onri o declararam rei ([1Rs 16.8-16](#)). Ele venceu a guerra civil resultante e tomou Tirza, a cidade capital ([1Rs 16.17-23](#)). Mais tarde, ele mudou sua capital para Samaria e construiu defesas ao redor dela ([1Rs 16.24](#)). Onri também fez uma aliança com os fenícios. Davi e Salomão fizeram o mesmo, mas foram criticados por isso posteriormente. Quando

Acabe se tornou rei após seu pai ([1Rs 16.28](#)), ele continuou essa aliança casando-se com a filha do rei fenício, Jezabel ([1Rs 16.29-31](#)).

Jezabel apoiava fortemente falsos deuses e não se comportava de maneira correta ou boa. O casamento de Acabe com ela teve um grande impacto em Israel ([1Rs 21.21-26](#)). Isso até afetou o reino do sul de Judá. A filha deles, Atalia, casou-se com Jeorão de Judá, e essa união levou a consequências terríveis ([2Rs 8.17-18,26-27](#); [11.1-20](#)). Sob a influência de Jezabel, Acabe abandonou a adoração a Deus em favor da adoração a Baal. Esta nova religião era um culto de fertilidade que incluía ritos sexuais entre sacerdotes e "virgens" do templo, o que ia diretamente contra as leis de Deus. Ao casar-se com Jezabel, Acabe também quebrou o mandamento bíblico contra pagãos ([Dt 7.1-5](#)).

A Bíblia nos informa que Acabe construiu muitas cidades e travou várias guerras ([1Rs 22.39](#)). No entanto, a maior parte da história se concentra no profeta Elias ([1Rs 17.1](#); [18.1](#); [19.1](#)). No início do reinado de Acabe, Deus enviou Elias para anunciar uma seca e fome como punição pelos pecados do rei ([1Rs 17.1](#); [18.16-18](#)). Essa seca durou três anos e meio e foi tão significativa que foi lembrada no Novo Testamento ([Lc 4.25](#); [Tg 5.17](#)). Causou sofrimento severo tanto para as pessoas quanto para os animais ([1Rs 18.5](#)).

No final da seca, Elias desafiou Acabe a reunir todos os profetas pagãos para um confronto entre Deus e Baal. Elias zombou dos 450 profetas de Baal por sua falha em chamar a atenção de seu deus. Então ele orou a Deus, e fogo desceu do céu para consumir o altar de Deus. O povo então declarou sua fé em Deus e ajudou Elias a matar os falsos profetas ([1Rs 18.16-40](#)). A seca terminou imediatamente ([1Rs 18.41-46](#)).

Quando Jezabel soube o que tinha acontecido com seus profetas, ela jurou se vingar. Elias fugiu, e no Monte Horebe, Deus o instruiu a ungir Jeú como o novo rei de Israel para substituir Acabe ([1Rs 19.1-16](#)). Isso foi feito mais tarde pelo sucessor de Elias, Eliseu ([1Rs 19.19-21](#); [2Rs 9.1-10](#)).

Elias também confrontou Acabe sobre a aquisição de uma vinha de um homem chamado Nabote ([1Rs 21.1-16](#)). Quando Nabote se recusou a vender sua terra, Jezabel organizou para que falsas testemunhas o acusassem de amaldiçoar Deus e o rei. Nabote foi então apedrejado até a morte por blasfêmia. Elias condenou Acabe, profetizando que Deus traria um fim sangrento à sua família ([1Rs 21.17-24](#)). Embora Acabe tenha se arrependido,

isso fez com que Deus adiasse o julgamento até depois da morte de Acabe ([1Rs 21.27-29](#); [2Rs 10.1-14](#)).

Durante seu reinado, Acabe enfrentou vários conflitos militares com o Rei Ben-Hadade II da Síria (Aram), principalmente porque os sírios provocaram esses encontros. No primeiro confronto, Ben-Hadade sitiou Samaria, a capital de Israel, e exigiu um pesado tributo. Acabe se recusou a atender a essas exigências e consultou os anciões de Israel. Enquanto os sírios se preparavam para atacar, um profeta aconselhou Acabe a atacar primeiro ([1Rs 20.1-14](#)). Os sírios foram derrotados, e Ben-Hadade mal escapou com vida ([1Rs 20.15-22](#)).

No ano seguinte, Ben-Hadade lançou outro ataque contra as forças de Acabe, foi novamente derrotado e acabou se rendendo a Acabe ([1Rs 20.23-33](#)). Como parte dos termos, Ben-Hadade cedeu algumas cidades que seu pai havia tomado anteriormente de Israel e permitiu que Israel tivesse postos comerciais em Damasco ([1Rs 20.34](#)). No entanto, Deus mais tarde repreendeu Acabe através de um profeta por formar tal aliança com um poder pagão ([1Rs 20.35-43](#)).

Na guerra final de Acabe com a Síria, ele contou com o apoio de uma aliança com o rei de Judá, Josafá ([1Rs 22.2-4](#); [2Cr 18.1-3](#)). Esta aliança foi fortalecida pelo casamento da filha de Acabe, Atalia, com Jeorão, filho de Josafá. Acabe propôs uma campanha para recapturar Ramote-Gileade, localizada no nordeste de Israel. Quando Josafá duvidou das previsões otimistas dos 400 profetas de Acabe, o profeta Micaías foi chamado e previu a morte de Acabe ([1Rs 22.5-28](#); [2Cr 18.4-27](#)).

Para a batalha contra a Síria, Josafá vestiu suas vestes reais, enquanto Acabe se disfarçou como um soldado comum. Apesar disso, um arqueiro sírio conseguiu atingir Acabe entre as juntas de sua armadura. Acabe morreu naquela noite, e suas tropas abandonaram a batalha. Seu carro e armadura foram lavados ao lado do tanque de Samaria, onde, como Elias havia profetizado, cães lamberam o sangue de Acabe. Acabe foi sucedido por seu filho Acazias ([1Rs 22.29-40](#); [2Cr 18.28-34](#)).

Veja também Elias #1; Jezabel; História de Israel; Rei; Livros de Primeiro e Segundo Reis; Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento).

45. O filho de Colaías foi um infame falso profeta durante os últimos dias de Judá. Ele estava entre os judeus deportados para Babilônia durante o exílio de Jeoacim em 598–597 a.C. Junto com seu colega Zedequias, Acabe foi condenado pelo profeta Jeremias por profetizar falsamente em nome de Deus e por sua imoralidade sexual. ([Jr 29.21-23](#)).

Acácia

Qualquer árvore ou arbusto da família das mimosas que cresce em regiões quentes. A planta chamada "cetim" (plural) na ARC é certamente, a árvore de acácia. Esta era a única árvore de madeira de tamanho significativo que crescia no deserto árabe. A madeira de acácia foi usada na construção da Arca da Aliança ([Êx 25.10](#)).

Acacia tortilis é a maior e mais comum árvore no deserto onde os israelitas vagaram por 40 anos. É especialmente notável no Monte Sinai e, provavelmente, foi o tipo de madeira usada para fazer os móveis do tabernáculo.

Acacia seyal é menos comum, atualmente. Ela pode crescer até 7,6 metros de altura. Possui flores amarelas em galhos retorcidos. A madeira é de grão fino, pesada e dura. Tem uma cor laranja-acastanhada e era altamente valorizada para a fabricação de armários. Os antigos egípcios usavam madeira de acácia para selar seus sarcófagos de múmias.

Veja também Plantas.

Acade

Uma das três cidades (Babel, Ereque e Acade) que estão entre os rios Tigre e Eufrates.

Dizia-se que foi fundada por Ninrode ([Gn 10.10](#)). "Acadiano" ou "acádio" (de Acade) é o nome da língua falada na Mesopotâmia desde os dias de Sargão (por volta de 2360 a.C.) até os tempos assírios e babilônicos.

Acádios

Os acádios foram um povo antigo que construiu um dos primeiros grandes reinos no Oriente Médio. Eles conquistaram a terra de outro grupo chamado sumérios e impactaram significativamente o desenvolvimento das primeiras sociedades.

Veja Sumérios.

Acaia

Um nome usado nos tempos do Novo Testamento para se referir à área na península grega ao sul de Tessalônica.

Veja: Grécia, Grego.

Acaico

Um dos primeiros convertidos ao cristianismo em Corinto. Acaico, Estéfanos e Fortunato estavam visitando Paulo em Éfeso quando ele escreveu 1 Coríntios ([1Co 16.17](#)). Acaico e seus amigos provavelmente trouxeram a Paulo uma carta da igreja de Corinto e retornaram com a resposta de Paulo ([1Co 7.1](#)).

Acanto

Acanto (Acanthus syriacus)

O acanto é uma erva perene ou pequeno arbusto que se assemelha a um cardo. Cresce cerca de 0,9 metro (3 pés) de altura. Esta planta é possivelmente mencionada em [Jó 30.7](#) e [Sofonias 2.9](#). O acanto é uma erva daninha comum encontrada em países do leste. Por milhares de anos, artistas usaram a forma distintiva das folhas de acanto como modelo para pergaminhos decorativos e desenhos de folhas na arte.

Acaz

- 46.** Um rei de Judá (735–715 a.C.) conhecido por se afastar de Deus. "Acaz" ([Mt 1.9](#)) é uma forma abreviada de Acazias ou Jeoás. As três principais histórias sobre Acaz o descrevem como um dos reis mais perversos do reino do sul de Judá ([2Rs 16](#); [2Cr 28](#); [Is 7](#)). Ele foi sepultado sem honra ([2Cr 28.27](#)). Seu filho Ezequias foi rei após ele ([2Rs 18.1](#)).

Há pouco consenso sobre quando esses eventos ocorreram. As datas que parecem mais adequadas sugerem que Acaz se tornou rei em 735 a.C.. Ele pode ter governado junto com seu pai, Jotão, de 735 a 732 a.C.. Se for assim, seu tempo total como rei foi de cerca de 20 anos, terminando em 715 a.C..

Acaz reinou sobre Judá durante um período perigoso. A Assíria estava atacando países próximos. Peca, rei de Israel, e Rezim, rei da Síria, eram hostis à Assíria e invadiram Judá para substituir Acaz por um rei que se juntasse à sua aliança.

Em vez de confiar em Deus, Acaz pediu ajuda a Tiglate-Pileser III, rei da Assíria. Isso irritou o profeta Isaías. A guerra seguinte levou à previsão de Isaías sobre o nascimento de Emanuel como um sinal de que Israel e Síria seriam destruídos ([Is 7](#)). Tiglate-Pileser realmente destruiu os dois países nos dois anos seguintes, de 734 a 732 a.C..

Antes de Israel e Síria serem destruídos, sua invasão de Judá causou muitos problemas ([2Cr 28.8](#)). Eles levaram muitas pessoas e coisas de Judá. Um profeta chamado Obede os impediu de manter 200.000 cativos como escravos e fez com que devolvessem as pessoas a Jericó ([2Cr 28.9](#)). Ele foi acompanhado por vários líderes de Israel ([2Cr 28.12](#)), que devolveram aos prisioneiros em Jericó parte do despojo que foi roubado.

Durante esse período, Judá pode ter sido atacado pelo sul também. Os edomitas, que Judá costumava controlar, podem ter tentado se tornar independentes porque Judá estava enfraquecendo. A Bíblia Hebraica menciona a Síria (chamada de Aram em hebraico) atacando a cidade de Elate pelo Mar Vermelho ([2Rs 16.6](#)). No entanto, o nome Aram é semelhante ao nome Edom em hebraico, então muitos estudiosos acreditam que a invasão foi, na verdade, pelos edomitas.

Ao aliar-se com a Assíria, Acaz colocou Judá em perigo. Judá tornou-se como um país submisso a Tiglate-Pileser. Acaz foi a Damasco, que era a capital da Síria, para se encontrar com Tiglate-Pileser. Ele provavelmente foi para demonstrar que obedeceria ao rei a quem seu país agora tinha que pagar ([2Rs 16.10](#)).

Em Damasco, Acaz viu um altar assírio e ordenou que construíssem um igual em Jerusalém para substituir o altar original. Ele fez outras mudanças no templo, demonstrando que estava se afastando da religião judaica.

A "escada de Acaz" foi importante em uma profecia dada a seu filho Ezequias ([2Rs 20.11](#); [Is 38.8](#)). O conjunto de escadas provavelmente era usado para marcar o tempo pelo movimento de uma sombra sobre elas.

Veja: Rei; Reis, Livros de Primeiro e Segundo; História de Israel; Relógio de sol; Linha do tempo da Bíblia (Antigo Testamento).

- 47.** Filho de Miquéias e pai de Jeoada, um descendente de Saul. Não se sabe muito sobre ele ([1Cr 8.35-36](#)).

Acazias

O filho de Acabe foi o nono rei do reino do norte de Israel por dois anos, de 853 a 852 a.C. Ele se tornou rei quando Acabe foi morto tentando retomar Ramote-Gileade do controle sírio.

Acazias foi rei ao mesmo tempo que o Rei Josafá de Judá e o filho de Josafá, Jeorão. Ele governou durante um período de paz com Judá, ao contrário dos reinados dos reis anteriores, Asa e Baasa ([2Cr 20.37](#); compare com [1Rs 22.48-49](#)). Logo após se tornar rei, ele teve que lutar contra Messa de Moabe, que havia parado de pagar impostos a Israel.

Acazias seguiu a falsa religião de Jeroboão I e adorou abertamente Baal, assim como seus pais, Acabe e Jezabel ([1Rs 22.51-53](#)). 2 Reis 1 fala sobre a doença que levou à morte de Acazias. Ele caiu do segundo andar de seu palácio e ficou gravemente ferido. Em vez de pedir ajuda a Deus, ele consultou "Baal-Zebube, o deus de Ecrom." O profeta Elias disse que Deus puniria Acazias por isso, e o rei tentou prendê-lo. Dois grupos de soldados foram destruídos pelo fogo de Deus, mostrando a vitória de Deus sobre Baal, que era adorado como o deus do fogo e dos relâmpagos. Acazias morreu

exatamente como Elias previu ([2Rs 1.2–18](#)). Seu irmão mais novo, Jeorão, tornou-se rei depois dele. Isso ocorreu quando o cunhado de Acazias, também chamado Jeorão, era rei de Judá.

2. O filho de Jeorão de Judá, neto de Josafá e sobrinho do Acazias anterior. Ele foi o sexto rei de Judá, mas reinou apenas por um ano (841 a.C.) aos 22 anos ([2Rs 8.25–26](#)). O reino do norte de Israel estava se afastando de Deus, e Judá também, porque Acazias era neto de Acabe e Jezabel (sua mãe, Atalia, era filha deles).

Acazias juntou-se ao seu tio Jeorão de Israel (às vezes abreviado como Jorão) em uma batalha contra o Rei Hazael da Síria. Na batalha, Jeorão foi ferido e foi para Jizreel para se recuperar. Acazias visitou seu tio em Jizreel ([2Cr 22.7–9](#)), o que acabou sendo um erro. Jeú, o comandante do exército, havia sido escolhido por Eliseu para destruir os descendentes de Acabe ([2Rs 9.1–13](#)). Ele matou tanto Jorão quanto Acazias ([2Rs 9.14–29](#)).

Quando Atalia, mãe de Acazias, soube da morte dele, assumiu o controle e tentou matar todos os seus netos. Um neto, Joás, escapou da morte e eventualmente se tornou rei ([2Rs 11.1–21](#)). Acazias às vezes é chamado de Jeocas ([2Cr 21.17](#)).

Veja: Israel, História de; Reis, Primeiro e Segundo Livros; Linha do tempo da Bíblia (Antigo Testamento); Rei.

Acbor

48. O pai de Baal-Hanã, rei de Edom, que governou antes do estabelecimento do reino de Israel ([Gn 36.38–39](#); [1Cr 1.49](#)).
49. O filho de Micaías, um cortesão (companheiro que trabalhava na corte de um rei) do Rei Josias do reino do sul de Judá. Josias enviou Acbor para consultar Hulda, a profetisa, sobre o recém-descoberto Livro da Lei ([2Rs 22.12–14](#)). Acbor também é chamado de Abdom, filho de Miquéias ([2Cr 34.20](#)). Ele foi o pai de Elnatã ([Jr 26.22](#); [36.12](#)).

Aceldama

O nome dado ao campo onde Judas se matou após trair Jesus. É traduzido como "Campo de Sangue" ([At 1.19](#)).

Veja Sangue, Campo de.

Aco

Uma importante cidade portuária palestina desde o mais antigo período cananeu. O Antigo Testamento menciona que a tribo de Aser não conseguiu expulsar as pessoas que viviam em Aco na época da conquista de Canaã por Israel ([Jz 1.31](#)).

Aco é mencionada frequentemente em textos egípcios do Médio e Novo Reino e em registros assírios. Aco provavelmente foi controlada por Israel quando Davi era rei, e foi uma das 20 cidades dadas por Salomão ao rei Hirão de Tiro ([1Rs 9.11–14](#)). Mais tarde, Alexandre, o Grande, da Macedônia, capturou Aco. Por fim, foi reconstruída e renomeada Ptolemaida ([At 21.7](#)).

Açoitamento

Castigar uma pessoa com um chicote ou outro instrumento, às vezes usado como punição legal. Veja Direito penal e punição.

Acor

Um vale que foi nomeado após Acã, que trouxe problemas para Israel e foi apedrejado e queimado lá ([Js 7.24–26](#); compare [1Cr 2.7](#)). Acor estava no norte de Judá ([Js 15.7](#)). Mais tarde, o vale é mencionado em profecias sobre as futuras bênçãos de Israel. Um vale outrora conhecido pelos problemas de Israel se tornaria "uma porta de esperança" e um lugar de cânticos alegres ([Os 2.15](#)). Um lugar de esterilidade se tornaria um lugar para os rebanhos se deitarem ([Is 65.10](#)). O Vale de Acor é identificado como o Buqeï'ah.

Açor

Qualquer uma das várias aves de rapina consideradas ritualmente impuras ([Dt 14.13](#)). Veja Aves.

Acos

O nome de Hacoz em [1Mc 8.17](#).

Veja: Hacoz.

Acra

Uma fortaleza robusta em Jerusalém durante o período dos governantes Selêucidas e Hasmoneus. Foi construída em um terreno elevado próximo ao templo. A Acra abrigava soldados e controlava a cidade durante as guerras dos Macabeus.

O governo selêucida via a Acra como uma fortaleza real, separada do restante da Judeia. Às vezes, um grupo de soldados mantinha a Acra enquanto seus inimigos controlavam o restante da cidade. Isso fazia da fortaleza quase uma cidade independente.

O historiador Josefo escreveu sobre duas fortalezas chamadas Acra:

50. Um forte anterior capturado por Antíoco III em 198 a.C. Este provavelmente era o mesmo que a fortaleza do templo dos tempos persas e ptolomaicos, chamada de "castelo" em [Neemias 7.2](#). Mais tarde, este local se tornou a fortaleza romana chamada Antônia.
51. Um novo forte foi construído posteriormente por Antíoco IV Epifânio.

Antíoco decidiu abolir todas as práticas de adoração judaicas. Em 167 a.C., ele violou as leis sagradas judaicas ao construir um altar para o deus grego Zeus no templo de Jerusalém. Ele pode ter também sacrificado um porco lá ([1Mc 1.20-64](#); [2Mc 6.1-6](#)).

No ano seguinte, Antíoco enviou soldados para construir a Acra. Seu propósito era impor suas novas regras religiosas e interromper as práticas religiosas judaicas na cidade. A Acra também armazenava alimentos e itens retirados da cidade. Os judeus viam como "uma emboscada contra o santuário, um inimigo maligno de Israel sempre" ([1Mc 1.36](#)).

Josefo escreveu que Simão, o segundo irmão macabeu, capturou a Acra em 142 a.C. Ele afirmou que Simão passou três anos demolindo tanto a fortaleza quanto a colina sobre a qual ela estava. No entanto, alguns duvidam desse relato. Outras

histórias dizem que Simão purificou (tornou ritualmente pura) a cidadela e a usou para manter a cidade segura (veja [1Mc 13.50](#); [14.37](#)).

Acraba

O local onde alguns dos edomitas-amonitas no exército de Holofernes estavam durante o cerco de Betúlia ([Jt 7.18](#)). Acraba provavelmente estava localizada a cerca de 16 quilômetros a sudeste de Siquém. É a atual Nablus.

Acrabatena

O lugar onde Judas Macabeu destruiu as fortalezas dos "filhos de Esaú", que estavam causando problemas para os judeus ([1Mc 5.3](#); [2Mc 10.14-23](#)). A frase "Em Idumeia, em Acrabatena" provavelmente se refere a uma área edomita ao norte, perto de Acraba ([Jt 7.18](#)). Provavelmente não era uma área no Deserto do Neguebe como as pessoas costumavam pensar.

Acrabim

Um desfiladeiro ou encosta no sul da Palestina entre o extremo sudoeste do Mar Morto e o Deserto de Zim. O desfiladeiro do Monte Acrabim fazia parte da fronteira sul da terra dada à tribo de Judá após conquistarem Canaã ([Nm 34.4](#); [Js 15.3](#); [Jz 1.36](#)). Durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento, Judas Macabeu venceu uma batalha importante contra os idumeus neste desfiladeiro ([1Mc 5.3](#)).

Também é conhecido como Passagem do Escorpião.

Acre

Uma medida de área de terra. Literalmente, a palavra hebraica significa "jugo" e provavelmente se refere à quantidade de terra que um jugo de bois poderia arar em um dia.

Veja: Pesos e medidas.

Acrocorinto

Uma enorme e íngreme colina ao sul da antiga cidade de Corinto, com 575 metros acima do nível do mar. Esta colina oferecia uma excelente vista do Istmo de Corinto e controlava tanto o tráfego terrestre entre a Grécia central e o Peloponeso quanto o tráfego marítimo da Itália, que se movia para o leste através do Golfo de Corinto e do Golfo Sarônico.

No topo da colina estava o templo de Afrodite, que tinha uma má reputação nos tempos antigos. O geógrafo Estrabão, escrevendo por volta de 20 d.C., afirmou que 1.000 prostitutas trabalhavam no templo durante a era de ouro da Grécia (um período de grande realização cultural e intelectual). O povo de Atenas pode ter feito a reputação de Corinto parecer pior do que realmente era. O ditado "Nem todo navio de homem está destinado a Corinto" era comum entre os antigos gregos, refletindo essa visão negativa da cidade.

Hoje, os estudiosos estão céticos em relação à afirmação de Estrabão, mas isso ainda influencia a forma como as pessoas interpretam as cartas de Paulo aos Coríntios. É possível que os coríntios fossem tão morais quanto as pessoas em outras cidades gregas. O próprio Estrabão só encontrou um pequeno templo de Afrodite, e quase não há vestígios dele hoje.

Acrópole

Um termo que combina o grego *akros* (que significa "mais alto") e *polis* (que significa "cidade"). Na Grécia antiga, uma acrópole era um local fortificado e protegido. Geralmente, era construída em uma colina e servia como um local de refúgio. A área ao redor da base da colina frequentemente se desenvolvia em uma cidade.

A acrópole em Atenas (a capital da Grécia) tinha um edifício famoso chamado Partenon. O Partenon era um templo construído para honrar Atena, que os antigos gregos acreditavam ser a deusa da sabedoria. As pessoas construíram este templo nos anos 500 a.C. (há mais de 2.500 anos). O Partenon foi construído em um estilo chamado Dórico, que é um tipo de design de construção grega. Muitas pessoas consideram que é um dos melhores exemplos das habilidades de construção grega da antiguidade.

[Atos 17.34](#) menciona que Paulo pregou no Areópago, que significa "colina de Ares", uma colina baixa a noroeste da acrópole. Quando Paulo falou lá, ele ajudou uma pessoa do conselho da cidade de Atenas a se tornar seguidora de Jesus.

Acróstico

Um recurso poético em que as primeiras letras de cada linha ou estrofe formam o alfabeto em sequência, uma palavra ou um lema. Os autores hebraicos frequentemente usavam um acróstico alfabetico como um recurso poético ou mnemônico (de memória) (veja [Sl 9; 10; 25; 34; 37; 111; 112; 119; 145; Pv 31.10–31; Lm 1–4; Na 1](#)).

Acsa

Filha de Calebe ([1Cr 2.49](#)). Otniel, sobrinho de Calebe, aceitou o desafio de seu tio para capturar Quiriate-Sefer a fim de se casar com Acsa. Ela persuadiu Otniel a pedir a seu pai, Calebe, um campo. Ela também solicitou a Calebe duas fontes de água, que eram essenciais para a vida no deserto ([Js 15.16–19; Jz 1.12–15](#)).

Acsafe

Uma cidade real cananeia na época de Josué. Seu rei se juntou a uma aliança com Jabim, rei de Hazor, contra Israel em uma batalha em Merom ([Js 11.1](#)). Após a vitória de Israel, o rei de Acsafe foi um dos 31 reis cananeus derrotados por Josué ([Js 12.20](#)). Isso cumpriu a promessa de Deus de dar reis a Israel ([Dt 7.24](#)). A cidade de Acsafe foi dada à tribo de Aser quando os israelitas estavam dividindo a terra de Canaã ([Js 19.25](#)).

Acube

52. Um dos sete filhos de Elioenai e um descendente distante de Davi ([1Cr 3.24](#)).

- 53. Um ancestral de uma família de porteiros levitas que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.42](#); [Ne 7.45](#)). Este nome foi compartilhado por dois de seus descendentes (#3 e #6 abaixo).
- 54. Um chefe de uma família de porteiros levitas que estavam entre os primeiros a retornar a Jerusalém após o exílio na Babilônia ([1Cr 9.17](#)).
- 55. Um ancestral de um grupo de assistentes do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.45](#)).
- 56. O assistente de Esdras que explicou ao povo as passagens da lei lidas por Esdras ([Ne 8.7](#)).
- 57. Um chefe de uma família de porteiros levitas que vivia em Jerusalém durante o tempo de Esdras e Neemias ([Ne 11.19](#); [12.25–26](#)). Ele é possivelmente o mesmo mencionado como o número #5 acima.

Aczibe

- 58. Uma cidade em Judá ([Js 15.44](#)). O profeta Miquéias a listou junto com outras cidades que seriam destruídas com Samaria ([Mq 1.14](#)). Provavelmente, era a mesma cidade que Quezibe ([Gn 38.5](#)) e Cozeba ([1Cr 4.22](#)).
- 59. Uma cidade em Aser ([Js 19.29](#)). Foi uma das sete cidades das quais Aser não conseguiu remover os habitantes cananeus ([Jz 1.31](#)). Escavações arqueológicas recentes em Aczibe (moderna ez-Zib) mostraram que pessoas viveram na cidade do nono século ao século 3 a.C.

Ada

- 60. Uma das duas esposas de Lameque e mãe de seus dois filhos, Jabal e Jubal ([Gn 4.19–21.23](#)).
- 61. A primeira esposa de Esaú, filha de Elom, o hitita, e mãe de Elifaz ([Gn 36.2–16](#)).

Adã

Uma cidade na Pérsia. Alguns judeus que foram forçados a viver longe de sua terra natal durante o exílio na Babilônia voltaram de Adã para Jerusalém com Esdras ([Ed 2.59](#)). Provavelmente foi nomeada em homenagem a um deus babilônico chamado Addu. Alguns exilados dessa cidade não puderam provar sua descendência judaica porque perderam seus registros familiares. Também é grafado como Adom ([Ne 7.61](#)).

Adada

Uma das 30 cidades dadas à tribo de Judá quando os israelitas dividiram a terra de Canaã. Estava no Neguebe, que é a região desértica do sul ([Js 15.22](#)). Na Septuaginta (uma antiga tradução grega do Antigo Testamento), o nome às vezes é escrito como Arara, ou "Aroer" em [1 Samuel 30.28](#). Pode ser a atual Khirbet Ar'Ará, localizada a 19 quilômetros ao sul de Berseba.

Adaga

Espada curta.

Veja Armaduras e Armas.

Adaías

- 62. O avô de Josias por parte de mãe. A mãe de Josias, Jedida, era filha de Adaías ([2Rs 22.1](#)).

- 63.** O filho de Etã, um levita do clã de Gérson e ancestral de Asafe, o salmista ([1Cr 6.41](#)). Ele às vezes é identificado com o Ido de [1 Crônicas 6.21](#).

Veja: Ido #2.

- 64.** O filho de Simei, um membro menos conhecido da tribo de Benjamim ([1Cr 8.21](#)).
- 65.** Filho de Jeroão, um sacerdote que retornou a Jerusalém após o exílio na Babilônia ([1Cr 9.12](#); [Ne 11.12](#)).
- 66.** Pai de Maaséias. Maaséias era um capitão sob o comando de Joiada, o sacerdote ([2Cr 23.1](#)).
- 67.** O filho de Bani, que seguiu o conselho de Esdras para se divorciar de sua esposa não-judia após o exílio na Babilônia ([Ed 10.29](#)).
- 68.** O filho de outro Bani, que também obedeceu ao conselho de Esdras para se divorciar de sua esposa não-judaica ([Ed 10.39](#)).
- 69.** Filho de Joiaribe. Ele era descendente de Perez e foi um ancestral de Maaséias ([Ne 11.5](#)).

Adalias

O quinto dos dez filhos de Hamã. Todos os seus filhos foram mortos com seu pai quando o plano de Hamã para destruir os judeus foi interrompido ([Et 9.8](#)).

Adam (Pessoa)

Primeiro homem e pai da raça humana. O papel de Adão na história bíblica é significativo não apenas nas considerações do Antigo Testamento, mas também na compreensão do significado da salvação e da identidade e ações de Jesus Cristo.

A criação de Adão e da primeira mulher, Eva, é descrita em dois relatos no livro de Gênesis. O

propósito do primeiro relato ([1.26-31](#)) é apresentar o primeiro casal em sua relação com Deus e com o restante da ordem criada. Ensina que, em relação a Deus, os primeiros humanos foram criados homem e mulher à imagem de Deus com seu mandato específico de povoar e governar a terra. Em relação ao restante da criação, os primeiros humanos eram, por um lado, parte dela, sendo criados no mesmo dia que outros animais terrestres; por outro lado, eram distintamente superiores a ela, sendo o clímax do processo de criação e os únicos portadores da imagem de Deus.

A intenção do segundo relato é muito mais específica ([2.4-3.24](#)); busca explicar a origem da condição humana atual de pecado e morte e preparar o cenário para o drama da redenção. A história trata em detalhe aspectos da criação de Adão omitidos na primeira história. Por exemplo, fala da formação de Adão do pó da terra e de seu recebimento do sopro de vida de Deus ([2.7](#)). Relata o plantio do jardim e a responsabilidade dada a Adão de cultivá-lo ([2.8-15](#)). A instrução de Deus a Adão de que o fruto de toda árvore no jardim era seu para alimento, exceto uma, é cuidadosamente registrada, bem como o aviso solene de que o fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” nunca deveria ser comido, sob pena de morte ([2.16-17](#)). A solidão de Adão após nomear os animais e não encontrar uma companheira adequada também é descrita, introduzindo assim a criação da primeira mulher ([2.18-22](#)). A criação de Eva a partir da costela de Adão retrata de forma comovente a unidade essencial de espírito e propósito dos sexos pretendida por Deus.

A história não termina em uma nota tão positiva, no entanto. Ela continua a registrar o grande engano que Satanás jogou sobre Eva através da serpente. Por meio de insinuações astutas e distorção do mandamento original de Deus (cf. [3.1](#) com [2.16-17](#)), a serpente enganou Eva para que comesse o fruto proibido e o compartilhasse com Adão. Eva parece ter comido porque foi enganada ([1Tm 2.14](#)), Adão por uma rebeldia voluntária e consciente. Ironicamente, os dois seres originalmente criados à imagem e semelhança de Deus acreditaram que poderiam se tornar “como” Deus desobedecendo a ele ([Gn 3.5](#)).

As consequências de sua desobediência foram imediatas, embora não fossem de forma alguma o que Adão esperava. Pela primeira vez, uma barreira de vergonha interrompeu a unidade do homem e da mulher ([3.7](#)). Mais importante ainda, uma barreira de verdadeira culpa moral foi erguida

entre o primeiro casal e Deus. A história explica que quando Deus veio procurar Adão após sua rebelião, ele estava se escondendo entre as árvores, já ciente de sua separação de Deus ([3.8](#)). Quando Deus o questionou, Adão jogou a culpa em Eva e, por implicação, de volta em Deus: “A mulher que me deste para ser a minha companheira me deu a fruta” ([3.12](#), NTLH). Eva, por sua vez, culpou a serpente ([3.13](#)).

De acordo com a história em Gênesis, Deus responsabilizou todos os três e informou a cada um sobre as trágicas consequências de sua rebelião ([3.14–19](#)). Os dois grandes mandatos, originalmente sinais de pura bênção, tornaram-se misturados com maldição e dor—a terra agora poderia ser povoada apenas através das dores de parto da mulher e poderia ser subjugada apenas pelo trabalho e suor do homem ([3.16–18](#)). Além disso, a unidade do homem e da mulher seria tensionada pela subjugação dela pelo homem, ou possivelmente pelo início de uma luta por domínio entre eles ([3.16b](#) pode ser interpretado de ambas as maneiras). Finalmente, Deus pronunciou a consequência final: como ele havia originalmente avisado, Adão e Eva deveriam morrer. Algum dia o sopro de vida seria retirado deles, e seus corpos retornariam ao pó do qual foram feitos ([3.19](#)). Naquele mesmo dia, eles também experimentaram uma morte “espiritual”; foram separados de Deus, o doador da vida, e da árvore da vida, o símbolo da vida eterna ([3.22](#)). Deus os expulsou do Éden, e não havia caminho de volta. A entrada para o paraíso foi bloqueada pelos querubins e pela espada flamejante ([3.23–24](#)). Apenas Deus poderia restaurar o que eles haviam perdido.

A história não é sem esperança. Deus foi misericordioso mesmo então. Ele fez roupas de pele para cobrir seus corpos e prometeu que um dia o poder de Satanás por trás da serpente seria derrotado pela “semente” da mulher ([Gn 3.15](#); cf. [Rm 16.20](#)). Muitos estudiosos consideram essa promessa a primeira menção de redenção na Bíblia.

O Significado de Adão

A importância de Adão baseia-se em várias suposições, sendo a primeira que ele foi um indivíduo histórico. Essa suposição foi feita por muitos escritores do AT ([Gn 4.25; 5.1–5; 1Cr 1.1; Os 6.7](#)). Os escritores do NT concordaram ([Lc 3.38; Rm 5.14; 1Cor 15.22,45; 1Tm 2.13–14; Id 1.14](#)). Igualmente essencial para a importância de Adão é uma segunda suposição, de que ele era mais do que

um indivíduo. Para começar, a palavra hebraica adam (mais corretamente ’a-dha-m) não é apenas um nome próprio. Mesmo na história de Gênesis, não é usada como nome até [Gênesis 4.25](#). A palavra é uma das várias palavras hebraicas que significam “homem” e é o termo genérico para “raça humana”. Na grande maioria dos casos, refere-se a um indivíduo masculino ([Lv 1.2; Js 14.15; Ne 9.29; Is 56.2](#)) ou à humanidade em geral ([Ex 4.11; Nm 12.3; 16.29; Dt 4.28; 1Rs 4.31; Jó 7.20; 14.1](#)). O sentido genérico e coletivo da palavra *adam* também está por trás da frase “filhos dos homens” ([2Sm 7.14; Sl 11.4; 12.1; 14.2; 53.2; 90.3; Ec 1.13; 2.3](#)). Essa frase, literalmente “filhos de adam”, simplesmente significa “homens” ou “seres humanos”, e quando é usada, toda a raça humana está em vista. De fato, a conotação humanística universal da palavra *adam* indica uma preocupação no AT que vai muito além das esperanças nacionalistas de Israel e seu Deus—para todos os povos da terra e o Senhor de todas as nações ([Gn 9.5–7; Dt 5.24; 8.3; 1Rs 8.38–39; Sl 8.4; 89.48; 107.8–31; Pv 12.14; Mq 6.8](#)).

Não é por acaso, então, que o primeiro homem foi chamado “Adão” ou “Homem”. O nome sugere que falar sobre Adão é de alguma forma também falar sobre toda a raça humana. Tal uso pode ser melhor compreendido através do antigo conceito de personalidade corporativa e representação familiar aos hebreus e outros povos do Oriente Próximo. O pensamento moderno enfatiza o indivíduo; a existência do grupo social e todas as relações sociais têm sido vistas como secundárias e dependentes da existência e desejo do indivíduo. A compreensão hebraica era bastante diferente. Embora a personalidade separada do indivíduo fosse apreciada ([Jr 31.29–30; Ez 18.4](#)), havia uma forte tendência de ver o grupo social (família, tribo, nação) como um único organismo com uma identidade corporativa própria. Da mesma forma, o representante do grupo era visto como a encarnação ou personificação da personalidade corporativa do grupo. Dentro do representante, as qualidades e características essenciais do grupo social residiam de tal forma que as ações e decisões do representante eram vinculativas para todo o grupo. Se o grupo fosse uma família, o pai era geralmente considerado o representante corporativo; para o bem ou para o mal, sua família, e às vezes seus descendentes, recebiam os resultados de suas ações ([Gn 17.1–8](#); cf. [Gn 20.1–9.18; Ex 20.5–6; Js 7.24–25; Rm 11.28; Hb 7.1–10](#)).

Como o homem original e pai da humanidade, à imagem de quem todas as gerações subsequentes nasceriam ([Gn 5.3](#)), Adão era o representante

corporativo da humanidade. Os relatos da criação em si dão a impressão de que os mandatos de [Gênesis 1.26–30](#) (cf. [Gn 9.17](#); [Sl 8.5–7](#); [104.14](#)) assim como as maldições de [Gênesis 3.16–19](#) (cf. [Sl 90.3](#); [Ecl 12.7](#); [Is 13.8](#); [21.3](#)) foram destinados não apenas para Adão (e Eva), mas, através dele, para toda a raça.

Em [Rm 5.12–21](#), o apóstolo Paulo contrastou a morte e a condenação trazidas à humanidade pela desobediência de Adão com a vida e a justificação dadas à humanidade através da obediência de Cristo. Mais explicitamente, em [1Co 15.45–50](#) (NTLH), Paulo chamou Cristo de “último Adão”, “segundo homem” e “homem do céu” em justaposição ao “primeiro Adão”, o “primeiro homem” e o “homem do pó”.

Para Paulo, a raça humana estava dividida em dois grupos nas pessoas de Adão e Cristo. Aqueles que permanecem “incorporados” em Adão são a humanidade “antiga”, carregando a imagem do “homem do pó” e participando de seu pecado e alienação de Deus e da Criação ([Rm 5.12–19](#); [8.20–22](#)). Mas aqueles que são incorporados a Cristo pela fé tornam-se o “corpo” de Cristo ([Rm 12.4–5](#); [1Co 12.12–13.27](#); [Ef 1.22–23](#); [Cl 1.18](#)); são recriados à imagem de Cristo ([Rm 8.29](#); [1Co 15.49](#); [2Co 3.18](#)); tornam-se um “novo homem” ([Ef 2.15](#); [4.24](#); [Cl 3.9–10](#), acf); e participam da nova criação ([2Co 5.17](#); [Gl 6.15](#)). As antigas barreiras levantadas por Adão são removidas por Cristo ([Rm 5.1](#); [2Co 5.19](#); [Gl 3.27–28](#); [Ef 2.14–16](#)). Para Paulo, a semelhança funcional de Adão e Cristo como representantes significava que Cristo havia restaurado o que Adão havia perdido.

Veja também Eva; Homem, Velho e Novo; Nova Criação, Nova Criatura.

Adamá

Uma das 19 cidades fortificadas pertencentes à tribo de Naftali ([Is 19.36](#)). Pode ser a moderna Qarn Hattin.

Adami, Adami-Nequebe

Os nomes de uma cidade localizada perto da fronteira sul de Naftali ([Is 19.33](#)). Geralmente, é identificada como a moderna Khirbet ed-Damiyeh.

Adão (Lugar)

Uma cidade no rio Jordão. Quando Josué conduziu os israelitas através do rio, Deus fez o rio secar, de Adão até o Mar Morto, para que o povo pudesse atravessar em terra seca ([Is 3.16](#)). Adão é a atual Tell ed-Damiyeh.

Adão, o Segundo

Uma analogia que compara o primeiro homem, Adão, com o Senhor Jesus Cristo.

Duas passagens bíblicas importantes explicam essa ideia. Enquanto o pecado de Adão trouxe resultados terríveis para a humanidade, a obra perfeita de Jesus Cristo foi a solução para o problema da humanidade ([Rm 5.12–21](#); [1Co 15.22,45–49](#)).

Veja: Adão (Pessoa).

Adar (Lugar)

Uma cidade na fronteira sudoeste de Judá, a noroeste de Cades-Barneia ([Is 15.3](#)). As cidades Hezrom e Adar foram chamadas de Hazar-Adar ([Nm 34.4](#)).

Adar (Mês)

Adar é um dos meses no calendário judaico. O nome vem da antiga língua da Babilônia ([Ed 6.15](#)). No nosso calendário moderno, geralmente ocorre durante partes de fevereiro e março.

Veja: Calendários, antigos e modernos.

Adar (Pessoa)

Adar é outro nome para Arde, um dos descendentes de Benjamim ([1Cr 8.3](#)).

Veja: Arde, Ardite.

Adasa

- 70. Uma cidade mencionada durante o período da revolta dos Macabeus. Em Adasa, Judas Macabeu derrotou o exército sírio sob o comando de Nicanor em 161 a.C. A vitória era celebrada anualmente no dia 13 de Adar ([1Mc 7.40,45,49](#)). O local moderno é provavelmente Khirbet 'Adassa, a 7 milhas (11 quilômetros) de Beth-Horon.
- 71. O líder de um grupo de exilados babilônicos retornando a Judá que não conseguiu provar sua ascendência judaica ([1Ed 5.36](#)). O mesmo nome, escrito como Addon, pode se referir a um lugar desconhecido no Império Babilônico ([Ne 7.61](#)).

Addus

Um dos servos de Salomão. Seus descendentes retornaram a Jerusalém com Zorobabel do exílio ([1 Esdras 5.24](#)). Seu nome não é mencionado em Esdras ou Neemias.

Adi

- 72. O ancestral de alguns que seguiram o conselho de Esdras para se divorciarem de suas esposas não judias após o exílio na Babilônia ([1Ed 9.31](#)). Em [Esdras 10.30](#), Paate-Moabe é mencionado em vez de Adi.
- 73. Um ancestral de Jesus, mencionado no registro da ancestralidade de Jesus por Lucas ([Lc 3.28](#)).

Veja: A ancestralidade de Jesus Cristo.

Adida

Uma cidade fortificada por Simão Macabeu ([1Mc 12.38; 13.13](#)). Adida estava nas colinas do sul da Judeia, a quatro milhas (6,4 quilômetros) a leste de Lida, entre as planícies costeiras do Mediterrâneo e

as terras altas centrais. Adida é provavelmente o mesmo lugar que Hadide ([Ne 11.34](#)).

Adiel

- 74. Um príncipe da tribo de Simeão que liderou um grupo de simeonitas até a entrada de Gedor para encontrar terras para seus rebanhos ([1Cr 4.36-39](#)).
- 75. Um ancestral dos Maasai, um sacerdote de Israel que foi um dos primeiros a retornar à Palestina após o exílio ([1Cr 9.12](#)).
- 76. Um ancestral de Azmavete. Azmavete estava encarregado dos tesouros do Rei Davi ([1Cr 27.25](#)).

Adim

- 77. Um ancestral de um grupo de pessoas que retornaram a Judá com Zorobabel após o exílio na Babilônia. Uma comparação de várias listas mostra que diferentes grupos de descendentes de Adim retornaram em momentos distintos ([Ed 2.15; 8.6; Ne 7.20; 1Ed 5.14; 8.32](#)).
- 78. Um líder político que assinou a promessa de Esdras de ser fiel a Deus com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.16](#)).

Adina

Filho de Sizá é um guerreiro entre os valentes de Davi, que eram conhecidos como "os trinta" ([1Cr 11.42](#)).

Adino

Possivelmente, outro nome para Josebe-Bassebete, um dos três principais heróis militares de Davi ([2Sm 23.8](#)). Ele também era chamado de Jasobeão ([1Cr 11.11](#)).

Veja: Jasobeão #1.

Aditaim

Uma cidade nas planícies de Judá ([Is 15.36](#)).

Adivinhação

A prática de buscar informações ocultas ou prever eventos futuros por meios sobrenaturais. A adivinhação inclui métodos como a leitura de presságios, a interpretação de sonhos ou a consulta a espíritos.

Veja Magia.

Adivinhos

Adivinhos são pessoas que afirmam ter contato com forças sobrenaturais e dizem que podem interpretar o que essas forças desejam. O Antigo Testamento agrupa adivinhos com "mídiuns". Estes eram indivíduos que afirmavam possibilitar a comunicação entre forças sobrenaturais e seres humanos. As Escrituras proíbem claramente o povo de Deus de usar os serviços de mídiuns ou adivinhos ([Lv 19.31](#); [20.6.27](#)).

Veja também Magia.

Adlai

O pai de Safate, que cuidava do gado do rei nos vales quando Davi era rei de Israel ([1Cr 27.29](#)).

Admá

Uma cidade associada com Sodoma, Gomorra e Zeboim ([Gn 10.19](#); [14.2.8](#)). Provavelmente foi destruída no julgamento de Deus sobre Sodoma e Gomorra ([Dt 29.23](#); não é mencionada em [Gn 19.28–29](#)). Uma pesquisa recente da área leste e sul do Mar Morto revelou cinco cidades da Idade do Bronze Antiga (cerca de 3300 a 2000 a.C.) que provavelmente são as cinco "cidades da planície" mencionadas em Gênesis. Cada cidade estava localizada ao lado do vale de um rio que fluía para a planície ao redor do Mar Morto.

Admata, Adamata

Um dos sete conselheiros do Rei Assuero ([Et 1.14](#)). Os conselheiros do rei sugeriram que ele banisse a Rainha Vasti por recusar seu convite para comparecer em uma festa regada a bebidas.

Admim

Um ancestral de Jesus mencionado no registro da genealogia de Jesus por Lucas ([Lc 3.33](#)).

Veja: A ancestralidade de Jesus Cristo.

Adna

79. Um capitão da tribo de Manassés que deixou Saul para se juntar ao exército de Davi em Ziclague ([1Cr 12.20](#)).
80. Um general sob o comando do Rei Josafá de Judá ([2Cr 17.14](#)).
81. Um descendente de Paate-Moabe que obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio na Babilônia ([Ed 10.30](#)).
82. Um sacerdote que serviu sob o sumo sacerdote Joaquim. Ele retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ne 12.15](#)).

Adoção

Teologicamente, adoção é o ato de Deus pelo qual os crentes se tornam membros da "família de Deus" com todos os privilégios e deveres da filiação familiar. O termo "Filhos de Deus" inclui tanto homens quanto mulheres que são considerados filhos de Deus ([Is 43.6](#); [2Co 6.18](#)).

De acordo com o Novo Testamento, todos são pecadores por natureza e, portanto, são "filhos da ira" ([Ef 2.3](#)). No entanto, aqueles a quem Deus ama tornam-se "filhos de Deus" pela graça ([1Jo 3.1](#)). Esta adoção vem do amor de Deus e é baseada em Jesus Cristo, que é exclusivamente o Filho de Deus. O termo "Filho de Deus" refere-se principalmente à

natureza divina de Cristo ([Mt 11.25–27; 16.16–17](#)). Jesus compartilha a mesma substância e glória que o Pai. Na Trindade (as três pessoas de Deus), Cristo é conhecido como a Segunda pessoa. Ele é diferente do Pai porque é "o único Filho gerado", isso significa que ele é único em sua espécie. Os crentes em Cristo, embora "adotados", não são iguais ao Filho divino e criado.

Mesmo assim, em Jesus, os pecadores são amados e escolhidos por Deus Pai para se tornarem seus filhos por adoção ([Ef 1.4–6](#)). Esta adoção é possibilitada por Cristo, o Redentor. Através de sua morte e ressurreição, ele destruiu o pecado e sua penalidade, restaurando a justiça e a vida necessárias para a filiação.

Cristo é o cabeça da "nova aliança" como aquele que a tornou possível e aquele que paga suas dívidas. Seus seguidores tornam-se herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo ([Rm 8.17](#)). Deus lhes concede o Espírito Santo, o Espírito de seu Filho, como o Espírito de adoção ([Rm 8.15; Gl 4.6](#)). O Espírito neles assegura aos crentes que eles são realmente filhos de Deus e os capacita a chamar Deus de "Pai" ([Rm 8.15–16](#)). Esta proximidade com o Criador e Salvador em oração é um benefício da adoção.

A adoção foi um benefício concedido ao povo de Deus sob o "antigo pacto" ([Rm 9.4](#)). Tanto Israel como um todo quanto os israelitas individualmente conheciam Deus como Pai ([Is 64.8–9; Os 11.1](#)). Como o Novo Testamento vê a adoção como possível apenas através de Jesus Cristo, a adoção de Israel antes da vinda de Jesus os tornava semelhantes a servos ([Gl 4.1–7](#)). Em Jesus, o benefício de ser filho foi estendido para incluir tanto judeus quanto gentios ([Gl 3.25–29](#)). Embora a adoção seja um benefício desfrutado na experiência presente do povo de Deus ([1Jo 3.1](#)), sua plena extensão é realizada apenas na ressurreição dos mortos ([Rm 8.21–23](#)).

Adom

Outra forma de Adã, um lugar na Babilônia ([Neemias 7.61](#)).

Veja: Adã.

Adonai

O nome de Deus é geralmente traduzido como "Senhor". Isso demonstra que Deus é digno de honra, majestade e poder.

Veja: Deus, Nomes de.

Adoni-Bezeque

O título do rei cananeu de Bezeque, uma cidade no norte da Palestina. Após a morte de Josué, as tribos de Judá e Simeão derrotaram Adoni-Bezeque e cortaram seus polegares e dedões dos pés. Adoni-Bezeque havia feito o mesmo com muitos reis que capturou. Ele admitiu que o que aconteceu com ele foi um castigo justo de Deus ([Jz 1.5–7](#)). Alguns argumentam que Adoni-Bezeque e Adoni-Zedeque, mencionado em [Josué 10.1](#), eram a mesma pessoa.

Adoni-Zedeque

O rei amorita de Jerusalém na época da conquista israelita da Terra Prometida ([Is 10.1–5](#)). Quando os amoritas e os israelitas lutaram pelo controle de Gibeão, Josué orou para que o sol parasse ([Is 10.6–15](#)). Os israelitas obtiveram uma vitória decisiva. Adoni-Zedeque e outros quatro reis inimigos foram encontrados escondidos em uma caverna. Josué os executou ([Is 10.16–27](#)).

Veja: Conquista e distribuição da terra.

Adonias

83. O quarto filho de Davi. Hagite deu à luz a ele em Hebron ([2Sm 3.4](#)). Após a morte de seus três irmãos mais velhos (Amnom, Quileabe e Absalão), Adonias era o próximo na linha de sucessão ao trono após Davi. De acordo com 1 Reis, Davi prometeu à sua esposa Bate-Seba que o filho deles, Salomão, seria o próximo rei ([1Rs 1.17](#)).

Quando Davi parecia estar morrendo, Adonias começou a se preparar para se tornar rei ([1Rs 1.1–10](#)). Antes que isso pudesse acontecer, Davi nomeou Salomão como o próximo rei ([1Rs 1.11–40](#)). Adonias evitou Salomão a princípio ([1Rs 1.41–](#)

[53](#)), mas eventualmente, ele pediu permissão ao Rei Salomão para se casar com Abisague. Abisague era a mulher de Suném que estava cuidando de Davi durante seus últimos dias. No antigo Oriente Próximo, tomar a concubina de um rei falecido era o mesmo que reivindicar o trono. Isso deixou Salomão irritado e ele ordenou que Adonias fosse morto ([1Rs 2.13–25](#)).

- 84. Um levita enviado pelo rei Josafá de Judá para ensinar ao povo a lei do Senhor ([2Cr 17.8](#)).
- 85. Um líder político que assinou a promessa de Esdras de ser fiel a Deus com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.16](#)).

Adonicão

O chefe de uma família cujos descendentes retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ed 2.13](#); [Ne 7.18](#)). Esdras menciona que 666 membros da família de Adonicão retornaram, mas Neemias afirma que o número é 667 (o que concorda com [1Ed 5.14](#)). Isso é provavelmente uma variação de escriba.

Adonirão

Um importante oficial em Israel durante os reinados de Davi, Salomão e Roboão ([1Rs 4.6](#); [5.14](#)). Adonirão também é chamado de:

- "Adorão", possivelmente uma abreviação de seu nome ([2Sm 20.24](#); [1Rs 12.18](#))
- Hadorão ([2Cr 10.18](#))

Enquanto o templo de Salomão estava sendo construído, Adonirão estava encarregado de trinta mil trabalhadores ([1Rs 5.13–14](#)). Davi criou um sistema de trabalho escravo que Salomão continuou, não apenas para a construção do templo, mas também para muitos outros projetos.

Quando Roboão se tornou rei, o povo pediu por cargas de trabalho menores. Em vez disso, Roboão decidiu aumentar suas cargas de trabalho ([1Rs 12.1–15](#)). Quando Adonirão foi impor a regra do

rei, o povo em rebelião o apedrejou até a morte ([1Rs 12.16–19](#)).

Adoração

Expressão de respeito e sentimento de profundo amor e admiração a Deus.

Adoração no Antigo Testamento

Os 1.500 anos desde os dias de Abraão até a época de Esdras (c. 1900–450 a.C.) testemunharam muitas mudanças significativas na forma de adoração no antigo Israel. Abraão, o nômade errante, construiu altares e ofereceu sacrifícios onde quer que Deus aparecesse para ele. No tempo de Moisés, o tabernáculo serviu como um santuário portátil para as tribos israelitas que viajavam pelo deserto. Salomão construiu um templo em Jerusalém que durou mais de três séculos até sua destruição pelos babilônios em 586 a.C. Quando os judeus retornaram do exílio, eles construíram um novo templo, que mais tarde foi renovado e ampliado por Herodes, o Grande. Embora todos os edifícios do templo tenham sido destruídos pelos romanos em 70 d.C., as fundações permaneceram. Os judeus ainda oram junto ao Muro Ocidental (chamado de Muro das Lamentações).

Embora a forma de adoração tenha mudado ao longo do tempo e das situações, seu coração e centro permaneceram os mesmos. Deus se revelou a Abraão, prometendo que seus descendentes herdariam a terra de Canaã. Abraão demonstrou sua fé por meio da oração e do sacrifício. Durante o período bíblico, ouvir a Palavra de Deus, orar e sacrificar eram a essência da adoração no sentido de prestar culto a Deus. As promessas feitas a Abraão eram constantemente lembradas como a base da existência de Israel como nação e seu direito à terra de Canaã.

De tempos em tempos, toda família visitava o templo em Jerusalém. Oito dias após o nascimento de um menino, ele era circuncidado para marcar sua adesão a Israel. Então, um ou dois meses depois, a mãe do bebê ia ao templo para oferecer sacrifício ([Lv 12](#); cf. [Lc 2.22–24](#)).

Animais eram sacrificados na época de parição de ovelhas e vacas. O primeiro cordeiro ou bezerro nascido de cada ovelha ou vaca era apresentado em sacrifício ([Ex 22.30](#)). Da mesma forma, no início da colheita, uma cesta com os primeiros frutos era oferecida, e no final, um décimo de toda a colheita,

o dízimo, era dado aos sacerdotes como representantes de Deus ([Nm 18.21-32](#)). [Deuteronômio 26.5-15](#) fornece uma oração típica para uso em tais ocasiões.

Às vezes, uma pessoa decidia oferecer um sacrifício por razões mais pessoais. Em uma crise, votos podiam ser feitos e selados com um sacrifício ([Gn 28.18-22](#); [1Sm 1.10-11](#)). Então, quando a oração era atendida, um segundo sacrifício era costumeiramente oferecido ([Gn 35.3.14](#); [1Sm 1.24-25](#)). Pecado grave ou doença grave também eram ocasiões para sacrifício ([Lv 4-5](#), [13-15](#)).

O adorador trazia o animal para o pátio do templo. De pé diante do sacerdote, ele colocava uma mão sobre a cabeça do animal, identificando-se com ele, e confessava seu pecado ou explicava o motivo do sacrifício. Em seguida, o adorador matava o animal e o cortava para que o sacerdote o queimasse no grande altar de bronze. Alguns sacrifícios (holocaustos) envolviam o animal inteiro sendo queimado no altar. Em outros, parte da carne era reservada para os sacerdotes, enquanto o restante era compartilhado pelo adorador e sua família. Mas, em todos os casos, o adorador matava o animal de seu próprio rebanho com suas próprias mãos. Esses sacrifícios expressavam de maneira vívida e tangível o custo do pecado e a responsabilidade do adorador. Ao matar o animal, o adorador lembrava que o pecado teria causado sua própria morte, se Deus não tivesse providenciado uma saída através do sacrifício animal.

Três vezes por ano, todos os homens adultos iam ao templo para celebrar as festas nacionais ([Ex 23.17](#); [Dt 16.16](#)): Páscoa (realizada em abril), a Festa das Semanas (realizada em maio) e a Festa dos Tabernáculos (em outubro). Quando possível, toda a família acompanhava os homens. Mas se morassem longe de Jerusalém, iriam apenas para uma das festas ([1Sm 1.3](#); [Lc 2.41](#)).

Essas festas eram ocasiões extraordinárias. Centenas de milhares de pessoas convergiam para Jerusalém. Elas ficavam com parentes ou acampavam em tendas fora da cidade. Os pátios do templo ficavam lotados de adoradores. Os coros do templo cantavam salmos apropriados para o festival, enquanto os sacerdotes e levitas ofereciam centenas (na Páscoa, milhares) de animais em sacrifício. Grupos de adoradores, tomados pela emoção, irrompiam em danças. Aqueles de temperamento mais sóbrio contentavam-se em participar do canto ou simplesmente orar em silêncio.

Os grandes festivais eram ocasiões alegres, pois celebravam a libertação de Israel do Egito. Na Páscoa, cada família comia cordeiro assado e ervas amargas para reencenar a última refeição que seus antepassados comeram antes de deixar o Egito ([Ex 12](#)). Na Festa dos Tabernáculos, eles construíam abrigos de ramos e viviam neles por uma semana, como um lembrete de que os israelitas acamparam em tendas durante os 40 anos de peregrinação no deserto ([Lv 23.39-43](#)). Esses grandes festivais serviam como lembretes de como Deus os havia libertado da escravidão no Egito e lhes dado a terra de Canaã, como havia prometido a Abraão.

Cada um desses três festivais durava uma semana, mas havia um dia no ano que era totalmente diferente: o Dia da Exiação, quando todos jejuavam e lamentavam por seus pecados. Nesse dia, o sumo sacerdote confessava os pecados da nação enquanto pressionava sua mão sobre a cabeça de um bode. Em seguida, o bode era levado para o deserto, simbolizando a remoção do pecado do povo ([Lv 16](#)).

Algum tempo após a destruição do primeiro templo, as sinagogas se desenvolveram para o culto público. Os serviços eram mais parecidos com o culto moderno nas igrejas, consistindo exclusivamente em oração, leitura da Bíblia e pregação. Não eram feitos sacrifícios nas sinagogas. Quando o segundo Templo foi destruído em 70 d.C., as sinagogas se tornaram os únicos lugares onde os judeus podiam adorar em público. Então, não houve mais sacrifícios. O NT retrata isso como adequado, pois Jesus era o verdadeiro Cordeiro de Deus ([Jo 1.29](#)); por causa de sua morte, não há necessidade de mais sacrifícios de animais ([Hb 10.11-12](#)).

Adoração no Novo Testamento

Os judeus tinham se tornado excessivamente dependentes de um lugar físico, o templo, para sua adoração. Quando Jesus chegou, ele proclamou que ele próprio era o templo de Deus; na ressurreição, ele proporcionaria a morada espiritual onde Deus, o Espírito, e as pessoas, em espírito, poderiam ter comunhão espiritual (veja [Mt 12.6](#); [Jo 2.19-22](#)). Em outras palavras, a adoração não seria mais em um lugar, mas em uma pessoa — através de Jesus Cristo e seu Espírito, os adoradores poderiam ir diretamente a Deus (veja [Jo 14.6](#); [Hb 10.19-20](#)).

Essa mudança na adoração — do físico para o espiritual — é o tema de [João 4](#), um capítulo que relata a visita de Jesus aos samaritanos. Após o encontro de Jesus com a mulher samaritana, ela

reconheceu que ele devia ser um profeta e então iniciou uma discussão sobre o debate religioso entre os judeus e os samaritanos sobre qual lugar de adoração era o correto — Jerusalém ou o Monte Gerizim. Os samaritanos haviam estabelecido um local de adoração no Monte Gerizim de acordo com [Deuteronômio 11.26-29](#) e [27.1-8](#), enquanto os judeus seguiram Davi e Salomão ao fazer de Jerusalém o centro da adoração judaica. As Escrituras afirmavam Jerusalém como o verdadeiro centro de adoração ([Dt 12.5; 2Cr 6.6; 7.12; Sl 78.67-68](#)). Mas Jesus disse a ela que uma nova era havia chegado na qual a questão não dizia mais respeito a um local físico. Deus Pai não seria mais adorado em nenhum dos dois lugares. Uma nova era havia chegado na qual os verdadeiros adoradores (judeu, samaritano ou gentio) devem adorar o Pai em espírito e em verdade.

“Em espírito” corresponde a Jerusalém, e “em verdade” corresponde às ideias desconhecidas dos samaritanos sobre adoração, Deus, etc. Anteriormente, Deus era adorado em Jerusalém, mas agora a verdadeira Jerusalém estaria no espírito de uma pessoa. De fato, a igreja é chamada de “a habitação de Deus em espírito” ([Ef 2.22](#)). A verdadeira adoração exige que um povo entre em contato com Deus, o Espírito, em seu espírito, bem como um povo que conheça a verdade. A adoração do Novo Testamento deve ser em espírito e em verdade. Como “Deus é Espírito”, ele deve ser adorado em espírito. Os seres humanos possuem um espírito humano, cuja natureza corresponde à natureza de Deus, que é espírito. Portanto, as pessoas podem ter comunhão com Deus e adorar a Deus na mesma esfera em que Deus existe.

Em certo sentido, [João 4](#) antecipa [Apocalipse 21](#) e [22](#), onde Deus oferece os rios da água da vida a todos os crentes e onde o Cordeiro e Deus são o templo na Nova Jerusalém. Os crentes recebem vida de Deus e adoram em Deus. Há uma conexão profunda, até mesmo mística, entre beber do Espírito e adorar a Deus no Espírito (veja [1Co 12.13](#)). Isso também é descrito em [Ezequiel 47](#), que retrata o rio fluindo do templo de Deus como um símbolo do suprimento inesgotável de Deus. Em [João 4](#), Jesus oferece as águas vivas a todos que recebem o dom de Deus, e ele direciona as pessoas para um novo templo, um espiritual, onde Deus é adorado em espírito.

Adoraim

Uma cidade no reino do sul de Judá, que foi fortalecida pelo Rei Roboão ([2Cr 11.9](#)). As duas cidades de Adoraim e Maressa mais tarde se uniram para formar Idumeia. Em [1Mc 13.20](#), é chamada de Adora. É a atual Dura, ao sul de Hebron.

Adorão

Uma grafia alternativa de Adonirão ([2Sm 20.24](#) e [1Rs 12.18](#)).

Veja: Adonirão.

Adorão

Há diferentes grafias para este nome nas Bíblia em português: Adorão, Hadorão, Adonirão.

1. Quinto filho de Joctã; Adorão e seus irmãos foram a sexta geração de Noé ([Gn 10.27; 1Cr 1.21](#)).
2. Grafia alternativa de Jorão em [1 Crônicas 18.10](#) (em algumas Bíblias). Veja Jorão #1.
3. Grafia alternativa de Adonirão em [2 Crônicas 10.18](#) (em algumas Bíblias). Veja Adonirão.

Adrameleque

86. O filho do rei assírio, Senaqueribe. Adrameleque e seu irmão Sarezer mataram seu pai no templo de Nisroque em Nínive ([2Rs 19.37; Is 37.38](#)). O texto não bíblico *Crônicas Babilônicas* também fala sobre esse assassinato, mas não menciona os filhos.

Veja: Senaqueribe.

87. Um deus adorado pelos sírios de Sefarvaim. Os assírios reassentaram os sefarvitas em Samaria. Os sefarvitas sacrificavam crianças a Adrameleque ([2Rs 17.31](#)).

Veja: Mesopotâmia; Síria, Sírios.

Adramítio

Uma antiga cidade portuária na Ásia Menor. Quando viajava para Roma como prisioneiro, Paulo navegou em um navio de Adramítio ([At 27.2](#)). Adramítio é a atual cidade turca de Edremit. Moedas encontradas na área indicam que Adramítio pode ter sido um centro de adoração a Castor e Pólux (filhos gêmeos do deus pagão Zeus).

Átria

O Mar Adriático é um braço do Mar Mediterrâneo entre a Itália, Grécia, Albânia, Montenegro e Croácia no leste. O apóstolo Paulo enfrentou uma violenta tempestade no Mar Adriático por 14 dias ([At 27.27](#)). Outros textos antigos também mencionam a violência do Mar Adriático. O historiador judeu Josefo naufragou no Adriático em 64 d.C., e o poeta grego Homero falou sobre essas tempestades violentas em seus escritos.

Adriel

Filho de Barzilai, a quem Saul deu sua filha Merabe em casamento a Adriel. Saul fez isso mesmo que ela tivesse sido prometida a Davi ([1Sm 18.19](#)). Mais tarde, o Rei Davi entregou os cinco filhos de Adriel aos gibeonitas. Os gibeonitas mataram esses filhos como punição contra a família de Saul ([2Sm 21.1-9](#)).

Aduel

O bisavô de Tobias. Ele é mencionado apenas em [Tobias 1.1](#).

Adulã, Adulamita

Uma antiga cidade cananeia entre Laquis e Hebrom. Também é o nome de uma região de cavernas nas proximidades.

A primeira referência à cidade na Bíblia está na palavra "adulamita" (algum de Adulã). Ela é usada para descrever Hira, um amigo de Judá. Depois que Judá ajudou a vender seu irmão José como escravo, ele saiu de casa e viveu em Adulão com Hira ([Gn 38.12.20](#)).

Adulã estava nas planícies da área tribal de Judá ([Js 15.35](#)). Josué a conquistou, junto com outras 31 cidades reais cananeias ([Js 12.15](#)). O rei Roboão a fortaleceu junto com outras 15 cidades ([2Cr 11.7](#)). Após o retorno dos exilados do cativeiro na Babilônia, pessoas de Judá voltaram a viver em Adulã ([Ne 11.30](#)).

Uma caverna perto de Adulã foi importante várias vezes na vida de Davi. Ele se escondeu nela quando fugiu do Rei Saul ([1Sm 22.1](#)). Ele também a usou como base em sua guerra contra os filisteus ([2Sm 23.13-17; 1Cr 11.15-19](#)). Davi escreveu [Sl 57](#) e [142](#) quando estava na caverna de Adulã. Adulã é a atual Tell esh-Sheikh Madhkur.

Adultério

Uma violação da unidade do casamento. Descreve qualquer ato de relação sexual entre uma mulher casada e um homem que não seja seu marido, e toda relação sexual envolvendo um homem casado e uma mulher que não seja sua esposa.

Nos tempos do AT, as uniões poligâmicas não eram consideradas adulteras (cf. [Dt 21.15](#)). Nem um marido era rotulado como adultério se tivesse relações sexuais com uma mulher escrava ([Gn 16.1-4; 30.1-5](#)).

Qualquer desequilíbrio entre os性s foi dissipado por Jesus em seu ensinamento sobre divórcio e novo casamento. Embora ele não tenha descartado a possibilidade de divórcio em casos de infidelidade sexual ([Mt 5.32; 19.9](#)), ele advertiu que em todas as outras circunstâncias o novo casamento envolve tanto o (ex-)marido quanto a (ex-)esposa em adultério. Paulo acrescentou que a acusação de adultério só se aplica se o parceiro original do novo casamento ainda estiver vivo ([Rm 7.2-3](#)).

Jesus também aprimorou a definição de adultério do AT ao aplicá-la à vida de pensamento de um homem. Qualquer homem que fantasia com luxúria (diferente de apenas ser tentado) cometeu adultério em pensamento e intenção, mesmo que não haja contato físico ([Mt 5.27-28](#); cf. [Jl 31.9](#)).

A condenação do adultério na Bíblia está escrita no coração da lei do AT, profecia e literatura de sabedoria. Os Dez Mandamentos o proíbem inequivocamente ([Êx 20.14](#); [Dt 5.18](#)). Os profetas o listam entre as ofensas que atraem a ira e o julgamento de Deus ([Jr 23.11-14](#); [Ez 22.11](#); [Ml 3.5](#)). E o livro de Provérbios o despreza como um ato

insensato pelo qual um homem se destrói ([Pv 6.23-35](#); cf. [7.6-27](#)).

O NT ecoa essa clara condenação. Onde não há arrependimento, o adultério exclui aqueles que o praticam do reino de Deus ([1Co 6.9](#)). É o oposto do amor ao próximo ([Rm 13.9-10](#)), e está sob o juízo do próprio Deus ([Hb 13.4](#)).

No AT, a pena para o adultério é a morte - tanto para o homem quanto para a mulher ([Lv 20.10; Dt 22.22](#)). O mesmo se aplica se a mulher for solteira, mas estiver noiva de outro homem, assumindo que ela não tenha sido estuprada (nesse caso, apenas o homem deve ser executado - [Dt 22.23-27](#)). O refrão "Você purificará a terra do mal" ([22.24](#)) mostra que o adultério era considerado uma séria ameaça à saúde da sociedade, não apenas um ataque à vida familiar das duas pessoas envolvidas.

Com consequências tão sérias, era importante estabelecer a culpa além de qualquer dúvida. Em casos de séria suspeita, mas evidências insuficientes, a esposa em questão era submetida a um elaborado teste ritual que incluía prestar um juramento e beber água amarga. O resultado não era uma questão de acaso, pois ela estava diante do Senhor ([Nm 5.11-31](#)).

Tanto no AT quanto no NT, a linguagem de adultério é usada figurativamente para descrever a infidelidade humana para com Deus. Os profetas do AT comparavam a relação de aliança de Deus com seu povo ao casamento ([Is 54.5-8](#); cf. [Ap 21.2](#)), assim, aos olhos deles, a quebra dessa relação, especialmente pela idolatria, era equivalente a adultério espiritual ([Jr 5.7-8; 13.22-27; Ez 23.37](#)).

Jesus usou a mesma imagem para caracterizar aqueles que rejeitaram suas reivindicações ou mostraram sua falta de fé nele exigindo sinais extras desnecessários de sua divindade ([Mt 12.39; 16.4; Mc 8.38](#)). E em outro trecho vívido do NT, Tiago descreve Deus como um marido amoroso e ciumento vindo lidar com seu povo adúltero que se tornou bom amigo do mundo e de seus falsos padrões ([Tg 4.4](#)).

Este é o tema especial do profeta Oséias. Deus usou a própria experiência do profeta de um casamento quebrado por adultério para ensinar a seriedade da infidelidade do seu povo para com ele ([Os 2.2-6](#)) e seu intenso desejo por uma reconciliação completa ([3.1-5](#)). A infidelidade espiritual, assim como o adultério físico, traz o julgamento de Deus. Mas em ambos os casos, seu desejo avassalador é por um relacionamento restaurado após um arrependimento sincero ([Jr 3.1-14; Ez 16.1-63](#)).

Veja também Divórcio; Casamento, Costumes de casamento; Fornicação.

Adumim

Um desfiladeiro que se estende da região montanhosa até o Vale do Jordão e fazia parte da fronteira norte de Judá ([Is 15.7](#)). Este lugar também ajuda a localizar Gelilote na fronteira sul de Benjamim ([Is 18.17](#)). A estrada de Jerusalém a Jericó passava por este desfiladeiro.

Jerônimo, um pai da igreja, acreditava que foi aqui que a história de Jesus sobre o bom samaritano ocorreu ([Lc 10.30-37](#)). O nome árabe moderno significa "subida do sangue". O nome hebraico Adumim, que significa "rochas vermelhas", provavelmente vem da cor natural das rochas, e não do destino de muitos viajantes que foram roubados lá.

Advento de Cristo

O Advento de Cristo refere-se à esperada Segunda Vinda de Jesus Cristo, quando Ele retornará à Terra em glória para estabelecer o reino de Deus e julgar a humanidade. "Advento" vem da palavra latina *adventus*, que significa "vinda" ou "chegada".

Veja: Encarnação; Jesus Cristo, Vida e ensinamentos de; Segundo advento de Cristo.

Adversário

Qualquer inimigo, oponente ou adversário de Deus e de seu povo. A descrição do diabo pelo apóstolo Pedro como "o vosso adversário" ([1Pe 5.8](#)) levou ao uso de "o adversário" como uma referência a Satanás na literatura e na fala popular.

Veja: Satanás.

Advogado

Uma tradução para o termo grego *parakletos*. Ele descreve o Espírito Santo no Evangelho de João, assim como Jesus em [1João 2.1](#).

Veja: Espírito de Deus; Paráclito.

Aeon

"Aeon" (ou éon) deriva de uma palavra grega que significa um longo período ou era. Em português, igualmente, pode se referir a um longo período de tempo, como os quatro éons geológicos da história da Terra.

Veja: Idade.

Aer

Outro nome para Airão, o terceiro filho de Benjamim ([1Cr 7.12](#)).

Veja: Airão, Airamita.

Afeca

88. Uma cidade cananeia a oeste do rio Jordão. Foi conquistada por Israel e mais tarde incluída no território de Efraim ([Js 12.18](#)). Estava localizada perto da nascente do rio Yarkon na planície de Sarom. Afeca foi posteriormente capturada pelos filisteus ([1Sm 4.1; 29.1](#)). Nos tempos romanos, Herodes, o Grande, reconstruiu a cidade e a nomeou Antipátride. É mencionada em [Atos 23.31](#). Seu nome moderno é Ras el-'Ain. Veja também Antipátride.
89. Um lugar na Fenícia (atual Líbano). Permaneceu não conquistado após as campanhas de Josué ([Js 13.4](#)). Esta Afeca provavelmente estava localizada perto da nascente do rio Ibrahim, a leste de Biblos.
90. Uma cidade dada à tribo de Aser na distribuição das cidades conquistadas ([Js 19.30](#)). A tribo de Aser não conseguiu expulsar os habitantes pagãos ([Jz 1.31](#)). Aqui algumas traduções traz o termo "Afeque". Afeca estava localizada na planície de Aco. Este é o local atual de Tell Kurdaneh, perto da nascente do rio Na'main.

91. Uma cidade a leste do rio Jordão, localizada na estrada principal entre Damasco e o vale de Jezreel. O rei sírio Ben-Hadade foi derrotado pelo rei Acabe de Israel e recuou para Afeca. Lá, uma muralha que caiu destruiu o restante de seu exército ([1Rs 20.26,30](#)). Um século depois, Eliseu profetizou ao rei Joás de Israel que ele derrotaria os sírios na mesma cidade ([2Rs 13.17](#)).

Aflição

Aflição significa um grande sofrimento ou problema.

Veja: Sofrimento.

Ágabo

Um profeta nos tempos do Novo Testamento. Ele fez duas predições registradas em Atos. Ele predisse corretamente uma grave fome, que aconteceu quando Cláudio era o Imperador de Roma ([At 11.27-28](#)). Ele também predisse que Paulo seria entregue aos gentios pelos judeus em Jerusalém se ele fosse para lá ([At 21.10-11](#)).

Agagita

Um termo usado para descrever Hamã, "o inimigo de todos os judeus," na corte persa do Rei Assuero ([Et 3.1; 9.24](#)). Agague foi um rei amalequita e inimigo de Saul.

Agague

92. O nome de um rei amalequita. Pode ser um título geral para um rei amalequita, assim como o egípcio "Faraó". Balaão profetizou que o rei de Israel seria maior que Agague ([Nm 24.7](#)).

93. O nome de outro rei amalequita. Deus disse a Samuel para enviar o Rei Saul para destruir todos os amalequitas, até a última ovelha. Saul os derrotou, mas poupou Agague, assim como as melhores ovelhas e bois dos amalequitas. Samuel então matou Agague e disse a Saul que sua desobediência significava que ele não poderia mais ser o rei de Israel ([1Sm 15](#)).

Ágape

A transliteração em português da palavra grega do Novo Testamento para "amor" ou "festa do amor".

Veja: Amor.

Agar

Uma serva do Egito que trabalhava para Sarai (mais tarde chamada Sara), a esposa de Abrão (mais tarde chamado Abraão). Abrão tomou Agar como sua concubina (uma segunda esposa com status inferior) porque Sarai insistiu que ele o fizesse. Agar tornou-se a mãe de Ismael, o primeiro filho de Abrão ([Gn 16.1-16](#); [21.9-21](#)).

A história de Agar

Quando Deus ordenou a Abrão que deixasse a Mesopotâmia, Ele prometeu fazer de Abrão o pai de uma grande nação e dar aos seus filhos uma nova terra ([Gn 12.2,7](#)). Após dez anos em Canaã, Sarai e Abrão ainda não tinham filhos. Sarai sugeriu a Abrão que ele tomasse Agar como concubina e tivesse filhos com ela. Era costume no nordeste da Mesopotâmia que, se uma esposa não pudesse ter filhos, ela poderia dar ao marido uma escrava para esse propósito. Qualquer filho que a concubina desse à luz era considerado filho da esposa ([cp. 30.1-6](#)).

Quando Agar ficou grávida, ela começou a tratar Sarai com desrespeito. Sarai tornou-se muito severa com Agar, fazendo com que ela fugisse para o deserto. Um anjo de Deus apareceu a ela em um poço no deserto e disse a Agar para retornar à casa de Abrão. O anjo prometeu que ela teria um filho, Ismael (que significa "Deus ouve"). Este filho seria teimoso e frequentemente em conflito com os

outros. Agar então nomeou o lugar Beer-lahai-roi, que significa "o poço de quem vê e vive".

Ismael nasceu quando Abrão tinha 86 anos. Quatorze anos depois, Deus deu a Abraão e Sara o filho prometido, Isaque. Na época do desmame de Isaque (aproximadamente aos três anos de idade), foi realizada uma festa. Durante a festa de desmame, Ismael zombou de Isaque ([Gn 21.9](#)). Isso deixou Sara irritada. Então, ela pediu a Abraão que mandasse Agar e Ismael embora. Abraão não queria fazer isso a princípio, mas Deus falou com ele e disse para fazer o que Sara pediu (versículo [12](#)).

Agar e Ismael então partiram e vagaram pelo deserto de Berseba. Quando não tinham mais água, Deus resgatou Agar e Ismael da morte. Deus prometeu a Agar que Ismael seria o pai de uma grande nação ([Gn 21.17-19](#)). Ismael viveu no deserto de Parâ. Ele se tornou um caçador, casou-se com uma egípcia e se tornou o pai dos ismaelitas.

O ensino de Paulo sobre Agar

No Novo Testamento, Paulo usa a história de Agar para explicar uma importante verdade espiritual ([Gl 4.22-31](#)). Agar representa a antiga aliança que Deus fez com Moisés no Monte Sinai. Assim como Ismael nasceu através do planejamento humano, os cristãos judaizantes são como os filhos de Agar, nascidos na escravidão. Eles ensinavam que todos os crentes estavam obrigados a seguir a lei de Moisés e tinham que cumprir tudo o que ela dizia. Sara, a mulher livre, representa a nova aliança de Jesus Cristo. Assim como Isaque foi filho de Abraão pela fé na promessa de Deus, os cristãos que são livres da lei são filhos espirituais de Sara. O contraste é entre a salvação pelas obras, que é a escravidão à lei, e a salvação pela graça e fé, que é a liberdade.

Veja também Abraão; Sara #1.

Ágata

Uma pedra dura e semipreciosa, que é uma variedade de calcedônia (um tipo de quartzo). Muitas vezes, possui coloração listrada ou nublada.

Veja: Minerais e metais; Pedras preciosas.

Agé

O pai de Samá, um dos guerreiros entre os valentes de Davi que eram conhecidos como "os trinta" ([2Sm 23.11](#)).

Ageu (Pessoa)

Profeta cujo livro é o décimo em uma série de 12 breves livros proféticos que concluem o AT. O nome Ageu provavelmente veio de uma palavra que significa "festival". Não temos informações sobre sua família ou origem social. Ele é referido apenas como Ageu, o profeta ([Ag 1.1](#); [Ed 5.1](#); [6.14](#)). Seu lugar na comunidade pós-exílica parece ter sido notável e, de acordo com a tradição judaica, ele era conhecido como profeta na Babilônia durante o exílio. A principal preocupação de seu ministério profético era encorajar o povo a reconstruir o templo, que havia sido destruído durante os primeiros anos do exílio.

Veja também Ageu, Livro de; Profeta, Profetisa.

AGEU, Livro de

O décimo livro em uma coleção de doze livros curtos no final do Antigo Testamento. Esses livros contêm mensagens dos profetas.

Pré-visualização

- Quem escreveu o livro de Ageu?
Quando foi escrito?
- Por que o livro de Ageu foi escrito?
- O que o livro de Ageu nos ensina?
- Qual é a mensagem do livro de Ageu?

Quem escreveu o livro de Ageu? Quando foi escrito?

Ageu era um dos colonos judeus em Jerusalém em 520 a.C. quando suas palavras proféticas foram registradas ([Ed 5.1-2](#); [6.14](#)). O Senhor deu a Ageu quatro mensagens para pessoas específicas. A primeira mensagem foi para Zorobabel, o governador, e Josué, o sumo sacerdote ([Ag 1.1](#)). A segunda mensagem foi para Zorobabel, Josué e o restante do povo ([Ag 2.2](#)). A terceira mensagem foi para os sacerdotes ([Ag 2.11](#)). A mensagem final foi apenas para Zorobabel ([Ag 2.21](#)).

Qual foi o propósito do livro de Ageu?

A frase-chave nas profecias de Ageu é "Considerem cuidadosamente os seus caminhos" ou "Considerem" ([Ag 1.5.7](#); [2.15.18](#)). Deus enviou mensagens para ajudar os líderes e o povo judeu a entenderem que haviam negligenciado seus deveres para com Deus. Havia dois grupos que precisavam mudar: verdadeiros crentes que haviam parado de seguir os mandamentos de Deus, e pessoas que seguiam Deus apenas por recompensas.

Os verdadeiros crentes precisavam de um lembrete da misericórdia de Deus. Eles podiam corrigir a situação, mesmo que achassem que os pecados de seus ancestrais eram imperdoáveis. As pessoas que fingiam ser fiéis entre os judeus só queriam as bênçãos que Deus prometeu. Eles substituíram uma forma de idolatria por outra. Quando Deus não os abençoou, sentiram-se desapontados.

A principal mensagem era que o hoje não prevê o que Deus fará amanhã. Você não pode julgar o cumprimento das promessas de Deus pelas aparências. A mensagem de Ageu tinha duas partes: correção e encorajamento. Os colonos precisavam ser repreendidos por sua falta de preocupação e confortados durante suas dificuldades.

O que o Livro de Ageu nos ensina?

Ageu é um livro prático sobre servir a Deus. Quando o povo de Deus adia o seu trabalho ou deixa de se importar com ele, isso causa danos. Isso aconteceu muitas vezes ao longo da história. Deus valoriza quando as pessoas agem prontamente e levam a sua obra a sério ([Rm 13.11-14](#)).

A presença de Deus inspira coragem e ajuda as pessoas a não se sentirem desencorajadas ([Mt 28.19-20](#); [Ef 3.8-21](#); [Hb 13.5-6](#)).

Todos os crentes devem se separar de influências negativas e do pecado ([2Co 6.14-7.1](#)). Sem viver dessa forma, um crente não pode estar pronto para o serviço de Deus ([2Tm 2.19-26](#)). Um filho desobediente de Deus pode esperar perder bênçãos e ser disciplinado por Deus ([Hb 12.3-13](#); [Tg 4.1-3](#)).

A mensagem sobre o julgamento de Deus sobre o pecado e a criação do reino messiânico traz esperança para os crentes do Novo Testamento e para os judeus no tempo de Ageu ([Rm 15.4-13](#); [2Pe 3.10-18](#)).

A frase-chave em Ageu "considerem os seus caminhos" é semelhante às mensagens em [1Co 11.28](#) e [2Co 13.5](#). Seus escritos também discutem o impacto do pecado e as bênçãos de Deus, como visto em [Jd 1.1-25](#).

No livro de Ageu, Deus é chamado de "Senhor dos Exércitos" ou "Senhor Todo-poderoso" 14 vezes. Este título é comum nos livros proféticos escritos após o exílio para Babilônia, incluindo Ageu, Zacarias e Malaquias. Este título é usado mais de 80 vezes. Ele demonstra que Deus é todo-poderoso e governa sobre todos os seres espirituais no céu e todas as criaturas na terra.

Ageu demonstra que as Escrituras são inspiradas por Deus e possuem autoridade divina. O profeta afirma repetidamente que Deus falou com ele e é a fonte dessas mensagens, mencionando isso pelo menos 25 vezes em 28 versículos.

Qual é a mensagem do livro de Ageu?

Mensagem inicial

Ageu recebeu sua primeira mensagem para os judeus no primeiro dia do mês ([Ag 1.1](#)). Neste dia, os judeus deveriam trazer ofertas especiais ao santuário ([Nm 28.11-15](#)). Deus escolheu este momento importante para revelar o pecado do povo relacionado ao santuário inacabado.

O Senhor primeiramente se dirigiu aos líderes dos judeus ([Ag 1.1](#)). Zorobabel era o governador, e Josué era o sumo sacerdote. Juntos, eles eram responsáveis pelas ações do povo de Deus.

A palavra do Senhor revelou a procrastinação do povo ([Ag 1.2](#)). Eles não haviam terminado o templo de Deus porque decidiram: "Ainda não chegou o tempo." O povo usou sua energia e dinheiro de forma egoísta para suas próprias casas ([Ag 1.4](#)).

"Agora" ([Ag 1.5](#)) os judeus deviam prestar atenção ao que Deus queria que eles fizessem, porque haviam parado de se importar com a obra dele. Eles precisavam refletir sobre seu estado espiritual e material: "Considerem cuidadosamente os seus caminhos". Esta frase-chave nas profecias de Ageu significa literalmente "Coloquem seu coração nos seus caminhos" ou "Levem seus caminhos ao seu coração." Ao analisarem suas ações, veriam que seus atrasos na reconstrução lhes trouxeram muitos problemas, não apenas tempo desperdiçado (16 anos).

[Ag 1.6](#) mostra a pobreza que os judeus enfrentaram devido ao castigo de Deus por seu pecado. Deus

retirou suas bênçãos de acordo com a sua aliança (veja [Dt 28.15-29.1](#)).

Depois de instá-los novamente a "considerar" seus caminhos ([Ag 1.7](#)), o Senhor revelou a solução para o estado amaldiçoado dos judeus: "construam a casa" ([Ag 1.8](#)). O fracasso deles em completar o templo causou sua pobreza ([Ag 1.9-11](#)).

Os líderes e o povo responderam positivamente. Reiniciar a construção do templo demonstrou sua crença na palavra de Deus ([Ag 1.12](#)). Sua rápida obediência também mostrou que aceitaram o papel de Ageu como "o mensageiro do Senhor" entregando "a mensagem do Senhor" ([Ag 1.13](#)).

Segunda mensagem

Cerca de um mês depois, o Senhor chamou Ageu novamente ([Ag 2.1](#)). A segunda mensagem continuou a encorajar, assim como a primeira terminou. Os construtores poderiam ter começado a sentir a pressão de seu trabalho. Velhas dúvidas e desânimos poderiam ter perturbado sua fé novamente. Inimigos haviam retornado para causar problemas ([Ed 5.3-6.12](#)). A segunda mensagem de Ageu foi como a afirmação de Esdras de que "o olho de seu Deus estava sobre os anciões dos judeus" ([Ed 5.5](#)). O Senhor não apenas vê as necessidades de seus servos, mas também envia ajuda e encorajamento.

A segunda mensagem veio no último dia da Festa dos Tabernáculos ([Lv 23.33-43](#)). Esta lembrança da presença de Deus com seus antepassados no deserto pode ter tornado a situação atual deles mais desanimadora. Então, o Senhor falou a todos, não apenas aos líderes ([Ag 2.2](#)).

Havia alguém de antes do exílio que tinha visto a glória de Deus no templo de Salomão ([1Rs 8.1-11](#); [Ez 9.1-11.23](#))? O templo atual era insignificante em comparação ([Ag 2.3](#))? O Talmude Babilônico (um texto importante da lei e tradição judaica) mencionou cinco coisas que estavam ausentes no novo templo que estavam no templo de Salomão:

94. A Arca da Aliança
95. O fogo sagrado
96. A glória Shekinah
97. O Espírito Santo
98. O Urim e Tumim

A palavra "agora" destaca a solução de Deus. O comando "seja forte" é repetido três vezes ([Ag 2.4](#)). Cada vez, ele se dirige a um destinatário da

mensagem de Deus ([Ag 2.2](#)). O comando final foi "trabalhe". A razão para sua força e ação era a presença de Deus. O Espírito Santo pode parecer ausente do templo, mas ele permaneceria com o povo: "Esta é a promessa que fiz a vocês" ([Ag 2.5](#)).

Para motivar ainda mais os trabalhadores, Deus revelou a futura glória de Sua casa ([Os 2.6-9](#)). Esta glória apareceria após um período de julgamento ([Ag 2.6-7a](#)) quando os tesouros de todas as nações chegassem ([Ag 2.7b](#)). O significado exato deste versículo tem diferentes interpretações. As visões se concentram em duas traduções:

99. "e virá o Desejado de todas as nações" (ARC)

100. "e as suas riquezas serão trazidas para o meu Templo" (NTLH)

Os argumentos para a interpretação messiânica com base na primeira tradução podem ser resumidos da seguinte forma:

101. A maioria dos intérpretes cristãos e judeus vê essa frase como uma referência ao Messias (o escolhido de Deus).

102. O substantivo abstrato "desejo" pode significar aquilo ou aquele que é desejável.

103. Embora o verbo hebraico esteja no plural, ele pode concordar com o segundo substantivo "nações" em uma relação genitiva (mostrando posse ou associação próxima).

104. O momento é adequado porque Deus acabou de julgar as nações, e a vinda de Cristo está próxima.

105. Uma tradução alternativa aborda as questões gramaticais, mas mantém o significado messiânico: "Elas [as nações] alcançaram o desejo de todas as nações".

Apesar dos fortes argumentos a favor da primeira visão, a tradução e a perspectiva do segundo parecem melhores. As razões são:

106. A maioria dos primeiros intérpretes cristãos e judeus dependia da tradução da Vulgata Latina, que foi escrita por volta de 400 d.C., enquanto a tradução da Septuaginta Grega data de cerca de 300 a.C..

107. O singular "desejo" pode ser um substantivo coletivo para "características" ou "riqueza".

108. A gramática hebraica permite que o substantivo "nações" concorde com o verbo, mas isso é raro em livros poéticos. É improvável que Ageu usasse tal expressão sem explicá-la claramente no contexto.

109. O contexto imediato esclarece ao afirmar que a prata e o ouro pertencem ao Senhor ([2.8](#)).

110. O contexto do reino nesses versículos se alinha bem com passagens semelhantes como [Is 60.5,11](#) e [Ap 21.24](#).

A mensagem de encorajamento conclui que a glória do futuro templo superará a do templo de Salomão. A presença divina retornará, e o edifício será muito bonito. Deus também trará paz ao Seu reino durante esse período do futuro templo glorioso.

Mensagem três

Cerca de dois meses depois, Ageu recebeu uma terceira mensagem de Deus ([Ag 2.10](#)). Esta mensagem focava em encorajamento e era direcionada apenas aos sacerdotes ([Ag 2.11](#)). Ageu fez perguntas sobre a lei de Moisés para ensinar os sacerdotes sobre como o pecado pode contaminar. Algo limpo ou sagrado não pode tornar outra coisa sagrada ([Ag 2.12](#)). No entanto, algo impuro *pode* tornar algo limpo impuro ([Ag 2.13](#); veja também [Lv 22.4-6](#); [Nm 19.11](#)).

Este princípio era claro para os judeus: Deus não aceitava suas ofertas durante a desobediência deles porque Judá estava impuro ([Ag 2.14](#)).

Ao lembrá-los da desobediência e punição passadas, Deus instou os judeus a sempre pensarem sobre ([Ag 2.15,18](#)) as consequências da desobediência. Essa reflexão deve prevenir a indiferença espiritual futura. A mensagem concluiu com um lembrete da bênção de Deus sobre aqueles que obedecem ([Ag 2.19](#)).

Quarta mensagem

No mesmo dia, Ageu recebeu outra mensagem de Deus ([Ag 2.20](#)). Esta mensagem era para Zorobabel ([Ag 2.21](#)), que deveria ser encorajado pela natureza duradoura de sua posição davídica herdada (veja [Ag 1.1; 2Sm 7.4-17; 1Cr 3.1,5,10,17-20](#)). As nações gentias enfrentariam julgamento, e os reinos do mundo seriam derrubados ([Ag 2.6-7,21-22](#)). Isso prepararia para o governo de Deus (veja [Ap 11.15-18](#)).

A promessa a Zorobabel em [Ag 2.23](#) mostrou que as promessas de Deus a Davi ainda eram válidas após o cativeiro babilônico de 70 anos e a pausa de 16 anos entre os judeus que retornaram a Jerusalém. Deus nomeou Zorobabel "Meu anel de sinete". Um sinete era um selo pessoal, como um anel ou cilindro, usado para mostrar a autenticidade de uma assinatura. Os reis os usavam para identificar seus decretos ([Et 3.10; 8.8-10](#)) e para confirmar a autoridade de seus representantes ([Gn 41.42](#)). Ao nomear Zorobabel como "um anel de sinete" Deus quis dizer que Zorobabel seria o selo de autoridade de Deus na continuação da linhagem davídica, da qual o Messias viria e reinaria (veja [Mt 1.12; Lc 3.27](#)).

Veja também Ageu (pessoa); Israel, História; Período Pós-exílico; Profecia; Profetisa.

Ágia

A esposa de Jaddus, mencionada nos Apócrifos como descendente de Barzilai, o Gileadita ([1Ed 5.38-39](#); veja também [2Sm 19.31-40](#)).

Os filhos dela haviam se tornado sacerdotes. Mas quando o povo judeu voltou do exílio na Babilônia, os filhos de Agia não foram mais autorizados a servir como sacerdotes. Os outros judeus pediram provas de que eles eram de uma família sacerdotal. Esses homens não puderam fornecer essa prova ([Ed 2.61-63; Ne 7.63-65](#)).

Ágora

Uma ágora era um espaço público aberto nas cidades da Grécia antiga. Servia como mercado e centro para atividades políticas, religiosas e sociais.

Veja: Mercado, Praça do mercado.

Agricultor, agricultura

Um agricultor é uma pessoa que cultiva plantas ou cria animais. A agricultura é a prática de cultivar plantas e criar animais para obter alimentos e outros recursos.

veja Agricultura.

Agricultor, Pecuária

Ocupação e prática da agricultura e produção animal. Podendo ser traduzido também como lavrador, arrendatário, arauto, cultivador, viticultor. Veja Agricultura.

Agricultura

Nos tempos bíblicos, a agricultura na Palestina era organizada em três formas principais, semelhante ao que ocorre hoje. O foco em cada tipo de agricultura variava com base no desenvolvimento social e tecnológico da sociedade.

Resumo

- Pastoreio
- Cultivo no campo
- Cultivo de frutas
- Cultivo
- Colheita

Pastoreio

Criar gado é um dos primeiros trabalhos mencionados na Bíblia. Abel ([Gn 4.2](#)) e Jabal ([Gn 4.20](#)) eram pastores ou criadores de gado. Este trabalho se adequava ao seu estilo de vida seminômade (movendo-se de um lugar para outro), fornecendo tanto alimento quanto vestuário com apenas técnicas e equipamentos básicos.

Os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó eram principalmente pastores, cuidando de suas ovelhas e gado em terras comuns e geralmente não cultivando o solo. Jacó e seus filhos vieram para o Egito como pastores ([Gn 47.3](#)). Mais tarde, esse modo de vida continuou entre as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés em Transjordânia ([Nm 32.1](#)), assim como em algumas tribos que viviam nas colinas ocidentais da Palestina ([1Sm](#)

[25.2](#)). Mesmo após se estabelecerem, a criação de animais permaneceu parte da vida hebraica porque os animais podiam pastar em terras menos produtivas e devido a práticas tradicionais, incluindo os sacrifícios feitos no templo.

Cultivo no campo

A maioria dos especialistas acredita que os israelitas aprenderam a cultivar com os cananeus, pois estavam em contato com eles quando se estabeleceram na Terra Prometida. Embora se saiba que o cultivo de grãos existia antes disso, com Caim sendo um agricultor ou "lavrador da terra" ([Gn. 4.2](#)), não está claro o que exatamente ele cultivava. Arqueólogos encontraram evidências de cultivo de grãos datando de cerca de 6800 a.C. no Oriente Próximo. Isaque semeou grãos em Gerar ([Gn 26.12](#)), e José sonhou com feixes de grãos ([Gn 37.6–7](#)). José provavelmente aprendeu mais sobre o cultivo de grãos com os egípcios, que os cultivavam nos solos ricos do Nilo.

No entanto, foram os cananeus que ensinaram os israelitas a cultivar grãos. Josué e Calebe relataram a produtividade de Canaã em Cades-Barneia ([Nn 13.26](#)), e os cananeus conquistados provavelmente ajudaram seus conquistadores a aprender técnicas agrícolas. Essa interação pode ter contribuído para as repetidas recaídas dos israelitas na idolatria ([Iz 9.27](#)). A rapidez com que eles fizeram a transição de um estilo de vida nômade não está clara. Algumas tribos permaneceram nômades, mas na época dos reis, muitos israelitas estavam cultivando a terra ([2Sm 14.30](#)).

O trigo era uma das culturas mais importantes. Salomão enviou grandes quantidades de trigo, junto com cevada e óleo, para Hirão ([2Cr 2.10](#)), e continuou a ser uma grande exportação ([Ez 27.17](#)). A cevada era a segunda cultura mais importante. Foi o principal ingrediente do pão no início ([Iz 7.13](#)). Mais tarde, tornou-se um alimento significativo para pessoas mais pobres ([Jo. 6.9.13](#)). Também era usada como ração para gado.

Outras culturas de campo incluíam feijões e lentilhas ([2Sm 17.28](#)), que eram moídos em farinha e às vezes usados para fazer pão ([Ez 4.9](#)). Alho-poró, alho e cebolas eram cultivados para dar sabor, enquanto cominho, coentro, endro, hortelã, arruda e mostarda eram usados como especiarias. O linho era importante ([Is 2.6](#)). Algodão era cultivado em pequena escala ([Is 19.9](#)). A lã era usada para complementar o fornecimento de fibras. Na época romana, o algodão havia se tornado mais importante do que o linho.

Cultivo de frutas

Depois que os israelitas se estabeleceram, começaram a plantar pomares e vinhedos, que se tornaram símbolos de prosperidade. Os vinhedos produziam vinho para beber, enquanto os oliveiros forneciam óleo usado na culinária, cosméticos e medicina. Eles também cultivavam figos e romãs. Cultivar essas culturas exigia mais habilidade e equipamentos em comparação com as práticas agrícolas anteriores.

Cultivo

Ao longo dos tempos bíblicos, grande parte do trabalho agrícola era realizado pelos próprios agricultores. Para começar a plantar, eles precisavam limpar a terra de florestas ([Is 17.18](#)), pedras ([Is 5.2](#)), ervas daninhas e espinhos. Às vezes, eles faziam terraços em terrenos montanhosos ou usavam irrigação. Essas tarefas limitavam o tamanho das fazendas, então apenas indivíduos ricos como Jó e Boaz podiam ter grandes propriedades.

Para arar a terra, os agricultores usavam bois ou vacas para puxar arados muito básicos ([Iz 14.18](#); [Am 6.12](#)). Ocasionalmente, burros eram usados ([Dt 22.10](#)). Eles quebravam torrões com uma enxada ou aguilhada e alisavam a superfície arrastando uma grade simples, que poderia ser um arbusto espinhoso ou uma prancha de pedra. As sementes eram semeadas à mão, cuidadosamente em sulcos ou espalhadas sobre a superfície e depois levemente cobertas com a grade ou prancha de pedra. As ervas daninhas eram controladas com o arado, a grade ou a enxada.

As ferramentas agrícolas mudaram pouco durante os tempos bíblicos. O arado era uma simples peça de madeira dura em forma de J, presa aos bois em uma extremidade e segurada pelo condutor na outra. Esta ferramenta básica só conseguia romper de 10 a 13 centímetros de solo. Após o Éxodo, o ferro foi usado para a ponta do arado ([1Sm 13.20](#)), o que ajudou a reduzir principalmente o desgaste.

O uso de fertilizantes era muito limitado nas fazendas palestinas. A lei exigia que os campos permanecessem em pouso a cada sétimo ano para ajudar a repor a água e os nutrientes do solo. A adubação dos campos era incomum porque o esterco era usado principalmente como combustível. No entanto, a Bíblia menciona algum uso de esterco ao redor das árvores ([Lc 13.8](#)). A Mishná observa o uso de cinzas de madeira, folhas, sangue animal e escória de óleo como fertilizantes.

Colheita

A semeadura era realizada no início da estação chuvosa, e a colheita começava no final. A colheita geralmente durava pelo menos sete semanas. Algumas culturas, como leguminosas, eram arrancadas pelas raízes, enquanto outras, como alguns grãos, eram cavadas com uma enxada. A maioria das culturas, no entanto, era cortada com uma foice. Arqueólogos encontraram foices de ferro, algumas com lascas de sílex inseridas nas bordas de corte. O grão colhido era amarrado em feixes ([Sl 126.6](#)) e empilhado em montes para ser levado à eira. A cevada era colhida primeiro, seguida pelo trigo.

Pequenas quantidades de grãos, endro, cominho e outras pequenas colheitas eram batidas com um malho ([Iz 6.11](#); [Rt 2.17](#)). A maioria dos grãos era debulhada em um piso elevado para que o vento levasse a palha. O método comum envolvia espalhar a palha solta no chão e conduzir bois sobre ela para liberar os grãos. Às vezes, ferramentas pesadas com pedras eram arrastadas sobre a palha ([Is 28.27](#); [41.15](#)). Essas ferramentas eram montadas pelo condutor. A palha resultante era separada do grão através de um processo chamado joeiramento, onde a mistura era lançada ao ar com um garfo ou pá ([Is 30.24](#); [Jr 15.7](#)). A palha mais leve era levada pelo vento, enquanto o grão mais pesado caía no chão. A palha era queimada ou usada como ração animal. O grão era peneirado ([Am 9.9](#)), reunido em montes e posteriormente armazenado em fossas cobertas no campo ([Jr 41.8](#)). Às vezes, era armazenado em celeiros ([Dt 28.8](#)).

Veja também Plantas; Colheita; Palestina; Videiras, Vinhedo; Alimentos e preparação de alimentos.

Agripa

O nome de dois governantes romanos da Judeia da linhagem herodiana.

Veja: Herodes, Família herodiana.

Água

Um dos essenciais da vida, que cobre grande parte da superfície da terra e é o componente principal do corpo humano. A vida não pode ser sustentada mais do que alguns dias sem ela.

No começo, a água cobria a terra. Então Deus fez aparecer a terra seca da água ([Gn 1.9–10](#)). Como

Pedro disse: “que há muito tempo Deus deu uma ordem, e os céus e a terra foram criados... a terra foi formada da água e no meio da água” ([2Pe 3.5](#)).

Quando o Senhor criou o Jardim do Éden, ele fez um rio para regá-lo. Este rio se dividiu em quatro rios, dos quais dois são identificados com certeza, o Eufrates e o Tigre, que sustentaram a vida agrícola na área da Mesopotâmia tanto na antiguidade quanto hoje ([Gn 2.10–14](#)). A Bíblia também relata que no início da história da terra não havia chuva, mas apenas uma névoa que regava a terra (vv. [5–6](#)). No tempo de Noé, o Senhor usou um enorme volume de água para destruir “o mundo que então existia” ([2Pe 3.6](#)), como punição por sua maldade.

No Oriente Próximo, a água é de importância especial, pois grande parte da área recebe apenas quantidades moderadas de chuva. No Egito, por exemplo, apenas 5.1 a 10.2 centímetros de chuva caem na área do Cairo, e em Assuã a precipitação média anual é zero. O Egito é dependente do Nilo, que é abastecido pelas chuvas equatoriais. Em contraste, a Palestina é bem regada pela “chuva do céu” ([Dt 11.10–11](#)).

A água tem muitos usos simbólicos nas Escrituras (citados abaixo principalmente da NTLH). O homem justo é como uma árvore plantada perto da água ([Sl 1.3](#); [Jr 17.8](#)). O anseio da alma por Deus é comparado à sede de água: “Todo o meu ser deseja estar contigo; eu tenho sede de ti como uma terra cansada, seca e sem água.” ([Sl 63.1](#)); “Como terra seca, eu tenho sede de ti.” ([143.6](#)). Jesus satisfaz esta necessidade e declara: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Se você crê em mim, venha e beba!” ([Jo 7.37–38](#)). E Jesus disse: “A pessoa que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Porque a água que eu lhe der se tornará nela uma fonte de água que dará vida eterna ([4.14](#)). O Espírito de Jesus é a água espiritual que satisfaz a sede do espírito humano ([7.38–39](#)). A Palavra de Deus também é apresentada como água pela qual a limpeza espiritual é efetuada. O Senhor fala da purificação da igreja pela “lavagem com água e com a palavra” ([Ef 5.26](#)). E ele disse que as pessoas são salvas “por meio do Espírito Santo, que nos lavou, fazendo com que nascêssemos de novo e dandonos uma nova vida” ([Tt 3.5](#)).

Nos capítulos finais da Bíblia, o Senhor declara: “A quem tem sede darei água para beber, de graça, da fonte da água da vida” ([Ap 21.6](#)). Mesmo na descrição da Jerusalém celestial, há menção de água — o rio da água da vida: “O anjo também me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro e que

passa no meio da rua principal da cidade." ([22.1-2](#)). O convite final das Escrituras vem a nós em termos semelhantes: "Aquele que tem sede venha. E quem quiser receba de graça da água da vida." (v. [17](#)).

Água da Purificação

Em traduções mais recentes da Bíblia, essa mesma água é chamada de "água da purificação" (NTLH) ou "água da separação" (ARC). Essa água especial era usada para purificar as pessoas do pecado ou impureza ([Nm 19.9,13,20-21; 31.23](#))

Veja também Limpeza e impureza, Regulamentos relacionados.

Águas de Merom

Veja Merom, Águas de.

Águas, Portão das

Um dos portões principais no lado leste de Jerusalém. Foi reconstruído durante os dias de Neemias e serviu como local para a leitura da lei por Esdras ([Ne 3.26; 8.3,16; 12.37](#)).

Águia

Uma grande ave de rapina do gênero *Aquila*. Na Bíblia, as pessoas frequentemente confundiam águias com abutres, tornando difícil saber a qual ave se referem. As águias têm cabeças emplumadas, ao contrário dos abutres, mas de longe podem parecer semelhantes.

A palavra hebraica traduzida como "água" significa "rasgar com o bico". Pode ter se referido a todas as grandes aves de rapina, incluindo tanto águias quanto abutres. Alguns versículos que dizem "água" podem, na verdade, significar abutre-grifo ([Os 8.1](#)). Outros versículos provavelmente se referem a uma verdadeira águia.

A Terra Santa possui vários tipos de águias, incluindo a águia imperial (*Aquila heliaca*) e a menos comum águia dourada (*Aquila chrysaetos*). As águias são aves fortes com asas largas, movendo-se com graça e poder. Seus bicos curvados são eficazes para rasgar e matar presas.

Suas pernas curtas e fortes, junto com garras afiadas, podem segurar a presa com muita firmeza. As águias caçam durante o dia.

Águias na Bíblia

Na Bíblia, a águia é uma imagem de velocidade. A águia dourada pode voar de 5 a 7 quilômetros em 10 minutos. Isso pode explicar comparações em [2 Samuel 1.23](#); [Jeremias 4.13; 49.22](#); e [Lamentações 4.19](#). Moisés comparou um ataque inimigo ao golpe repentino de uma águia ([Dt 28.49](#)). Provérbios compara o voo alto da águia à ambição humana ([Pv 23.4-5](#); cp. [Ap 12.14](#)).

Águias também eram símbolos de nações poderosas. Ezequiel comparou o Rei Nabucodonosor a uma águia ([Ez 17.3](#)). Na arte babilônica e assíria, uma águia frequentemente tinha o corpo de um homem e a cabeça de um pássaro. Em [Daniel 4.33](#), o cabelo de Nabucodonosor tornou-se como penas de águia e suas unhas eram como garras de pássaro durante seu período de loucura.

Águias constroem ninhos em penhascos altos ou em árvores altas ([Jr 49.16](#); cp. [Jó 39.27-28](#); [Ob 1.4](#)). A fêmea põe dois ou, às vezes, três ovos. Somente a fêmea choca os ovos, mas ambos os pais alimentam os filhotes. Águias cuidam de seus filhotes e os ensinam a voar. Algumas pessoas pensam que [Êxodo 19.4](#) e [Deuterônomo 32.11](#) descrevem uma águia carregando seus filhotes nas asas. No entanto, há poucas evidências de que as águias façam isso.

Algumas águias em cativeiro viveram mais de 100 anos. Isso pode ser o motivo pelo qual [Salmo 103.5](#) fala da águia cuja juventude é renovada. Os escritores da Bíblia frequentemente demonstravam admiração pelo poder da águia ([Jó 39.27-30](#); [Pv 30.18-19](#)). A águia também aparece em visões, como a criatura viva de Ezequiel com rosto de águia ([Ez 1.10](#)) e a visão de João de uma águia voadora ([Ap 4.7](#)).

Veja também Aves; Abutres.

Águia-marinha

Grande ave predadora, às vezes confundida com o urubu, considerada impura ([Lv 11.13](#); [Dt 14.12](#), NTLH). *Veja Aves (Urubu).*

Aguilhão

Vara pontiaguda, às vezes com ponta de metal, usada para conduzir ou guiar o gado, especialmente bois na aragem.

Agulha

Objeto usado na lição de Jesus sobre o homem rico e entrada no reino de Deus. Após sua conversa com o jovem governante rico, Jesus disse aos seus discípulos que "é mais difícil um rico entrar no Reino de Deus do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha". ([Mt 19.24](#), NTLH; [Mc 10.25](#); [Lc 18.25](#)). Jesus não estava condenando as riquezas ou prosperidade, mas sim a mudança da vontade e falsa segurança que eles podem gerar, como foi o caso do jovem governante rico (cf. [Mt 19.21-22](#); [Mc 10.21-22](#); [Lc 18.22-23](#)). A entrada no reino de Deus é um ato de Deus, não do homem. Usando o maior animal terrestre na Palestina, Jesus fez paralelo com a absurdo de um camelo passar pelo buraco de uma agulha com a tentativa de um homem rico de usar sua posição e bens para ganhar entrada no céu. Uma expressão semelhante é encontrada na literatura rabínica, onde o elefante é retratado como passando pelo buraco de uma agulha.

Agur

Filho de Jaque. Embora não fosse israelita, ele escreveu ou coletou os provérbios em [Provérbios 30](#). Agur era de Massá ([Pv 30.1](#)), uma área do norte da Arábia que foi colonizada por um filho de Ismael ([Gn 25.14](#); [1Cr 1.30](#)).

Veja Provérbios, Livro de.

Ai

Uma cidade cananeia que existia antes do tempo de Abraão ([Gn 12.8](#); [13.3](#)). "Ai" significa "ruína", o que pode indicar que era um lugar importante ou notável em ruínas. Quando Abraão viajou pela área, o povo de Ai e outras cidades cananeias (Siquém, Betel, Jerusalém) não o impediram. Talvez Abraão tenha conversado com seus reis e mostrado que vinha em paz. Ou talvez Abraão tivesse tantas pessoas com ele que os cananeus ficaram com medo de enfrentá-lo.

Mais tarde, quando Josué liderou os israelitas em Canaã, eles atacaram Ai. Foi a segunda cidade contra a qual lutaram. Na primeira vez que atacaram, eles perderam. Isso aconteceu porque um soldado israelita chamado Acã havia desobedecido a Deus ao pegar coisas de Jericó. Depois de lidar com Acã, os israelitas atacaram Ai novamente e venceram ([Js 7.1-8.2](#)). Josué capturou o rei de Ai, matou-o e queimou a cidade ([Js 10.1](#)).

As pessoas reconstruíram e viveram em Ai novamente durante o tempo dos reis Saul, Davi e Salomão. A cidade parece ter tido nomes diferentes em épocas distintas:

- Aia, uma aldeia de Efraim ([1Cr 7.28](#))
- Aiate, uma vila que os exércitos assírios atravessaram a caminho de Jerusalém ([Js 10.28](#))
- Aia, uma aldeia onde pessoas da tribo de Benjamim viveram após retornarem do exílio ([Ne 11.31](#))

Veja também Conquista e distribuição da terra; Josué, Livro de.

Ai

Cidade cananeia em [Gênesis 12.8](#) e [13.3](#). Veja Ai.

Aí

111.O filho de Abdiel, um líder de clã na tribo de Gade ([1Cr 5.15](#)).

112.O irmão de Semer é um membro da tribo de Aser ([1Cr 7.34](#)). No entanto, neste versículo, "Ai" provavelmente não é um nome e deve ser traduzido como "irmão", como na maioria das traduções modernas.

Aia

Um nome alternativo para Ai, a cidade Cananeia, em [Neemias 11.31](#).

Veja: Ai.

Aiã

Um dos quatro filhos de Semida da tribo de Naftali ([1Cr 7.19](#)).

Aia, Aiá

Uma cidade pertencente à tribo de Efraim mencionada em [1 Crônicas 7.28](#). Aia é outro nome para Gaza, mas diferente da Gaza dos filisteus. Alguns estudiosos acreditam que a Aia listada em [Neemias 11.31](#) refere-se a Aia ou Ai, possivelmente uma cidade vizinha. Muitos identificam Aiate de [Isaías 10.28](#) com Aia. É a moderna Khirbet Haiyan.

Aião

O filho de Sarar é um guerreiro entre os poderosos de Davi, que eram conhecidos como "os trinta" ([2Sm 23.33](#)).

Aías

113.O filho de Aitube, que era sacerdote em Siló. Ele cuidou da Arca da Aliança em Gibeá durante a última batalha de Saul ([1Sm 14.3.18](#)). Ele pode ser a mesma pessoa que Aimeleque ou estar relacionado a ele ([1Sm 21.1-9; 22.9-20](#)).

114.Um dos secretários do Rei Salomão ([1Rs 4.3](#)).

115.Um profeta em Siló disse ao oficial do rei Salomão, Jeroboão, que as 10 tribos do norte se rebelariam. Antes de Salomão morrer, o silonita rasgou seu manto em 12 pedaços. Ele deu a Jeroboão 10 pedaços, dizendo que Deus tiraria 10 tribos de Salomão e as daria a Jeroboão ([1Rs 11.29-39; 2Cr 10.15](#)).

Mais tarde, quando Jeroboão foi infiel à religião de Israel, ele enviou sua esposa para consultar o silonita sobre seu filho doente ([1Rs 14.1-5](#)). Mesmo sendo velho e cego, o silonita previu tanto a morte da criança quanto a queda de Jeroboão e sua família ([1Rs 14.6-17; 15.28-30](#)). “A profecia de Aías, o

silonita” foi uma fonte para escritos sobre a vida de Salomão ([2Cr 9.29](#)).

116.O pai do Rei Baasa do reino do norte de Israel ([1Rs 15.27-28.33; 21.22; 2Rs 9.9](#)).

117.O filho de Jerameel da tribo de Judá ([1Cr 2.25](#)).

118.Filho de Eúde ([1Cr 8.7](#)). No entanto, o hebraico é difícil de traduzir. Algumas traduções em inglês chamam Silonita de um dos filhos de Eúde, enquanto outras chamam Silonita de aquele que levou os filhos de Eúde, Uzá e Aiúde, para o exílio.

119.Um guerreiro entre os valentes de Davi que eram conhecidos como "os trinta" ([1Cr 11.36](#)). Ele também é chamado de Eliã, filho de Aitofel ([2Sm 23.34](#)).

120.Um levita que estava encarregado do Tesouro do templo do Rei Davi ([1Cr 26.20](#)).

121.Um ancestral do profeta Esdras ([2Ed 1.2](#)).

122.Um líder político que assinou a promessa de Esdras de ser fiel a Deus com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.26](#)).

Aías

123.O filho de Zibeão, que era um horita descendente de Seir. Aías está mencionado na lista de ancestrais de Esaú ([Gn 36.24; 1Cr 1.35-40](#)).

124.O pai (ou possivelmente a mãe) da concubina de Saul, Rispa ([2Sm 3.7; 21.8-11](#)).

Aías

Forma alternativa na NTLH para o nome Aiá, um filho de Zibeão ([Gn 36.24](#)).

Veja Aías #1.

Aiate

Um nome alternativo para Ai, a cidade Cananeia ([Is 10.28](#)).

Veja: Ai.

Aicã, Aicão, Aicam

Três grafias diferentes para se referir à mesma pessoa. O filho de Safã, um oficial da corte do Rei Josias de Judá ([2Rs 22.12](#)).

Aicã foi uma das pessoas enviadas à profetisa Hulda para consultar sobre o Livro da Lei ([2Rs 22.14-20](#)). Mais tarde, sob o reinado do Rei Jeoacim, Aicã salvou o profeta Jeremias de ser morto ([Jr 26.24](#)). O filho de Aicã, Gedalias, tornou-se governador de Judá após Nabucodonosor destruir Jerusalém e levar a maioria de seus cidadãos para Babilônia em 586 a.C. ([2Rs 25.22](#); [Jr 39.14](#); [40.5-16](#); [41.1-18](#); [43.6](#)).

Aiezer

125. Filho de Amisadai. Ele era um líder da tribo de Dã quando Israel estava vagando no deserto do Sinai após escapar do Egito. Como líder de sua tribo, ele trouxe um presente especial quando o Tabernáculo foi consagrado para uso sagrado ([Nm 1.12](#); [2.25](#); [7.66.71](#); [10.25](#)).

126. Filho de Semaá. Um líder dos guerreiros da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em Ziclague quando ele estava em conflito com o Rei Saul. Aiezer e seus homens podiam usar qualquer mão ao manejar um arco ou funda ([1Cr 12.2-3](#)).

Aijalom

127. Uma cidade localizada em um vale a 24 quilômetro) a noroeste de Jerusalém, atualmente conhecida como Yalo.

Foi originalmente dada à tribo de Dã ([Is 19.42](#)). Aijalom foi designada como uma das quatro cidades em Dã para os levitas ([Is 21.24](#)). Mais tarde, tornou-se uma cidade de refúgio na tribo de Efraim ([1Cr 6.69](#)). Dã havia se mudado para o norte, sendo incapaz de manter seu território original, incluindo Aijalom ([Jz 1.34-36](#)). Perto de Aijalom, Saul e Jônatas venceram uma batalha contra os filisteus ([1Sm 14.31](#)). Pessoas da tribo de Benjamim também viveram lá em um determinado momento ([1Cr 8.13](#)).

Após a morte de Salomão, Israel se dividiu em dois reinos. O rei Roboão fortaleceu Aijalom, pois estava na fronteira dos dois reinos ([2Cr 11.10](#)). O faraó egípcio Sisaque afirmou ter conquistado Aijalom por volta de 924 a.C. ([2Cr 12.2-12](#)). Muito mais tarde, os filisteus tomaram Aijalom durante o reinado de Acaz ([2Cr 28.18](#)).

O vale de Aijalom é famoso por uma batalha onde Josué lutou para controlar Gibeão ([Is 10.12](#)). Durante essa batalha, Josué orou a Deus: “Ó sol, detenha-se sobre Gibeão, ó lua, sobre o Vale de Aijalom” ([Is 10.12](#)).

Veja: Cidades de refúgio; Cidades levíticas.

128.Uma cidade no território de Zebulom.

O local de sepultamento do juiz Elom ([Jz 12.12](#)).

Aijeleth Shahar

Uma frase em hebraico no título do [Salmo 22](#), traduzida como “Para a melodia de 'A Corça da Manhã'”. Pode ter sido uma melodia antiga bem conhecida que acompanhava o salmo.

Veja Música.

Ailude

O pai do historiador da corte Josafá. Josafá serviu tanto sob Davi quanto Salomão ([2Sm 8.16](#); [20.24](#); [1Rs 4.3](#); [1Cr 18.15](#)). Ailude provavelmente também foi o pai de Baana, um dos oficiais de impostos de Salomão ([1Rs 4.12](#)).

Aim

129.Uma cidade na fronteira leste de Canaã (a Terra Prometida), a nordeste do Mar da Galileia ([Nm 34.11](#)). O nome significa "poço" ou "fonte". Pode ser a moderna Khirbet 'Ayyun.

130.Uma cidade no território de Simeão. Muitos estudiosos acreditam que é a mesma que Rimom ([Js 19.7](#); cp. [Ne 11.29](#)). Isso implica que um copista cometeu um erro ao separar "Aim" ("En" - NTLH) de "Rimom."

Veja Rimom.

131.Um nome de lugar em [Josué 21.16](#). Isso se deve a um erro de cópia porque as palavras hebraicas para "Aim" e "Asã" são semelhantes. O nome correto é Asã (cp. [1Cr 6.59](#)).

Veja Asã.

Aimã

132.Um dos três filhos de Anaque. Os aimanitas eram um dos clãs dos anaquins (uma raça de gigantes) que viviam em Hebron quando os 12 espiões israelitas reuniram informações sobre a terra de Canaã ([Nm 13.22](#); [Js 15.13-14](#); [Jz 1.10](#)).

133.Um levita que trabalhava como porteiro em Jerusalém ([1Cr 9.17](#)). Isso ocorreu após o período em que muitos judeus foram forçados a viver longe de sua terra natal e depois foram autorizados a retornar.

Aimaás

134.O pai de Ainoã, a esposa do Rei Saul ([1Sm 14.50](#)).

135.O filho do sumo sacerdote Zadoque e pai de Azarias ([1Cr 6.8-9,53](#)). Aimaás foi leal ao Rei Davi durante a rebelião de Absalão. Ele e Jônatas, filho do sacerdote Abiatar, compartilharam informações com o Rei Davi. Notícias sobre os movimentos de Absalão foram enviadas de Zadoque e Abiatar em Jerusalém para Aimaás e Jônatas em En-Rogel e depois levadas a Davi ([2Sm 15.27-29](#); [17.15-23](#)). Aimaás era provavelmente conhecido como um corredor rápido. Ele superou o mensageiro oficial, enviando notícias a Davi sobre a derrota de Absalão ([2Sm 18.19-33](#)).

136.Um dos 12 oficiais encarregados de obter comida para a casa de Salomão. Aimaás era da tribo de Naftali. Ele se casou com Basemate, uma das filhas de Salomão ([1Rs 4.15](#)).

Aimeleque

137.Um sacerdote em Nobe ajudou Davi quando ele estava fugindo de Saul ([1Sm 21.1-9](#)). Quando Davi pediu comida, tudo o que ele tinha era o pão sagrado do tabernáculo (Jesus falou sobre isso em [Mt 12.1-8](#)). Doegue, o edomita, contou a Saul o que viu, e Saul ordenou que Aimeleque fosse morto. Mas os guardas de Saul não queriam matar um sacerdote. Doegue matou Aimeleque e outros 84 sacerdotes, junto com suas famílias e animais ([1Sm 22.9-19](#)). Apenas Abiatar, filho de Aimeleque, escapou e foi até Davi em busca de proteção ([1Sm 22.20-23](#)). Davi escreveu o [Sl 52](#) sobre o que Doegue havia feito.

138.Um hitita que se juntou aos homens de combate de Davi durante sua fuga de Saul ([1Sm 26.6](#)).

139.O filho de Abiatar e neto de Aimeleque. Ele ajudou seu pai no sacerdócio sob o rei Davi ([2Sm 8.17](#); [1Cr 24.3.5.31](#); compare com [1Cr 18.16](#), onde algumas traduções o chamam de Abimeleque).

Aimote

Filho de Elcana, um levita da família de Coate ([1Cr 6.25](#)).

Ainadabe

O filho de Ido era um dos 12 oficiais encarregados de trazer comida para a casa do Rei Salomão. A casa de Ainadabe ficava em Maanaim ([1Rs 4.14](#)).

Ainoã

140.A filha de Aimaás e esposa do Rei Saul ([1Sm 14.50](#)).

141.Uma mulher jezreelita que se tornou esposa de Davi depois que Saul tomou de volta sua filha Mical e a casou com Palti ([1Sm 25.43-44](#)). Em Hebron, Ainoã tornou-se mãe do filho mais velho de Davi, Amnom ([2Sm 3.2](#); [1Cr 3.1](#)).

Aio

Este é o termo usado nas versões ARA e ARC para "guardião" em [Gálatas 3.24-25](#). Um aio é uma pessoa que ensina alunos, semelhante a um professor ou tutor (como na NVI). No contexto da Bíblia, o termo refere-se a uma figura que guia e instrui os alunos, ajudando-os a entender e seguir as regras até que estejam prontos para aprender por conta própria. Esta ideia simboliza como a lei serviu para preparar as pessoas para a vinda de Jesus. *Veja Tutor.*

Aiô

142.Filho de Abinadabe. Aiô e seu irmão Uzá conduziram o carro de bois que transportava a Arca da Aliança para sua nova casa em Jerusalém ([2Sm 6.3-4](#); [1Cr 13.7](#)).

143.Filho de Elpaal da tribo de Benjamim ([1Cr 8.14](#)).

144.O filho de Jeiel e sua esposa Maaca. Aiô era irmão ou tio de Quis, pai de Saul ([1Cr 8.31](#); [9.36-37](#)).

Aira

Filho de Enã. Ele era o líder da tribo de Naftali quando os israelitas estavam vagando no deserto após sua fuga do Egito. Como líder, ele apresentou a oferta de sua tribo quando o Tabernáculo foi separado para uso sagrado ([Nm 1.15](#); [2.29](#); [7.78.83](#); [10.27](#)).

Airão, Airamita

O terceiro filho de Benjamim. Ele foi o ancestral do clã dos Airamitas ([Nm 26.38](#); [1Cr 8.1](#), aqui chamado de "Aará"). Duas formas abreviadas de "Airão" em listas de ancestrais podem ser Eí ([Gn 46.21](#)) e Aer ([1Crônicas 7.12](#)).

Aisaar

Filho de Bilã. Ele era o chefe do subclã de Jediael, da tribo de Benjamim no tempo do Rei Davi ([1Cr 7.10](#)).

Aisamaque

O pai do artesão Aoliabe, da tribo de Dã. Aoliabe ajudou a construir o tabernáculo e tudo dentro dele ([Ex 31.6](#); [35.34](#); [38.23](#)).

Aisar

O supervisor responsável pelo palácio de Salomão ([1Rs 4.6](#)).

Aisora

Uma cidade foi avisada para se preparar para uma invasão por Holofernes, o general-chefe de Nabucodonosor ([Jt 4.4](#)). Muitas traduções antigas não incluem esta cidade e, em vez disso, mencionam Samaria, Jericó e, às vezes, Beth-Horon. Com base no contexto, Aisora provavelmente estava localizada ao norte-nordeste de Jerusalém.

Aitofel

O conselheiro de confiança do Rei Davi que mais tarde o traiu. Ele se juntou ao plano de Absalão para tomar o reino. As pessoas consideravam os conselhos de Aitofel muito sábios, quase como as palavras de Deus ([2Sm 16.23](#)).

Quando Davi soube que Aitofel o traiu e se juntou a Absalão, Davi orou: "Ó Senhor, por favor, transforma o conselho de Aitofel em tolice!" ([2Sm 15.31](#)). Aitofel aconselhou Absalão a tomar as concubinas de Davi ([2Sm 16.20-22](#)). Tomar as concubinas do rei era um ato público que declarava que o antigo rei havia sido substituído.

Como Davi ainda estava vivo, esse ato visava criar uma ruptura definitiva entre Davi e Absalão. Também cumpriu a profecia de Natã a Davi de que, porque Davi havia tomado a esposa de outro homem em segredo, suas próprias esposas seriam tiradas dele em público ([2Sm 12.7-12](#)).

O segundo plano de Aitofel era atacar Davi rapidamente com 12.000 soldados habilidosos ([2Sm 17.1-3](#)). No entanto, Absalão não seguiu esse conselho. Em vez disso, ele ouviu Husai, que estava secretamente trabalhando para Davi. Husai sugeriu um plano de ataque maior ([2Sm 17.4-14](#)). Seu discurso tinha o objetivo de fazer Absalão se sentir importante e dar mais tempo para Davi se preparar. Quando Aitofel viu que Absalão não seguiu seu conselho, ele voltou para sua cidade natal e se matou ([2Sm 17.23](#)).

Aitube

145. Um membro da linhagem sacerdotal do filho mais novo de Arão, Itamar. Aitube era descendente de Eli através do filho de Eli, Fineias, e pai de Silonita e Aimeleque, que foram sacerdotes durante o reinado de Saul ([1Sm 14.3; 22.9-12,20](#)).

146. Um membro da linha sacerdotal do terceiro filho de Arão, Eleazar. Aitube era neto de Meraiote, filho de Amarias e pai de Zadoque ([1Cr 6.4-7](#)). Zadoque foi um sumo sacerdote durante o reinado de Davi ([2Sm 8.17](#)).

147. Possivelmente o mesmo que #2 acima (escribas às vezes copiam nomes duas vezes), mas provavelmente outro membro da linha sacerdotal de Eleazar, sete gerações após #2 ([1Cr 6.11-12](#)). O pai de Aitube também se chamava Amarias, e seu filho ou neto era Zadoque ([1Cr 9.11; Ne 11.11](#)). Seu avô era Azarias. Aitube é listado como um ancestral de Esdras ([Ed 7.2; 1 Ed 8.2; 2Ed 1.1](#)).

Aiúde

148. O filho de Selomi, um líder da tribo de Aser. Aiúde ajudou Eleazar e Josué a dividir o território de Canaã entre os israelitas ([Nm 34.17,27](#)).

149. Algumas versões da Bíblia em português (NTLH, ARC) afirmam que Aiúde era um líder na tribo de Benjamim. Elas mencionam que seu pai era Gera, também chamado Heglam, que foi enviado para viver em Manaate ([1Cr 8.7](#)).

Porém, o texto hebraico (conhecido como Texto Massorético) indica que o pai de Aiúde era Eúde. Nesta versão, foi Gera quem forçou Aiúde e sua mãe a deixarem sua casa e irem para Manaate ([1Cr 8.6](#)).

Ajoelhado

Posição que muitas vezes denota adoração, respeito ou submissão. Um joelho forte implicava simbolicamente um homem com força de fé e propósito, e assim dobrar o joelho indicava submissão a um superior. O joelho era dobrado diante de um rei, um governante, um governador ou Deus. [Gênesis 41.43](#) descreve as pessoas que estavam se ajoelhando diante de Faraó e José. Ajoelhar-se em reverência diante do Senhor era comum ([Is 45.23](#); [Rm 14.11](#); [Fp 2.10](#)). Em um tempo de fome, quando os israelitas se afastaram do Senhor, aqueles que permaneceram fiéis foram descritos como “todos os joelhos que não se dobraram diante de Baal” ([1Rs 19.18](#), NTLH; veja [Rm 11.4](#)).

Joelhos firmes representavam força, então golpear esses joelhos representava a destruição do poder ([Dt 28.35](#)). Isaías suplicou ao Senhor pelo fortalecimento dos joelhos fracos ([Is 35.3](#)). As referências a joelhos fracos ou frágeis eram geralmente usadas para mostrar uma falta de firmeza de fé ([Jó 4.4](#); [Hb 12.12](#)), mas às vezes poderiam se referir à saúde debilitada ([Sl 109.24](#)). Ezequiel se referiu àqueles que tinham joelhos “fracos como água” ([Ez 7.17](#); [21.7](#)).

Ajoelhar-se diante do Senhor era uma postura que representava adoração ([Sl 95.6](#)) e também oração ([Dn 6.10](#)). O próprio Cristo se ajoelhou para orar no jardim do Getsêmani ([Lc 22.41](#)), e Pedro, Paulo e Estêvão fizeram o mesmo ([Atos 7.60](#); [9.40](#); [20.36](#); [21.5](#)). Salomão se ajoelhou em oração e súplica diante do Senhor ([1Rs 8.54](#)), e até mesmo em uma ocasião tinha uma plataforma construída para que ele pudesse subir e ser visto por toda a congregação de Israel se ajoelhando diante do Senhor ([2Cr 6.13](#)).

Alguns se ajoelharam em penitência, como Esdras fez no sacrifício do anoitecer ([Ed 9.5](#)) e como Pedro fez quando implorou ao perdão do Senhor por sua falta de fé e confiança ([Lc 5.8](#)). Aqueles que estavam implorando ao profeta Elias se ajoelharam diante dele como representante de Deus ([2Rs 1.13](#)), e muitos vieram de joelhos e implorando ao Senhor por cura ([Mt 17.14](#); [Mc 1.40](#)). Daniel se ajoelhou em admiração e temor diante de um anjo ([Dn 10.10](#)), e um sinal do medo de Beltesazar foi que “seus joelhos bateram um contra o outro” ([Dn 5.6](#)). No NT, um Cristo régio e paciente é submetido à zombaria e provocação dos soldados que se ajoelharam diante dele e gritaram sarcasticamente: “Viva o Rei dos judeus!” ([Mt 27.29](#); [Mc 15.19](#)).

Ajudar, Dom de

Veja Dons espirituais.

Akiba, Rabbi

Um líder judeu que foi importante por volta de 110–135 d.C. Akiba não cresceu em uma família rica e começou a se preparar para ser um estudioso quando tinha 40 anos. Após ganhar reconhecimento no estudo rabínico, ele ensinou em sua própria escola em Benê-Beraque, perto de Jaffa.

Entre 132 e 135 d.C., o povo judeu lutou contra os romanos que os governavam. Durante esse período, Akiba foi preso por ensinar as leis judaicas. Ele escolheu morrer por suas crenças em vez de parar de ensinar. Ele apoiou fortemente o líder revolucionário Bar-Kochba, considerando-o o Messias há muito esperado (o salvador prometido de Deus). O trabalho de Akiba como rabino pode ser dividido em três categorias:

- participação em discussões sobre quais livros deveriam ser incluídos nas Escrituras Judaicas;
- desenvolvimento de um método único para interpretar a Bíblia;
- incentivo a uma nova tradução grega altamente literal das Escrituras.

Discussões sobre as Escrituras Judaicas

Por volta de 90 d.C., discussões foram realizadas em Jabne ou Jâmnia sobre os livros a serem incluídos nas Escrituras Judaicas e aqueles a serem deixados de fora. Akiba estava presente nessas discussões. Eles debateram quais livros deveriam ser incluídos nas escrituras aceitas. Alguns questionavam se Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos deveriam ser incluídos. Eles estavam menos preocupados em adicionar novos livros.

Interpretando a Bíblia

Akiba tinha uma visão de interpretação bíblica que diferia de outros rabinos. Por exemplo, o Rabino Ismael sustentava que a linguagem das Escrituras deveria ser tratada como linguagem humana comum, seguindo a mesma gramática, significados das palavras e assim diante.

Em contraste, Akiba insistia que as Escrituras deviam ser interpretadas de uma maneira que não se aplicava à linguagem comum. A linguagem comum poderia permitir diferentes grafias da mesma palavra sem diferença de significado, e.g.. Se isso ocorresse nas Escrituras, Akiba acreditava que deveria haver alguma razão.

Uma nova tradução grega das Escrituras

Outras escolas de interpretação o acusaram de alterar o significado das palavras para adequá-las às suas próprias ideias, forçando suas próprias interpretações das Escrituras. Akiba incentivou um estudioso chamado Áquila a fazer uma tradução grega das Escrituras que representasse seus princípios de interpretação. A tradução de Áquila era, portanto, excessivamente literal. Ignorava os princípios padrão de gramática, por isso não se pode dizer que fosse um grego aceitável.

Veja: Talmud; Cânon da Bíblia.

Al-Taschith

Uma frase hebraica nos títulos dos [Salmos 57, 58, 59, e 75](#) é traduzida como "Não destruas!" Pode ser uma melodia antiga familiar à qual os salmos eram cantados.

Veja Música.

Alabastro

Uma pedra branca ou translúcida (transparente). Às vezes, possui linhas ou veios passando por ela. É frequentemente usada para fazer vasos e frascos.

Veja Minerais e metais; Pedras, Preciosas.

Alabe

Uma cidade Cananeia em Aser. Os israelitas não conseguiram remover seus habitantes durante a conquista de Canaã ([Iz 1.31](#)). Provavelmente é a mesma cidade que Maalabe em [Josué 19.29](#). É a atual Khirbet el-Malahib, perto de Tiro.

Veja: Maalabe.

Alai

150.Filha de Sesã, membro da tribo de Judá ([1Cr 2.31.34](#)). Em [1 Crônicas 2.31](#), Alai às vezes é chamado de filho.

151.Pai ou ancestral de Zabade. Zabade foi um dos homens valentes de Davi, conhecidos como "os trinta" ([1Cr 11.41](#)).

Alameleque

Uma cidade no território de Aser ([Js 19.26](#)).

Álamo

O álamo é uma árvore do gênero *Populus*. Essas árvores são conhecidas por suas folhas que tremem ou vibram mesmo com a brisa mais leve. Essa vibração ocorre porque as folhas têm caules achataados, permitindo que se movam facilmente quando o vento sopra através delas.

O álamo europeu (*Populus tremula*) e o álamo tremedor (*Populus tremuloides*) são os álamos mais conhecidos. Uma espécie relacionada, o choupo do Eufrates (*Populus euphratica*), cresce no Oriente Médio e pode ter sido familiar para as pessoas nos tempos bíblicos, especialmente em regiões próximas a fontes de água.

Veja também Plantas; Salgueiro.

Alamoth

Um termo hebraico no título do [Salmo 46](#) e também em [1 Crônicas 15.20](#).

Veja Música.

Alaúde

Instrumento musical semelhante a um violão, com cordas esticadas ao longo de um braço e sobre uma caixa de ressonância, geralmente dedilhado ou tocado com palheta. Veja Instrumentos musicais (saltério de dez cordas).

Alcaparreira

Uma planta rasteira e espalhada cujo fruto era usado para estimular o apetite. A alcparra (*Capparis sincola*) é um arbusto espinhoso e rastejante que cresce na região do Mediterrâneo.

A alcparra comum cresce abundantemente na Síria, Líbano, Israel e áreas circundantes, além dos vales montanhosos do Sinai. Às vezes, a planta cresce ereta, mas mais frequentemente se espalha pelo chão como uma videira, cobrindo rochas, ruínas e paredes antigas, semelhante à hera. Os botões de flores jovens, em conserva no vinagre, eram usados pelos antigos como condimento para carne. As bagas também eram utilizadas na culinária.

Álcimo

Um sumo sacerdote desleal durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento na história judaica. Ele era da família de Arão, mas não pertencia à linha correta de sumos sacerdotes. Por volta de 163 a.C., o rei sírio Demétrio I nomeou Álcimo como sumo sacerdote.

Álcimo favorecia a cultura grega, o que irritou os Macabeus que controlavam Jerusalém. Eles não o queriam como sumo sacerdote. Então, Álcimo pediu ao rei Demétrio que enviasse o General Báquides para controlar Judá.

Bacchides deixou Álcimo no comando, mas Judas Macabeu e seus irmãos lutaram contra aqueles que apoiavam Álcimo ([1Mc 7.1-24](#)). Álcimo pediu ajuda novamente. Demétrio enviou um exército liderado por Nicanor, mas os Macabeus os derrotaram ([1Mc 7.25-50](#)).

Então Demétrio enviou Báquides de volta com um exército mais forte. Desta vez, Judas Macabeu foi morto, e Álcimo tomou o controle de Jerusalém ([1Mc 9.1-53](#)). Ele "deu ordens para derrubar o muro do átrio interno do santuário," mas antes que pudesse terminar, ficou paralisado". Álcimo morreu naquela época em grande agonia" por volta de 161 a.C. ([1Mc 9.54-57](#)).

Veja também Período Macabeu.

Alegoria

Um método de interpretação (chamado "alegorização"), especialmente usado na

interpretação bíblica. A alegoria busca encontrar um significado moral, teológico e espiritual mais profundo por trás do texto. Acredita-se que esses significados estejam além das palavras simples do texto.

A alegoria começou entre os antigos gregos. Hesíodo e Homero, dois importantes escritores gregos, escreveram poesia épica (longos poemas sobre deuses e heróis). Sua poesia forneceu a base para a religião e a piedade. Esses escritos pareceram desatualizados à medida que a compreensão da vida e do universo se desenvolvia. Eventualmente, elementos históricos, geográficos, culturais e sociais perderam seu significado. Os intérpretes procuraram maneiras de preservar essas tradições. Eles olharam além dessas características literárias para encontrar verdades e valores duradouros.

Na tradição judaica de língua grega, o melhor exemplo de alegorista é Filo de Alexandria. Filo viveu durante o primeiro século. Ele usou a alegoria para tornar o Antigo Testamento relevante no mundo greco-romano. Mais tarde, um grupo de intérpretes cristãos em Alexandria também utilizou a alegoria. Esse era o principal método deles para lidar tanto com o Antigo Testamento quanto com o Novo Testamento.

Diferentes tipos de alegoria tornaram-se a principal forma de entender textos religiosos durante a Idade Média (um período de cerca de 500–1500 d.C.). Muitos grupos protestantes e católicos romanos ainda consideram a alegoria útil hoje. Frequentemente, as pessoas que utilizam alegoria estão focadas na fé pessoal e nas experiências espirituais.

Alegorizar é uma forma pessoal de interpretar textos. Cada pessoa que utiliza a alegoria pode fazê-lo de maneira diferente. Para os alegoristas, o significado literal de um texto é irrelevante ou menos importante. A alegoria distingue o verdadeiro significado dos detalhes literais e históricos.

Em aplicações mais avançadas de alegoria, os significados externos e óbvios são irrelevantes. Não importa se um evento é histórico ou não. As intenções do autor não determinam o significado "verdadeiro" ou "espiritual" de uma passagem bíblica.

A alegoria utiliza os detalhes de uma obra como pistas que indicam significados espirituais. Os alegoristas empregam dispositivos que

estabelecem conexões arbitrárias entre eventos antigos e contemporâneos.

A alegoria cria significado a partir das raízes das palavras e também pela possível relação entre palavras e sons semelhantes. Ela enfatiza preposições e atribui significado simbólico a partes individuais, como pessoas, lugares, coisas, números e cores, entre outros detalhes. Pode alegar descobrir verdades ocultas nas formas das letras.

A igreja cristã tem usado alegoria há muito tempo. O apóstolo Paulo a utiliza em [Gálatas 4.24.26](#). No entanto, a alegoria apresenta problemas que não podem ser facilmente dissociados deste método de interpretação. Os reformadores protestantes Martinho Lutero e João Calvino rejeitaram a alegoria porque não acreditavam que fosse um método válido de interpretar as Escrituras.

A alegoria apresenta dois problemas sérios:

152. A alegoria distingue o significado do texto do significado literal.

153. A alegoria não consegue determinar qual significado está correto quando as pessoas encontram diferentes mensagens ocultas no mesmo texto.

A alegoria não possui regras ou diretrizes claras a serem seguidas. Os intérpretes correm o risco de inserir suas próprias ideias na Bíblia, em vez de compreender a mensagem mais evidente das Escrituras.

Veja também Helenismo; Filo, o Judeu.

Alegria

A condição humana positiva que é tanto um sentimento quanto uma ação. A Bíblia utiliza "alegria" em ambos os sentidos.

Alegria como um sentimento

A alegria é um sentimento causado pelo bem-estar, sucesso ou boa sorte. Uma pessoa a experimenta automaticamente devido a certas circunstâncias favoráveis. Não pode ser controlada.

- O pastor sentiu uma alegria genuína quando encontrou sua ovelha perdida ([Mt 18.13](#));
- A multidão percebeu isso quando Jesus curou uma mulher judia que estava presa por Satanás por 18 anos ([Lc 13.17](#));
- Os discípulos retornaram a Jerusalém regozijando-se após a ascensão de Jesus (retorno ao céu) ([Lc 24.52](#));
- A igreja em Antioquia ficou alegre quando seus membros ouviram a decisão do Concílio de Jerusalém de que eles não precisavam ser circuncidados para obedecer à lei de Deus ([At 15.31](#));
- Paulo mencionou sua alegria ao ouvir sobre como os cristãos romanos eram obedientes ([Rm 16.19](#));
- Paulo escreveu aos Coríntios que o amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade ([1Co 13.6](#); veja também [1Sm 2.1](#); [11.9](#); [18.6](#); [2Sm 6.12](#); [1Rs 1.40](#); [Et 9.17-22](#)).

[Salmos 137.1-6](#) mostra que a emoção não pode ser controlada. Os captores do povo judeu queriam que eles cantassem na terra do seu exílio, algo que eles não conseguiam fazer porque Jerusalém era a fonte de sua alegria.

Alegria como uma ação

Há uma alegria que as Escrituras ordenam. Essa alegria é uma ação que pode ser praticada independentemente de como a pessoa se sente. [Provérbios 5.18](#) instrui o leitor a alegrar-se com a esposa da sua juventude, sem referência a como ela possa ser. Cristo instruiu seus discípulos a se alegrarem na perseguição ([Mt 5.11-12](#)). O apóstolo Paulo ordenou alegria constante ([Fp 4.4](#); [1Ts 5.16](#)). Tiago disse que os cristãos devem considerar as provações como alegria porque tais provações desenvolvem a perseverança ([Tg 1.2](#)). Alegria em tempos difíceis só é possível porque é um fruto do Espírito Santo, que está presente em todo cristão ([Gl 5.22](#)).

Consulte também Fruto do Espírito.

Aleluia

Uma frase cristã importante frequentemente utilizada na adoração e liturgia da igreja primitiva.

“Aleluia” é uma palavra hebraica que significa “Louvai o Senhor”. A palavra hebraica foi transliterada (soletrada) usando letras gregas e, depois, com letras do português. É usada como um chamado ao louvor. O povo judeu, desde antes de Cristo, já usava o termo na sinagoga. “Aleluia”, segundo a tradição, era escrita como uma só palavra, exceto em [Salmo 135.3](#). No Antigo Testamento, é encontrada apenas nos Salmos, onde ocorre 23 vezes, e pela primeira vez em [Salmo 104.35](#). [Salmos 111](#) a [113](#) começam com “Aleluia”; [Salmos 115](#) a [117](#) terminam com “Aleluia”; e [Salmos 146](#) a [150](#) começam e terminam com ela.

Na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) versão de [Salmos 113-118](#), todos os salmos são intitulados “Aleluia”. A igreja adotou a forma “Aleluia” da Vulgata (a tradução latina da Bíblia). “Amém” e “Aleluia”, duas palavras hebraicas que foram adotadas para uso litúrgico, passaram do Antigo Testamento para o Novo Testamento e finalmente para a igreja. Em algumas traduções, o termo é traduzido como “Louvai ao Senhor” ou “Louvem o Senhor”.

No culto judaico, [os Salmos 113-118](#), chamados de Hallel ou Hino de Louvor, são cantados nas festas de Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Durante a Páscoa, [os Salmos 113](#) e [114](#) são cantados em casa antes da refeição, e [os Salmos 115-118](#) são cantados depois dela. [Mateus 26.30](#) e [Marcos 14.26](#) referem-se [aos Salmos 115-118](#) como “hino” quando são cantados por Jesus e seus discípulos na Santa Ceia.

“Aleluia” aparece apenas no Novo Testamento em [Apocalipse 19.1-6](#). É cantado pelos santos no céu. Desde cedo, foi adotado na liturgia da igreja. Tornou-se a expressão mais comum de alegria, sendo cantada na Páscoa, como menciona Agostinho. A igreja escolheu [Salmos 113, 114](#) e [118](#) do Hallel hebraico para serem cantados no dia da Páscoa, conectando a Páscoa com a Páscoa judaica.

Consulte também Hallel.

Alemete (Lugar)

Uma cidade dada aos levitas (sacerdotes) no território da tribo de Benjamim ([1Cr 6.60](#)). Também é chamada de Almom em [Josué 21.18](#).

Está localizada na atual Khirbet ‘Almit, cerca de 8 quilômetros a nordeste de Jerusalém.

Veja Cidades levíticas.

Alemete (Pessoa)

154. Filho de Bequer da tribo de Benjamim ([1Cr 7.8](#)).

155. Filho de Jeoada ([1Cr 8.36](#)) ou Jaerá ([1Cr 9.42](#)) e descendente do rei Saul.

Alexandra

A esposa do primeiro rei hasmoneu, Aristóbulo, que governou de 104–103 a.C., após sua morte, casou-se com seu irmão Alexandre Janneu, que foi rei de 103–76 a.C. O casamento deles provavelmente foi um casamento “levirato” (um costume judaico onde um homem se casa com a viúva de seu irmão falecido em determinadas circunstâncias).

Quando Janneu morreu, Salomé Alexandra tornou-se rainha conforme o testamento de Alexandre Janneu. Ela foi a única mulher judia a governar como rainha em Judá, além da usurpadora Atalia, que foi rainha de 841–835 a.C.

Antes de morrer, Jannaeus disse a ela para fazer as pazess com os fariseus (um grupo religioso judeu) que haviam lutado contra ele. Salomé seguiu esse conselho. Ajudou o fato de que seu irmão, Simão Ben Shetach, era um líder fariseu conhecido.

Salomé Alexandra governou por quase 10 anos, de 76–67 a.C. Foi um período pacífico durante o qual os fariseus ganharam poder significativo. Os fariseus foram autorizados a se juntar ao Sinédrio (o mais alto conselho judaico) pela primeira vez. Na época de Cristo, os fariseus haviam se tornado quase tão poderosos quanto os saduceus no Sinédrio.

Veja Hasmoneu.

Alexandre

1. O conquistador macedônio, Alexandre, o Grande (356–323 a.C.), cuja vida influenciou a história e a cultura por mais de dois milênios, até os dias atuais. Ele foi um brilhante organizador e estrategista militar, mas sua maior conquista foi a Helenização

do império que conquistou. Essa influência cultural grega foi um elemento unificador entre muitos povos diversos.

A introdução da língua grega em todo esse império também teve efeitos de longo alcance. O AT foi traduzido para o grego em Alexandria, Egito, e os livros do NT foram escritos nessa língua. Os primeiros missionários cristãos eram bilíngues, de modo que era possível levar o evangelho "primeiramente aos judeus e também aos gregos" ([Rom 1.16](#)).

Alexandre era filho de um pai ilustre, Filipe II da Macedônia. Um líder militar experiente em sua adolescência, Alexandre sucedeu ao trono aos 20 anos após o assassinato de seu pai. Depois de reprimir as rebeliões que eclodiram na morte de seu pai, Alexandre cruzou o Dardanelos e conquistou a Ásia Menor. Em 333 a.C., ele encontrou e derrotou o exército persa renomado de Dario III em Issus, em uma batalha que teve uma significância histórica duradoura. Descendo pela costa do Mediterrâneo, ele capturou Sidon, Tiro e Gaza. Chegando ao Egito em 332 a.C., ele foi aclamado pelo oráculo de Amon em Siwa como o faraó divino. Ele fundou Alexandria, uma das mais de 60 cidades que estabeleceu com esse nome, e então avançou para o Leste. Em Arbela (331 a.C.), ele novamente derrotou os persas. Quando chegou à Pérsia, ele tomou as cidades de Susa, Persépolis e Ecbatana. Ele avançou para o leste até chegar ao rio Indo; aqui, com suas tropas exaustas e ameaçando se amotinar, ele voltou para o Oeste. Ele morreu em Babilônia em 323 a.C., vítima de febre, exaustão e dissipação, e mestre de um império que se estendia do Danúbio ao Indo e ao sul até o Nilo Egípcio.

Ver também Grécia, Grego; Helenismo; Helenistas; Judaísmo; Alexandria.

2. Irmão de Rufus e filho de Simão de Cirene, o homem que passava no momento em que Jesus estava sendo levado ao Gólgota e a quem os soldados romanos obrigaram a carregar a cruz ([Mc 15.21](#)).

3. Um membro da família sacerdotal juntamente com Caifás, Anás o sumo sacerdote, e João ([Atos 4.6](#)). Foi esse grupo que convocou Pedro e João para comparecerem diante deles para dar conta da cura do homem coxo à Porta Formosa do templo ([Atos 3](#)).

4. Efésio que foi apresentado pelos judeus para servir como porta-voz deles quando o ourives Demétrio incitou os efésios à revolta ([Atos 19.33](#)). A pregação do evangelho por Paulo e seus

companheiros resultou na conversão de muitas pessoas, que abandonaram a adoração à deusa Ártemis (Diana) e assim reduziram a renda dos ourives, cuja receita derivava da fabricação de imagens desta divindade ([Atos 19.23-41](#)).

5. Aquele que, com Himeneu, foi mencionado como tendo naufragado na sua fé por causa da rejeição da consciência ([1Tm 1.20](#)). Paulo afirma que ele os tinha "entregue a Satanás para que aprendessem a não blasfemar contra Deus".

6. Ferreiro ([2Tm 4.14](#)). Paulo adverte Timóteo a tomar cuidado com este homem, que causou muito mal a Paulo e se opôs fortemente à mensagem do evangelho. Alguns estudiosos pensam que este Alexandre é o mesmo Alexandre de [1 Timóteo 1.20](#) (#5 acima).

Alexandre (Balas) Epifânio

Um homem que falsamente afirmou ser filho de Antíoco IV Epifânio, um rei sírio. Ele chegou à cidade de Ptolemaida em 152 a.C. A partir de 150 a.C., ele começou a afirmar que era o rei legítimo.

Alexandre pediu ajuda a Jônatas Macabeu. Em troca, ele nomeou Jônatas como sumo sacerdote. Alexandre então lutou e derrotou o rei sírio Demétrio I.

Para fortalecer sua posição, Alexandre casou-se com a filha de Ptolemeu VI, rei do Egito. No entanto, em 147 a.C., Demétrio II desafiou Alexandre, e Alexandre foi derrotado em 145 a.C. ([1Mc 10-11](#)).

Alexandre Janeu (Janaeus)

Um líder judeu que governou durante o período de controle da família hasmoneu sobre a Judeia.

Veja Hasmoneu.

Alexandria

Uma cidade egípcia estabelecida por Alexandre, o Grande, em 331 a.C.

Alexandria foi a capital do Egito durante os períodos helenístico e romano. Ao lado de Roma, Alexandria era a cidade mais importante do mundo antigo. Alexandre construiu a cidade na extremidade oeste do delta do Rio Nilo, em uma

península entre o continente do Egito e o Mar Mediterrâneo.

Seu porto era protegido pela ilha de Pharos. Pharos foi o local de um enorme farol (o Farol de Alexandria). Era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Pharos tinha a forma da parte superior da letra "T" em inglês. O tronco do "T" era uma estrutura longa e estreita construída a partir da península em direção à água. Esta estrutura (um quebra-mar) protegia o antigo porto, que ficava em ambos os lados do "T".

Alexandre construiu a cidade para fornecer uma base militar, instalações portuárias e um centro comercial. Com esses recursos, ele poderia controlar o Egito e o Oriente. A cidade foi planejada em um padrão de grade, com duas ruas arborizadas, de cerca de 61 metros de largura, que se cruzavam no meio. Era dividida em três distritos. Os judeus viviam no nordeste. Os egípcios viviam no oeste. Os gregos viviam ao sul.

Alexandria era famosa na antiguidade por sua arquitetura. Era conhecido pelo farol, o Museu, o mausoléu de Alexandre, o Serapeu e os edifícios comerciais. O Museu foi a maior biblioteca e centro de aprendizado da era helenística. Um dos generais de Alexandre, Ptolemeu, construiu o mausoléu (um grande túmulo) de Alexandre. O Serapeu era um templo dedicado ao deus grego Pã. De acordo com o geógrafo Estrabão, o Serapeu tinha a forma de um cone de pinheiro (redondo como um ovo com uma ponta no topo).

As evidências arqueológicas dessas estruturas da cidade antiga são raras. Um terremoto danificou o farol em 796 d.C. Foi destruído cerca de 500 anos depois. Apenas um suporte de rolo e uma estátua foram encontrados no Museu.

Alexandria desempenhou um papel fundamental na história do mundo greco-romano. Alexandre, o Grande, morreu em 323 a.C. Após sua morte, o Egito caiu nas mãos de Ptolemeu, cuja família governou até Cleópatra. Após Alexandre destruir a cidade de Tiro, Alexandria tornou-se o centro de comércio entre o mundo grego e o Oriente, assim como o centro do Egito. O romance de Júlio César com Cleópatra levou ao fim do governo da família de Ptolemeu.

O Museu de Alexandria não era como os museus de hoje. Na verdade, era uma universidade e biblioteca. O Museu foi fundado por Ptolemeu Filadelfo. Isso fez de Alexandria o lugar mais importante para o aprendizado no mundo grego. O Museu focava em estudar gramática, analisar

literatura e preservar textos importantes. Antes de ser parcialmente destruída pelos egípcios e pelas forças de Júlio César em 47 a.C., ela supostamente tinha 700.000 obras escritas, incluindo textos cuidadosamente editados dos clássicos gregos (escritos gregos populares). No final dos períodos helenístico e romano, o Museu começou a se concentrar nas novas ciências. Um exemplo desse novo foco científico foi um grande farol que eles construíram. Este podia ser visto pelo uso inteligente de espelhos a 32 quilômetros no mar.

Desde o início, Alexandria tinha uma grande população judaica. Com o apoio dos Ptolomeus, estudiosos judeus produziram a tradução grega do Antigo Testamento conhecida como a Septuaginta. A tensão étnica na cidade aumentou à medida que a população judaica cresceu e prosperou. Em 42 d.C., a tensão explodiu em tumultos pelos gregos e na expulsão dos judeus das seções gentias nas quais eles haviam se espalhado. O sucesso comercial dos judeus, particularmente no comércio de trigo, levou a uma hostilidade intensificada contra o povo judeu.

Há apenas algumas referências a Alexandria nas Escrituras:

- Estevão, que se tornou o primeiro mártir cristão, debateu com "Alexandrinos" em Jerusalém sobre Jesus como o Messias ([Atos 6.9](#)). Algumas traduções identificam os Alexandrinos como "Judeus de Alexandria."
- Apolo, que era natural de Alexandria ([Atos 18.24](#)), foi descrito como "um homem eloquente, bem versado nas escrituras."
- O apóstolo Paulo fez sua viagem marítima para Roma a bordo de dois navios Alexandrinos ([Atos 27.6](#); [28.11](#)).

A ênfase mais antiga nos estudos bíblicos em Alexandria era Gnóstica. Esta ênfase começou com um professor chamado Basílides e continuou com seu filho Isidoro.

Mais tarde, desenvolveu-se uma escola alegorizante. O método alegórico tentava encontrar verdades espirituais em cada detalhe da Bíblia, mesmo em partes que podem parecer sem importância à primeira vista. Teve apoio regular de

patrocinadores ricos e um currículo organizado. Clemente e Orígenes são os nomes mais frequentemente associados a esta escola. O ensino enfatizou três níveis de significado nas Escrituras: histórico, ético e espiritual.

O arianismo era uma crença no cristianismo primitivo que mais tarde foi considerada heresia pela igreja. Foi desenvolvido em Alexandria, uma importante cidade do antigo Egito, por um homem chamado Ário, presbítero de Alexandria. Esta escola de pensamento disse que Cristo não era eterno. O arianismo argumentava que, como Cristo foi gerado, ele, portanto, teve um começo.

O principal oponente do Arianismo foi Atanásio, que também era de Alexandria. Atanásio desempenhou um papel crucial na defesa da compreensão da igreja primitiva sobre quem é Jesus e como ele se relaciona com Deus Pai. Foi principalmente através dos esforços de Atanásio que esse ensino errado perdeu seu poder e influência no século IV, e o Símbolo de Niceia (uma declaração de crença cristã) foi confirmado no Concílio de Constantinopla em 381 d.C.

Veja também Alexandre #1; Helenismo; Filo, o judeu; Helenistas.

Alexandrino, Códice

Um dos três “códices” mais importantes, ou livros encadernados, contendo cópias antigas de toda a Bíblia em grego. Os outros dois códices mais importantes são o Códice Vaticano e o Códice Sinaiítico.

Veja Bíblia, Manuscritos e texto da (Novo Testamento).

Alfa e Ômega

Uma frase usada como título no Novo Testamento tanto para Deus quanto para Jesus Cristo ([Ap 1.8; 21.6; 22.13](#)). Alfa (Α) é a primeira letra do alfabeto grego, e Ômega (Ω) é a última letra. O equivalente em português é “A e Z”. Títulos semelhantes são “o princípio e o fim” e “o primeiro e o último” ([Ap 1.17; 2.8; 21.6; 22.13](#)).

Declarações semelhantes podem ser encontradas no Antigo Testamento em [Isaías 41.4; 44.6; e 48.12](#). Elas enfatizam a soberania única e fiel (poder e autoridade supremos) de Deus e de seu Filho, Jesus. Elas lembram aos cristãos que a criação do

universo e o fim de toda a história humana estão sob o controle do Deus vivo.

Veja Deus, Nomes de.

Alface

Um vegetal de folhas verdes que as pessoas costumam comer em saladas. Embora não seja especificamente mencionado na Bíblia, muitos estudiosos acreditam que a alface (*Lactuca sativa*) pode ter sido uma das “ervas amargas” mencionadas em [Êxodo 12.8](#) e [Números 9.11](#). Essas ervas amargas deviam ser comidas com a refeição da Páscoa como um lembrete do sofrimento dos israelitas no Egito.

Veja Ervas amargas.

Alfarrobeira

Uma árvore perene que pertence à família das leguminosas e é comum em todo o Oriente Médio. Ela produz sementes comestíveis dentro de uma vagem. As sementes são semelhantes a ervilhas.

Os estudiosos geralmente concordam que as “bolotas” (ARC) mencionadas na parábola do filho pródigo de Jesus eram as vagens da alfarrobeira ou árvore de alfarroba ([Lc 15.16](#)). A alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*) é uma árvore perene atraente que cresce comumente em todo Israel e nas áreas circundantes, como Síria e Egito. As vagens são mais abundantes em abril e maio. Elas contêm numerosas sementes rodeadas por uma polpa doce e de sabor agradável.

Essas vagens eram amplamente usadas nos tempos antigos, assim como são hoje. Elas serviam como alimento para gado, cavalos e porcos. Durante períodos de escassez de alimentos, as pessoas também consumiam as vagens. É possível que aqueles que eram muito pobres as comessem regularmente. O Talmude menciona frequentemente a alfarroba como uma boa fonte de alimento para animais domésticos.

As sementes da alfarrobeira foram usadas como padrão de peso e são a origem do termo “quilate”. Alguns comentaristas sugerem que os “gafanhotos” que João Batista comeu não eram insetos, mas na verdade o fruto da alfarrobeira ([Mt 3.4](#)).

Alfeu

1. Pai de Tiago, um dos 12 apóstolos ([Mt 10.3](#); [Mc 3.18](#); [Lc 6.15](#); [Atos 1.13](#)), considerado por alguns como sendo o mesmo que Clopas de [João 19.25](#).
2. Pai de Levi, o cobrador de impostos ([Mc 2.14](#)) que também é conhecido nos Evangelhos como Mateus ([Mt 9.9](#)).

Algodão

Um material macio, branco e fibroso que vem de plantas da família das malvas (*gênero Gossypium*). Essas fibras envolvem as sementes em sua vagem redonda (chamada de cápsula). As pessoas tecem o algodão em fio e tecido ([Is 19.9](#)).

Plantas ou arbustos de algodão crescem em climas quentes. Eles são valiosos tanto pela fibra branca macia presa às suas sementes quanto pelo óleo que pode ser extraído delas.

O "linho branco" em [Ester 1.6](#) quase certamente se refere ao algodão do Levante (*Gossypium herbaceum*). Este tipo de algodão é cultivado desde os tempos antigos no Extremo Oriente. Alexandre, o Grande, trouxe o algodão da Índia para o mundo ocidental.

O povo judeu provavelmente se familiarizou com o algodão durante o período em que esteve cativo na Pérsia sob o rei Assuero.

Veja Tecido e Fabricação de Tecido.

Algum, Algumins

Um tipo de árvore que produz madeira valiosa. O nome científico da árvore é *Juniperus excelsa* Bieb. As Bíblias ARC e TB2010 usam esses termos em [2 Crônicas 9.10-11](#).

As pessoas usavam madeira em projetos de construção durante os tempos antigos. Algumas foram usadas para construir o templo e o palácio, bem como instrumentos musicais. A madeira do Líbano mencionada em [2 Crônicas 2.8](#) é provavelmente o junípero. Algumas madeiras podem ter sido trazidas também de Ofir ([2Cr 9.10-11](#)).

Alguns tradutores da Bíblia acreditam que "algum" e "almugue" são diferentes grafias hebraicas da mesma árvore (veja [2Cr 2.8](#)). Outros sugerem que a palavra "algum" pode ser um erro cometido por

alguém ao copiar a palavra "almugue" incorretamente.

Veja Almugue.

Alho

Uma planta com um bulbo que as pessoas cultivam para cozinhar. Os israelitas lembraram-se de comer alho no Egito ([Nm 11.5](#)). Tem um sabor e cheiro fortes que muitas pessoas apreciam em sua comida. O alho tem sido usado por milhares de anos, tanto como alimento quanto como remédio.

O alho comum (*Allium sativum*) é uma planta perene, bulbosa e resistente, cultivada na Europa, Ásia Ocidental e Egito. As folhas são estreitas, planas e em forma de fita. O alho é extremamente popular entre as pessoas que vivem na região do Mediterrâneo.

O alho está intimamente relacionado às cebolas (*Allium cepa*).

Veja Alimentos e preparação de alimentos; Cebola.

Alho-poró

Uma erva de jardim relacionada a cebolas e alho ([Nm 11.5](#)). Alhos-porós (*Allium porrum*) têm folhas longas e retas que formam um feixe cilíndrico. A parte comestível é o caule ou talo branco que cresce no subsolo.

O bulbo do alho-poró é diferente do da cebola e do alho porque é esguio, cilíndrico e tem mais de 15,2 centímetros (seis polegadas) de comprimento. O sabor é semelhante ao da cebola, mas mais forte. As pessoas consomem as folhas como condimento ou as cozinharam em sopas. Elas cortam os bulbos em pequenos pedaços e os utilizam como tempero para carne.

Veja Cebola.

Aliá

Outro nome para Alva, descendente de Esaú ([1 Crônicas 1.51](#)). Essa grafia é usada pela Bíblia TB2010.

Veja Alva.

Aliã

Outro nome para Alvã, filho de Sobal ([1Cr 1.40](#)).

Veja Alvã.

Aliança

Uma aliança é uma associação próxima de indivíduos ou nações poderosas com um objetivo comum. Tais alianças foram confirmadas de várias maneiras:

- dando presentes
- fazendo promessas
- pagar dinheiro à família ao casar (dotes)
- organizando casamentos entre famílias importantes
- fazendo acordos especiais (pactos)

No tempo dos patriarcas (quando Abraão, Isaque e Jacó viveram), os israelitas faziam alianças com nações estrangeiras com facilidade. Abraão fez alianças com:

- três amorreus: Manre, Escol e Aner ([Gn 14.13-24](#))
- Abimeleque, rei de Gerar ([Gn 21.22-34](#)).

Isaque, filho de Abraão, também se aliou a Abimeleque ([Gn 26.26-31](#)).

Mais tarde, Moisés não permitiu alianças com os cananeus por razões religiosas ([Ex 23.31-33](#); [34.12](#); [Dt 7.1-4](#)). Na época dos juízes, os israelitas foram lembrados deste mandamento ([Jz 2.1-3](#)). Mas, [Josué 9](#) conta como Israel foi enganado em uma aliança com os gibeonitas.

Durante a monarquia, muitos reis formaram alianças e casaram-se com estrangeiros:

- Davi (antes de ser rei de todo Israel) concordou com Aquis, rei de Gate, em lutar com os filisteus contra o exército de Saul ([1Sm 27.1](#); [28.2](#)).
- Salomão fez alianças comerciais com Hirão de Tiro ([1Rs 5.1-18](#); [9.26-28](#)).
- Salomão também fez alianças comerciais com o rei do Egito ([1Rs 9.16](#)).
- Asa aliou-se a Ben-Hadade, rei da Síria ([1Rs 15.18-20](#)).
- O rei Acabe se aliou a Josafá para lutar contra a Síria ([1Rs 22.1-4](#); [2Cr 18.1-13](#)).
- O rei Peca se aliou a Rezim, rei da Síria, para lutar contra Acaz, rei de Judá ([Is 7.1-9](#)).
- O rei Acaz aliou-se a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, para lutar contra Peca e Rezim ([2Rs 16.7-9](#)).
- O rei Zedequias aliou-se com o Egito para lutar contra os babilônios ([2Rs 24.20](#); [Ez 17.1-21](#)).

Essas alianças frequentemente traziam religiões estrangeiras para Jerusalém ([2Rs 16.10-18](#)). Isso levou os profetas a criticá-las ([Os 8.8-10](#); [Is 30.1-15-16](#); [Jr 2.18](#)).

Aliança

Um acordo entre duas partes envolvendo obrigações mútuas; especialmente o acordo que estabeleceu o relacionamento entre Deus e seu povo, expresso em graça primeiro com Israel e depois com a igreja. Através dessa aliança, Deus revelou à humanidade o significado da vida humana e da salvação. A aliança é um dos temas centrais da Bíblia, onde algumas alianças são entre seres humanos e outras entre Deus e seres humanos.

O tema da aliança no Antigo Testamento é desenvolvido de Noé a Abraão e atinge seu primeiro clímax na aliança formada entre Deus e Israel no Monte Sinai. Após o tempo do Rei Davi, a história da aliança torna-se um tema menos proeminente.

Em um momento crítico na história da aliança, a Bíblia apresenta a profecia do profeta Jeremias sobre uma "nova aliança" no futuro de Israel. Os cristãos acreditam que a profecia de Jeremias se cumpriu na pessoa e obra de Jesus Cristo. Não é por acaso que os dois volumes da Bíblia cristã foram chamados de Antiga Aliança e Nova Aliança (a palavra comumente traduzida como "testamento" significa "aliança").

Resumo

- O Significado da Aliança
- Acordos Humanos
- Convênios Divino-Humanos
- Inícios da Tradição da Aliança
- A Aliança do Sinai
- A aliança com Davi
- A Nova Aliança Prevista no Antigo Testamento

O significado de aliança

A essência da aliança está em um tipo específico de relacionamento entre pessoas, caracterizado por obrigações mútuas. Portanto, um relacionamento de aliança não é apenas um conhecimento mútuo, mas um compromisso com responsabilidade e ação. Uma palavra-chave nas Escrituras para descrever esse compromisso é "fidelidade", que se manifesta em um contexto de amizade duradoura.

No Antigo Testamento, a palavra "aliança" era usada tanto em um sentido humano comum quanto em um sentido teológico. Compreender as alianças humanas fornece um ponto de partida para entender a aliança entre Deus e os seres humanos.

Alianças humanas

Uma variedade de relações humanas, desde as profundamente pessoais até as distantes políticas, pode ser descrita como aliançais. O profundo amor fraternal que Davi e Jônatas compartilhavam levou a uma aliança formal entre eles ([1Sm 18.3](#)). A aliança de amizade deles era mais do que um símbolo de estima; ela os obrigava a demonstrar lealdade mútua e bondade amorosa de maneiras tangíveis. A fidelidade de Jônatas à aliança foi exemplificada em uma ocasião quando Davi estava em desgraça com o rei; Jônatas enfrentou a ira de seu pai para falar favoravelmente por seu amigo. Subsequentemente, ele avisou Davi secretamente para fugir e se esconder ([1Sm 19-20](#)).

Para apreciar as muitas leis do AT sobre casamento e divórcio, é preciso entender que o casamento em si era uma relação de aliança ([Ml 2.14](#)). As promessas solenes trocadas por um homem e uma mulher tornavam-se suas obrigações de aliança. A fidelidade a essas promessas trazia bênção matrimonial (cf. [Sl 128](#); [Pv 18.22](#)); a violação trazia uma maldição.

Um indivíduo poderia, pelo menos figurativamente, fazer uma aliança ou voto consigo mesmo (algo como uma resolução de Ano Novo). Jó, defendendo sua integridade diante de Deus, mencionou uma aliança que havia feito com seus olhos para evitar olhar para as mulheres de forma lasciva ([Jó 31.1](#)).

As alianças também podiam ter um caráter nacional ou internacional. Os anciões de Israel fizeram uma aliança nacional com o Rei Davi em Hebron ([2Sm 5.3](#)). Provavelmente continha promessas explícitas tanto dos anciões, em nome do povo, para se submeterem à autoridade do rei, quanto de Davi para governar a nação de forma justa e de acordo com a lei de Deus ([Dt 17.15-20](#)). A relação de aliança descrevia obrigações mútuas entre um parceiro sênior (o rei) e parceiros juniores (os israelitas). Em relações internacionais, as alianças do AT eram semelhantes a tratados ou alianças modernas. O Rei Salomão entrou em tal aliança com Hirão, rei de Tiro; essa aliança, como muitos tratados internacionais modernos, era um acordo comercial entre as duas nações ([1Rs 5.12](#)).

Aliança é, portanto, uma estrutura interpessoal de confiança, responsabilidades e benefícios, com ampla aplicação em quase todas as relações humanas, desde amizades pessoais até acordos comerciais internacionais. Nas Escrituras, aliança é também o conceito mais abrangente que engloba o relacionamento de um indivíduo com Deus.

Alianças divino-humanas

As mesmas características básicas de uma aliança estritamente humana estão presentes em uma aliança divina: (1) um relacionamento entre duas partes (Deus e um ser humano ou nação), e (2) obrigações mútuas entre os parceiros da aliança. Para o crente do AT, religião significava aliança. A religião do AT era a fidelidade ao relacionamento de aliança entre Deus e seu povo escolhido; as responsabilidades religiosas, tanto para a fé quanto para a prática de Israel, eram responsabilidades de aliança.

O conceito de uma aliança divino-humana no AT não era estático. Embora o caráter fundamental da aliança permaneça o mesmo ao longo da Bíblia, a natureza específica e a forma da aliança mudaram e se desenvolveram ao longo da história do antigo Israel. Um breve levantamento da história da aliança esclarecerá ainda mais suas dimensões.

Inícios da tradição da aliança

Adão

Adão e Eva foram colocados no Jardim. Deus era o Criador deles; eles eram suas criaturas. O significado de suas vidas estava em ser encontrado no relacionamento entre eles e com Deus, o doador do Jardim. A queda, no entanto, trouxe uma ruptura no relacionamento divino, e eles foram expulsos do Jardim.

A queda influenciou substancialmente a natureza dos pactos religiosos subsequentes. A separação da humanidade de Deus esclarece a essência do dilema humano. Criados para um relacionamento com o Criador, os humanos pecadores são excluídos desse relacionamento e não podem, por conta própria, restabelecê-lo. Dessa circunstância surge uma característica distintiva das alianças divino-humanas: somente Deus pode iniciar o relacionamento de aliança.

Noé

A primeira menção explícita de aliança nas Escrituras refere-se à iniciativa de Deus para se reconectar com os seres humanos em uma aliança, apesar da infidelidade humana. Quando Deus avisou Noé para construir uma arca a fim de escapar do Dilúvio iminente, Ele também prometeu estabelecer uma aliança com ele ([Gn 6.18](#)). A corrupção e a violência da raça humana haviam provocado a ira de Deus, mas Sua graça foi demonstrada em Seu trato com Noé. A aliança prometida previa que Deus manteria um relacionamento com uma família, mesmo que outros relacionamentos divino-humanos estivessem sendo formalmente rompidos. Significativamente, a promessa de aliança de Deus a Noé veio em um contexto de demanda: Deus ordenou que Noé construísse uma arca (v [14](#)). O recebimento da bênção da aliança por Noé dependia de sua obediência a um comando divino.

A aliança foi elaborada apenas após o Dilúvio, quando Noé fez uma oferta a Deus ([Gn 8.20-22](#)). A aliança com Noé foi, de fato, uma aliança universal com a humanidade e todas as criaturas vivas ([9.8-](#)

[10](#)). Deus prometeu nunca mais enviar tal dilúvio como julgamento sobre o mundo. O sinal dessa aliança foi o arco-íris.

A aliança com Noé oferece uma perspectiva para entender a "aliança de Deus". Embora os seres humanos possam merecer destruição por causa de sua maldade, Deus retém essa destruição. A aliança de Noé não estabeleceu uma relação íntima entre Deus e cada ser vivo; no entanto, deixou aberta a possibilidade de uma aliança mais próxima. Os seres humanos, apesar de sua maldade, têm permissão para viver por um tempo no mundo de Deus; durante esses anos, eles podem buscar um relacionamento mais profundo com o Criador desse mundo.

Abraão

A primeira referência explícita à aliança de Deus com Abraão está em [Gênesis 15](#). Quando o Senhor chamou Abrão aos 75 anos (como ele foi inicialmente chamado), para deixar sua cidade natal de Ur e iniciar uma jornada, já existia uma relação entre Deus e Abrão. Nessa relação, que permitiu a Deus comandar a obediência de Abrão, Deus fez certas promessas a ele: "Os seus descendentes vão formar uma grande nação. Eu o abençoarei, o seu nome será famoso, e você será uma bênção para os outros" ([Gn 12.2](#)).

O estabelecimento formal da aliança com Abrão é descrito em [Gênesis 15](#) como uma experiência religiosa profunda. A iniciativa foi inteiramente de Deus, que se aproximou de Abrão em uma visão e falou com ele. Abrão levantou uma objeção fundamental: como poderia ele experimentar a bênção de Deus se ela viria a ele através de um filho que ele não tinha? Sua esposa Sarai estava além da idade de ter filhos, e ele próprio estava "como morto" ([Rm 4.19](#)). Deus assegurou ao idoso que ele teria um filho através do qual seus descendentes seriam eventualmente tão numerosos quanto as estrelas do céu. A crença de Abrão naquele momento introduziu o tema da justiça central ao conceito de aliança: Abrão "creu no Senhor, e isso lhe foi imputado como justiça" ([Gn 15.6](#)). Ao final daquele dia, Abrão sabia que seu próprio futuro e o futuro de seus descendentes estavam firmemente nas mãos do Deus da aliança. "Nessa mesma ocasião o SENHOR Deus fez uma aliança com Abrão. Ele disse: — Prometo dar aos seus descendentes esta terra" (v. [18](#)).

A aliança é mais plenamente expressa em [Gênesis 17](#), que provavelmente registra uma renovação da aliança de Deus com Abrão. A iniciativa mais uma

vez partiu de Deus ([Gn 17.1](#)). Deus dirigiu-se a Abrão, que tinha 99 anos, com palavras que deixaram claro que a aliança não era um relacionamento entre parceiros iguais. Deus era o Todo-poderoso; Abrão era um ser humano a quem um privilégio extraordinário havia sido concedido.

No entanto, os detalhes da aliança em [Gênesis 17](#) mostram que ambos os parceiros assumiram responsabilidades. Deus comprometeu-se voluntariamente com Abrão e seus descendentes, enquanto exigia certos compromissos de Abrão. A bênção que Abrão receberia como parceiro da aliança tornou-se clara a partir do novo nome que Deus lhe deu. “Daqui em diante o seu nome será Abraão e não Abrão, pois eu vou fazer com que você seja pai de muitas nações” ([Gn 17.5](#)). Deus daria a Abraão, através de seus descendentes, a terra de Canaã como um presente eterno e seria o Deus pessoal de Abraão e sua família para sempre (vv. [7](#)-[8](#)).

O presente de Deus exigia uma resposta de obediência de Abraão: “Viva uma vida de comunhão comigo e seja obediente a mim em tudo” ([Gn 17.1](#)). Essas palavras simples indicam a essência do relacionamento de aliança: relacionar-se com Deus é viver em sua presença; como Deus é santo, espera-se que quem o conhece viva uma vida de integridade e irrepreensibilidade.

A aliança também tinha um aspecto mais formal. Abraão e os membros masculinos de sua casa deveriam passar pelo rito da circuncisão como um símbolo de compromisso com a aliança. Abraão era um homem idoso quando foi circuncidado ([Gn 17.24](#)), embora os meninos nascidos na família da aliança devessem ser circuncidados quando tivessem oito dias de idade (v. [12](#)). A circuncisão não era um ritual exclusivo dos hebreus; era praticada na maioria das sociedades do antigo Oriente Próximo (os filisteus eram uma exceção). A distinção estava no que o ato simbolizava: entre outras coisas, um relacionamento contínuo e fiel com o Deus vivo.

A aliança de Deus com Abraão foi caracterizada por realidades tanto presentes quanto futuras. A aliança estabeleceu um relacionamento contínuo entre Abraão e seu Criador. No entanto, seu propósito apontava para uma bênção futura — nos filhos que ainda nasceriam, o “povo escolhido”, e na terra que eventualmente seus descendentes chamariam de sua.

Outra dimensão da aliança ainda está mais adiante no futuro: “E por meio de você eu abençoarei todos

os povos do mundo” ([Gn 12.3](#)). No início do AT, a ideia de eleição (a preferência incondicional de Deus; cf. [2Ts 2.13](#)) está presente. Deus escolheu entrar em um relacionamento de aliança com um homem específico e seus descendentes específicos. No entanto, Deus sempre elege uma pessoa para servir: Adão, para cultivar o Jardim; Noé, para construir uma arca; Abraão, para deixar sua casa por outra terra e viver irrepreensivelmente diante de Deus (cf. [Ef 2.8-10](#)). Além disso, a “particularidade” da eleição de Abraão continha dentro de si uma universalidade: através de seus descendentes, a bênção de Deus seria oferecida a todos.

Assim, os aspectos futuros da aliança de Abraão refletem duas etapas. Do ponto de vista de Abraão, em um futuro relativamente próximo, seus descendentes possuiriam uma terra dada por Deus. Mas em um futuro mais distante estava a perspectiva de uma bênção universal, a culminação do trabalho de Deus no mundo. O cumprimento inicial desse futuro distante é percebido no Novo Testamento, mas o cumprimento mais imediato da promessa de Deus foi a aliança do Sinai na época de Moisés.

A aliança do Sinai

A aliança estabelecida entre Deus e Israel no Monte Sinai é o ponto central da tradição da aliança no Antigo Testamento. Foi antecipada na aliança de Abraão e estava por trás da aliança de Davi e da proclamação dos profetas. Era central para a religião do Antigo Testamento, estabelecendo as bases do judaísmo que continuam no mundo moderno. A aliança do Sinai foi a instituição formal de um relacionamento entre Deus e seu povo escolhido, Israel.

Para apreciar o impacto da aliança do Sinai, é necessário entender seu contexto histórico. Ela foi precedida pelo Êxodo do povo hebreu do Egito sob a liderança de Moisés. O Êxodo foi um ato extraordinário de libertação no qual Deus interveio no curso normal da história para libertar seu povo da escravidão no Egito. O Êxodo é interpretado no AT como um ato divino comparável à Criação, o ato através do qual Deus “criou” a nação de Israel. O exame das duas versões do quarto mandamento ([Ex 20.8-11](#); [Dt 5.12-15](#)) mostra que o Êxodo do Egito paraleliza diretamente a criação do mundo como base para a observância do sábado. Embora Israel tenha sido criado no Êxodo, a nação não tinha nem uma constituição nem terra. A aliança proporcionou ao nascente estado de Israel uma

constituição, tornando-o um estado teocrático (um estado governado por Deus).

O relato básico da aliança do Sinai está contido em [Êxodo 19](#) e [20](#). A iniciativa veio de Deus, que deu instruções através de Moisés para se preparar para a aliança; Deus falou as palavras que continham a oferta da aliança. Não havia dúvida de que o Deus de Israel era o parceiro principal na relação formalizada no Sinai. O Deus que se revelou através de seus atos no Éxodo então se revelou em palavras. Esses dois aspectos — o Deus que age e fala — são centrais para a teologia do Antigo Testamento. E embora a aliança contivesse lei, ela foi precedida pelo Éxodo, um ato de graça divina.

A oferta de aliança de Deus trazia consigo uma promessa divina: “Vocês são um povo separado somente para mim e me servirão como sacerdotes” ([Ex 19.6](#)). A promessa era de um privilégio extraordinário; uma nação inteira foi chamada para representar todas as outras nações perante o Deus do universo. Contudo, o ofício sacerdotal, embora carregasse privilégio, também era exigente. Um sacerdote precisava ser puro e conhecer o Deus em cuja presença ele era obrigado a entrar. Assim, Israel, a nação sacerdotal, recebeu uma lei que proporcionaria direção para viver, amar a Deus e servir a todas as pessoas. A lei dada com a aliança expressava os requisitos para o povo da aliança de Deus.

A aliança da Lei

A lei da aliança tinha duas partes principais. Primeiro, os Dez Mandamentos expressavam de forma concisa os requisitos de Deus para Israel ([Ex 20.2-17](#)). Os mandamentos especificavam o relacionamento do povo da aliança tanto com Deus quanto com outros seres humanos. Embora a tendência nos dias atuais seja ver os Dez Mandamentos como um sistema de ética ou moralidade, eles desempenhavam um papel diferente no antigo Israel. A lei da aliança era a fundação ou constituição de uma nova nação, uma especial "nação de sacerdotes". O chefe do estado-nação era Deus. Portanto, no antigo Israel, o status dos Dez Mandamentos era aproximadamente o de um código de lei criminal em um estado-nação moderno. Quebrar uma dessas leis era cometer um crime contra Deus, o chefe do estado. No entanto, as leis tinham um propósito positivo. Elas estabeleciam um modo de vida que resultaria em uma comunhão plena e rica com Deus e em comunidade com os outros.

A segunda parte da aliança era um código de leis detalhado que cobria as atividades da vida cotidiana. Exemplos de tais leis são encontrados em [Êxodo 21-23](#). Essas leis foram compiladas e registradas no “Livro da Aliança” ([Ex 24.7](#)). Embora muitas leis estivessem contidas neste livro, era impossível codificar todos os aspectos do comportamento humano. A diversidade dos exemplos dados indica que, para o membro da aliança, nenhuma área da vida humana estava além da influência da aliança. Pessoas que entravam em um relacionamento com Deus entravam em um relacionamento que afetava todos os possíveis aspectos de suas vidas.

Renovação da Aliança

A aliança no Sinai foi feita com um grupo específico de pessoas sob a liderança de Moisés, mas era obrigatória para as gerações futuras. Consequentemente, a aliança foi renovada de tempos em tempos. As renovações da aliança são registradas na época de Josué ([Jos 8.30-35](#); [24.1-28](#)) e, muito mais tarde, durante o reinado do Rei Josias ([2 Reis 23.1-3](#)).

A passagem mais importante na Bíblia para entender a renovação da aliança e a natureza da aliança é o livro de Deuteronômio. O livro inteiro descreve uma cerimônia específica de renovação da aliança que ocorreu em um momento crítico na história inicial de Israel. A aliança do Sinai foi renovada pouco antes da morte de Moisés, antes da transição de liderança para Josué e antes de uma grande campanha militar para conquistar a Terra Prometida.

A aliança desde o tempo de Abraão continha uma promessa de terra. Imediatamente antes de entrarem nessa terra (c. 1250 a.C.), os votos da aliança foram renovados com uma nova geração de israelitas, a maioria dos quais não havia estado ao pé do Monte Sinai cerca de 40 anos antes. Embora a renovação da aliança seja o tema central de Deuteronômio, o escritor concentrou-se principalmente no sermão de Moisés, em vez de um relato detalhado da cerimônia de renovação.

Muitos aspectos da cerimônia foram simplesmente uma repetição do que ocorreu na ratificação original da aliança. Os Dez Mandamentos foram repetidos ([Dt 5.6-21](#)), e as leis do Livro da Aliança foram expostas em maior detalhe ([Dt 12-26](#)). Dois pontos que emergem em Deuteronômio são particularmente significativos para a compreensão da aliança: uma declaração clara do amor da aliança e uma declaração detalhada das bênçãos e

maldições que acompanharam a criação e renovação da aliança.

A aliança com Davi

A tradição da aliança passou por modificações durante o tempo do Rei Davi (c. 1000 a.C.). A aliança do Sinai havia sido estabelecida entre Deus e Israel, com Moisés atuando como mediador. No tempo de Davi, um elemento adicional foi introduzido: Deus fez uma aliança com Davi como rei. Essa aliança real foi comunicada a Davi através do profeta Natã ([2Sm 7.8-16](#)), indicando mais uma vez a iniciativa divina. Seria uma aliança eterna com a linhagem real de Davi ([23.5](#)).

Os cristãos geralmente interpretam a aliança com Davi como uma aliança messiânica. Por vários séculos, a dinastia estabelecida por Davi governou um Israel unido e, posteriormente, o reino do sul restante de Judá. No entanto, em 586 a.C., Judá foi conquistado pelos babilônios. A partir desse momento, um descendente de Davi não governava mais um reino independente do povo escolhido de Deus. A natureza eterna da aliança com Davi foi destacada, não nas páginas da história antiga, mas na expectativa de um Messias que nasceria dos descendentes de Davi. Mateus e Lucas ambos apontaram para a descendência davídica de Jesus ([Mt 1.1](#); [Lc 3.31](#)). O NT, assim, estende os atos de aliança de Deus para a nova era na pessoa de Jesus.

A nova aliança prevista no Antigo Testamento

Embora a aliança de Davi com Deus fosse eterna, de certo modo, a aliança estabelecida com Israel no Monte Sinai era temporária. A aliança do Sinai incluía cláusulas condicionais, expressas nas bênçãos e maldições de Deuteronômio. A desobediência de Israel à lei da aliança poderia, no pior dos casos, resultar no exílio da Terra Prometida, um tema central da aliança de Abraão a Moisés e além.

Os profetas hebreus frequentemente percebiam o perigo de um fim da aliança como resultado dos pecados de Israel. Alguns dos profetas, especialmente Oseias e Jeremias, também perceberam uma verdade mais profunda: que a aliança estava enraizada no amor divino e que, portanto, mesmo a maldição de Deus não poderia ser definitiva.

Oseias expressou dramaticamente essa verdade através da “parábola viva” de seu casamento ([Os 1-3](#)). Ele se casou com Gomer por ordem de Deus, mas depois, como resultado de sua infidelidade, a

aliança matrimonial foi dissolvida pelo divórcio. Embora os atos adulteros de Gomer tenham obrigado Oseias a divorciar-se dela, ele não deixou de amá-la. Deus mais tarde ordenou que Oseias voltasse para Gomer ([Os 3.1](#)). Apesar de sua infidelidade, o profeta deveria levá-la novamente para a relação de aliança do casamento. Essa parábola encenada retratou as ações de Deus com Israel. O pecado de Israel inevitavelmente culminaria em um divórcio de Deus, mas Oseias percebeu um novo casamento. Na nova aliança entre Deus e Israel, Israel seria graciosamente aceito de volta em um relacionamento com Deus ([2.14-18](#)).

A nova aliança é expressa poderosamente nos escritos do profeta Jeremias, que viveu no final do sétimo e início do sexto séculos a.C. Durante sua vida, Jeremias testemunhou o reino de Judá ser derrotado na guerra. A nação perdeu sua independência e tornou-se vassala do Império Babilônico. Em um sentido externo, essa derrota em 586 a.C. marcou o fim da aliança do Sinai. Israel não podia mais chamar a Terra Prometida de sua. No entanto, Jeremias percebeu uma verdade além das realidades políticas contemporâneas. A obra de Deus no mundo, assim como seu amor pelo mundo, não havia terminado.

Assim, Jeremias falou de uma nova aliança que Deus traria à tona: “Está chegando o tempo em que farei uma nova aliança com o povo de Israel e com o povo de Judá” ([Jr 31.31](#)). A nova aliança seria marcada por um ato de Deus nos corações humanos, uma transformação espiritual radical ([Jr 31.34](#)). Na Santa Ceia, Jesus declarou aos seus discípulos que “Este cálice é a nova aliança feita por Deus com o seu povo, aliança que é garantida pelo meu sangue, derramado em favor de vocês” ([Lc 22.20](#)). Para o escritor de Hebreus, a nova aliança era central para uma compreensão completa do ministério de Jesus Cristo ([Hb 8.8-12](#)).

Conclusão

Aliança é um conceito central para a mensagem e a história do AT. O tema da aliança continua no NT como uma forma de interpretar o evangelho cristão. O significado na vida humana é encontrado em um relacionamento de aliança com o Deus vivo. No entanto, seres humanos pecadores não podem trabalhar para entrar em tal relacionamento; somente Deus pode iniciá-lo. De acordo com o NT, o ato de Deus ao dar seu filho, Jesus, para morrer abriu o relacionamento de aliança para todos os seres humanos. O perdão disponibilizado pelo

"sangue da nova aliança" de Jesus torna possível que qualquer indivíduo entre em um relacionamento de aliança com Deus. A entrada em tal relacionamento, hoje como no tempo de Abraão, depende da fé ([Gl 3.6–14](#)).

Veja também Aliança; Aliança, a Nova; Lei, conceito bíblico de; Juramento; Votos.

Aliança de sal

A aliança de sal é um tipo especial de acordo na Bíblia. O uso do sal simbolizava que o acordo (ou aliança) duraria para sempre e não poderia ser quebrado. No Oriente Médio, quando as pessoas diziam: "Há pão e sal entre nós", significava que tinham compartilhado uma refeição para confirmar sua amizade ou acordo. O sal era importante porque preservava os alimentos e lhes dava sabor, tornando-se assim um símbolo de relações duradouras.

No Antigo Testamento, o sal aparece na relação entre Deus e Israel. Quando os israelitas traziam ofertas de cereais a Deus, eles tinham que adicionar sal para mostrar que sua aliança com Deus duraria para sempre ([Lv 2.13](#)). O sal ajudava a purificar a oferta e a preservá-la, assim como a aliança de Deus com Israel era destinada a perdurar.

Deus fez uma "aliança de sal" eterna entre Ele e Arão ([Nm 18.19](#)). Arão representava todo o sacerdócio de Israel. Como os levitas (a tribo dos sacerdotes) não receberam terra como as outras tribos quando Israel se estabeleceu na terra prometida, Deus prometeu ser sua porção especial para sempre. A aliança que Deus fez com o rei Davi e seus filhos também foi uma aliança de sal ([2Cr 13.5](#)). Isso significava que a promessa de Deus de manter a linhagem real de Davi era permanente e não seria quebrada.

Veja também Aliança.

Aliança, A Nova

Uma provisão graciosa de Deus dada através de Jesus Cristo para a redenção da humanidade caída — substituindo e cumprindo a antiga aliança, que foi expressa principalmente através da lei mosaica. A expressão "nova aliança" é encontrada principalmente no NT.

Embora o conceito de uma nova aliança seja encontrado em vários lugares no AT ([Ez 34.23–31](#);

[37.24–28](#); [Jl 2.12–32](#)), a frase em si ocorre apenas uma vez ([Jr 31.31–34](#)). Essa passagem contrasta a nova aliança que o profeta Jeremias viu Deus fazendo com Israel "depois daqueles dias" (vv. [32–34](#)) com a aliança que Deus havia feito com seu povo nos dias de Moisés. O contraste é visto, em primeiro lugar, na natureza interna da nova aliança. Considerando que a antiga aliança foi escrita em tábuas de pedra ([Ex 31.18](#); [34.27–32](#); [Dt 4.13](#); [5.22](#); [9.11](#); [10.3–4](#)) e em um livro ([Ex 24.7](#); cf. a frase "caducidade da letra", [Rm 7.6](#), ARA), a nova aliança deve ser escrita no coração humano. Um resultado é uma revelação mais clara do que Deus exige; outro é a capacitação dos crentes para atender a essas demandas (veja [Rm 8.2–4](#)). A natureza interior da nova aliança é mencionada em várias outras passagens ([Ez 11.19–21](#); [36.26–27](#)) e explicitada no profeta Joel de um tempo em que Deus "derramará [seu] espírito sobre toda a carne" ([Jl 2.28–32](#)).

Um segundo contraste está na maneira como o povo de Deus o conhece sob as duas alianças. Não há dúvida de que Israel sob a antiga aliança "conhecia" a Deus; Deus havia se revelado, embora às vezes a nação tendia a esquecer isso ([Iz 2.10](#); [Os 4.1, 6](#)). O que os profetas visionaram na nova aliança é um conhecimento pessoal único de Deus por cada membro individual da comunidade da aliança.

Finalmente, as duas alianças diferem em relação ao tratamento de Deus com o pecado humano. Jeremias prometeu que Deus perdoaria a iniquidade de seu povo e apagaria seu pecado. Israel já sabia que Deus se deleitava em misericórdia e perdão ([Ex 34.6–7](#)), mas Jeremias estava dizendo que Deus nunca mais se lembraria de seu pecado ([Jr 31.34](#)). Sob a antiga aliança, havia um lembrete do pecado ano após ano ([Hb 10.3](#)); sob a nova aliança, nenhuma lembrança do pecado permanece (v. [14](#)).

Uma Nova Aliança

A expressão "nova aliança" é encontrada pelo menos seis vezes no NT ([1Co 11.25](#); [2Co 3.6](#); [Hb 8.13](#); [9.15](#); [12.24](#); e provavelmente [Lc 22.20](#), de acordo com alguns manuscritos). Em certos manuscritos gregos, a frase também é encontrada em [Mateus 26.28](#) e [Marcos 14.24](#), onde "novo" parece ter sido adicionado por vários escribas ao "sangue da aliança", para fazer esses relatos se conformarem com relatos paralelos da Ceia do Senhor em 1 Coríntios ou possivelmente em Lucas.

Mesmo que o termo “novo” não seja encontrado nos relatos em Mateus e Marcos nos melhores manuscritos gregos, e, portanto, provavelmente não fazia parte do texto original, está claro a partir de todos os quatro relatos que Jesus viu a Ceia do Senhor como a instituição de uma aliança diferente e, portanto, “nova”. A aliança estava sendo selada por sua morte sacrificial, isto é, por seu sangue, assim como a aliança mosaica foi selada pelo “sangue da aliança” ([Êx 24.6–8](#)). O cálice da Ceia do Senhor simboliza o sangue do sacrifício de Cristo, selando a nova aliança que Deus finalmente fez com seu povo. A nova aliança, ratificada pela morte de Cristo, é o que a igreja, portanto, comemora cada vez que celebra a Ceia do Senhor.

Em sua instituição da Ceia do Senhor, Jesus não elucidou o que a “novidade” da aliança implicava. Em outro lugar, ele mencionou um “batismo com o Espírito Santo” ([Atos 1.5; 11.16](#); cf. [Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16](#); e [Jo 1.33](#), onde esta promessa é encontrada nos lábios de João Batista; cf. também [1Co 12.13](#)). No entanto, ambas as profecias do AT se referem à mesma nova aliança que Deus estabeleceria no futuro, como mostrado em [2 Coríntios 3.6](#). Lá, o apóstolo Paulo afirmou que Deus “nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança” (ARA; cf. [Ir 31.31](#)), não “da letra, mas no Espírito” (ARA; cf. [Jl 2.28–32](#)), pois “a letra mata, mas o espírito vivifica” (ARA).

Superioridade da Nova Aliança

Em [2 Coríntios 3](#), Paulo estava mostrando que, em contraste com a antiga aliança (mosaica) (v. [14](#)), que era uma dispensação da morte, gravada em letras em pedra (v. [7](#)), a nova aliança instituída por Jesus é de esplendor muito maior (v. [8–9](#)), escrita no coração humano pelo Espírito do próprio Deus vivo (v. [3](#)).

O conceito da nova aliança é tratado de forma mais exaustiva e sistemática no livro de Hebreus. Em [Hebreus 8.8–12](#), a citação de [Jeremias 31.31–34](#) é a citação mais longa do AT encontrada no NT. Em [Hebreus 12.24](#), uma palavra grega diferente para “nova” é usada, mas o significado permanece o mesmo. O tema da nova aliança domina o livro de Hebreus, que foi escrito para encorajar os cristãos vacilantes demonstrando a superioridade da fé cristã sobre suas antigas crenças e práticas judaicas. Em Hebreus, a nova aliança é vista como melhor do que a antiga aliança “obsoleta” de várias maneiras.

1. A nova aliança tem um sacerdócio melhor do que a antiga aliança, uma vez que não há mais

necessidade de uma mudança contínua de sacerdotes devido à morte ([Hb 7.23](#)). Um sacerdote contínuo agora vive para sempre para fazer intercessão diante de Deus em nome de seu povo (vv. [24–25](#)).

2. O sacerdote da nova aliança é melhor do que os da antiga aliança, uma vez que Jesus não tem que oferecer sacrifícios continuamente por seus próprios pecados e depois pelos pecados de seu povo. Ele, em vez disso, fez uma oferta completa e perfeita ([7.27; 9.25–28; 10.12](#)).

3. A nova aliança tem um sacrifício melhor do que a antiga aliança; o que o sangue de touros e bodes não poderia fazer, uma vez que a expiação que eles traziam poderia, na melhor das hipóteses, ser apenas parcial ([10.2–3](#)), o sangue de Cristo fez uma vez por todas ([9.11–14; 10.1–10](#)).

4. A nova aliança é construída em “melhores promessas” do que a antiga ([8.6](#)).

5. Considerando que a antiga aliança era imperfeita ([8.7](#)) e assim se tornou obsoleta ([8.13](#)), a nova aliança é perfeita e eterna ([13.20](#)).

6. Considerando que a antiga aliança não fornecia ao crente nenhum acesso direto a Deus ([9.6–8](#)), a nova aliança fornece um acesso direto a Deus que pode purificar e aperfeiçoar a consciência (cf. [9.14](#) com [9.9](#)).

7. A nova aliança possui uma melhor “garantia”, ou certeza, um juramento feito pelo próprio Deus ([7.20–22](#)).

8. A nova aliança assegura a presença do Espírito Santo na vida de cada crente. A comunidade da nova aliança foi tocada pelo Espírito prometido ([6.4](#)), que, de acordo com Paulo, é tanto o selo quanto a garantia de sua herança (veja [2Co 1.22; 5.5; Ef 1.13–14](#)).

Conclusão

A nova aliança e seu novo mandamento que a acompanha são ambos cumprimentos do que estava implícito na antiga. A nova aliança é escrita no coração de cada membro da nova comunidade da aliança pelo Espírito Santo. O poder do Espírito de Deus no interior, permitindo que o crente cumpra o novo mandamento ([Rm 8.2–4; Gl 5.16–25](#)), é uma característica distintiva da nova aliança.

Veja também Aliança.

ALIANÇA, Livro da

Uma frase usada por Moisés. Refere-se aos Dez Mandamentos e às leis em [Êxodo 20.22–23.33](#).

Veja também O Livro da aliança.

Alimas

Uma cidade em Gileade. Judas Macabeu libertou judeus desta cidade que estavam cercados por gentios hostis ([1Mc 5.24–35](#)). A maioria dos especialistas acredita que Alimas estava a cerca de 40 a 55 quilômetros a leste do Mar da Galileia. Pode ser onde a cidade moderna de Alma em Gileade está hoje. Helã, onde o rei Davi venceu uma batalha importante, pode ser a mesma que Alimas ([2Sm 10.16–17](#)).

Alma

O termo que traduz a palavra grega psuche e o hebraico *nephesh*.

O filósofo grego Platão (quarto século a.C.) percebeu a alma como o elemento eterno nos humanos; enquanto o corpo perece na morte, a alma é indestrutível. Na morte, a alma entra em outro corpo; se tiver sido ímpio nesta vida, pode ser enviado para um ser humano inferior ou até mesmo um animal, ou pássaro. Por meio da transmigração de um corpo para outro, a alma eventualmente se purifica do mal. Nos primeiros séculos da era cristã, o gnósticismo também ensinava que o corpo era a prisão da alma. A redenção vem àqueles que são iniciados nos segredos gnósticos, levando à libertação da alma do corpo.

O pensamento bíblico sobre a alma é diferente. No AT, a alma significa aquilo que é vital para os seres humanos no sentido mais amplo. As palavras hebraicas e gregas para alma muitas vezes podem ser traduzidas como “vida”; ocasionalmente, elas podem ser usadas para a vida de criaturas ([Gn 1.20](#); [Lv 11.10](#)). “Alma por alma” significa “vida por vida” ([Êx 21.23](#)). Em escritos legais, uma alma se refere a uma pessoa em relação a uma lei específica (p. ex., “Se uma alma pecar...”, [Lv 4.2](#), KJV). Quando as pessoas eram contadas, elas eram contadas como almas, isto é, pessoas ([Êx 1.5](#); [Dt 10.22](#)).

Em um sentido mais restrito, a alma denota emoções humanas e capacidades internas. As pessoas são chamadas para amar a Deus com todo

o seu coração e alma ([Dt 13.3](#)). Conhecimento e compreensão ([Sl 139.14](#)), pensamento ([1Sm 20.3](#)), amor ([1Sm 18.1](#)) e memória ([Lm 3.20](#)) todos se originam na alma. Aqui a alma se aproxima do que hoje seria chamado de “eu”, a pessoa, personalidade ou ego.

Não há sugestão no AT da transmigração da alma como uma entidade imaterial e imortal. O homem é uma unidade de corpo e alma — termos que descrevem não tanto duas entidades separadas em uma pessoa, mas sim uma pessoa a partir de diferentes perspectivas. Assim, na descrição da criação do homem em [Gênesis 2.7](#), a frase “uma alma vivente” (KJV) é melhor traduzida como “um ser vivo”. A ideia não é que homens e mulheres se tornaram *almas*, pois claramente eles tinham corpos. O uso da palavra no original chama a atenção para o aspecto vital dos seres humanos como “seres vivos”. A visão hebraica da unidade da pessoa pode ajudar a explicar por que as pessoas no AT tinham uma visão vaga da vida após a morte, pois seria difícil conceber como as pessoas poderiam existir sem um corpo ([Sl 16.10](#); [49.15](#); [88.3–12](#)). Onde a esperança de uma vida após a morte existe, não é por causa do caráter intrínseco da própria alma (como em Platão). Está fundamentado na confiança no Deus com poder sobre a morte e a crença de que a comunhão com ele não pode ser quebrada até mesmo pela morte ([Êx 3.6](#); [1Sm 2.6](#); [Jó 19.25–26](#); [Sl 16.10–11](#); [73.24–25](#); [Is 25.8](#); [26.19](#); [Dn 12.2](#); [Os 6.1–3](#); [13.14](#)).

No NT, a palavra para alma (psuche) tem uma gama de significados semelhantes a isso no AT. Muitas vezes é sinônimo de vida em si. Diz-se que os seguidores de Jesus arriscaram suas vidas (almas) por sua causa ([At 15.26](#); cf. [Jo 13.37](#); [Rm 16.4](#); [Fp 2.30](#)). Como o Filho do Homem, Jesus veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida (alma) como um resgate por muitos ([Mt 20.28](#); [Mc 10.45](#)). Como o Bom Pastor, ele dá sua vida (alma) pelas ovelhas ([Jo 10.14,17–18](#)). Em [Lucas 14.26](#), a condição do discipulado é odiar a alma, isto é, estar disposto a negar-se ao ponto de morrer por amor de Cristo (cf. [Lc 9.23](#); [Ap 12.11](#)).

Frequentemente “alma” pode significar “pessoa” ([At 2.43](#); [3.23](#); [7.14](#); [Rm 2.9](#); [13.1](#); [1Pe 3.20](#)). A expressão “toda alma vivente” ([Ap 16.3](#), KJV) reflete o aspecto vital dos seres vivos. Como no AT, a alma pode denotar não apenas o aspecto vital da pessoa no nível físico, mas também pode conotar as energias emocionais. Denota a própria pessoa, o assento de suas emoções, o ser mais íntimo de alguém. Por exemplo, quando Jesus estava

agonizando sobre sua morte, ele falou de sua alma sendo esmagada ([Mt 26.38](#); [Mc 14.34](#); cf. [Sl 42.6](#)). Em um cenário inteiramente diferente, Jesus prometeu descanso às almas daqueles que vêm a ele ([Mt 11.29](#)). Aqui, como em outros lugares, “alma” denota a pessoa em essência (cf. [Lc 2.35](#); [2Co 1.23](#); [2Ts 2.8](#); [3Jo 1.2](#)).

Várias passagens colocam a alma ao lado do espírito. [Lucas 1.46–47](#) é provavelmente um caso de paralelismo poético hebraico, que expressa a mesma ideia de duas maneiras diferentes. Ambos os termos denotam Maria como uma pessoa nas profundezas de seu ser. Da mesma forma, em [Hebreus 4.12](#), dividir a alma e o espírito é uma maneira gráfica de dizer como a Palavra de Deus penetra nas mais íntimas profundezas do nosso ser. A oração em [1 Tessalonicenses 5.23](#) — para que os leitores possam ser mantidos irrepreensíveis em espírito, alma e corpo — é uma maneira de falar de todo o ser. Aqui a alma provavelmente sugere existência física, como em [Gênesis 2.7](#) e [1 Coríntios 2.14](#), enquanto o espírito pode implicar o lado superior ou “espiritual” da vida.

Em outras passagens, as emoções, a vontade e até a mente vêm à tona, embora em cada caso haja a ideia que acompanha o ser mais íntimo de uma pessoa. As pessoas devem amar a Deus com toda a alma ([Mt 22.37](#); [Mc 12.30](#); cf. [Dt 6.5](#)). A expressão “da alma” ([Ef 6.6](#); [Cl 3.23](#)) significa “do coração”, com todo o ser. Em [Filipenses 1.27](#), os crentes são chamados a ter um só pensamento (cf. [Atos 4.32;14.2](#)). As passagens que falam da alma em relação à salvação incluem [Mateus 10.28](#); [Lucas 12.5](#); [Hebreus 6.19](#); [10.39](#); [12.3](#); [13.7](#); [Tiago 1.21](#); [5.20](#); [1 Pedro 1.9.22–23](#); [2.25](#); [4.19](#); e [Apocalipse 6.9](#); [20.4](#). Tais passagens falam da alma para enfatizar o ser humano em essência, como distinto do corpo físico, ou para expressar a existência contínua do homem com Deus antes da ressurreição.

Veja também Homem; Espírito do Homem.

Almodá

Um filho ou descendente de Joctã. Ele é um membro da família de Noé através do filho de Noé, Sem ([Gn 10.26](#); [1Cr 1.20](#)).

Almom

Outro nome para Alemete em [Josué 21.18](#).
Veja Alemete (Lugar).

Almom-Diblataim

Uma área em Moabe onde os israelitas acamparam durante seus 40 anos de peregrinação ([Nm 33.46–47](#)). Alguns a identificam com Bete-Diblataim ([Ir 48.22](#)).

Veja também Peregrinações no Deserto.

Almugue (Sândalo, Junípero)

O almugue, é uma madeira valiosa que o rei Salomão importou para construir pilares no templo e para fazer harpas para os músicos do templo ([1Rs 10.11–12](#)). As versões em português usam diferentes termos como almugue, sândalo e junípero.

Esta madeira era trazida por navio de Ofir para Eziom-Geber, um porto perto de Elate. Hoje, estudiosos acreditam que Ofir pode ter sido na Arábia, Índia ou Leste da África, perto de Moçambique. A palavra "algum" em [2 Crônicas 2.8](#) provavelmente se refere ao mesmo tipo de madeira.

O nome científico da árvore algum é *Pterocarpus santalinus*.

Veja Algum, Algumins.

Aloés

O aloé é uma planta encontrada principalmente na África que se assemelha a um lírio. Alguns tipos de aloés fornecem tanto remédio quanto fibra. Na Bíblia, o aloé é mencionada junto com outras plantas aromáticas como mirra e bálsamo (veja [Sl 45.8](#); [Pv 7.17](#); [Ct 4.14](#); [Jo 19.39](#)).

A maioria dos estudiosos acredita que esses versos se referem a duas plantas diferentes:

- No Antigo Testamento, aloés provavelmente se refere à árvore de pau-de-água (*Aquilaria agallocha*). Esta grande árvore é originária do norte da Índia, Malásia e Indochina. Ela pode crescer até 36 metros de altura, com um tronco de cerca de 3,7 metros de circunferência. À medida que sua madeira se deteriora, ela produz uma fragrância forte, tornando-a valiosa para perfume, incenso e fumigação. Nos tempos antigos, as pessoas queimavam madeiras perfumadas para encher os espaços com fumaça aromática.
- No Novo Testamento ([Jo 19.39](#)), aloé provavelmente se refere ao verdadeiro aloé (*Aloe succotrina*). Os egípcios usavam seu suco amargo no processo de embalsramento, que é um método para preservar corpos mortos. Embora o verdadeiro aloé não tenha um cheiro muito agradável, às vezes era usado como remédio para cavalos.

Alom (Lugar)

Um carvalho marcante no território de Naftali. Algumas traduções, como a Almeida Revista e Corrigida, consideraram que era o nome de uma cidade em [Josué 19.33](#). A Almeida Revista e Atualizada interpreta melhor como "carvalho de Zaananim".

Veja Zaananim.

Alom (Pessoa)

Antepassado de Ziza da tribo de Simeão ([1Cr 4.37](#)).

Alom-Bacute, Alom-Bacuth

Um carvalho perto de Betel sob o qual Débora foi enterrada ([Gn 35.8](#)). Débora era a idosa ama de Rebeca. A árvore foi chamada de "Árvore Sagrada das Lágrimas".

Alote

Grafia de Bealote em algumas Bíblias para se referir a um dos distritos administrativos de Salomão em [1 Reis 4.16](#).

Veja Bealote #2.

Alpendre de Salomão

Também chamado de "Pórtico de Salomão" em algumas Bíblias. Uma galeria coberta, apoiada em colunas, que pertencia ao pátio externo do templo de Herodes em Jerusalém ([Jo 10.23](#); [At 3.11](#); [5.12](#)).

Veja também Templo.

Altar

A plataforma usada para oferecer sacrifícios de animais ou holocaustos a um deus. Outros rituais de oferenda incluem queimar incenso ([Ex 30.1-10](#)). A palavra hebraica para altar e o verbo "abater" vêm da mesma raiz. O significado de ambas as palavras refere-se ao sacrifício ritual de animais a Deus como uma cobertura para o pecado. Muitas comunidades no antigo Oriente Médio praticavam esse tipo de sacrifício. Os vizinhos de Israel, os cananeus, tinham seus próprios altares e rituais. O altar era sempre um lugar elevado.

A Bíblia menciona vários altares construídos por pessoas no Antigo Testamento:

- Noé ofereceu holocaustos ([Gn 8.20](#)).
- Abraão construiu um altar em Siquém, outro em Betel e um no Monte Moriá ([Gn 12.7, 12.8, 22.9](#)).
- Isaque construiu um altar em Berseba ([Gn. 26.25](#)).
- Jacó construiu um altar em Siquém e Betel ([Gn. 33.20, 35.7](#)).
- Moisés construiu um em Refidim e outro em Horebe ([Ex. 17.15, 24.4](#)).

Em cada caso, a pessoa ergueu o altar para comemorar a ajuda recebida de Deus.

A descrição do tabernáculo em Êxodo 25-27 incluía dois altares. O altar maior, feito de madeira de acácia revestida de bronze, media 5 por 5 por 3 côvados (2,3 por 2,3 por 1,4 metros). Este era o

altar usado para ofertas queimadas ([Êx. 27.1-8; 38.1-7](#)). O altar menor de ouro para queimar incenso media cerca de 45 centímetros quadrados e 90 centímetros de altura ([Êx. 30.1-10, 40.5](#)).

Em [Êxodo 20.24-26](#), Deus instruiu Israel a fazer um altar de terra ou pedras não cortadas. Deus ordenou a Israel que oferecesse holocaustos e ofertas pacíficas em "todo lugar onde Deus fizesse seu nome habitar". É por isso que indivíduos constroem altares ao longo do Antigo Testamento:

- Josué construiu um altar no Monte Ebal ([Js. 8.30-31](#)).
- Os rubenitas, gaditas e a meia tribo de Manassés construíram um altar na Transjordânia ([Js. 22.10-16](#)).
- Gideão construiu um altar em Ofra ([Jz. 6.24](#)).
- A família de Davi construiu um altar em Belém ([1Sm. 20.6,29](#)).
- Davi construiu um altar na eira de Araúna ([2Sm. 24.25](#)). Uma eira é uma área plana onde o grão é separado das hastes.
- Elias construiu um altar no Monte Carmelo ([1Rs. 18.30](#)).

As pessoas construíram todos esses altares, exceto o de Elias no Monte Carmelo, antes de o templo de Salomão existir.

Assim como o tabernáculo, o templo de Salomão incluía 2 altares. Um era de 20 côvados quadrados (cerca de 7,6 metros) e 10 côvados de altura (cerca de 3,8 metros). Feito de bronze e usado para holocaustos, este altar era o centro do culto no templo. O rei Acaz removeu o altar de bronze de seu lugar por ordem do governante assírio Tiglate-Pileser ([2Rs. 16.14](#)). Este altar foi posteriormente restaurado ao seu devido lugar por Ezequias ([2Cr. 29.18](#)). O segundo altar para incenso, feito de cedro e revestido de ouro, ficava em frente ao véu ([1Rs. 6.20-22](#)).

A destruição do templo de Salomão e o exílio do povo judeu fizeram o profeta Ezequiel sonhar com a restauração do templo. Em sua visão, o altar sacrificial elevava-se em três níveis até 10 côvados de altura (5,3 metros). O alto altar repousava sobre uma base de cerca de 20 côvados (10,6 metros) quadrados. Este altar de grandes proporções enfatizava a necessidade de expiação em Israel ([Ez.](#)

[43.13-17](#)). Nenhuma referência a um altar de incenso apareceu na visão.

Zorobabel construiu um altar de holocaustos ([Ed. 3.2](#)). Antíoco Epifânio profanou este altar (tornou-o impuro), provavelmente com uma imagem de Zeus ([1Mc. 1.54](#)). Havia também um altar de incenso. Antíoco Epifânio removeu o altar de ouro ([1Mc. 1.21](#)) em 169 a.C. Ambos foram posteriormente restaurados por Judas Macabeu ([1Mc. 4.44-49](#)).

A adoração cristã não requer um altar sacrificial. A morte de Jesus Cristo serve como o sacrifício final pelo pecado. A Bíblia frequentemente se refere ao altar do holocausto e ao altar do incenso ([Mt. 5.23-24; 23.18-20,35; Lc. 11.51; 1Co. 9.13; 10.18; Hb. 7.13; Ap. 11.1](#)). Algumas referências se aplicam ao templo terrestre ([Lc. 1.11](#)). Outras referências se aplicam ao templo celestial ([Ap. 6.9, 8.5, 9.13](#)).

Veja também Tabernáculo; Templo.

Altissimo

Um nome antigo para Deus usado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento ([Sl 21.7; At 7.48](#)). Este título enfatiza a autoridade suprema de Deus e sua posição acima de todos os outros poderes.

Veja Deus, Nomes de.

Alus

Um lugar onde Israel montou acampamento durante sua jornada pelo deserto. [Números 33.13-14](#) menciona-o como estando entre Dofca e Refidim a caminho do Monte Sinai.

Veja também Peregrinações no Deserto.

Alva

Descendente de Esaú e um chefe de Edom ([Gn 36.40](#)).

Alvā

Filho de Sobal e descendente de Esaú ([Gn 36.23](#)). Alvā também é escrito como Aliā em [1Cr 1.40](#).

Amá

Uma colina ao norte de Jerusalém na área de Gibeão. Uma batalha foi travada lá entre as tropas de Davi, sob o comando de Joabe, e as tropas de Isbosete, sob o comando de Abner. Essa batalha deu início a uma longa guerra entre os seguidores de Saul e os seguidores de Davi ([2Sm 2.24-32; 3.1](#)).

Amã

Uma cidade na parte sul do reino de Judá, localizada ao longo da fronteira de Edom ([Is 15.26](#)).

Ama (Babá)

Uma mulher que cuidava de um bebê que não era dela, ou um homem que cuidava de crianças pequenas. O trabalho era limitado à amamentação e ao cuidado de um bebê. As mulheres geralmente cuidavam de seus próprios filhos, como Sara ([Gn 21.7](#)) e Ana ([1Sm 1.23](#)). Uma babá frequentemente se tornava parte do círculo familiar e tinha um lugar especial. Rebeca tinha uma babá, e quando ela faleceu, a mulher foi até mencionada no texto bíblico: "Naquele lugar morreu Débora, a mulher que havia sido babá de Rebeca. Ela foi sepultada debaixo da árvore sagrada que fica ao sul de Betel" ([Gn 35.8](#), NTLH). A mãe de Moisés tornou-se sua ama, pois estava sendo paga pela filha do Faraó ([Ex 2.7](#)). Filhos reais eram cuidados por amas, como no caso de Joás, que foi escondido com sua babá por Jeoseba, sua tia ([2Rs 11.2](#)). Como Joás foi escondido por seis anos e tinha sete quando ascendeu ao trono, Joás tinha cerca de um ano quando foi escondido — e sua babá deve ter sido uma ama de leite.

Os filhos reais recebiam cuidados especiais e estavam sob a supervisão de uma ama após serem amamentados. As crianças eram amamentadas até os três anos de idade, e quando eram desmamadas, havia uma festa ([Gn 21.8; 1Sm 1.23-24](#)). Depois disso, uma ama-professora assumia o cuidado do jovem. Mefibosete tinha cinco anos quando sua ama caiu com ele, fazendo com que ele ficasse coxo ([2Sm 4.4](#)). Noemi cuidou de seu neto como ama ([Rt 4.16](#)). É provável que servos encarregados dos cuidados fossem usados como professores para os jovens aristocratas, como encontramos em [2 Reis 10.1](#), quando se diz que os filhos de Acabe tinham babás (cf. também v. [5](#)). Nesse sentido, devemos entender também a referência de Moisés a si

mesmo como "babá": "Eu não fiz este povo, nem dei à luz esta gente! Por que me pedes que faça como uma babá e os carregue no colo como criancinhas para a terra que juraste dar aos seus antepassados?" ([Nm 11.12](#), NTLH). Paulo também se via como um "ama" para a igreja ([1Ts 2.7](#)).

Amade

Uma cidade no norte da Palestina, perto do Monte Carmelo. Está dentro dos limites do território de Aser ([Is 19.26](#)).

Amal

O nome do filho de Helém é um descendente de Aser. Seu nome é encontrado em [1 Crônicas 7.35](#).

Amaleque, Amalequitas

Qual é a origem dos amalequitas e onde eles viviam?

Amaleque era filho de Elifaz com sua concubina, Timna ([Gn 36.12; 1Cr 1.36](#)). Elifaz era filho de Esaú. Amaleque era o chefe de Edom. Seus filhos eram conhecidos como amalequitas. Eles se estabeleceram no Deserto de Neguebe e se tornaram aliados dos edomitas, amonitas, moabitas, ismaelitas e midianitas. Os amalequitas eram inimigos de Israel. Amaleque fazia parte da disputa familiar que começou com seu avô Esaú. Esaú lutou com Jacó. Como Jacó era um dos patriarcas de Israel, o conflito entre Amaleque e Israel tinha tanto uma base teológica quanto política.

Os amalequitas não permaneciam em uma área por muito tempo, mas se deslocavam de um lugar para outro. Às vezes, sua terra no Neguebe se estendia do sul de Berseba até o sudeste, chegando até Elate e Eziom-Geber. Eles lutaram para o oeste na planície costeira, para o leste nos desertos da Arabá e possivelmente até a Arábia. No Neguebe, eles bloquearam o caminho dos israelitas durante o Êxodo do Egito ([Ex 17.8-16](#)).

Conflitos com Israel.

A primeira batalha de Israel com os guerreiros de Amaleque ocorreu em Refidim, perto do Sinai. Moisés ficou no topo de uma colina e ergueu a vara

de Deus até que Israel vencesse a batalha. Ele construiu um altar e o nomeou "O Senhor Deus é a minha bandeira" ([Êx 17.18-16](#)). Os amalequitas atacaram os israelitas que caminhavam mais devagar que o restante do grupo durante as andanças de Israel pelo deserto ([Dt 25.17-18](#)). Quando os israelitas chegaram à fronteira da Terra Prometida, rejeitaram o relatório de Calebe e Josué. Os israelitas incrédulos atacaram os amalequitas e perderam ([Nm 14.39-45](#)).

Quando o rei Balaque de Moabe chamou Balaão para amaldiçoar Israel, ele voltou sua maldição contra Moabe. Em sua última mensagem divina, ele previu o fim da tribo de Amaleque ([Nm 24.20](#)). Em seu discurso de despedida, Moisés lembrou aos filhos de Israel que o povo de Amaleque os havia atacado. Ele lhes disse para remover toda memória do nome Amaleque ([Dt 25.17-19](#)).

Durante o período dos juízes, os amalequitas continuaram a viver em sua área tradicional. Eles se conectaram com os queneus ([1Sm 15.5-6](#)). Os queneus são descendentes do sogro de Moisés. Eles viviam no Neguebe ao sul de Arade ([Jz 1.16](#)). Os amalequitas ainda estavam relacionados a outras tribos nômades ou grupos de pessoas que se moviam de um lugar para outro, como os moabitas, amonitas e midianitas.

Eglom era o rei de Moabe. Eglom conseguiu unir essas tribos nômades para derrotar Israel e tomar Jericó ([Jz 3.12-14](#)). O Cântico de Débora cita Amaleque como um dos grupos de tribos contra Israel ([Jz 5.14](#)). O nome é omitido por muitas traduções modernas. Algumas traduções traduzem "Amaleque" como "para o vale" (NTLH). No entanto, os ataques dos amalequitas são mencionados em outras passagens do tempo de Débora e Baraque ([Jz 6.3.33; 7.12](#)). Gideão derrotou o grupo ([Jz 7.12-25](#)). Não há evidências de que os amalequitas foram expulsos do Neguebe.

O declínio e a derrota dos amalequitas.

De acordo com 1 Samuel, Saul enviou seus exércitos contra os amalequitas ([14.47-48](#)). Deus ordenou que ele os destruísse e tudo o que possuíam ([15.1-3](#)). Ele atacou a cidade deles ([15.4-7](#)), mas não matou o rei deles, Agague ([15.8](#)). Saul deu o melhor gado amalequita aos seus homens ([15.9](#)). Deus o puniu. Ele enviou Samuel para dizer a Saul que seu reinado estava terminado por causa de seu pecado ([15.10-31](#)). Samuel então matou Agague ([15.32-35](#)).

Alguns amalequitas permaneceram. Eles devem ter escapado. Eles aparecem mais tarde como inimigos de Davi enquanto ele ainda era um jovem guerreiro ([27.8](#)). Alguns amalequitas levaram as duas esposas de Davi. Ele as resgatou e matou a maioria dos atacantes ([30.1-20](#)).

Os amalequitas foram inimigos declarados de Israel durante todo o reinado do Rei Davi ([2Sm 1.1](#)). Eles estão listados entre os inimigos de Israel ([2Sm 8.12; 1Cr 18.11; Sl 83.7](#)). O restante dos amalequitas foi exterminado algumas centenas de anos após Davi, quando o Rei Ezequias governava o reino do sul de Judá ([1Cr 4.41-43](#)).

Amana

Uma cadeia de montanhas, provavelmente na cordilheira do Anti-Líbano. [Cântico dos Cânticos 4.8](#) menciona-a junto com o Monte Senir e o Monte Hermom. É talvez a fonte do rio Abana (ou Amana) ([2Rs 5.12](#)).

Veja Abana.

Amarias

Um nome comum do Antigo Testamento, que significa "o Senhor falou" ou "o Senhor prometeu".

- 156.** O filho de Meraiote, um descendente do filho de Arão, Eleazar ([1Cr 6.7.52](#)).
- 157.** Um sumo sacerdote, filho de Azarias e pai de Aitube ([1Cr 6.11; Ed 7.3](#)).
- 158.** Segundo filho de Hebron e neto de Coate da tribo de Levi ([1Cr 23.19; 24.23](#)).
- 159.** Um sumo sacerdote durante o reinado do Rei Josafá do reino do sul de Judá ([2Cr 19.11](#)).
- 160.** Um levita que serviu fielmente sob o rei Ezequias de Judá ([2Cr 31.14-15](#)).
- 161.** Um dos filhos de Binui, que atendeu à recomendação de Esdras para se divorciar de sua esposa não-judaica após o exílio para Babilônia ([Ed 10.42](#)).

162. Um sacerdote que retornou da Babilônia após o exílio com Zorobabel ([Ne 12.2,13](#)). Junto com Neemias e outros, ele assinou o pacto (ou acordo) de fidelidade a Deus de Esdras após o exílio ([Ne 10.3](#)).

163. Filho de Sefatias. Ele era um descendente de Judá e um ancestral de Ataías. Amarias viveu em Jerusalém após o exílio ([Ne 11.4](#)).

164. Filho de Ezequias e ancestral do profeta Sofonias ([Sf 1.1](#)).

165. Uma pessoa mencionada na lista de ancestrais de Esdras em [1 Esdras 8.2](#) e [2 Esdras 1.2](#). Na primeira lista, ele é filho de Uzi e pai de Aitube. Na segunda, ele é filho de Azarias e pai de Eli. Ele pode ser o mesmo que Amarias nas entradas #1 ou #2. Ambas as fontes o listam como pai de Aitube.

Amarna, Tábuas de

Tábuas de argila de arquivos reais com escrita nelas. As Tábuas de Amarna são principalmente cartas. Estas são as únicas tábuas de argila com este tipo de escrita (cuneiforme) já encontradas no Egito.

Os 379 tabletos de Amarna foram descobertos em antigas ruínas. Essas ruínas estão em um terreno plano próximo ao Rio Nilo, a cerca de 306 quilômetros ao sul do Cairo, Egito. A área é nomeada em homenagem a um grupo de pessoas chamado tribo Beni Amran ou Amarna, que se mudou para lá recentemente.

O local das ruínas é incorretamente chamado de Tell el-Amarna. "Tell" é uma palavra árabe que significa "colina" ou "monte", mas este local está situado em uma planície. A vila próxima "el-Till" contribuiu para o nome el-Amarna.

O script cuneiforme usado nas tábuas consiste em marcas em forma de prego ou cunha pressionadas em argila em padrões específicos. Cada padrão, chamado de "sinal", representa um som ou uma palavra. O cuneiforme podia representar diferentes idiomas, semelhante a como o alfabeto latino pode representar inglês, francês e alemão. A maioria das tábuas de Amarna está escrita em uma versão da

língua acádica, exceto por três delas. Esta língua semítica da Mesopotâmia era usada para correspondência internacional e diplomacia no Oriente Próximo durante o segundo milênio a.C.

Vinte e nove das tábuas parecem ser materiais de prática para estudantes que estão aprendendo a escrever. Estes incluem:

- listas de símbolos de escrita;
- listas de palavras; e
- Cópias de práticas de antigas histórias mesopotâmicas.

Os outros 350 tabletos são cartas. Essas cartas foram enviadas a dois reis egípcios (faraós):

- Amenófis III; e
- Amenófis IV (filho dele).

Essas cartas abrangem cerca de 30 anos. Elas começam durante o reinado de Amenófis III e terminam logo após a morte de Amenófis IV.

A maioria dessas cartas é de governantes locais na Síria e Palestina. Eles escreveram aos reis egípcios sobre assuntos oficiais.

Algumas cartas são de reis de países maiores e mais poderosos, localizados muito ao norte e a leste do Egito.

As cartas mostram diferentes tipos de relações entre o faraó egípcio e as pessoas que lhe escreveram.

Alguns escritores eram considerados quase iguais ao Faraó. Outros eram vistos como menos importantes que o Faraó.

Os países frequentemente faziam acordos (tratados) para se tornarem aliados. Às vezes, organizavam casamentos entre famílias reais para fortalecer essas alianças.

Escritores que eram menos importantes que o Faraó:

- Referiam-se a si mesmos como "seu servo" ao escrever para o Faraó;
- O Faraó era chamado de "meu Senhor", "meu sol" ou, às vezes, "meu deus";
- Hoje, chamamos esses escritores de "vassalos" e seus países de "estados vassalos"; e
- Chamamos o Faraó de "suserano" nesse tipo de relação.

Escritores que eram quase iguais ao Faraó:

- Chamavam-no de "seu irmão" ao escrever para o Faraó;
- Chamou o Faraó de "meu irmão"; e
- Hoje, chamamos isso de relacionamento "igual" ou de "paridade".

Os faraós recebiam cartas de governantes considerados seus iguais. Essas cartas tratavam da troca de presentes, planejamento de casamentos, manutenção de relações amigáveis entre países e promoção do comércio. Incluíam listas de presentes enviados ou recebidos, pedidos de presentes, ouro ou outros itens valiosos. As cartas vinham de governantes da Babilônia, Mitanni, Assíria, Hatti (o reino hitita) e Alashiya (Chipre).

Algumas cartas da Palestina pedem ajuda militar e referem-se a atividades militares. Elas mencionam os "habiru", que foram rapidamente associados à palavra "hebreu". Os habiru estavam em várias localidades na Palestina e foram descritos como "saqueando todas as terras do rei." Inicialmente, acreditava-se que as cartas de Amarna eram da época em que os hebreus (israelitas) escaparam do Egito e invadiram a Palestina sob a liderança de Josué. Isso sugeriria relatos de pessoas que estavam vivas na Palestina quando os israelitas invadiram.

Mais tarde, os pesquisadores revisaram as cartas de Amarna juntamente com outras informações. Eles descobriram que sua ideia inicial estava errada. Os habiru não eram os hebreus invasores.

A palavra "habiru" é uma grafia diferente de "apiro". Este termo é usado nas cartas de Amarna e em outros textos para descrever uma classe de pessoas chamadas de "fora da lei" ou "renegados." Pessoas de diferentes nações poderiam ser

chamadas de "apiro". Uma pessoa se tornava um apiru devido às suas ações ou por se juntar ao grupo. Os apiru vagavam pela Síria e Palestina sem um lar específico e, às vezes, trabalhavam como soldados mercenários ou roubavam.

Veja Inscrições; Egito, egípcio.

Amasa

166. Filho de Jéter (Ithra) e Abigail, irmã de Davi ([2Sm 17.25](#); [1Cr 2.17](#)). Ele era, portanto, sobrinho de Davi. Amasa foi um capitão que apoiou Absalão em sua rebelião contra seu pai, Davi. Depois que o general de Davi, Joabe, matou Absalão, Davi perdoou Amasa e substituiu Joabe por ele ([2Sm 19.13](#)). Isso ofendeu muito Joabe, que aguardou sua vingança. Quando teve a oportunidade, matou seu rival desavisado ([2Sm 20.4-13](#)). Davi não pôde punir Joabe, mas instruiu seu filho Salomão a garantir que Joabe fosse executado por assassinar Amasa e outro dos generais de Davi ([1Rs 2.5-6,28-34](#)).

167. O filho de Hadlai da tribo de Efraim, Amasa, apoiou o profeta Odede. Odede se opôs a fazer escravos de mulheres e crianças capturadas do reino do sul de Judá no tempo do Rei Acaz ([2Cr 28.8-13](#)).

Amasai

168. Filho de Elcana e pai de Maate ([1Cr 6.25](#); [6.35](#)). Ele está na lista de ancestrais de Hemã, o cantor.

169. Um líder de 30 guerreiros que se juntaram a Davi em Ziclague após desertarem do Rei Saul ([1Cr 12.18](#)).

170. Um sacerdote tocou trombeta na procissão quando Davi trouxe a arca de Deus para Jerusalém ([1Cr 15.24](#)).

171.O pai de outro Maate. Este Maate foi contemporâneo de Ezequias e participante de seu avivamento ([2Cr 29.12](#)).

Amasias

Um líder militar na época de Josafá. Ele comandava 200.000 homens. Amasias era filho de Zicri e um homem de piedade incomum ([2Cr 17.16](#)).

Amassai, Amasai

Filho de Azarel. Ele foi um dos principais sacerdotes que retornaram a Jerusalém após o exílio babilônico ([Ne 11.13](#)). Amassai pode possivelmente ser idêntico a Masai ([1Cr 9.12](#)).

Amave

Uma região perto do Rio Eufrates. Incluía a cidade de Petor, para a qual o Rei Balaque de Moabe enviou mensageiros em busca do profeta Balaão ([Nm 22.5](#)). O nome de Amave aparece na Inscrição de Idrimi de 1450 a.C. Também aparece no túmulo de Qen-amun, que serviu sob Amenófis II do Egito perto do final do século XV a.C.

Amazias

172.O nono rei de Judá governou de 796-767 a.C. Aos 25 anos, ele se tornou rei após seu pai, o rei Joás. A mãe de Amazias era Jeoadina. Assassinos mataram Joás depois que ele reinou por 40 anos ([2Rs 12.19-21](#)). Amazias governou Judá por 29 anos antes de também ser assassinado ([14.18-20](#)). Quando Amazias começou seu reinado, outro Joás estava governando o reino do norte de Israel ([14.1-2](#)).

Amazias não era como seu antepassado Davi ([2Rs 14.3](#)). Como seu pai, Amazias fez coisas que agradaram a Deus, mas não removeu os santuários pagãos que estavam corrompendo a vida religiosa da nação. Ele respeitava a lei de Moisés, pelo menos no início ([14.4-6](#)).

Amazias não agiu sabiamente em relação ao reino rival de Israel. Ele foi à guerra contra os edomitas e contratou 100.000 soldados de Israel. No entanto, foi avisado por um profeta para não usá-los na batalha, então Amazias os mandou de volta para casa.

Na saída de Judá, os soldados irritados saquearam cidades e mataram 3.000 pessoas. As tropas de Amazias foram vitoriosas contra os edomitas. No Vale do Sal, eles mataram 10.000 inimigos na batalha e mataram outros 10.000 prisioneiros ([2Cr 25.5-13](#)).

Imprudentemente, Amazias trouxe ídolos edomitas ou falsos deuses com ele após sua conquista e os adorou. O Senhor enviou um profeta para dizer a Amazias que ele seria destruído por adorar os ídolos ([2Cr 25.14-16](#)). Orgulhoso de sua conquista de Edom, Amazias logo declarou guerra ao Rei Joás de Israel. Joás o advertiu em uma parábola que Judá seria esmagado como uma flor. Amazias se recusou a recuar. Os dois exércitos se encontraram em Bete-Semes, em Judá. O exército de Amazias foi derrotado. Os israelitas capturaram Jerusalém e saquearam o templo e o palácio.

Amazias foi feito prisioneiro, mas aparentemente foi deixado em Jerusalém. Ele sobreviveu a Joás de Israel por 15 anos ([2Cr 25.17-26](#)). Amazias foi assassinado em Laquis. Ele havia fugido para lá quando soube de uma conspiração contra ele em Jerusalém. Seu corpo foi trazido de volta para a capital e enterrado no cemitério real ([2Cr 25.27-28](#)).

173.O pai de Josa. Ele era membro da tribo de Simeão ([1Cr 4.34](#)).

174.Filho de Hilquias. Ele era um levita do clã de Merari ([1Cr 6.45](#)).

175.Um sacerdote de Betel nos dias de Jeroboão II. Ele foi um oponente do profeta Amós ([Am 7.10-17](#)).

Âmbar

A resina fossilizada vem de algumas plantas coníferas. Com o tempo, a resina se transforma em um sólido claro, amarelo ou laranja. A palavra é usada na Almeida Revista e Corrigida para descrever uma cor vista em visões do Senhor ([Ez 8.2](#)). A cor é semelhante à do latão ou bronze polido ([Ez 1.4.27](#)).

Veja Cor.

Ameia

Uma parede defensiva com aberturas para disparos, tipicamente encontrada no topo de uma fortaleza, também pode se referir a um parapeito ou uma grade ao redor de qualquer telhado plano.

No Oriente Próximo, as casas eram frequentemente construídas com telhados planos, que eram usados para diversos fins:

- Raabe escondeu dois espiões israelitas em seu telhado ([Js 2.6](#))
- Saul dormiu no telhado de Samuel ([1Sm 9.25](#))
- O rei Davi, do seu telhado, viu Bate-Seba tomando banho ([2Sm 11.2](#))
- As pessoas celebraram nos telhados ([Is 22.1-2](#))
- Pedro orou no telhado ([At 10.9](#))

Com tanta atividade nos telhados, é fácil entender a necessidade da lei: "Quando você construir uma casa, coloque uma grade de madeira em volta do terraço. Assim você não será culpado se alguém cair dali e morrer" ([Dt 22.8](#)).

As muralhas da cidade frequentemente tinham ameias em portões e cantos para defesa contra ataques. As palavras hebraicas para essas fortificações são frequentemente traduzidas como "torres" ([2Cr 26.15](#); [Sf 1.16](#)).

Amém

Uma palavra hebraica que significa "assim é" ou "que assim seja".

Amém vem de um verbo que significa "ser firme ou certo". Algumas traduções da Bíblia sempre mantêm a palavra hebraica "amém" no texto. Outras a traduzem com uma declaração como "verdadeiramente" ou "eu digo a verdade". Algumas traduções a omitem completamente. Devido ao seu uso no Antigo Testamento, "amém" também foi utilizado na adoração cristã e em escritos religiosos, incluindo o Novo Testamento grego.

Amém no Antigo Testamento

"Amém" tem um significado muito mais profundo do que apenas ser a última palavra em uma oração. Na verdade, essa prática não é mostrada na Bíblia. Dizer "amém" no final de uma oração não era comum nos tempos antigos. Nas quase 30 vezes em que é usado no Antigo Testamento, "amém" quase sempre ocorre como uma resposta ao que foi dito anteriormente. Quando alguém diz isso como uma resposta, é como se o que foi dito fossem suas próprias palavras. Por exemplo, em [Deuterônômio 27.15-26](#) (onde "amém" aparece 12 vezes), o povo respondia com "amém" após cada declaração de uma maldição direcionada àqueles que desobedecem a Deus.

Da mesma forma, "amém" é usado como uma resposta após declarações de promessa ou louvor e agradecimento ([Jr 11.5](#); [1Cr 16.36](#)). Também foi usado como conclusão para os primeiros quatro dos cinco "livros" dos Salmos ([Sl 41.13](#); [72.19](#); [89.52](#); [106.48](#)). As únicas exceções no Antigo Testamento são duas ocorrências em [Is 65.16](#). Lá, a frase "o Deus do amém" ou "o Deus da verdade" ("ao Deus fiel", NTLH) enfatiza que Deus é aquele que é "firme". Deus é completamente confiável e cumpre fielmente suas promessas.

Amém no Novo Testamento

O uso de "amém" como resposta a uma declaração anterior continua nas cartas do Novo Testamento e no livro de Apocalipse. Ele aparece após cada um dos seguintes:

176. Doxologias ou declarações de louvor ([Ef 3.21](#))
177. Bênçãos ou declarações de bênção ([Gl 6.18](#))
178. Agradecimento ([1Co 14.16](#))
179. Profecia ([Ap 1.7](#))
180. Declarações de louvor ([Ap 7.12](#))

Em [1 Coríntios 14.16](#), fica claro que uma resposta de "amém" após uma declaração de agradecimento era uma forma de os adoradores participarem, mostrando concordância com o que havia sido dito.

Amendoeira

Uma árvore que se assemelha a um pessegueiro. Seu nome científico é *Amygdalus communis*. A

amendoeira tem folhas pontiagudas com bordas serrilhadas e casca cinza. Ela cresce até uma altura de 3 a 7,6 metros. As amendoeiras florescem muito cedo no ano.

O nome hebraico para amêndoia (*shaqed*) vem de uma palavra que significa "vigiar". Para o povo judeu, a amêndoia era um sinal da primavera ([Ir 1.11](#)).

Ametista

Uma variedade roxa de quartzo. É usada em joias.

Veja Minerais e metais; Pedras, Preciosas.

Ami

Um oficial na corte de Salomão. Os descendentes de Ami retornaram a Jerusalém após o exílio para Babilônia ([Ed 2.57](#)).

Ami também é escrito como Amom em [Neemias 7.59](#).

Veja Amom (Pessoa) #3.

Amiel

181. Filho de Gemali. Ele foi um dos 12 homens enviados por Moisés como espião à terra de Canaã. Amiel representou a tribo de Dâ ([Nm 13.12](#)). Mais tarde, ele morreu por causa de uma praga ([Nm 14.37](#)).

182. O pai de Maquir de Lo-Debar. Mefibosete, filho de Jônatas, foi escondido de Davi na casa de Maquir ([2Sm 9.4-5](#)). Mais tarde, Maquir ajudou a suprir Davi em sua guerra com Absalão ([2Sm 17.27-29](#)).

183. O pai da esposa de Davi, Bate-Sua ou Bate-Seba. ([1Cr 3.5](#)). Amiel também é chamado de Eliã ([2Sm 11.3](#)).

184. O sexto filho de Obede-Edom. Ele, junto com sua família, serviu como porteiro no Templo durante o reinado de Davi ([1Cr 26.5,15](#)).

Amigos

Um amigo é alguém que você conhece bem e com quem se importa.

Jesus chamou seus seguidores mais próximos de seus amigos ([Lc 12.4](#); [Jo 15.14-15](#)). Portanto, era natural que os cristãos se referissem a si mesmos como "os amigos de Cristo". Alguns grupos filosóficos no mundo grego usavam termos de amizade para descrever relações próximas entre seus membros. No entanto, os primeiros cristãos escolheram usar outras palavras para se descreverem, como "seguidores de Jesus" ou "discípulos".

Amilenismo

A crença de que o reinado de mil anos de Cristo descrito em Apocalipse 20 não é um evento futuro, mas um símbolo. Os "mil anos" são entendidos de forma figurativa, não literal. É uma maneira de descrever todo o período entre a primeira vinda de Cristo (sua vida, morte e ressurreição) e sua segunda vinda (o fim dos tempos). Durante esse tempo, Cristo é o governante espiritual sobre a igreja.

Veja Milênio.

Aminadabe

185. O pai de Eliseba, que era esposa de Arão ([Ex 6.23](#)). Aminadabe também era o pai de Nasom, líder tribal de Judá no deserto ([Nm 1.7](#); [2.3](#); [7.12,17](#); [10.14](#); [1Cr 2.10](#)). Aminadabe está listado entre os ancestrais de Davi ([Rt 4.18-22](#)). Mais tarde, ele é mencionado entre os ancestrais de Jesus Cristo ([Mt 1.4](#); [Lc 3.33](#)). *Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.*

186. Um nome alternativo para Isar, um dos filhos de Coate ([1Cr 6.22](#)). *Veja Isar #1.*

187. Um levita contemporâneo do Rei Davi que ajudou a trazer a arca do Senhor para Jerusalém ([1Cr 15.1-4,10-11](#)).

188. Tradução da Bíblia King James em português (BKJ 1611) para uma expressão que ocorre em [Cântico dos Cânticos 6.12:](#) "Ou, antes de eu estar consciente, minha alma tornou-me como as carroagens de Aminadabe". Porém, traduções mais recentes não consideraram o termo como um nome próprio. As outras versões em português têm variações como "meu povo excelente", "com um príncipe ao meu lado", "meu nobre povo" e "à carroagem de um nobre".

Amisadai

Pai de Aiezer. Aiezer era o líder da tribo de Dã quando os israelitas estavam vagando no deserto do Sinai após sua fuga do Egito ([Nm 1.12; 2.25; 10.25](#)). Como líder, ele apresentou a oferta de sua tribo na dedicação do Tabernáculo ([Nm 7.66.71](#)).

Amitai

O pai do profeta Jonas era da tribo de Zebulom. Amitai veio da pequena aldeia de Gate-Hefer. Gate-Hefer fica a nordeste de Nazaré ([2Rs 14.25; Jn 1.1](#)).

Amiúde

- 189.** O pai de um líder da tribo de Efraim, Elisama ([Nm 1.10](#)). Frequentemente foi bisavô de Josué ([1Cr 7.26](#)).
- 190.** O pai de Samuel era da tribo de Simeão. Samuel ajudou Moisés a dividir a Terra Prometida ([Nm 34.20](#)).
- 191.** O pai de Pedael era da tribo de Naftali. Pedael também ajudou Moisés a dividir a Terra Prometida ([Nm 34.28](#)).
- 192.** O pai do rei Talmai de Gesur. Talmai deu refúgio a Absalão quando ele fugiu após assassinar Amnom ([2Sm 13.37](#)).
- 193.** Filho de Onri e pai de Utai da tribo de Judá ([1Cr 9.4](#)).

Amizabade

AMIZABADE

Filho de Benaia. Tanto Benaia quanto Amizabade eram oficiais de alta patente no exército do rei Davi ([1Cr 27.5-6](#)).

Ammi

Ammi é uma palavra hebraica que significa "meu povo". No Antigo Testamento, a expressão "povo de Deus" é a maneira mais comum de descrever a nação de Israel. Esta ideia vem da promessa de Deus a Moisés antes de os israelitas saírem do Egito: "Farei com que vocês sejam o meu povo ('ammi) e eu serei o seu Deus" ([Êx 6.7](#), NTLH).

Para Israel ser chamado de "meu povo" mostrava quão pessoal era o relacionamento deles com Deus. Isso era diferente de outras nações que adoravam muitos deuses (ídolos).

A palavra *ammi* simbolizava o amor de Deus por eles e sua fidelidade às promessas feitas aos seus antepassados ([Dt 4.37; 7.8](#)). Deus concedeu aos israelitas privilégios especiais ao chamá-los de "meu povo". No entanto, ele também esperava que fossem fiéis e obedientes. Os israelitas frequentemente falhavam nisso. Os profetas (pessoas que transmitiam as mensagens de Deus) frequentemente lembravam o povo de seu dever para com Deus.

Ammi no livro de Oseias.

Um exemplo de tal aviso profético é encontrado nos escritos de Oseias. O profeta viu seu próprio casamento com uma esposa infiel como uma imagem do relacionamento de Deus com seu povo. Deus havia se unido a um povo que o abandonou por outros deuses. Os nomes que Oseias deu a seus filhos refletiam a atitude de Deus em relação ao seu povo infiel.

O primeiro filho foi chamado de Jezreel ([Os 1.4](#)). Jezreel significa duas coisas:

- É o nome do lugar onde o Rei Acabe assassinou Nabote ([1Rs 21.1-16](#)). Isso remete a uma experiência terrível na história de Israel.
- O nome também significa "Deus semeia". Esse significado expressa a esperança de Oseias de que o povo de Israel, apesar de todas as suas falhas, em breve retornará a Deus.

Um segundo filho foi chamado *Lo-Ruama*, que significa "Não-Amada" ([Os 1.6](#)). Esse nome expressava a indignação de Deus pela desobediência e seu desejo de se afastar de um povo não arrependido.

O terceiro filho de Oseias foi chamado de *Lo-Ami*, que significa "Não-Meu-Povo" ([Os 1.9](#)). Esse nome representava a maior tragédia para Israel: o fim da aliança de Deus com eles. Deus estava dizendo a Israel: "Chame-o de *Lo-Ami*—'Não-Meu-Povo'—pois Israel não é meu povo, e eu não sou o seu Deus" ([Os 1.9](#)).

Embora tudo parecesse sem esperança, a profecia de Oseias não terminou em uma nota de desgraça. Pelo contrário, ele previu que Israel se arrependeria. Em resposta, Deus restauraria sua relação de aliança com eles: "E àqueles que chamei de 'Não são meu povo', direi, 'Agora vocês são meu povo.' Então eles responderão, 'Você é nosso Deus!'" ([Os 2.23](#)).

Amnom

- 194.** O filho mais velho de Davi com sua esposa Ainoã. Ele nasceu em Hebron ([2Sm 3.2](#); [1Cr 3.1](#)). Amnom enganou e violou Tamar, sua bela meia-irmã. Ele foi morto em vingança pelo irmão de Tamar, Absalão ([2Sm 13.1-33](#)).
- 195.** O primeiro filho de Simão da tribo de Judá ([1Cr 4.20](#)).

Amom (Lugar)

Parte do nome hebraico para Tebas. Tebas é a capital do Alto Egito ([Ir 46.25](#)).

Veja Tebas.

Amom (Pessoa)

- 196.** O governador da cidade de Samaria durante o reinado de Acabe em Israel ([1Rs 22.26](#); [2Cr 18.25](#)). Amom prendeu o profeta Micaías enquanto Acabe ignorava o aviso de Micaías contra atacar Ramote-Gileade.
- 197.** Filho do rei Manassés, o 15º rei de Judá. Ele governou de 642 a 640 a.C. Amom tinha 22 anos quando se tornou rei. Ele adorava ídolos como seu pai. Após um reinado de dois anos, foi morto por pessoas que tomaram o governo ([2Rs 21.19-26](#); [2Cr 33.20-25](#)). *Veja Israel, História de; Linha do Tempo da Bíblia (Antigo Testamento).*
- 198.** Um oficial de Salomão. Seus descendentes retornaram a Jerusalém após o exílio para Babilônia ([Ne 7.59](#)). A grafia Ami é uma variante deste nome ([Ed 2.57](#)).
- 199.** Um deus egípcio, provavelmente ligado à fertilidade e a ajudar as coisas a crescerem ([Jr 46.25](#)).

Amom, Amonitas

Um povo de descendência semítica habitava uma região fértil a nordeste de Moabe, em Transjordânia, entre os rios Arnom e Jaboque, estendendo-se para o leste até o Deserto Sírio. A principal cidade era Rabá (Rabatá-Amom), conhecida hoje como Amã, a capital da Jordânia.

Os amonitas traçaram sua ascendência até a filha mais nova de Ló ([Gn 19.38](#)). O nome deles em hebraico originalmente significava "filho do meu clã paterno", preservando a lembrança de um clã real e nome pessoal, e sugerindo um parentesco entre os amonitas e os israelitas. O nome ocorreu frequentemente no antigo Oriente Próximo a partir do meio do segundo milênio em diante. Uma forma foi encontrada em inscrições assírias; outras formas são vistas em textos ugaríticos do século XV a.C., nos textos de Mari, nas tábuas de Amarna e nas tábuas de Alalakh.

Os amonitas eram um grupo de pessoas que se originou na região sul da Transjordânia por volta

do início do segundo milênio a.C. Embora fossem de ascendência mista, sua língua estava intimamente relacionada ao hebraico. A língua amonita era escrita na antiga caligrafia cananeo-fenício, que provavelmente poderia ser lido e entendido pelos israelitas. Os amonitas frequentemente se casavam com hebreus ([1Rs 14.21.31](#); [2Cr 12.13](#)), e seus nomes pessoais refletiam influências árabes antigas.

Em termos de linguagem, origem étnica e características físicas, os amonitas eram difíceis de distinguir dos amoritas e provavelmente eram intimamente relacionados. Ambos os grupos podem ter entrado na terra aproximadamente na mesma época, pois quando Josué liderou os israelitas em Canaã, tanto o reino amonita quanto o reino amorita de Hesbom já estavam bem estabelecidos.

O Antigo Testamento afirma que o território de Amom foi anteriormente ocupado por uma raça de gigantes chamada refains ou zamzummim, sobre os quais quase nada se sabe ([Dt 2.20-21](#); "Zuzim," [Gn 14.5](#)). O Apócrifo de Gênesis, um texto encontrado entre os Rolos do Mar Morto, também menciona os refains como sendo derrotados por uma aliança de quatro reis ([Gn 14.1.5](#)). A expedição de Quedorlaomer, rei de Elão ([Gn 14](#)), quebrou o poder desses gigantes e provavelmente facilitou a ocupação da terra por Esaú, Amom e Moabe. Os amonitas conseguiram ocupar a terra mais facilmente após o poder dos gigantes ter sido quebrado pela expedição de Quedorlaomer, rei de Elão. O rei Ogue, que era conhecido pelos amonitas ([Dt 3.11](#)), era considerado um descendente dos refains e sua cama era reverenciada devido ao seu grande tamanho.

Quando os israelitas chegaram a Cades, encontraram o bem-organizado reino de Edom, mas foram recusados a permissão para passar pelo território edomita ([Nm 20.14-21](#)). Eles viajaram para o norte, para o país dos amonitas, que então estava ocupado pelo rei amorita Seom. Ele também lhes recusou a permissão para passar por sua terra, mas os israelitas o derrotaram em batalha e ocuparam seu país ([Nm 21.21-24](#)). Eles foram instruídos por Deus através de Moisés a não tentar ocupar o território amonita, pois já havia sido dado aos descendentes de Ló ([Dt 2.19.37](#)).

Continuando para o norte, os israelitas derrotaram o Rei Ogue de Basã ([Dt 3.1-11](#)), depois desceram para o Vale do Jordão, onde acamparam nas Campinas de Moabe. Lá, Balaque, rei de Moabe, contratou um adivinho, Balaão, para pronunciar

uma maldição sobre os israelitas, mas Balaão pronunciou uma bênção a cada vez ([Nm 22-24](#)). Por apoiar os moabitas em suas ações, os amonitas foram excluídos da congregação do Senhor até a décima geração ([Dt 23.3](#); [Ne 13.1-2](#)).

As tribos israelitas de Gade, Rúben e a meia-tribo de Manassés foram atraídas para a fértil região de Transjordânia, que havia pertencido aos amorreus e a Basã, e decidiram se estabelecer ali na fronteira amonita ([Nm 32](#); [Dt 3.16](#); [Js 13.8-32](#)). Posteriormente, construíram um altar no rio Jordão, que as outras tribos inicialmente interpretaram como um ato de rebeldia, pois parecia que estavam estabelecendo um local de culto rival ([Js 22.10-34](#)).

Antes da conquista israelita de Canaã, os amonitas aparentemente não haviam alcançado o mesmo nível de organização política e vida assentada como os vizinhos moabitas e edomitas. Mesmo até o século VII a.C., a nação era essencialmente nômade. Pouco depois de Israel se estabelecer em Canaã, os amonitas se aliaram aos moabitas e amalequitas quando o rei Eglom de Moabe tentou recuperar o antigo território moabita na extremidade norte do Mar Morto ([Jz 3.12-13](#)).

No final do século XII a.C., os israelitas, já estabelecidos com segurança na terra de Canaã, irritaram Deus ao adorarem as divindades dos sírios, sidônios, moabitas, amonitas e filisteus ([Jz 10.6](#)). Os amonitas, em sua primeira expansão política registrada, atacaram Israel e conseguiram se estabelecer em Gileade ([Jz 10.7-8](#)). Eles então cruzaram o Jordão e atacaram as tribos de Judá, Benjamim e Efraim ([Jz 10.9](#)). Em desespero, os anciões de Gileade buscaram ajuda de Jefté, um excluído social, mas um líder militar habilidoso ([Jz 11.1-11](#)). Ele derrotou os amonitas de forma tão decisiva que não foi necessário realizar mais campanhas contra os assentamentos amonitas a oeste do Jordão ([Jz 11.12-33](#)).

Perto do final do século 11, um rei amonita chamado Naás chegou ao poder, determinado a restabelecer o domínio amonita sobre os assentamentos israelitas em Transjordânia. Ele lançou uma campanha militar agressiva por volta de 1020 a.C., que o levou até o norte, em Jabes-Gileade. Os habitantes da cidade estavam dispostos a se render a ele, mas adiaram sua rendição para pedir ajuda a Saul, o recém-consagrado rei israelita. Saul rapidamente organizou um exército e derrotou decisivamente os amonitas ([1Sm 11.1-11](#)). A vitória garantiu a liberdade do domínio amonita no Vale do Jordão por vários séculos,

embora mais tarde em seu reinado Saul tenha sido forçado a lutar em outras batalhas com os inimigos de Israel, incluindo os amonitas ([1Sm 14.47-48](#)).

Quando Davi se tornou rei, ele tomou prata e ouro dos amonitas, filisteus e amalequitas, seja como despojos ou como tributo ([2Sm 8.11-12](#); [1Cr 18.11](#)). Logo depois, Davi enviou Joabe à frente de um forte exército para devastar o campo amonita e sitiá-lo a cidade capital de Rabá ([2Sm 11.1](#); [1Cr 20.2](#)). O cerco durou muitos meses, mas Joabe enfraqueceu a cidade, e Davi então completou sua captura ([2Sm 12.26-29](#)). Em uma cerimônia de capitulação, a enorme coroa de ouro do rei amonita foi colocada na cabeça de Davi ([2Sm 12.30](#); [1Cr 20.1](#)). A cidade conquistada foi saqueada, e seus habitantes foram escravizados. Outras cidades amonitas foram tomadas, e a nação foi adicionada ao crescente número de estados vassalos de Israel ([2Sm 12.31](#); [1Cr 20.3](#)). Davi nomeou um governador sobre os amonitas da família real amonita. Sobi, outro filho de Naás (e portanto irmão de Hanum), tornou-se governante dos amonitas e ajudou Davi durante sua fuga da rebelião de Absalão ([2Sm 17.27](#)). Um dos melhores guerreiros de Davi era um amonita ([2Sm 23.37](#)).

As relações dos amonitas com Israel permaneceram geralmente pacíficas durante o reinado de Salomão, sucessor de Davi, com os amonitas indubitavelmente compartilhando da prosperidade e riqueza desse período. Após a morte de Salomão, o reino se dividiu sob Roboão e foi ainda mais enfraquecido por uma campanha de Sisaque, rei do Egito, que varreu a Palestina e também o território amonita. Aproveitando a situação, os amonitas declararam sua independência de Israel e Judá. Os amonitas juntaram-se aos moabitas e meunitas para fazer guerra contra o rei Josafá de Judá (reinando de 871–848 a.C.). Com medo, Josafá buscou ajuda de Deus em oração ([2Cr 20.1-12](#)). Os amonitas e seus aliados começaram a lutar entre si e se destruíram, deixando para trás grandes despojos para Josafá e seu povo—o que levou três dias para ser levado ([2Cr 20.22-25](#)). Eventualmente, os amonitas se recuperaram, de modo que, no final do século VII a.C., Amom havia se tornado novamente completamente independente e era o estado dominante do sul de Transjordânia. A independência amonita foi curta, no entanto, pois em 599 a.C., de acordo com a Crônica Babilônica, o rei babilônico Nabucodonosor liderou suas tropas para a Síria e começou a invadir o sul da Palestina. Em 593 a.C., os amonitas se reuniram em Jerusalém com o rei Zedequias de Judá e representantes de

Edom, Moabe, Tiro e Sidom em uma conspiração para se rebelar contra a Babilônia ([Jr 27.1-3](#)). O profeta Jeremias os advertiu que Deus faria seu plano falhar ([Jr 27.4-22](#)). Nabucodonosor enviou um exército para esmagar a rebelião e atacou Jerusalém, que destruiu após um cerco longo e amargo (586 a.C.), deportando muitos judeus para a Babilônia. Amom não foi imediatamente invadida, no entanto, e muitos judeus buscaram refúgio lá ([Jr 40.11](#)), incluindo um homem chamado Ismael ([Jr 40.13-16](#)). Ismael conspirou com Baalis, rei de Amom, para assassinar Gedalias, a quem Nabucodonosor havia nomeado governador sobre a Judeia, agora reduzida a uma província da Babilônia. Após realizar o assassinato, Ismael fugiu para Amom ([Jr 41.1-15](#)). Nabucodonosor então enviou tropas que saquearam Rabá e capturaram muitos dos amonitas. Embora a cidade não tenha sido destruída, a destruição do campo foi completa. No terceiro século a.C., invasores árabes invadiram e destruíram a estrutura política organizada restante, marcando assim o fim de Amom como um estado semi-independente.

Amoque

Um sacerdote que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio para Babilônia. Amoque foi o antepassado de Héber, que foi sacerdote sob Joaquim ([Ne 12.7,20](#)).

Amor

Virtude proeminente na teologia e ética cristãs. Portanto, é importante entender claramente este termo extremamente importante.

No Antigo Testamento

O amor sexual (*ahabah* e *dod*) é mencionado nas histórias de Adão e Eva e de Jacó e Raquel, bem como no livro Cântico dos Cânticos. Uma forma superior de amor, envolvendo lealdade, firmeza e bondade, é expressa pela palavra hebraica *hesed*, que às vezes é traduzida como "fiel" ou "leal" ([2Sm 22.26](#)), mas mais frequentemente "amor constante" ou "bondade amorosa".

A conotação desta palavra significativa é clara em [Os 2.19-20](#). "Israel, eu casarei com você, e para sempre você será minha legítima esposa. Eu a tratarei com amor e carinho e serei um marido fiel. Então você se dedicará a mim, o SENHOR"; em [Jó](#)

[6.14-15](#), onde a bondade é comparada à traição; e em [1Sm 20.8](#), que fala de bondade da aliança. Este inabalável, firme amor de Deus é contrastado com os humores imprevisíveis e caprichosos das divindades pagãs. Hesed não é uma resposta emocional à beleza, mérito ou bondade, mas sim uma atitude moral dedicada ao bem do outro, ainda que seja ou não amável, digno ou responsivo (ver [Dt 7.7-9](#)).

Esta lealdade duradoura, enraizada em um propósito inabalável de bem, poderia ser severa, determinada a disciplinar um povo rebelde, como vários profetas advertiam. Mas o amor de Deus não muda. Através do exílio e fracasso, persistiu com paciência infinita, sem tolerar o mal nem abandonar os malfeiteiros. Tem dentro de si bondade, ternura e compaixão ([Salmo 86.15; 103.1-18; 136; Os 11.1-4](#)), mas sua principal característica é uma obrigação moral aceita pelo bem-estar dos outros.

No entanto, a resposta era esperada. A Lei ordenava amor e gratidão de todo o coração pela escolha e redenção de Israel por Deus ([Dt 6.20-25](#)). Isso deveria ser mostrado na adoração e especialmente no tratamento humano dos pobres, dos indefesos, dos estrangeiros residentes, dos escravos, das viúvas e de todo o sofrimento da opressão e crueldade. Oséias igualmente esperava que o amor constante entre as pessoas resultasse do amor constante de Deus pelas pessoas ([Os 6.6; 7.1-7; 10.12-13](#)).

Amar a Deus e “seu próximo como a si mesmo” ([Lv 19.18](#)) está assim ligado na lei e profecia de Israel. Embora muitos tipos de amor estejam dentro da perspectiva de todo o AT, esses são os principais pontos: a iniciativa amorosa de Deus, a qualidade moral do amor e o relacionamento próximo entre o amor por Deus com amar os outros.

No Novo Testamento

Das palavras gregas disponíveis para descrever amor, eros (amor sexual) não ocorre no NT. *Fileo*, conotando afeto natural, ocorre cerca de 25 vezes, com *philadelphia* (amor fraterno) cinco vezes, e *filia* (amizade) apenas em [Tg 4.4](#). *Storge*, conotando afeto natural entre parentes, aparece ocasionalmente em palavras compostas. De longe, a palavra mais frequente é *ágape*, geralmente assumida como significando boa vontade moral que procede da estima, princípio ou dever, em vez de atração de charme. Ágape é muito semelhante em significado a hesed em que ambos denotam dedicação. Ágape significa especificamente amar os

imerecidos, apesar da decepção e rejeição. A diferença entre ágape e phileo é difícil de sustentar em todas as passagens. Ágape é especialmente apropriada para o amor divino. Ágape foi por muito tempo considerado como um termo cunhado pelos cristãos, mas ocorrências pagãs foram recentemente reivindicadas. O verbo agapao era frequente no AT grego. Embora o Ágape tenha mais a ver com princípio moral do que com inclinação ou gosto, nunca significa a fria bondade religiosa mostrada apenas pelo dever, como provam abundantemente os exemplos das Escrituras.

Nos Evangelhos Sinópticos

Num mundo pecaminoso e sofredor, o amor divino de Jesus manifestou-se supremamente na compaixão e na cura para os angustiados e na preocupação redentora para com os alienados e os que se desesperavam. Assim, o reino que Cristo proclamou oferecia boas novas aos pobres, cátivos, cegos e oprimidos ([Mt 11.2-5; Lc 4.18](#)), enquanto a atitude de Jesus em relação aos que foram excluídos, desprezados ou enlutados pelo pecado em algum país distante da alma os assegurava de perdão e um retorno bem-vindo à casa do Pai ([Lc 15](#)). Tal perdão era livre, sua única condição prévia era a prontidão para recebê-lo em arrependimento e fé.

Além disso, as boas novas do amor divino impõem sua própria obrigação: amar a Deus e amar os outros como Deus faz ([Mt 5.44-48](#)). O primeiro e maior mandamento na lei de Deus é: “Ame o Senhor, seu Deus... E o segundo mais importante é parecido com o primeiro: ‘Ame os outros como você ama a você mesmo’. Toda a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas se baseiam nesses dois mandamentos” ([Mt 22.35-40](#); cf. [Lv 19.18](#); [Dt 6.5](#)).

O primeiro mandamento não é idêntico, perdido ou apenas preenchido através do segundo; é separado e primário. O que Jesus quis dizer com amar a Deus é indicado por seus próprios hábitos de adoração pública, oração privada e obediência absoluta. O amor pelo próximo não está definido em lugar algum, mas ilustrado em todos os lugares. Na parábola do bom samaritano, “próximo” é mostrado como alguém perto o suficiente para ajudar, e o amor envolve qualquer serviço que a situação do próximo exija. A parábola das ovelhas e cabras mostra o amor que alimenta os famintos, veste os que estão nus, visita os doentes e os presos. No exemplo incansável de Jesus, o amor cura, ensina, adapta a instrução aos ouvintes através de parábola e linguagem simbólica,

defende aqueles que são criticados ou desprezados, pronuncia perdão, conforta os enlutados, faz amizade com os solitários. Devemos amar os outros como ele nos amou e como nós nos amamos. Tal transferência imaginativa de amor-próprio faz o bem sem esperar retorno, nunca retorna tratamento doente, garante a cortesia infalível até mesmo para o mais humilde, sustenta uma compreensão sólida que equilibra o julgamento.

Para Jesus, o pecado notável era a falta de amor, a omissão intencional de qualquer bem possível, passando do outro lado enquanto os outros sofrem, ignorando o destituído à porta, retendo o perdão. A falta de amor foi agravada pela autojustiça censura, a insensibilidade religiosa que ignora a angústia dos outros para preservar alguma regulação ritual mesquinha. No final, obediência ou negligência da lei do amor determinará o destino eterno de todos ([Mt 25.31-46](#)).

Nos escritos de Paulo

A igreja apostólica rapidamente entendeu o princípio revolucionário de que o amor é suficiente. A declaração de Paulo que o amor preenche toda a lei é quase uma citação de Jesus. Sua exposição de vários mandamentos contra o adultério, matança, roubo e cobiça é resumida em amar, porque o amor não pode fazer nada de errado a um vizinho ([Rm 13.8-10](#)). [Efésios 4.25-5.2](#) mostra o mesmo ponto de outra maneira: toda amargura, ira, mentira, roubo, calúnia e malícia devem ser substituídas por ternura, perdão e bondade.

O amor é, para Paulo, “a lei de Cristo”, supremo e suficiente ([Gl 5.14](#); [6.2](#)), e ele define claramente o que por si só “serve” no cristianismo como “a fé opera através do amor” ([5.6](#)). Ele insiste que a manifestação suprema do Espírito que os cristãos devem cobiçar é “o caminho mais excelente” do amor ([1Co 12.27-13.13](#); cf. [Rm 5.5](#); [Gl 5.22](#)). Aqui também, ele contrasta o amor com cinco outras expressões de zelo religioso, muito valorizadas em Corinto, a fim de mostrar que cada uma é sem proveito sem amor ([1Co 13.1-3](#)). Ele termina o capítulo comparando amor com fé e esperança, os outros elementos duradouros da experiência religiosa, e declara o amor como o maior.

A descrição de Paulo de amor em ação inclui liberalidade, atos de misericórdia e hospitalidade; evitar a vingança; simpatia; regozijar-se com os outros; compartilhar de fraqueza, vergonha ou necessidade; restaurar, apoiar e edificar os outros, dando-lhes toda honra, bondade, perdão, encorajamento; restringindo as críticas, até mesmo

do fâncoso, excessivamente escrupuloso “irmão mais fraco” — a lista é quase infinita. De modo mais geral, o amor é revelado como uma qualidade de atividade, de pensamento e de sofrimento ([1Co 13.4-8](#)). Em resumo, o amor não faz mal e não omite o bem; é a lei de Deus.

De acordo com Paulo, Deus mostrou seu amor por nós de modo que Cristo morreu por nós. Por causa de seu grande amor, ele nos tornou vivos em Cristo; nesse amor vivemos, por ele conquistamos, e dele nada nos separará ([Rm 5.8](#); [8.32-39](#); [2Co 13.14](#); [Ef 2.4](#); [2Ts 2.16](#); [Tt 3.4-5](#)). Nossa amor reflete o amor primeiro “derramado em nossos corações” ([Rm 5.5](#)), e é dirigido a Cristo ([1Co 7](#); [16.22](#); [Ef 6.24](#)) e aos outros, a quem amamos por ele.

Nos escritos de João

O que João mais tarde recordou, e refletiu, forma a coroa do ensino bíblico sobre amor. Para João, o amor era o fundamento de tudo o que havia acontecido — “Deus amava o mundo de tal maneira” ([Jo 3.16](#); [16.27](#); [17.23](#)). É assim que conhecemos o amor: Cristo deu sua vida por nós ([1Jo 3.16](#)). O amor mútuo de Pai, Filho e discípulos deve ser o fato fundamental no cristianismo, porque o próprio Deus é amor ([4.8, 16](#)).

Sabemos disso pela Encarnação e pela cruz ([1Jo 4.9-10](#)). Assim conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós, e esse amor em si é divino (“de Deus”). Segue-se que “aquele que ama é nascido de Deus”. “Aquele que não ama não conhece a Deus”. Tal pessoa “está nas trevas”, “não é de Deus” e “permanece na morte”. Ninguém nunca viu Deus; no entanto, “se amarmos.. Deus habita em nós” e nós em Deus.

O amor de Deus é, portanto, anterior e original; se amamos, é “porque ele primeiro nos amou”. Nossa amor é dirigido primeiro a Deus, e João está buscando excessivamente isso em seus testes desse amor para Deus. Exige que “não amemos o mundo”, que “guardemos a sua palavra [e] os seus mandamentos” e amemos os nossos irmãos e irmãs cristãos. Este mandamento recebemos de Cristo: “Que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão”, pois “se Deus nos amava assim, também devemos nos amar uns aos outros”. Doze vezes João enfatizou o dever de lealdade e amor mútuos. De fato, se alguém fechar seu coração contra seu irmão ou irmã, “como o amor de Deus habita nele?”

Esta ênfase no amor mútuo entre os cristãos tem sido considerada uma séria limitação do amor que Jesus exigia. “Seu irmão” parece ter substituído

“seu vizinho”. A este respeito, o mandamento dado no cenáculo ([Jo 13.34](#)) é “novo” comparado com o que está em [Mateus 22.39](#) (citando [Lv 19.18](#)), e as circunstâncias explicam o porquê. A noite em que Jesus foi traído foi sombreada pela hostilidade do mundo ao redor, pela crucificação iminente e pela deserção de Judas. Todo o futuro dependia da lealdade mútua dos 11 discípulos, estando juntos sob pressão social. Na época da carta de João, novas deserções haviam atingido a igreja. Uma perversão do evangelho chamada gnosticismo, essencialmente intelectualista, orgulhosa, “sem dar atenção ao amor” (Inácio), havia atraído líderes e adeptos ([1Jo 2.19, 26](#)). Mais uma vez a lealdade mútua era muito importante, e João escreveu expressamente para consolidar e manter a comunhão apostólica ([1Jo 1.3](#)).

No entanto, o amor pelos companheiros cristãos não exclui, mas em vez disso leva a um amor mais amplo (compare [2Pe 1.7](#)). João insiste que Deus amava o mundo inteiro ([Jo 3.16](#); [1Jo 2.2](#); [4.14](#)). Além disso, se o amor falhar dentro da comunhão cristã, certamente não florescerá além dele, mas desaparecerá em meras palavras ([1Jo 3.18](#)).

Ao contrariar o conceito desamoroso do cristianismo gnóstico, a preocupação de João era com o mandamento básico do amor a Deus e às pessoas como sendo, ao mesmo tempo, o critério e a consumação da verdadeira vida cristã. Ele não detalha, portanto, as múltiplas expressões de amor. Para descrição do amor em ação, sua mente se lembra das palavras de Cristo sobre “guardar os mandamentos” e “dar a vida” em sacrifício ([Jo 15.10, 13](#); [1Jo 3.16](#)), e ele mencionou especialmente o amor percebendo a necessidade de um irmão, e assim compartilhando os bens deste mundo (v. [17](#)). Por mais concisas que sejam essas expressões, elas contêm o coração, o cerne do amor cristão. O realismo franco de João em testar todas as alegações religiosas garante que, para ele, o amor não poderia ser um sentimentalismo vago.

O ideal cristão só pode ser socialmente realizado dentro de um grupo de discípulos, um reino divino, a família do Pai, a comunhão cristã. Nas Escrituras, o amor não é uma ideia abstrata, concebida para fornecer uma “norma” autoexplicativa e automotivadora para resolver o problema em todas as situações morais. Está enraizada na natureza divina, expressa na vida e morte de Cristo, experimentada na salvação, e assim acesa dentro dos salvos. Assim, é central, essencial e indispensável ao cristianismo. Porque Deus é amor.

Ver também Deus, Ser e Atributos de; Graça; Misericórdia; Ira de Deus.

Amora-preta

A amora-preta de folha de olmo (*Rubus ulmifolius*) é um arbusto perene espinhoso que se espalha ao crescer novos brotos a partir de suas raízes. Os caules e brotos jovens são cobertos por um pó esbranquiçado característico ou película e por pelos curtos. Os espinhos são fortes, eretos e têm pelos sobre eles.

As flores desses espinheiros podem ser brancas, rosa, rosadas ou roxas. O fruto é redondo e preto. Na Bíblia “espinheiro” é a tradução de várias palavras diferentes que descrevem arbustos com caules espinhosos e rastejantes. Essas plantas frequentemente formam emaranhados de vegetação.

Amoreira

Uma árvore que produz frutos escuros, azul-arroxeados, que podem ser consumidos. Essa família de árvores inclui espécies com frutos roxo-escuros e outras com frutos brancos. As folhas dessas árvores servem de alimento para os bichos-da-seda.

A amoreira mencionada em [Lucas 17.6](#) é provavelmente a amoreira-preta (*Morus nigra*). É uma árvore de porte baixo, com copa densa e galhos rígidos. Geralmente cresce entre 7 e 11 metros de altura, embora raramente ultrapasse 9 metros.

A amoreira-preta originalmente veio do norte da Pérsia (atual Irã). Hoje, as pessoas cultivam essa árvore em todo o Oriente Médio por causa de seu fruto.

A espécie de amoreira chinesa ou india (*Morus alba*) foi amplamente cultivada na Síria, em Israel e nas áreas circundantes até tempos recentes, mas não é nativa dessas regiões.

Amorreus

Povos semitas encontrados em todo o Crescente Fértil do Oriente Próximo no início do segundo milênio a.C. Os amorreus são mencionados pela primeira vez na Bíblia como descendentes de

Canaã em uma lista de povos antigos ([Gn 10.16](#); cf. [1Cr 1.13-16](#)). Alguns desses povos nômades parecem ter migrado do Deserto Sírio para a Mesopotâmia, enquanto outros foram para a Palestina.

Inscrições cuneiformes acadianas mencionam um povo relativamente não civilizado chamado *Amurru* (tradução do sumério *Mar-tu*), possivelmente nomeado em homenagem a um deus da tempestade. Eles dominaram os sumérios e, eventualmente, a maior parte da Mesopotâmia. A cidade de Mari, no alto do Rio Eufrates, caiu sob o domínio deles por volta de 2000 a.C.; Eshunna pouco tempo depois; Babilônia por 1830 a.C.; e finalmente Assur por volta de 1750 a.C.

Mais a oeste, os amorreus estavam na Palestina e na Síria já no terceiro milênio a.C. Textos egípcios do início do século 19 a.C. mostram que ondas adicionais de nômades amorreus estavam entrando em Canaã naquela época. Muitos de seus nomes são semelhantes aos nomes amorreus da alta Mesopotâmia. De fato, muitos nomes das tábua de Mari são idênticos ou semelhantes aos nomes nos relatos patriarcas em Gênesis. Pessoas chamadas Jacó, Abraão, Levi e Ismael eram conhecidas em Mari, e nomes semelhantes a Gade e Dâ foram encontrados lá. Benjamim era conhecido como o nome de uma tribo. Naor foi encontrado como o nome de uma cidade perto de Harã. Segundo Gênesis, Abraão viveu em Harã muitos anos antes de ir para Canaã. Jacó passou 20 anos lá e casou-se com duas mulheres de Harã.

Os amorreus aparecem de forma proeminente no AT como grandes obstáculos para a ocupação de Canaã (a Terra Prometida) pelos israelitas após o Éxodo. Quando chamou Moisés para liderar Israel para fora do Egito, o Senhor falou de Canaã, então ocupada por amorreus e outros, como uma boa terra ([Ex 3.8.17](#); [13.5](#)). Quando os israelitas estavam no deserto, Deus prometeu destruir aquelas nações ([Ex 23.23](#)) e expulsá-las da terra ([Ex 33.2](#)). O povo hebreu foi avisado para não fazer alianças com nenhum deles, não se casar com eles, nem tolerar sua adoração a ídolos ([Ex 34.11-17](#)).

Os espiões enviados à terra encontraram amalequitas no sul; hititas, jebuseus e amorreus nas montanhas do norte e a oeste do rio Jordão; e cananeus junto ao mar e ao longo do Jordão ([Nm 13.25-29](#)). Naquela época, havia amorreus a leste do Jordão também ([Nm 21.13](#)).

Deus havia instruído Israel a subir de Horebe e conquistar a montanha dos amorreus no lado oeste

do Jordão até o Mar Mediterrâneo ([Dt 1.7](#)). Quando chegaram a Cades-Barneia, estavam ao pé dessas montanhas ([Dt 1.19-20](#)). Mas o povo murmurou e reclamou que Deus os havia tirado do Egito apenas para serem massacrados pelos amorreus. A partir dos relatórios dos espiões, imaginaram os amorreus como um povo impressionante, maior e mais alto que os israelitas ([Dt 1.26-28](#)). A princípio, recusaram-se a confiar em Deus o suficiente para entrar, então Deus lhes disse para se virarem e voltarem para o deserto. Depois mudaram de ideia, teimosamente atacaram os amorreus contra a ordem de Deus, e foram severamente derrotados ([Dt 1.34-44](#)). Finalmente, após 38 anos adicionais no deserto, os israelitas mais uma vez enfrentaram os amorreus, mas desta vez no lado leste do Mar Morto ([Nm 21.13](#)). O rei amorre, Seom, recusou-se a deixá-los passar por sua terra. Os israelitas estavam posicionados no rio Arnom, que deságua no Mar Morto cerca de dois terços do caminho ao longo de sua costa leste.

A Transjordânia era controlada por dois reis amorreus, Seom e Ogue. Israel teve que enfrentar Seom primeiro. Sua cidade, Hesbom, ficava a leste do extremo norte do Mar Morto ([Nm 21.21-26](#)). O próprio Seom havia tomado essa terra dos moabitas. Moisés conhecia a reputação de Seom e citou um poema que se gabava da vitória de Seom sobre Moabe ([Nm 21.27-30](#)). No entanto, os israelitas derrotaram Seom e devastaram seu reino de Dibom, 6,4 quilômetros ao norte do Arnom, até Medeba, 11 quilômetros ao sul de Hesbom. O rei Ogue, mais ao norte, recebeu o mesmo tratamento ([Nm 21.31-35](#)). O rei Balaque de Moabe ouviu sobre as vitórias israelitas e ficou apavorado ([Nm 22.2-3](#)).

Moisés lembrou ao povo que, confiando nas promessas de Deus, eles haviam tomado toda a terra dos amorreus a leste do Jordão ([Dt 2.24-3.10](#)). O território conquistado foi dado às tribos de Gade e Rúben e à meia tribo de Manassés ([Nm 32.33](#)). Então, 40 anos após o Éxodo começar, Israel estava de pé no lado leste do Jordão, tendo despojado as duas grandes nações dos amorreus ali ([Dt 1.1-4](#)). Mas havia outros reinos amorreus nas colinas a oeste do Jordão, junto com outras nações ([Dt 7.1-2](#)). Eles deveriam ser destruídos da mesma forma que Seom e Ogue foram derrotados ([Dt 31.3-6](#)).

A vitória de Israel a leste do Jordão foi tão famosa que Raabe e outros em Jericó, a oeste do Jordão, souberam dela e ficaram com medo ([Js 2.8-11](#)). Os israelitas cruzaram o Jordão e tomaram Jericó, mas

foram derrotados na cidade menor de Ai, na região montanhosa a oeste de Jericó. Eles imediatamente assumiram que seriam exterminados pelos amorreus naquelas colinas ([Js 7.7](#)).

No entanto, os israelitas recuperaram o favor de Deus e derrotaram Ai. Sua vitória impressionou os outros reinos a oeste do Jordão, nas colinas, vales e regiões costeiras até o Líbano, que se aliaram para lutar contra Josué ([Js 9.1-2](#)). Gibeão, uma cidade dos amorreus a onze quilômetros a sudoeste de Ai, fez paz com Israel, aumentando o medo nos corações dos reis restantes ([Js 10.1-2](#)). Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, era evidentemente o líder dos reis amorreus a oeste do Jordão ([Js 10.3](#)). Jerusalém estava a apenas doze quilômetros a sudeste de Gibeão. Adoni-Zedeque convocou os reis de Hebron, Jarmute, Laquis e Eglom, todos a menos de 80 quilômetros de Jerusalém, para lutar contra Gibeão e Josué ([Js 10.3-5](#)).

Josué veio em defesa de Gibeão e derrotou os amorreus, perseguindo-os para noroeste e sudoeste. O Senhor lutou por Israel, fazendo chover pedras de granizo sobre os amorreus em Azeca, a sudoeste de Gibeão, e fazendo o sol parar para proporcionar um dia de batalha mais longo ([Js 10.6-14](#)).

No extremo norte, Jabim, rei de Hazor, reuniu os cananeus e os amorreus restantes até o norte, no Monte Hermon ([Js 11.1-5](#)). Mas eles também foram derrotados ([Js 11.10-23](#)). Perto do fim da vida de Josué, ele lembrou ao povo que foi o Senhor quem lhes deu a terra dos amorreus ([Js 24.1-18](#)).

Após a ocupação de Canaã por Israel, os amorreus ainda presentes na terra perseguiam a tribo de Dã até as montanhas e continuaram a viver perto de Ajalom, a 27 quilômetros a oeste de Jerusalém. Eles ainda mantinham as encostas em direção ao extremo sul do Mar Morto também ([Jz 1.34-36](#)). No período dos juízes, os amorreus e seus deuses representavam uma ameaça constante ao bem-estar de Israel ([Jz 6.10](#)).

No final do período dos juízes, as relações entre Israel e os amorreus melhoraram ([1Sm 7.14](#)). Davi continuou a honrar o tratado de Josué com o remanescente amorreu de Gibeão ([2Sm 21.2-6](#)). Salomão recrutou sua força de trabalho dos amorreus e de outros povos ainda sobreviventes da conquista israelita ([1Rs 9.20-22](#)).

O Antigo Testamento trata a libertação dos amorreus e sua terra nas mãos de Israel como um grande evento comparável ao próprio Éxodo, uma vitória a ser lembrada e celebrada ([Sl 135.9-12](#),

[136.13-26](#)). Se o povo esquecesse, o Senhor os lembrava através de seus profetas ([Am 2.9-10](#)). Muito tempo depois de Seom e Ogue terem sido derrotados, a área a leste do Jordão ainda era lembrada como a terra de "Seom, rei dos amorreus" ([1Rs 4.19](#)). Quando os reis de Israel e Judá começaram a falhar com Deus, a memória dos amorreus forneceu um padrão de comparação do mal. A contínua fascinação dos judeus pela idolatria levou Deus a se dirigir a Jerusalém, representando o povo judeu, através do profeta Ezequiel: "Sua mãe era uma hitita e seu pai um amorreu" ([Ez 16.45](#)). Na visão bíblica, os amorreus representavam tudo o que é abominável aos olhos de Deus.

Amós (Pessoa)

Amós foi um profeta hebreu (algum que transmitia mensagens de Deus) que viveu no oitavo século a.C.

Quem foi Amós?

Tudo o que sabemos sobre Amós vem do livro que leva seu nome na Bíblia. Ele era um pastor que vivia em Tecoa, uma vila a cerca de 16 quilômetros ao sul de Jerusalém. Amós estava vivendo lá quando Deus falou com ele em uma visão ([Am 1.1-2](#)).

Naquela época, o reino de Israel estava dividido. Uzias era o rei de Judá no sul. Jeroboão II era o rei de Israel no norte. Deus deu a Amós uma visão. Nessa visão, a poderosa mensagem de Deus era como o rugido de um leão. Deus estava alertando o povo, especialmente os israelitas, para que parassem de fazer duas coisas erradas: tratar os outros injustamente e adorar falsos deuses.

O livro de Amós nos informa que ele transmitiu a mensagem de Deus em uma cidade chamada Betel. Betel estava localizada cerca de 19 quilômetros ao norte de Jerusalém, logo após a fronteira em Israel. O rei Jeroboão I havia transformado Betel em um importante local de adoração em Israel para competir com o principal templo em Jerusalém, que ficava em Judá.

Mensagem de justiça e transformação de Amós

Amós profetizou que Israel seria invadido e seu rei morto. O sacerdote de Betel era Amazias. Ele chamou Amós de traidor e disse para ele voltar para Judá e profetizar lá. Amós respondeu: "Eu não era profeta... nem filho de profeta; ao contrário, eu

era um pastor e cultivador de figueiras bravas". Mas o Senhor lhe disse: "Vá, profetize ao Meu povo Israel." ([Am 7.10-15](#)).

Amós era um homem temente a Deus e se importava profundamente com a forma como os ricos tratavam injustamente os pobres. Ele não queria ser identificado com um grupo de elite de profetas profissionais, que poderiam ter perdido seu entusiasmo original. Seus escritos refletem o pano de fundo simples de um pastor ([3.12](#)). Mas ele falou com autoridade a mensagem que lhe foi dada pelo Senhor Deus dos Exércitos: "Mas que a justiça corra como um rio, e a retidão como um ribeiro perene" ([5.24](#)).

A mensagem de Amós foi um chamado ao arrependimento dos pecados pessoais e sociais. Amós convocou o povo de Deus a retornar à adoração do único Deus verdadeiro e aos padrões da aliança (as regras que Deus deu ao povo judeu) que os tornaram uma nação.

Veja Amós, Livro de; Profeta, profetisa.

Amós, Livro de

Escritos do profeta Amós, um dos 12 profetas menores do Antigo Testamento Hebraico. O livro de Amós é chamado de menor apenas porque é relativamente curto. Sua mensagem é tão importante quanto a de qualquer um dos grandes profetas. De fato, Amós tem uma das declarações mais poderosas na Bíblia sobre o julgamento de Deus contra a injustiça, opressão e hipocrisia. O livro consiste principalmente em sermões proféticos pregados por Amós em Betel, santuário real do reino do norte de Israel no século VIII a.C.

Resumo

- Autor
- Data, Origem e Destino
- Contexto
- Conteúdo
- Significado

Autor

O pregador dos sermões (ou oráculos) no livro foi, sem dúvida, Amós, um pastor e cultivador (agricultor) de figueiras, da aldeia de Tecoa, ao sul de Jerusalém. Ele recebeu de Deus uma visão de

julgamento sobre Israel e foi para o norte, até Betel, logo após a fronteira entre Judá e Israel, para pregar seus sermões. Tudo o que sabemos sobre o profeta está contido na introdução do livro ([1.1-2](#)) e em uma seção biográfica ([7.10-14](#)) do livro de Amós, além do que pode ser aprendido sobre ele a partir do estilo e conteúdo do restante do livro.

Amós escreveu suas profecias ele mesmo? Embora os estudiosos tenham levantado muitas questões sobre a autoria de Amós, não há razão convincente para considerar o livro como obra de outra pessoa. Alguns sugeriram que os sermões foram transmitidos oralmente por muito tempo antes de serem escritos em sua forma final. O texto hebraico, no entanto, está em muito melhor estado do que se esperaria (se tivesse passado por uma transmissão oral prolongada). As muitas referências em primeira pessoa e o vigor da expressão implicam fortemente que o próprio Amós colocou grande parte de sua profecia por escrito logo após pregá-la em Betel.

Outra proposta especulativa é que as visões descritas no livro ([7.1-9](#); [8.1-3](#); [9.1-4](#)) foram compiladas por Amós antes de iniciar seu ministério no reino do norte, e os oráculos (caps [1-6](#)) foram compostos após esse período. As duas seções poderiam ter sido unidas em um único livro muito mais tarde, durante ou após o exílio babilônico, com algumas seções inseridas naquela época. Outras profecias, no entanto, como Ezequiel e Jeremias, contêm tanto seções de oráculo quanto de visão que os estudiosos não tentaram dividir, e as evidências internas não tornam essa divisão necessária com Amós. Ambas as seções contêm preocupações semelhantes; em ambas as visões ([7.1-3](#)) e os oráculos ([5.1-7](#)), Amós aparece no papel de intercessor em favor de Israel.

Data, Origem e Destino

De acordo com a introdução do livro, Amós profetizou durante os reinados de Uzias, rei de Judá, e Jeroboão II, rei de Israel ([1.1](#)), ou entre 792 e 740 a.C. O conteúdo de sua mensagem se encaixa no que se sabe sobre a situação em Israel naquele período. É difícil ser mais exato sobre o início e o fim do ministério profético de Amós dentro desse período de tempo. A visão veio a ele "dois anos antes do terremoto" ([1.1](#)), mas outra referência bíblica ao presumivelmente mesmo terremoto o coloca durante os dias do Rei Uzias de Judá ([Zc 14.5](#)). Escavações arqueológicas em Hazor parecem ter fornecido evidências de um terremoto, datado de aproximadamente 760 a.C. Amós

também contém uma referência profética a um eclipse solar ([8.9](#)); tal eclipse foi calculado para ter ocorrido por volta de 763 a.C. Depois que o rei Uzias foi acometido de lepra, ele viveu em isolamento enquanto Judá estava sob uma congregação ([2Cr 26.21](#)). Portanto, a menção de Uzias como rei por Amós ([1.1](#)) provavelmente estabelece 760 a.C. como a data mais tardia possível para o ministério de Amós.

A desgraça que se abateu sobre Israel após a profecia de Amós foi a conquista pelo rei assírio Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.). Embora Amós tenha se referido ao cativeiro iminente, ele nunca mencionou a Assíria como o captor, embora tenha dito que o cativeiro levaria Israel a uma terra a leste de Damasco ([5.27](#)). Provavelmente Amos não estava pensando especificamente no crescente poder da Assíria, mas apenas nas inevitáveis consequências da idolatria e hipocrisia de Israel. Quando todas as evidências são levadas em consideração, parece razoável datar o início das profecias de Amós em Betel por volta de 760 a.C., ou aproximadamente no meio do período durante o qual tanto Uzias quanto Jeroboão II estavam em seus tronos. Não sabemos quanto tempo durou seu ministério; pode ter sido apenas alguns meses.

Amós estava cuidando de seus rebanhos nas colinas da Judeia ao sul de Jerusalém quando Deus lhe disse: “Vai e profetize ao meu povo Israel” ([7.15](#), ARC). Ele pode ter estado familiarizado com o norte mais urbano de viagens anteriores para vender lã ou frutas, ou a adoração pagã e as injustiças sociais lá podem ter causado um impacto repentina nele após seu chamado para profetizar. De qualquer forma, seus escritos revelam não apenas sua origem rural na Judeia, mas também um conhecimento de primeira mão das condições no reino do norte de Israel. Embora suas profecias fossem direcionadas principalmente a Israel, ele também denunciou o pecado de Judá, prevendo que sua capital, Jerusalém, seria queimada ([2.4–5](#)). Várias passagens são direcionadas aos habitantes de Samaria, capital de Israel ([4.1–11](#); [6.1](#)), com as quais Amós obviamente estava familiarizado. Ele poderia ter viajado para Samaria a partir de Betel, ou poderia ter aprendido sobre suas esplêndidas maravilhas através das vanglorias de seus cidadãos. Ele poderia tê-los abordado diretamente, pois eles vieram da capital para adorar em Betel.

Contexto

O oitavo século a.C. foi um período crítico na história judaica. Ambos os reinos da nação dividida

haviam alcançado níveis de afluência econômica que não foram experimentados desde os dias de Salomão. Ainda assim, a decadência religiosa interna estava minando a força de ambos os reinos, e seu tecido social estava sendo destruído. Uma nova classe rica estava se beneficiando da riqueza da época, ficando cada vez mais rica enquanto os pobres se tornavam mais pobres do que nunca.

Em 803 a.C., a conquista de Damasco na Síria pelo rei assírio Adad-nirari III havia silenciado um dos maiores inimigos de Israel. Com os sírios fora de cena, o reino de Israel conseguiu expandir suas fronteiras sob o reinado do Rei Joás ([2Rs 13.25](#)), e por um tempo até mesmo o impulso do poder assírio para o oeste foi diminuído. Israel e Judá entraram em um período de descanso da guerra constante e voltaram sua atenção para os assuntos internos.

O filho de Joás, Jeroboão II, tornou-se rei de Israel em 793 e reinou até 753 a.C. Uzias esteve no trono de Judá de 792 a 740 a.C. Sob esses dois reis, Judá e Israel controlavam um território quase tão grande quanto o império de Salomão havia sido. Sua riqueza havia crescido tanto pela expansão do comércio quanto pelo saque de territórios conquistados.

A arqueologia revelou informações sobre a atividade industrial dentro das nações, como uma impressionante indústria de tingimento em Debir. Escavações em Samaria produziram grande quantidade de incrustações de marfim que confirmam a descrição de Amós sobre os ricos na capital ([6.4](#)). A cidade de Samaria era protegida por uma enorme parede dupla de espessura incomum. Um palácio, provavelmente o de Jeroboão, dominava a cidade com uma torre maciça.

O esplendor e a prosperidade da época, no entanto, estavam mascarando a disseminação da decadência interna. A opressão dos pobres por muitos nas classes ricas não só ameaçava a unidade da nação, mas também significava que as leis de Deus estavam sendo violadas. Em suas denúncias sobre o tratamento cruel dos pobres ([5.11–13](#); [8.4–10](#)), Amós alertou sobre a punição inevitável por desobedecer às leis de Deus.

A nação de Israel era culpada de mais do que pecados sociais contra o pacto. Também estava adotando práticas religiosas pagãs. A influência religiosa cananeia se infiltrou no tecido da nação de Israel. A escavação de um armazém do palácio em Samaria descobriu muitos *ostraca* (pedaços de cerâmica quebrada usados para escrever

mensagens curtas, como cartas, recibos, etc.) contendo nomes hebraicos compostos com "Baal", um dos principais deuses da religião cananeia.

Apesar da deterioração gradual, o otimismo falso parece ter prevalecido. Amós encontrou pessoas desejando o Dia do Senhor ([5.18](#)) e procurou corrigir seu mal-entendido: o Dia do Senhor profetizado nas Escrituras seria um tempo de julgamento para todos os pecadores. Um julgamento mais imediato estava por vir, no entanto. A Assíria começou a fortalecer sua posição no mundo e a retomar suas políticas expansionistas. Sob a liderança de Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.), a Assíria recuperou uma posição de dominância mundial. Eventualmente, Israel foi atacado por Salmanaser V da Assíria. Logo depois, em 722 a.C., Samaria foi ocupada. Sem dúvida, quando os assírios estavam invadindo Israel, muitas pessoas que haviam ignorado a mensagem de Amós então perceberam que um profeta de Deus havia estado entre eles.

Conteúdo

Abertura ([1.1](#))

O profeta se apresenta como um pastor, talvez insinuando que ele quer impedir mais do que apenas ovelhas de se desviarem.

Oráculos Proféticos ([1.2-6.14](#))

Esta seção começa com uma imagem do grande poder de Deus, que age na história para julgar as nações ([1.2](#)).

Julgamento sobre Nações Circunvizinhas ([1.3-2.3](#))

O profeta fala primeiro contra Damasco, depois segue em frente, pronunciando a condenação sobre vários povos em círculos concêntricos cada vez mais próximos, "focando" em Israel. Pode-se imaginar os cidadãos de Israel aplaudindo o julgamento de Deus sobre outras nações até que, com efeito chocante, Amós acusa Israel de pecados semelhantes.

Damasco era a capital da Síria, ao nordeste de Israel, e o centro da influência síria. A Síria maltratou Israel durante o reinado de Hazael em Damasco (842–806 a.C.). Hazael "reduziu" Israel em várias campanhas ([2Rs 10.32-33; 13.3-5,22-24](#)). Em sua campanha no território de Gileade, os sírios destruíram a maior parte do exército de Israel como se fossem pó em uma eira ([2Rs 13.7](#)). Portanto, Amós denuncia a Síria por trilhar Gileade como o grão é trilhado com varas de ferro ([Am 1.3](#)).

Ele prevê que a Síria será destruída e seu povo deportado para Kir, que Amós entendeu ser seu local de origem ([9.7](#)). (Para o cumprimento desta profecia, veja [2Rs 16.9](#)).

Amós então se voltou para Gaza, uma cidade filisteia no sudoeste da Palestina. Gaza provavelmente representa os filisteus como um todo, já que três outras de suas cinco principais cidades também são mencionadas ([1.8](#)). O quinto, Gate, já havia sido conquistado por Hazael ([2Rs 12.17](#)). Amós denunciou os filisteus pelo que deve ter sido um ataque fronteiriço a Israel, no qual muitos foram levados à escravidão ([1.6](#)).

A cidade fenícia de Tiro é citada em seguida. Tiro estava no Mediterrâneo, ao norte de Israel e sudoeste de Damasco. A destruição de Tiro, assim como das cidades filisteias, é prevista como punição por fazer escravos dos israelitas conquistados.

Edom é o próximo, ao sul do Mar Morto. Edom havia assediado os israelitas continuamente e é referido de maneira negativa muitas vezes no AT. Edom é dito ter sido impiedoso com Israel, seu irmão ([1.11](#)).

Amom, logo ao sudeste de Israel, também é julgado. O incidente particularmente violento referido ([1.13](#)) evidentemente ocorreu em uma de suas muitas tentativas de avançar para o norte, no território israelita de Gileade.

Moabe é a última das nações vizinhas a ser denunciada, com referência ao que pode ter sido um incidente bem conhecido de profanação dos mortos ([2.1-3](#)).

Oráculos contra Israel e Judá ([2.4-16](#))

Embora Judá e Israel estivessem em paz na época, sua inimizade continuou após a dissolução do reino unido. Amós acusa Judá de rejeitar "a lei do Senhor" e prevê a queima de Jerusalém.

O oráculo contra Israel é mais longo que os outros. Amós especifica cuidadosamente a natureza social do pecado de Israel, destacando que Israel não é melhor do que as nações vizinhas. Israel merece o mesmo castigo. Assim como algumas nações eram culpadas de levar pessoas à escravidão, Israel está vendendo seus próprios pobres que não podem pagar suas dívidas ([2.6](#)). Sob a lei mosaica, era ilegal manter durante a noite uma vestimenta dada como garantia de um empréstimo, pois poderia ser a única fonte de calor que o devedor tinha ([Ex 22.26-27](#)). Pessoas ricas em Israel estavam

participando de festas religiosas com roupas "roubadas" dos pobres ([2.8](#)).

Amós lembra Israel de todas as coisas boas que Deus fez por eles ([2.9-11](#)). Mas porque Israel escolheu continuar na desobediência, a nação não escapará do julgamento iminente ([2.12-16](#)).

Denúncia e Advertência contra Israel ([3.1-6.14](#))

Amós comprova sua autoridade profética com uma lição sobre causa e efeito ([3.1-8](#)). Um leão ruge quando tem uma presa, e as pessoas temem quando uma trombeta soa um alarme. Se uma calamidade atinge uma cidade, Deus permitiu isso. Deus, que revela seus segredos aos seus profetas, falou sobre a desgraça de Israel, e Amós deve proclamá-la.

Em uma declaração dramática, Amós convoca Egito e Assíria, grandes centros de opressão e crueldade, para testemunhar os crimes de Israel, como se até mesmo eles ficassem espantados com o que veem ([3.9-10](#)). Apenas um remanescente desgastado sobreviverá ao castigo que está por vir ([3.11-12](#)). O julgamento cairá sobre objetos que simbolizam a desobediência religiosa de Israel ([3.14](#)), bem como sobre símbolos da riqueza que afastaram Israel do Senhor ([3.15](#)).

Amós usa uma linguagem forte para denunciar a vida luxuosa e indolente comprada à custa dos pobres ([4.1-3](#)). Mulheres ricas cujo amor por luxos leva seus maridos a apertar ainda mais os necessitados são chamadas de "vacas gordas" que um dia serão tratadas como gado. Então Amós zomba daqueles que adoram em Betel por seguirem os rituais com o espírito errado ([4.4-5](#)).

No restante do quarto capítulo, Amós relembraria incidentes da história de Israel que tinham o objetivo de chamar o povo de volta a Deus: fome, seca, pragas, a destruição de algumas de suas cidades. Ainda assim, eles não se arrependem. "Prepare-se para encontrar o seu Deus!" adverte o profeta, seguindo seu aviso com um hino ao poderoso poder de Deus ([4.6-13](#)).

O quinto capítulo começa na forma de um cântico fúnebre, como se Israel já estivesse praticamente morto ([5.1-2](#)). Não há ninguém para ajudar Israel, cujos próprios exércitos serão dizimados quando o desastre ocorrer ([5.3](#)). Claro, Deus está lá para ajudar: "Buscai-me e vivei" ([5.4-6](#)). A possibilidade de resgate, de "vida", contrasta fortemente com a "morte" da nação retratada anteriormente. Ídolos, como sempre, são uma falsa esperança ([5.5](#)). O

chamado para buscar o Senhor é novamente seguido por um hino ao seu poder ([5.8-9](#)).

Apesar da esperança oferecida a Israel, Amós tem que apresentar um quadro sombrio do que ele vê ([5.10-13](#)). O sistema judicial é corrupto; impostos e altas taxas de juros (usura) esmagam os pobres. Essas injustiças poderiam ser corrigidas se as pessoas "odiasssem o mal e amassem o bem" ([5.15](#)), mas o julgamento já está a caminho ([5.16-17](#)).

As pessoas estão cheias de hipocrisia, afirmando ansiar pelo Dia do Senhor. Aquele dia será um dia de julgamento sobre seus pecados, diz Amós. Em vez de gestos vazios de ofertas e louvores, Deus quer que a justiça corra como águas, e a retidão como um riacho perene ([5.18-24](#)). O espírito desobediente deles remonta à época do êxodo do Egito, quando o próprio povo de Deus foi atraído por deuses pagãos. O Senhor Deus dos Exércitos enviará esses falsos deuses para o cativeiro com as pessoas que os seguiram ([5.25-27](#)).

A autossatisfação sentida pelas classes altas em Israel evidentemente se espalhou para Judá, já que Jerusalém, assim como Samaria, recebe algumas palavras duras ([6.1](#)). Amós diz àqueles que estão relaxando no luxo para dar uma olhada em três reinos vizinhos sobre os quais o julgamento já caiu: Calné, Hamate e Gate. Será que Israel pensa que escapará, já que eles não escaparam? Quando o Dia do Julgamento chegar, os ricos, que foram de "primeira classe", serão os primeiros a ir ([6.2-7](#)). A destruição deixará poucos sobreviventes, mas eles saberão que o castigo veio de Deus ([6.8-11](#)). Israel está se comportando de maneira estúpida ao se orgulhar de si mesmos quando na verdade estão tão completamente enganados ([6.12-14](#)).

Visões Proféticas ([7.1-9.10](#))

Ao descrever três visões que Deus lhe deu, Amós então comunica dramaticamente a revelação de Deus.

Destrução de Israel ([7.1-9](#))

A primeira visão é em três partes. No primeiro, Amós imagina a ameaça de uma praga de gafanhotos na qual sua oração de intercessão faz com que Deus se arrependa e retire a ameaça ([7.1-3](#)). Então ele vê um fogo devorador, e novamente sua oração evita uma catástrofe ([7.4-6](#)). Na terceira parte da visão, Amós vê o Senhor em pé junto a um muro e segurando um prumo, implicando que ele tem um padrão para seu povo seguir, um elemento ausente nas duas imagens anteriores. Desta vez,

porque as pessoas falharam em corresponder, a catástrofe não pode ser evitada ([7.7–9](#)).

Interlúdio Histórico ([7.10–17](#))

Neste ponto, Amós encontra Amazias, sacerdote de Betel, porque ele disse que a visão do prumo significa a destruição dos altares de ídolos e templos de Israel e da casa de Jeroboão com a espada. Amazias envia uma mensagem a Jeroboão dizendo que Amós é um traidor e diz a Amós para voltar a Judá. Amós nega qualquer relação com profetas profissionais, depois inclui especificamente a família de Amazias em outra previsão do desastre de Israel.

O Fruto Maduro ([8.1–14](#))

Na segunda visão, Amós é mostrado um cesto de frutas maduras (ou de verão). A palavra hebraica para fruta de verão é quase a mesma que a palavra para "fim", então o trocadilho comunica que a nação está "madura para o castigo". Sua maturidade é realmente podridão moral. Comerciantes gananciosos mal podem esperar pelo fim dos feriados religiosos para que possam enganar os pobres ainda mais, usando pesos falsos, vendendo mercadorias inferiores e executando hipotecas sobre devedores. Quando o cativeiro chegar, suas festividades se transformarão em funerais. Uma fome, não apenas de pão e água, mas das palavras do Senhor, está chegando sobre eles, fazendo até os jovens mais fortes caírem no chão.

Destruição do Templo ([9.1–10](#))

A terceira visão é do Senhor destruindo o santuário em Betel quando está lotado de pessoas engajadas em sua adoração vazia. O lugar onde esperavam encontrar segurança é onde encontram destruição. Aqueles que não estiverem dentro serão destruídos também, não importa para onde tentem fugir. Eles não poderão se esconder de Deus no Sheol ou nas alturas do Carmelo ou nas profundezas do mar ([9.1–4](#)). Outro hino ao poder de Deus segue a visão ([9.5–6](#)).

As palavras finais de denúncia no livro de Amós são encontradas em [9.7–10](#), mas são um prelúdio para uma mensagem de esperança. Amós mostra que Israel não é melhor do que qualquer outra nação aos olhos de Deus. Ele não trouxe Israel do Egito? Sim, mas ele também trouxe os filisteus de Caftor e os sírios de Quir. O significado religioso do Êxodo foi perdido por causa do pecado de Israel, então todos, exceto um remanescente fiel, serão perdidos.

O conceito do remanescente foi importante na pregação profética do século VIII a.C. (cf. [Is 6.12–13; Mq 6.7–9](#)). Este conceito lembrava da promessa de Deus de manter a nação de Israel por causa da aliança dada aos patriarcas ([Lv 26.44–45](#)). Na profecia de Amós, Israel será peneirado por outras nações como grãos em uma peneira; a "palha" ímpia será espalhada pelo mundo, mas o verdadeiro "grão" será preservado.

A Esperança de Israel ([9.11–15](#))

A expressão de esperança é ampliada na última seção do livro em uma série de metáforas surpreendentes e belas.

Restauração da Cidade de Davi ([9.11–12](#))

A primeira metáfora é da cidade (literalmente "casa") de Davi, uma casa em ruínas. A monarquia, que havia desmoronado devido à decadência interna e ameaças externas, é imaginada como sendo restaurada à sua antiga glória. Além disso, uma expansão do reino davídico incluirá todas as nações que pertencem ao Senhor.

No NT, esta passagem foi citada por Tiago para apoiar a inclusão dos gentios na promessa ([Atos 15.16–18](#)). A redação em Atos é ligeiramente diferente da de Amós porque foi baseada em uma tradução grega antiga do AT (chamada Septuaginta). Aqueles chamados pelo nome de Deus ou pertencentes a Deus incluem não apenas entidades geográficas como nações, mas também indivíduos em qualquer nação que tenham um relacionamento próximo com Deus. Tiago viu que Amos estava prevendo a inclusão dos gentios no reino de Deus, um reino muito maior do que a monarquia inicial. Esta profecia foi cumprida em parte na igreja cristã.

Restauração do bem-estar de Israel ([9.13–15](#))

Uma série de metáforas pastorais encerra o livro de Amós. Eles retratam a abundância de bênçãos no reino vindouro. O bem-estar de Israel será restaurado, muito além dos eventos sombrios do século em que Amós está falando. Os teólogos divergem em sua compreensão da aplicação desta profecia. Se se refere à era atual da igreja cristã, retrata as bênçãos da igreja agora como "Israel espiritual". Ou se isso se refere ao futuro, ao reinado milenar de Cristo, descrevendo o que acontecerá na terra naquela época.

O conceito de uma terra rejuvenescida é encontrado em outras partes da Bíblia ([Rm 8.20–22](#)). Miqueias usa uma linguagem um pouco

semelhante à de Amós para descrever a restauração do que parece ser a cidade literal de Jerusalém ([Mq 3.12-4.4](#)). Pode ser melhor aplicar o final profético de Amós à restauração que será efetuada no retorno final de Cristo. Qualquer que seja a aplicação correta, o remanescente deve incluir os seguidores de Jesus Cristo, e as bênçãos devem ser vistas como destinadas a todos que pertencem ao reino de Deus.

Significado

O principal propósito de Amós em suas profecias era denunciar a desobediência de Israel ao pacto. Embora a promessa da aliança dada a Abraão ([Gn 22.15-18](#)) e reiterada ao longo do AT não seja mencionada explicitamente em Amós, ela está implícita na mensagem total do livro. Amós manteve a natureza espiritual da aliança e enfatizou que sua bênção era mediada pela obediência.

Olhando ao seu redor, Amós viu não apenas desobediência, mas hipocrisia. Um aspecto básico de seu ensinamento ético era a insistência de que a adesão externa às cerimônias religiosas sem uma resposta do coração à vontade de Deus (como expressa na lei) estava errada. A lei continha muitas injunções que buscavam gerar amor a Deus e ao próximo ([Ex 23.1-13](#)). No tempo de Amós, esses aspectos sociais da lei estavam sendo deliberadamente desobedecidos pelos ricos, que, no entanto, se apegavam ao ritual religioso. Amós viu o que estava em seus corações e condenou isso. Para ele, obrigações religiosas não observadas no verdadeiro espírito de responsabilidade para com Deus poderiam realmente se tornar pecado ([4.4](#)). A religião pode degenerar a ponto de se tornar uma maldição, uma zombaria da vontade de um Deus santo.

Amós viu a desobediência e a hipocrisia de Israel culminando em um desastre nacional. Assim, sua profecia serviu como um aviso de desgraça iminente para a nação. Ele viu que outras nações além de Israel e Judá eram responsabilizadas por Deus por causa de seu mau tratamento aos outros ([1.3-2.3](#)). Seus pecados sociais foram punidos por Deus na história. Amós assim viu um aspecto da lei se estendendo além de Israel e Judá para outras nações. Eles eram responsáveis perante Deus sob o que poderia ser chamado de uma lei moral universal, e foram julgados por seus crimes contra a humanidade.

O conceito profético do Dia do Senhor, considerado pelo povo da época de Amós como um momento de

vindicação para sua nação, foi visto por Amós como um tempo de punição para todos os pecadores. Tal punição não excluiria a nação de Israel.

No entanto, a denúncia não era o único propósito da atividade profética de Amós. Ele proclamou um futuro de esperança para Israel na restauração da monarquia davídica, evidentemente sob o Messias, em um tempo que seria caracterizado pela paz ([9.8-15](#)). A relação do reino davídico com o reino messiânico remonta à promessa dada a Davi ([2Sm 7.8-16](#)). Assim como aqueles de outras nações participaram por extensão nas exigências da lei e no julgamento, assim também aqueles de outras nações que pertenciam a Deus participariam nas bênçãos da promessa ([9.12](#)).

Os conceitos de Deus mais acentuados no livro de Amós são a soberania de Deus e a justiça de Deus. Ele é soberano sobre todas as nações do mundo, tipificadas por aquelas que cercam Israel, e ele as traz para o julgamento ([1.3-2.3](#)). Ele também é soberano sobre a natureza, como reconhecido em seu controle do universo ([4.13; 5.8; 9.13-14](#)). Sua justiça exige que ele não permita que sua lei continue a ser violada sem retribuição. Mas a sua justiça é também a garantia de esperança para o remanescente crente de Israel. Isso o obriga a manter sua promessa de preservar Israel como uma nação ([Lv 26.44-45](#)).

Amós manteve a possibilidade de evitar a catástrofe nacional que se avizinhava no horizonte dos eventos mundiais. No entanto, a partir de sua descrição sombria das condições sociais e da dureza dos corações das pessoas na época, parece provável que ele não previu nenhuma saída.

Sua mensagem foi apresentada em metáforas ousadas e imagens vívidas que ficam na mente. Essa mensagem ainda é relevante, pois muitos dos pecados que caracterizavam o povo da época do profeta ainda são prevalentes na sociedade moderna e na vida dos indivíduos. Maltratar os semelhantes é uma característica do século XXI d.C. tanto quanto era do século VIII a.C.

O leitor de hoje do livro de Amós deve notar a insistência do profeta nas consequências do pecado; sua ênfase na responsabilidade que sempre acompanha o privilégio; sua apresentação da fidelidade de Deus; e sua mensagem de esperança, expressa em parte hoje através da igreja.

Se o livro parece ter uma perspectiva sombria, deve-se lembrar que o profeta enfrentava um quadro sombrio. Ele estava assistindo uma nação

desmoronar por causa de sua infidelidade a Deus. Mas além da perspectiva sombria que Israel enfrentava, Amós viu um novo reino emergindo. Era um reino de paz no qual o povo de Deus perceberia o cumprimento das promessas de Deus. *Veja Profecia; Profeta, Profetisa; Israel, História de.*

Amoz

O pai de Isaías ([2Rs 19.2](#); [Is 1.1](#)). Esta não é a mesma pessoa que o profeta Amós.

Amplias, Amplíato

O nome de um cristão a quem o apóstolo Paulo enviou saudações no final de sua Carta aos Romanos ([16.8](#)). Amplíato é chamado de "meu amado irmão no Senhor" por Paulo. Nada mais se sabe sobre este cristão com um nome romano comum.

Amuleto

Um pequeno objeto utilizado por uma pessoa. Geralmente é usado ao redor do pescoço e serve como amuleto ou meio de proteção contra o mal, feitiçaria, doenças ou outras ameaças físicas e espirituais.

A palavra "amuleto" provavelmente deriva de um termo latino ou árabe que significa "carregar". Amuletos também são conhecidos como talismãs. Eles têm sido feitos de várias substâncias e vêm em muitas formas. Peças de metal ou tiras de pergaminho (folhas finas de pele de animal tratada) são usadas com trechos de escritos sagrados (até mesmo Escrituras). Ervas e preparações de animais também foram usadas. Gemas semipreciosas (pedras valiosas) eram frequentemente inscritas com uma fórmula mágica.

Nenhuma palavra hebraica ou grega na Bíblia é traduzida com certeza como "amuleto". A prática de usar amuletos é às vezes implícita e geralmente é vista com desaprovação. Alguns consideram os brincos de ouro usados pelos israelitas que escaparam do Egito como amuletos ([Êx 32.2-4](#)). Arão transformou esses brincos em um bezerro de ouro. O profeta Isaías condenou os ornamentos usados pelas mulheres de sua época ([Is 3.16-23](#)).

A maioria dos estudiosos considera os filactérios e mezuzás usados pelos judeus como formas de amuletos. Filactérios são pequenas caixas que contêm versículos das Escrituras. Eles têm tiras de couro usadas para vestir os filactérios durante a oração. Da mesma forma, mezuzás são pequenos recipientes que contêm versículos das Escrituras e são colocados nos batentes das portas. Ambos são formas de viver os mandamentos em [Dt 6.4-9](#). *Veja Filactério; Magia; Frontal.*

Ana

Esposa de Elcana, da tribo de Efraim, e mãe do profeta Samuel. Ana, que era estéril, orava anualmente em Siló por um filho. Ela prometeu dedicá-lo ao Senhor.

O Senhor atendeu à sua oração, e ela chamou seu filho de Samuel. Quando ele foi desmamado (por volta dos três anos de idade), ela o dedicou em Siló ao serviço do Senhor no santuário. A partir de então, Samuel viveu com Eli, o sacerdote. Seus pais o visitavam em suas viagens anuais para adorar no templo. Ana teve mais três filhos e duas filhas ([1Sm 1.1-2.21](#)). O cântico profético de louvor de Ana em [1 Samuel 2.1-10](#) é muito semelhante ao cântico que Maria cantaria mais tarde, chamado de "Magnificat" ([Lc 1.46-55](#)).

Aná

200.Filho de Zibeão, o heveu, e pai de Aolíbama. Aolíbama foi uma das esposas de Esaú ([Gn 36.2.18](#)).

201.O quarto filho de Seir, o horita. Aná foi um chefe entre os horitas que também tinha uma filha chamada Aolíbama ([Gn 36.20,25](#); [1Cr 1.38.41](#)).

202.O filho de Zibeão que encontrou fontes termais no deserto ([Gn 36.24](#)). Este Zibeão era irmão do #2 acima. *Veja Zibeão.*

Anã

Um dos líderes do povo, Anã, concordou em seguir a lei de Deus colocando seu selo em uma aliança organizada por Esdras. A aliança era um acordo

especial destinado a ajudar o povo a obedecer aos ensinamentos de Deus ([Ne 10.26](#)).

Anabe

Uma cidade na região montanhosa de Hebrom onde viviam guerreiros gigantes. Depois que Josué eliminou os gigantes, Anabe foi atribuída à tribo de Judá ([Js 11.21](#); [15.50](#)). Hoje, Anabe é conhecida como Khirbet 'Anabe el-Kebireh.

Anacarate

Uma cidade no Vale de Jezreel. Foi dada à tribo de Issacar quando a terra foi dividida por Josué ([Js 19.19](#)).

Anaías

203.Um sacerdote e assistente de Esdras que explicou ao povo as passagens da lei lidas por Esdras ([Ne 8.4](#)).

204.Um líder político que assinou a aliança de fidelidade a Deus de Esdras com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.22](#)). Ele pode ser a mesma pessoa mencionada no #1 acima.

Anameleque

Um deus associado a Adrameleque. O povo de Sefarvaim o adorava. Os assírios realocaram o povo de Sefarvaim para Samaria após 722 a.C.

Anameleque é a tradução hebraica do nome de uma divindade mesopotâmica, Anu-melek. O nome significa "Anu é Rei". Anu era o nome do deus principal da Assíria, o deus do céu.

Os sefarvitas em Samaria incluíam o sacrifício de crianças como parte de sua adoração a Anu-Meleque ([2Rs 17.31](#)). A queima de crianças no culto de Anu pode ter sido trazida de Sefarvaim ou pode ter sido algo novo que se desenvolveu quando os sefarvitas chegaram a Canaã.

Veja também Mesopotâmia; Síria, sírios.

Anamim, Anamitas

Um grupo não identificado de pessoas, possivelmente relacionado aos egípcios. Eles são mencionados nos registros bíblicos das nações mais antigas ([Gn 10.13](#), [1Cr 1.11](#)).

Anani

Um dos sete filhos de Elioenai. Ele é um descendente de Davi ([1Cr 3.24](#)).

Ananias (Lugar)

Uma cidade no território de Benjamim após o exílio para Babilônia ([Ne 11.32](#)). Pode ter se tornado a Betânia do Novo Testamento. "Betânia" é uma contração de Beth-Ananias.

Ananias (Pessoa)

205.O avô de Azarias. Azarias foi um dos três homens que repararam o muro de Jerusalém perto de suas casas após o exílio para a Babilônia ([Ne 3.23](#)).

206.Um membro da igreja primitiva em Jerusalém. Sua esposa era Safira. Ele e Safira morreram subitamente como punição de Deus por mentirem sobre o dinheiro que haviam dado à igreja ([At 5.1-5](#)).

207.Um dos primeiros convertidos ao Cristianismo que vivia em Damasco. Saulo de Tarso (também chamado Paulo) chegou a Damasco para prender cristãos. Ananias sabia que Paulo estava ferindo e matando cristãos. Mas Deus disse a Ananias para não se preocupar, explicando que ele havia escolhido Paulo para contar a muitas pessoas sobre Jesus ([At 9.13-16](#)).

Deus enviou Ananias para ajudar Paulo, que havia ficado cego após encontrar Jesus no caminho para Damasco. Ananias ajudou Paulo a recuperar a visão ([At 9.17-19](#)). Ele explicou a Paulo o significado de seu encontro com Jesus ([At 22.12-16](#)).

Ananias provavelmente apresentou Paulo à igreja em Damasco como um novo irmão cristão, em vez de alguém que queria atacar a igreja. Algumas tradições dizem que Ananias mais tarde se tornou um dos 70 discípulos de Jerusalém. Alguns o identificam como bispo de Damasco. Outros o identificam como mártir.

208. Um sumo sacerdote que presidiu o Sinédrio (o tribunal religioso judaico) quando o apóstolo Paulo foi preso e interrogado por esse conselho em Jerusalém. Isso ocorreu no final da terceira viagem missionária de Paulo ([At 22.30-23.10](#)).

Ananias foi uma das testemunhas que depuseram contra Paulo em Cesareia. Paulo estava em julgamento perante Félix, o governador romano ([At 24.1](#)). Este Ananias foi nomeado sumo sacerdote por Herodes Agripa II em 48 d.C. Ele serviu até 59 d.C.

O historiador judeu Josefo escreveu que ele era rico, egoísta e corrupto. Era conhecido por sua colaboração com os romanos e também por ser severo e cruel. Ele era odiado pelos judeus que se revoltaram contra Roma e foi morto por eles quando a guerra com Roma estourou em 66 d.C.

Anaque, anaquim, anaquitas

Anaque foi o ancestral de um grupo de pessoas muito altas, chamadas gigantes, que viviam na antiga Canaã.

Quando Israel chegou pela primeira vez a Canaã, os anaquins estavam bem estabelecidos em Hebrom. Dez dos 12 espiões que Moisés enviou a Canaã ficaram apavorados com o tamanho dos anaquins ([Nm 13.17-22.31](#)). O medo deles levou a uma rebelião em Cades-Barneia ([Nm 14.39-45](#); [Dt 1.19-46](#)). Isso também resultou em mais 38 anos de peregrinação. Quando os israelitas finalmente estavam prontos para entrar em Canaã, Deus prometeu sua ajuda contra os famosos gigantes anaquitas ([Dt 9.1-3](#)).

Os dois espiões que não tinham medo dos anaquins estavam ambos envolvidos em sua derrota. Josué derrotou os anaquins que viviam em Hebrom, Debir, Anabe e toda a região de Judá ([Js 11.21-23](#)). Os que sobreviveram foram deixados apenas nas cidades filisteias de Gaza, Gate e Asdode. O outro espião, Calebe, foi responsável pela derrota dos

chefes anaquins Sesai, Aimã e Talmai em Hebrom. O sobrinho de Calebe, Otoniel, foi o herói de Debir ([Js 15.14-17](#)).

Hebrom anteriormente havia sido chamada de Quiriate-Arba por causa de Arba, pai de Anaque. Ele foi um grande herói dos anaquins ([Js 14.15; 21.11](#)). O fato de que os anaquins sobreviveram nas cidades filisteias de Gaza, Gate e Asdode leva à suposição de que Golias de Gate pode ter sido um descendente desses gigantes ([1Sm 17.4-7](#)).

Veja também Gigantes.

Anás

Anás foi o sumo sacerdote judeu de 7 a 15 d.C.

Quirino, que era o governador romano da Síria, nomeou-o para esta posição. Mais tarde, Valério Grato, o procurador (governador) da Judeia, removeu Anás de seu cargo como sumo sacerdote. Após Anás, três outras pessoas serviram brevemente como sumo sacerdote. Então Caifás, que era casado com a filha de Anás, tornou-se o sumo sacerdote ([Jo 18.13,24](#)). Caifás foi o sumo sacerdote de 18 a 36 d.C. Isso significa que Caifás foi o sumo sacerdote durante o ministério público de Jesus.

Anás continuou a ter poder e influência mesmo após sua remoção desse cargo. O sumo sacerdote tinha uma nomeação vitalícia. É provável que os judeus tenham ressentido fortemente a remoção de Anás como sumo sacerdote pelos romanos. Mesmo que Anás não fosse mais oficialmente o sumo sacerdote, muitas pessoas ainda o chamavam por esse título. Isso porque acreditavam que alguém escolhido como sumo sacerdote deveria manter essa honra por toda a vida. Exemplos disso são encontrados nos escritos do historiador judeu Josefo. Esses exemplos esclarecem as referências no Novo Testamento a Anás como sumo sacerdote durante o mesmo período que Caifás ([Lc 3.2](#); [Jo 18.19,22-24](#); [At 4.6](#)).

Anás questionou Jesus em particular após ele ter sido preso, mas antes de levarem Jesus a Caifás ([Jo 18.13,19-24](#)). Isso mostra que Anás ainda tinha influência entre os líderes religiosos judeus.

O livro de Atos nos diz que Anás ajudou a questionar Pedro e João sobre seus ensinamentos ([At 4.6-21](#)). Os líderes religiosos advertiram Pedro e João para pararem de ensinar sobre Jesus, mas então os deixaram ir livres. Isso foi muito diferente

do que aconteceu com Jesus, que foi condenado à morte.

Anate

- 209.**O pai de Sangar, um dos juízes de Israel ([Iz 3.31; 5.6](#)). Como o nome Anate é feminino, é provável que Anate fosse a mãe de Sangar.
- 210.**Deusa da fertilidade dos cananeus. *Veja Deidades e religião dos cananeus.*

Anátema

Uma palavra grega que significa "amaldiçoado" ou "banido". Está associada à destruição. *Veja Maldição, amaldiçoado.*

Anatote (Lugar), anatotita

Uma cidade no território de Benjamim dada aos levitas para viverem ([Js 21.18; 1Cr 6.60](#)). Anatote pode ter sido nomeada pelos cananeus em homenagem à sua deusa Anate ou mais tarde pelos israelitas em homenagem a um dos descendentes de Benjamim ([1Cr 7.8](#)).

A cidade provavelmente estava localizada em Ras el-Karrubeh, perto da moderna cidade de Anata, a 4,8 quilômetros ao norte de Jerusalém. Seus residentes às vezes eram chamados de anatotitas ([2Sm 23.27; 1Cr 27.12](#)).

Um dos líderes militares de Davi, Abiezer, era de Anatote ([1Cr 11.28](#), Almeida Revista e Corrigida “antotita”). O soldado Jeú ([1Cr 12.3](#)) e o sacerdote Abiatar ([1Rs 2.26](#)) também eram de Anatote.

Era também a cidade natal do profeta Jeremias ([Jr 1.1](#)). Alguns de seus residentes se opuseram violentamente a ele ([Jr 11.21, 23](#)). Pouco antes de Judá cair para Babilônia, Jeremias comprou um campo em Anatote como um sinal de que Israel seria restaurada à sua terra ([Jr 32.7-9](#)). Anos depois, 128 homens de Anatote retornaram do exílio. Eles reassentaram a cidade ([Ne 11.32](#)).

Anatote (Pessoa)

- 211.**Filho de Bequer da tribo de Benjamim ([1Cr 7.8](#)).
- 212.**Um líder político que assinou a aliança de fidelidade a Deus de Esdras com Neemias e outros após o exílio para a Babilônia ([Ne 10.19](#)).

Ancião

Pessoa que exercia liderança e funções judiciais tanto nas esferas religiosas quanto nas laicas no mundo antigo. Eles geralmente exerciam esta liderança por causa de sua posição na família, no clã ou na tribo; devido à personalidade, destreza, estatura ou influência; ou por meio de um processo de nomeação e ordenação. As raízes do desenvolvimento do presbitério (grupo de anciões) no NT e na igreja pós-apostólica se originam no judaísmo e no AT, embora a figura do ancião, ou grupos de anciões, também possa ser encontrada no mundo que cercava o antigo Israel e no mundo greco-romano do período do NT.

No Antigo Testamento

O ancião, ou a instituição dos anciões, está intimamente ligado com o sistema tribal. As tribos eram compostas de clãs, e clãs compostos por grandes unidades familiares. Em virtude de idade e função em uma sociedade patriarcal, o pai de uma família governava. Este fator da idade, bem como a sabedoria e maturidade investidas nas pessoas mais velhas, é certamente a origem da autoridade que esses anciões exerciam. Um clã era governado pelos chefes das famílias que o compunham, formando um conselho de anciões. Em tempo de guerra, cada clã fornecia um grupo; estes eram liderados por um chefe, provavelmente escolhido dentre os anciões.

No período pré-monárquico de Israel, a administração local e a ação judicial estava em grande parte nas mãos desses anciões. Na narrativa do Êxodo, os anciões de Israel (chefes de famílias) que foram instruídos por Moisés sobre a primeira refeição da Páscoa ([Êxodo 12.21-22](#)). Foram esses anciões que, em [Êxodo 18.12](#), se encontraram com Jetro, o sogro de Moisés, e entre eles foram escolhidos representantes dignos para assistir Moisés na interpretação da lei de Deus e na administração da justiça ([18.13-23](#)). Similarmente, de acordo com [Números 11.16-17](#), Moisés foi

instruído por Deus a selecionar 70 homens dos anciãos de Israel para assisti-lo na liderança do povo. Neste último relato, os anciãos eram marcados por um recebimento especial do Espírito de Deus. Naquele tempo, os anciãos — escolhidos como coadministradores com Moisés — eram aqueles conhecidos por serem confiáveis.

Uma função central dos anciãos era a administração da justiça. Eles eram os “juízes”, que se sentavam “no portão”, o tribunal tradicional das aldeias e cidades antigas. Aqui os conflitos e julgamentos eram resolvidos pelos anciãos, os assuntos da comunidade eram debatidos e as decisões eram tomadas ([Gênesis 23.10, 18](#); [Jó 29.7](#); [Provérbios 24.7](#); [31.23](#)). A preservação e aplicação da lei estava claramente nas mãos dos anciãos que se sentavam aos portões da cidade ([Deuteronômio 19.12](#); [21.19](#); [22.15](#); [25.7-10](#)). [Rute 4.1-12](#) fornece uma excelente descrição de tal processo.

Durante o período da monarquia, a administração local e a autoridade judicial continuaram a ser investidas através dos conselhos de anciãos. No final do reinado de Saul, Davi enviou mensagens e presentes aos anciãos das cidades de Judá ([1 Samuel 30.26](#)), obviamente reconhecendo que seu governo eficiente dependeria da boa vontade e fidelidade deles. Para facilitar sua trama contra Nabote, Jezabel escreveu instruções aos anciãos e nobres de Jezreel ([1 Reis 21.8-11](#)). Está claro que os anciãos de Israel eram agora responsáveis pela aplicação da lei dentro de suas jurisdições. Além das funções administrativas e judiciais, os anciãos também assumiam papéis cultuais ([Êxodo 24.1, 9](#); [Levítico 4.14-15](#)).

A instituição dos anciãos sobreviveu ao colapso das instituições reais. Os anciãos estavam presentes durante o Exílio ([Ezequiel 8.1](#); [14.1](#); [20.1-3](#)), e da mesma forma, estavam após o retorno (por exemplo, [Esdras 10.16](#)).

No judaísmo do período do Novo Testamento

O ofício cristão (ou função) de ancião vem de uma instituição muito semelhante dentro do judaísmo, embora o uso do título “ancião” para designar oficiais de várias associações de culto gregas e magistrados de aldeia possa ter influenciado o desenvolvimento da estrutura da comunidade nas igrejas gentílicas. Nos primeiros três Evangelhos e em Atos, há numerosas referências aos anciãos como funcionários dentro da vida comunitária e religiosa do judaísmo. Geralmente eles são mencionados juntamente com um ou mais outros grupos de funcionários (citando a ARA): “dos

anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas” ([Mateus 16.21](#)); “principais sacerdotes e os anciãos do povo” ([21.23](#); [26.3, 47](#)); “os escribas e os anciãos” ([26.57](#); [27.41](#)); “principais sacerdotes e os anciãos” ([27.1, 3, 12, 20](#)); “as autoridades, os anciãos e os escribas” ([Atos 4.5](#)); “autoridades do povo e anciãos” (v [8](#)). A partir dessas passagens do Novo Testamento, não podemos determinar exatamente quais eram suas funções, ou como elas diferiam dos governantes ou escribas. No entanto, os deveres dos anciãos judeus são claramente descritos no tratado *Sinédrio* na Mishná, bem como nos livros de regras comunitárias dos ascetas de Qumran, descobertos entre os Manuscritos do Mar Morto.

Cada comunidade judaica tinha seu conselho de anciãos, que tinham supervisão administrativa geral e representavam a comunidade nas relações com as autoridades romanas. Seu dever principal era judicial. Eles eram guardiões da lei e suas interpretações tradicionais (ver [Mateus 15.2](#)), e eles eram encarregados de sua aplicação e da punição dos ofensores. O mais importante desses conselhos de anciãos era o Sinédrio em Jerusalém, um grupo de 71 homens que agia como a corte final para toda a nação.

Na comunidade cristã

Uma vez que a igreja primitiva eventualmente se considerava o novo Israel ([Mateus 21.43](#); [Gálatas 6.16](#)), é fácil observar a razão dela gradualmente adotar a instituição dos anciãos. Embora seja difícil distinguir a ordem que prevalecia nas primeiras comunidades cristãs, porque aparentemente variava de acordo com o lugar e o período, tanto na forma quanto na extensão, a presença e o funcionamento dos anciãos compunha parte da realidade da vida da igreja primitiva.

No relato de Lucas da origem e propagação do cristianismo, os anciãos já estão presentes na igreja em Jerusalém. Em Atos, vemos cristãos em Antioquia enviando suporte de alimentos “aos anciãos [das igrejas da Judeia] por Barnabé e Saulo” ([Atos 11.30](#)). Em sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé “designaram anciãos em todas as igrejas” ([14.23](#)). Mais tarde, Paulo e Barnabé foram enviados de Antioquia para Jerusalém “aos apóstolos e anciãos” sobre a questão da circuncisão dos cristãos gentios ([15.2](#)), e foram “recebidos pela igreja, e os apóstolos e os anciãos” (vs. [4](#)), os quais se reuniram para ouvir o caso e resolver o problema (vs. [6-23](#)).

Quem esses anciãos eram, e como eles foram escolhidos, não somos informados. Parece possível argumentar, com base no precedente judaico, que a idade e proeminência lhes deram o privilégio de prestar um serviço especial dentro da comunidade. A veneração pela idade era um sentimento profundamente enraizado entre judeus, e o nome “presbítero” (ancião) foi derivado do uso judaico. Também é possível que, como a nomeação “dos sete” para o serviço especial pela imposição das mãos (Atos 6.1-6), os primeiros anciãos na igreja de Jerusalém foram nomeados pelos apóstolos. Aparentemente, eles funcionavam na comunidade cristã de maneiras comparáveis aos anciãos nas comunidades judaicas e no Sinédrio ([11.30](#); [15.2-6.22-23](#); [16.4](#); [21.18](#)).

Aparentemente, Paulo continuou a prática entre as igrejas gentias, embora os anciãos não sejam mencionados nos primeiros escritos Paulinos. Eles são mencionados apenas nas Epístolas Pastorais ([1 Timóteo 5.17, 19](#); [Tito 1.5](#)). Em sua última viagem para Jerusalém, Paulo convocou os anciãos da igreja em Éfeso a Mileto ([Atos 20.17](#)) para se despedir deles, e instruí-los a serem fiéis em sua tarefa de supervisionar e zelar pelo rebanho cristão, a igreja de Deus ([20.28](#)).

Embora os anciãos não sejam explicitamente mencionados nas primeiras cartas de Paulo, eles podem estar entre os líderes que presidião as congregações ([Rm 12.8](#); [1Ts 5.12-13](#)). [Filipenses 1.1](#) certamente revela uma estratificação definida de liderança (“bispos e diáconos”) dentro de uma recente congregação Paulina. E [1 Timóteo 5.17](#), refletindo o que muitas vezes é considerado uma fase posterior no desenvolvimento do governo da igreja, atribui as funções de pregação e ensino aos anciãos governantes. Além disso, o fato dos anciãos cristãos exercerem funções pastorais pode ser inferido de [1 Pedro 5.1-5](#) e [Tiago 5.14](#).

Há uma passagem onde encontramos uma possível identificação de um apóstolo (Pedro) como também sendo um ancião: “Eu, que também sou presbítero [ancião], dou agora conselhos aos outros presbíteros [anciãos] que estão entre vocês. Sou uma testemunha dos sofrimentos de Cristo” ([1 Pedro 5.1a](#)). Este texto pode indicar que os anciãos foram apontados e funcionavam como extensões do serviço apostólico. A prática de Paulo de nomear anciãos nas igrejas antes de sua partida pode apoiar tal sugestão. O fato de que, na tradição da igreja mais tarde o “ancião” de 2 e 3 João foi identificado como o apóstolo João aponta em uma direção semelhante. Embora tal identificação

esteja implícita, os apóstolos poderiam funcionar como anciãos, mas não o contrário.

Os anciãos tinham várias funções. Por exemplo, [1 Timóteo 5.17](#) fala dos anciãos como envolvidos na pregação e ensino; [Tiago 5.14](#) os vê envolvidos em um ministério de cura; [1 Pedro 5.2](#) os exorta a apascentar o rebanho. Assim, os profetas e mestres que lideravam a igreja em Antioquia (de acordo com [Atos 13.1-3](#)) podem muito bem ter sido os anciãos desta comunidade.

Considerando que na igreja posterior os bispos e anciãos eram claramente distinguidos, o NT reflete um período inicial em que esses ofícios eram praticamente sinônimos. Na fala de despedida de Paulo em Mileto ([Atos 20](#)), dirigida especificamente aos anciãos da igreja de Éfeso (v [17](#)), ele lhes diz que o Espírito Santo os tornou “bispos [supervisores], a fim de cuidarem da igreja de Deus” (v [28](#)). Se “supervisor” é usado aqui no sentido técnico posterior de bispo ou no sentido mais geral de guardião não é claro. No entanto, em [Tito 1.5-7](#), os anciãos do verso [5](#) são claramente as mesmas pessoas que os bispos do verso [7](#). Novamente, os bispos de [Filipenses 1.1](#) são provavelmente entendidos como os anciãos escolhidos por Paulo ao deixar este campo missionário.

Fica claro que o governo da igreja no período do NT ainda era relativamente fluido, mas as sementes para as estruturas posteriores foram certamente plantadas. A instituição dos anciãos, com base no precedente judaico, era central. O episcopado (superintendentes/bispos) provavelmente emergiu do presbiterato (anciãos), um ancião sendo nomeado como superintendente por todo o conselho de anciãos.

Veja também Bispo; Diácono, Diaconisa; Pastor; Presbítero; Dons espirituais.

Ancião de Dias, Ancião

O nome de Deus que Daniel usou para descrever Deus como juiz ([Dn 7.9,13,22](#)).

Veja Deus, Nomes de.

Âncora

Um objeto usado para manter um navio ou barco em um lugar na água. Uma âncora é presa a um navio por um cabo ou corrente. Quando lançada ao

mar, seu peso e capacidade de se fixar no fundo do mar impedem o barco de derivar.

Âncoras foram usadas muitos séculos antes da época de Cristo. Elas começaram como simples pesos de pedra e evoluíram para pesados ganchos de madeira com chumbo ou pedra.

Não muito tempo depois da época de Cristo, âncoras de ferro com a forma moderna familiar foram usadas. As âncoras são mencionadas no relato de Lucas sobre a viagem do apóstolo Paulo a Roma ([At 27.13,29–30,40](#)). [Hebreus 6.19](#) usa "âncora" como um símbolo para indicar a estabilidade da promessa de salvação de Deus para aqueles que acreditam nele.

André, O Apóstolo

Um dos 12 apóstolos de Cristo. André aparece pela primeira vez no NT como um discípulo de João Batista ([Jo 1.35, 40](#)). Após ouvir João dizer: "Veja, ali está o Cordeiro de Deus!" ([Jo 1.36](#)), referindo-se a Jesus, André e outro discípulo sem nome seguiram Jesus e ficaram com ele por um dia ([Jo 1.36–39](#)). André então disse a seu irmão, Simão Pedro, que ele havia encontrado o Messias e trouxe Pedro até Jesus ([Jo 1.40–42](#)). A partir de então, André desapareceu em segundo plano, e seu irmão ganhou destaque. Sempre que o relacionamento dos dois é mencionado, André é sempre descrito como o irmão de Simão Pedro e nunca o contrário ([Mt 4.18](#); [Mc 1.16](#); [Jo 1.40](#); [6.8](#)), embora André também seja mencionado sem referência ao seu relacionamento com Pedro ([Mc 1.29](#); [3.18](#); [13.3](#); [Jo 12.22](#)). O pai de André era João ([Mt 16.17](#); [Jo 1.42](#); [21.15–17](#)), e sua cidade natal era Betsaida ([Jo 1.44](#)), uma aldeia na margem norte do Mar da Galileia.

O Evangelho de João menciona discípulos estando com Jesus ([2.2](#); [4.2](#)), e é provável que André fosse um dos que fizeram parte desse grupo inicial. Evidentemente, no entanto, ele voltou para sua atividade como pescador no Mar da Galileia, onde ele dividiu uma casa com Pedro e sua família em Cafarnaum ([Mt 4.18–20](#); [Mc 1.16–18, 29–33](#)). Enquanto eles estavam pescando, André e Pedro receberam um chamado claro para seguir Jesus e se tornarem pescadores de homens. Entre os discípulos de Jesus, um grupo de 12 foi mais tarde escolhido de forma especial como apóstolos. André é sempre listado entre os primeiros quatro nomeados, juntamente com Pedro e dois outros irmãos, João e Tiago ([Mt 10.2–4](#); [Lc 6.13–16](#); [Atos 1.13](#)).

André é nomeado em apenas três outros contextos nos Evangelhos. Ao alimentar os 5.000, ele chamou a atenção para o menino que tinha cinco pães de cevada e dois peixes ([Jo 6.8–9](#)). Quando certos gregos vieram a Filipe, pedindo para ver Jesus, Filipe comunicou a André e, em seguida, os dois informaram a Jesus ([Jo 12.20–22](#)). Finalmente, André é listado entre aqueles que estavam questionando Jesus em particular no Monte das Oliveiras. ([Mc 13.3–4](#)). A última menção do NT de André está na lista de apóstolos que esperam na sala superior em Jerusalém para o derramamento prometido do Espírito Santo ([Atos 1.12–14](#)).

Vários documentos associados com André, como os Atos de André mencionados pelo historiador da igreja primitiva Eusébio, são de valor duvidoso. Algumas tradições indicam que André ministrou na Cítia. De acordo com o Cânon Muratoriano, André recebeu uma revelação à noite de que o apóstolo João deveria escrever o quarto Evangelho. A tradição é bastante uniforme que André tenha morrido em Patras em Acaia. Surgiu uma história de que ele foi martirizado em uma cruz em forma de X (uma cruz "decussata" ou "saltério"), que ficou conhecida como Cruz de Santo André. Outra tradição é que um braço do falecido André foi levado para a Escócia como relíquia por Régulo, e assim André se tornou conhecido como padroeiro da Escócia. No calendário dos santos das igrejas romana e grega, a data de André é definida como 30 de novembro. *Veja Apócrifos (Titles Específicos dos Escritos Apócrifos): André, Atos de; André, História de; André e Matias, Atos de; André e Paulo, Atos de.*

Veja também Apóstolo, Apostolado.

Aner (Pessoa)

Um aliado amorita de Abrão e irmão de Manre e Escol ([Gn 14.13](#)). Junto com seus irmãos, Aner ajudou Abrão a derrotar um grupo de quatro reis que haviam saqueado Sodoma e Gomorra e capturado Ló, sobrinho de Abrão ([Gn 14.14–16,21–24](#)).

Anfípolis

Uma cidade na antiga Grécia. Foi, em tempos passados, o lar da tribo Trácia dos Edônios. Anfípolis ocupava uma localização estratégica em uma área fértil na margem oriental do rio Estrímon.

Seu nome significa "cidade ao redor", possivelmente referindo-se ao rio que circunda a cidade em três lados. Está localizada a cerca de 48,2 quilômetros de Filipos. Por fim, tornou-se uma importante estação na estrada romana chamada Via Egnácia. Em sua segunda viagem missionária, Paulo passou por este centro comercial a caminho de Tessalônica ([At 17.1](#)).

Animais

No uso bíblico, todos os membros do reino animal. Os animais são mencionados em toda a Bíblia, de Gênesis até Apocalipse. Os animais figuraram em muitos eventos bíblicos importantes, incluindo a Criação, a queda do homem, o Dilúvio, as dez pragas no Egito, o sistema de adoração hebraico e a vida de Jesus Cristo. As pessoas dos tempos do AT e do NT viviam perto da terra e estavam bem familiarizadas com vários animais, de modo que os escritores das Escrituras e o próprio Jesus frequentemente usavam animais como lições de objeto.

A abordagem bíblica para classificar os animais é um pouco diferente do sistema de classificação usado pelos biólogos hoje. O atual sistema de classificação, que remonta a Carolus Linnaeus (um botânico sueco do século 18), é baseado na estrutura, tanto interna quanto externa. A base bíblica da classificação é o habitat. Assim [Gênesis 1](#) fala de organismos aquáticos (v. [20](#)); organismos aéreos (v. [21](#)); animais que rastejam no chão (v. [24](#)); gado ou animais domesticados (animais que vivem em associação com humanos) (v. [24](#)); e animais selvagens (v. [24](#)). O mesmo sistema de classificação é seguido em [Levítico 11](#) e ao longo das Escrituras.

Por causa da divergência entre sistemas de classificação, os vários animais da Bíblia serão listados aqui em ordem alfabética — incluindo répteis, peixes e até invertebrados, como insetos, vermes, esponjas. As aves são abordadas em um artigo separado.

Resumo

- Víbora (Víbora-europeia-comum)
- Formiga
- Antílope
- Macaco
- Víbora

- Asno
- Texugo
- Morcego
- Urso
- Abelha
- Beemot
- Camelo
- Lagarta
- Bovino
- Camaleão
- Coral
- Grilo
- Crocodilo
- Cervo
- Cão
- Burro
- Dragão
- Peixe
- Pulga
- Inseto
- Raposa
- Rã
- Gazela
- Lagartixa
- Mosquito
- Cabra
- Gafanhoto (solitário)
- Lebre
- Hipopótamo
- Cavalo
- Hiena
- Chacal
- Sanguessuga
- Leopardo
- Leviatã
- Leão

- Lagarto
- Gafanhoto
- Toupeira
- Mariposa
- Rato
- Mula
- Porco
- Porco-Espinho
- Escorpião
- Ovelha
- Caracol
- Cobra
- Aranha
- Esponja do mar
- Unicórnio
- Vespa
- Baleia
- Boi Selvagem
- Lobo
- Minhoca

Víbora (*Víbora-europeia-comum*)

Uma das 20 cobras venenosas encontradas em Israel e países vizinhos, também referida como cocatrice e víbora. As verdadeiras víboras (gênero *Cerastes*, *Echis colorata* e *Vipera palestina*) também existem lá, cobras venenosas com presas onduladas que entram em posição quando a cobra ataca. A víbora de chifres (*Cerastes hasselquistii*) pode atacar cavalos. Tem 30 a 46 centímetros de comprimento e muitas vezes está em emboscada na areia, com apenas seus olhos e as saliências em forma de chifre em sua cabeça visíveis.

Tanto Jesus quanto João Batista se referiram à víbora várias vezes ([Mt 3.7](#); [12.34](#); [23.33](#)). A referência em [Atos 28.3](#) é provavelmente a uma pequena víbora (*Vipera aspis*) que ataca rapidamente e é muito combativa. É encontrado no sul da Europa e chia cada vez que inspira e expira. O veneno das víboras ataca o sistema respiratório e desintegra os glóbulos vermelhos.

Ver também Cobra (abaixo).

Formiga

Mencionado apenas duas vezes na Bíblia, ambas as vezes no livro de Provérbios. Por muitos anos, Salomão foi indiciado por um erro biológico quando ele se referiu à formiga como fornecendo sua carne no verão e coletando sua comida na colheita ([Pv 6.8](#)). Os críticos da Bíblia foram rápidos em apontar que, até onde era então conhecido, as formigas não armazenam comida. Eles assumiram que Salomão provavelmente havia chutado uma colina de formigas e confundido os casos de pupas (vagens nas quais as formigas imaturas crescem até a maturidade) com grãos ou havia observado formigas carregando pedaços de grãos, folhas e outras matérias para seus ninhos.

Pelo menos três espécies de formigas armazenadoras de grãos são agora conhecidas — duas ocorrem em Israel e as outras nos países mediterrâneos. A espécie específica referida por Salomão ([Pv 6.6-8; 30.24-25](#)) é provavelmente a formiga ceifeira (*Messor semirufus*). Seus celeiros são câmaras planas conectadas por galerias irregularmente espalhadas sobre uma área de cerca de 1,8 metros de diâmetro e cerca de 0,3 metros de profundidade no solo. As sementes são coletadas do solo ou colhidas de plantas. A cabeça, ou radícula, que é a parte mais macia do grão, é mordida para evitar a germinação, e o joio e as cápsulas vazias são descartados nos intermediários da cozinha (pilhas de resíduos) fora do ninho. Os celeiros individuais podem ter 12,7 centímetros de diâmetro e 1,2 centímetros de altura. Alguns ninhos são conhecidos por terem 12 metros de diâmetro e aproximadamente 2 metros de profundidade com várias entradas.

Antílope

Várias criaturas semelhantes a antílope, são referidas nas Escrituras. Um parece ser o órix branco (*Oryx leucoryx*), referido em [Deuterônomo 14.5](#) ("carneiro selvagem" NTLH) e [Isaías 51.20](#) (NTLH "carneiros selvagens"; ARA, "antílope"). O órix era provavelmente o antílope, comumente usado para comida porque seus longos chifres o tornavam relativamente fácil de capturar.

Outro antílope mencionado na Bíblia é o addax (*Addax nasomaculatus*), provavelmente o "antílope" de [Deuterônomo 14.5](#) (NTLH). É um nativo do norte da África com partes brancas acinzentadas, uma mancha branca na testa, e chifres torcidos e arulados. A palavra "pygarg" vem de uma palavra grega que significa "traseiro branco". O addax é do tamanho de um jumento. Seu

corpo está coberto de cabelos pequenos bem fechados. Tem uma pequena juba na parte inferior de seu pescoço que faz a cabeça parecer um pouco como a de uma cabra. Os cascós são largos e planos, e a cauda se assemelha a de um jumento. É comum na África e na Arábia, onde os árabes o caçam com falcões e cães.

Os antílopes são muito graciosos e correm de cabeça erguida. Ambos os sexos têm chifres longos, permanentes e ocos. Com o órix, os chifres voltam-se para trás; os chifres de addax são torcidos e cercados. Os antílopes são alertas, cautelosos e perspicazes. Eles geralmente são encontrados em rebanhos de duas a uma dúzia. Se ferido ou encurrulado, um antílope ataca com a cabeça abaixada para que os chifres afiados apontem para a frente. Os antílopes se alimentam de gramas e arbustos, bebendo de riachos e poços de água. Quando a água é escassa, eles comem melões e bulbos suculentos. Tanto addax quanto órix eram ceremonialmente limpos na lei judaica.

Macaco

Primaz não nativo da Palestina. As duas referências aos macacos no AT ([1Rs 10.22](#); [2Cr 9.21](#)) se referem à sua importação pelo rei Salomão com outros tesouros a bordo dos navios de sua frota mercantil. Há alguma pergunta sobre a origem desses primatas. Alguns acreditam que a menção de "marfim" nos mesmos versos sugere que eles vieram da África Oriental e que eles eram de fato gorilas ou chimpanzés, isto é, primatas sem cauda. Outros, acreditando que eles vieram da Índia ou do Ceilão, sugerem que eles eram na verdade macacos de pequeno porte como micos ou macaco-aranha. Lá, o babuíno (gênero Papeio), um grande macaco, era considerado sagrado para o deus Thoth. Os machos desse gênero eram mantidos em templos, e as fêmeas mais dóceis eram muitas vezes mantidas como animais de estimação. Tais babuínos frequentemente tinham alguns de seus dentes removidos ou moídos para diminuir o perigo de sua mordida. Um número de babuínos mumificados foi encontrado no Egito, indicando a alta consideração com que eles foram mantidos.

Áspide

Serpente venenosa. A maioria das referências bíblicas à áspide ([Dt 32.33](#)) parecem ser à cobra egípcia (*Naja haje*), que se esconde em buracos, paredes e rochas e tem a capacidade de expandir seu pescoço levantando suas costelas anteriores para ampliar a frente de seu peito na forma de um

disco plano. Seu potente veneno pode causar a morte em 30 minutos. Atinge um comprimento de cerca de 2 metros. As presas são permanentemente eretas, não móveis como nas víboras (as cobras venenosas comuns da América do Norte; apenas a cobra-coral na América tem presas permanentemente eretas). O veneno da cobra ataca o sistema nervoso, causando paralisia muscular. Os egípcios a viam como uma criatura sagrada; eles a consideravam uma protetora, uma vez que se alimentava dos roedores que comiam suas colheitas. As "serpentes de fogo" ([Nm 21.6](#); [Dt 8.15](#), ambos ARC) podem ter sido cobras; "ardente" provavelmente se refere à febre ardente causada por seu veneno. [Isafás 14.29](#) e [30.6](#) ("serpente voadora") podem se referir ao capô da cobra.

Ver também *Cobra* (abaixo).

Burro

Veja *Asno* (acima).

Texugo

Pequeno mamífero de casco. O que a NTLH chama de "coelho selvagem", algumas traduções modernas nomeiam "arganaz" ([Lv 11.5](#); [Dt 14.7](#); [Sl 104.18](#); [Pv 30.26](#)). O texugo de rocha de que fala a Bíblia é provavelmente a hyrax rocha síria (*Hyrax syriaca*), a única espécie de hyrax encontrada fora da África. Este pequeno ungulado (tendo unhas semelhantes a cascós) vive entre rochas do vale do Mar Morto até o Monte Hermon. É estritamente um animal herbívoro (comedor de plantas) do tamanho de um coelho. Assemelha-se a um porco-da-índia mais do que um coelho, tendo orelhas bastante inconsistentes e uma cauda muito pequena. Tem unhas largas com quatro dedos em suas patas dianteiras e três em suas patas traseiras, os dedos dos pés sendo conectados com a pele quase como uma teia. Almofadas que agem como discos sucção sob seus pés permitem que ele mantenha seu pé sobre rochas escorregadias. Com seu pelo amarelo e marrom, às vezes é chamado de rato-urso por causa de sua semelhança com um rato sem cauda. Também é equipado com bigodes pretos que podem ter 17,8 centímetros de comprimento.

Esses texugos de rocha, ou hyraxes, vivem juntos em colônias de 6 a 50 animais, muitas vezes tomando sol em rochas. Eles são difíceis de pegar. Eles se organizam com alguns de guarda, e se avistarem um perigo próximo, todo o grupo correrá para se proteger, advertido pelos apitos afiados dos guardas. Assim, eles são elogiados por

se refugiar nas rochas ([Sl 104.18](#)) e são chamados de sábios por fazerem “suas casas nas pedras” ([Pv 30.24, 26](#), NTLH). O texugo não é um ruminante (não fica mastigando or vezess o mesmo alimento), mas o movimento de suas mandíbulas pode sugerir que ele rumina. É provavelmente por isso que ele foi incluído com outros animais ruminantes nas leis alimentares judaicas ([Lv 11.5; Dt 14.7](#)). Era proibido aos judeus como comida porque não tinha cascos fendidos. Alguns árabes comem e até mesmo valorizam sua carne.

Morcego

Mamíferos voadores de acordo com a classificação moderna. Eles têm cabelo e fornecem leite para seus filhotes. A Bíblia os classifica com outras criaturas aéreas. Os morcegos se abrigam em cavernas, fendas, cavidades de árvores, edifícios e também em lugares expostos nas árvores. Em áreas mais frias, eles hibernam ou migram. A posição normal de descanso para um morcego está pendurada de cabeça para baixo. Os morcegos “nadam” pelo ar em vez de voar, porque eles se movem com suas pernas, bem como com suas asas.

O polegar do morcego está livre e termina em uma única garra de gancho usada para escalar e pendurar. Os pés posteriores têm cinco dedos, todos apontando na mesma direção. O grande baú acomoda os poderosos ossos necessários para voar. Como eles se orientam por localização de eco, o sentido de audição está muito bem desenvolvido.

A maioria dos morcegos é comedora de insetos, catando insetos em voo. Muitos morcegos insetívoros também comem algumas frutas. Outros morcegos se alimentam exclusivamente, geralmente em grupos, de frutas e vegetação verde. Os morcegos comedores de frutas geralmente vivem nos trópicos, onde as frutas estão constantemente amadurecendo, embora alguns tenham sido encontrados na Terra Santa. Esses morcegos tendem a ser maiores do que os insetívoros, tendo uma envergadura de até 1,5 metros.

Um terceiro grupo inclui morcegos comedores de flores que se alimentam de pólen e néctar. Esses pequenos morcegos com cabeças longas e línguas longas são encontrados apenas em regiões tropicais e semitropicais. Três espécies de morcegos vampiros, que não ocorrem na Terra Santa, comem sangue fazendo uma pequena incisão e lambendo-o. Os morcegos carnívoros (comedores de carne) atacam pássaros, lagartos e

rãs. Os morcegos comedores de peixes capturam peixes na superfície da água ou perto dela.

Oito variedades de morcegos são conhecidas na Terra Santa. Um deles, o pequeno morcego marrom (gênero *myotis*), está distribuído em todo o mundo. É insetívoro e provavelmente tem a maior distribuição de qualquer mamífero terrestre não humano. Os morcegos marrons são principalmente moradores das cavernas. As fêmeas formam colônias de maternidade que podem chegar às dezenas de milhares.

Duas espécies de morcegos de cauda de rato (gênero *Rhinopoma*) são encontradas na Terra Santa. Suas caudas são quase tão longas quanto a cabeça e o corpo combinados. Eles são coloniais, descansando em cavernas, fendas de rocha, poços, pirâmides, palácios e casas. Como o morcego marrom, eles são insetívoros. Os morcegos de face vazia ou ocos (gênero *Nycteris*) também são encontrados na Terra Santa. Eles são insetívoros e se empoleiram em grupos de 6 a 20.

Os morcegos encontrados na Terra Santa variam em tamanho do de um rato de pequeno porte ao tamanho de uma ratazana; a maior espécie mede mais de 51 centímetros nas asas. O morcego era imundo para os judeus ([Lv 11.19; Dt 14.18](#)).

Urso

Mamífero grande, pesado e de cabeça grande, com membros pequenos e poderosos, uma pequena cauda, e olhos e ouvidos pequenos. Os ursos têm uma caminhada “plantigrada”: eles andam tanto na sola quanto no calcanhar como os seres humanos. O urso palestino é uma versão síria do urso marrom (*Ursus arctos syriacus*). Pode crescer até uma altura de 1,8 metros e pode pesar até 227 quilos.

Os ursos têm um excelente sentido de olfato, mas sentidos menos desenvolvidos de visão e audição. Eles são onívoros (comendo qualquer tipo de alimento); eles subsistem em grande parte da vegetação, frutas, insetos e peixes.

Os ursos geralmente são pacíficos e inofensivos, mas se eles pensam que devem se defender ([Lm 3.10](#)) ou seus filhotes ([2Sm 17.8; Pv 17.12; Os 13.8](#)), eles podem ser adversários formidáveis e perigosos. Davi se gabava de seu papel como um assassino de ursos ([1Sm 17.34-37](#)). Uma vez que um golpe da pata de um urso pode ser fatal, a coragem e força de Davi como um jovem pastor correndo atrás de um urso e arrancando uma das

ovelhas de seu pai de suas mandíbulas eram dignas de nota.

Algumas passagens bíblicas parecem dar a entender que os ursos atacavam sem razão aparente (p. ex., [Pv 28.15](#); [Am 5.19](#)). Em outras ocasiões, elas eram instrumentos de punição de Deus, como na história de Eliseu e as duas ursas ([2Rs 2.24](#)). O urso e o leão, muitas vezes mencionados juntos na Bíblia ([1Sm 17.37](#)), eram as duas maiores e mais fortes feras de rapina na Terra Santa. Assim, eles simbolizavam tanto força quanto terror ([Am 5.19](#)).

Nos tempos bíblicos, os ursos parecem ter percorrido toda a Palestina. Hoje eles são encontrados apenas nas Montanhas Líbano e Anti-Líbano, e até mesmo lá eles são raros.

Abelha

Um dos dois insetos domesticados (*Apis mellifera*), o outro sendo o bicho-da-seda. As abelhas coletam néctar de flores, transferindo pólen de uma flor para outra no processo. Acredita-se que eles transmitem a localização de fontes de néctar para outras abelhas através de uma “dança” de abelhas, o que pode indicar tanto distância quanto direção. As abelhas são sensíveis a quatro cores: azul-verde, amarelo-verde, azul-violeta e ultravioleta (invisível para os humanos).

As abelhas selvagens da Terra Santa são especialmente notadas por sua ferocidade no ataque. Apenas as abelhas “trabalhadoras” femininas picam pessoas e animais, a virulência de seu veneno aumentando em clima quente. Uma série de passagens bíblicas aludem à natureza irritável e vingativa das abelhas e às dolorosas picadas que elas infligem ([Dt 1.44](#); [Sl 118.12](#); [Is 7.18](#)).

Uma referência chama a atenção para o fato de que nas regiões semi-desertas as carcasas de um animal morto, despojadas até o osso por chacais ou abutres e secas ao sol, podem fornecer às abelhas selvagens um excelente lugar para começar uma nova colônia ([Iz 14.5-9](#)).

Os egípcios consideravam a abelha sagrada. Na Grécia antiga, as velas eram feitas de cera de abelha. Na Terra Santa, a apicultura provavelmente não era praticada até o período helenístico (segundo século a.C.), embora [Ezequiel 27.17](#) sugira que pode ter sido praticada mais cedo. Se o mel doméstico não estivesse disponível para os hebreus, o mel selvagem certamente estava, e os viajantes estariam atentos aos cachos de mel em

fendas rochosas e outros lugares prováveis. Os filisteus e os hititas praticavam a atividade apícola em suas cidades.

A Bíblia contém muitas referências a abelhas e produtos derivados das abelhas. Um enxame de abelhas era um conjunto valioso, embora o preço do mel em si fosse baixo. O mel às vezes era comido com o favo de mel ([Ct 5.1](#)). O mel também tinha usos diferentes de comida, por exemplo, no embalsamamento.

A terra de Israel era descrita como uma terra que flui com leite e mel. O mel era uma grande fonte de adoçante no antigo Oriente Próximo — daí sua importância (cf. [Iz 14.8-9](#)). Na verdade, a palavra hebraica para “mel” pode incluir não apenas mel de abelha, mas também o xarope doce extraído de frutas como figos, tâmaras e uvas. Assim, “uma terra que mana leite e mel” ([Ex 3.8](#), ARC) não significa necessariamente uma terra de abelhas, mas uma terra rica em doçura.

Ver também Alimentos e preparação de alimentos Mel.

Beemot

Veja Hipopótamo (abaixo).

Camelo

Grande besta de carga. Ininteligente, mal-humorado e briguento, o camelo (*Camelus dromedarius*) é, no entanto, uma bênção para as pessoas que vivem no deserto e em suas fronteiras, porque é especialmente adaptado a esse habitat. Tem sido chamado de navio do deserto. Tendo almofadas elásticas espessas de tecido fibroso em seus pés, pode andar nas areias quentes do deserto. Pode ficar sem água por longos períodos e pode subsistir na vegetação que cresce nos solos salinos. As narinas dos camelos são comprimidas juntas e podem ser fechadas à vontade para evitar a penetração de areia durante violentas tempestades de areia.

Os camelos são usados para transportar bens e pessoas. Uma pessoa andando de camelo pode cobrir 96,5 a 121 quilômetros em um dia. Um camelo pode carregar uma carga pesando 272 quilos ou mais. Os camelos eram usados pesadamente no comércio de especiarias ([Gn 37.25](#)) e viajavam regularmente em caravanas de camelos entre a Arábia, o Egito e a Assíria. Eles também foram montados em tempo de guerra ([Iz 6.5](#)). Um camelo pode até ser acoplado a um arado em áreas onde a terra é plantada.

O cabelo que cai dos camelos durante o início da primavera é preservado e usado na tecelagem de pano e fazendo tendas. Até 4,5 quilos de cabelo podem ser obtidos de um camelo. Um manto áspido de cabelo de camelo, usado por João Batista ([Mt 3.4](#)), ainda é usado pelos beduínos hoje. A roupa de cabelo de um camelo também era o sinal do ofício profético ([Zc 13.4](#)).

Duas variedades de camelo ocorrem dentro das espécies de uma corcova só, o camelo lento que carrega carga referido em [Gênesis 37.25](#) e o dromedário rápido de [1 Samuel 30.17](#). O dromedário pode ter 2,1 metros de altura e medir até 2,7 metros do focinho até a ponta da cauda. Com seu estômago de três câmaras, que pode conter de 14 a 28 litros de líquido, pode durar até 5 dias durante o verão ou 25 dias no inverno sem beber. A corcova do camelo é um depósito de gordura de reserva, tornando possível que o animal subsista de pouca comida durante uma jornada no deserto.

Outra espécie de camelo, o camelo bactriano (*Camelus bactrianus*), também é residente na Terra Santa. Tem duas corcovas. É mais pesado, maior e tem pelo mais longo que o camelo de uma corcunda e é mais lento que o veloz dromedário. [Isaías 21.7](#) pode se referir ao camelo báctrio; ambos os tipos de camelo são referidos em [Ester 8.10](#) (NTLH). Os camelos eram classificados em importância com ovelhas, gado e jumentos nos tempos do AT. Um terço das 66 referências bíblicas ao camelo o lista com outros animais.

Os camelos são ruminantes, mas não têm cascos fendidos. Assim, eles foram incluídos na lista de bestas imundas, proibidas pelos israelitas como alimento ([Lv 11.4](#); [Dt 14.7](#)). Eles são comidos pelos árabes, no entanto, que também bebem seu leite (cf. [Gn 32.15](#)).

Abraão tinha camelos no Egito ([Gn 12.16](#)). No início, Jó tinha 3.000 camelos ([Jó 1.3](#)) e após sua restauração, 6.000 ([Jó 42.12](#)). Embora o amplo uso de camelos não pareça ter começado até pouco antes de 1000 a.C. ([Iz 6.5](#)), os textos sumérios do período babilônico antigo listam camelos e indicam que eles haviam sido domesticados. Ossos de camelo e estatuetas foram encontrados em vários sítios arqueológicos orientais que datam de bem antes de 1200 a.C.

Ver também Viagens.

Lagarta

Estágio larval de insetos caracterizado por metamorfose completa. Tais insetos passam por

quatro estágios: ovo, larva ou lagarta, pupa e adulto. Abelhas, moscas, mariposas e borboletas passam por um estágio larval ou de lagarta.

As traduções da Bíblia em português são inconsistentes, traduzindo o mesmo termo hebraico por "lagarta", "larva" e até por "gafanhoto" ([1Rs 8.37](#); [2Cr 6.28](#); [Sl 78.46](#) cf. ARA, NAA, NVI). No livro de Joel e alguns outros textos, essa mesma palavra hebraica é traduzida como "gafanhoto" ([1.4](#); [2.25](#)). As duas espécies de gafanhoto a que a palavra hebraica se refere tem um tipo incompleto de metamorfose com apenas três estágios: ovo, ninfa e adulto. A ninfa é um adulto em miniatura em que as asas não estão totalmente desenvolvidas, embora seu contorno possa estar presente. Há vários estágios ninfa conhecidos como instares. A referência é a um dos últimos instares, em que as estruturas das asas ainda estão dobradas e fechadas em uma bolsa, mas são, no entanto, claramente reconhecíveis. Essa forma do inseto tem cerca de 2,5 centímetros de comprimento.

Veja também Gafanhotos (abaixo).

Bovino

Animais domésticos da espécie bovina (*Bos primigenius*). O AT muitas vezes enfatizava a beleza do gado. O Egito era rico em gado, especialmente na área do delta do rio Nilo (Gosén), onde os hebreus se estabeleceram sob José.

Alguns estudiosos acreditam que o leite, em vez de carne, era a principal consideração na domesticação do gado e que nas primeiras civilizações os suprimentos de carne vinham principalmente da caça selvagem. O gado também fornecia couros fortes que substituíam madeira na fabricação de proteções. Seu esterco era uma fonte de combustível quando a madeira estava escassa ([Ez 4.15](#)). Eles eram usados como bestas de carga e para arar. O desenvolvimento do transporte de rodas estava associado mais estreitamente com o gado do que com qualquer outro animal.

O termo bíblico "gado" muitas vezes se refere a todos os animais domesticados ou gado ([Gn 1.24](#); [2.20](#); [7.23](#); [47.6, 16-17](#); [Êx 9.3-7](#); [Nm 3.41, 45](#)). Ocasionalmente, o termo era usado para se referir a todos os grandes animais domésticos ([Nm 31.9](#); [32.26](#)), embora às vezes a palavra usada na versão KJV se refira apenas ovelhas e cabras ([Gn 30.32, 39.43](#); [31.8, 10](#); [Is 7.25](#); [43.23](#)).

Provavelmente vários tipos de gado foram domesticados na Terra Santa. Gado pequeno, de

pernas baixas, preto ou marrom de espinheiro foram encontrados na parte sul de Judá; esse tipo se submetia facilmente ao jugo e era proeminente em operações agrícolas. Ao longo da costa, uma variedade maior foi encontrada, e os distritos selvagens a leste do rio Jordão eram povoados com uma raça de enorme gado preto.

A criação de gado era amplamente praticada pelos patriarcas (cf. [Gn 32.15](#); [Jó 21.10](#)). Leis rígidas na Mesopotâmia, bem como em Israel, penalizaram o proprietário de um touro que chifrou um homem ou outro gado ([Êx 21.28-36](#)). Os touros às vezes eram empregados figurativamente como imagens de força ou violência ([Dt 33.17](#); [Sl 22.12](#); [68.30](#); [Is 10.13](#)). Para fins de criação, um touro é normalmente adequado para cerca de 30 vacas, mas muitos mais foram mantidos desde que os touros eram amplamente usados em Israel para sacrifícios. Eles podem ser usados como um sacrifício geral ([Lv 22.23](#); [Nm 23.1](#)) ou para sacrifícios especiais ([Jz 6.25](#); [1Sm 1.24](#)). Sacrifícios especiais foram oferecidos na consagração dos sacerdotes ([Êx 29.1](#)), consagração de um altar ([Nm 7](#)), purificação dos levitas ([Nm 8](#)), ofertas pelo pecado ([Lv 16](#)), dia da lua nova ([Nm 28.11-14](#)), Páscoa ([Nm 28.19](#)), Festa das Semanas ([Nm 28.27](#)), Festa das Trombetas ([Nm 29.1-2](#)), Dia da Expiação ([Nm 29.7-9](#)) e Festa dos Tabernáculos ([Nm 29.12-38](#)). A Festa dos Tabernáculos exigia o maior número de touros para ofertas queimadas de todas as festas anuais, com um total de 71 sendo abatidos durante o decorrer de oito dias.

Os bezerros às vezes eram referidos como “filhos do rebanho” no hebraico original ([Gn 18.8](#); [1Sm 6.7](#); [14.32](#)). O bezerro, um símbolo de paz ([Is 11.6](#)), também era usado figurativamente para se referir aos fracos ([Sl 68.30](#)). A cabeça de um bezerro decorava a parte de trás do trono de Salomão ([1Rs 10.19](#)). Os bezerros às vezes eram engordados em barracas para mantê-los sem peso no campo ([Am 6.4](#); [Ml 4.2](#); [Lc 15.23](#)) ou eram mantidos ao redor da casa; a médium de Endor mantinha um bezerro em sua casa que ela matou e serviu a Saul e seus homens ([1Sm 28:24-25](#)). Os bezerros forneciam vitela ([Gn 18.7](#)), considerada uma iguaria pelos ricos; Amós se referia aos bezerros engordados em uma denúncia de vida luxuosa e negligente ([Am 6.4](#)). Os bezerros também forneciam carne para todos os exércitos de Saul na grande matança dos filisteus ([1Sm 14.32](#)). O “bezerro cevado” servido assado ou cozido era um prato gourmet, adequado para o melhor banquete ([Gn 18.7](#); [Mt 22.4](#); [Lc 15.23](#)).

O gado estava sujeito à lei dos primogênitos ([Êx 13.12](#)). Eles eram uma marca de riqueza ([Gn 13.2](#)) e foram considerados saque adequado da guerra ([Is 8.2](#)). Arão, o primeiro sumo sacerdote, fez um bezerro de ouro como um rival para a arca da aliança ([Êx 32](#); [Dt 9.16,21](#)). Mesmo que ele representasse o bezerro como uma imagem do Deus invisível, era especialmente ofensivo porque o bezerro era um símbolo de fertilidade relacionado às práticas egípcias e cananeias. Dois bezerros foram mais tarde feitos por Jeroboão I de Israel (930-909 a.C.) para seus santuários em Betel e Dã ([1Rs 12.28-33](#)). As denúncias proféticas de Oséias sobre a adoração aos bezerros foram dirigidas a esses santuários ([Os 8.5-6](#); [13.2](#)).

Um boi é um touro castrado adulto. Um novilho é um jovem boi. Os bois eram usados para trabalhar ([Nm 7.3](#); [Dt 22.10](#); [25.4](#)), embora para mover objetos pesados, as vacas fossem tipicamente favorecidas sobre os touros por causa de sua natureza mais dócil. Os bois também eram usados como animais de carga ([1Cr 12.40](#)), embora eles não tivessem a resistência do jumento, camelo ou mula. Eles geralmente se alimentavam de capim ([Nm 22.4](#); [Sl 106.20](#)), mas também comiam palha ([Is 11.7](#)) e forragem salgada ([Is 30.24](#)) e poderiam ser mantidos em um estábulo ([Lc 13.15](#)). Os bois não poderiam ser oferecidos como sacrifícios porque eles haviam sido castrados ([Lv 22.24](#)). Eles poderiam ser usados para comida, mas raramente eram comidos. A posse de um boi e um jumento era considerada como o mínimo para a existência na antiga economia agrícola palestina ([Jó 24.3](#); cf. [Êx 20.17](#)).

Ver também Agrícola; Alimentos e Preparação de Alimentos; Ofertas e Sacrifícios.

Camaleão

Lagarto caracterizado por sua capacidade de mudar de cor de acordo com seus arredores (*Camaleão vulgaris*). Para os israelitas, o camaleão era ritualmente impuro ([Lv 11.30](#)). A palavra hebraica para camaleão é derivada de uma palavra que significa “ofegar”. Os pulmões de um lagarto são muito grandes, e nos tempos antigos acreditava-se que os lagartos viviam do ar. Os olhos de um camaleão se movem independentemente uns dos outros; então, às vezes, um olho pode ser virado para cima e o outro para baixo. Os camaleões vivem em árvores e arbustos, agarrando-se aos ramos com suas longas caudas.

Ver também Lagarto (abaixo).

Coral

Esqueletos calcários (contendo cal) de organismos marinhos relativamente simples (*Corallium rubrum*). O coral vermelho dos mares mediterrâneos e vermelhos é amplamente usado para joias e para fins medicinais. Enquanto o animal está vivo, o coral é de cor verde e tem aparência arbustiva, parecendo uma planta subaquática, uma vez que os animais de coral são imobilizados. Quando o coral é removido da água, ele se torna duro e de cor vermelha.

Nos tempos antigos, o coral às vezes era usado como dinheiro, juntamente com pedras preciosas, pérolas e ouro. Alguns acreditam que a referência bíblica em [Lamentações 4.7](#) (ARA) é às pérolas em vez de ao coral, mas é provável que as referências em [Íó 28.18](#) e [Ezequiel 27.16](#) sejam ao coral vermelho (ver NTLH).

Grilo

Inseto da ordem Orthoptera relacionado com os gafanhotos. De acordo com [Levítico 11.22](#), o grilo era comestível. A referência pode ser a um dos estágios de crescimento do gafanhoto.

O KJV traduz a palavra hebraica como “besouro”. Os besouros são insetos com partes da boca mastigável e dois pares de asas, o par dianteiro é duro e semelhante a uma bainha e o par traseiro é membranoso e dobrado sob o par dianteiro. Alguns besouros são carnívoros, outros são principalmente herbívoros. Alguns são aquáticos, alguns produzem uma secreção que deixa bolhas na pele, alguns danificam os tecidos, alguns danificam as colheitas e alguns se alimentam de outros insetos que são prejudiciais para os seres humanos. No antigo Egito, o besouro, ou escaravelho-sagrado, era um símbolo do deus do sol Ra. Os selos e amuletos de escaravelho eram extremamente populares no Egito.

Crocodilo

O maior de todos os répteis existentes (*Crocodylus vulgaris*), atingindo um comprimento de bem mais de 6 metros. Os crocodilos são caracterizados por grandes corpos semelhantes a lagartos apoiados por pernas pequenas. A cabeça termina em um focinho achulado armado com fortes dentes cônicos, cada um dos quais é implantado em uma tomada distinta. Novos dentes que crescem de baixo continuamente substituem aqueles em uso. Os dedos dos pés são palmados (com membranas). As costas e a cauda são protegidas por proteções

quadrangulares de diferentes tamanhos dispostas em linhas regulares e em contato umas com as outras nas bordas. Os olhos são cobertos por pálpebras móveis que podem ser fechadas quando o animal entra na água.

O crocodilo passa a maior parte de seu tempo na água, onde se alimenta principalmente de peixes, mas também de pássaros aquáticos e até mesmo pequenos animais que descem até a beira da água para beber. É surpreendentemente rápido e ágil em terra seca, mesmo que suas pernas sejam tão pequenas que sua barriga e cauda se arrastem pela terra, deixando um rastro distinto.

Até o início do século 20, o crocodilo era encontrado nos pântanos e pequenos rios costeiros da Palestina ocidental. Um escritor romano do primeiro século, Plínio, se referiu a um lugar na Terra Santa chamado Crocodeilópolis (“cidade de crocodilos”) ao sul do Monte Carmelo, e os visitantes da Terra Santa no século 19, relataram ter visto crocodilos naquela região em geral.

A descrição de “Leviatã” em [Íó 41](#) parece ser baseada no crocodilo (assim a tradução da ARA). O “dragão” de [Ezequiel 29.3](#), usado figurativamente do faraó egípcio, pode ser uma referência ao crocodilo.

Cervo

Grandes animais ruminantes (mastigadores). Apenas os machos têm chifres (chifres ramificados). Os chifres de cervo crescem anualmente e são sólidos, em contraste com os do antílope e da gazela. Os chifres totalmente desenvolvidas são desprovidas de qualquer cobertura de pele ou chifre e, para todos os propósitos práticos, podem ser consideradas como uma massa de osso morto transportada durante um certo tempo pelo animal vivo.

A ponta do focinho do cervo está nua em todas as espécies. O estômago é dividido em uma série de compartimentos, alguns dos quais são usados para armazenar alimentos parcialmente mastigados. A comida é mais tarde regurgitada, remastigada e finalmente engolida em uma seção do estômago onde a verdadeira digestão ocorre.

Três espécies de veados eram conhecidas na Palestina: o veado-vermelho (*Cervus elaphus*), o gamo persa (*Dama mesopotamica*) e o veado (*Capreolus capreolus*). Todos estão agora extintos lá. Os últimos cervos foram caçados na Terra Santa em 1914. O veado vermelho referido na Bíblia como “cervo” (macho), “veado” (macho) ou “egua”

(fêmea) estava a cerca de 1,2 metro de altura ao ombro. Era gregário (vivia em manadas ou bandos), cada grupo permanece em um território definido. Os cervos vermelhos pastava e alimentava-se durante a manhã e ao final da tarde ([Lm 1.6](#)). Os sexos permaneceram em rebanhos separados. O cervo vermelho era conhecido por seu salto ([Is 35.6](#)) e segurança nas montanhas ([Sl 18.33; Ct 2.8-9.17; 8.14; Hb 3.19](#)).

Os chifres do cervo persa ([1Rs 4.23](#)) eram grandes, achatados e palmados (em forma de uma palma aberta com os dedos estendidos), e seu pelo era um marrom amarelo. Viajava em pequenos grupos, alimentando-se principalmente de grama de manhã e à noite.

O corço ([Dt 14.5; 1Rs 4.23](#)) era um animal pequeno e gracioso, marrom avermelhado escuro no verão e cinza amarelado no inverno. Seus chifres tinham cerca de 30,5 centímetros de comprimento e tinham três pontos. O corço preferia os vales escassamente arborizados e as encostas mais baixas das montanhas, pastando em campos abertos. Geralmente está associado em grupos familiares compostos pela corça e sua descendência. Eles eram tímidos, mas muito curiosos. O corços latiam como um cão quando perturbado, e eles eram excelentes nadadores.

Há alguma pergunta sobre se o corço é realmente mencionado em passagens como [1Rs 4.23](#); as referências podem ser ao gamo, embora esse animal não pareça ter vivido na parte sul da Palestina ao redor do Deserto do Sinai por causa de sua necessidade de amplas quantidades de comida e água. Os gamos eram encontrados no norte da Palestina.

O cervo (o veado vermelho macho) foi listado entre os animais limpos que a lei judaica permitia como alimento ([Dt 12.15.22; 14.5](#)), mas o veado não figurava entre os animais apropriados para o sacrifício. A corça (cervo vermelho fêmea) dava normalmente à luz a uma cria de cada vez, embora os gêmeos nascessem com alguma regularidade ([Jó 39.1; Sl 29.9, NVI; Jr 14.5](#)). O período de gestação era cerca de 40 semanas. Quando estava prestes a dar à luz, a corça buscava um esconderijo seguro, de preferência no denso bosque raso da floresta, onde poderia encontrar proteção natural para a pequena cria. Durante os primeiros dias após o nascimento, a mãe nunca se afastava de seus filhotes. O cervo era capaz de ficar em suas próprias pernas algumas horas após o nascimento. O cuidado solícito da corça para com a sua cria durante os primeiros dias de vida é sugerido de

forma comovente em [Jeremias 14.4-5](#), onde se diz que só uma seca severa afasta a corça da sua cria. [Jó 39.1-4](#) descreve o nascimento das corças. A corça ilustrava graça e charme ([Gn 49.21; Pv 5.19](#)), e seus olhos escuros e suaves e os seus membros graciosos eram usados para descrever a beleza de uma mulher ([Pv 5.18-19](#)).

Cão

Provavelmente o primeiro animal domesticado (*Canis familiaris*), usado desde muito cedo na caça. Acredita-se que o cão moderno tenha vindo do lobo indiano (*Canis lupus pallipes*). Os cães dos tempos bíblicos provavelmente pareciam um pastor alemão moderno, com orelhas pequenas pontudas, um nariz pontudo e uma longa cauda.

O cão era geralmente desprezado nos tempos bíblicos ([Pv 26.11; 2Pe 2.22](#)). Os escritores bíblicos não compartilhavam dos sentimentos modernos sobre os cães serem os melhores amigos do homem. O cão foi retratado como um necrófago, assombrando ruas e lixões ([Ex 22.31; 1Rs 22.38; Mt 15.26; Lc 16.21](#)). Cadáveres humanos poderiam se tornar os despojos de cães ([2Rs 9.35-36](#)). Em geral, os cães desempenhavam a mesma função que os abutres e outras aves de rapina. A maioria das 41 referências nas Escrituras a cães mostra forte desfavor. Os cães eram considerados criaturas covardes e imundas.

Os cães usados na caça aparecem em pinturas de tumbas egípcios, e há uma referência aos cães pastoreando ovelhas em [Jó 30.1](#). Uma boa qualidade de cães muito apreciada pelos israelitas era a vigilância ([Is 56.10](#)). Em geral, no entanto, nos tempos bíblicos “cão” era um termo de desprezo ([1Sm 17.43; 2Sm 16.9](#)) e era usado de pessoas excessivamente submissas ([2Sm 9.8; 2Rs 8.13](#)) e de pessoas más ([Is 56.10-11; Mt 7.6; Fp 3.2; Ap 22.15](#)).

Os cães, assim como os porcos, eram vorazes e onívoros (comiam qualquer tipo de comida). Em resposta ao pedido de uma mulher gentia para que ele pudesse curar sua filha, Jesus usou a metáfora de jogar restos de comida para cães ([Mt 15.22-28; Mc 7.25-30](#)). Na época de Jesus, a palavra “cachorro” era um termo judeu padrão de desprezo pelos gentios que, como cachorros, eram considerados impuros, embora a forma diminutiva da palavra, usada por Jesus, suavizasse isso consideravelmente. Vendo sua fé, Jesus atendeu ao pedido da mulher, dando a um não-judeu parte do “pão dos filhos”.

Jumento

Besta de carga. O jumento da Terra Santa (*Equus asinus*) era bastante diferente do jumento europeu de hoje, que geralmente é um animal pequeno e teimoso. Nos tempos bíblicos, o jumento era um animal bonito, imponente e amigável. Sua cor geralmente era marrom avermelhado. Três raças selvagens foram descritas, todas da África. A raça do noroeste da África está extinta; a do nordeste da África, se não for extinta, está perto da extinção; a raça somaliana, que sobreviveu, não desempenhou um papel importante na domesticação. A raça do nordeste africano, o jumento núbio, foi evidentemente domesticada na região do rio Nilo nos primeiros tempos históricos. O jumento era usado como uma montaria desde o tempo da domesticação. É mencionado pela primeira vez na Bíblia entre os animais que Abraão adquiriu no Egito ([Gn 12.16](#)). O jumento era principalmente uma besta de carga, conduzida, mas não refreada. Desde o tempo do Reino Médio (ca. 2040 a.C.), era usado para andar no Egito, mas apenas os judeus e os núbios montavam jumentos regularmente. O jumento também era usado para debulhar grãos e para puxar o arado. Nos países árabes de hoje, os camponeses aram com um jumento e uma vaca ou camelo amarrados. Em Israel, a lei proibia arar com um jumento e um boi amarrados ([Dt 22.10](#)). Até o tempo de Salomão (960 a.C.), cavalos não eram usados na Palestina. Daquele momento em diante, o cavalo era montado por guerreiros; o jumento era usado por aqueles que viajavam pacificamente.

O jumento era muito respeitado pelos judeus e era considerado um bem econômico. Um indivíduo precisava ter um jumento para uma existência mínima ([Jó 24.3](#)), e a riqueza era frequentemente contada pelo número de jumentos que alguém possuía ([Gn 12.16](#); [24.35](#)). O jumento era considerado um presente aceitável ([Gn 32.13-15](#)). Era permitido descansar no sábado ([Dt 5.14](#)). As mulheres nos tempos bíblicos muitas vezes usavam o jumento como um animal de montaria ([Is 15.18](#); [1Sm 25.23](#); [2Rs 4.24](#)); muitas vezes um motorista especial ajudava uma mulher a guiar o animal, correndo ao seu lado. Se um casal possuísse apenas um jumento, o marido geralmente andava ao lado enquanto a esposa cavalgava ([Êx 4.20](#)).

O povo de Israel que retornava da Babilônia tinha dez vezes mais jumentos do que cavalos e camelos ([Ed 2.66-67](#); [Ne 7.68-69](#)). A riqueza de Jó foi indicada pelo fato de que ele tinha 500 jumentos antes da catástrofe o atingir ([Jó 1.3](#)); após sua restauração, ele tinha 1.000 jumentas ([Jó 42.12](#)). Os

irmãos de José usaram jumentos para transportar os grãos que compraram no Egito ([Gn 42.26](#); [43.24](#)). Abigail transportou comida em jumentos para Davi e suas tropas durante seu conflito com Saul ([1Sm 25.18](#)). Davi designou um dos 12 administradores de suas propriedades reais para tomar conta exclusivamente de seus jumentos ([1Cr 27.30](#)).

O onagro, ou jumento-selvagem-sírio (*Equus hemionus hemippus*), é um intermediário entre o verdadeiro cavalo e o verdadeiro jumento. Suas orelhas são mais longas do que as de um cavalo, mas menores do que as de um jumento. Os cascos da frente são estreitos; há calosidade (manchas calosas no interior dos joelhos) apenas nas pernas da frente, e a cauda é pequena por uma longa distância de sua raiz, de modo que parece ser tufada.

Os sumérios (antigos mesopotâmicos) foram capazes de domesticar o onagro, que acabou sendo substituído pelo cavalo. Foi usado para puxar carros em Ur; vários onagros foram enterrados com seus carros em um túmulo real que data de cerca de 2500 a.C. Mais tarde, o onagro era o prêmio de um caçador favorito dos reis da Babilônia e da Assíria.

O onagro era muito comum nas terras das estepes perto de Israel, onde era descrito como um animal do deserto amante da liberdade ([Jó 24.5](#); [39.5-8](#); [Sl 104.11](#); [Is 32.14](#); [Jr 2.24](#); [Os 8.9](#)). Ismael foi descrito como “livre e indomado como um jumento selvagem” ([Gn 16.12](#), NTLH) — isto é, alguém que não poderia se ajustar à vida doméstica. A seca parece ter sido responsável pelo declínio populacional dos onagros nos tempos bíblicos ([Jr 14.6](#)). O onagro moderno (*Equus hemionus onager*) é ligeiramente maior do que o jumento selvagem sírio que está extinto.

Ver também Viagens.

Dragão

Qualquer uma das várias monstruosas criaturas terrestres e marinhas. No uso bíblico, “dragão” não se refere ao enorme, que sopra fogo, réptil alado do folclore europeu. Os tradutores da versão KJV usaram o termo para traduzir duas palavras hebraicas que geralmente são traduzidas com mais precisão em traduções modernas. Uma palavra se referia a animais do deserto; a maioria dos estudiosos concorda com a NVI de que “chacais” é seu significado próprio ([Sl 44.19](#); [Is 13.22](#); [Jr 9.11](#); [Ml 1.3](#)). Veja Chacal (abaixo).

A outra palavra hebraica traduzida como “dragão” é mais difícil de definir. Era frequentemente usado em referência a serpentes (assim traduzido no ARC: [Êx 7.9-12](#); [Dt 32.33](#); [Sl 91.13](#)). Em outras passagens NTLH é traduzido como “monstro do mar” ([Gn 1.21](#); [Jó 7.12](#); [Sl 148.7](#)). A identidade exata de tais monstros do mar não é conhecida. Várias passagens na KJV mantêm o termo “dragão”. Em dois deles ([Sl 74.13](#); [Is 27.1](#)), o contexto indica que se referem a monstros do mar. Em três outros ([Is 51.9](#); [Ez 29.3](#); [32.2](#)) “dragão” parece se referir ao crocodilo, uma referência figurativa ao faraó egípcio na época do Êxodo. [Jeremias 51.34](#) (traduzido como “monstro” na ARC) também pode se referir a uma criatura voraz, como um crocodilo. Veja Crocodilo (acima).

Os mitos babilônicos descreviam monstros e dragões em conflito primordial com o deus Marduque; eles representavam o princípio do mal. Em seus usos figurativos nas Escrituras, “dragão” tem um significado semelhante, especialmente nos livros proféticos. No livro de Apocalipse, é um símbolo de Satanás, o arquiinimigo de Deus e seu povo ([Ap 12.3-17](#); [13.2,4,11](#); [16.13](#); [20.2](#)).

Peixe

Animais aquáticos frequentemente mencionados na Bíblia sem nomes ou descrições que nos permitem identificar a espécie específica. Desde tempos imemoriais, os peixes constituem um dos alimentos básicos da humanidade, e eles ainda servem como a principal fonte de proteína em muitas partes do mundo. O comércio de peixes era altamente desenvolvido nos tempos bíblicos. Por exemplo, um dos portões em Jerusalém era chamado de Portão do Peixe ([Ne 3.3](#); [Sf 1.10](#)). A lei em [Levítico 11.9-12](#) permitia que os judeus comessem peixes, mas apenas aqueles que tinham barbatanas e escamas. Peixes sem escamas, como bagres, eram proibidos, mesmo que tivessem barbatanas.

As pinturas egípcias descrevem vários métodos de pesca, e os filisteus pescavam no Mar Mediterrâneo. Uma vez que o povo de Israel não era uma nação marítima, é seguro assumir que a maioria de seus peixes veio de lagos e rios de água doce, especialmente o Mar da Galileia. Foram identificadas cerca de 36 espécies de peixes neste lago, incluindo variedades de perca, carpa, barbo, “sardinha” e peixe-gato.

O método de pesca característico dos tempos do NT era a rede de arrasto. Depois que um barco era lançado ao fundo do mar ([Lc 5.4](#)), uma grande rede

era lançada dele e então arrastada em direção à costa pelos remadores do barco, possivelmente com a ajuda de uma tripulação de outro barco. A captura era selecionada na costa ([Mt 13.47-48](#)). A pesca geralmente era realizada à noite, quando o frescor da água trazia os peixes para mais perto da superfície e quando eles não podiam ver as redes que se aproximavam.

Os judeus também pescavam com linha e anzol ([Mt 17.27](#)), alguns com lança ([Jó 41.7](#)), e alguns com rede de arremesso ([Ez 47.10](#)). Habacuque refere-se à pesca com anzol, rede e cerco. ([1.15](#)).

Muito no início da história da igreja cristã, o peixe se tornou um símbolo de Cristo e da fé. Estava riscado nas paredes das catacumbas romanas e pode ser visto hoje decorando paredes, altares, bancos e paramentos. O símbolo passou a ser usado porque a palavra grega para “peixe” (ichthus) é composta da primeira letra de cada palavra na frase grega “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. Veja Baleia (acima).

Pulga

Inseto pequeno e irritante ([1Sm 24.14](#); [26.20](#), NTLH). Muitas espécies de pulgas surgiram na Palestina, sendo a mais comum a *Pulex irritans*. Cerca de mil espécies são conhecidas em todo o mundo. As pulgas são parasitas sem asas que têm mandíbulas afiadas e sugam o sangue do corpos de humanos e animais. O corpo é em forma de cunha, permitindo que a pulga se entere nas dobras da pele e se esconda lá. Os ovos, colocados pela fêmea em pilhas de poeira nos cantos dos compartimentos, eclodem em pequenas larvas brancas que se transformam em pupas (um estágio sem alimentação) em um casulo. Assim que pulgas adultas aparecem, elas imediatamente se ligam ao corpo de um hospedeiro. A fêmea requer sangue para o desenvolvimento de seus ovos.

Uma picada de pulga é dolorosa e causa algum inchaço e coceira. As pulgas são atraídas pelo calor. Com umidade e temperatura favoráveis, as pulgas adultas podem viver um ano ou mais sem comida, mas elas são vorazes. As pulgas mais perigosas são as do rato, que transmitem o organismo responsável pela peste bubônica. Havia 41 epidemias registradas de peste bubônica antes da era cristã.

Mosca

Insetos da ordem Diptera, que têm um par de asas. Muitos insetos voadores de outras ordens, no

entanto, também são chamados de moscas, como a libélula ou borboleta.

Como em quase todas as partes do mundo, as moscas são abundantes na Palestina. Uma das mais numerosas é a mosca comum (*Musca domestica*), encontrada principalmente em torno de montes de esterco e lixo. A fêmea põe seus ovos, dos quais emergem vermes brancos que se alimentam de lixo. Depois de alguns dias, o verme se desenvolve em um casulo do qual emerge a mosca adulta. No verão, todo o ciclo dura cerca de 12 dias, de modo que uma mosca passa a reproduzir cerca de 20 gerações por ano.

Outra mosca comum na Palestina é a mosca varejeira (família Oestridae). Causa muito desconforto ao gado, irritando-o e espalhando doenças. As moscas tabânicas (família Tabanidae), incluindo a mutuca (gênero *Tabanus*) e espécies relacionadas, também são encontradas na Palestina. Tanto a mosca varejeira e a murissoca são conhecidas como moscas por causa da sofrimento persistente que causam. O rei Babilônico Nabucodonosor é mencionado como uma mosca em vista de sua invasão do Egito ([Ir 46.20](#)).

A quarta praga no Egito, pouco antes do Êxodo, apresentava “enxames de moscas” ([Ex 8.21-31](#), NTLH; cf. [Sl 78.45](#); [105.31](#)). Esses enxames podem ter sido compostos de qualquer ou todas as moscas mencionadas acima. As larvas mencionadas em [Jó 25.6](#) e [Isaías 14.11](#) e os vermes em [Êxodo 16.24](#) e [Jó 7.5](#) e [17.14](#) provavelmente eram larvas de mosca.

Um provérbio citado em [Eclesiastes 10.1](#) provavelmente se refere à mosca doméstica, que seria atraída por uma frasco de unguento perfumado aberto. Uma vez dentro, afogaria e eventualmente se deterioraria, fazendo com que o unguento estragasse e fedesse. A mosca também é referida em [Isaías 7.18](#), onde simboliza o Egito. Isaías pode ter tido em mente uma murissoca (*Tabanus arenivagus*) que ataca seres humanos e animais.

Os habitantes filisteus da cidade de Ecrom adoravam um deus chamado Baal-Zabul, que significa “Senhor dos lugares altos”. Os hebreus zombando falaram de Baal-Zebube, que significa “Senhor das moscas” ([2Rs 1.2](#)). A forma do NT é Belzebu (p. ex., [Mt 10.25](#); [12.24.27](#)).

Raposa

Pequeno carnívoro semelhante a um cão com uma cauda espessa que tem cerca de metade de seu comprimento de corpo. A raposa-vermelha da Terra Santa (*Vulpes palaetinae*) é semelhante à raposa-vermelha norte-americana; é menor do que um lobo e normalmente é um animal solitário noturno. A raposa onívora come quase qualquer tipo de alimento — frutas, plantas, ratos, besouros e pássaros — mas raramente toca em carniça. Ele ama o suco doce de uvas, mas também cava túneis subterrâneos que podem destruir as videiras ([Ct 2.15](#)). A raposa é inteligente e conhecida por sua astúcia ([Lc 13.32](#)). Tem resistência considerável e pode correr a velocidades de até 48 quilômetros por hora. Os judeus que reconstruíram o muro de Jerusalém foram insultados pela piada de que até mesmo uma raposa pulando em seu muro a derrubaria ([Ne 4.3](#)).

A raposa egípcia (*Vulpes nilótico*) é encontrada nas partes central e sul da Terra Santa. É um pouco menor do que a raposa-vermelha comum. Suas costas é de cor de ferrugem e seu ventre claro. A raposa síria (*Vulpes flavesiens*) que vive na parte norte da Terra Santa é de cor dourada brilhante.

Algumas referências do AT, como [Salmo 63.10](#) e [Lamentações 5.18](#) são traduzidas como “raposa” na Bíblia, mas provavelmente se referem aos chacais. Os chacais, não as raposas, caçam em bandos e tendem a agir como necrófagos.

Rã

Anfíbio (gênero *Rana*), vivendo parte de sua vida na água e parte em terra.

Rãs e sapos estão cobertos de pele macia e sem pelos e não têm uma cauda no estágio adulto. As patas traseiras são muito mais longas e desenvolvidas com mais força do que as patas dianteiras, para que os animais sejam capazes de saltar grandes distâncias. Foi sugerido que o sapo referido nas Escrituras é comestível, *Rana ridibunda*, um dos sapos aquáticos encontrados no Egito e nas águas estagnadas da Terra Santa.

A rã fêmea põe seus ovos na água; depois de cerca de uma semana, os ovos eclodem em girinos. Gradualmente através da metamorfose, a cauda é perdida e os membros são adquiridos. As rãs devem manter a pele úmida, pois absorvem oxigênio pela pele e também pelos pulmões; portanto, devem permanecer sempre perto da água. Eles se alimentam de insetos e vermes.

Os sapos são encontrados em todas as terras baixas palestinas, onde seu coaxar é ouvido na primavera e nas noites de verão. Os israelitas parecem ter associado rãs principalmente com a viscosidade e imundície. Eles caíram na categoria de criaturas rastejantes ou enxameadas, que, em geral, eram ritualmente impuras ([Lv 11.29-31](#)). Contudo, como o sapo não estava listado especificamente, os rabinos não o consideravam um dos animais que contaminavam os seres humanos por meio do contato.

Em [Apocalipse 16.13](#), certos espíritos imundos são parecidos com rãs. Os antigos egípcios fizeram do sapo um símbolo de vida e nascimento e uma imagem de Heqet, a deusa patronal do nascimento. Ela é retratada com a cabeça de um sapo dando vida ao recém-nascido. Assim, essa divindade foi desacreditada quando o poder de Deus afligiu o Egito na segunda das dez pragas sobre os egípcios com o próprio animal que era seu símbolo ([Êx 8.1-14](#); [Sl 78.45](#); [105.30](#)). O sapo em questão pode ter sido o sapo pintado do Egito (*Rana punctata*, ou *Rana ridibunda*).

Ver também Pragas sobre o Egito.

Gazela

Pequeno, delicado e gracioso antílope com chifres ocos recorrentes em ambos os sexos. Duas variedades existem na Terra Santa, a gazela dorcas (*Gazella dorcas*), que é de cor pálida e até 56 centímetros de altura, e a gazela árabe (*Gazella arabica*), que é uma cor esfumaçada e até 63,5 centímetros de altura.

As gazelas ainda são bastante comuns em todas as áreas do deserto e das estepes da Terra Santa, especialmente no Deserto do Negev. Os rebanhos geralmente consistem em 5 a 10 animais, mas algumas variedades se assemelham em grandes rebanhos migratórios no outono para se mudar para altitudes mais baixas e novas áreas de alimentação. As gazelas são herbívoras (comendo plantas). Eles são muito tímidos e colocam guardas para alertar o rebanho de se aproximar do perigo.

Nos tempos bíblicos, a gazela era provavelmente o animal de caça mais caçado pelos judeus ([Pv 6.5](#); [Is 13.14](#)). O faraó Tutancámon caçou gazelas e avestruzes. Diz-se que a gazela enfeitou a mesa de Salomão ([1Rs 4.23](#)). As gazelas não eram fáceis de capturar por causa de sua grande velocidade ([2Sm 2.18](#); [1Cr 12.8](#); [Pv 6.5](#)); elas ultrapassam os cervos em rapidez. Elas estavam presas de várias maneiras — cercadas de redes, levadas para cercos

com armadilhas, ou forçadas a vales estreitos e disparadas com flechas. Os beduínos caçam gazelas com falcões e cães; o falcão irrita a gazela, atingindo-a na cabeça e ferindo-a para que os cães possam ultrapassá-la.

A gazela é referida em [Cantares 2.9.17](#); [4.5](#); [7.3](#); [8.14](#), onde é uma imagem de beleza feminina.

Lagartixa

Réptil da família Gekkonidae, referido em [Levítico 11.30](#). Na lei de alimentos judaica, era um lagarto ritualmente impuro. Há sete espécies de lagartixas na Terra Santa (incluindo *Hemidactylus turcicus* e *Ptyodactylus hasselquistii*, todas insetívoras - comedoras de insetos). A lagartixa faz um som de luto baixo vibrando sua língua rapidamente contra o céu de sua boca. Na lenda, dizia-se que a lagartixa causava lepra rastejando pelo corpo de uma pessoa.

Outro nome para a lagartixa é o lagarto da parede, assim chamado porque pode andar de cabeça para baixo nos tetos com a ajuda dos discos de sucção nos dedos dos pés — mas muitas vezes entra no meio da casa. Uma vez que era considerada impura, tal intrusão teria sido um incômodo repugnante para as famílias judaicas ([Lv 11.31-38](#)).

Ver também Lagarto (abaixo).

Mosquito

Qualquer mosca muito pequena, em uso comum e bíblico. De acordo com uma nota da NVT, a terceira praga no Egito antes do Êxodo poderia consistir de mosquitos ao invés de piolhos, como está em outras versões ([Êx 8.16-18](#); [Sl 105.31](#)). A palavra hebraica é traduzida como “piolhos” em várias versões, mas o padrão de reprodução descrito em [Êxodo 8](#) — insetos surgindo da poeira — parece se encaixar melhor com mosquitos do que nos piolhos. Uma vez que “mosquito” é um termo geral, as pequenas moscas dessa praga podem ter incluído várias espécies pequenas, como mosquitos, mosquitos colhedores, maruins ou moscas de areia.

A mosca de areia inflige uma mordida muito mais dolorosa do que o mosquito. Além disso, não se revela por um barulho zumbido em voo e é tão pequeno que penetra na maioria das redes mosquiteiras.

Os mosquitos eram atraídos para o vinho enquanto ele estava fermentando. Os fariseus em especial

coariam seu vinho para evitar consumir insetos impuros ([Mt 23.24](#)).

Cabra

Mamíferos de casco (gênero *Capra*) com olhos grandes e orelhas grandes e flexíveis que constantemente se contorcem. Tanto machos quanto fêmeas têm chifres arqueados para trás. A cabra palestina é um ruminante (animal mastigador) de estrutura mais leve do que as ovelhas.

A cabra foi provavelmente o primeiro ruminante a ser domesticado. Seu ancestral selvagem parece ter sido a cabra Gezoar (*Capra aegagrus*). Acredita-se que as cabras-selvagens tenham sido domesticadas muito cedo na Palestina. A cabra dos tempos bíblicos era provavelmente a variedade síria ou mambrina (*Capra hircus mambrica*). As cabras domesticadas podem ter até quatro filhos em uma ninhada, enquanto as cabras-selvagens têm apenas um ou dois.

A cabra palestina era comumente negra. As cabras salpicadas e manchadas eram uma raridade, e por essa razão o pedido de Jacó para essas cabras em [Gênesis 30.32](#) parecia muito modesto. Também pode ter havido cabras vermelhas (cf. [1Sm 16.12](#); [19.13](#), onde o cabelo de cabra era usado para imitar o cabelo de Davi, que era “avermelhado” ou ruivo).

Quase todas as partes da cabra eram usadas pelos israelitas. A cabra inteira era usada para sacrifício. Comiam sua carne ([Lv 7.23](#); [Dt 14.4](#)), e era a principal fonte de leite ([Pv 27.27](#)). As cabras eram toscadas no final da primavera, e o cabelo de cabra era usado para tecer pano de tendas e para vários propósitos domésticos ([Ex 36.14](#); [1Sm 19.13,16](#)). O tabernáculo no Monte Sinai era feito de cobertores de cabelo de cabra ([Ex 26.7](#)).

Os cabritos machos adultos geralmente não eram comidos por causa de seu forte sabor e tenacidade e também porque eram necessários para assegurar o aumento do rebanho. As filhotes, no entanto, geralmente eram a principal carne para uma festa e eram oferecidas aos visitantes como um símbolo de hospitalidade. O leite de cabra é mais rico do que o leite de vacas e ovelhas e, evidentemente, tinha usos mais amplos. Uma boa cabra dá três litros de leite por dia, com os quais se pode fazer uma rica manteiga e soro de leite coalhado. A família hebraica média poderia ter vivido quase inteiramente na produção de uma única cabra.

Pele de cabra era transformado em couro, e toda a pele era transformada em um frasco de couro

costurando as aberturas de perna e pescoço ([Gn 21.14](#); [Is 9.4](#)). Pele de cabra tinha muitos usos, incluindo a construção de instrumentos musicais hebraicos. O nebal, uma grande harpa, era feito com pele de cabra para seu som básico. Os tambores tinham coberturas de pele de cabra.

As cabras eram reunidas com ovelhas nos tempos bíblicos, mas cada grupo permanecia separado seguindo seu próprio líder carregado de sinos. Jesus estava evidentemente se referindo ao rebanho comum deles em sua descrição do Juízo Final ([Mt 25.31-46](#)).

Por causa de sua lã, as ovelhas são valorizadas mais do que as cabras. No entanto, onde pastagem e água são escassas e os arbustos espinhosos dominam sobre as ervas, as ovelhas são difíceis de manter e as cabras se tornam importantes. Eles podem viver sob condições que não se adequam nem às vacas, nem às ovelhas, produzindo grandes quantidades de leite. A cabra não fornece gordura como as ovelhas, e uma vez que seu cabelo é grosso, sua lã é bastante escassa. Pano de pêlo de cabra chamado cilício era usado para fazer tendas.

As cabras têm apetites vorazes. Eles também foram responsáveis por muitos danos causados à terra da Palestina, derrubando terraços, destruindo florestas e trazendo a erosão do solo comendo toda a cobertura.

A cabra era reconhecida como uma forma de riqueza, sujeita à lei dos primogênitos ([Nm 18.17](#)). Tinha que ter oito dias antes de poder ser oferecido como um sacrifício. Um bode macho de um ano era um dos animais oferecidos na Páscoa ([28; 22](#)), e dois bodes foram oferecidos no Dia da Exiação ([Lv 16.7-10](#)). A cabra também era usada para outros sacrifícios específicos.

O íbex, um tipo de cabra-selvagem (*Capra ibex nubiana*), ainda vive em pequeno número nos penhascos perto do Mar Morto. Que era conhecido nos tempos antigos é evidente das gravuras rupestres. Distingue-se da verdadeira cabra-selvagem por ter uma alcatra e chifres mais compactos que são esbeltos e arredondados para trás. Suas pernas finas e cascos afiados permitem que ele se agarre, para pular entre elas e escalar penhascos íngremes.

Geralmente o íbex é encontrado no país montanhoso acidentado entre penhascos e prados rochosos logo abaixo da linha de neve ([Sl 104.18](#)). Em [Jó 39.1](#), eles são referidos como “cabras-montesas”. Eles frequentemente se reúnem em rebanhos de 5 a 20. Eles pastam e vagueia, sendo

ativos à tarde e às vezes se alimentando durante a noite. O grande chifre do íbex estava em um período transformado no shofar que era soprado no segundo templo de Jerusalém para anunciar o ano novo e o ano do jubileu.

A cabra era muitas vezes usada em um sentido figurativo e simbólico pelos escritores da Bíblia: em [Cantares 4.1 e 6.5](#) para o cabelo preto da noiva; em [Mateus 25.31-46](#) para os ímpios; e em [Ezequiel 34.17](#) e [Daniel 8.5-8](#) para vários líderes humanos.

Gafanhoto-solitário

Grandes insetos da ordem Orthoptera. Eles têm peças bucais para mastigar ou morder e dois pares de asas, sendo o par anterior estreito e um tanto espesso e o par posterior membranoso e usado para voar. Quando não estão em uso, as asas de voo são dobradas sob as asas dianteiras protetoras como um ventilador contra o corpo. Ao esfregar as asas, os gafanhotos machos produzem sons que tanto os machos quanto as fêmeas podem detectar. Os gafanhotos passam por uma metamorfose parcial; o ovo eclode em uma ninfa juvenil que se parece com um adulto, exceto por seu tamanho menor e asas subdesenvolvidas. Depois de vários meses, a ninfa se torna um adulto alado.

Os termos “gafanhoto-solitário” e “gafanhoto” são muitas vezes usados de forma intercambiável. Na verdade, o gafanhoto é um tipo de gafanhoto-solitário. Também confuso é o fato de que outros insetos, como cigarras, às vezes são chamados de gafanhotos. A diferença entre gafanhoto-solitário e gafanhotos depende mais do comportamento do que da aparência. Os gafanhotos-solitários são insetos individuais que levam vidas solitárias e não migram. Os mesmos insetos quando migram em um enxame são chamados de gafanhotos-migratórios ou gafanhotos. A eliminação de seu suprimento de alimentos pela seca, inundação ou fogo pode levar à migração. Fatores climáticos, como um inverno quente e seco também estimulam as migrações.

Os gafanhotos-solitários e os gafanhotos têm sido um alimento básico no Oriente Médio e também entre os índios do sudoeste americano. Para os israelitas, o gafanhoto-solitário era considerado ritualmente limpo e poderia ser comido ([Lv 11.22](#)).

Veja também Gafanhoto (acima).

Lebre

Animal do gênero e espécies *Lepus europaeus judaeus*, *Lepus capensis* e *Lepus arabicus*. É

encontrado em campo aberto, muitas vezes perto ou em terras plantadas, e em florestas, geralmente em árvores que perdem suas folhas em vez de árvores de folhas perenes. É um roedor herbívoro e é diferente do coelho, que não é encontrado na Palestina. Embora não seja um verdadeiro ruminante de acordo com a classificação moderna (porque não tem um estômago de quatro câmaras), a lebre remastiga sua comida. Tem um processo de regurgitação parcial de material muito difícil para as células no estômago absorverem inicialmente; assim, a lebre realmente mastiga a comida anteriormente engolida.

As lebres orientais próximas têm orelhas muito longas e grandes pés traseiros; seus pés são bem peludos. Eles são semelhantes aos coelhos americanos, que são verdadeiras lebres. As lebres não cavam ou ocupam tocas da maneira que os coelhos. As lebres são principalmente noturnas e passam suas horas inativas escondidas na vegetação. Eles comem gramíneas e matéria herbácea, bem como galhos e casca jovem de plantas lenhosas. As lebres se reproduzem com grande rapidez — os jovens atingindo a maturidade sexual aos seis meses após o nascimento.

A lebre era cerimonialmente impura ([Lv 11.6](#); [Dt 14.7](#)), evidentemente porque, embora parecesse ruminar, não tinha cascós fendidos. O consumo de lebres também foi proibido entre os árabes, chineses e lapões, mas a lebre era amplamente caçada por outras pessoas nos tempos antigos e modernos. Sua grande velocidade, prolífica criação, timidez e cautela a salvaram do extermínio por seus muitos inimigos.

Hipopótamo

Grande besta de interpretação problemática. Alguns intérpretes antigos pensavam que se referia ao elefante, outros ao boi selvagem, ao mamute ou a qualquer animal de grande porte. Era chamado de “beemote” pelos tradutores da ARC, NVI e NAA. Hoje é geralmente aceito que a referência é ao hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*), um mamífero grande, anfíbio de pele grossa, um ungulado (tendo unhas semelhantes a cascós) com uma cabeça grande, um corpo volumoso e sem pelos e pernas pequenas.

A descrição em [Jó 40.15-24](#) se encaixa estreitamente no hipopótamo moderno (ver NTLH), exceto pela representação da cauda. No momento, o hipopótamo é encontrado apenas nos rios da África, mas há evidências fósseis de que ele

existiu na Terra Santa, talvez nos pântanos do norte da Galileia e do Vale do Jordão.

O hipopótamo tem órgãos sensoriais altamente desenvolvidos, colocados de tal maneira que pode ver, ouvir e cheirar quase sem ser visto; seus olhos, ouvidos e narinas podem chegar acima da água enquanto o resto do animal está submerso. Tem uma boca grande, presas grandes e uma garganta pequena e pesada. As pernas fortes são tão pequenas que o ventre quase chega ao chão quando o animal está em terra. O hipopótamo vive de plantas e ervas que crescem nos rios, mas se a comida for escassa lá, ela forrageia em terra, geralmente à noite. Apesar de seu corpo pesado, é surpreendentemente ágil em terra.

Cavalo

O cavalo de Przewalski (*Equus przewalskii*, uma raça oriental que perambulava pela Mongólia até que as armas de fogo modernas destruíram a maioria deles após a Primeira Guerra Mundial) e o tarpan (uma raça ocidental do sul da Rússia que se extinguiu na Ucrânia em 1851). O cavalo domesticado (*Equus caballus*) parece ter sido derivado do tarpan. Acredita-se que o local original de domesticação tenha sido o Turquestão, uma região ao norte do Afeganistão e da Índia, agora na Rússia. O cavalo difere do jumento na medida em que tem orelhas mais baixas, uma juba mais longa com um forelock, uma cauda longa e peluda, e um focinho macio e sensível.

Os cavalos eram usados na guerra não apenas para cavalgar, mas também para puxar as carroças de guerra pesadas e sem molas. Dois tipos de cavalos eram necessários para esses diferentes propósitos, e os hebreus distinguiam entre cavalos de carroça e cavalos de cavalaria.

O Senhor advertiu os primeiros israelitas contra o acúmulo desnecessário de força militar na forma de cavalos e, assim, seguindo as táticas opressivas dos poderosos egípcios ([Dt 17.14-16](#)), mas as demandas da guerra fizeram com que Davi e Salomão importassem cavalos do Egito para seus reinos e os criasse. Salomão aumentou muito o número de cavalos no reino judaico e manteve grandes estábulos em várias cidades ([1Rs 10.26](#)), como os centros de defesa regionais de Megido, Hazor e Gezer ([1Rs 9.15-19](#)). Os cavalos de Acabe são mencionados em [1Reis 18.5](#), e os registros de Salmaneser III afirmam que Acabe forneceu 2.000 carros para uma coalizão contra a Assíria.

No início de Israel, o cavalo era resistido como um símbolo de luxo pagão e de dependência do poder físico para defesa ([Dt 17.16](#); [1Sm 8.11](#); [Sl 20.7](#); [Is 31.1](#)). O comércio de cavalos, mencionado já em [Gênesis 47.17](#), era realizado por Salomão entre o Egito e os principados siro-hittitas ([1Rs 10.28-29](#)). A maioria das referências bíblicas a cavalos se refere ao seu uso na guerra, mas os cavalos também eram usados para transporte. Cavalgar parece ter sido menos popular do que o uso de carros. As unidades de cavalaria não foram introduzidas até o século 12 a.C. pelos medos. José cavalgou na segunda carroça puxada por cavalos de Faraó ([Gn 41.43](#)), e Absalão fez uma exibição montando uma carroça puxada por cavalos ([2Sm 15.1](#)). Naamã viajou de cavalo e em carruagem ([2Rs 5.9](#)). Mais tarde, os cavalos eram tão comuns em Jerusalém que o palácio real tinha um portão especial para cavalos ([2Cr 23.15](#)), e um portão da própria cidade era conhecido como Portão do Cavalo ([Ne 3.28](#); [Jr 31.40](#)). Mordecai montou um cavalo real do rei Xerxes como um sinal de honra ([Et 6.8-11](#)). Os cavalos são frequentemente mencionados figurativamente ([Sl 32.9](#); “égua”, [Ct 1.9](#); “garanhões”, [Jr 5.8](#); [12.5](#)), especialmente no contexto do julgamento ([Hb 3.8](#); [Zc 1.8](#); [6.1-8](#); [Ap 6.2-8](#); [9.17](#); [19.11-16](#)).

Ver também Guerra; Viagens.

Hiena

Carnívoro robusto (*Hyaena hyaena*) com cabelo grosso, uma juba ereta e cabelos longos ao longo do pescoço e das costas. As hienas vivem em buracos entre rochas e bancos. Eles são principalmente noturnos, mas geralmente não são barulhentos nem agressivos. Seu grito, no entanto, é um som desagradável e muito incomum. As hienas geralmente se alimentam de carne, esmagando ossos com suas poderosas mandíbulas. Se o fornecimento de carne for insuficiente, matarão ovelhas, cabras ou outros pequenos animais. Quando ameaçadas, as hienas rosnam e erguem a crina, mas raramente lutam. Eles são maciçamente construídos com patas dianteiras mais longas que as traseiras.

Conhecidas como necrófagas na África, as hienas comem lixo doméstico nas aldeias. Na Palestina, a hiena-listrada é um predador comum, preferindo território rochoso e até mesmo túmulos de pedra. Visto que as hienas eram famosas por atacar os túmulos dos mortos, todos os israelitas que podiam pagar por isso providenciavam o enterro em túmulos protegidos por enormes portões de pedra.

Absalão, o filho do rei Davi que foi morto por Joabe na natureza, foi enterrado sob uma enorme pilha de pedras para proteger seu corpo da molestação de hienas ([2Sm 18.17](#)).

Chacal

Carnívoro (*Canis aureus*) menor do que o verdadeiro lobo e com uma cauda menor. É semelhante à raposa, mas tem uma cabeça mais ampla, orelhas mais pequenas e pernas mais longas. A raposa é solitária; o chacal tende a ser gregário. Sua cauda pode estar caída ou ereta, em comparação com a longa cauda horizontal da raposa. Os chacais geralmente roncam à noite, isoladamente, em pares, ou em grupos através do campo aberto da savana. Eles comem pequenos mamíferos, aves, frutas, vegetais e carniça. Eles passam seus dias em matas e aglomerados de vegetação. Muitas vezes eles obtêm restos de mortes por carnívoros maiores. Os chacais podem correr a velocidades de cerca de 53 quilômetros por hora.

O chacal pode atingir uma altura de cerca de 51 centímetros, aproximadamente do tamanho de um cão pastor alemão. Suas costas são amareladas pálidas, com flancos quase pretos. Seus lábios são escuros e suas orelhas brancas por dentro. O uivo do chacal soa como o choro de uma criança ou o lamento emocionante dos enlutados ([Mq 1.8](#); cf. [Jó 30.29](#)). Para outros chacais, o uivo é meramente um convite que chama a alcateia para sua caça noturna.

As referências do AT são principalmente aos chacais rondando em torno de cidades arruinadas e áreas selvagens ([Ne 2.13](#); [Sl 44.19](#); [Is 13.22](#); [34.13](#); [35.7](#); [Jr 9.11](#); [14.6](#); [49.33](#); [51.37](#); [Lm 4.3](#); [5.18](#); [Ml 1.3](#)). Muitas dessas referências são traduzidas como “dragão” na KJV em inglês [aparentemente atualizado para chacal na KJV em português - N. do T.], mas “chacal” é mais apropriado.

Sanguessuga

Verme segmentado (classe Hirundinea) de até 12,7 centímetros de comprimento e corpo plano equipado com ventosas em cada extremidade. A boca, localizada na parte inferior da almofada de sucção frontal, tem três dentes que a sanguessuga usa para perfurar a pele de seu hospedeiro. A sanguessuga se alimenta de sangue, e suas glândulas secretam um anticoagulante para impedir que o sangue coagule. A sanguessuga medicinal comum (*Hirudo medicinalis*) é abundante em fontes e lagoas do deserto do Negev

até a Galileia. Adere aos corpos de seres humanos e animais que submergem na água, injeta seu anticoagulante e sufoca seu sangue.

A referência em [Provérbios 30.15](#) é incerta (veja NTLH), mas pode ser devido à natureza parasitária e gananciosa da sanguessuga-cavalo (gênero *Haemopis*). A pequena sanguessuga-cavalo, entra na boca e nas narinas do seu hospedeiro pela água, enquanto o animal está bebendo. Uma sanguessuga pesando 14,2 gramas) é conhecida por se devorar com 71 gramas de sangue concentrado e depois sobreviver por 15 meses sem mais comida.

Leopardo

Chamado *Panthera pardus tulliana*, é o mais difundido de todos os grandes gatos selvagens. Em áreas rochosas, vive em cavernas, mas em regiões florestais vive em vegetação cerrada. Nos tempos do AT, muitos viviam nas proximidades de Mt Hermon ([Ct 4.8](#)).

O leopardo é um pouco menor do que o tigre, medindo até 1,5 metros de comprimento com uma cauda de cerca de 0,8 metros. Seu corpo é mais bem-proporcionado do que o do tigre. O leopardo toma sua vítima de surpresa de uma emboscada silenciosa, muitas vezes se escondendo perto de aldeias ou lugares regando e esperando por sua presa, permanecendo em um local por longos períodos de tempo. O leopardo é rápido no chão ([Hb 1.8](#)), ágil nas árvores e muito gracioso em seus movimentos. Sua cor é amarelada salpicada de manchas pretas ([Jr 13.23](#)). Daniel e João tiveram visões nas quais os leopardos eram símbolos das potências mundiais ([Dn 7.6](#); [Ap 13.2](#)).

O leopardo é um animal cauteloso e astuto, formidável e feroz ([Ir 5.6](#); [Os 13.7](#); cf. [Is 11.6](#)). O leopardo é perigoso não apenas para os animais domésticos, mas também para os seres humanos. Com sua camuflagem natural, pode se esconder no chão da floresta, misturando-se com a luz e as sombras em mudança. Os israelitas estavam aterrorizados com o leopardo porque ele constantemente devastava suas ovelhas e cabras. Vários nomes de lugares bíblicos sugerem que eles eram conhecidos pelos leopardos em suas proximidades: Ninra, Bete-Ninra e Ninrim, um distrito a nordeste do Mar Morto. Sobreviveu na Terra Santa até o presente século; alguns leopardos ainda existem em áreas remotas perto do Monte Tabor e do Monte Carmelo.

Leviatã

Monstro marinho mencionado várias vezes na Bíblia ([Sl 74.14](#); [104.26](#); [Is 27.1](#), NTLH). Pode se referir a qualquer um dos animais marinhos maiores, como grandes águas-vivas, baleias ou tubarões, ou a um grande réptil como o crocodilo. Alguns estudiosos pensam que “Leviatã” pode se referir a animais agora extintos, como os ictiossauros e plesiossauros (répteis marinhos semelhantes aos dinossauros). O termo escritural também pode se referir a certos dinossauros que passaram parte de suas vidas meio submersos em lagos e oceanos rasos. Outros estudiosos acreditam que a maioria das referências é ao crocodilo.

Ver também Crocodilo (acima).

Leão

Grande carnívoro de cor parda (*Panthera leo*) que ataca principalmente os mamíferos de casco e carrega por uma série de saltos e barrancos. Dentro dos tempos históricos, o leão estava na África, na Europa e na Terra Santa. Nos tempos antigos, os territórios dos leões africanos e persas se encontravam no Oriente Médio. O leão da Terra Santa era o leão asiático ou persa (*Panthera leo persica*).

Os machos têm jubas pesadas que param nos ombros, mas cobrem grande parte do peito. O leão persa não pode escalar e é principalmente noturno, voltando para seu covil ou um bosque durante o dia ([Jr 4.7](#); [25.38](#); [Na 2.11-12](#)). Este leão tem cerca de 1,5 metros de comprimento com uma cauda de mais ou menos 0,8 metros que tem uma pelagem maior e mais aberta na ponta; seus ombros podem atingir uma altura de 0,9 metros. É uma das menores raças de leão.

Os leões geralmente são encontrados em pares, embora às vezes em números maiores. Um pequeno grupo é conhecido como alcatéia (ou simplesmente, bando). Eles geralmente preferem campos aberto, mas na Palestina evidentemente rondavam a vegetação subtropical do vale do rio Jordão. Os leões, que geralmente caçam ao entardecer, matam animais menores por um golpe de pata, os maiores por uma mordida na garganta. Um leão não permanece no mesmo lugar por mais de alguns dias. O animal está em seu auge com cerca de sete anos de idade, quando pesa de 180 a 272 quilos.

O leão não ataca caracteristicamente os humanos, embora, como outros grandes gatos, possa se tornar um comedor de homens ([1Rs 13.24-28](#);

[20.36](#); [2Rs 17.25-26](#); [Sl 57.4](#); [Dn 6.7-27](#)).

Normalmente, ataca apenas por grande fome ou em autodefesa. Um leão muito jovem que ataca seres humanos pode se tornar perigoso se desenvolver um gosto pela carne humana. Um leão muito velho, expulso do bando porque não pode mais acompanhar a busca de antílope ou gazelas, pode escolher os seres humanos como uma presa relativamente lenta.

Um leão geralmente ruge apenas de estômago cheio — isto é, depois de ter consumido sua presa ([Sl 22.13](#); [Ez 22.25](#); [Am 3.4](#)). No entanto, seu rugido desperta medo ([Am 3.8](#); [1Pe 5.8](#)). O leão é ousado ([2Sm 17.10](#); [Pv 28.1](#)), um animal destrutivo ([Sl 7.2](#); [Ir 2.30](#); [Os 5.14](#); [Mq 5.8](#)) e o inimigo dos rebanhos ([Am 3.12](#)).

Os leões eram comuns nos tempos bíblicos em todas as partes da Terra Santa. Hebraico tem pelo menos sete palavras para leão e jovem leão. O leão é referido cerca de 130 vezes no AT — mais do que qualquer outro animal selvagem. Os leões eram, evidentemente, muito menos comuns nos tempos do NT. Depois de declinar gradualmente, eles se extinguiram na Palestina logo após 1300 d.C. O leão estava presente na Mesopotâmia, no entanto, até o final do século 19.

Os leões desempenharam um papel importante no simbolismo político e religioso do Oriente Próximo ([1Rs 10.19-20](#)). Na Assíria e Babilônia, o leão era considerado como uma besta real ([Dn 7.4](#)). Os monarcas orientais mantinham poços artificiais de leões como lugares de execução ([Ez 19.1-9](#); [Dn 6.7-16](#)). Os animais para esses fins eram capturados em redes ou poços camuflados. Para os judeus, o leão era a mais poderosa das feras ([Pv 30.29-31](#)). Assim, simbolizava a liderança ([Gn 49.9-10](#); [Nm 24.9](#)) e, portanto, eventualmente se tornou um título para Cristo ([Ap 5.5](#)). Também era a insígnia da tribo de Judá e era usada pelo rei Salomão na decoração de sua casa e do templo.

Lagarto

Répteis da subordem Lacertilia. Sua pele é coberta de escamas. O lagarto é uma criatura útil porque captura insetos e vermes prejudiciais. Como outros répteis, coloca ovos com cascas mais macias do que as de um pássaro e sem divisão clara entre a gema e a clara. Os lagartos são organismos “de sangue-frio” sem um mecanismo de manutenção da temperatura; portanto, eles se tornam inativos no tempo frio.

Os lagartos podem sobreviver em campos áridos e secos. No Oriente Próximo, eles são encontrados em grande número no deserto da Arábia, na Península do Sinai e no deserto da Judeia. Pode haver até 44 espécies diferentes de lagartos na Terra Santa.

O lagarto Dabb (gênero *Uromastyx*), que atinge um comprimento de cerca de 61 centímetros, é encontrado no Deserto de Negev. É onívoro, uma característica incomum, uma vez que a maioria dos lagartos é insetívoro. Tem uma pele dura e áspera, verde com manchas marrons; uma cabeça pequena e arredondada; e uma poderosa cauda cercada por uma fileira de espinhos fortes que usa como uma arma de defesa.

Os lagartos são listados como ceremonialmente impuros na lei judaica ([Lv 11.29–31](#)). O fato de que lagartos rastejam em suas barrigas tornava eles impuros. O contato com as carcaça de um lagarto contaminava um judeu respeitador da lei ([Lv 11.32–36](#)). A ARC traduz os “lagartos” de [Levítico 11](#) como “crocodilo da terra”, “geco”, “lagartixa” o “lagarto da areia” e “camaleão”. O lagarto-monitor é um grande lagarto que vive nos desertos do sul da Palestina, Sinai e Egito. Tem até 1,4 metros de comprimento, com um focinho longo e dentes afiados. Outros tradutores e comentaristas traduzem o hebraico original de uma ampla variedade de maneiras, incluindo “tartaruga”, “furão”, “lagarto”, “caracol”, “toupeira” e até “galinha d’água”. O fato de que a maioria das palavras hebraicas originais ocorre apenas uma vez nas Escrituras torna muito difícil ter certeza sobre sua tradução apropriada.

Ver também Lagartixa (acima).

Gafanhoto

Um inseto da família *Acrididae*. [Em inglês há dois termos para gafanhoto: locust e grasshopper. O locust é caracterizado por voar em grandes bandos, já o grasshopper é solitário. Por isso, no artigo sobre o grasshopper, foi acrescentada a descrição “(solitário)” ao seu nome. Este artigo diz respeito ao locust - N. do T.] É referido por pelo menos 12 nomes diferentes nas Escrituras. As várias palavras hebraicas podem se referir a diferentes estágios de seu desenvolvimento, de larva até adulto ou para o tipo de dano que causa. Os gafanhotos são caracterizados por enxame e migração de massa. Nos tempos modernos, eles causaram destruição extensa e desastrosa da vegetação. Os gafanhotos-solitários não enxameiam ou migram em massa, diferenciando-os dos verdadeiros gafanhotos.

O AT menciona várias espécies diferentes de gafanhotos. [Levítico 11.22](#) parece se referir ao gafanhoto (careca) de face inclinada e também ao katídico, ou insetos de chifres longos. A referência em [Deuteronômio 28.42](#) pode ser ao grilo toupeira. Em [Joel 1.4](#) e [2.25](#) e em [Naum 3.16–17](#), estágios sucessivos do desenvolvimento do inseto são descritos. O gafanhoto devorador (kjv “taturana”) de Joel é provavelmente o primeiro estágio de larva (estágio de desenvolvimento), os gafanhotos enxames (kjv “locusta”) são estágios intermediários, e os gafanhotos saltitantes (kjv “lagarta verde”) estágio posterior de desenvolvimento, mas ainda não insetos totalmente amadurecidos. No estágio adulto, chamado de gafanhotos destruidores (kjv “lagarta de borboleta”), a cor do gafanhoto é marrom avermelhado, que se transforma em amarelo com uma rede acastanhada nas asas.

Apenas três das centenas de variedades de gafanhotos encontrados nas terras bíblicas são capazes de se multiplicar em grandes enxames, e apenas o gafanhoto do deserto (*Schistocerca gergaria*) pode ser considerado difundido em todas as terras bíblicas. O gafanhoto do deserto é nativo do Sudão (África). Tem um pouco mais de 5 centímetros de comprimento e tem uma envergadura de cerca de 12,7 centímetros. Mostra duas fases, uma fase solitária e uma fase gregária, com uma possível terceira fase conhecida como transientes. Há diferenças nas formas imaturas e adultas das fases em cor e fisiologia.

A quantidade e distribuição das chuvas são fatores importantes na extensão do enxameamento. O solo úmido é necessário para depositar os ovos e permitir que eles se desenvolvam. Cada fêmea deposita de uma a seis vagens de ovos, contendo 28 a 146 ovos cada. As larvas emergem em 15 a 43 dias.

Na fase gregária (do segundo estágio da metamorfose em diante), o gafanhoto é impulsorado por um forte instinto errante. Acúmulos deles formam uma procissão aleatória de corpos de gafanhotos transbordantes que ignoram qualquer obstrução. Eles enxameiam tudo ([Jl 2.4–9](#)). O único regulador de suas atividades é a temperatura; eles são imobilizados por temperaturas altas ou baixas. Ao voar, eles podem se distanciar 1.900 quilômetros de sua casa nativa. Eles voam em formações compactas grandes o suficiente para apagar a luz do sol. Seu movimento parece ser controlado por hormônios, mas a direção é influenciada pelo vento. Os enxames

consomem quase todas as plantas em seu caminho, poupando apenas a alfarrobeira, sicômoro, mamona e arbusto oleandro.

Uma praga de gafanhotos era um dos males mais graves a vir sobre o mundo antigo ([Dt 28.38](#)). [Joel 2.1-11](#) descreve uma praga de gafanhotos em termos gráficos, usando-o como um símbolo do julgamento destruidor de Deus. Dias especiais de oração, jejum e trombeta foram prescritos para remover as pragas de gafanhotos ([1Rs 8.37-38](#); [2Cr 6.28-29](#); [Jl 2.12-17](#)). Gafanhotos simbolizavam inimigos poderosos e impiedosos que destruíram completamente os ganhos do trabalho humano ([Iz 6.5](#); [Is 33.4](#); [Jr 46.23](#); [51.27](#); [Na 3.15](#)).

Os beduínos comem gafanhotos crus, assados ou cozidos, preservando-os por meio de secagem. Eles também são esmagados e moídos, e o grão usado em cozinhar ou comida com pão, às vezes misturado com mel e tâmaras. Essa era a dieta de João Batista ([Mc 1.6](#)). Os gregos moem gafanhotos em moedores de pedra para fazer farinha deles.

Os antigos consideravam as duas grandes pernas traseiras, ou pernas saltantes, como membros separados e tinham um nome especial para elas. Daí os gafanhotos eram descritos como tendo quatro pernas, uma referência às quatro pernas menores. “Ir de quatro” assim se referia a rastejar ou andar em oposição a pular e não significava que os insetos impuros tinham apenas quatro pernas no total. Por causa de suas duas pernas saltantes, o gafanhoto estava isento da proibição contra insetos impuros ([Lv 11.20-23](#)).

Ver também Pragas sobre o Egito.

Toupeira

Roedor (*Spalax ehrenbergi*) de 15 a 23 centímetros de comprimento, que toca em qualquer área onde o solo seja adequado para cavar; deve ser chamado de rato toupeira. Comum na Terra Santa, grandes números são encontrados nas proximidades de Jerusalém. [Isaías 2.20](#) se refere à toupeira, assim como [Levítico 11.29-30](#) (ARC).

O rato-toupeira não tem cauda e é parecido com toupeiras na aparência, mas nem toupeiras verdadeiras, nem musaranhos foram encontrados na Terra Santa. Os dentes do rato-toupeira são fortes e salientes como os de um esquilo. O pescoço é pequeno e grosso, com um corpo gordo em forma de uma linguiça. As pernas pequenas têm patas largas com garras adaptadas para escavação. O pelo é macio, grosso e cinza puro. Seus ouvidos e olhos quase sem visão, que não são maiores do que

as sementes de papoula, estão escondidos na pele. O folclore ensinava que tocar em um rato-toupeira resultaria em cegueira.

Na temporada de inverno úmido, o rato-toupeira constrói montes de reprodução que se assemelham aos de esquilo de bolso. Ele constrói montes de descanso menos complexos no verão, embora ambos tenham sistemas de túnel bastante elaborados. O rato-toupeira se alimenta de raízes, bulbos, tubos e várias outras partes de plantas subterrâneas, muitas vezes causando danos extensos à agrícola.

Mariposa

Inseto do gênero *Tineola* que põe seus ovos em lã ou peles, suas larvas se alimentando desses materiais. As qualidades destrutivas das mariposas são referidas em várias passagens bíblicas ([Jó 13.28](#); [Sl 39.11](#); [Is 50.9](#); [Os 5.12](#); [Mt 6.19-20](#); [Lc 12.33](#); [Tg 5.2](#)). Em [Isaías 51.8](#), “traça” (NTLH) se refere especificamente à larva da traça-da-roupa A mariposa simboliza desintegração, decadência e enfraquecimento. São apenas as larvas que causam o dano. O adulto é bastante inofensivo e se alimenta principalmente do néctar de flores. É facilmente esmagado ([Jó 4.19](#)). A mariposa-de-roupas se reproduz em maio ou junho. Entra nas habitações humanas à noite. Uma semana após os ovos serem colocados, as larvas aparecem e imediatamente começam seu trabalho de destruição, comendo qualquer coisa ao alcance feita de fibras animais.

A atividade destrutiva da mariposa é feita em segredo, sem qualquer som e sem qualquer aparência dramática, como um enxame que apaga o sol. Em uma era em que a riqueza era contada mais em posses do que em dinheiro, e quando entre essas posses as roupas de lã eram altamente valorizadas, as mariposas poderiam literalmente causar desastre econômico; daí as palavras de Jesus no Sermão do Monte ([Mt 6.19-20](#)).

Há centenas de espécies de mariposas diferentes da mariposa na Terra Santa; elas são inofensivas às folhas, flores, frutos, árvores e sementes. Assim como a mariposa-da-roupas, as larvas infligem o dano.

Camundongo

Roedor da família Muridae, especialmente o gênero *Mus*. O camundongo era considerado imundo porque, sendo de pernas baixas, era considerado uma das criaturas rastejantes ([Lv 11.29](#)). Ratos conhecidos como comensais vivem em habitações

e tendem a ter caudas mais longas e serem de cor mais escura do que os ratos selvagens, que são ativos principalmente à noite. Os ratos são bons alpinistas e até bons nadadores. Os ratos selvagens comem muitos tipos de vegetação, incluindo sementes, raízes carnudas, folhas e caules. Às vezes, eles armazenam comida.

A palavra hebraica para “rato” ([Lv 11.29](#); [1Sm 6.4-5](#); [Is 66.17](#)) é provavelmente um termo geral para vários ratos e camundongos. O significado raiz da palavra hebraica “rato” é “destruição do milho”, uma referência ao dano que os ratos fazem às plantações de campo. Pelo menos 23 variedades de roedores semelhantes a camundongos são conhecidas na Terra Santa. Eles causam deterioração de alimentos, danificam artigos domésticos e transportam as pulgas hospedeiras que espalham o tifo, febre manchada e peste bubônica. As bactérias da peste podem ter causado os tumores ou inchaços entre os filisteus ([1Sm 6.5](#)). [Isaias 66.17](#) se refere a uma prática cártila cananeia pré-exílica na qual os ratos eram comidos; a referência pode realmente ser ao hamster. Um número de roedores é comido pelos árabes do Oriente Próximo; o gerbil é considerado uma iguaria especial. Veja Toupeira (abaixo).

Mula

Filhote híbrido de um burro macho e uma égua (*Equus asinus mulus*), normalmente estéril. A prole de uma jumenta e um garanhão (cavalo, macho) é conhecida como bardoto e é de pouco valor por causa de seu tamanho inferior.

Como a cruzamento era proibida na lei ([Lv 19.19](#)), os israelitas adquiriram mulas dos gentios, talvez dos fenícios, uma vez que Tiro (um porto fenício no que é agora o sul do Líbano) importou cavalos e mulas ([Ez 27.14](#)). As mulas não apareceram em Israel até o reinado de Davi ([2Sm 13.29](#)), possivelmente por causa da raridade de cavalos entre os hebreus. As mulas eram usadas principalmente por membros da corte real e por outros nobres. O rei Davi montou em uma mula, e Salomão montou para sua inauguração na mula do rei Davi ([1Rs 1.33](#)). Absalão encontrou sua morte montando em uma mula ([2Sm 18.9](#)). As mulas eram menos comuns do que cavalos, camelos e burros na comunidade pós-exílica ([Ed 2.66](#)). Na antiguidade, a Ásia Menor era especialmente conhecida por criar mulas de boa qualidade.

As mulas há muito tempo gozam de uma fama de obstinação, mas esse traço não é mencionado na Bíblia. A mula é valorizada por andar e por carregar

cargas pesadas, especialmente em regiões montanhosas quentes. Eles são seguros e prosperam melhor em climas quentes e secos. A mula tem a frugalidade, a resistência e o andar firme de um burro, juntamente com o tamanho, a força, a rapidez e a coragem de um cavalo. As mulas quase nunca estão doentes. Eles vivem mais do que cavalos. Eles podem carregar uma carga de até 136 quilos por até 48 quilômetros por dia.

Ver também Viagens.

Porco

Mais propriamente, suínos recém-nascidos. “Suíno” é tecnicamente o melhor nome para a espécie, mas não é tão comumente usado no dia-a-dia. Os porcos domésticos do Oriente Médio derivaram do porco selvagem (*Sus scrofa*). O porco é o fornecedor mais prolífico e abundante de carne e gordura para comida. Uma camada espessa de gordura apenas sob a pele é especialmente substancial em raças domésticas. Os porcos não podem ser conduzidos, então eles são de valor apenas para o fazendeiro assentado. Os hebreus eram originalmente um povo nômade; portanto, eles tinham pouco uso para um animal intimamente associado com a vida estabelecida. Um princípio egípcio de cerca de 1500 a.C., no entanto, é registrado como dono de um rebanho de 1.500 suínos.

O porco tem uma estrutura desajeitada, mas é ativo e capaz de se mover com agilidade e velocidade. A característica mais notável do porco é um focinho truncado e móvel que termina em uma superfície em forma de disco na qual as narinas estão localizadas. A maioria dos porcos tem grandes presas em ambas as mandíbulas que crescem continuamente na vida. As presas do maxilar superior são únicas na medida em que elas se dobram para cima, em vez de apontar para baixo, como na maioria dos animais. O excremento de um porco tem um odor quase insuportável, que se agarra não apenas ao próprio porco, mas também à manada, que pode ser identificados de uma longa distância.

Os porcos nunca foram criados na Terra Santa por judeus. O grande rebanho para o qual Jesus dirigiu os espíritos imundos, foi encontrado na terra dos gadarenos, uma área não-judaica a leste do Jordão. Os demônios Gadarenos se refugiaram em um rebanho de porcos que se alimentava em um penhasco com vista para o Mar da Galileia ([Mt 8.28-32](#)).

Os porcos selvagens foram encontrados na Terra Santa como em muitos países hoje. [O Salmo 80.13](#) se refere à destrutividade de um javali selvagem (o macho) atacando plantações crescentes. Um grupo de javalis pode destruir uma vinha inteira ou um campo de colheitas em uma única noite. Eles devoram, pisoteiam e devastam tudo ao seu alcance.

As caçadas de javali eram comuns na antiga Mesopotâmia. Os javalis selvagens não atacam a menos que sejam molestados, mas eles são perigosos quando despertados. Eles viajam em bandas de 6 a 50 e são mais ativos às horas da noite e do início da manhã. O corpo está coberto de cerdas duras e geralmente um cabelo mais fino, mas a cobertura do corpo é muitas vezes bastante escassa. Os porcos selvagens são principalmente vegetarianos, se alimentando de raízes, nozes, grãos e hastes de plantas. Os javalis eram especialmente abundantes nas regiões montanhosas do Líbano e Anti-Líbano, no vale do rio Jordão, e em seções arborizadas como o Monte Tabor.

Judeus rigorosos nem sequer mencionariam porcos pelo nome, mas sempre substigriam o termo “abominação”. Os israelitas se consideravam poluídos se fossem tocados pela cerda de um suíno. Para os judeus, o porco simbolizava a sujeira e feiura. Os porcos comem material fecal, vermes, roedores, carniça e similares ([2Pe 2.22](#)). [Provérbios 11.22](#) se refere à incongruência de um anel de ouro no nariz de um animal que mostra tais características. Uma metáfora semelhante ocorre na declaração de Jesus sobre lançar pérolas aos porcos ([Mt 7.6](#)). A degeneração do filho pródigo foi mostrada por ele ser forçado em sua pobreza a alimentar os porcos e comer sua comida ([Lc 15.15-16](#)).

Comer a carne de porcos era proibido aos judeus ([Lv 11.7](#); [Dt 14.8](#)). Os cananeus na Terra Santa mataram e comiam porcos livremente. Nos tempos intertestamentários, Antíoco IV (Epifânio), um rei sírio do qual o território incluía Israel, usou o porco para “helenizar” os judeus. Ele primeiro testou sua lealdade à fé judaica exigindo o consumo de carne de porco, considerada uma iguaria pelos gregos ([2Mc 6.18](#)). O ato de profanação que levou os judeus à rebelião, no entanto, foi a aspersão de sangue de porco no altar do templo em um sacrifício a Zeus ([1Mc 1.47](#)).

Os porcos eram frequentemente usados na adoração pagã ([Is 65.4](#); [66.3.17](#)), o que pode explicar por serem proibidos aos judeus como

alimento. As evidências na Terra Santa mostram que os porcos eram sacrificados muito antes dos tempos helenísticos. Ossos de porco foram encontrados em uma gruta abaixo do lugar de sacrifício cortado na rocha em Gezer. Uma câmara subterrânea semelhante com vasos contendo ossos de leitão em Tirza data do meio da Idade do Bronze (cerca de 2000 a.C.).

Fragmentos de alabastro de uma estatueta de um porco pronto para ser sacrificado foram desenterrados. Suínos foram sacrificados a Afrodite (Vênus) na Grécia e na Ásia Menor. Além disso, os porcos foram sacrificados em conexão com juramentos e tratados; na *Ilíada*, Agamenon sacrificou um javali a Zeus e Hélios. Por isso, não é surpreendente que entre os judeus, o porco se tenha tornado um símbolo de imundície e paganismo.

É possível que o consumo de carne de porco fosse proibido principalmente porque o porco pode carregar muitos parasitas de vermes, como a triquina, embora isso também seja verdade em alguns animais “limpos”. Outra razão para proibir seu consumo pode ter sido que os porcos comem carniça. Algumas pessoas são alérgicas à carne de porco em clima quente — outra razão sugerida por trás do tabu judaico. O mesmo tabu existe entre os muçulmanos e existia em certos estratos sociais no Egito.

Porco-espinho

Roedor, *Hystrix cristata*, que vive em áreas florestadas, colinas rochosas, desfiladeiros e vales. O porco-espinho ainda é encontrado na Terra Santa hoje. Tem penas longas que podem ser levantadas para dar a aparência de uma crista. É quase inteiramente noturno. Ele se enterra durante o dia em uma cavidade ou fenda natural. O porco-espelho do Velho Mundo raramente escalava árvores, embora o porco-espelho do Novo Mundo frequentemente faça isso. Um porco-espelho pode pesar até 27 quilos. Come frutas, casca, raízes e outras vegetações, e carniça também. Embora sua carne seja comestível, o porco-espelho não era classificado entre os animais limpos para os israelitas. A referência em [Isaías 34.11](#) (ARC) é provavelmente ao porco-espelho, como é [Isaías 14.23](#) na NTLH. Ver Ouriço.

Escorpião

Artrópode do mesmo grupo que aranhas (aracnídeos). Uma dúzia de espécies de escorpiões (ordem Scorpionida) são encontradas na Terra

Santa, mas 90% dos escorpiões são escorpiões amarelos, geralmente de 7,6 a 12,7 centímetros de comprimento. O escorpião rochoso, também comum à Terra Santa, é tão espesso quanto o dedo de um homem e de 12,7 a 17,8 centímetros de comprimento. Os escorpiões são invertebrados lentos e noturnos que descansam sob pedras de dia e atacam insetos e outros aracnídeos à noite. No final de sua longa cauda, o escorpião carrega uma picada venenosa que é fatal para a maioria das presas e extremamente dolorosa para os seres humanos ([Ap 9.3.5.10](#); cf. [1Rs 12.11.14](#)). Escorpiões simbolizam os compatriotas malignos de Ezequiel ([Ez 2.6](#)) e as forças demoníacas de Satanás ([Lc 10.19](#)). O escorpião é referido como frequentar o Deserto do Sinai ([Dt 8.15](#)).

Um escorpião tem de seis a oito olhos. Tem oito pernas como uma espada e duas garras de lagosta com as quais captura e segura sua presa. Alimenta-se especialmente de gafanhotos e besouros. Em muitas espécies, o escorpião fêmea come o macho após o acasalamento. Os escorpiões colocam ovos que eclodem muito pouco tempo após a postura. Os escorpiões preferem climas mais quentes, e por causa de seu desejo de calor, entram nas casas, especialmente à noite, se escondendo em camas, cobertores, calçados e roupas.

Ovelhas

Animal doméstico, *Ovis orientalis*, referido diretamente ou por algum termo como ovelha, cordeiro, carneiro, ou por algum fato sobre eles mais de 700 vezes nas Escrituras.

As ovelhas representavam a principal riqueza e o sustento total dos povos pastorais, fornecendo comida para comer, leite para beber, lã para a fabricação de pano, e couros e ossos para outros usos. Além disso, as ovelhas eram um meio de troca e um animal sacrificial. O número de ovelhas criadas nos tempos antigos era prodigioso. Mesa, rei de Moabe, pagava um tributo anualmente de 100.000 cordeiros e a lã de 100.000 carneiros ([2Rs 3.4](#)). Os israelitas tomaram 250.000 ovelhas dos hagritas ([1Cr 5.21](#)).

A tosquia de ovelhas era muitas vezes feita para festivais ([2Sm 13.23](#)). As ovelhas eram seguradas de lado e suas pernas eram amarradas; então ela deitava docilmente enquanto sua lã era cortada ([Is 53.7](#)). As ovelhas reservadas para ofertas queimadas não eram tosquiadas; nada poderia ser contido de um sacrifício ao Senhor.

A lã tinha que ser processada antes que pudesse ser usada para roupas. Primeiro era lavado, às vezes enquanto ainda nas ovelhas, depois cardado e talvez pesado para o mercado. A fiação de lã era considerada como o trabalho de uma mulher ([Pv 31.19](#)), mas tecer o fio em um pano em um tear era principalmente a profissão de um homem.

A Bíblia relata que Abel mantinha ovelhas ([Gn 4.2](#)). A primeira ovelha a ser domesticada foi provavelmente o argali (*Ovis amon*), uma variedade do urial (*Ovis vignei*), uma espécie montanhosa ainda existente no Turquestão e na Mongólia. Cinco raças haviam chegado à Mesopotâmia por volta de 2000 a.C.; todas eram da linhagem urial.

A ovelha conhecida em Israel era a ovelha de cauda larga (*Ovis orientalis vignei* ou *laticaudata*), da qual a cauda pesa de 4,5 a 6,8 quilos e sempre foi considerada uma iguaria. Assim, o Senhor pediu esta parte de escolha como um sacrifício ([Ex 29.22-25](#)).

Apenas o carneiro das ovelhas de cauda larga tem chifres, mas em outras variedades de ovelhas na Terra Santa, a ovelha também tem chifres. Os chifres, de 5 a 8 centímetros de diâmetro, podem ser armas potentes. Os chifres de carneiro poderiam ser usados como trombetas ([Is 6.4](#)) ou como recipientes de óleo ([1Sm 16.1](#)).

Embora a ovelha seja muito semelhante à cabra, ela é diferenciada por uma testa inferior, seus chifres espirais angulados marcados com rugas transversais e ligeiramente arredondados para fora, sua cobertura de lã e sua falta de um “cavanhaque”. A maioria das ovelhas é branca ([Sl 147.16](#); [Is 1.18](#); [Dn 7.9](#); [Ap 1.14](#)).

A carne de ovelhas era um luxo na cultura bíblica. O rei Salomão exigiu uma provisão diária de 100 ovelhas para sua mesa ([1Rs 4.23](#)), mas as pessoas comuns comiam cordeiro ou carneiro apenas em ocasiões festivas. Um jovem carneiro geralmente era escolhido porque as ovelhas eram mais importantes para as perspectivas futuras do rebanho. A carne era fervida em grandes caldeirões. O leite das ovelhas é extremamente rico; nos tempos bíblicos, geralmente era permitido coalhar antes de beber. Possivelmente alguns israelitas mantinham cordeiros em suas casas como animais de estimação ([2Sm 12.3-4](#)).

Para proteger o rebanho à noite contra ataques predatórios, o pastor tentava fazer um aprisco. Nos prados perto de aldeias, apriscos eram construídos e vigias eram contratados para aliviar os pastores. Os pastores da história do nascimento de Jesus

estavam no campo ([Lc 2.8](#)); eles não tinham aprisco, mas provavelmente haviam montado uma tenda para abrigo, consistindo simplesmente de cobertores de pêlo de cabra espalhados por suportes pequenas árvores. A escassez de fontes na Terra Santa fez da rega do rebanho um problema crucial para o pastor ([Gn 13.8-11](#)).

Ovelhas selvagens da montanha, variedades de *Ovis orientalis*, são conhecidas na área do Mediterrâneo ([Dt 14.5](#)). A passagem de Deuteronômio (KJV “carneiro montês”) também pode se referir a *Ovis traelaphus*, uma ovelha com cerca de 1,5 metros de altura com longos chifres ondulados. Outra possibilidade é as ovelhas da Bárbara que vivem em pequenos rebanhos em áreas montanhosas escarpadas na Bárbara, no Egito e no Monte Sinai. A verdadeira cabra-montesa (ou camurça) é desconhecida na Palestina.

As ovelhas também são usadas figurativamente nas Escrituras. O carneiro representava grande força e simbolizava adequadamente a Medo-Pérsia na visão de Daniel ([Dn 8.3](#)). É a natureza das ovelhas ser gentis e submissas ([Is 53.7; Jr 11.19](#)), indefesas ([Mq 5.8; Mt 10.16](#)) e em constante necessidade de orientação e atenção ([Nm 27.17; Mt 9.36](#)). Tais qualidades são consideradas desejáveis nas vidas dos crentes em Cristo; daí as muitas referências figurativas a ovelhas no NT e a Jesus como pastor ([Mc 6.34; Jo 10.1-30; Rm 8.35-37; Hb 13.20-21; 1Pe 2.25](#)). O Cristo ressuscitado disse ao apóstolo Pedro para “apascentar meus cordeiros” e “apascentar minhas ovelhas” ([Jo 21.15-17](#)).

Ver também Ofertas e sacrifícios.

Caracol

Gastópodes de invertebrados (moluscos). Os caracóis terrestres são muito numerosos no Oriente Próximo. Algumas formas de água doce servem como hospedeiras para o verme esquistosso, o parasita do acaso que causa a doença assustadora bilharzia (esquistossomose).

Os corantes púrpuros de todos os tons eram altamente valorizados no mundo antigo. Um corante púrpura real foi obtido das secreções de um caracol do mar (*Murex* e *Murex brandaris*). Evidentemente, esse processo foi desenvolvido por fenícios, egípcios e Assírios já em 1500 a.C. Os pescadores “púrpura” tinham sua própria guilda durante o tempo do Império Romano. Os caracóis eram colhidos durante as estações de outono e inverno; na primavera, quando a postura dos ovos ocorria, pouco corante estava disponível. Os

caracóis tendiam a permanecer escondidos no verão. Eles habitavam as águas ao largo de Creta e Fenícia. Púrpura de Tiro, produzida na cidade fenícia de Tiro, o centro da indústria de corante púrpura, foi obtida por um tingimento duplo. Grandes depósitos de conchas de murex provenientes de operações de tingimento foram encontrados ao longo da costa mediterrânea. Os israelitas tinham que importar bens púrpuros ([Ez 27.16](#)). Lídia era uma “vendedora de púrpura” ou de pano assim tingido ([Atos 16.14](#)). Púrpura era um sinal de distinção, realeza e riqueza (cf. [Ex 25.4; 28.5-6, 15; Nm 15.38; 2Cr 2.7; Et 8.15; Pv 31.22; Ct 3.10; Ez 27.7; Dn 5.7](#)).

[Êxodo 30.34-35](#) se refere à “onicá”, que era um ingrediente importante do incenso. Onycha é o óvulo espinhoso e semelhante a uma garra (a placa que fecha a abertura de sua concha quando um caracol é retraído) de um membro do Oriente Próximo da família dos moluscos Strombidae. O óvulo às vezes é usado para ofensa ou locomoção, bem como para defesa. Quando queimado, o óvulo emite um aroma intenso, e quando misturado com substâncias mais perfumadas, mas menos poderosas, é ainda mais potente. O nome “onycha” é derivado de uma palavra grega (*ônix*) para uma unha ou uma garra.

Ver também Tintura, Tingimento, Tintureiro.

Serpente

Várias espécies de cobra, subordem Ophidia (Serpentes). Na Bíblia, nove palavras hebraicas e quatro gregas se referem a cobras. A palavra hebraica mais comum é onomatopéтика — isto é, é uma imitação de um silvo de cobra ou do som que ela produz enquanto raspa suas escamas ao longo do chão (cf. [Jr 46.22](#)). Muitos tipos de cobras colocam ovos ([Is 59.5](#)), embora algumas retenham os ovos no corpo até estarem prontas para chocar.

As cobras estão entre os répteis mais difundidos e são encontradas em todos os continentes, exceto a Antártida; elas diminuem em número e espécies em direção aos pólos, mas aumentam à medida que se aproxima do equador. Trinta e três espécies de cobras são conhecidas na Palestina e países vizinhos, 20 das quais são venenosas. Duas características perigosas da cobra observadas pelos escritores bíblicos são sua maneira inconspicua de se mover e a facilidade com que ela se esconde.

Muitas cobras são capazes de engolir animais várias vezes seu próprio diâmetro por causa de seu

mecanismo de mandíbula incomumente flexível. Não são apenas pernas que elas não têm, mas também pálpebras móveis. As cobras periodicamente removem suas peles. A língua é, na verdade um aparato auditivo sensível às vibrações transmitidas pelo ar e provavelmente às ondas de calor.

O veneno de espécies venenosas é uma secreção clara e fina, transmitida para a corrente sanguínea da vítima por meio de presas. Dois tipos de veneno são conhecidos: o das víboras, que afeta a respiração e desintegra os glóbulos vermelhos, e o das cobras, que paralisa o sistema nervoso.

A “áspide” referido na Bíblia é provavelmente a cobra; a “serpente” é a víbora. A “basílico” (ARC) é provavelmente a serpente. As serpentes eram associadas com a adoração na religião cananeia e simbolizavam divindades malignas entre muitos outros povos. Esteles (pedras verticais com inscrições) foram desenterradas em vários locais na Terra Santa e na Síria, representando um deus ou adorador com uma serpente sobre as pernas, ou o corpo. Porque os israelitas estavam queimando incenso na adoração pagã da serpente de bronze de Moisés ([Nm 21.8–9](#)), o rei Ezequias o destruiu em sua reforma religiosa ([2Rs 18.4](#)).

Embora as serpentes tenham sido um objeto de veneração em algumas religiões, na tradição judaico-cristã, as serpentes representam o mal e, mais especificamente, o diabo. Essa associação começou no Jardim do Éden ([Gn 3.1–15](#)) e também é encontrada no livro de Apocalipse ([12.9; 20.2–3](#)).

Veja também Víbora (abaixo); Áspide (acima).

Aranha

Animal da ordem Araneida. Entre 600 e 700 espécies diferentes habitam a Terra Santa. As aranhas são diferentes dos insetos porque, como escorpiões, elas têm quatro pares de pernas em vez de três. As aranhas estão equipadas com glândulas venenosas — a eficácia varia de espécie para espécie. Alguns podem matar apenas insetos, mas outros também podem matar pássaros e ratos.

A maioria das aranhas tem um par de fieiras presas às glândulas de seda na parte inferior do abdômen; delas sai uma teia. Na Bíblia, a teia é referida como um símbolo de fragilidade e insegurança ([Jó 8.14; Is 59.5–6](#)).

Esponja

Animais marinhos simples, filo Porifera. O termo “esponja” também se refere aos restos esqueléticos desses animais. A esponja tem um corpo poroso composto de túbulos e células.

A pesca de esponja era bem conhecida na área do Mediterrâneo nos tempos antigos. Era praticado especialmente ao longo das costas da Anatólia e da Síria. Esponjas foram colhidas por mergulhadores. O uso de esponjas na absorção de líquidos é referido na Bíblia ([Mt 27.48; Mc 15.36](#)).

Unicórnio

Veja Boi Selvagem (abaixo).

Vespa

Insetos da família Vespidae. Os zangões são vespas sociais que constroem grandes casas de apartamentos aéreos nas quais 1.000 ou mais indivíduos podem viver. Na Bíblia, a vespa é usada como uma metáfora para o uso das forças militares por Deus ([Êx 23.28; Dt 7.20; Js 24.12](#)).

Baleia

A maior de todas as criaturas vivas, incluindo aquelas que se tornaram extintas. As baleias são mamíferos que respiram ar da ordem Cetacea.

Duas variedades de baleias visitam as margens da Terra Santa às vezes. A baleia-comum (*Balaenoptera physalus*) pesa cerca de 200 toneladas (181 toneladas métricas) e vive principalmente na região do Ártico, mas às vezes atravessa o Estreito de Gibraltar para chegar ao leste do Mar Mediterrâneo. Alimenta-se de pequenos organismos marinhos que coam através de seu osso de baleia; elas não têm dentes. O esôfago da baleia-comum é estreito.

A baleia cachalote (*Physeter catodon*), com cerca de 18,3 metros de comprimento, tem uma cabeça em forma estranha que tem uma forma quadrada. Os dentes no maxilar inferior da cachalote macho têm cerca de 17,8 centímetros de comprimento. Alimenta-se de peixes grandes, até mesmo de tubarões. Tem uma grande abertura de garganta.

As baleias são referidas em [Gênesis 1.21](#) e [Jó 7.12](#) (apenas kjv). O “grande peixe” de [Jonas 2.1](#) não precisava ter sido uma baleia, mas poderia ter sido um grande tubarão, como o tubarão-baleia (*Rhineodon*), que cresce 21,3 metros de comprimento e não tem os dentes terríveis de outros tubarões. Seja qual for o organismo marinho

real, a libertação de Jonas foi milagrosa. A palavra grega para “baleia” é às vezes usada como um termo geral para “monstro marinho” ou peixe enorme e pode ser usada nesse sentido em [Mateus 12.40](#).

Boi selvagem

Grande, feroz, veloz, animal intratável (*Bos primigenius*). Tinha uma alcanga longa e magra, com costas retas e uma cabeça longa e estreita. O animal descrito em [Jó 39.9-12](#) é claramente o boi selvagem. Os dois chifres ([Dt 33.17](#)), sua característica excepcional, eram retos e tão longos quanto a cabeça ([Nm 23.22; 24.8; Sl 22.21](#)). Os reis muitas vezes simbolizavam seu domínio usando um capacete com dois chifres de boi selvagens (cf. [Sl 92.10; 132.17-18](#)). Os chifres eram muitas vezes usados como vasos para beber pelos israelitas; alguns eram grandes o suficiente para conter quatro galões (15 litros).

Caçar o boi selvagem era um esporte favorito dos reis Assírios. Tiglate-Pileser I caçou nas Montanhas do Líbano por volta de 1100 a.C. (cf. [Sl 29.6](#)). Ao mesmo tempo, pensava-se que o animal referido em [Jó 39.9-12](#) fosse o oryx ou antílope por causa da semelhança entre a palavra hebraica em Jó e o nome árabe para oryx. Os tradutores da versão kjv chamaram o boi selvagem de “unicórnio” por causa das representações encontradas nos mosaicos babilônicos e desenhos egípcios. Essas representações o mostraram em perfil estreito, mostrando apenas um chifre — portanto, “unicórnio”. A Vulgata de Jerônimo, uma tradução latina da Bíblia (quarto século d.C.) e a versão alemã de Martinho Lutero a traduziram da mesma forma.

Lobo

Grande mamífero semelhante a um cão (*Canis lupus*) que viaja em bandas de até 30 animais. Do nariz ao traseiro, o lobo mede cerca de 0,9 metros; sua cauda caída tem cerca de 0,5 metros de comprimento. Parece muito com um cão pastor alemão magro. A pele amarela acinzentada é grossa e de pelos curtos.

Os lobos caçam isoladamente ou em revezamento, geralmente à noite ([Ir 5.6](#)). Os lobos têm audição e visão agudas, mas confiam principalmente no cheiro e geralmente capturam suas presas em uma perseguição rápida e aberta. O lobo tem fama de ousadia, ferocidade e voracidade ([Gn 49.27; Hb 1.8](#)). Geralmente mata mais do que pode comer ou arrastar e, portanto, é conhecido por sua ganância.

O lobo é um animal inquieto, sempre em movimento; a fome o leva de um lugar para outro em busca constante de novos campos de caça. Durante a primavera e o outono, os lobos geralmente vagam sozinhos ou em pares, enquanto que no verão eles podem viajar em grupos familiares. No inverno, vários desses grupos podem se unir para formar um grande grupo. Os lobos são criaturas inteligentes e sociais, fiéis à sua própria espécie. Eles casalam para a vida. Individualmente, o lobo é um animal bastante tímido; preferiria evitar os seres humanos. Mas coletivamente, os lobos podem estar entre os animais vivos mais perigosos.

No Egito, Roma e Grécia, o lobo era considerado sagrado. Os lobos eram bem conhecidos na Terra Santa e ainda são encontrados lá e também em muitos lugares na Ásia Menor. Os pastores continuamente lutavam com lobos que saqueavam seus rebanhos ([Jo 10.12](#)).

A Bíblia se refere aos lobos em um sentido literal em apenas três lugares ([Is 11.6; 65.25](#); [Jo 10.12](#)), todas as outras referências sendo figurativas. Geralmente o lobo é um símbolo de inimigos ou os ímpios (p. ex., [Ez 22.27](#); [Sf 3.3](#); [Atos 20.29](#)). Tanto a coragem do lobo quanto sua crueldade provavelmente estavam na mente do patriarca Jacó quando ele previu o destino da tribo de Benjamim ([Gn 49.27](#)).

Verme

Na verdade, larvas de insetos na maioria das referências bíblicas, geralmente vermes, larvas de moscas (veja mosca, acima). Por exemplo, larvas são evidentemente referidos nos relatos de vermes que se alimentam de maná estragado ([Ex 16.19-20](#)), cadáveres ([Jó 21.26](#); [Is 14.11](#)), ou feridas abertas ([Jó 7.5](#)). [Marcos 9.48](#) se refere a um verme que come carne morta. Em [Atos 12.23](#), uma doença abdominal fatal e induzida por vermes do rei Herodes é mencionada. Em outros casos, a referência é às larvas de outros insetos ([Is 51.8](#)). Em [Deuteronômio 28.39](#) e [Jonas 4.7](#), o gorgulho da videira (*Cochylis ambigua*) é provavelmente mencionado; destrói as videiras perfurando seus caules. Comparar um homem com um verme é uma metáfora para humilhação ([Jó 25.6](#); [Sl 22.6](#)).

Animais noturnos

Um termo usado em algumas traduções da Bíblia para uma ave que vive em áreas desérticas ([Is](#)

[34.14](#)). Traduções modernas geralmente identificam essa criatura como uma coruja. Em outras traduções, essa mesma criatura é chamada de "criatura da noite", "bruxa da noite" ou "coruja que chirria".

Veja Aves (Coruja, Orelhuda).

Animal horrível

Designação da ARC para um animal de identidade incerta em [Isaías 13.21](#), que é traduzido na maioria das Bíblias em português como "coruja". O contexto implica que tais bestas são impuras; portanto, as criaturas sugeridas incluem a coruja com chifres, a hiena, o chacal e o leopardo.

Veja Animais; Aves.

Anjo

Um mensageiro de Deus ou ser sobrenatural, seja bom ou mau. Anjos na Bíblia são mais poderosos que os humanos.

O primeiro tipo de anjos mencionados na Bíblia são os querubins (plural de "querube", uma palavra hebraica). Eles eram seres celestiais enviados por Deus para guardar a árvore da vida no Jardim do Éden ([Gn 3.24](#)).

Autores dos livros bíblicos representaram anjos simbolicamente:

- na Arca da Aliança ([Êxodo 25.18-22](#));
- no tabernáculo ([Êxodo 26.31](#)); e
- no templo ([2 Crônicas 3.7](#)).

O profeta Ezequiel viu anjos em uma visão da Jerusalém restaurada ([Ez 41.18-20](#)). Dois anjos, Gabriel e o arcanjo (ou chefe) Miguel são mencionados na Bíblia ([Dn 8.16; 9.21; 10.13; Lc 1.19.26; Id 1.9; Ap 12.7-9](#)).

Na Bíblia, os anjos são seres espirituais que frequentemente servem como mensageiros. A palavra "anjo" vem diretamente de uma palavra grega que significa mensageiro. Em [Lucas 9.52](#), Jesus enviou "mensageiros" à sua frente. Normalmente, a mesma palavra é traduzida como "anjo" e indica um mensageiro espiritual de Deus.

No Antigo Testamento também, uma palavra hebraica pode se referir tanto a um mensageiro humano quanto a um ser espiritual. Nem sempre é

imediatamente claro a que se refere, especialmente porque os anjos às vezes aparecem em forma humana. Em certas passagens, "o anjo de Deus" ou uma frase semelhante pode se referir a Deus entregando sua própria mensagem (veja [Gn 18.2-15](#)).

Papéis e funções dos anjos na Bíblia

Os anjos apareceram para as pessoas na Bíblia para:

- anunciar boas-novas ([Juízes 13.3](#));
- avisar do perigo ([Gênesis 19.15](#));
- protege do mal ([Daniel 3.28; 6.22](#));
- guia e protege ([Êxodo 14.19](#));
- nutrir ([Gênesis 21.14-20; 1 Reis 19.4-7](#));
- instruir ([Atos 7.38; Gálatas 3.19](#)).

Quando Cristo veio à terra como o Salvador, os anjos:

- anunciou seu nascimento ([Lucas 2.8-15](#));
- guiou e avisou seus pais ([Mateus 2.13](#));
- fortaleceu-o quando ele foi tentado ([Mateus 4.11](#));
- fortaleceu-o em sua última angústia ([Lucas 22.43-44](#) em alguns manuscritos);
- observou sua ressurreição ([Mateus 28.1-6](#)).

O Novo Testamento inclui vários exemplos de anjos interagindo com humanos:

- Jesus falou sobre os anjos da guarda das crianças pequenas ([Mateus 18.10](#));
- Um anjo guiou Filipe ([Atos 8.26](#));
- Um anjo resgatou apóstolos da prisão ([Atos 5.19; 12.7-11](#));
- Em uma situação assustadora, um anjo encorajou o Apóstolo Paulo ([Atos 27.21-25](#)).

Descrições físicas e visões de anjos

Os encontros bíblicos com anjos frequentemente descrevem diferenças físicas distintas em relação às pessoas comuns. O anjo que moveu a pedra da entrada do túmulo de Jesus tinha uma aparência como relâmpago e vestes brancas como a neve ([Mt 28.3](#)).

Muitas passagens sobre anjos são descrições de sonhos ou visões. "A escada de Jacó" com anjos subindo e descendo ([Gn 28.12](#)) é um exemplo. Em outro sonho, um anjo falou com Jacó ([Gn 31.11](#)). Um anjo apareceu a Cornélio em uma visão ([At 10.1-3](#)). As principais passagens desse tipo incluem [Is 6](#) (os serafins), grande parte do livro de Ezequiel (os querubins), e grande parte de Daniel e Zacarias.

No Novo Testamento, mais de um terço das referências a anjos estão no livro de Apocalipse. Na maioria dos casos, os seres angelicais são figuras gloriosas ou grotescas vistas em visões e não devem ser confundidas com pessoas humanas. A linguagem que descreve visões angelicais é frequentemente mística, metafórica e difícil de interpretar.

Anjos na teologia cristã

Angelologia, a doutrina dos anjos, não é um tema principal na teologia cristã, apesar das muitas referências a anjos na Bíblia. Anjos estão incluídos nas descrições de tudo o que Deus criou ([Sl 148.2; Cl 1.16](#)). Há indícios de que eles viram a criação do mundo ([Jó 38.7](#)). Não importa quanto próximos de Deus os anjos possam estar, eles compartilham com a humanidade o status de criaturas.

Como criaturas totalmente espirituais, os anjos estão livres de muitas limitações humanas. Eles não morrem ([Lc 20.36](#)). Eles não se casam, então podem ser considerados sem sexo ([Mt 22.30](#)). Em todas as aparições, os anjos em forma humana

foram tomados como homens, nunca mulheres ou crianças. A capacidade dos anjos de se comunicar em linguagem humana e de afetar a vida humana de outras maneiras é fundamental para o seu papel na Bíblia.

O poder e a aparência impressionante dos anjos às vezes tentavam as pessoas a temê-los ou adorá-los ([Mt 28.2-4](#)). O Novo Testamento não aprova a adoração de anjos ([Cl 2.18; Ap 22.8-9](#)). Embora os anjos sejam mais fortes e sábios do que os seres humanos, seu poder e conhecimento também são limitados por Deus ([Sl 103.20; Mt 24.36; 1Pe 1.11-12; 2Pe 2.11](#)). Veja Querube, Querubins; Serafim, Serafins; Demônio; Possessão demoníaca; Satanás.

Anjo da guarda

Veja Anjo.

Ano do Jubileu

Ano de emancipação e restauração a ser mantido a cada 50 anos. Para Israel, o sétimo ano expressava em detalhes os valores do sábado do sétimo dia ([Lv 25.1-7](#)). Quando uma série de sete anos alcançava a perfeição de sete sétimos, o 50º ano era anunciado pela trombeta do jubileu e um ano inteiro adicional era reservado como pertencente ao Senhor.

A palavra "jubileu" simplesmente significa chifre de carneiro; passou a significar uma trombeta feita de ou em forma de chifre de carneiro. Esses chifres eram exclusivamente para uso religioso. A trombeta sagrada deu seu nome ao ano do chifre de carneiro, o ano do jubileu — um ano ao qual o povo de Deus era convocado de maneira marcante e sagrada. Não era simplesmente uma liberação do trabalho, não apenas um descanso, mas um ano pertencente ao Senhor. Em [Levitico 25](#) esta expressão exata ocorre em conexão com o sétimo ano, em vez de expressamente com o ano do jubileu. Funcionalmente, tal ano era um descanso sabático para a terra, e trazia prazer "ao Senhor" ([Lv 25.4](#)). Mas nada poderia expressar mais diretamente as implicações e orientações do 50º ano.

Senhorio

O primeiro princípio do jubileu é o senhorio de Deus sobre toda a terra, reconhecido por seu povo em sua obediência ao seu comando de separar o

ano dessa forma. Assim como o sábado expressava seu direito de ordenar a vida, dando-lhe a forma de seis dias de trabalho e um dia de descanso, e assim como o sétimo ano, ligado em [Deuterônômo 31.9–13](#) à leitura de sua lei, expressava seu direito de comandar a obediência de seu povo, assim o 50º ano expressava sua soberania sobre tudo: terra, pessoas, meios de produção e a própria vida. Considere o caso típico de devedor e credor. Quando Deus trouxe seu povo à posse da terra, ele deu a cada um sua herança. Em algumas circunstâncias um homem poderia ser compelido a vender sua terra em parte ou no todo, mas ela deve voltar para ele: “A terra é de Deus; portanto, ela não será para sempre daquele que a comprar. Deus é o dono dela, e para ele nós somos estrangeiros que moram por um pouco de tempo na terra dele” ([Lv 25.23](#), NTLH). Neste versículo, “estrangeiros” carrega o significado de “pessoas apátridas”, “refugiados”, “aqueles que buscaram asilo político” — em uma palavra, aqueles que não têm direitos exceto o que a misericórdia concede. Tais são os membros do povo de Deus e assim devem reconhecer-se quando o ano do jubileu chega. Quando um pedaço de imóvel mudava de mãos, o vendedor poderia se parabenizar pela astúcia com que resolveu seu problema, e o comprador poderia se alegrar em sua habilidade aquisitiva, mas no Ano do Jubileu, vendedor e comprador são obrigados a confessar uma verdade diferente: nenhum é senhor, nem de seu próprio bem-estar nem da pessoa e bens de outro. Cada um tem um Mestre no céu.

Redenção

De acordo com a ordenança, a trombeta que anunciava o ano era soada no Dia da Exiação ([Lv 25.9](#)). Esse era o dia em que o Senhor proclamava seu povo limpo diante dele de todos os seus pecados ([16.30](#)). O perdão dos pecados inaugurava o ano do jubileu. O verbo “redimir” e o substantivo “redenção” tinham um forte uso comercial na recuperação de propriedades empenhadas contra empréstimos de dinheiro, e no 50º ano essas palavras teriam soado e ressoado enquanto os devedores confessavam que não podiam “redimir” e os credores renunciavam aos seus direitos de “redenção”, cada um usando o próprio vocabulário da ação do Senhor no Êxodo ([Êxodo 6.6](#)). Isso é o que o Senhor havia feito por seu povo, e a ação divina deve ser a norma da humana. A generosidade fraterna é incentivada ([Lv 25.35–38](#)), a liberdade é concedida (v. [39–43](#)), e a escravidão perpétua é proibida (v. [47–55](#)) simplesmente

porque o ato redentor divino transforma os redimidos em irmãos, os traz para a servidão do Senhor e cancela a escravidão que, de outra forma, seria deles para sempre.

Descanso

O correlativo da redenção é o descanso. Este descanso é vividamente ilustrado e reforçado quando Moisés legisla o descanso de todo o trabalho relacionado à promoção da colheita do próximo ano ([Lv 25.4](#)); descanso do trabalho de colheita, pois o povo de Deus deveria viver apenas suprindo as necessidades imediatas, colhendo apenas o que e quando a necessidade ditasse (v. [5–7](#)); descanso do fardo ansioso das dívidas contraídas; e descanso da escravidão (v. [10](#)). Como o sábado, este descanso significava exatamente o que dizia: liberdade do trabalho; relaxamento, refresco e recreação. Muito provavelmente o cansaço era tão endêmico entre o povo de Deus naquela época quanto agora, e a graça se aproximava para lhes dar um feriado. Mas, assim como o sábado, a liberação das preocupações de se manter vivo criava tempo para se ocupar com o Senhor, sua adoração, sua Palavra e a vida que o agrada. Podemos entender [Isaías 58](#) como vinculando os ideais de sábado e jubileu juntos. O Senhor liberta seu povo não para uma ociosidade ininterrupta, mas para a redireção da vida em direção a ele. O ano do jubileu foi, portanto, uma opção deliberada de sair da corrida desenfreada; requeria uma pausa na ganância; abandonava a preocupação com a pressão de se manter vivo. Reordenava prioridades, dando uma chance de avaliar o uso do tempo e a seleção de objetivos. Por um ano inteiro, o povo de Deus recuava, descansava, cessava do bom para alcançar o melhor.

Fé

Mas esse afastamento da vida não era no estilo de um desistente. Era a ação de uma fé responsável. Ninguém na terra pode escapar de perguntas como “O que vamos comer?” O Senhor prevê e provê ([Lv 25.20](#)); a graça provê para que o povo de Deus possa desfrutar das ordenanças da graça (cf. [Êx 16.29](#)). Quando ele ordena um ano de descanso, ele os capacita a tirá-lo. O 50º ano era um testemunho vivo de sua fidelidade. A última temporada de semeadura e colheita teria sido o 49º ano; no último 7º ano da série, o povo viveria do crescimento casual; e no 50º ano, nada além da pura e atenta fidelidade de seu Deus poderia provê-los ([Lv 25.21](#)). Aqui, de fato, sua fé seriaposta à

prova, pois Deus falou uma palavra de promessa majestosa e os chamou a acreditar. No coração de seu jubileu, eles confiavam na palavra de Deus e viam que ele era fiel.

Obediência

Biblicamente, é uma característica central do povo de Deus fazer o que ele ordena por nenhuma outra razão além de que ele o ordena. Na ordenança do 50º ano, o povo de Deus deve mostrar-se como seu povo obediente, e de fato sua obediência é a garantia de permanência na terra que ele lhes concedeu. Assim, por exemplo, [Levítico 26.34–35](#) ensina que a perda de posse e a perda de liberdade estão diretamente relacionadas à violação do princípio do sábado, encontrado no sétimo dia, sétimo ano e ano do jubileu. A recusa em obedecer anda de mãos dadas com a perda de posse, deixando para trás uma terra vazia, que então desfruta do descanso sabático que nunca recebeu de seus habitantes desobedientes.

Esperança

No 50º ano, o povo vivia na luz do perdão dos pecados, caminhava através da obediência em harmonia com o Deus que os redimiu, e em libertação do trabalho duro, recebia da terra seus benefícios sustentadores de vida sem qualquer suor em suas testas ([Gn 2.16; 3.19](#)). Era uma espécie de Éden restaurado, a maldição momentaneamente suspensa — mas também um prolongado antegosto do dia vindouro quando as promessas seriam todas cumpridas, o sangue da aliança eficaz sem impedimentos, os prisioneiros da esperança (ou seja, que esperaram com esperança por sua libertação) libertos, e a trombeta da libertação ouvida em todo o mundo ([Is 27.13; Zc 9.11–14](#)). O Ano do Jubileu de maneira limitada mas real prefigurava o que ainda seria a herança eterna e a bem-aventurança do povo de Deus.

Veja também Festas e Festivais de Israel.

Anrafel

O rei de Sinar ou Babilônia. Ele ajudou o rei Qedorlaomer de Elão a conter uma revolta de cinco cidades na Palestina ([Gn 14.1–11](#)).

Anramita

Um descendente de Anrão. Ele é filho de Coate ([Nm 3.27; 1Cr 26.23](#)). Veja Anrão #1.

Anrão

213. Filho de Coate. Ele era membro da tribo de Levi. Anrão casou-se com Joquebede e teve três filhos famosos: Arão, Moisés e Miriã ([Ex 6.16–20; Nm 26.58–59](#)). Durante a jornada dos israelitas pelo deserto, os anramitas tinham uma responsabilidade especial. Eles eram encarregados de cuidar da Arca da Aliança, da mesa, do candelabro, dos altares e de outros móveis usados no tabernáculo ([Nm 3.27,31](#)). Mais tarde, os amramitas foram um dos grupos responsáveis pelas ofertas colocadas no Tesouro do templo ([1Cr 26.23–24](#)).

214. Um sacerdote da família de Bani. Ele seguiu o forte conselho de Esdras para se divorciar de sua esposa não-judaica após o exílio para Babilônia ([Ed 10.34](#)).

Anti-Líbano

Uma cadeia de montanhas que se estende do Monte Hermom no sul em direção ao norte-nordeste ([It 1.7](#)). Ela corre paralela à cadeia do Líbano a oeste. A maior parte da água para o Rio Jordão vem da água que drena das duas cadeias de montanhas. No Antigo Testamento, a cadeia era conhecida como Siriom ([Dt 3.9; 4.48; Sl 29.6](#)) ou Senir ([1Cr 5.23; Ct 4.8; Ez 27.5](#)).

Antílope

Um animal que corre rapidamente e se assemelha a um cervo.

Várias criaturas semelhantes a antílopes são mencionadas nas Escrituras. Uma delas parece ser o órix branco (*Oryx leucoryx*), referido como "antílope" em [Deuteronômio 14.5](#) e [Isaías 51.20](#). O órix provavelmente era o antílope. Seus longos

chifres facilitavam a captura, tornando-o uma fonte comum de alimento.

Outro antílope mencionado na Bíblia é o adax (*Addax nasomaculatus*). Provavelmente é o "antílope" de [Deuteronômio 14.5](#) ("corços", NTLH; "corça", ARC; "pygarg", LXX). Ele vive no Norte da África. Possui partes traseiras acinzentadas, uma mancha branca na testa e chifres torcidos e anelados. A palavra "pygarg" vem de uma palavra grega que significa "garupa branca". O adax tem aproximadamente o tamanho de um burro. Seu corpo é coberto de pelos curtos. Possui uma crina curta na parte inferior do pescoço que faz a cabeça parecer um pouco com a de uma cabra. As patas são largas e achatadas, e a cauda se assemelha à de um burro. É comum na África e na Arábia, onde os árabes o caçam com falcões e cães.

Os antílopes são muito graciosos e correm com a cabeça erguida. Ambos os sexos possuem chifres longos, permanentes e ocos. Os chifres do órix vão diretamente para trás, enquanto os chifres do adax se torcem em anéis. Os antílopes são alertas, ariscos e perceptivos. Eles geralmente são encontrados em rebanhos de dois a uma dúzia. Se ferido ou encurrulado, um antílope ataca com a cabeça baixa, com seus chifres afiados apontando para a frente. Os antílopes se alimentam de gramíneas e arbustos, bebendo de riachos e poços de água. Quando há pouca água, eles comem melões e bulbos suculentos. Tanto o adax quanto o órix eram considerados puros na lei judaica.

Antioquia da Pisídia

Uma cidade na Ásia Menor entre os distritos de Frígia e Pisídia. O apóstolo Paulo viajou até lá para introduzir o evangelho. Paulo foi convidado pelos anciões da sinagoga em Antioquia. Eles o convidaram a trazer qualquer mensagem de encorajamento que tivesse na reunião de sábado ([At 13.14-15](#)).

De acordo com o registro em Atos, muitos imploraram para ouvir mais ([13.42](#)). Alguns dos líderes judeus estavam com ciúmes de Paulo por causa de sua popularidade. Eles começaram a dizer coisas prejudiciais sobre ele ([13.45](#)). Paulo então se voltou para os ouvintes gentios ([13.46-48](#)). Algumas das autoridades judaicas o forcaram a deixar a cidade ([13.50](#)). Os mesmos judeus de Antioquia continuaram a atacar Paulo enquanto ele viajava para Lístra ([At 14.19](#)). Paulo viajou por

Antioquia uma segunda vez enquanto estava a caminho de Perge e Atália ([14.21](#)).

A cidade de Antioquia foi construída por volta de 300 a.C. por Seleuco Nicator, que a nomeou em homenagem a seu filho, Antíoco I. Como resultado da conquista romana em 188 a.C., a área foi declarada livre do domínio dos reis selêucidas. Os romanos começaram imediatamente a torná-la mais parecida com suas cidades. Por volta de 36 a.C., Antônio fez de Antioquia parte do território do rei da Galácia, Amintas. Com a morte de Amintas, 11 anos depois, a cidade recebeu o status de colônia e tornou-se Cesareia Antioquena. Essa foi a capital da Galácia meridional.

Antioquia da Síria

A principal cidade entre outras 16 com o mesmo nome. Foi construída por volta de 300 a.C. pelo imperador sírio Selêuco I, em honra a seu pai Antíoco. Essa Antioquia corresponde à atual Antáquia, na Turquia. Está localizada em uma planície fértil, em uma curva ocidental do rio Orontes, que deságua no mar Mediterrâneo.

Onde ficava Antioquia e por que era importante?

Nos tempos antigos, 500.000 pessoas viviam em Antioquia. Era uma cidade movimentada, localizada à beira d'água, onde barcos podiam viajar 24 quilômetros até um porto no Mediterrâneo. Também tinha fácil acesso por passagens nas Montanhas Taurus em direção ao leste, até a parte central da Síria. Sua localização a tornava um centro de comércio, atividade religiosa e altos níveis de vida intelectual e política. Sob a autoridade romana, Antioquia recebeu atenção especial com belas obras públicas, melhorias no porto e vantagens comerciais especiais.

Como era a vida em Antioquia?

A cidade tinha tanto aspectos bons quanto ruins. Enquanto algumas pessoas apreciavam arte e educação, outras participavam de esportes violentos e práticas religiosas perigosas. Algumas dessas práticas religiosas incluíam a adoração de deuses que as pessoas acreditavam ajudar no crescimento das colheitas, bem como grupos religiosos secretos chamados cultos de mistério. Dois outros grupos importantes viviam em Antioquia. Um era uma grande comunidade judaica que possuía direitos especiais e vivia bem na

cidade. O outro era um grupo de funcionários do governo que ajudavam a administrar a cidade.

Muitos judeus em Antioquia tornaram-se cristãos e membros da igreja primitiva em Antioquia. Os funcionários do governo forneciam proteção policial, estabilidade e ordem. Eles também tinham um forte desejo por estilos de vida caros. Participavam de jogos de azar, corridas de carruagens, bordéis, banquetes exóticos e coisas semelhantes.

Como Antioquia contribuiu para a expansão do Cristianismo?

Antioquia da Síria teve um papel importante no livro de Atos. Um homem chamado Nicolau de Antioquia tornou-se um dos primeiros diáconos na igreja primitiva ([At 6.5](#)). Cristãos de Jerusalém fugiram para Antioquia devido à perseguição intensa ([11.19](#)). [Atos 11](#) fornece detalhes do ensino de Barnabé e Paulo na igreja de Antioquia. A igreja de Antioquia foi generosa e uma bênção para os cristãos que sofriam em Jerusalém. O termo “cristãos” foi usado pela primeira vez em Antioquia ([11.26](#)). [Atos 13](#) registra que os primeiros missionários foram enviados de lá. A declaração do conselho da igreja de Jerusalém sobre os requisitos para os crentes gentios foi em parte resultado do trabalho em Antioquia entre os gentios (veja [At 15](#) e [Gl 2](#)).

Do terceiro século até aproximadamente o oitavo século, Antioquia foi um centro importante para o desenvolvimento da teologia cristã. A abordagem das Escrituras e da natureza de Cristo adotada em Antioquia tendia a ser histórica e racional. Em contraste, a abordagem adotada em Alexandria (Egito) era excessivamente espiritualizada e alegórica. Teólogos como Orígenes e Clemente são representativos dessa interpretação simbólica ou não literal no Egito.

Antipátride

Uma cidade cerca de 41,8 quilômetros ao sul de Cesareia. Foi reconstruída por Herodes, o Grande, em 9 a.C., em homenagem a seu pai, Antípatro. Antes de Herodes reconstruí-la, a cidade era conhecida como Afeca. Quando Paulo era um prisioneiro romano, ele viajou por Antipátride em seu caminho de Jerusalém para Cesareia ([At 23.31](#)). Antipátride era uma estação de retransmissão militar romana. Também marcava a fronteira entre Judeia e Samaria.

Veja também Afeca.

Anunciação

A palavra Anunciação refere-se a um evento importante na fé cristã, quando um anjo chamado Gabriel veio a uma jovem chamada Maria. Gabriel disse a Maria que o Espírito Santo de Deus lhe daria um filho de maneira milagrosa ([Lc 1.26–38](#)).

A mensagem do anjo para Maria

Maria enfrentaria muitas dificuldades porque engravidou antes do casamento. Mas o anjo Gabriel a saudou com palavras especiais, chamando-a de “muito favorecida” ou “muito abençoada” ([Lc 1.28](#)). Como todas as pessoas que encontram anjos na Bíblia, Maria sentiu medo ao ver Gabriel. Maria “ficou pensando no que ele queria dizer” ([Lc 1.29](#)). Gabriel a confortou e disse que Deus a havia escolhido para ter um filho, que se chamaria Jesus.

“Jesus” é a forma grega do nome hebraico “Josué”. Significa “o Senhor é salvação”. Mateus descreveu a aparição de um anjo a José para anunciar que Maria estava grávida de uma criança concebida pelo Espírito Santo. Ele seria chamado Jesus, “pois ele salvará o seu povo dos pecados deles” ([Mt 1.18–21](#)).

A promessa de Deus sobre Jesus

Usando figuras de linguagem retiradas do Antigo Testamento, Gabriel profetizou sobre a criança que Maria daria à luz ([Lc 1.32–33](#)). Assim como João Batista, Jesus seria grande. No entanto, a grandeza de Jesus seria de um tipo diferente. João seria “para o Senhor Deus... um grande homem” ([Lc 1.15](#)), mas Jesus seria grande e seria “chamado de Filho do Deus Altíssimo” ([Lc 1.32](#)).

Jesus receberia o trono de seu pai Davi ([Lc 1.32](#)). Ele receberia o poder para governar, prometido no Antigo Testamento ao Messias-Rei da linhagem de Davi. O Messias ou “ungido” era uma figura semelhante a um rei ou sacerdote. Ao contrário de Davi, Jesus reinaria para sempre ([2Sm 7.12–16](#); [Sl 2.7; 89.26–29](#)).

A afirmação de Maria em [Lucas 1.34](#), “- Isso não é possível, pois eu sou virgem!” não expressou dúvida. Expressou curiosidade sobre como o evento ocorreria. Gabriel explicou que “o poder do Deus Altíssimo”, o Espírito Santo, “envolveria com a sua sombra” Maria. Seu filho seria concebido pelo poder de Deus, como nenhum outro antes dele.

Gabriel tranquilizou Maria: “Porque para Deus nada é impossível”. Isso ecoa a palavra do Senhor para Sara quando ele anuncia o nascimento de Isaque ([Gn 18.10-14](#)). Como Jesus foi concebido pelo Espírito Santo, Ele seria chamado de “santo” e reconhecido como “o Filho de Deus” ([Lc 1.35](#)).

Resposta e Legado de Maria

Foi necessário coragem para Maria responder a Gabriel, “Eu sou uma serva de Deus” e “que aconteça comigo o que o senhor acabou de me dizer!” ([Lc 1.38](#)). Como serva ou escrava, Maria não podia deixar de fazer a vontade de seu mestre. No entanto, como uma mulher grávida e solteira, ela enfrentava a possibilidade de desonra ([Mt 1.19](#)). Ela até enfrentaria a pena de morte ([Dt 22.20-24](#); [Jo 8.3-5](#)). Ainda assim, Maria percebeu que, por causa da grande coisa que Deus faria nela, “De agora em diante todos vão me chamar de mulher abençoada” ([Lc 1.48](#)).

Como o dia 25 de dezembro é celebrado como a data tradicional do nascimento de Cristo, as igrejas que seguem um calendário eclesiástico estruturado comemoram a Festa da Anunciação (Encarnação) nove meses antes, no dia 25 de março.

Veja também Nascimento virginal de Jesus.

Anzi

215.Uma pessoa do grupo familiar dos Meraritas, dos levitas, é um ancestral de Etã, o músico ([1Cr 6.46](#)).

216.Um ancestral de Adaías e um sacerdote da divisão de Malquias ([Ne 11.12](#)).

Aoá, Aoí, Aoíta

Um dos nove filhos de Bela, membro da tribo de Benjamim ([1Cr 8.4](#)).

Os descendentes de Aoá eram chamados de aoítas, e dois deles estavam entre os guerreiros mais eficazes do Rei Davi:

- Dodo (“filho de... o Aoí,” [2Sm 23.9](#); é escrito como “Dodai” em [1Cr 27.4](#))
- Salmom, o aoíta ([2Sm 23.28](#); ele é chamado de “Ilai” em [1Cr 11.29](#))

Aoliabe

Um homem, Moisés, escolheu Aoliabe para ajudar Bezalel, o mestre artesão, na construção e decoração do tabernáculo. Aoliabe, filho de Aisamaque e da tribo de Dã, era um construtor e costureiro renomado. Ele ensinou, junto com Bezalel, as habilidades para construir o tabernáculo ([Ex 31.6](#); [35.34](#); [36.1-2](#); [38.23](#); “Aholiab” na KJV).

Apelo

Um termo jurídico para solicitar a um tribunal superior que revise uma decisão de um tribunal inferior. A lei do Antigo Testamento não previa apelações. No Novo Testamento, o apóstolo Paulo apelou a César para uma audiência após sua prisão em Jerusalém ([At 25.11](#)). Como Paulo era cidadão romano, ele podia ter seu caso removido dos tribunais judeus. Paulo temia um julgamento injusto nos tribunais judeus.

Veja também Lei civil e justiça.

Apocalipse, Livro de

Último livro da Bíblia, contendo revelações sobre os eventos dos últimos dias.

Pré-visualização:

- Autor
- Data, origem, destino
- Contexto
- Métodos de interpretação do apocalipse
- Propósito e ensino
- Conteúdo

Autor

Os primeiros testemunhos atribuem a autoria de Apocalipse a João, o Apóstolo, filho de Zebedeu. Dionísio, o distinto bispo de Alexandria e aluno de

Orígenes (início do terceiro século), foi o primeiro dentro da igreja a questionar sua autoria apostólica porque lhe parecia que o estilo de escrita diferia muito daquele encontrado no quarto Evangelho, atribuído a João. A partir do tempo de Dionísio, a origem apostólica do livro foi disputada no Leste até que Atanásio de Alexandria (c. 350) mudou a maré em direção à sua aceitação. No Ocidente, o livro foi amplamente aceito e foi incluído em todas as principais listas de livros canônicos desde pelo menos a metade do segundo século.

A partir das evidências internas, as seguintes coisas podem ser ditas sobre o autor com alguma confiança. Ele se chama João ([Apocalipse 1.4.9](#); [22.8](#)). Este provavelmente não é um pseudônimo, mas sim o nome de uma pessoa bem conhecida entre as igrejas asiáticas. Este João se identifica como um profeta ([1.3](#); [22.6-10.18-19](#)) que estava no exílio por causa de seu testemunho profético ([1.9](#)). Como tal, ele fala às igrejas com grande autoridade. Seu uso do AT e dos Targuns torna praticamente certo que ele era um judeu palestino, imerso no ritual do templo e da sinagoga. João, o Apóstolo, se encaixa nesse perfil. A diferença entre o estilo do quarto Evangelho e o de Apocalipse pode ser explicada pelos gêneros radicalmente diferentes dos dois livros. O Evangelho é uma narrativa histórica composta, enquanto o livro de Apocalipse é um registro de experiências visionárias e revelação divina direta. O escritor do Evangelho podia levar seu tempo para elaborar uma narrativa palavra por palavra e frase por frase. O escritor de Apocalipse foi compelido por Deus a escrever imediatamente tudo o que lhe foi dito ou mostrado. Assim, o Apóstolo João poderia facilmente ter sido o escritor de ambos. Em qualquer caso, nenhum argumento convincente foi apresentado contra sua autoria.

Data, origem, destino

Apenas duas datas para Apocalipse receberam apoio sério. Uma data anterior, logo após o reinado de Nero (54–68 d.C.), é supostamente apoiada por referências no livro à perseguição dos cristãos, ao mito de *Nero redivivus* (um Nero revivido seria a reencarnação do gênio maligno de todo o Império Romano), ao culto imperial (cap. [13](#)) e ao templo (cap. [11](#)), que foi destruído em 70 d.C. A data alternativa baseia-se principalmente no testemunho inicial de Irineu, que afirmou que o Apóstolo João “viu a revelação... no final do reinado de Domiciano” (81–96 d.C.).

A origem do livro é claramente identificada com Patmos, uma das Ilhas Espórades, localizada a cerca de 37 milhas (59,5 quilômetros) a sudoeste de Mileto, no Mar Egeu ([1.9](#)). João aparentemente foi exilado na ilha devido a perseguições religiosas e/ou governamentais decorrentes de seu testemunho de Jesus ([1.9](#)).

Da mesma forma, os destinatários são claramente as sete igrejas históricas na província romana da Ásia (atual oeste da Turquia): Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia ([1.4.11](#); [2.1.8.12.18](#); [3.1.7.14](#)).

Contexto

O livro de Apocalipse difere dos outros escritos do NT, não em doutrina, mas em gênero literário e assunto. É um livro de profecia ([1.3](#); [22.7.18-19](#)) que contém tanto advertência quanto consolação — anúncios de julgamento e bênção futuros — comunicados por meio de símbolos e visões.

A linguagem e as imagens não eram tão estranhas para os leitores do primeiro século como são hoje. Portanto, a familiaridade com os livros proféticos do AT, especialmente Daniel e Ezequiel, ajudará o leitor a compreender a mensagem do Apocalipse.

Embora o modo de apresentação simbólico e visionário crie ambiguidade e frustração para muitos, ele na verdade confere à descrição de realidades invisíveis uma pungência e clareza inatingíveis por qualquer outro método. Essa linguagem pode desencadear uma variedade de ideias, associações, envolvimento existencial e respostas místicas que a prosa direta encontrada na maior parte do NT não consegue alcançar.

As cartas às igrejas indicam que cinco das sete estavam em sérios problemas. O principal problema parecia ser a deslealdade a Cristo; isso pode indicar que o foco principal de Apocalipse não é sociopolítico, mas teológico. João estava mais preocupado em combater a heresia que estava se infiltrando nas igrejas no final do primeiro século do que em abordar a situação política. Essa heresia parece ter sido um tipo de ensino gnóstico.

Apocalipse é também comumente visto como pertencente ao grupo de escritos conhecidos como literatura apocalíptica. O nome para este tipo de literatura é derivado da palavra grega para “revelação”: apokalupsis. Os livros apocalípticos extrabíblicos foram escritos no período de 200 a.C. a 200 d.C. Embora existam inúmeras semelhanças, também há algumas diferenças claras.

Muito mais importante do que as fontes apocalípticas judaicas é a dúvida que João tem com o ensinamento escatológico de Jesus, como o discurso do Olival ([Mateus 24-25](#); [Marcos 13](#); [Lucas 21](#)). Apocalipse é único em seu uso do AT. Dos 404 versículos do Apocalipse, 278 contêm referências às Escrituras Judaicas. João refere-se frequentemente a Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, e também repetidamente a Éxodo, Deuteronômio e os Salmos. No entanto, ele raramente cita o AT diretamente.

Métodos de interpretar apocalipse

Quatro maneiras tradicionais de entender [Apocalipse 4-22](#) surgiram na história da igreja:

Futurista

Essa visão sustenta que, com exceção dos capítulos [1-3](#), todas as visões em Apocalipse se referem a um período imediatamente anterior e posterior ao Segundo Advento de Cristo no fim dos tempos. As bestas (caps. [13](#), [17](#)) são identificadas com o futuro Anticristo, que aparecerá no último momento da história mundial e será derrotado por Cristo em sua Segunda vinda para julgar o mundo e estabelecer seu reino milenar terrestre.

Variações dessa visão foram mantidas pelos primeiros expositores, como Justino Mártir (m. 164), Irineu (m. c. 195), Hipólito (m. 236) e Victorino (m. c. 303). Essa abordagem futurista tem desfrutado de um renascimento desde o século 19 e é amplamente mantida entre os evangélicos hoje.

Historicista

Como a palavra sugere, esta visão vê no Apocalipse uma pesquisa profética da história. Ela se originou com Joaquim de Fiore (m. 1202), um monge que afirmou ter recebido uma visão especial que lhe revelou o plano de Deus para as eras. Ele atribuiu um valor de dia-ano aos 1.260 dias do Apocalipse. Em seu esquema, o livro é uma profecia dos eventos da história ocidental desde o tempo dos apóstolos até o próprio tempo de Joaquim. Nos vários esquemas que se desenvolveram à medida que esse método foi aplicado à história, um elemento tornou-se comum: o Anticristo e Babilônia foram conectados com Roma e o papado. Mais tarde, Lutero, Calvino e outros Reformadores adotaram essa visão.

Preterista

De acordo com essa visão, Apocalipse trata do tempo de seu autor; o conteúdo principal dos capítulos é, portanto, visto como descrevendo eventos totalmente limitados ao próprio dia de João. As bestas (cap. [13](#)) são identificadas como Roma imperial e o sacerdócio imperial. Esta é a visão mantida por muitos estudiosos contemporâneos.

Idealista

Este método de interpretar Apocalipse vê-o como sendo basicamente poético, simbólico e espiritual por natureza. Assim, Apocalipse não prevê nenhum evento histórico específico; pelo contrário, apresenta verdades intemporais sobre a batalha entre o bem e o mal que continua ao longo da era da igreja. Como sistema de interpretação, é mais recente do que as outras três escolas.

Propósito e Ensino

O estudioso do NT H. B. Swete escreveu sobre Apocalipse: "Em forma, é uma epístola, contendo uma profecia apocalíptica; em espírito e propósito interno, é um pastoral". Como profeta, João foi chamado para separar a verdadeira da falsa crença — para expor as falhas das congregações na Ásia. Ele desejava encorajar o discipulado cristão autêntico explicando o sofrimento e martírio cristão à luz da vitória sobre o mal conquistada pela morte e ressurreição de Jesus. João estava preocupado em mostrar que os mártires (por exemplo, Antípas, [2.13](#)) serão vindicados. Ele revelou o fim tanto do mal quanto daqueles que seguem a Besta ([19.20-21](#); [20.10,15](#)), e descreveu a vitória final do Cordeiro e daqueles que o seguem.

Conteúdo

Os principais conteúdos de Apocalipse estão organizados em séries de sete itens, alguns explícitos, outros implícitos: sete igrejas (caps. [2-3](#)), sete selos (caps. [6-7](#)), sete trombetas (caps. [8-11](#)), sete taças (caps. [16-18](#)), sete últimas coisas (caps. [19-22](#)). Também é possível dividir os conteúdos em torno de quatro visões-chave: (1) a visão do Filho do Homem entre as sete igrejas (caps. [1-3](#)); (2) a visão do rolo selado com sete selos, as sete trombetas e as sete taças ([4.1-19.10](#)); (3) a visão do retorno de Cristo e a consumação desta era ([19.11-20.15](#)); e (4) a visão do novo céu e nova terra (caps. [21-22](#)).

Introdução de João (1.1-8)

Os primeiros três capítulos de Apocalipse formam uma unidade e são comparativamente fáceis de entender. Eles são os mais familiares e contêm uma introdução ao livro todo (1.1-8); a primeira visão, do Filho do Homem entre os sete candelabros (1.9-20); e as cartas ou mensagens às sete igrejas na Ásia (2.1-3.22).

Os primeiros oito versículos introduzem todo o livro. Eles estão carregados de conteúdo teológico e detalhes. Após um breve prefácio (1.1-3), João endereça o livro às sete igrejas da Ásia em uma forma expandida de carta antiga (v. 4-8).

O Filho do Homem entre os candelabros (1.9-20)

Após uma breve indicação da situação histórica que a ocasionou (1.9-11), João descreve sua visão de “alguém, semelhante a um filho de homem,” caminhando entre sete candelabros de ouro (v. 12-16). A pessoa se identifica como o exaltado Senhor, Jesus Cristo (v. 17-18), e então explica o significado da visão simbólica (v. 19-20). Finalmente, o Senhor dirige uma mensagem bastante detalhada e específica a cada uma das sete igrejas na Ásia (2.1-3.22).

As cartas às sete igrejas (2.1-3.22)

Essas sete igrejas continham qualidades típicas ou representativas de obediência e desobediência que são um lembrete constante para todas as igrejas em todas as épocas (cf. 2.7.11.17.29; 3.6.13.22; esp. 2.23). Sua ordem (1.11; 2.1-3.22) reflete o circuito natural de viagem antiga começando em Éfeso e chegando finalmente a Laodiceia.

Cada mensagem geralmente segue um plano literário comum composto por sete partes:

1. O destinatário é mencionado primeiro, seguindo um padrão comum em todas as sete cartas: “Ao anjo da igreja em Éfeso, escreva...”;
2. Então o orador é mencionado. Em cada caso, alguma parte da Grande visão de Cristo e de sua autoidentificação (1.12-20) é repetida enquanto o orador se identifica; por exemplo, “Esta é a mensagem daquele que segura as sete estrelas em sua mão direita, aquele que anda entre os sete candelabros de ouro” (2.1; cf. 1.13.16);

3. Em seguida, é dado o conhecimento do orador. Ele conhece intimamente as obras das igrejas e a realidade de sua lealdade a ele, apesar das aparências externas. Em dois casos (Sardes e

Laodiceia), a avaliação se mostra totalmente negativa. O inimigo das igrejas de Cristo é o enganador, Satanás, que busca minar a lealdade das igrejas a Cristo (2.10.24);

4. Após sua avaliação das realizações das igrejas, o orador pronuncia seu veredito sobre sua condição com palavras como “Você não me ama como amava no início” (2.4) ou “Você está morto” (3.1). Duas cartas não contêm veredito desfavorável (Esmirna, Filadélfia) e duas não contêm palavra de elogio (Sardes, Laodiceia). Nas cartas, todas as negligências são vistas como formas de traições internas de uma relação anterior com Cristo;

5. Para corrigir ou alertar cada congregação, Jesus emite um comando penetrante. Esses comandos expõem ainda mais a natureza exata do autoengano envolvido;

6. Cada carta contém a exortação geral: “Quem estiver disposto a ouvir deve escutar o Espírito e entender o que o Espírito está dizendo às igrejas.” As palavras do Espírito são as palavras de Cristo (cf. 19.10);

7. Finalmente, cada carta contém uma promessa de recompensa ao vencedor. Cada uma é escatológica e correlaciona-se com os dois últimos capítulos do livro. Além disso, as promessas são ecos de [Gênesis 2-3](#): o que foi perdido por Adão no Éden é mais do que recuperado por Cristo. Provavelmente devemos entender as sete promessas como diferentes facetas que se combinam para formar uma Grande promessa aos crentes: onde quer que Cristo esteja, lá estarão os “vencedores”.

O Pergaminho com Sete Selos (4.1-8.1)

Em vista do uso elaborado de imagens e visões de 4.1 até o final de Apocalipse, e em vista da questão de como este material se relaciona com os capítulos 1-3, não é surpreendente que os comentaristas diferem amplamente em seu tratamento desses capítulos.

O trono, o rolo e o cordeiro (4.1-5.14)

Os capítulos 4-5 formam uma visão composta por duas partes: o trono (cap. 4) e o Cordeiro e o rolo (cap. 5). Na verdade, a visão do trono (caps. 4-5) e a abertura de todos os sete selos (caps. 6-8) formam uma única visão contínua e não devem ser separadas; de fato, a visão do trono deve ser vista como dominando toda a visão do rolo com sete selos e, aliás, o restante do livro (cf. 22.3).

Uma nova visão da majestade e poder de Deus é revelada a João para que ele possa entender os

eventos na terra que se relacionam com a visão dos sete selos ([4.1–11](#); cf. [1 Reis 22.19](#)). Pela primeira vez em Apocalipse, o leitor é apresentado à frequente troca entre céu e terra encontrada no restante do livro. O que acontece na terra tem seu inseparável contraparte celestial.

O capítulo [5](#) faz parte da visão que começa com o capítulo [4](#) e continua através da abertura dos sete selos ([Apocalipse 6.1–8.1](#); cf. introdução ao cap [4](#)). O movimento de toda a cena foca no Cordeiro imolado enquanto ele pega o rolo da mão daquele que está no trono. A ênfase culminante está na dignidade do Cordeiro para receber adoração por causa de sua morte.

Abertura dos seis primeiros selos ([6.1–17](#))

A abertura dos selos continua a visão iniciada nos capítulos [4](#) e [5](#). Agora a cena muda para eventos na terra. O próprio rolo envolve o restante do Apocalipse e tem a ver com a consumação do mistério de todas as coisas, o objetivo ou fim da história tanto para os vencedores quanto para os adoradores da besta. O escritor sugere, de forma provisória, que os selos representam eventos preparatórios para a consumação final. Se esses eventos ocorrem imediatamente antes do fim ou se representam condições gerais que prevalecerão durante o período que precede o fim é uma questão mais difícil.

Os selos se assemelham de perto aos sinais dos tempos finais mencionados por Jesus em seu discurso do Monte das Oliveiras ([Mateus 24.1–35](#); [Marcos 13.1–37](#); [Lucas 21.5–33](#)). Esta semelhança com partes importantes do Apocalipse é muito marcante para ser ignorada. Assim, os selos corresponderiam ao “princípio das dores” no discurso do Monte das Oliveiras. Os eventos são semelhantes aos que ocorrem sob as trombetas ([Apocalipse 8.2–11.19](#)) e taças ([15.1–16.21](#)), mas não devem ser confundidos com esses julgamentos tardios e mais severos.

Primeiro interlúdio: os 144.000 israelitas e a multidão vestida de branco ([7.1–17](#))

A mudança de tom do assunto no sexto selo, assim como o atraso até [8.1](#) na abertura do sétimo selo, indicam que o capítulo [7](#) é um verdadeiro interlúdio. João primeiro vê os anjos, que liberarão destruição na terra, contidos até que os 144.000 servos de Deus de cada tribo de Israel sejam selados (v. [1–8](#)). Então ele vê uma multidão inumerável vestida de branco diante do trono de Deus; estes são identificados como aqueles que saíram da grande tribulação (v. [9–17](#)).

Alguns estudiosos separam os dois grupos em judeus e gentios em geral, enquanto outros veem os dois grupos como um só grupo visto de diferentes perspectivas.

A abertura do sétimo selo ([8.1](#))

Após o interlúdio (cap. [7](#)), o selo final é aberto e ocorre silêncio por meia hora no céu para se preparar para o julgamento na terra ou para ouvir os clamores dos mártires na terra (cf. [6.10](#)).

As Seis Primeiras Trombetas ([8.2–11.14](#))

Após uma cena preparatória no céu ([8.2–5](#)), as seis trombetas são tocadas em sucessão ([8.6–9.19](#)), seguidas novamente por um interlúdio ([10.1–11.14](#)).

As seis primeiras trombetas ([8.6–9.21](#))

A opinião diverge, mas pode ser melhor ver os primeiros cinco selos como precedendo os eventos das trombetas e taças. Mas o sexto selo entra no período da manifestação da ira de Deus que é realizada nos julgamentos das trombetas e taças ([6.12–17](#)). Os julgamentos das trombetas ocorrem assim durante o sétimo selo, e os julgamentos das taças ([16.1–21](#)), durante o toque da sétima trombeta. Portanto, há alguma sobreposição, mas também sequência e avanço, entre os selos, trombetas e taças.

Assim como nos selos, há um padrão literário discernível no desenrolar das trombetas. As quatro primeiras trombetas são separadas das três últimas, que são chamadas de “ais” ([8.13](#); [9.12](#); [11.14](#)) e geralmente lembram as pragas no livro de Éxodo.

As três últimas trombetas são enfatizadas e também são chamadas de “ais” ([8.13](#)) porque são muito severas. A primeira delas envolve uma praga incomum de gafanhotos ([9.1–11](#)) e a segunda uma praga de criaturas semelhantes a escorpiões (v. [13–19](#)). Ambas as pragas podem ser melhor vistas como hordas demoníacas (cf. v. [1.11](#)).

O segundo interlúdio: o pequeno livro e as duas testemunhas ([10.1–11.14](#))

O ponto principal do capítulo [10](#) parece ser uma confirmação do chamado profético de João, como o versículo [11](#) indica: “É necessário que você profetize de novo acerca de muitos povos, nações, línguas e reis” (niv). Mais especificamente, o conteúdo do pequeno rolo (livro) pode incluir os capítulos [11](#), [12](#) e [13](#).

O capítulo 11 é notoriamente difícil. Inclui uma referência à medição do templo, do altar e dos adoradores, e ao pisoteamento da Cidade Santa por 42 meses (11.1-2), bem como a descrição dos dois profetas-testemunhas que são mortos e ressuscitados (v. 3-13). As opiniões variam consideravelmente aqui; alguns veem esta visão como retratando a nação judaica restaurada, com os profetas reais Moisés e Elias sendo revividos. Outros veem o templo como a verdadeira igreja sendo protegida por Deus durante a tribulação e as duas testemunhas representando toda a igreja fiel sob perseguição.

A sétima trombeta (11.15-14.20)

A sétima trombeta soa, e no céu vozes altas proclamam o triunfo final de Deus e Cristo sobre o mundo. O tema é o reino de Deus e Cristo — um reino duplo, eterno em sua duração. A imagem sugere a transferência do império mundial antes dominado por um poder usurpador, agora tomado pela mão de seu verdadeiro Dono e Rei. O anúncio do reinado do Rei é feito aqui, mas a quebra final do domínio dos inimigos sobre o mundo não ocorre até o retorno de Cristo (19.11-21).

A mulher e o dragão (12.1-17)

Este capítulo apresenta três figuras principais: a mulher, a criança e o dragão.

Também inclui três cenas principais:

217.o nascimento da criança (versículos 1-6),

218.o dragão sendo expulso do céu (versículos 7-12) e

219.o dragão atacando a mulher e seus filhos (versículos 13-17).

Muitos intérpretes entendem a mulher sob ataque como a comunidade do povo de Deus. A imagem pode primeiro lembrar Israel, que deu à luz o Messias, e depois se estender à comunidade cristã que sofre perseguição.

A mulher é descrita como tendo um parto. Sua dor aponta para as lutas do povo de Deus antes da chegada do Messias e da nova era ([Isaias 26.17; 66.7-8; Miquéias 4.10; 5.3](#)).

As duas bestas (13.1-18)

Virando-se das dinâmicas internas da luta (capítulo 12), o capítulo 13 muda para os instrumentos terrenos reais deste ataque contra o povo de Deus

— ou seja, as duas bestas energizadas pelo dragão. As atividades das duas bestas constituem a maneira como o dragão realiza suas tentativas finais de guerrear contra a descendência da mulher (12.17).

O dragão e a primeira besta entram em uma conspiração para seduzir o mundo inteiro a adorar a besta. Os conspiradores convocam uma terceira figura para ajudá-los — a besta da terra, que deve ser suficientemente semelhante ao Cordeiro para atrair até mesmo os seguidores de Jesus. À medida que a batalha avança, o engano do dragão se torna cada vez mais sutil. Assim, os leitores são chamados a discernir os critérios que lhes permitirão separar a besta semelhante ao cordeiro do próprio Cordeiro (cf. [13.11](#) com [14.1](#)).

A colheita da terra (14.1-20)

Os dois capítulos anteriores preparam os cristãos para a realidade de que, à medida que o fim se aproxima, eles serão perseguidos e sacrificados como ovelhas. Esta seção mostra que seu sacrifício não é sem sentido. No capítulo 7, os 144.000 foram apenas selados; aqui, no entanto, eles são vistos como já libertos. Quando as inundações passam, o Monte Sião aparece alto acima das águas; o Cordeiro está no trono da glória, cercado pelos cânticos triunfantes dos seus; a presença graciosa de Deus enche o universo.

O capítulo 14 responde brevemente a duas perguntas urgentes: O que acontece com aqueles que se recusam a receber a marca da besta e são mortos (v. [1-5](#))? O que acontece com a besta e seus servos (v. [6-20](#))?

As Sete Taças (15.1-19.10)

A série de julgamentos das taças constitui o “terceiro ato”, anunciado em [11.14](#) como “em breve” (veja comentários em [11.14](#)). Essas últimas pragas ocorrem “imediatamente após a tribulação daqueles dias” referida por Jesus no discurso do Monte das Oliveiras e podem muito bem ser o cumprimento de suas palavras apocalípticas: “O sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os corpos celestes serão abalados” ([Mateus 24.29](#), niv).

Preparação: os sete anjos com as sete últimas pragas ([15.1-8](#))

O capítulo 15 está relacionado com o relato do AT do Êxodo e sugere fortemente a tradição litúrgica da antiga sinagoga. O capítulo tem duas visões principais: a primeira retrata os vencedores que

emergiram triunfantes da Grande tribulação (v. 2-4); a segunda relata a saída do templo celestial dos sete anjos vestidos de branco e ouro que seguram as sete taças das últimas pragas (v. 5-8).

A derramamento das taças do juízo ([16.1-21](#))

Esses ocorrem em rápida sucessão com apenas uma breve pausa para um diálogo entre o terceiro anjo e o altar, acentuando a justiça dos castigos de Deus (v. 5-7). Essa rápida sucessão é provavelmente devido ao desejo de João de dar uma visão telescópica das primeiras seis taças e de apressar-se para a sétima, onde ocorre o julgamento muito mais interessante sobre Babilônia, sobre o qual o autor dará um relato detalhado. As três pragas finais são sociais e espirituais em seu efeito e mudam da natureza para a humanidade.

A prostituta e a besta ([17.1-18](#))

Para a maioria dos intérpretes modernos, Babilônia representa a cidade de Roma. A besta representa o Império Romano como um todo, incluindo suas províncias e povos. No entanto, não é suficiente simplesmente identificar Babilônia com Roma. De fato, Babilônia não pode ser confinada a nenhuma manifestação histórica única, passada ou futura; ela tem múltiplos equivalentes (cf. [11.8](#)). Babilônia é encontrada onde quer que haja engano satânico. Babilônia é melhor entendida aqui como a cabeça arquetípica de toda resistência mundana entrincheirada contra Deus. Babilônia é uma realidade trans-histórica que inclui reinos idólatras tão diversos como Sodoma, Egito, Babilônia, Tiro, Nínive e Roma. Babilônia é um símbolo escatológico de engano e poder satânico; é um mistério divino que nunca pode ser totalmente reduzido a instituições terrenas empíricas. Babilônia representa a cultura total do mundo à parte de Deus, enquanto o sistema divino é representado pela Nova Jerusalém. Roma é simplesmente uma manifestação do sistema total.

A queda da grande babilônia ([18.1-24](#))

O capítulo [18](#) contém a descrição do julgamento previamente anunciado sobre a prostituta ([17.1](#)). Sob a imagem da destruição de uma grande cidade comercial, João descreve a queda final da Grande prostituta, Babilônia.

Ação de graças pela destruição de Babilônia ([19.1-5](#))

Em forte contraste com os lamentos das consortes de Babilônia, os coros celestiais irrompem em uma grande liturgia de celebração a Deus.

O casamento do cordeiro ([19.6-10](#))

Finalmente, o ciclo de louvor é completado com os sons reverberantes de outra Grande multidão (v. 6): a multidão redimida (cf. [7.9](#)). Eles proferem o Hallel final em palavras que lembram os Grandes salmos reais ([Salmos 93.1; 97.1; 99.1](#)).

A visão do retorno de cristo e a consumação da era ([19.11-20.15](#))

As primeiras e segundas últimas coisas: o cavaleiro no cavalo branco e a destruição da besta ([19.11-21](#))

Esta visão, que descreve o retorno de Cristo e a derrota final da besta, pode ser vista como o clímax da seção anterior (v. [1-10](#)) ou como a primeira de uma série final de sete últimas coisas — ou seja, o retorno de Cristo; a derrota da besta; o aprisionamento de Satanás; o Milênio; a liberação e o fim final de Satanás; o último julgamento; e o novo céu, a nova terra, e a nova Jerusalém.

Embora Satanás tenha recebido um golpe mortal na cruz (cf. [João 12.31; 16.11](#)), ele continua a promover o mal e a enganação durante esta era presente (cf. [Efésios 2.2; 1 Tessalonicenses 3.5; 1 Pe 5.8-9; Ap 2.10](#)). No entanto, ele é um governante deposto que agora está sob a autoridade soberana de Cristo. Satanás é permitido continuar seu mal por um curto período até que os propósitos de Deus sejam concluídos. Nesta cena da derrota da besta, seus reis e seus exércitos, João nos mostra a destruição final e rápida dessas forças malignas pelo Rei dos reis e Senhor dos senhores. Eles encontraram seu Mestre nesta confrontação final e totalmente real ([Apocalipse 19.17-21](#)).

As terceira e quarta últimas coisas: O Aprisionamento de Satanás e o Milênio ([20.1-6](#))

O "Milênio" tem sido, há muito tempo, uma das questões mais controversas da escatologia cristã. Apocalipse 20 fala de um reinado de Cristo de mil anos, mas os intérpretes divergem sobre como entendê-lo.

Alguns veem a passagem como descrevendo um futuro reinado terreno de Cristo e seus santos no final desta era presente — esta é a visão pré-milenista, na qual a segunda vinda de Cristo precede o Milênio.

Outros, seguindo a visão amilenista, interpretam os mil anos simbolicamente como o reinado atual de Cristo e seus santos no céu, com o Milênio

abrangendo o tempo entre a ressurreição de Cristo e seu retorno.

Uma terceira posição, o pós-milenismo, sustenta que a propagação do evangelho inaugurará uma longa era de paz e justiça na Terra antes da segunda vinda de Cristo, que conclui o Milênio.

Na visão, Satanás é obrigado a limitar seu poder de enganar as nações (versículos [1-3](#)), e os santos são mencionados como participantes do reinado de Cristo (versículos [4-6](#)). Os pré-milenistas geralmente veem isso como uma prisão literal futura de Satanás e a ressurreição corporal dos crentes para reinar com Cristo na Terra, enquanto os amilenistas veem isso como a restrição presente de Satanás por meio da vitória de Cristo e do reinado espiritual dos crentes com Cristo no céu. Os pós-milenistas geralmente compartilham a interpretação amilenista da prisão de Satanás, mas enfatizam sua concretização na história à medida que o evangelho avança.

A quinta última coisa: A libertação e a destruição final de Satanás ([20.7-10](#))

Em [Ezequiel 38-39](#), “Gogue” refere-se ao príncipe de um exército de invasores pagãos do Norte, especialmente as hordas citas da distante terra de Magogue. No Apocalipse, no entanto, os nomes são simbólicos dos inimigos finais de Cristo enganados por Satanás para atacar a comunidade dos santos.

A sexta última coisa: o julgamento do grande trono branco ([20.11-15](#))

A linguagem da imagem poética captura o caráter passageiro de tudo que é do mundo ([1 João 2.15-17](#)). Agora a única realidade é Deus sentado no trono de julgamento, diante de quem todos devem comparecer ([Hebreus 9.27](#)). Seu veredito é santo e justo (expressado simbolicamente pelo trono branco). Esta visão declara que, embora possa ter parecido que o curso da história da terra correu contrário à sua santa vontade, nenhum único dia ou hora no drama do mundo jamais diminuiu a soberania absoluta de Deus.

A sétima última coisa: o novo céu e a nova terra e a Nova Jerusalém ([21.1-22.5](#))

João aqui revela uma teologia em pedra, ouro tão puro quanto vidro e cor. Imagens arquetípicas abundam. A igreja é chamada de noiva ([21.2](#)). Deus dá aos sedentos “as fontes da água da vida sem custo!” (v. [6](#)). A completude é implícita no número 12 e seus múltiplos (v. [12-14,16-17,21](#)), e a

plenitude na forma cúbica da cidade (v. [16](#)). Joias coloridas abundam, assim como referências à luz e à glória de Deus ([21.11,18-21,23-25; 22.5](#)). Há o “rio da água da vida” ([22.1](#)) e a “árvore da vida” (v. [2](#)). O “mar” desapareceu ([21.1](#)).

Alusões ao AT abundam. A maior parte da imagem de João neste capítulo reflete [Isaías 60](#) e [65](#) e [Ezequiel 40-48](#). João entrelaça a visão de Isaías da nova Jerusalém com a visão de Ezequiel do novo templo. As múltiplas promessas do AT convergindo na mente de João parecem indicar que ele via a nova Jerusalém como o cumprimento de todas essas vertentes de profecia. Há também alusões a [Gênesis 1-3](#): a ausência de morte e sofrimento, a morada de Deus com seu povo como no Éden, a árvore da vida, a remoção da maldição. A criação é restaurada ao seu caráter primitivo.

A conexão desta visão com as promessas aos vencedores nas cartas às sete igrejas ([Apocalipse 2-3](#)) é significativa. Por exemplo, aos vencedores em Éfeso foi concedido o direito à árvore da vida ([2.7](#); cf. [22.2](#)); em Tiatira, o direito de governar as nações ([2.26](#); cf. [22.5](#)); em Filadélfia, o nome da cidade de Deus, a nova Jerusalém ([3.12](#); cf. [21.2,9-27](#)). Em certo sentido, um fio de cada seção principal do Apocalipse aparece nos capítulos [21-22](#).

Conclusão de João ([22.6-21](#))

Com consumada arte, as palavras da introdução ([1.1-8](#)) são novamente ouvidas na conclusão: o livro termina com as vozes do anjo, Jesus, o Espírito, a noiva e, finalmente, João: “Amém. Vem, Senhor Jesus” ([22.20](#)).

Veja também apocalíptico; Daniel, Livro de; Escatologia; João, o Apóstolo.

Apocalíptico

Termo derivado de uma palavra grega que significa “revelação” e usado para se referir a um padrão de pensamento e a uma forma de literatura, ambos lidando com o julgamento futuro (escatologia).

A literatura designada como “apocalíptica” consiste em composições que são ou pretendem ser revelações divinas recebidas por seus autores. As revelações geralmente eram recebidas na forma de visões. Elas eram detalhadamente descritas e acompanhadas por uma interpretação. A segunda metade de Daniel (caps [7-12](#)) está repleta de tais visões, assim como todo o Livro do Apocalipse.

Embora visões revelatórias também ocorressem frequentemente na literatura profética do AT (p. ex., [Is 6](#); [Am 7-9](#); [Zc 1-6](#)), elas eram particularmente proeminentes na literatura apocalíptica e determinavam a forma e a estrutura literária básica dessas escrituras. Às vezes (como em Daniel), a mensagem revelatória era recebida por meio de um sonho pelo vidente apocalíptico. Em outra forma de visão (como em Apocalipse), o apocalíptista era arrebatado para o mundo celestial, onde via e ouvia coisas a serem transmitidas ao mundo dos homens (cf. a experiência de Paulo, [2Co 12.1-4](#)). Frequentemente, o apocalíptista não conseguia entender o significado das visões que recebia. Nessas instâncias, um "anjo intérprete" esclarecia o significado da visão ([Dn 8.15-26; 9.20-27; 10.18-12.4](#); [Ap 7.13-17; 17.7-18](#)).

Dois padrões principais de pensamento escatológico são encontrados na Bíblia, ambos centrados na convicção de que Deus agirá num futuro próximo para salvar seu povo e punir aqueles que os oprimem. Na escatologia profética, a forma dominante no AT, espera-se que Deus aja dentro da história para restaurar o homem e a natureza à condição perfeita que existia antes da queda do homem. Já a escatologia apocalíptica, por outro lado, espera que Deus destrua a antiga ordem imperfeita antes de restaurar o mundo ao paraíso.

Em Israel, a escatologia apocalíptica evidentemente floresceu sob domínio estrangeiro. A partir do início do século VI a.C., a escatologia profética começou a declinar e a escatologia apocalíptica tornou-se cada vez mais popular. O livro de Daniel, escrito durante o século VI a.C., é o exemplo mais antigo de literatura apocalíptica em existência. O livro profético de Malaquias, escrito em algum momento durante o século V a.C., foi o último livro profético israelita. Depois disso, a voz profética se calou em Israel até o surgimento do Cristianismo. Com exceção de Daniel, toda a literatura apocalíptica judaica sobrevivente foi escrita do século III a.C. ao início do século II d.C.

Na literatura apocalíptica, o antagonismo entre Deus e Satanás foi enfatizado de forma acentuada. Todas as pessoas, nações e seres sobrenaturais (anjos, demônios) eram vistos como aliados de Deus ou de Satanás. Embora Satanás sempre tenha sido considerado o adversário de Deus e da humanidade ([Gn 3.1-19](#); [Jó 1.6-12; 2.1-8](#)), seu poder era contido enquanto Israel permanecesse fiel à lei da aliança de Deus. Quando Israel começou a vivenciar o longo pesadelo nacional de

subjulação por inimigos estrangeiros, a realidade da dominação temporária de Satanás sobre o mundo foi trazida com grande força. Embora os escritores apocalípticos lidassem com nações específicas dominando Israel durante uma ou outra época de sua história, essas nações eram vistas como servas de Satanás cuja oposição a Deus (e ao povo de Deus) inevitavelmente resultaria em sua queda.

O pensamento apocalíptico era dominado pela convicção de que, não importa quão ruins as circunstâncias pudesssem estar em determinado momento, Deus e seu povo triunfariam em última instância sobre seus inimigos. O determinismo apocalíptico não era uma convicção fatalista de que tudo acontecia por uma espécie de necessidade sem sentido; ao contrário, ele se apegava à esperança em um Deus soberano que faria seu povo experimentar a vitória final sobre todos os inimigos temporais e espirituais. Muitos apocalipses continham previsões da experiência histórica futura de Israel (ou da igreja cristã), culminando em uma vitória final e decisiva de Deus e seu povo. No sonho de Nabucodonosor interpretado por Daniel, por exemplo, uma série de impérios estrangeiros foi referida sob o simbolismo de várias partes de uma imagem gigantesca construída com diversos materiais; a imagem foi destruída pelo reino de Deus, simbolizado por uma pedra cortada sem mãos de uma montanha ([Dn 2:31-45](#)).

Uma grande diferença entre a escatologia apocalíptica e a escatologia profética era que o apocalipticismo quase sempre previa uma catástrofe cósmica antes da vitória final e decisiva de Deus. Em alguns apocalipses, como o livro de Daniel, esperava-se que Deus interviesse decisivamente no curso da história, subjugar o mal e introduzir o reino de Deus. Em outros, como o Apocalipse de João, Deus primeiro destruiria o mundo antigo antes de criar um completamente novo ([Ap 21.1](#); cf. [2Pe 3.10](#)). A visão geral era que as coisas iriam piorar muito antes de melhorar. Durante a era de ouro da independência israelita (do século X ao VII a.C.), a noção de uma catástrofe futura naturalmente não era enfatizada. No entanto, após a destruição de Jerusalém em 586 a.C., os apocalíptistas pensavam que os problemas dos judeus só poderiam ser revertidos por uma intervenção decisiva e drástica de Deus nos assuntos dos homens e das nações.

Uma noção apocalíptica comum baseada tanto no dualismo quanto no pessimismo era o conceito de

dois “períodos.” “Este período,” que é presente e mal, era dominado por Satanás e seus lacaios, mas “o período vindouro” traria as bênçãos do reino de Deus. Uma constelação de eventos escatológicos serviria para encerrar a velha era e inaugurar a nova era. Quando Paulo falou do “deus deste mundo maligno” ([2Cor 4.4](#)), ele estava na verdade se referindo à dominação de Satanás sobre “este período.”

Outra característica do apocalipticismo era a sua frequente expressão de intenso desejo para que Deus encurtasse os dias maus presentes e rapidamente inaugurasse o reino de Deus. Assim como Daniel pôde perguntar: “Que tempo haverá até ao fim das maravilhas?” ([Dn 12.6](#), ARC), assim também João pôde exclarar: “Vem, Senhor Jesus!” ([Ap 22.20](#)). O desejo pela intervenção rápida de Deus e pela vitória tornou possível manter a esperança em circunstâncias totalmente adversas e encorajou o povo de Deus a conduzir suas vidas de maneira digna do reino vindouro ([2Pe 3.11-13](#); [Ap 21.5-8](#)).

O livro de Daniel é o único apocalipse no cânon do AT das Escrituras, e o livro de Apocalipse é o único apocalipse dentro do cânon do NT. No entanto, muitos apocalipses judaicos e cristãos não canônicos sobrevivem. Os apocalipses judaicos foram escritos entre o final do terceiro século a.C. e o início do segundo século d.C.; os apocalipses cristãos existentes, do segundo ao quarto século d.C. Além disso, muitos padrões e estruturas literárias apocalípticas são encontrados fora da categoria formal de literatura apocalíptica. O discurso do Monte das Oliveiras de Jesus, por exemplo ([Mc 13](#); [Mt 24](#); [Lc 21](#)), frequentemente foi chamado de pequeno apocalipse por estudiosos bíblicos. Em geral, a maioria das características enumeradas abaixo deve estar presente para que uma obra literária seja considerada “um apocalipse”.

Com exceção de Daniel e Apocalipse, a maioria dos apocalipses sobreviventes são pseudônimos, ou seja, foram escritos sob um nome falso. Essa característica é uma constante tão marcante que a literatura apocalíptica é comumente referida como “pseudepígrafos” (“escritos falsos”). Um apocalipse composto (1 Enoque) escrito por vários autores desconhecidos do segundo século a.C. até provavelmente o primeiro século d.C. afirmava ter sido escrito por Enoque, que foi um descendente de Adão ([Gn 5.21-24](#)). Outros apocalipses judaicos foram atribuídos a personagens importantes do AT, como Adão e Eva, Moisés, Isaías, Baruque,

Salomão e Esdras. Como todos foram escritos após o fechamento do cânon do AT, seus verdadeiros autores provavelmente pensaram que a identificação com algum personagem importante do AT era necessária para uma recepção favorável. Os primeiros apocalipses cristãos frequentemente traziam os nomes de figuras importantes como Pedro, Paulo e Tomé.

Veja também Apócrifos para uma discussão sobre cada um dos livros mencionados.

Apócrifos

Livros excluídos do cânon das Escrituras.

Resumo:

- Introdução
- Evangelhos apócrifos
- Atos apócrifos
- Epístolas apócrifas
- Apócrifas apocalípticas
- Títulos específicos de escritos apócrifos

Introdução

Os escritos dos Testamentos Antigo e Novo tendiam a atrair certas composições adicionais na forma de livros, partes de livros, cartas, “evangelhos”, apocalipses e assim por diante. A maioria dos autores escrevia anonimamente, mas alguns apresentavam seus escritos ao público sob o nome de uma figura familiar do AT ou membro da igreja cristã. Várias dessas composições formaram uma pequena, mas importante parte do grande corpo da literatura judaica que surgiu durante o período entre os Testamentos Antigo e Novo. Muito disso foi resultado de agitação religiosa e política, pois os judeus sentiam sua fé e sua própria existência ameaçadas, primeiro pelas influências pagãs da cultura grega helenística, depois pela opressão das forças romanas invasoras.

A maioria dos livros apócrifos também são pseudepígrafos—ou seja, são livros atribuídos a um autor pseudônimo. Em outras palavras, a principal característica desses escritos é a alegação fictícia de que o autor do livro era uma pessoa bíblica (Enoque, Abraão, Moisés, Salomão, Bartolomeu, Tomé, etc.) ou que a revelação contida no livro foi originalmente dada a um personagem bíblico (Adão e Eva, Isaías). Geralmente, os

pseudepígrafos mostram um forte interesse no apocalíptico: a criação do mundo, o futuro de Israel e das nações, a glória de Deus e seus anjos, o reino messiânico e a vida após a morte. Muitos dos pseudepígrafos são escritos judeus que nunca foram aceitos pelas comunidades judaicas ou cristãs. Eles foram escritos por volta da época dos Apócrifos (c. 200 a.C.–d.C. 110), mas pela natureza do conteúdo dos pseudepígrafos, foram reconhecidos apenas por certos grupos. Como alguns desses livros se aproximavam de contrapartes nas Escrituras canônicas, não há dúvida de que em alguns círculos sua autoridade e inspiração eram consideradas semelhantes às das composições escriturísticas veneradas pelos judeus e posteriormente pelos cristãos.

Outros escritos religiosos desse período não reivindicavam ser escrituras. Tais composições preservavam as tradições familiares tanto do Judaísmo quanto do Cristianismo primitivo, embora ocasionalmente as enriquecessem ou embelezassem por meio de lendas e narrativas não históricas. Como muito poucos livros de qualquer tipo estavam em circulação naquela época, os palestinos tendiam a ler qualquer material literário que chegasse às suas mãos. Embora a Torá, ou lei de Moisés, sempre tenha sido reconhecida como o padrão de ortodoxia teológica para os judeus, narrativas de resistência sob perseguição ou relatos de como os inimigos do povo de Deus receberam sua justa recompensa tinham uma atração óbvia para aqueles sob as pressões de uma sociedade pagã.

Da mesma forma, embora os Evangelhos e Epístolas — junto com o AT — compusessem o cânon básico ou lista aprovada de Escrituras para os cristãos, muitas narrativas adicionais chamaram a atenção dos primeiros seguidores de Cristo. Essas composições frequentemente tratavam das supostas atividades de Jesus e seus seguidores, bem como de martírios, revelações e ensinamentos espirituais. Algumas obras continham material que não era apenas não histórico, mas completamente bizarro, enquanto outras refletiam o espírito de Cristo e os ensinamentos apostólicos até certo ponto. Para os primeiros cristãos, assim como para os judeus, o estabelecimento de um cânon formal de escritos sagrados deve ter sido motivado em parte pela necessidade de separar o registro da verdade revelada de outras formas escritas de tradição religiosa, bem como da heresia real.

Escritos que não conseguiram aceitação nos cânones do AT e NT foram descritos nos escritos de

alguns primeiros estudiosos cristãos pelo termo "apócrifos". A palavra grega significa "coisas ocultas", e quando aplicada a livros, descrevia aquelas obras que as autoridades religiosas desejavam ocultar do público leitor. A razão era que tais livros eram considerados como contendo conhecimento misterioso ou secreto, significativo apenas para o iniciado e, portanto, inadequado para o leitor comum. Mas a palavra "apócrifos" também foi aplicada em um sentido menos elogioso a obras que mereciam ser ocultadas. Tais obras continham doutrinas prejudiciais ou ensinamentos falsos calculados para perturbar ou perverter, em vez de edificar aqueles que as liam. A supressão de escritos indesejáveis era comparativamente fácil em uma época em que apenas algumas cópias de qualquer livro estavam em circulação em um determinado momento.

No final do primeiro século d.C., uma distinção clara estava sendo feita nos círculos judaicos entre escritos adequados para uso pelo público em geral e obras esotéricas que deveriam ser restritas aos conhecedores e iniciados. Assim, em [2 Esdras 14.1–6](#), o escritor relata como Esdras foi supostamente instruído por Deus a publicar abertamente certos escritos (entre eles a Torá) e manter outros em segredo (ou seja, tradições apocalípticas que tratam do fim iminente da era). Em [2 Esdras 14.42–46](#), é feita referência a 70 livros, evidentemente material não canônico, escritos após os 24 livros do cânon hebraico.

O uso do termo "apócrifos" para significar "não canônico" remonta ao quinto século d.C., quando Jerônimo insistiu que os livros encontrados na Septuaginta e nas Bíblias Latinas que não ocorriam no cânon dos escritos hebraicos do AT deveriam ser tratados como apócrifos. Eles não deveriam ser totalmente desconsiderados, já que faziam parte da grande produção contemporânea da literatura nacional judaica. Ao mesmo tempo, não deveriam ser usados como fontes para a doutrina cristã, mas, no máximo, para leitura suplementar de natureza edificante ou inspiradora.

Teólogos protestantes geralmente seguiram a tradição estabelecida por Jerônimo, considerando os apócrifos do AT como o excesso do cânon da Septuaginta sobre as Escrituras Hebraicas. Quando a Bíblia Hebraica começou a ser traduzida para o grego no Egito durante o reinado de Ptolomeu II (285–246 a.C.), os estudiosos envolvidos incluíram vários livros que, embora permanecessem fora da lista geralmente aceita de escritos canônicos hebraicos, ainda tinham relevância para a história

e sociedade judaica. Esse procedimento refletia atitudes contemporâneas na Palestina, onde muitas pessoas não tentavam separar escritos canônicos de outras formas de literatura religiosa. A decisão tomada pelas autoridades judaicas sobre o que considerar como Escritura canônica naturalmente influenciou o que constituiria os apócrifos do AT.

Evidências textuais representadas por certos manuscritos e fragmentos das cavernas do Mar Morto tornam razoavelmente certo que os últimos escritos hebraicos canônicos foram concluídos várias décadas antes da época em que Alexandre, o Grande (356–323 a.C.) iniciou suas conquistas no Oriente Próximo. No entanto, o processo pelo qual essas composições foram aceitas como canônicas foi mais prolongado. Somente quando foram circuladas, lidas e avaliadas favoravelmente em comparação com a espiritualidade da Torá, foram-lhes atribuídas canonicidade geral. Assim, a distinção entre os escritos canônicos e apócrifos surgiu tanto pelo uso e consentimento geral por parte do judaísmo ortodoxo quanto por qualquer outro meio. Estudos anteriores sugeriram que o chamado Concílio de Jâmnia, realizado na Palestina por volta de 100 d.C., foi responsável por elaborar uma lista de livros do AT adequados para uso pelos fiéis. No entanto, estudos subsequentes lançaram considerável dúvida sobre a historicidade de tal concílio, ao mesmo tempo mostrando que as autoridades judaicas daquele período consideravam seus escritos não canônicos mais um obstáculo do que uma ajuda à devoção.

Os livros que os judeus consideravam especificamente fora do cânon, e portanto apócrifos, são os seguintes: 1 Esdras; 2 Esdras; Tobias; Judite; as adições a Ester; a Sabedoria de Salomão; Eclesiástico; Baruque; a Carta de Jeremias; as adições ao livro de Daniel (a Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens, Suzana, Bel e o Dragão); a Oração de Manassés; 1 Macabeus; e 2 Macabeus. Vários manuscritos da Septuaginta incluíam algum material pseudohistórico sob os títulos de 3 e 4 Macabeus. Portanto, até mesmo os Apócrifos variavam um pouco em conteúdo, dependendo da tradição manuscrita seguida. Entre os primeiros estudiosos cristãos, também havia alguma diferença de opinião sobre os limites precisos das Escrituras Hebraicas canônicas, e portanto do material apócrifo. Uma ruptura séria com a tradição hebraica e rabínica ocorreu com os escritos de Agostinho, que avançou a visão de que os livros dos Apócrifos tinham autoridade igual aos outros escritos das Escrituras Hebraicas e Cristãs

canônicas. Algumas vozes dissidentes foram levantadas em apoio à posição de Jerônimo, mas as opiniões de Agostinho foram abraçadas pelo Concílio de Trento (1546) e se tornaram o ensino oficial da Igreja Católica Romana.

A Igreja Católica Romana inclui as seguintes obras como parte das Escrituras Deuterocanônicas: Tobias; Judite; as adições a Ester; a Sabedoria de Salomão; Eclesiástico, ou a Sabedoria de Jesus Ben Siraque; Baruque; as adições ao livro de Daniel (a Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens, Suzana, Bel e o Dragão); 1 Macabeus; e 2 Macabeus. (Artigos sobre cada uma dessas estão intercalados ao longo deste dicionário.)

Os cristãos do período do NT já estavam familiarizados com obras apócrifas judaicas, incluindo as especulações apocalípticas encontradas em 2 Esdras. Portanto, não foi surpreendente que um corpo semelhante de literatura surgisse em torno de suas próprias Escrituras quando começaram a ser compostas e circuladas. Os apócrifos do NT, no entanto, como seu equivalente do AT, só poderiam ser considerados em relação a um cânon estabelecido de escritos sagrados. Como o catálogo mais antigo de escritos do NT, o cânon Muratoriano, não foi compilado até cerca de 200 d.C., um período considerável de tempo se passou antes que uma declaração oficial da igreja pudesse aparecer sobre o que seria considerado apócrifo do NT. Enquanto isso, uma grande variedade de materiais de natureza predominantemente religiosa apareceu, pretendendo ser ortodoxa em natureza e lidando com vários aspectos do cristianismo histórico. Como os eventos se desenrolaram, essa literatura apócrifa frustrou os propósitos que pretendia servir.

Evangelhos apócrifos

Uma grande classe de apócrifos são os evangelhos apócrifos. Esses escritos preservaram histórias sobre Cristo e alguns ensinamentos, mas sendo principalmente fantasiosos por natureza, nunca se tornaram canônicos. Existem três grandes classes:

1. Um tipo semelhante aos Evangelhos sinóticos, representado pelo Evangelho de Pedro e o Evangelho dos Egípcios, assim como fragmentos de papiro incluindo Oxirrinco (ou, Oxyrhynchus) 840 e o Papiro Egerton 2. Outras coleções de ditos em papiro mostram afinidades com os Evangelhos canônicos.

2. Evangelhos que disseminaram o gnosticismo, uma heresia do segundo século d.C. que enfatizava o conhecimento filosófico (*gnose*) do cosmos e do homem. Eles frequentemente estão na forma de diálogos entre Jesus e seus discípulos, como o Evangelho Copta de Tomé, o Apócrifo de João, a Sabedoria de Jesus Cristo e o Diálogo do Redentor. Nesta categoria também estão aqueles “evangelhos” atribuídos aos Doze como um grupo, como por exemplo o Memórias dos Apóstolos.

3. Evangelhos da infância, que pretendem fornecer informações desconhecidas de natureza lendária sobre os primeiros anos de Cristo. Evangelhos da paixão também se enquadram nesta categoria. Essas narrativas foram escritas para satisfazer a curiosidade sobre o nascimento e a infância de Cristo ou para embelezar os relatos canônicos de sua crucificação e ressurreição.

Devido à escassez de informações sobre assuntos como a infância, adolescência e juventude de Jesus, os evangelhos da “infância” pretendem fornecer ao leitor o que se destinava a passar por fato histórico. Muito do material, no entanto, estava inteiramente no reino da fantasia e nunca poderia ter sido aceito como fato por qualquer leitor inteligente. Por exemplo, no Evangelho de Tomé, o Jesus de cinco anos é acusado de quebrar o sábado ao fazer pardais de barro ao lado de um riacho. Quando seu pai José investiga a situação, Jesus bate palmas e os pássaros de barro ganham vida e voam cantando.

Os evangelhos de “Paixão” foram escritos para embelezar os relatos canônicos da crucificação e ressurreição de Cristo. Como suplementos ao ensino cristão, muitos dos escritos apócrifos pareciam proclamar ideias que estavam, na verdade, fora do escopo da doutrina do NT. Tentativas de preencher os “anos ocultos” da vida de Cristo não tinham qualquer fundamento nas tradições dos Evangelhos. Obras que tratavam do estado final dos incrédulos foram embelezadas de uma maneira que ia muito além de qualquer coisa declarada no NT. Em alguns casos notáveis, como nos escritos de várias seitas gnósticas, os autores se propuseram deliberadamente a propagar ensinamentos heréticos que haviam aceitado sob a autoridade de alguma figura apostólica. O Evangelho de Tomé, recuperado por volta de 1945 de Nag Hammadi (da aldeia de Quenobósquio, ou Chenoboskion) perto do Rio Nilo, é um exemplo de uma tentativa de perpetuar ditos e dogmas curiosos, atribuindo-os a Jesus, para que recebessem ampla divulgação e aceitação.

Atos apócrifos

Existem também alguns atos apócrifos, que são supostamente relatos de feitos apostólicos não registrados nas Escrituras. Tais “atos” são a fonte de muitas tradições, como a de Pedro ser crucificado de cabeça para baixo e a missão de Tomé na Índia. A confiabilidade das tradições é questionável porque os escritos contêm material claramente não ortodoxo. No entanto, pequenos fragmentos de informações precisas podem estar embutidos nesta massa de literatura em grande parte fictícia.

Devido ao seu caráter frequentemente herético, a igreja consistentemente reagiu contra tais livros, às vezes até exigindo que fossem queimados (por exemplo, no Concílio de Niceia de 787). Os Atos de João retratavam Jesus conversando com João no Monte das Oliveiras durante a crucificação, explicando que era apenas um espetáculo. Nos Atos de Tomé, Jesus apareceu na forma de Tomé, exortando um casal recém-casado a se dedicar à virgindade. A abstinência sexual era um tema dominante, refletindo ideias platônicas, que menosprezavam o corpo físico.

Muitos estudiosos datam a obra mais antiga, os Atos de João, antes de 150 d.C. Os principais Atos (de João, Paulo, Pedro, André e Tomé) foram provavelmente escritos durante os séculos segundo e terceiro. Estes deram origem a outros “atos” que eram principalmente histórias de milagres, escritas mais para entreter do que para ensinar.

Epístolas apócrifas

Uma série de obras apócrifas são classificadas como epístolas. Essas obras geralmente pseudônimas originaram-se de muitos períodos de tempo amplamente separados. Muitas outras obras apócrifas são apocalípticas por natureza. Essas obras são complementadas por materiais como as Constituições Apostólicas e Cânones. Acrescentadas a essas estão as composições gnósticas encontradas em Nag Hammadi, que incluem obras que pretendem representar os ensinamentos de Cristo, bem como instruções “secretas” compiladas pelos escritores gnósticos e algumas composições apócrifas.

Apócrifos apocalípticos

Outro grupo poderia ser chamado de apócrifos apocalípticos. O termo “Apocalipse” significa “divulgação” ou “revelação”, um termo geralmente

aplicado à literatura cristã que se assemelhava ao Apocalipse de João, que se designa como um apocalipse (revelação) em [Apocalipse 1.1](#). A prática de escrever sob o nome de uma figura ilustre do passado, ou pseudônima, era um dispositivo característico usado pela maioria dos autores desconhecidos de apocalipses judaicos e cristãos (o Apocalipse de João é uma exceção notável). Apocalipses judaicos foram atribuídos a figuras antigas como Adão, Enoque, Abraão, Moisés, Esdras e outros. Da mesma forma, apocalipses cristãos escritos no segundo século d.C. e posteriormente foram atribuídos a figuras importantes do cristianismo primitivo, como Pedro, Tomé, Tiago e outros.

Nos tempos do NT, surgiram no judaísmo certos círculos que desenvolveram uma visão apocalíptica da história. Eles forneceram escritos como as cinco partes de 1 Enoque, a Assunção de Moisés, 2 Esdras e o Apocalipse de Baruque. Esses livros são importantes para o estudo do NT, pois fornecem uma ponte entre os conceitos do reino de Deus do AT e do NT.

Os apocalipses foram escritos para responder aos problemas da teodiceia (a justiça de Deus). Após os dias de Esdras, a lei assumiu um papel mais importante na vida do povo do que antes. Nos tempos proféticos, Israel repetidamente apostatou da lei e adorou deuses estrangeiros. A mensagem principal dos profetas era desafiar Israel a se reconciliar com Deus e se voltar em arrependimento para cumprir a lei. Após Esdras e ao longo dos tempos do NT, Israel foi obediente à lei como nunca antes. Os judeus abominavam a idolatria e adoravam fielmente a Deus. Ainda assim, o reino não veio. Em vez disso, veio a temível perseguição nos tempos macabeus por Antíoco IV Epifânio, o domínio mundano dos hasmoneus, Pompeu e a hegemonia romana, e em 66–70 d.C., o cerco e destruição de Jerusalém. Onde estava Deus? Por que ele não libertou seu povo fiel? Por que o reino não veio? Os apocalipses foram escritos para responder a perguntas como essas.

Um dos elementos mais importantes na religião apocalíptica é um dualismo explícito, expresso como "esta era" e "a era vindoura". Os profetas contrastaram o tempo presente com o futuro quando o reino de Deus seria estabelecido. Os apocalípticos radicalizaram esse contraste. Duas vezes encontramos fragmentos desse tipo de expressões idiomáticas em 1 Enoque. Encontramos essas expressões totalmente desenvolvidas em 2 Esdras e o Apocalipse de Baruque (final do

primeiro século d.C.). "O Altíssimo não fez uma era, mas duas" ([2 Esdras 7.50](#)); "o dia do julgamento será o fim desta era e o começo da era imortal que está por vir" ([2 Esdras 7.113](#)); "esta era o Altíssimo fez para muitos, mas a era vindoura para poucos" ([2 Esdras 8.1](#); veja também Apocalipse de Baruque 14.13; 15.7; *Pirke Aboth* 4.1,21–22; 6.4–7). Além disso, a transição desta era para a era vindoura só pode ser realizada por um ato cósmico de Deus. No apócrifo Assunção de Moisés não há personagem messiânico; é Deus sozinho quem vem redimir Israel. Nas Similitudes de Enoque, a transição é realizada com a vinda de um Filho do Homem celestial e preexistente. Em 2 Esdras encontramos uma fusão dos conceitos de Messias Davídico e o Filho do Homem.

Apocalíptica difere da religião profética do AT em que é pessimista em relação à era presente. Seria errado descrever os apocalipses como ultimamente pessimistas, pois sua mensagem básica é que, no devido tempo, Deus intervirá e salvará seu povo. Mas, para o momento presente, enquanto esta era durar, ele se afastou de intervir nos assuntos de Israel. A era presente está sob o poder de forças angelicais e demoníacas malignas e é irremediavelmente má. Deus abandonou esta era ao mal; a salvação só pode ser esperada na era vindoura.

Os apocalípticos perderam completamente a tensão entre história e escatologia. Eles não esperavam mais nenhuma libertação nesta era. Deus havia, de fato, se tornado o Deus do futuro, não do presente.

Nas visões de sonhos de Enoque (1 Enoque 83–90), Deus guiou fielmente Israel ao longo de sua história. Então Deus retirou sua liderança pessoal, abandonou o templo e entregou seu povo para ser rasgado e devorado. Deus "permaneceu impassível, embora visse, e se alegrou que eles fossem devorados, engolidos e roubados, e os deixou para serem devorados na mão de todas as feras" (1 Enoque 89.58). Após o cativeiro babilônico, Deus foi concebido como inativo na história. A história foi entregue ao mal. Toda a salvação foi lançada no futuro.

Estudos comparativos mostraram que os escritos apócrifos do NT preservam, no melhor dos casos, uma série de tradições degradadas sobre o fundador e os ensinamentos do cristianismo primitivo. No pior dos casos, as narrativas são totalmente desprovidas de valor histórico e, em alguns aspectos, são totalmente alheias à espiritualidade do NT. Mesmo quando parecem

apoiar uma tradição corrente em alguma parte da igreja primitiva, as evidências que apresentam são inferiores ao que muitas vezes pode ser obtido de outras fontes. Às vezes, as composições são tão triviais e inconsequentes que é difícil explicar sua sobrevivência. Certos escritos apócrifos de fato se perderam e agora são conhecidos apenas na forma de citações em obras maiores.

No entanto, as composições apócrifas do NT são importantes para indicar o que era atraente para as pessoas comuns da época. Para elas, um elemento romântico parecia necessário para complementar o corpo da verdade espiritual recebida. Certas histórias contadas eram vívidas e imaginativas, e outras, como os apocalipses, proporcionavam uma forma de escapismo das duras realidades temporais. Não importa qual fosse a sua natureza, os escritos apócrifos do NT exerceram uma influência desproporcional ao seu valor fundamental.

Títulos específicos de escritos apócrifos

Abdias, História apostólica de

Coleção de material extraído de escritos canônicos e apócrifos sobre as vidas dos apóstolos, incluindo Paulo. Abdias, um bispo inicial da Babilônia, foi supostamente o autor desta história que provavelmente foi compilada a partir de uma variedade de fontes no sexto século d.C. na França. Estes "atos" apócrifos, divididos em 10 livros, originalmente circulavam em grego como volumes individuais que foram coletados em um só quando uma versão em latim foi feita. O conteúdo é geralmente considerado como folclore ou lenda, mas tem algum valor onde nenhuma outra fonte está disponível.

Abdias, um contemporâneo dos apóstolos, pode ter visto Cristo e supostamente viajou extensivamente com Simão e Judas. Não há base histórica para considerar Abdias como o autor do texto hebraico, ou para acreditar que seu discípulo Eutrópio o traduziu para o grego ou que Africano traduziu o grego para o latim — embora o prefácio da versão latina faça essas afirmações.

Abgarus, Cartas de Cristo e

Apócrifo composto por duas cartas curtas, uma supostamente escrita pelo rei sírio Abgar (Abgarus), a outra supostamente uma resposta de Jesus. Eusébio afirmou ter encontrado o material nos arquivos de Abgar em Edessa e traduziu-o do

sírio para o grego juntamente com um relato das façanhas do discípulo Tadeu.

Segundo a lenda, Abgar, sofrendo de uma doença grave, ouve falar dos milagres de Jesus e envia um mensageiro com uma carta pedindo a Jesus que venha curá-lo. Ao mesmo tempo, oferece a Jesus um refúgio da perigosa oposição dos judeus em Jerusalém. Em uma resposta escrita (mais tarde alterada para uma oral para cumprir a tradição de que não existiam escritos de Jesus), Jesus recusa a oferta de refúgio, mas promete que após sua ascensão atenderá ao pedido de cura de Abgar enviando um discípulo a ele. Tadeu, um dos Doze, é enviado a Edessa, o rei é curado e a comunidade se converte ao cristianismo. Em uma versão ligeiramente diferente na Doctrina Addaei (cerca de 400 d.C.), é dada uma resposta oral, e o mensageiro retorna com um retrato de Jesus que é exibido proeminentemente no palácio de Abgar.

A lenda é essencialmente semelhante à descrita nos Atos Gregos de Tadeu (século quinto ou sexto d.C.), exceto que neste último Ananias retorna com um lenço no qual está uma impressão milagrosa do rosto de Cristo.

Abraão, Apocalipse de

Documento judaico existente em textos eslavônicos antigos que remontam através do grego a um original hebraico ou aramaico.

O Apocalipse de Abraão começa com Abraão se afastando da idolatria. Incorporando antigas tradições rabínicas da juventude de Abraão, descreve seu despertar para o chamado de Deus e sua consciência de que Deus era único e santo. Um anjo chamado Jaoel (ou, Iaoel), cujas funções e poderes são retirados do folclore rabínico, leva Abraão ao sétimo céu, onde ele vê coisas passadas e coisas que ainda estão por vir. Ele vê a tentação de Adão e Eva através do pecado sexual e o assassinato de Caim. Azazel, um ser maligno, desempenha o papel de Satanás. Esses detalhes provavelmente refletem uma tradição de que Abraão foi o autor dos primeiros documentos da Bíblia. A revelação então se volta para o futuro e mostra a destruição do templo, pragas sobre os pagãos e a vinda do Messias. É provável que o documento composto tenha tomado forma final na última geração do primeiro século d.C.

Fiel ao seu caráter revelado em Gênesis, Abraão levanta a questão do mal e por que Deus tolera o rebelde Azazel. Ele recebe a resposta de que o mal tem sua origem no livre arbítrio do homem. Este

Apocalipse mostra como os judeus fiéis lutaram para entender o problema do mal durante um tempo de grande sofrimento no judaísmo. Também ilustra a curiosa “doutrina dos anjos” daquele período. Tanto a edição gnóstica quanto a cristã do texto foram notadas por alguns estudiosos.

Abraão, Testamento de

Escritos apócrifos judaicos descrevendo a morte de Abraão. No testamento, quando o anjo Miguel vem para levar a alma de Abraão, Abraão se recusa a morrer. Relutante em insistir na morte do velho, Miguel atende ao seu pedido de ver toda a criação antes de morrer. O anjo transporta Abraão de carruagem para os céus para que ele possa observar a humanidade. Abraão fica tão chocado com a perfídia da humanidade que amaldiçoa os pecadores, que morrem imediatamente. Ele então observa o julgamento de uma alma, e embora os anjos participem do julgamento, ele nota que o juiz presidente é Abel. Os méritos e deméritos da alma parecem igualmente equilibrados, mas devido à intervenção de Abraão, o julgamento é favorável. Abraão então percebe a gravidade de sua maldição aos pecadores, mas o anjo informa que a morte prematura daqueles que ele havia amaldiçoado foi o meio de expiação por seus pecados.

Após seu retorno à terra, Abraão novamente se recusa a morrer. A morte aparece em todo o seu horror e mata 7.000 servos de Abraão (que são posteriormente ressuscitados), mas o santo idoso ainda não morre. Finalmente, a Morte agarra a mão de Abraão e os anjos elevam seu espírito aos céus.

O relato é encontrado em vários manuscritos gregos, o mais antigo talvez datando do século treze d.C., assim como em eslavo, romeno, árabe, etíope e copta. A língua original provavelmente era hebraico, do primeiro século d.C., com a obra possivelmente traduzida para o grego por um cristão. O testamento também existe em uma versão mais curta na qual Deus vem para elevar a alma de Abraão durante um sonho. Não há tentativa na obra de fazer uma declaração teológica, mas a representação do anjo Miguel e da Morte são típicas do pensamento judaico do primeiro século.

Atos apócrifos

Escritos que supostamente são relatos de feitos apostólicos não registrados nas Escrituras.

Atos de Pilatos

Veja Pilatos, Atos de (abaixo).

Adão, Apocalipse de

Um dos melhores exemplos de literatura apocalíptica gnóstica. Em 1946, um trabalhador rural descobriu vários textos antigos em uma caverna a cerca de 10 quilômetros ao norte da cidade egípcia de Nag Hammadi. A descoberta incluiu 13 códices (precursores dos livros encadernados) de origem cristã e não cristã. A descoberta não foi imediatamente divulgada, então foi somente em 1958 que um estudioso francês, Jean Doresse, revelou ao público a existência do Apocalipse de Adão. O Apocalipse está escrito em copta e é a última das cinco obras no Códice V.

Embora a verdadeira identidade do autor seja desconhecida, o subtítulo atribui espúriamente o livro a Adão ou Sete: “Um Apocalipse que Adão revelou a seu filho Sete no ano setecentos”. Sete era frequentemente colocado no papel de transmissor da verdade pelos escritores da literatura gnóstica (por exemplo, o Evangelho dos Egípcios, a Paráfrase de Sem).

A cópia mais antiga existente do Apocalipse de Adão é datada de cerca de 300 a 350 d.C., embora possa ter sido escrita muito antes. Suas frequentes referências gnósticas, sua dependência da história judaica e suas alusões ao batismo levaram alguns estudiosos a postular uma origem nas seitas judaicas batistas dos primeiros e segundos séculos. Também existem paralelos entre esta obra e a literatura maniqueísta do terceiro século (uma vertente do gnosticismo).

O Apocalipse de Adão é de grande importância para os estudantes das origens cristãs. Durante muitos anos, estudiosos debateram se a religião gnóstica era um desdobramento herético do cristianismo ou se era um movimento de origens independentes. Alguns estudiosos argumentaram que o Apocalipse de Adão é um exemplo de um gnosticismo inicial e independente. Se isso se provar verdadeiro, o debate certamente será simplificado.

Além de sua introdução e conclusão, o Apocalipse de Adão pode ser dividido em três partes: o resumo de Adão sobre eventos passados significativos, predições de tentativas de eliminar a humanidade pelo deus criador maligno e predições sobre a vinda do Iluminador que mostrará ao seu povo o caminho para o verdadeiro Deus.

O Apocalipse começa com Adão, supostamente em seu leito de morte, revelando os segredos futuros do povo gnóstico a Sete. Estes foram comunicados a ele de forma mística por três seres angelicais. Adão lamenta sua condição de escravidão perpétua ao deus criador maligno, causada pela queda e pela subsequente perda de gnose (conhecimento) da humanidade. Típico da literatura gnóstica, uma distinção clara é feita entre o deus criador maligno que governa a terra e o verdadeiro Deus do universo, cujo conhecimento traz vida autêntica. Adão prevê que o deus criador tentará destruir a humanidade por ciúmes com um dilúvio (a história de Noé) e com fogo (a história de Sodoma e Gomorra) e, assim, impedir que a humanidade conheça o verdadeiro Deus. Essas tentativas, no entanto, serão frustradas pela intervenção de seres angelicais enviados pelo Deus da verdade. Finalmente, o verdadeiro Deus enviará o Iluminador que ensinará a gnose à humanidade para que possam conhecê-lo. O deus criador tentará derrotar o Iluminador, mas só conseguirá ferir seu corpo físico. Com a mensagem do Iluminador prevalecendo, a humanidade se afastará do deus criador e buscará o verdadeiro Deus através da gnose.

Veja também Gnosticismo.

Adão, Livros apócrifos de

Relato da vida e morte de Adão e Eva registrado em latim, e em uma versão grega conhecida como o Apocalipse de Moisés. Outras versões menores de origem cristã primitiva também existem. Como outros escritos apócrifos, a obra é fantasiosa e de autoria desconhecida.

De acordo com o relato latino, após sua expulsão do Paraíso, Adão e Eva estão com fome e incapazes de encontrar comida por sete dias. Em desespero, uma Eva penitente, assumindo a responsabilidade por provar o fruto proibido, sugere que Adão a mate. Ele se recusa, e após uma busca, eles sobrevivem comendo a comida dos animais. Adão sugere que, como penitência, eles devem ficar jejuando dentro do rio, com água até o pescoço por 40 dias, ele no Tigre, ela no Jordão. Após 18 dias, Satanás vem a Eva disfarçado de anjo, diz a ela que o Senhor aceitou sua penitência e a persuade a sair do rio. Indo ao Tigre, onde Adão está, Eva percebe que foi Satanás quem havia falado com ela. Satanás então explica que a razão de sua queda foi sua recusa em adorar o homem, um ser inferior.

O arcanjo Miguel é então enviado a Adão com sementes para que ele aprenda a cultivar a terra.

Em um sonho, Eva vê Caim matar Abel, e na tentativa de evitar o assassinato separando os irmãos, Caim é feito agricultor e Abel pastor. Subsequentemente, um terceiro filho, Sete, nasce. Adão recebe uma mensagem de Deus de que ele deve morrer porque obedeceu à palavra de sua esposa em vez das instruções de Deus. Quando Adão está mais tarde com dor e perto da morte, ele explica a Sete que Satanás havia tentado Eva a comer o fruto proibido e que ela, por sua vez, o persuadiu a prová-lo. Sete e Eva viajam até os portões do Paraíso para implorar a Deus pela vida de Adão. No caminho, Sete é atacado e mordido por uma cobra. No Paraíso, Miguel explica a eles que Adão deve morrer. Sete observa o enterro de Adão e Abel.

Antes da morte de Eva na semana seguinte, ela pede a Sete que faça um registro das vidas de seus pais em tábua de pedra e argila, para que, se o Senhor mostrar sua ira com o mundo pela água, a argila se dissolva e a pedra permaneça; se for pelo fogo, a pedra se quebrará e a argila ficará endurecida. Eva também avisa Sete para lamentar por apenas seis dias e não no sábado.

O texto da versão grega é semelhante ao da latina, exceto que a versão grega inclui uma descrição da resurreição de Adão (adicionada posteriormente à latina) e um relato detalhado por Eva de sua tentação e queda. O sepultamento de Adão e a recusa inicial da terra em aceitar o corpo do Abel assassinado também são descritos de forma elaborada na narrativa grega. Ambas as versões provavelmente derivaram de originais hebraicos datados do primeiro século d.C..

Ahiqar, Livro de

Conto folclórico do Oriente Próximo do sexto ou sétimo século a.C. mostrando a recompensa da ingratidão. Segundo a história, Ahiqar, secretário de Senaqueribe, rei da Assíria, era renomado por sua sabedoria. Sem filhos, embora tivesse 60 esposas, Ahiqar adotou o filho de sua irmã, Nadan, e o criou para ser seu sucessor na corte de Senaqueribe. Ahiqar educou diligentemente seu filho adotivo, que, no entanto, se revelou mau e até forjou documentos para condenar seu benfeitor à morte. Ahiqar foi poupadão graças à sua amizade com o carrasco e foi escondido até que a ira do rei esfriasse. Mais tarde, quando Senaqueribe teve a oportunidade de desejar sua sabedoria, Ahiqar foi trazido à cena, com cabelos longos, desgrenhado e com unhas como garras de águia. Mais uma vez no favor do rei, Ahiqar repreendeu severamente seu

sobrinho inescrupuloso. Em resposta à repreensão de Ahiqar, o corpo de Nadan inchou e seu estômago se abriu.

A história de Ahiqar tem paralelos interessantes com os livros de sabedoria do AT e também com algumas das parábolas de Jesus. Referências a Ahiqar ocorrem no livro apócrifo de Tobias, no filósofo grego Demócrito, nos apocalípticos Testamentos dos Doze Patriarcas, bem como no Alcorão. A história, originalmente em aramaico, também sobrevive em siríaco, árabe, armênio, etíope e grego, embora com variações consideráveis nas versões.

Fragmento de Akhmim

Documento encontrado em uma tumba em Akhmim no Egito e contendo o apócrifo Evangelho de Pedro. Veja Pedro, Pregação de (abaixo).

Alógenes Supremo

Trabalho gnóstico ("O Estranho Altíssimo"), descoberto em 1946 em uma urna perto de Nag Hammadi (Egito). O historiador neoplatônico Porfírio, assim como escritos cristãos síriacos posteriores contra a heresia, mencionaram as obras de Alógenes (cujo nome significa "estrangeiro" ou "forasteiro"). Alógenes Supremo, um "apocalipse" gnóstico escrito em copta, contém um relato da criação do mundo superior, exaltando Barbelo, a mãe celestial. A cópia existente foi feita durante o quarto século, mas o original pode datar do segundo século.

André, Atos de

Obra apócrifa descrevendo supostos milagres e o martírio na Grécia do apóstolo André, irmão de Pedro. Seu tema é a virtude de se afastar do materialismo e dos valores transitórios do mundo para um ascetismo associado à dedicação da vida a Deus. O fragmento mais antigo disponível está no Vaticano. O original provavelmente data do segundo século d.C. e era provavelmente longo, verboso e tedioso. Sentindo que tinha mérito, Gregório de Tours no século sexto escreveu um relato conciso dos milagres de André a partir de um original, agora perdido. O relato do martírio de André provavelmente circulou separadamente.

Entre os muitos milagres que Gregório registrou, havia um concernente a Exoos, um jovem nobre de Tessalônica, que, tendo ouvido sobre a pregação e milagres de André, vai até ele em Filipos, se converte e permanece com ele. Percebendo que o

suborno era inútil e recusando-se a ouvir André, os pais do jovem incendeiam a casa onde os cristãos estão hospedados. Enquanto as chamas rugem, Exoos ora para que o Senhor extinga o fogo e o borrifa com água. Então as chamas se apagam. Os pais e a multidão, alegando que o jovem agora é um feiticeiro, sobem escadas para entrar na casa e matar os habitantes, mas Deus cega os intrusos. Embora seja noite, uma luz brilha da casa, a visão é restaurada àqueles que foram cegados, e todos, exceto os pais do jovem, se convertem. Os pais morrem logo depois, e Exoos permanece com André, gastando sua herança com os pobres. Retornando a Tessalônica, Exoos cura um homem que estava paralisado há 23 anos e, posteriormente, Exoos e André realizam mais milagres e pregam ao povo.

Em Patras, a serva de Maximilia, esposa do procônsul Ageates, vem até André e implora que ele cure sua senhora, cuja febre é tão grave que seu marido está ao lado da cama ameaçando se matar com uma espada no momento em que ela morrer. Dizendo ao procônsul para guardar sua espada, André pega a mão de Maximilia e a febre a deixa. Pedindo comida para ela, André então recusa a oferta de Ageates de 100 peças de prata. Depois de realizar muitos milagres na cidade, André recebe uma mensagem de Maximilia para vir e curar o escravo do irmão do procônsul, Estratocles. O Apóstolo restaura a saúde do menino, e seu mestre acredita.

Maximilia, para a fúria de seu marido, passa um tempo considerável ouvindo a pregação de André e também se converte. Ela então se recusa a dormir com seu marido e uma noite até substitui-se por uma serva. Detalhes dos eventos subsequentes são encontrados no relato do martírio. Ageates, com raiva, responsabiliza André pelo afastamento de sua esposa e o manda prender. Após pregar na prisão, André é levado para ser crucificado à beira-mar. Quando o cristão Estratocles vê André sendo maltratado pelos soldados, ele luta para abrir caminho, e ele e André caminham juntos até o local da crucificação. Ageates, temendo seu irmão, ordena que os soldados não interfiram. À beira-mar, os soldados seguem a ordem do procônsul de que André seja amarrado, não pregado, à cruz para que sua morte seja lenta e ele seja devorado por cães. Após dois dias, ele ainda está falando com as pessoas da cruz, e muitos vão até Ageates exigindo a libertação de André. Chegando ao local, o procônsul vê que André está realmente vivo, e Ageates se aproxima do apóstolo para libertá-lo. André exige que lhe seja permitido morrer e

encontrar seu Senhor. Enquanto assistem, André morre e os espectadores choram enquanto Maximilia e Estratocles retiram seu corpo da cruz. Maximilia permanece afastada de seu marido e continua como cristã.

André, História de

Fragmento lendário existente apenas na língua copta. Na lenda vinda do final do segundo século d.C., uma mulher mata seu filho no deserto e dá os restos a um cachorro. Ela foge quando o apóstolo André e Filemom se aproximam, mas o cachorro conta o que aconteceu. André ora e a criança, sendo vomitada, é restaurada à vida e ri e chora.

André e Matias, Atos de

Documento extenso de autenticidade altamente questionável, provavelmente datando do final do segundo século d.C. Este livro foi um dos muitos "atos" apócrifos destinados a complementar o livro de Atos do NT, fornecendo mais informações sobre os apóstolos. O historiador da igreja do quarto século, Eusébio, descreveu este trabalho e outros semelhantes como heréticos, absurdos e espúrios.

Nesta história, os apóstolos lançam sortes para determinar para onde cada um deve ir. Matias (Mateus em algumas versões) é enviado ao país dos antropófagos, onde logo precisa ser resgatado de um banquete canibal. O Senhor então envia André para salvá-lo. André chega a tempo de fazê-lo, e Matias é então levado por uma nuvem. Agora sozinho, André é preso e torturado, sendo arrastado pela cidade que ele quase destrói ao invocar água de uma estátua. Eventualmente, impressionadas pelos milagres de André, as pessoas se arrependem e o libertam. André então desenha um plano para uma igreja, a faz construir, batiza as pessoas e lhes dá as ordenanças do Senhor.

André e Paulo, Atos de

História apócrifa fragmentária, existente apenas em fragmentos coptas, sobre a chegada dos apóstolos André e Paulo por mar a uma cidade. Na história, Paulo, instruindo André a resgatá-lo, visita o submundo. Lá ele encontra Judas, que explica que adorou Satanás depois que Jesus o perdoou pela traição. André resgata Paulo, que retorna carregando um pedaço de madeira. Embora André seja solicitado a curar uma criança, alguns judeus são céticos e os portões da cidade permanecem fechados para os apóstolos. Paulo atinge os portões com seu pedaço de madeira, e os portões são

engolidos pela terra. Surpresos com o milagre, 27.000 judeus se convertem.

Apóstolos, Epístola dos

Carta que pretende vir dos 11 apóstolos para as igrejas "do Leste e do oeste, do norte e do sul, declarando e transmitindo a vocês o que diz respeito ao nosso Senhor Jesus Cristo". Alguns acreditam que a epístola foi escrita na Ásia Menor por volta de 160 d.C.; outros pensam que se originou no Egito. Provavelmente deve ser datada perto do meio do segundo século. Existem, um manuscrito copta mutilado do quarto ou quinto século, uma versão completa em etíope e um fragmento em latim. A epístola era desconhecida até a descoberta em 1895 do manuscrito copta.

Após uma introdução, há uma declaração de que "nossa Senhora e redentor Jesus Cristo é Deus, o Filho de Deus que foi enviado de Deus, o Senhor de todo o mundo". Em seguida, há um resumo de vários incidentes dos Evangelhos, incluindo uma declaração negativa da Regra de Ouro: "Amai vossos inimigos, e o que não quereis que os homens vos façam, não façais a eles". O capítulo 24 introduz o tema da resurreição, seguido por uma série de perguntas dos discípulos com respostas de Jesus. Uma profecia da conversão de Paulo aparece no capítulo 31. No capítulo 43, as cinco virgens prudentes são identificadas como "Fé, Amor, Graça, Paz e Esperança"; os nomes das tolas são "Conhecimento, Entendimento (Percepção), Obediência, Paciência e Compaixão". O formato de perguntas e respostas de uma parte substancial do trabalho é reminiscente do estilo de alguns dos textos encontrados na biblioteca gnóstica de Nag Hammadi, especialmente o Apócrifo de João. No entanto, advertências de que Cerinto e Simão (cap. 7) são "inimigos de nosso Senhor Jesus Cristo" deixam claro que este não é um documento gnóstico. A epístola contém inúmeras evidências de influência ortodoxa, juntamente com indicações claras de um afastamento do cristianismo apostólico.

Apóstolos, Evangelho dos Doze

Um dos muitos "evangelhos" heréticos que circulavam nos primeiros séculos da igreja cristã junto com os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. O Evangelho dos Doze Apóstolos foi mencionado pelo nome pela primeira vez em comentários sobre [Lucas 1.1](#) pelo teólogo cristão Orígenes (ca. 185–254 d.C.). Alguns estudiosos acham que pode ter sido o mesmo que o Evangelho

dos Ebionitas, citado em alguns escritos cristãos antigos. Nada se sabe diretamente sobre o Evangelho dos Doze Apóstolos.

Evangelho árabe da infância

Um dos vários “evangelhos da infância” encontrados no Novo Testamento apócrifo. Este, datado de cerca do quinto século, contém um relato do nascimento de Jesus, incluindo as visitas dos pastores e dos magos, a fuga para o Egito e milagres realizados por Jesus quando menino. São dados detalhes do período inicial da vida de Jesus, sobre o qual os evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas, João) nada dizem. Um aspecto interessante das histórias de milagres é o papel em muitos deles de Maria, a mãe de Jesus, em contraste com o registro dos milagres nos evangelhos canônicos. O Evangelho Árabe pode ter sido escrito em siríaco e traduzido para o árabe. Algumas de suas histórias também são encontradas no Alcorão e em outros escritos islâmicos. O estudo deste evangelho apócrifo revela seu contraste acentuado com os relatos canônicos, mas também indica quanto este e escritos semelhantes contribuíram para a crescente veneração da virgem Maria.

História árabe de José, o carpinteiro

Relato do quarto século d.C. sobre a vida e morte de José — com informações supostamente fornecidas por Jesus. De acordo com este relato, José, o carpinteiro, torna-se viúvo após ter quatro filhos e duas filhas (cap. 2). Ele é encarregado do cuidado de Maria em quando já tem 90 anos de idade (cap. 14). Assim, de acordo com este relato, os irmãos e irmãs de Jesus são filhos de José de um casamento anterior. Diz-se que José morreu aos 111 anos. O documento, que existe em versões árabe e copta, contém a declaração de que Maria “deve procurar o mesmo fim de vida que outros mortais” (cap. 18). Portanto, foi datado como anterior ao século V, quando a ideia da “assunção de Maria ao céu” estava sendo promovida.

Aristeias, Carta de

Relato inicial das relações entre o judaísmo e o helenismo no Egito durante o período em que o AT hebraico foi traduzido para o grego (a Septuaginta). O autor, Aristeias, que se identifica como um atendente da corte alexandrina sob Ptolemeu Filadelfo II (governou de 283 a 247 a.C.), pretende fornecer informações sobre os procedimentos de tradução. A data mais provável

para a Carta de Aristeias (as estimativas variam de 200 a.C. a 50 d.C.) é o final do segundo século a.C.

Como parte de seu grande projeto de biblioteca, o Rei Ptolomeu demonstra interesse na lei judaica. Aristeias aproveita a ocasião para solicitar a emancipação com remuneração de todos os escravos judeus no reino, e o Rei Ptolomeu atende ao pedido. O rei pede que o sumo sacerdote em Jerusalém selecione tradutores para o projeto. Segue-se uma longa descrição dos presentes enviados a Eleazar, o sumo sacerdote, com especial ênfase em uma mesa requintada. E então Aristeias descreve o templo, os sacerdotes, as vestes do sumo sacerdote e o sistema de defesa do templo, seguido por uma breve descrição da Palestina e seus arredores.

Na seção seguinte, o sumo sacerdote conversa com Aristeias e os tradutores antes de sua partida para Alexandria. Um resumo de seu discurso inclui uma defesa cuidadosa da lei de um ponto de vista filosófico. O rei oferece um banquete luxuoso para os 72 tradutores (6 de cada tribo) quando eles chegam a Alexandria. Cada tradutor dá uma resposta brilhante às perguntas específicas do rei nas sete noites sucessivas de celebração. O nome de cada tradutor e sua pergunta e resposta são registrados. Então, o trabalho é concluído na ilha de Faros em 72 dias e é elogiado pelos judeus alexandrinos e pelo rei. Os tradutores são dispensados com presentes luxuosos.

No epílogo, o autor afirma ter sido uma testemunha ocular dos eventos e mantém que seu relato é preciso. Isso não é acreditado por estudiosos modernos. Sua qualidade embelezada e lendária foi reconhecida no quinto século d.C. A discussão de Aristeias sobre o procedimento de tradução foi obviamente uma moldura literária conveniente para sustentar uma defesa do judaísmo para o mundo pagão. O liberalismo religioso e a lealdade às crenças judaicas básicas foram habilmente combinados para pleitear a tolerância política para os judeus. Muitos detalhes da Carta de Aristeias são questionáveis, mas sua visão básica de como a tradução da Septuaginta foi feita é crível. Veja a discussão da Septuaginta em Bíblia, Versões da (antiga).

Evangelho armênio da infância

Relato lendário da infância e juventude de Jesus Cristo, um dos muitos evangelhos apócrifos destinados a complementar os quatro Evangelhos do NT, fornecendo mais detalhes sobre a vida inicial de Jesus. Provavelmente foi traduzido para o

armênio a partir de um original em siríaco. Missionários nestorianos teriam trazido um “evangelho da infância” para a Armênia por volta de 590 d.C., mas evidentemente não o Evangelho Armênio em sua forma atual.

Fontes para o Evangelho Armênio incluíam dois livros contendo material lendário sobre a infância de Cristo, o Protoevangelho de Tiago e o Evangelho da Infância de Tomé. O Evangelho Armênio amplia consideravelmente o material desses dois textos, fazendo muitas adições novas à vida de Jesus. Por exemplo, José procura uma parteira e encontra Eva, que veio testemunhar o cumprimento da semente do Redentor Prometido ([Gn 3.15](#)). Mais tarde, os magos trazem o testamento que Adão deu a Sete. Jesus, acusado de causar a morte de uma criança, é inocentado quando a criança é ressuscitada dos mortos.

Ascensão de Isaías

Veja Isaías, Ascensão de (abaixo).

Ascensões de Tiago

Veja Tiago, Ascensões de (abaixo).

Asenate, Oração de

História judaica sobre a esposa de José quando ele estava no Egito ([Gn 41.45](#)) e conhecida por vários títulos — A vida e confissão de Asenate, O livro de José e Asenate, e variantes destes. Aparentemente, foi muito popular na igreja cristã primitiva e medieval. Versões em latim, siríaco, eslavo, romeno e etíope, além de 40 cópias armênicas, foram encontradas.

Os estudiosos modernos tendem a ver a origem do romance no judaísmo helenístico prevalecente no Egito de 100 a.C. a 100 d.C. Asenate parece servir como um modelo para qualquer prosélito ao judaísmo. Se essa compreensão estiver correta, a história oferece uma visão valiosa sobre as atitudes menos legalistas de um setor do judaísmo pré-cristão. A percepção daquele que está arrependido sobre a desesperança da condição pecaminosa de alguém e a entrega às misericórdias de Deus desempenham um grande papel na história.

O original provavelmente foi escrito em grego e está dividido em duas partes principais. A Parte I trata da vida mimada de Asenate antes de conhecer José, sua rejeição inicial por causa da idolatria dela, e seu consequente arrependimento em cinzas. Asenate invoca Deus em oração, e ele envia um anjo para anunciar seu perdão e dizer que seu nome

agora está escrito no Livro da Vida. José retorna e se maravilha com a nova beleza de Asenate, regozijando-se com sua conversão. Com a bênção de Faraó, eles se casam no dia seguinte.

A Parte II descreve o período em que o pai de José, Jacó, e sua família chegaram ao Egito. Desejando Asenate, o filho mais velho do Faraó tenta os irmãos de José, Dã e Gade, a ajudá-lo a sequestrarla. O plano é frustrado pelos outros irmãos de José, que então desejam matar Dã e Gade, mas Asenate implora com sucesso por suas vidas. O Faraó deixa a coroa para José, que governa por 40 anos e depois devolve o reinado ao filho mais novo do Faraó.

Aser, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Assunção de Moisés

Veja Moisés, Assunção de (abaixo).

Barnabé, Atos de

Documento de um dos vários ciclos distintos de tradição sobre Barnabé, o companheiro do Apóstolo Paulo — este ligando-o com Chipre. Esta obra, cujo título completo é “As viagens e o martírio de São Barnabé o apóstolo”, foi provavelmente composta em Chipre no final do quinto século ou início do sexto século d.C.

O livro alega ser um relato em primeira pessoa escrito por João Marcos. Ele afirma ter deixado os apóstolos em Perge (cf. [Atos 13.13](#)) para poder navegar para o Oeste, mas foi impedido. Quando tentou se reunir com eles em Antioquia, Paulo o proibiu. Consequentemente, após alguma disputa, João Marcos e Barnabé navegaram para Chipre. Depois de pregar e curar muitas pessoas, Barnabé encontrou seu antigo adversário, Barjesus, que finalmente incitou os judeus a capturá-lo. Levando Barnabé para fora da cidade de Salamina, eles o cercaram e o queimaram vivo. João Marcos e alguns outros crentes escaparam com suas cinzas e as enterraram em uma caverna junto com as escrituras que Barnabé havia recebido de Mateus. João Marcos então partiu para Alexandria para ministrar lá.

Barnabé, Epístola de

Esta carta anônima aborda uma questão comumente feita na igreja primitiva: Qual deve ser a relação do cristianismo com o judaísmo? Clemente de Alexandria citou frequentemente este documento e atribuiu-o a “Barnabé, que também

pregou com o apóstolo [Paulo]." Jerônimo acreditava o mesmo. Mas o escritor não afirma ser Barnabé, e as primeiras alegações de autoria vêm apenas de líderes da igreja alexandrina. O estilo literário e interpretativo é inteiramente alexandrino, por isso se presume que a epístola foi escrita em Alexandria.

O autor desta epístola nega inequivocamente qualquer conexão entre o judaísmo e o evangelho de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ele não diz que o AT se opõe ao NT; em vez disso, ele vê o cristianismo em toda parte na Lei e nos Profetas. Ele sustenta que todos os ritos e cerimônias judaicas são indicadores místicos para Cristo e que um anjo maligno cegou os judeus para que não compreendessem isso.

A epístola menciona a destruição de Jerusalém, então não foi escrita antes de 70 d.C. Houve uma segunda devastação de Jerusalém em 132 d.C. que encerrou a revolta de Bar-Kochba. Essa derrota teria servido tão bem aos propósitos do autor que ele certamente teria se referido a ela se estivesse escrevendo após o evento. Muitos estudiosos sugerem que a carta foi composta por volta de 130, já que este foi um período de forte nacionalismo judaico. Esse nacionalismo teria pressionado muitos cristãos judeus a retornarem ao judaísmo, e assim o autor da Epístola de Barnabé escreveu para defender o cristianismo contra o judaísmo.

A Epístola de Barnabé é composta por duas partes. A primeira seção (caps. 1-17) contém interpretações alegóricas do AT. Essas interpretações altamente espirituais e místicas têm o objetivo de se opor ao legalismo judaico e explicar como o AT profetizou sobre Jesus Cristo. O autor concede que pessoas justas, como Moisés, Davi e os profetas, entenderam o verdadeiro significado da lei mosaica, mas ele argumenta que o restante da nação de Israel interpretou erroneamente a aliança de Deus. Portanto, os judeus perderam seu direito às bênçãos da aliança, que foram transferidas para os cristãos. Esse estilo alegórico de interpretação era muito popular entre os líderes da igreja alexandrina. A epístola do NT aos Hebreus também faz uso desse tipo de interpretação. O autor da Epístola de Barnabé frequentemente cita a Septuaginta, embora as citações sejam um tanto livremente recitadas.

Uma versão latina da primeira seção era tudo o que se conhecia da Epístola de Barnabé até a descoberta do Códice Sinaiticus em 1859. Este códice continha a primeira versão grega conhecida da Epístola de Barnabé, que foi anexada aos livros

do NT juntamente com O Pastor e a Didaquê. A versão grega contém uma segunda seção que começa: "Agora passemos a um tipo de instrução bastante diferente". Esta seção contém preceitos morais que contrastam o caminho das trevas com o caminho da luz, muito do qual parece ser transcrito dos "Dois Caminhos" da Didaquê. Tem pouca conexão com a primeira seção. Isso levou muitos estudiosos a concluir que a segunda seção foi adicionada por outro escritor em uma data posterior.

Barnabé, Evangelho de

Longo trabalho italiano na verdade escrito por volta do século 14 d.C. por um prosélito ao Islã. Ele provavelmente procurou capitalizar a menção misteriosa de tal evangelho no Decreto Gelasiano, escrito não mais tarde do que o sexto século d.C. Até o momento, nenhuma outra evidência de um evangelho autêntico por Barnabé foi descoberta, um fato que levou muitos estudiosos a duvidar se ele realmente existiu.

Bartolomeu, Atos de

Romance cristão primitivo que pretende descrever os últimos dias e a morte do apóstolo Bartolomeu. A obra também é conhecida como "O martírio do santo e glorioso apóstolo Bartolomeu". Pode datar do quinto ou sexto século d.C. e foi evidentemente bem recebida, pois existem cópias em latim, grego, armênio e etíope.

Nos Atos, Bartolomeu vai para a Índia, reside em um templo pagão e faz com que seu falso oráculo cesse. Bartolomeu então cura um endemoniado, atraindo a atenção do rei Polímio. Bartolomeu também cura a filha do rei, possuída por demônios. Em seguida, ele expulsa o falso deus do templo. Após essa demonstração de poder, muitos acreditam no evangelho. O irmão do rei, no entanto, fica enfurecido e faz com que Bartolomeu seja espancado e decapitado. Sua ação precipitada é logo punida, pois ele é estrangulado até a morte por um demônio. O bom rei Polímio torna-se bispo e serve por 20 anos.

Bartolomeu, Apocalipse de

Textos coptas fragmentários que têm algumas semelhanças com o apócrifo Evangelho de Bartolomeu. Alguns estudiosos entenderam que duas obras estavam representadas nesses fragmentos, um evangelho e também um apocalipse. Embora essa hipótese tenha sido

geralmente abandonada, referências ao discutível Apocalipse de Bartolomeu ainda aparecem.

Veja também Bartolomeu, Evangelho de (abaixo).

Bartolomeu, Livro da ressurreição de Cristo por

Obra apócrifa existente apenas em copta e provavelmente datando do quinto ou sexto século d.C. Como muitos escritos semelhantes de autenticidade duvidosa, alega complementar os relatos de Jesus encontrados nos Evangelhos bíblicos. O livro foi supostamente dirigido por Bartolomeu a seu filho, Tadeu, que foi advertido nele para não deixar este livro “cair nas mãos de qualquer homem que seja um descrente e um herege.” O livro dificilmente pode ser considerado uma narrativa; seu objetivo é obviamente a glorificação de Bartolomeu, que vê coisas que estão ocultas dos outros. O texto contém muitas lacunas; contradições abundam e um desrespeito pela história é evidente. Duas pessoas diferentes enterram o corpo de Jesus: José e Filógenes, pai de um menino curado por Jesus. Maria, a mãe de Jesus, é confundida com Maria Madalena. No relato da Santa Ceia, o autor vai muito além das declarações bíblicas sobre o pão e o vinho: “Seu Corpo estava sobre a Mesa em torno da qual estavam reunidos; e eles o dividiram. Eles viram o sangue de Jesus jorrando como sangue vivo no cálice.” Detalhes imaginativos também embelezam o relato da ressurreição. Cristo, por exemplo, traz Adão de volta com ele do Hades. A história de Tomé duvidoso foi amplamente ampliada.

O texto mais completo do Livro da Ressurreição está no Museu Britânico em Londres. Existem vários outros fragmentos, provavelmente de uma versão anterior.

Bartolomeu, Evangelho de

Um dos muitos evangelhos apócrifos que surgiram após o segundo século sob o nome de alguma figura ilustre. A igreja primitiva estava ciente não apenas da existência desses escritos, mas também de seu caráter fictício. No quarto século, o historiador da igreja Eusébio os descreveu como heréticos, espúrios, absurdos e ímpios. Mais tarde, um Evangelho de Bartolomeu foi mencionado pelo nome, junto com vários outros evangelhos gnósticos, no prólogo do comentário de Jerônimo sobre o Evangelho de Mateus. No entanto, não há evidências de que Jerônimo tenha visto tal livro ou que ele realmente existisse.

Uma obra chamada Questões de Bartolomeu existe em textos gregos, latinos e eslavos — o grego possivelmente datando do quinto ou sexto século. Seu texto tem Bartolomeu perguntando a Jesus para onde ele foi após a crucificação e Jesus dizendo-lhe que foi para o Hades. Mais tarde, Bartolomeu é retratado pedindo a Maria que conte como ela concebeu o incompreensível ou deu à luz aquele que não pode ser carregado. Maria o avisa que, se ela começasse a contar, fogo sairia de sua boca e consumiria todo o mundo, mas o apóstolo persiste. Enquanto ela conta a história da visitação angelical e da Anunciação, fogo sai de sua boca. O mundo está prestes a chegar ao fim, mas Jesus intervém e coloca sua mão sobre a boca de Maria. O apóstolo também pede para ver o abismo sem fundo e “as coisas que estão nos céus”. É mostrado a Bartolomeu o adversário dos homens, Beliar, contido por 660 anjos e preso com correntes de fogo. Quando Bartolomeu pisa em seu pescoço, Beliar explica que primeiro foi chamado Satanael e depois Satanás, descreve a criação dos anjos e conta como caiu e como conseguiu enganar Eva. Finalmente, diz-se que Bartolomeu perguntou a Jesus sobre o maior pecado. Jesus responde que dizer algo mau contra um fiel adorador de Deus é pecar contra o Espírito Santo.

Baruque, Apocalipse de

Dois trabalhos pseudopígrafos diferentes.

1. Documento judaico pseudopigráfico de 87 capítulos, escrito em hebraico e traduzido para o grego e do grego para o siríaco. Apenas algumas linhas do original hebraico ainda existem, citadas em escritos rabínicos. O manuscrito siríaco data do sexto ou sétimo século d.C. e é o único texto completo. Mostra evidências de autoria múltipla e dependência do livro de 2 Esdras nos Apócrifos. A semelhança de muitas expressões com as do NT sugere que o original pode ter sido composto na última metade do primeiro século ou na primeira metade do segundo século.

O texto está em sete seções de comprimento desigual, contendo tanto material em prosa quanto poético. Os assuntos tratados são o Messias e seu futuro reino, as desgraças passadas de Israel e a destruição de Jerusalém pelos babilônios. Questões teológicas como pecado e sofrimento, livre arbítrio, o número de pessoas a serem salvas pelo Messias e a ressurreição dos justos nem sempre são tratadas de forma consistente dentro do texto. Algumas passagens pintam um quadro otimista do futuro de Israel; outras são profundamente pessimistas. Em

geral, o mundo é uma cena de corrupção para a qual não existe remédio. Um novo e espiritual mundo está próximo: "Tudo o que é agora é nada, mas aquilo que será é excepcional. Pois tudo o que é corruptível passará, e tudo o que morre partirá e todo o tempo presente, que está contaminado com males". O otimismo e o pessimismo alternados podem refletir as mudanças de fortuna do judaísmo nos primeiros e segundos séculos d.C. ou simplesmente a perspectiva dos diferentes autores. A mensagem de esperança é dirigida àqueles que guardam a lei de Moisés: "Pois os justos justamente esperam pelo fim, e sem medo partem desta habitação, porque têm contigo um depósito de obras preservadas em tesouros".

A seção final do livro é identificada como "a epístola que Baruque, filho de Nerias, enviou às nove tribos e meia". Foi enviada "amarrada ao pescoço da águia", provavelmente significando que era destinada aos judeus dispersos fora da Palestina (a Diáspora).

Baruque foi o companheiro e secretário do profeta Jeremias ([Jr 36.4-8](#)). Seu nome foi associado a vários escritos apócrifos e pseudepígrafos compostos muito tempo após sua morte. O Apocalipse Siríaco de Baruque também é chamado de 2 Baruque para distingui-lo claramente do livro de Baruque (1 Baruque) nos Apócrifos.

2. Documento pseudepigráfico de 17 capítulos, também chamado de Apocalipse Grego de Baruque ou 3 Baruque. Está preservado em manuscritos gregos, etíopes, armênios e eslavos. Foi publicado pela primeira vez em Veneza em 1609 e depois em 1868, embora sua existência tenha sido sugerida pelo teólogo cristão primitivo Orígenes. Como 2 Baruque, este Apocalipse parece ser um documento composto do segundo século d.C., mas, em contraste, é um documento cristão destinado a alertar os judeus não convertidos e a encorajar os cristãos a serem pacientes ao lidar com eles.

Basílides, Evangelho de

Comentário polêmico sobre os Evangelhos por um gnóstico do segundo século. Os escritos de Basílides permanecem apenas como alusões e fragmentos em obras posteriores de vários pais da igreja. Basílides ensinou em Alexandria durante o reinado do imperador romano Adriano (117-138 d.C.). Seu professor, Glaucias, afirmava ser um intérprete direto do apóstolo Pedro. Basílides afirmou que seu esquema gnóstico surgiu das visões de Pedro sobre a relação entre Deus e Cristo. Ele descreveu Deus paradoxalmente como um Ser

inexistente que "gerou" três Filiações. Através de sucessivas ascensões e iluminações, o evangelho do Deus supremo (o Evangelho da Luz) eventualmente desceu sobre Jesus.

Orígenes afirmou que "Basílides ousou escrever um evangelho Segundo Basílides". Clemente de Alexandria e o autor de um fragmento do quarto século, Acta Arquelai, pensaram que Orígenes se referia a um evangelho apócrifo, cujo ensino foi deduzido do relato de Irineu. Hoje, mais alinhado com a compreensão de Hipólito sobre Basílides, esta obra é considerada apenas um comentário sobre os Evangelhos. Basílides provavelmente não foi responsável pelos ritos mágicos e libertinismo dos basilidianos, uma seita gnóstica liderada por seu filho Isidoro e que continuou no Egito até o final do século.

Benjamim, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Nascimento de Maria

Um escrito gnóstico antigo. "Os gnósticos têm um livro que chamam de Nascimento (ou Descida) de Maria, no qual há coisas horríveis e mortais". Assim disse o bispo do quarto século, Epifânio, ao descrever o Nascimento de Maria, uma obra que não sobreviveu. O Nascimento de Maria afirmava revelar o que Zacarias, pai de João Batista, viu no templo — ou seja, o deus judeu na forma de um asno. Que judeus e cristãos adoravam um deus-asno era uma crença comum entre seus críticos naqueles dias. Esta obra blasfema não deve ser confundida com o Evangelho do Nascimento de Maria, um relato fantasioso mas relativamente inofensivo do nascimento de Maria, sua vida precoce e casamento com José.

Nascimento de Maria, Evangelho do

Coleção de lendas que pretendem contar a história de Maria desde o nascimento até a matança das crianças em Belém por ordem do Rei Herodes. O manuscrito mais antigo é chamado de Livro da Natividade de Maria ou Evangelho de Tiago, pois alegava ser escrito por Tiago, meio-irmão de Jesus. Foi escrito por volta de 150 d.C., já que Justino, um escritor cristão primitivo, o mencionou em seus *Diálogos* (165). Foi redescoberto para o ocidente por Postel, que o traduziu do grego para o latim (*Protevangelium Jacobi*, 1552). Antes de ser perdido, duas grandes revisões latinas dele foram produzidas: Pseudo-Mateus e o Evangelho da Natividade de Maria, compilados por volta dos

séculos VI e IX, respectivamente. Essas revisões ampliaram o Livro da Natividade de Maria com lendas mais fantasiosas e foram a base para as Lendas Douradas de Tiago de Voragine (1230-1298), que por sua vez se tornaram instrumentais na promoção da veneração de Maria.

De acordo com o Livro da Natividade de Maria, Maria nasce de pais ricos e estéreis (Joaquim e Ana) através da resposta angelical às suas orações. Eles dedicam Maria ao Senhor. Aos seis meses, Maria dá sete passos, então Ana transforma seu quarto em um santuário, não permitindo que nada impuro entre, e promete que Maria só voltará a andar no templo. Aos três anos, Maria é colocada no templo e recebe comida de um anjo. No décimo segundo aniversário de Maria, o sumo sacerdote pergunta a Deus o que fazer e é instruído a casá-la com um viúvo. O idoso José é escolhido quando uma pomba surge de sua vara. Meses depois, Maria "dá à luz" Jesus na caverna de Belém, através de uma luz tão brilhante que ninguém pode ver; a luz gradualmente se retira e a Criança aparece no peito de Maria. O Livro da Natividade de Maria termina com os magos e a matança dos inocentes por Herodes. Maria salva Jesus envolvendo-o em faixas e colocando-o em uma manjedoura.

Recentemente, outro fragmento grego, este do Evangelho de Maria, foi encontrado (veja a foto). O fragmento é pequeno demais para nos dizer muito sobre o conteúdo deste evangelho.

Livro do Galo

História apócrifa preservada pela igreja da Etiópia e ainda lida lá na quinta-feira antes da Páscoa. De acordo com o Livro do Galo, na noite da Santa Ceia, Acrosina, esposa de Simão, o Fariseu, apresenta a Jesus um galho bem preparado para o jantar. Depois que Judas sai da sala, Jesus toca o galho e ele ganha vida. Ele instrui o galho a seguir Judas e relatar suas ações. O galho retorna e conta sobre a traição iminente, mencionando Paulo de Tarso como um dos envolvidos. Os discípulos choram. Jesus envia o galho para o céu por mil anos.

Uma história semelhante existe como um fragmento em copta saídico. Na versão copta, a ressurreição do galho é um símbolo da ressurreição de Cristo.

Vidas cópticas da Virgem

Trabalhos apócrifos sobre Maria, a mãe de Jesus, na língua egípcia copta. Veja Virgem, Vida da (abaixo).

Coríntios, Terceira aos

Correspondência apócrifa que alega ser entre o apóstolo Paulo e a igreja de Corinto. Escrita durante o segundo século e conhecida como 3 Coríntios, a obra consiste em três partes: uma epístola supostamente de Estéfano de Corinto para Paulo sobre dois falsos apóstolos, Simão e Cleóbio; uma breve narrativa contando sua entrega; e a resposta de Paulo e refutação da falsa doutrina. A sequência de cartas fazia parte originalmente dos Atos de Paulo, um documento apócrifo mais longo, mas também circulou por conta própria — chegou até a ser incluída no texto da Bíblia Armênia. Pretende explicar a referência em [2 Coríntios 2.4](#) a uma carta escrita em grande aflição.

De acordo com um pai da igreja primitiva, Tertuliano (*Sobre o batismo*), o autor de 3 Coríntios era um presbítero (líder da igreja) da Ásia que o forjou por amor a Paulo logo após 160 d.C. A remoção desse presbítero do cargo indica a atitude severa dos primeiros cristãos em relação à escrita de documentos que falsamente reivindicavam origem apostólica.

Dâ, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Diálogo do Redentor

Documento gnóstico cristão, também chamado de Diálogo do Salvador. O documento foi encontrado na antiga Biblioteca de Nag Hammadi na moderna cidade de Nag Hammadi (Alto Egito) em 1946. O Diálogo é um relato fictício de uma conversa entre Jesus e alguns de seus discípulos, na qual discutem questões sobre o universo, a humanidade, os tempos finais e a salvação. O manuscrito está em mau estado. Sua autoria e origem são desconhecidas, embora tenha sido possivelmente escrito no Egito durante o segundo ou terceiro século d.C.

Discurso de Teodósio

Versão copta boárico da Assunção da Virgem e uma fonte principal para a forma copta dessa lenda. Veja Virgem, Assunção da (abaixo).

Doutrina de Addai

Forma expandida siríaca das Epístolas de Cristo e Abgarus, escrita por volta de 400 d.C. A Doutrina Addai conta uma história sobre os contatos entre Abgar (Abgarus), rei de Edessa, e Jesus Cristo. Diz-

se que o rei Abgar, sofrendo de uma doença não especificada, enviou um mensageiro a Jesus com o pedido escrito do rei por cura, juntamente com uma oferta de refúgio para Jesus em seu reino. Jesus responde oralmente, prometendo enviar um de seus seguidores a Abgar após sua própria ascensão ao céu. O enviado de Abgar também leva de volta um autorretrato de Jesus que se torna o orgulho de Edessa. Mais tarde, Addai visita o reino, cura Abgar e estabelece o Cristianismo ali. Veja Abgarus, Cartas de Cristo e (acima).

Ebionitas, Evangelho dos

Evangelho citado por um escritor cristão primitivo, Epifânio (século IV), em uma obra contra heresias. O Evangelho dos Ebionitas é possivelmente o mesmo que o Evangelho apócrifo dos Hebreus, embora alguns estudiosos o associem ao Evangelho dos Nazarenos. Os Ebionitas eram vegetarianos; as citações de Epifânio enfatizam as dietas vegetarianas de João Batista e Jesus.

Egípcios, Evangelho dos

Dois trabalhos apócrifos com o mesmo nome.

1. Escritos apócrifos do segundo século d.C. em grego, mencionados pelos primeiros escritores da igreja, Clemente e Orígenes. Usados no Egito, a composição parece ter contido e propagado ensinamentos gnósticos, especialmente aqueles defendidos na Síria por Simão e Menandro. De acordo com esses gnósticos, o casamento, comer carne e a procriação eram males. Clemente pode ter citado este escrito para refutar as crenças dos encratitas, que concordavam amplamente com os gnósticos sírios sobre esses assuntos. A depreciação das mulheres pelos gnósticos foi refletida nas citações usadas por Clemente.

2. Composição descoberta em 1946 em Chenoboskion (Egito) na coleção de escritos gnósticos de Nag Hammadi. O título principal da obra, descrito no colofão como "Evangelho dos Egípcios", era "Livro Sagrado do Grande Espírito Invisível". Este trabalho tratava das emanações do "espírito primordial do cosmos" e talvez fosse um produto da seita gnóstica Barbelo.

Eldade e Medade, Livro de

Composição pseudopigráfica pré-cristã contendo as supostas profecias de Eldade e Medade, duas pessoas nomeadas como anciões por Moisés ([Nm 11,26](#)). Como a natureza de sua profecia não foi especificada, deu origem a uma obra perdida que é

citada no Pastor de Hermas da seguinte forma: "O Senhor está perto daqueles que retornam a Ele, como está escrito em Eldade e Medade que profetizaram ao povo no deserto" (Visão II, cap 3). Essa é a única fonte de informação sobre o livro perdido.

Eugnostos, Carta de

Trabalho gnóstico. Encontrada perto da moderna cidade de Nag Hammadi, a Carta de Eugnostos foi escrita em copta por um professor para seu discípulo. Tanto o autor quanto a data de composição são desconhecidos. Um exemplo inicial de escrita gnóstica não cristã, talvez tenha servido como base para uma composição gnóstica cristã, "A Sabedoria de Jesus Cristo".

A Carta de Eugnostos tenta provar a existência de um reino espiritual invisível. Também enfatiza a distância de Deus em relação à humanidade.

Eva, Evangelho de

Escritos gnósticos e apocalípticos, conhecidos apenas por uma citação de Epifânio, um metropolitano do final do século IV de Chipre. Epifânio citou o Evangelho de Eva em uma refutação mordaz dos ensinamentos gnósticos e originistas. Evidentemente, um culto havia se formado em torno de Eva como se seu nome implicasse revelação porque a serpente havia falado com ela no Jardim do Éden. A citação de Epifânio do Evangelho de Eva traduz-se aproximadamente: "Eu estava em uma alta montanha e vi um gigante e um homem fraco, e ouvi uma voz como trovão. 'Aproxime-se de mim e ouça', e ele me falou dizendo, 'Eu sou você e você é eu. Onde quer que você esteja, lá estou eu. Estou espalhado por todas as coisas, e qualquer lugar que você possa se retirar ou se abrigar em mim; e, abrigando-se em mim, você se abriga em si mesmo'".

Ezequiel, Apócrifo

Livro não canônico de Ezequiel mencionado por Josefo, historiador judeu do primeiro século. Um Ezequiel apócrifo é citado em cinco escritos cristãos antigos e uma recente descoberta arqueológica. O bispo Epifânio (quarto século) citou uma parábola de Ezequiel, como prova da ressurreição da alma e do corpo interdependentes, sobre um homem cego e um homem coxo colaborando para roubar um pomar. Clemente de Roma, escrevendo aos Coríntios (90 d.C.?), e Clemente de Alexandria em dois de seus escritos

(200 d.C.?) têm citações do Ezequiel não canônico. Um apócrifo de Ezequiel é mencionado no cânon pseudo-atanasiano (pretendendo listar livros canônicos da Bíblia) e é nomeado na esticometria (prosa escrita em frases rítmicas) de Nicéforo, Patriarca de Constantinopla (806–815 d.C.). Em 1940, Campbell Bonner publicou fragmentos de papiro grego que confirmam a existência de um Ezequiel apócrifo.

Esdras, Quarto livro de

Nome alternativo para o livro apócrifo 2 Esdras. Veja Esdras, Segundo Livro de.

Gade, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Gênesis Apócrifo

Nome dado a um dos sete grandes Rolos do Mar Morto recuperados da primeira caverna de Qumran em 1947. Com outros três, ele ficou na posse do arcebispo sírio de Jerusalém, mas não pôde ser desenrolado e fotografado porque estava mal preservado, não tendo sido guardado em um jarro de barro como os outros. No entanto, alguns pequenos pedaços foram destacados, e certas palavras neles indicavam que poderia ser uma obra apócrifa aramaica relacionada com o patriarca Enoque. Outros fragmentos mencionavam Lameque, assim, o rolo foi provisoriamente nomeado por essa antiga pessoa.

Eventualmente, foi desenrolado e descobriu-se que estava não apenas danificado, mas incompleto; o início e o fim estavam faltando. A parte interna foi a melhor preservada, mas danos consideráveis foram causados ao texto pela tinta com que foi escrito. O pergaminho não tratava apenas de Enoque e Lameque, mas de outras pessoas mencionadas no livro de Gênesis. Provou ser uma forma aramaica de partes de Gênesis tratando dos patriarcas, mas incluía lendas e outros materiais apresentados em estilo de memórias, não encontrados na Bíblia Hebraica. Esse estilo era popular entre os judeus piedosos no início da era cristã, assim, seu original foi datado do primeiro século a.C. A cópia de Qumran foi provavelmente feita entre 50 a.C. e 70 d.C.

As características literárias do rolo apresentaram alguns problemas de classificação. A expansão livre e a inclusão de material não bíblico levaram certos estudiosos a chamar o rolo de “targum” ou comentário-expansão do texto de Gênesis. Outros o

consideraram como um “midrash” ou relato sermônico da narrativa hebraica. O rolo contém ambos os elementos e é melhor considerado como um relato independente de certas histórias de Gênesis, enriquecido pela inclusão de material imaginativo, como uma descrição da beleza da esposa do patriarca Abraão, Sara; sonhos; e relatos de pragas e jornadas.

O aramaico deste apócrifo antecede um pouco o usado na Palestina no tempo de Cristo. Contém alguns hebraísmos, mas é principalmente escrito em bom aramaico, muito do qual se assemelha ao aramaico bíblico. A língua do rolo, no entanto, é posterior ao período do antigo aramaico (do décimo ao oitavo séculos a.C.) ou aramaico oficial (períodos assírio e persa), como indica a presença de certas formas gramaticais. A maioria dos estudiosos descreveu a língua como aramaico médio e a colocou entre o aramaico de Daniel e o aramaico ocidental posterior. Esses estudiosos geralmente atribuem uma data do segundo século a.C. a Daniel, mas essa conclusão precisa ser modificada porque o material de Qumran mostra que nenhuma obra canônica foi composta depois de cerca de 350 a.C. Com qualquer evidência, o aramaico de Daniel é anterior ao do Apócrifo e parece se encaixar adequadamente no período em que o aramaico oficial era a forma dominante da língua. O Apócrifo de Gênesis não apresenta razões válidas para datar o aramaico de Daniel ou Esdras mais tarde do que os séculos sexto a quinto a.C.

Evangelho de Tomé

Veja Tomé, Evangelho de (abaixo).

Isaías, Ascensão de

Obra apocalíptica pseudepígrafa amplamente conhecida pelos primeiros cristãos; também conhecida como o Martírio de Isaías, o Testamento de Ezequias e a Visão de Isaías. Foi redescoberta quando uma versão etíope de parte do texto foi publicada em 1819. A versão etíope completa é a única versão completa existente. Um texto latino parcial publicado em 1832 já havia sido publicado em Veneza mais de três séculos antes. Versões eslavas e coptas também existem. Todas podem ser rastreadas até duas versões gregas dos séculos terceiro, quinto e sexto.

Não está claro se o original era uma única composição ou mesmo se a autoria era cristã ou judaica com posterior edição cristã. A forma final pode datar da última parte do segundo século. Era conhecido por Ambrósio, Jerônimo, Orígenes,

Tertuliano e possivelmente por Justino Mártil. O conteúdo se divide em três partes:

1. O Martírio de Isaías. Este material consiste em pronunciamentos proféticos, incluindo a previsão do profeta sobre sua própria morte nas mãos do Rei Manassés de Judá. O documento trata da sombria apostasia do rei, que, possuído por Satanás e seguindo Beliar, leva seu povo a todo tipo de pecado. Jerusalém, cuja queda é profetizada, é chamada de "Sodoma" e seus príncipes de "Gomorra". Na forma de um midrash (sermão devocional), esta seção se concentra na firme rejeição de Isaías ao compromisso ou retratação. O martírio de Isaías ao ser "serrado ao meio" é a parte com a qual os pais da igreja parecem estar familiarizados.

2. O Testamento de Ezequias. Esta seção é apocalíptica, uma visão que Isaías transmite ao seu rei. Fala sobre a descida do "Amado", um título usado neste documento para o Messias. A visão cobre a encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão do Messias, depois se volta para a história inicial da igreja e a apostasia que precede a segunda vinda do Senhor. O Anticristo é revelado como Beliar ou Satanás, que assume forma humana e mata sua mãe (sem dúvida dirigido ao Imperador Romano Nero, que assassinou sua mãe, Agripina). Toda a seção é baseada em Daniel e no Apocalipse bíblico e também foi influenciada pelo gnosticismo. A conclusão da visão (a vitória do Amado, as duas ressurreições e o julgamento final) paraleliza muito de perto a consumação de todas as coisas no livro do NT de Apocalipse.

3. A Visão de Isaías. Esta seção se assemelha à #2 até mesmo linguisticamente, mas mostra mais influência gnóstica: Isaías é levado à morada da Trindade, o sétimo céu, e mostrado muitos mistérios de Cristo. Por causa desta visão, Manassés mata o profeta. A doutrina gnóstica, como propagada por Cerinto no final do primeiro século, é evidente. Jesus, nascido na terra, torna-se o hospedeiro do Cristo, que deixa sua morada terrena na crucificação.

Historicamente, o valor da Ascensão de Isaías é mostrar a confusão de opiniões conflitantes que, reivindicando autoridade e inspiração, cercavam as mentes dos primeiros cristãos.

Isaías, Martírio de

Veja Isaías, Ascensão de (acima).

Issacar, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Tiago, Apocalipse de

Havia dois apocalipses gnósticos de Tiago (designados "primeiro" e "segundo"). O primeiro, cobrindo mais de 20 páginas de texto, pretende ser uma revelação dada pelo Senhor, parte dela antes da crucificação e parte depois, a Tiago, seu irmão, que também era conhecido como Tiago o Justo. Os dois documentos referidos como o Apocalipse de Tiago estão no Códice V da literatura de Nag Hammadi descoberta em 1945 no Egito, a oeste do Rio Nilo, em frente à cidade de Chenoboskion, e são distintos do Apócrifo de Tiago, que está incluído nos escritos apócrifos do NT. O segundo apocalipse, composto por 20 páginas de texto copta, é supostamente um discurso proferido por Tiago o Justo no quinto degrau do templo e contém muitas referências ou ecos das Escrituras canônicas. A obra termina com a multidão lançando Tiago do templo e apedrejando-o de maneira reminiscente do martírio de Estevão.

Tiago, Ascensões de

Livro perdido mencionado apenas por Epifânio (bispo da ilha grega de Salamina) em sua obra do quarto século *Refutação de Todas as Heresias*. Segundo Epifânio, as Ascensões de Tiago eram usadas pelos ebionitas, uma seita ascética rígida de cristãos judeus. O livro representava Tiago, irmão de Jesus, como tendo falado contra o templo e os sacrifícios. Declarava que o apóstolo Paulo era um grego que foi a Jerusalém, procurou casar-se com a filha do sumo sacerdote e, para esse fim, tornou-se prosélito e foi circuncidado. Quando não conquistou a jovem, ele se insurgiu contra o sábado, a Lei e a circuncisão.

Em um comentário sobre Gálatas (1865), J. B. Lightfoot sugeriu que o título do livro se referia às ascensões de Tiago pelos degraus do templo, de onde ele se dirigia ao povo. Lightfoot também sugeriu que a morte de Tiago foi o grande clímax das Ascensões. De acordo com uma citação do escritor cristão primitivo Hegésipo (conforme registrado na *História Eclesiástica* de Eusébio), Tiago foi lançado à morte do pináculo do templo.

Tiago, Protoevangelho de

Este é um "evangelho" apócrifo que conta sobre o casamento simbólico e a gravidez de Maria e sobre o nascimento, infância e adolescência de Jesus. Este

escrito apócrifo foi descoberto no século 16 por Guillaume Postel.

Jó, Testamento de

Literatura apocalíptica que se assemelha ao livro bíblico de Jó. O livro provavelmente foi escrito em grego no segundo século d.C. Como está desprovido de pensamento cristão, provavelmente foi escrito por um judeu.

Nos capítulos 1–45, Jó é o orador. Ele entende que um templo próximo foi profanado por terem sido oferecidos nele sacrifícios a Satanás. Quando Jó o destrói, Satanás o ameaça. Os amigos de Jó vêm consolá-lo, mas seus discursos são bastante abreviados. Eliú é representado como o porta-voz de Satanás e ganha o desagrado de Deus. Mas Jó sacrifica por todos os três amigos. Ele se casa novamente e tem sete filhos e três filhas, que herdam sua riqueza. Os capítulos 46–51, nos quais o irmão de Jó é o orador, concluem a narrativa.

João Batista, Vida de

Um relato lendário supostamente escrito por Serapião tratando da vida inicial de João Batista e especialmente da morte de sua mãe, Isabel. Enquanto Jesus estava vivendo com seus pais no Egito, Isabel morre no mesmo dia em que Herodes, o Grande, morre. João, que é apenas um menino pequeno, não sabe como enterrá-la. As nuvens trazem Jesus, Maria e Salomé, que lavam o corpo. A sepultura é cavada por Miguel e Gabriel, que também trazem as almas de Zacarias e Simeão. João é então deixado para crescer no deserto sob os cuidados dos anjos, enquanto as nuvens levam Jesus e Maria para Nazaré, onde vivem.

João, o Evangelista, Livro de

Este escrito foi usado mais extensivamente pelos albigenenses e era comumente considerado como originário dos bogomilos antes deles. Foi escrito na forma de perguntas e respostas supostamente vindas do apóstolo João enquanto ele se reclinava sobre o peito de Jesus na Santa Ceia. Este padrão de perguntas e respostas é encontrado em outros escritos gnósticos antigos, especialmente no Evangelho de Bartolomeu.

A escrita contém teologia gnóstica. Ela retrata um mundo criado por Satanás e não por Deus. Cristo não nasceu de Maria, mas foi um anjo enviado à terra. Ele “entrou pelo ouvido e saiu pelo ouvido” de Maria. João Batista foi enviado por Satanás, e seus discípulos (a Igreja Católica Romana) não são

os discípulos de Cristo. O batismo e aparentemente a Ceia do Senhor não têm valor.

A escrita é preservada apenas em latim e, em sua forma atual, não é anterior ao século 12. Uma boa tradução para o inglês pode ser encontrada em M. R. James, *The Apocryphal NT* (1924).

José, Oração de

Obra apocalíptica judaica. A Oração de José recebeu o elogio de Orígenes, um estudioso da igreja primitiva, como um documento “a não ser desprezado”. As citações de Orígenes fornecem quase a única informação sobrevivente sobre a obra, de modo que seu conteúdo total e significado são obscuros. Uma lista antiga de escritos apócrifos e canônicos do AT coloca a Oração de José em terceiro lugar e menciona seu comprimento como 1.100 versos. As citações de Orígenes dizem respeito principalmente ao pai de José, Jacó. Jacó existe na forma de um anjo, carregando o nome dado a Jacó, Israel. Ele é o orador nos fragmentos citados e prediz o destino da humanidade. Ele descreve como encontrou Uriel em uma jornada para a Mesopotâmia e como Uriel lutou com ele, alegando ser o maior dos anjos. O poeta apocalíptico tinha em mente a história da misteriosa luta de Jacó em Jaboque ([Gn 32.22–29](#)) e passagens como [Daniel 10.13](#). Como Jacó afirma ser “o primogênito de todos os seres vivos” e, portanto, o chefe de todos os anjos, Uriel o desafia.

José, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

José o Carpinteiro, História de

Documento glorificando o pai terreno de Jesus e promovendo um culto a José. Palavras no capítulo 18 da História de José apoiam uma data do quarto século para ele. Lá Jesus diz à sua mãe: “Você também deve buscar o mesmo fim de vida que outros mortais”. No século V, a doutrina da “Assunção da Virgem” era amplamente aceita.

O documento, derivado do Protoevangelho de Tiago, foi contaminado tanto pelo gnosticismo quanto por outras crenças religiosas do Egito, o país em que foi escrito. Ele existe em copta e árabe e também em uma tradução do quarto século do texto copta.

A História de José, o Carpinteiro, afirma dar um relato da vida de José e sua morte exemplar aos 111 anos. A história é supostamente contada por Jesus a seus discípulos no Monte das Oliveiras. José, um

carpinteiro ([Mt 13.55](#)), é um viúvo já avançado em anos quando se casa com Maria, que tem apenas 12 anos. (Ele teve seis filhos de um casamento anterior.) José é enterrado de acordo com os ritos do culto egípcio de Osíris após Jesus pronunciar uma eulogia.

Jubileus, Livro de

Jubileus é uma obra pseudepigráfica da última metade do segundo século a.C. durante o período dos Macabeus. É uma fonte inestimável para entender o ambiente na era anterior ao lançamento da igreja cristã. Jubileus está junto com o Livro de Enoque e os Testamentos dos Doze Patriarcas como a literatura hebraica ou aramaica mais importante da época. Como estes, foi traduzido para o grego e usado pelos pais da igreja. Muito provavelmente, Jubileus foi escrito em hebraico, já que alegava uma autoria mosaica e, dado seu ambiente nacionalista macabeu, isso seria necessário. Fragmentos de 10 manuscritos em hebraico encontrados em Qumran apoiam a tese de que foi originalmente nesse idioma.

O trabalho é referido por escritores gregos posteriores seguindo fontes hebraicas como "Jubileus" e "o pequeno (menor) Gênesis". Também é intitulado "O apocalipse de Moisés" e o "Testamento de Moisés". Em formas revisadas, foi chamado de "O livro das filhas de Adão" e "A vida de Adão".

Manuscritos completos de cinquenta capítulos existem em seis textos etíopes, dos quais os textos dos séculos quinto e sexto são os melhores. O texto latino é valioso, mas parcial, e apenas alguns fragmentos da versão grega permanecem. Os fragmentos hebraicos encontrados em Qumran são de especial importância, pois são do período da escrita original. A Bibliothèque Nationale possui "Ethiopien 51" e "Ethiopien 160". O Museu Britânico possui *Kufale, ou Liber Jubilaeorum*, e *Enoque*.

O autor de Jubileus afirma uma fonte de revelação direta para o ensinamento que ele defende. Deus havia falado a Moisés no Pentateuco na "lei menor" neste "pequeno livro de Gênesis". No Sinai, Deus comunicou-se com Moisés pelo "Anjo da Presença", dizendo ao anjo: "Escreva para Moisés desde o início da criação até que meu santuário tenha sido construído entre eles por toda a eternidade" (1.27). Isso é suplementar à "primeira lei" (6.22).

Após uma breve introdução, Jubileus segue o texto de Gênesis e Êxodo até 14.31. Este tratamento

midráxico do material do Pentateuco tenta mostrar que o patriarcado aderiu à lei mesmo antes de Moisés. O objetivo do autor é fortalecer o judaísmo clássico diante das sérias intrusões da cultura helenística entre os povos judeus. Ao fazer isso, o autor não hesita em adicionar e subtrair da história do Pentateuco. Os patriarcas são adornados de todas as formas. Qualquer coisa que mostrasse suas fraquezas e pecados foi removida e conteúdo lendário foi inserido para glorificar esses pais. Os patriarcas são as fontes da cultura. Enoque inventou a escrita; Noé, a medicina; Abraão, o arado.

Apelando para [Levítico 25.8–12](#), o trabalho enfatiza a importância do número sete. A história de Adão a Moisés é organizada de acordo com ciclos de sete. Esta maneira de compartimentar a história em períodos de jubileu foi revelada a Moisés no Sinai e, portanto, tem sanção divina e, de fato, é mandatária. A filosofia da história que emerge disso vê Deus agindo soberanamente e de forma única em Israel, em distinção ao seu relacionamento com o mundo gentio. As outras nações são governadas por anjos, mas não Israel, que está diretamente sob o comando de Deus (Jubileus 15.31ff.).

A polêmica que Jubileus levanta contra o calendário lunar (6.36–38) e sua aceitação do calendário solar é apenas mais uma faceta do impulso por uma reforma profunda que purificará Israel. Israel deve ser separado para Deus de todas as formas, sem mistura em casamento ou sentar-se à mesa com gentios. Há uma surpreendente rigidez exigida na observância do sábado (50.1–13). A pena de morte é aplicada contra aqueles que viajam, compram ou vendem, tiram água, carregam fardos, capturam criaturas ou têm relações conjugais no sábado. Estas vão muito além dos requisitos bíblicos e pertencem àquele ambiente que produziu a comunidade de Qumran e os essênios.

A declaração apocalíptica do Anjo da Presença contém uma verdade escatológica clara, mas limitada. Jubileus realmente contém a expectativa de um estabelecimento imediato da era messiânica. No entanto, toda a ênfase é tal que os propósitos éticos e culturais são preeminentes.

Judá, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Judas Iscariotes, Evangelho de

Escritos gnósticos muito antigos provavelmente produzidos pela seita cainita. Como não é preservado para nós hoje, conhecemos apenas através de citações nos escritos dos primeiros cristãos, especialmente Irineu. Assim, deve ter sido escrito antes de meados do segundo século d.C. Provavelmente continha um corpo de doutrina secreta supostamente revelada por Judas Iscariotes, resumindo a verdade do conhecimento superior e perfeito supostamente revelado a esta seita dos gnósticos. O evangelho apresenta o "mistério da traição", explicando como Judas, através de sua traição, tornou possível a salvação de toda a humanidade. Isso foi realizado por ele ter antecipado a destruição da verdade proclamada por Cristo ou por ter frustrado os desígnios dos poderes malignos, os Arcontes, que desejavam impedir a crucificação de Cristo porque sabiam que isso destruiria seu poder maligno.

Lentulus, Epístola de

Lentulus, ostensivamente um predecessor de Pôncio Pilatos, é dito ter preparado um relatório para o Senado Romano conhecido como a Carta (ou Epístola) de Lentulus. Nesta carta ele incluiu uma descrição detalhada de Jesus: "alto e bonito, seu semblante inspirando reverência junto com amor e medo, seu cabelo escuro, brilhante, encaracolado, repartido no meio, seu rosto com uma delicada ruborização..." A autenticidade da carta é extremamente duvidosa.

Levi, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Vidas de Adão e Eva

Um título geral dado a um escrito não canônico existente em grego e latim. O livro é de natureza judaica, embora haja um sabor cristão que leva a maioria dos estudiosos a datar a obra original para o início da era cristã. O conteúdo do livro é uma expansão da história bíblica de Adão e Eva.

A versão grega começa com a expulsão do Éden. Em um sonho, Eva vê o assassinato de Abel. Depois que Adão adoeceu, Sete e Eva foram obter óleo da árvore da vida. Miguel, o arcanjo, encontrou Sete e disse-lhe que Adão morreria. Após sua morte, ele foi levado ao terceiro céu. Sete testemunhou como os anjos enterraram seu pai e recebeu instruções sobre como enterrar sua mãe, que morreu uma semana após Adão.

A versão latina fornece informações adicionais. Após a expulsão do Jardim, Eva pediu a Adão para matá-la, mas em vez disso, ele sugeriu que ambos fizessem um ato de penitência. Adão foi ficar no Jordão por 40 dias e Eva foi ficar na água do Eufrates por 37 dias. Enquanto estava lá, ela foi novamente tentada por Satanás, que estava disfarçado como um anjo de luz, mas acabou sendo desmascarado por Adão. Satanás então explicou a razão de sua hostilidade para com eles: quando os anjos foram ordenados a adorar o Senhor, ele se recusou a prestar reverência a Deus e foi consequentemente expulso do céu.

Mateus, Martírio de

História vagamente organizada do martírio de Mateus que se baseia fortemente nos "Atos de André e Matias" e assume que Matias era, de fato, Mateus. O documento representa o baixo impulso literário e teológico dos textos apócrifos posteriores.

A história começa quando Mateus é comissionado por Jesus para plantar um cajado em Myrna, a cidade dos antropófagos. Mateus faz isso, após exorcizar o demônio Asmodeus da esposa e da família do rei. O cajado se transforma em uma árvore durante a noite, Mateus prega para o povo, e eles "se humanizam". Mas Asmodeus busca vingança, direcionando o rei a queimar Mateus. O fogo consome ídolos de ouro e muitos soldados, depois se transforma em um dragão e persegue o rei, que implora a Mateus por ajuda. Mas Mateus morre.

Um rei um tanto arrependido, mas ainda não convertido, coloca o corpo de Mateus em um caixão de ferro e o afunda secretamente no mar. No dia seguinte, Mateus aparece no mar na presença de dois homens brilhantes e uma criança "bela". O rei finalmente se converte, é batizado e aceito na igreja. Mateus aparece para conferir ao rei seu próprio nome e para ordená-lo sacerdote e sua família, diáconos e diaconisas. Então Mateus ascende ao céu com dois anjos.

Medade, Livro de Eldade e

Veja Eldade e Medade, Livro de (acima).

Moisés, Assunção de

Uma lenda judaica que Moisés foi levado corporalmente para o céu sem morrer. Provavelmente escrita entre 7 e 30 d.C., pode ser uma combinação de duas obras anteriores e parece

emprestar muito do livro de Deuteronômio. A obra foi provavelmente produzida para fornecer um final miraculoso à vida terrena excepcional de Moisés, atribuindo a ele uma experiência semelhante à de Elias. Mas esta lenda judaica é contrária ao relato do AT sobre a morte de Moisés ([Dt 32.48–50; 34.5–7](#)).

A Assunção Perdida de Moisés

Três fatos indicam que houve um livro apócrifo que continha a lenda da assunção de Moisés: (1) listas antigas de obras apócrifas mencionam uma obra com este título; (2) vários pais da igreja referem-se a ela; e (3) alguns fragmentos em grego sobreviveram.

Os seguintes itens apareceram na obra. Deus comissionou o arcanjo Miguel para enterrar o corpo de Moisés. Satanás se opôs ao enterro de Moisés porque ele reivindicava autoridade sobre toda a matéria e porque Moisés era um assassino. Miguel contestou as alegações de Satanás e o acusou de ter tentado Eva no Éden. Josué e Calebe então observaram a assunção de Moisés ocorrer de uma maneira estranha. Enquanto assistiam, viram o corpo morto de Moisés ser enterrado na montanha, mas também viram o próprio Moisés na companhia dos anjos. De fato, o corpo de Moisés morreu, mas o próprio Moisés não.

Embora seja frequentemente afirmado que o texto de [Judas 9](#) é uma citação da Assunção de Moisés, isso é impossível de provar, simplesmente porque as partes relevantes dessa obra não sobreviveram. O máximo que se pode dizer é que vários pais da igreja, incluindo Clemente de Alexandria (m. 215 d.C.) e Orígenes (c. 185–254), sugeriram que a Assunção de Moisés foi a fonte para o relato em [Judas 1.9](#). Eles tinham ambas as obras. Nós temos apenas Judas, então não podemos verificar suas conclusões. A questão é ainda mais complicada porque há outra obra (veja a próxima seção) agora chamada de Assunção de Moisés. As pessoas frequentemente supõem que [Judas 1.9](#) é uma citação desse livro. Não é.

A Assunção Moisés existente

Este trabalho, talvez escrito durante a vida de Jesus, pretende ser uma descrição das previsões de Moisés para Josué sobre o destino da nação de Israel. É semelhante a outros escritos apócrifos e não históricos que foram escritos sob os nomes de grandes líderes judeus.

Foi descoberto por acaso em 1861, na Biblioteca Ambrosiana em Milão, Itália. O manuscrito, datado

do quinto século d.C., é uma cópia muito pobre de uma tradução latina, talvez derivada de uma tradução grega de um original hebraico. O início e o final estão perdidos. Há numerosos erros ortográficos e não há espaço entre as palavras. Não surpreendentemente, os estudiosos há muito disputam a leitura, interpretação e tradução até mesmo de versículos inteiros.

As três linhas iniciais não sobreviveram, então o título original foi perdido. Quando descoberto, a obra foi assumida como a Assunção de Moisés há muito perdida, mas essa identificação agora é amplamente duvidada. Embora o livro ainda seja chamado por esse título, é muito mais provável que seja o Testamento de Moisés (que também é mencionado, junto com a Assunção de Moisés, em listas antigas de obras apócrifas) ou uma obra composta resultante da combinação do Testamento e da Assunção em uma única obra.

Há apenas uma referência à assunção de Moisés no livro, e ela aparece em conexão com uma menção à sua morte (10.12). Como o final do livro também está perdido, é impossível saber o conteúdo da conclusão ou dizer se essa única referência restante à assunção de Moisés é original ou se foi adicionada por um escriba por engano ou por um editor combinando duas obras diferentes. É claro, no entanto, que o autor da seção sobrevivente acreditava que Moisés esperava morrer (1.15; 10.12–14) e que Josué assumiu que ele morreria (11.4–8).

O trabalho começa no meio da frase (faltam três linhas) e data o discurso seguinte de Moisés para 2.500 anos após a Criação (1.2–5). Esperando morrer, Moisés convoca Josué, encoraja-o e diz-lhe que Deus criou o mundo para o seu povo (os israelitas), que se arrependerão antes da consumação no fim dos dias (1.6–18).

Então Moisés prediz o futuro de Israel. O povo herdará a terra (Canaã) e será governado por magistrados locais, chefes (juízes?) e reis (2.1–3). O reino se dividirá, e o povo se voltará para a idolatria (2.4–9). Um rei do leste (Nabucodonosor) levará duas tribos para o cativeiro por cerca de 77 anos, onde eles se lembrarão dos avisos de Moisés (3.1–14; cf. [Jr 25.11–12](#); [Dt 28.15–68](#); [30.15–20](#)). Alguém (Daniel) orará por libertação (cf. [Dn 9.4–19](#)), e Deus persuadirá um rei (Ciro) a enviar os exilados de volta para casa (4.1–6; cf. [Is 45.1–6](#); [Ed 1.1–4](#)). Alguns exilados retornarão ao seu lugar designado (Jerusalém) e reconstruirão o muro, mas não conseguirão oferecer [sacrifícios adequados] (4.7–8; contraste [Ed 3.1–7](#)). Outros permanecerão

no exílio, mas aumentarão em população (4.9). Isso conclui o período do AT e inicia o período intertestamentário (c. 400 a 1 a.C.).

A ampla apostasia do período Selêucida (c. 201–267 a.C.) é descrita, com referência especial a sacerdotes e juízes (4.1–6). Os Macabeus, que ganharam e mantiveram independência política da Síria (em 164 a.C.), não são mencionados. Em vez disso, o foco está nos reis (os Hasmoneus) que se fizeram sumos sacerdotes (6.1). Em seguida, virá um rei insolente (Herodes, o Grande, 37–4 a.C.), que governará de forma implacável (6.2–7). Então, um poderoso rei do ocidente conquistará o povo, levará alguns cativos, crucificará outros e queimará parte do templo (6.8–9).

A partir deste ponto, o autor, tendo alcançado seu próprio período, teve que adivinhar o futuro, então as previsões que ele colocou na boca de Moisés são gerais ou obscuras e muitas vezes não cumpridas. Os próximos governantes (saduceus?) seriam ímpios, traiçoeiros, glutões, enganadores e preocupados com a impureza ritual enquanto viviam no luxo às custas dos pobres (7.1–10). Um tempo de ira sem precedentes seguiria, quando um grande rei perseguiria os judeus, torturando, aprisionando e até crucificando-os por praticarem circuncisão (8.1–5). Durante esta perseguição, um homem, Taxo, um levita com sete filhos, permaneceria fiel a Deus e morreria em vez de adotar costumes gregos (8.1–7).

A próxima seção (10.1–10), um poema apocalíptico (dez estrofes, cada uma com três linhas), é a única seção apocalíptica do livro. O reino do Senhor aparecerá, Satanás não existirá mais, e o anjo chefe (Miguel) vingará Israel (10.1–2). “O Celestial se levantará de Seu trono real”, e haverá sinais milagrosos na terra e no céu; até o oceano secará (10.3–6). O Altíssimo, o Deus Eterno, aparecerá e punirá os gentios, destruindo seus ídolos (10.7). Mas Israel será feliz e exaltada, regozijando-se ao ver seus inimigos no Geena (inferno) e agradecidamente louvando seu Criador (10.8–10). Com a menção de Moisés sobre sua morte e algumas palavras de consolo para Josué, a composição termina de forma incompleta.

O livro deve ter sido escrito após a morte de Herodes e Varus ter subjugado uma rebelião na Judeia (4 a.C.) e antes do templo ser destruído (d.C. 70). O livro prevê que os filhos de Herodes não governarão tanto quanto o próprio Herodes (34 anos, 37–4 a.C.). Essa previsão pode se basear no fato de que um filho, Arquelau, foi deposto após um reinado de 10 anos (4 a.C.–6 d.C.). Se é assim, o

livro foi escrito após 6 d.C. Mas outros dois filhos (Filipe e Antipas) na verdade governaram mais tempo que o pai. Para o autor não saber disso, é necessário que o livro tenha sido escrito dentro de 34 anos da morte de Herodes — em outras palavras, antes de 30 d.C. Portanto, o livro provavelmente foi escrito em algum momento entre 6 e 30 d.C. Isso também significa que o livro reflete o pensamento judaico durante a vida de Jesus.

O autor era evidentemente um judeu palestino, mas é duvidoso se ele era membro de alguma seita importante conhecida da época. Ele odeia o domínio romano (8.1–10.10) sem advogar a revolta, como fizeram os zelotes e seus predecessores. Seu interesse no templo (2.8–9; 5.3; 6.9; 8.5) não é típico de um essênio. Ele condena o estilo de vida saduceu (7.3–10). E seu uso de escrita apocalíptica (10.1–10) é considerado incomum para um fariseu.

Naftali, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Nicodemos, Evangelho de

Título alternativo para a obra apócrifa Atos de Pilatos. *Veja Pilatos, Atos de (abaixo).*

Noé, Livro de

Alusão à escrita de Noé é feita no livro dos Jubileus, onde se diz: “Noé escreveu todas as coisas em um livro, conforme o instruímos sobre cada tipo de remédio. Assim, os espíritos malignos foram impedidos de (ferir) os filhos de Noé” (10.13; veja também 21.10). O livro de Noé empresta muito do livro de Enoque (veja caps 6–11, 54–55, 60, 65–69, 106–110). As outras seções se relacionam ao dilúvio de Noé e assuntos sobre os quais se poderia presumir que Noé tivesse conhecimento. Infelizmente, nenhum manuscrito separado do livro de Noé é conhecido até hoje.

Odes de Salomão

Veja Salomão, Salmos de (abaixo).

Patriarcas, Testamentos dos Doze

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Paulo, Atos de

Veja Paulo e Tecla, Atos de (abaixo).

Paulo, Atos de André e
Veja André e Paulo, Atos de (acima).

Paulo e Tecla, Atos de

Os Atos de Paulo e Tecla é uma seção de uma obra apócrifa conhecida como os Atos de Paulo. Foi aparentemente escrita na segunda metade do segundo século d.C. por um ancião da igreja que vivia na Ásia. De acordo com Tertuliano (*Sobre o batismo* 17.19–21), o motivo para a escrita foi “amor a Paulo”, mas o presbítero foi removido do cargo por produzir este documento. Não está claro se a razão para sua deposição foi que ele fez uma falsa alegação de autoria apostólica, ou se foi porque os pontos de vista expressos no documento foram considerados heréticos.

A história se parece com um conto popular. Paulo chega em Icônio após fugir de Antioquia. Ele é recebido por Onesíforo, que o acolhe em sua casa. Um grupo de pessoas se reúne ali para ouvir a mensagem de Paulo. Ao lado da janela de uma casa vizinha, está sentada Tecla. Ela não pode ver Paulo, mas escuta atentamente sua mensagem. Sua mãe, Tecleia, exclama: “Minha filha, como uma aranha, está presa pelas palavras dele à janela, tomada por um novo desejo e uma terrível paixão”. Paulo está ensinando que, para “ver Deus”, uma pessoa deve viver uma vida de abstinência da atividade sexual.

Tecla está noiva para se casar, mas fica tão impressionada com o ensino de Paulo que decide romper seu noivado com Tamiris. Tamiris, em desespero, apela ao governador da cidade, que prende e encarcerar Paulo. Tecla suborna o carcereiro com pulseiras e um espelho de prata e entra na cela de Paulo. Novamente, ela fica fascinada por seu ensino. No julgamento, Tecla é firme em sua recusa em se casar com Tamiris. Paulo é banido da cidade; Tecla é condenada a ser queimada até a morte. Milagrosamente, sua vida é poupada, e ela se reúne com Paulo e viaja com ele para Antioquia.

Em Antioquia, Tecla rejeita as aproximações de um nobre, Alexandre, e pela segunda vez é condenada à morte. Mas as feras que deveriam devorá-la na arena pública em vez disso lambem seus pés e a protegem. Quando ela se joga em uma cisterna de água para realizar seu batismo, ela novamente é poupada da morte — um raio mata os peixes que espreitam na água, e eles flutuam sem vida na superfície. A rainha Trifena, que se tornou amiga de Tecla, desmaia de choque enquanto tentativas repetidas são feitas para tirar a vida de Tecla.

Vendo isso, Alexandre finalmente implora ao governador para libertar Tecla.

Livre mais uma vez, Tecla procura Paulo. Ela se disfarça de homem vestindo roupas masculinas. Ao chegar em Mirra, ela encontra Paulo e anuncia a ele que está retornando a Icônio. Paulo a comanda a “ensinar a palavra de Deus”. Depois de ensinar por um tempo em Icônio, Tecla viaja para Selêucia.

O restante da vida de Tecla não está bem documentado. Alguns manuscritos registram que Tecla, com medo do povo de Selêucia, retirou-se para uma montanha e residiu em uma caverna. Lá, ela viveu uma vida ascética, ensinou certas mulheres que a procuravam e realizou um ministério de cura. Mais tarde, ela partiu para Roma, em busca de Paulo. Paulo, no entanto, já estava morto. Quando a própria Tecla morreu, aos 90 anos de idade, foi enterrada não muito longe do túmulo de seu amado mestre.

Embora este trabalho seja considerado apócrifo e esteja excluído do cânon do NT, há alguns escritores antigos que o consideravam de grande valor. Os Atos de Paulo, dos quais este documento faz parte, são mencionados por Orígenes e por Hipólito com respeito. Eusébio tinha a opinião de que o documento era espúrio, mas ele o distinguiu de obras heréticas inferiores. Há duas instâncias onde detalhes de informação encontraram seu caminho dos Atos de Paulo para manuscritos antigos de livros canônicos ([2Tm 3.11](#); [4.19](#)). É provável que os pontos de vista indicados neste documento refletissem tradições religiosas populares amplamente mantidas no segundo século d.C.

Tertuliano, no entanto, argumenta que o documento está bastante em desacordo com as atitudes de Paulo, conforme expressas no material canônico. Em particular, ele se opõe ao papel assumido por uma mulher nos Atos de Paulo e Tecla. Paulo, diz Tertuliano, nunca teria permitido que uma mulher ensinasse e batizasse (*Sobre o batismo* 17.21–23). Os Atos de Paulo e Tecla diferem da posição paulina, mas não da maneira indicada por Tertuliano. O documento retrata Paulo como um defensor do ponto de vista encratita, ensinando que o celibato é necessário para a salvação. O Paulo canônico ensinou que a salvação é alcançada somente pela fé, e que o celibato é uma questão de chamado especial e certamente não a norma para todo cristão ([1Co 7.1–7](#)). Os Atos de Paulo e Tecla sugerem que uma mulher deve assumir vestes masculinas e deve abster-se do casamento se quiser exercer um papel

de liderança. O Paulo canônico instruiu que uma mulher em posição de liderança deveria se vestir como mulher ([1Co 11.4-6](#)), e ele afirmou a função ministerial de mulheres casadas ([Rm 16.3](#)). Os Atos de Paulo e Tecla emulam uma mulher cujo poder motivador era a devoção pessoal ao Apóstolo. Os escritos canônicos sugerem que Paulo desencorajava fortemente tal demonstração de lealdade pessoal a si mesmo ([1Co 1.12-17](#)). Somente Cristo deveria ser a influência motivadora no serviço cristão.

Os Atos de Paulo e Tecla nos oferecem uma descrição única da aparência física de Paulo: “um homem de pequena estatura, com cabeça calva e pernas tortas, em bom estado de corpo, com sobrancelhas unidas e nariz um tanto adunco, cheio de simpatia; pois ora parecia um homem, e ora tinha o rosto de um anjo”. Esta descrição provavelmente não é confiável em qualquer sentido histórico; mas provavelmente retrata um típico judeu do período. Mas como não há outra descrição preservada em documentos antigos, esta formou a base para os muitos retratos de Paulo que chegaram até nós ao longo dos séculos.

Paulo, Apocalipse de

Este documento, que se originou no final do quarto século d.C., pretende ser um relato escrito de algumas das experiências que o Apóstolo Paulo teve quando foi arrebatado ao terceiro céu, ou paraíso, de acordo com [2 Coríntios 12.2-4](#). O fato de Paulo não ter descrito o que viu ou ouviu durante aquela visão reveladora despertou a imaginação de algum cristão desconhecido do quarto século. Como o autor descreve com prazer as torturas no inferno sofridas por um presbítero, bispo e diácono (caps 34-36) e em outros lugares aprova a devoção e piedade de monges e freiras (caps 7-9) e daqueles que são virgens ou castos (cap 22), é seguro concluir que ele era um monge que desaprovava a religiosidade insincera e hipócrita de seus contemporâneos, tanto leigos quanto clérigos.

Este livro, originalmente escrito em grego, sobrevive em forma relativamente completa em latim. Uma indicação parcial da grande popularidade desta peça de ficção religiosa é o fato de ter sido traduzida para o etíope, copta e siríaco, além do latim.

O livro é vagamente estruturado em sete seções. A obra começa com uma breve seção introdutória que tenta explicar por que o livro era desconhecido do primeiro ao quarto século (caps 1-2): durante o

consulado de (Imperador) Teodósio Augusto, o Jovem e Cinigio (o documento pode, portanto, ser datado de 388 d.C.), uma pessoa respeitável, mas sem nome, recebeu uma revelação através de um anjo. O homem estava morando em Tarso, em uma casa que já havia sido ocupada pelo próprio São Paulo. O anjo disse ao homem para quebrar as fundações e publicar o que quer que encontrasse. Após ser espancado pelo anjo por desobediência, ele finalmente quebrou as fundações apenas para descobrir uma caixa de mármore que imediatamente entregou ao Imperador. O Imperador abriu a caixa e encontrou a versão original do Apocalipse de Paulo (que ele copia) e um par de sapatos usados por Paulo em suas jornadas missionárias. A substância do misterioso documento segue então.

Nos capítulos 3-6, diz-se que Paulo recebeu uma mensagem de Deus anunciando como toda a criação está sujeita a Deus, com exceção do próprio homem. Os capítulos 7-10 relatam como os anjos da guarda de cada homem e mulher relatam todas as manhãs e noites a Deus sobre as ações daqueles sob seus cuidados. Alguns são muito bons, enquanto outros são extremamente perversos. Nos capítulos 11-18, Paulo é levado no Espírito Santo ao terceiro céu e pede para ver as almas dos justos e dos pecadores ao deixarem o mundo. O anjo que acompanha Paulo mostra-lhe um homem justo deixando o mundo, um homem ímpio e a alma de alguém que se achava justo, mas na verdade não era.

Os capítulos 19-30 descrevem Paulo sendo elevado ao terceiro céu (cf. [2Co 12.2-4](#)), onde ele viu um portão dourado ladeado por pilares dourados sobre os quais estavam montadas tábua douradas contendo os nomes dos justos. Ao entrar no paraíso, ele foi saudado por Enoque e Elias e mostrou coisas que ele não podia revelar a outros (cap. 21; cf. [2Co 12.4](#)). De lá, ele foi levado ao segundo céu e depois ao firmamento cercado pelo Oceano (cap. 21). Lá ele viu as águas brancas como leite do Lago Aquerúsia, onde a cidade de Cristo estava localizada. Ele foi levado à cidade em um barco dourado enquanto 3.000 anjos cantavam um hino. No rio de mel, ele encontrou Isaías, Jeremias, Ezequiel e outros profetas (cap. 25); no rio de leite, ele viu os bebês mortos por Herodes (cap. 26); no rio de vinho, ele encontrou Abraão, Isaque, Jacó, Ló e Jó (cap. 27); no rio de óleo, ele encontrou aqueles completamente dedicados a Deus (cap. 28). No centro da cidade, junto a um Grande altar, Davi cantou o aleluia a Deus.

A jornada de Paulo pelo inferno é descrita nos capítulos 31–44; é um lugar de tristeza e angústia onde flui um rio fervendo com fogo. No rio, alguns dos condenados estavam imersos até os joelhos, outros até o umbigo ou lábios, dependendo da gravidade de seus pecados (cap. 31). Os capítulos 34–36 descrevem as torturas de um presbítero, bispo e diácono. Ao longo desta seção, as torturas mais horríveis imagináveis são descritas em detalhes com grande prazer. Finalmente, no capítulo 44, Cristo decreta que, por causa de Paulo, não haverá tortura aos domingos daqui em diante.

O guia de viagem angelical de Paulo então o acompanha ao paraíso (caps. 45–51), onde os justos de todas as eras estão ansiosos para conhecê-lo. Ele encontra a Virgem Maria (cap. 46), Abraão, Isaque e Jacó, bem como os 12 filhos de Jacó (cap. 47), Moisés, que chora pelos judeus não convertidos (cap. 48), Isaías, Jeremias e Ezequiel, cada um dos quais descreve seu martírio, Ló e Jó (cap. 49), Noé (cap. 50), Elias, Eliseu, Zacarias e seu filho, João Batista, e Adão (cap. 51). O documento ou terminou aqui ou, em versões alternativas, com a viagem milagrosa de Paulo ao Monte das Oliveiras, onde ele e os outros discípulos receberam a comissão divina.

O documento está repleto de contradições e inconsistências, e muitas das versões traduzidas não concordam entre si em todos os detalhes. A principal importância do documento está em suas visões sobre o pensamento do cristianismo do final do quarto século.

Paulo, Paixão de

Uma versão latina revisada do apócrifo Martírio de Paulo, que fazia parte de um corpo maior de textos chamado Atos de Paulo. O Martírio original é a história da ressurreição de Pátroclo por Paulo, o copeiro de Nero, que havia caído de uma janela e morrido durante um dos sermões de Paulo. Pátroclo confessa sua nova lealdade a Cristo diante do espantado Nero, que rapidamente se move para reunir todos esses “soldados do Grande rei (Cristo).” Paulo é incluído na expulsão de todos. A Paixão elabora a história para incluir uma passagem sobre a admiração de Sêneca por Paulo e seus escritos, partes dos quais Sêneca supostamente leu para Nero. Além disso, Paulo a caminho de sua morte pega emprestado um lenço de Plautila, prometendo devolvê-lo. Quando os soldados que retornam zombam dela, ela mostra a eles o lenço ensanguentado.

Paulo, Paixão de Pedro e

Veja Pedro e Paulo, Paixão de (abaixo).

Pérola, Hino da

Veja Tomé, Atos de (abaixo).

Pedro e Paulo, Paixão de

Este escrito chegou a nós em duas formas, ambas consideradas como tendo sido escritas por Marcelo e datadas do quinto século. A primeira forma é essencialmente como os Atos de Pedro e Paulo. Dá ênfase à viagem de Paulo a Roma. A segunda dá mais atenção à residência desses homens em Roma, com ênfase na estadia na casa de um parente de Pôncio Pilatos. Ambas enfatizam a estreita relação entre Pedro e Paulo e sua contínua e bem-sucedida oposição a Simão Mago, que afirma ser o Cristo. As sentenças de morte estão incluídas nos escritos, mas com apenas um breve relato de seus martírios.

Pedro, Evangelho de

Veja Fragmento de Akhmim (acima).

Pedro, Pregação de

Este documento, que sobreviveu apenas em fragmentos, parece ter sido escrito no início do segundo século d.C. no Egito. Embora o título não reivindique explicitamente a autoria de Pedro, foi entendido por Clemente de Alexandria (final do segundo século d.C.) como uma composição autêntica do Apóstolo Pedro (*Stromata* 2.15.68). A maioria dos fragmentos da Pregação de Pedro é preservada na forma de breves citações nos escritos de Clemente de Alexandria.

O historiador da igreja do quarto século, Eusébio de Cesareia, observou que a Pregação de Pedro não havia sido aceita por nenhuma autoridade antiga (*História Eclesiástica* 3.3.1–4), embora ele provavelmente não estivesse ciente de sua aceitação por Clemente. Mesmo que apenas fragmentos do documento tenham sobrevivido, eles são importantes porque revelam um estágio de transição na história da literatura cristã primitiva. Durante o primeiro século, a literatura cristã, incluindo todo o NT, foi escrita para o consumo de outros cristãos. Durante o segundo século, escritores cristãos começaram a sentir a necessidade de defender sua fé contra as críticas de seus oponentes pagãos e judeus. Um novo tipo de literatura cristã, a apologia (que significa “defesa”),

começou a aparecer no início do segundo século com os escritos dos primeiros apologistas cristãos Quadrato e Aristides. A Pregação de Pedro representa uma transição do tipo de escrita apologética encontrada nos Atos dos Apóstolos, os sermões que esse livro contém, e os escritos dos primeiros apologistas.

Como Clemente cita aleatoriamente a Pregação de Pedro, não é possível determinar a ordem em que qualquer uma das citações apareceu na composição original. Algumas das principais ênfases do documento aparecerão nos seguintes resumos das citações de Clemente. Pedro, de acordo com Clemente, chamou o Senhor de "Lei e Palavra" na "Pregação" (*Stromata* 1.29.182; 2.15.68). A humanidade deve reconhecer que *um* Deus criou o início de todas as coisas e tem o poder de trazer todas as coisas a um fim (*Stromata* 6.5.39–41). Os pagãos, a quem o autor da Pregação de Pedro se opôs, sustentavam que o universo era inciado e eterno. Deus, afirma o autor, é invisível, incompreensível, não precisa de nada, é inconcebível, eterno, imperecível e inciado. Este Deus não deve ser adorado à maneira dos gregos, pois eles tolos criaram imagens de materiais comuns e as adoram como deuses. Além disso, eles pegam animais que deveriam ser usados para alimentação e os sacrificam a esses ídolos. A adoração dos judeus também não deve ser emulada, pois eles reverenciam anjos, arcangels, meses e a lua. Se algum da nação de Israel se arrepender, encontrará perdão (*Stromata* 6.5.43). Em um lugar, a Pregação de Pedro narra como o Senhor enviou discípulos para pregar o evangelho por todo o mundo após a ressurreição (*Stromata* 6.6.48), embora a conexão precisa entre esta narrativa e as declarações apologéticas anteriores não seja clara. Pode ser que o documento tenha começado com uma versão especial da Grande Comissão. Em outro lugar, o documento afirma que os profetas do AT falam de Cristo, às vezes em parábolas e enigmas, mas em outras ocasiões de forma muito clara e direta (*Stromata* 6.15.128). De fato, os principais eventos da vida de Cristo, sua vinda, tortura, crucificação, morte, ressurreição e ascensão ao céu foram preditos em detalhes pelos profetas.

A importância dos fragmentos sobreviventes da Pregação de Pedro reside na maneira como revelam que o cristianismo do início do segundo século passou de uma posição defensiva para uma ofensiva na sua proclamação do evangelho.

Pedro, Atos Eslavos de

Um relato das viagens posteriores de Pedro e sua subsequente morte em Roma preservado para nós apenas na língua eslava. De acordo com este relato, uma criança (Jesus) vem a Pedro e lhe ordena que vá a Roma. O anjo Miguel é o capitão do navio que os leva a Roma. Após a chegada em Roma, Pedro diz à criança para pegar alguns peixes, e então ele pega 12.000 em uma hora. Depois, a criança é vendida a um nobre romano, Aravisto, por 50 peças de ouro. A criança silencia seus professores. Após uma visão de anjos, toda a casa é batizada. Nero prende Pedro, e então a criança o repreende. Muitos mortos são ressuscitados, mas a criança os envia de volta para seus túmulos para aguardarem a ressurreição por Miguel. Pedro é crucificado de cabeça para baixo. Quando a criança revela que é Jesus, os pregos caem do corpo de Pedro, ele ora pelo perdão de seus executores, e então ele morre. Tais versões apócrifas dos atos dos primeiros líderes da igreja são caracteristicamente cheias de atos fantasiosos dos apóstolos e seu contato com o Cristo.

Carta de Pedro para Filipe

Esta carta faz parte do material gnóstico cristão descoberto em 1947 em Nag Hammadi. Provavelmente data do final do segundo ou início do terceiro século. A carta recebe seu nome de um segmento no início do tratado em que Pedro afirma ter enviado o material a Filipe. A carta é escrita em uma forma de diálogo comum na literatura gnóstica. O corpo do texto consiste em uma série de perguntas feitas pelos apóstolos ao Senhor ressuscitado e as respostas dadas por ele. As perguntas fornecem uma base para a exposição da filosofia gnóstica sobre a estrutura do mundo revelada pela Luz Divina. Essa Luz é o Cristo, que é o Redentor celestial.

Pilatos, Atos de

Este documento é um evangelho apócrifo da paixão que alcançou sua forma atual em meados do quarto século d.C. O primeiro escritor cristão a se referir aos Atos de Pilatos foi Epifânio, um caçador de heresias eclesiástico, que escreveu uma longa denúncia de várias heresias em 375 d.C., na qual ele definitivamente mencionou os Atos de Pilatos (*Heresias* 50.1). Muito antes, Justino Mártir havia se referido ao relatório de Pilatos a Tibério sobre o julgamento de Jesus (*I Apologia* 35; 48), mas ele não parece estar se referindo aos Atos de Pilatos. No final do segundo século d.C., uma geração após Justino, Tertuliano referiu-se a um relato enviado

de Pilatos ao Imperador Tibério, mas este não pode ser os Atos de Pilatos, já que Jesus supostamente realizou muitos milagres diante do procurador. Embora não seja improvável que uma versão anterior dos Atos de Pilatos seja anterior ao quarto século, a versão atual deve ser datada de meados desse século. A língua original dos Atos de Pilatos era o grego, e traduções foram feitas para o latim, copta e armênio. Eusébio, o historiador da igreja do quarto século e bispo de Cesareia, condena o que ele considerava um relato blasfemo de Pilatos, aparentemente um documento pagão calculado para difamar Cristo (*História Eclesiástica*, 1.9.3; 9.5.1). Os "Atos cristãos de Pilatos" foi provavelmente composto para contrariar o documento pagão.

Os Atos de Pilatos é um documento composto por duas partes principais. A primeira parte (caps 1–16) alega ser uma tradução do hebraico para o grego de um relato escrito por Nicodemos sobre os eventos que cercam a paixão de Jesus. A segunda parte (caps 17–27), também chamada de "Descida de Cristo ao Inferno", descreve vividamente a descida de Cristo ao Hades para libertar os justos mortos (uma expansão imaginativa de [1Pe 3.19](#) que foi transformada no Credo dos Apóstolos na frase "ele desceu ao inferno"). Após o século 14 d.C., toda a composição foi comumente designada como o Evangelho de Nicodemos devido ao lugar proeminente que esse personagem ocupava no documento.

No prólogo dos Atos de Pilatos, um soldado romano chamado Ananias afirma ter encontrado os Atos de Pilatos em hebraico e os traduzido para o grego no 18º ano do reinado do Imperador Flávio Teodósio (425 d.C.). Segue-se uma citação de todo o documento: No 15º ano de Tibério César (29 d.C.), Nicodemos escreveu um relato dos eventos que cercaram a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Os sumos sacerdotes judeus acusaram Jesus de vários crimes religiosos a Pilatos e pediram que ele fosse julgado. Embora relutante, Pilatos mandou chamar Jesus de qualquer maneira, embora de forma bastante graciosa. Quando Jesus chegou, os estandartes romanos se inclinaram para ele por conta própria (cap. 1). No capítulo 2 as acusações judaicas contra Jesus incluíam: (1) que ele nasceu de fornicação, (2) que seu nascimento significou a morte das crianças de Belém, e (3) que José e Maria fugiram para o Egito porque eram insignificantes entre o povo de Israel. A acusação de fornicação foi imediatamente refutada por 12 judeus piedosos que testemunharam o noivado de Maria e José. Segue-se uma entrevista entre Pilatos e Jesus

(baseada em [Jo 18.33–38](#)) no capítulo 3. Os judeus acusam Jesus de blasfemar contra Deus, e Pilatos relutantemente entrega Jesus a eles (cap. 4). Nicodemos então se levanta no conselho judaico e os exorta a deixar Jesus ir, pois se ele não é de Deus, seu movimento falhará (cf. [At 5.38–39](#)), mas os judeus se opõem a ele (cap. 5). Então três judeus curados por Jesus testemunham em seu favor (cap. 6), seguidos por Berenice, a mulher curada do fluxo de sangue (cap. 7). A multidão proclama Jesus como profeta (cap. 8). Quando Pilatos oferece libertar um prisioneiro, os judeus pedem por Barrabás, e Pilatos então lava as mãos do assunto e manda Jesus ser açoitado e crucificado com os dois criminosos, Dimas e Gestas (cap. 9). Jesus é zombado pelas multidões, enquanto um criminoso (Gestas) é repreendido pelo outro (cap. 10). A morte de Jesus é acompanhada por um escurecimento do sol, que os judeus consideram um eclipse normal (cap. 11). José de Arimateia é então capturado pelos judeus e preso; quando eles vêm para executá-lo, ele desapareceu (cap. 12). Os guardas relatam a aparição do anjo no túmulo, mas são subornados pelos judeus para manter silêncio (cap. 12). Três judeus então vêm da Galileia: Finéias, um sacerdote; Adas, um professor; e Angeo, um levita. Eles relatam que testemunharam a Grande Comissão e Ascensão de Jesus no Monte Malique (cap. 14). Nicodemos sugere que as montanhas ao redor sejam verificadas para ver se algum espírito não levou Jesus apenas para jogá-lo nas rochas; os judeus não encontram nada além de José de Arimateia em sua cidade natal (cap. 15). José é convocado para testemunhar perante o conselho e revela como o Jesus ressuscitado apareceu para ele quando estava preso e o libertou (cap. 15). O conselho decide, após ouvir outras testemunhas, que se Jesus ainda for lembrado após 50 anos, as histórias devem ser verdadeiras (cap. 16).

O segundo documento começa com um relato de José falando ao conselho. Dois irmãos, ele afirma, foram criados ao mesmo tempo que Jesus. O conselho os convoca para contar suas histórias (cap. 17). Enquanto estavam no Hades, os irmãos afirmaram, uma Grande luz apareceu e Abraão e Isaías ficaram muito felizes (cap. 18). Satanás pensou que Jesus poderia ser contido no Hades (cap. 20); mas quando o Rei da Glória chegou, os portões foram derrubados. Satanás foi entregue aos anjos para ser amarrado (cap. 22) e foi repreendido por Hades por causar a ruína de seu reino (cap. 23). O Rei da Glória (Cristo) então levou Adão e o restante dos justos mortos para fora do

Hades (cap. 24) e para o paraíso (cap. 25), onde até mesmo o criminoso arrependido foi visto (cap. 26). Os dois irmãos afirmam que foram enviados pelo anjo Miguel para pregar a ressurreição de Jesus a toda a humanidade.

Os Atos de Pilatos são um pastiche (coleção) de citações e alusões dos quatro Evangelhos canônicos, misturados com adições imaginativas e até fantásticas. É basicamente um documento apologético que tenta defender a verdade da ressurreição de Jesus contra as alegações contrárias de adversários pagãos e judeus. Infelizmente, tem um tom antisemita que caracterizaria as dramatizações cristãs dos eventos da Semana da Paixão do quarto século até o final da Idade Média.

Pistis Sophia

Um manuscrito copta do quarto século (Códice Askewianus) que representa uma das principais obras gnósticas existentes hoje. A obra, contendo quatro capítulos, deriva seu nome da heroína, Sophia, embora apenas a primeira metade da obra se refira a ela. Esta parte relata como Jesus, durante os primeiros 11 anos após sua ressurreição, voltou para ensinar a seus discípulos o maior mistério de todos: a Tesouraria da Luz. Jesus voltou ao Monte das Oliveiras, onde é levado através dos eons e em sua jornada chega ao décimo terceiro eon, onde encontra Sophia. Ela está em tristeza porque teve um vislumbre da Tesouraria da Luz, mas é enganada por Autades (o auto-suficiente), que exibe um falso brilho diante dela, fazendo-a cair nas mãos dos poderes da matéria. Ela mantém sua esperança e fé, no entanto, e após 12 orações é libertada de Autades e do caos por Jesus, que a reinstala no limite inferior do décimo terceiro eon.

O trabalho está em forma de diálogo — com Jesus respondendo perguntas feitas por seus discípulos. O tema é totalmente gnóstico em sua visão de salvação que vem por uma doutrina oculta que traz iluminação.

Protoevangelho de Tiago

Veja Tiago, Protevangelium de (acima).

Salmos de Salomão

Veja Salomão, Salmos de (abaixo).

Ressurreição de Cristo por Bartolomeu, Livro da

Veja Bartolomeu, Livro da Ressurreição de Cristo por (acima).

Rúben, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Oráculos sibilinos

Um escrito pseudepigráfico composto originalmente por 15 livros, dos quais 12 estão preservados em manuscritos gregos tardios. A palavra *sibilina* é de origem grega. Alegava ser um oráculo dos deuses e geralmente continha uma mensagem de um evento catastrófico iminente. Alguns judeus adotaram e usaram esse modo de escrita para fins de propagação.

As sibila surgiram no início do período dos Macabeus (165 a.C.) e cobrem um período até pouco depois da destruição do segundo templo (76 d.C.). Os autores, presumivelmente escrevendo em Alexandria, Egito, enfatizaram a unidade e soberania de Deus. Deus controlava todos os eventos, enquanto as divindades pagãs eram inúteis, incapazes de fazer qualquer coisa. “Mas Deus é um, o mais exaltado de todos, que fez o céu, o sol, as estrelas e a lua... Ele constituiu o homem como o governante divinamente designado de tudo. Vocês homens... tenham vergonha de fazer deuses” (livro 2). Deus controla a história das nações. As sibila delineiam a história de 10 gerações desde o reino assírio até a destruição do segundo templo e o grande terremoto (livro 4.47ff.). O terceiro livro também contém uma seção sobre a devastação e problemas a serem experimentados antes do grande julgamento. Inclui duas passagens messiânicas nas quais o Messias introduz uma era de paz e prosperidade para os fiéis: “Ele levantará seu reino por todas as eras sobre os homens... Pois nada além de paz virá sobre a terra dos bons” (linhas 767, 780). O estado eterno será reservado para os fiéis que serão ressuscitados dos mortos em forma corporal: “Mas todos os que são piedosos viverão novamente na terra, quando Deus lhes der fôlego e vida e graça aos piedosos” (livro 4.187-190), enquanto os ímpios serão lançados no inferno, “E todos os que pecaram com atos de impiedade um monte de terra cobrirá novamente, e o sombrio Tártaro e os recessos negros do inferno” (linhas 183-186).

O propósito expresso dos autores das sibila era demonstrar a razoabilidade da fé judaica ao

apresentar sua mensagem na forma da sibila, introduzida pelos gregos e apreciada pelos romanos. Na sua ênfase no Deus de Israel e na sua oposição ao paganismo, eles, no entanto, estão na corrente do apocalíptico, a revelação dos segredos de Deus sobre o passado e o futuro. A sibila como oráculo divino foi, assim, usada como uma forma literária para transmitir uma mensagem ao mundo não-judaico.

Silvano, Ensinamentos de

Obra literária dos gnósticos, atribuída a Silvano, o companheiro de Pedro e Paulo. Foi descoberta em Chenoboskion no Alto Egito em 1946.

Simeão, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (abaixo).

Atos Eslavos de Pedro

Veja Pedro, Atos Eslavos de (acima).

Salomão, Salmos de

Os Salmos de Salomão são uma coleção de 18 cânticos atribuídos a Salomão. Eles são considerados pseudepígrafos. Os salmos foram provavelmente escritos por um autor, que viveu durante o meio do primeiro século a.C. e escreveu em hebraico. A perspectiva teológica do autor é farisaica em suas visões sobre a lei, o julgamento e o futuro de Israel. Os Salmos de Salomão são derivados do livro canônico de Salmos em sua forma e fraseologia. Uma das semelhanças na forma e fraseologia é a ênfase na antítese entre os justos e os ímpios. Os ímpios são os gentios que profanam as coisas sagradas do Senhor (2.3) e judeus apóstatas que caíram em pecado (3.11,13).

O caráter do pecador é o do tolo, em oposição ao homem sábio (cf. Literatura de Sabedoria). O tolo não se preocupa com o Senhor (4.1); suas palavras e ações traem sua injustiça (4.2ss.). Ele é conhecido por suas mentiras, julgamento dos outros, falsos juramentos, sua imoralidade, ilegalidade e ambições egoísticas às custas dos outros (cf. 12). Os justos são os sábios, que temem o Senhor (4.26). Ele não se perturba com maus sonhos ou tempos perigosos (6.4–5). Ele é provocado com zelo pela justiça do Senhor, ao testemunhar a profanação do templo e da lei (8.28). O amor do Senhor por ele é expresso na disciplina, e ele responde à repreensão do Senhor com arrependimento por seus pecados. O autor compara os justos à árvore da vida no Paraíso. Eles são estáveis e não serão

desenraizados (14.2ss.). Os ímpios, por outro lado, não serão lembrados nesta vida, e Deus lidará com eles de forma justa, lançando-os no “Sheol e escuridão e destruição” (14.6; 15.10).

O autor vê Deus como o Rei que governa poderosamente sobre as nações (2.34ff.) com prontidão para julgar seus inimigos e os inimigos dos justos (2.38ff.; 4.9) e para vindicar os justos (2.39). Como o cuidado do Senhor é demonstrado em seu sustento da natureza (5.11–12), em ele levantar reis, governantes e nações (5.13), o autor assegura ao leitor que seu cuidado se estende particularmente aos pobres e àqueles que o invocam (5.2–3,13). Ele é a esperança dos justos (8.37).

Em vista da crença anterior na realeza justa de Deus e em sua proteção aos justos, os salmos abundam na convicção de que o mal será superado pela intervenção de Deus em favor dos justos. O contexto particular em que esses salmos se originaram foi a entrada de Pompeu em Jerusalém e sua profanação do templo (63 a.C.), e esperava-se que, com a morte de Pompeu (48 a.C., cf. 2.30ss.), a era messiânica pudesse ser introduzida. Portanto, o autor lembra a Deus da aliança feita com Davi (17.5) e pede o perdão de Deus pelos pecados de Israel no passado. Israel sofreu invasões gentias e controle como resultado do julgamento de Deus (17.6). Como Pompeu havia morrido, o autor orou pela restauração da teocracia sob um rei davídico — “Eis, ó Senhor, e levanta-lhes seu rei, o filho de Davi. Todo o tempo em que Tu vês, ó Deus, que ele possa reinar sobre Israel Teu servo” (17.23). Por meio do Messias davídico, a terra será purificada dos pecadores, nações ímpias, e os justos serão santificados. O governo messiânico se estende apenas sobre o remanescente justo, que, quando restaurado à terra, será dividido nas 12 tribos; o Messias davídico governará sobre as tribos e as outras nações “na sabedoria de sua justiça” (17.29–31). O estrangeiro e as nações gentias não compartilharão da glória do reino. Em vez disso, sua posição será de servidão.

A esperança do futuro glorioso de Israel é o elemento apocalíptico nos salmos. Eles surgiram em um contexto histórico, mas antecipam um futuro radicalmente novo. O salmista pronunciou uma bênção sobre todos aqueles que testemunhariam o julgamento de Deus sobre as nações, a restauração de Israel e a introdução do reino messiânico: “Bem-aventurados aqueles que estarão nesses dias, pois verão a boa fortuna de Israel que Deus realizará na reunião das tribos. Que

o Senhor apresse Sua misericórdia sobre Israel! O próprio Senhor é nosso rei para todo o sempre" (17.50–51).

Salomão, Testamento de

O Testamento de Salomão é um escrito pseudepigráfico do segundo século a.C. O escrito afirma que Salomão foi o autor do testamento. Ele existe em manuscritos semíticos e em alguns textos gregos.

O material é basicamente cristão com ênfase na cruz e no nascimento virginal, mas também contém material judaico. O testamento relata como Salomão, por meio de um anel dado a ele pelo arcanjo Miguel, é capaz de subjugar e usar as habilidades de demônios para construir seu templo. Após completar o templo, no entanto, Salomão é levado à idolatria por causa de sua paixão por uma jovem sunamita. Sua queda foi tomada pelo autor do testamento como uma ocasião para alertar os leitores sobre o poder e as formas dos demônios e os anjos que têm poder sobre eles. A obra é escrita na forma de um testamento para permitir que Salomão reflita (em seu leito de morte) sobre como ele teve sucesso e falhou como um legado para Israel.

Testamentos dos Doze Patriarcas

Parte do pseudepígrafo judaico. Esta composição em particular é chamada de "testamento" porque representa os discursos de leito de morte de cada um dos filhos de Jacó. Os testamentos começam com o discurso de Rúben para seus filhos e terminam com o testamento de Benjamim para seus herdeiros. Cada patriarca é representado reunindo seus filhos ao seu redor e relatando os eventos importantes de sua vida. Durante o discurso, o patriarca adverte contra vícios e atitudes particulares e recomenda certas virtudes. O conselho e as advertências de cada patriarca frequentemente incluem percepções e previsões sobre pecado e salvação para seus filhos. O relato da vida do patriarca serve como um guia para o futuro de seus descendentes. No final do discurso, cada patriarca morre e é sepultado em Hebron.

Parece que o conceito de "testamento" encontra sua orientação em [Josué 23–24](#), onde Josué convoca os anciãos, chefes, juízes e oficiais de Israel ([Js 23.2; 24.1](#)) e lhes dá uma incumbência antes de sua morte. [Primeiro de Reis 2.1–12](#) retrata Davi dando a Salomão conselhos no leito de morte para andar nos caminhos de Deus. Os discursos dos patriarcas encontram mais referência nas

escrituras no capítulo [49](#) de Gênesis, onde Jacó chama seus filhos para ouvir sobre seu futuro. No final do discurso, Jacó morre ([Gn 49.33](#)).

A forma textual atual (versões eslava, armênia e grega) provavelmente surgiu em algum momento durante o segundo ou terceiro século d.C. No entanto, grande parte do material parece remontar ao segundo ou terceiro século a.C. O consenso acadêmico geral é que um texto original em uma língua semítica (hebraico ou aramaico) foi composto por um autor ou autores em algum momento no terceiro ou segundo século antes da era comum. Em um período posterior, seções cristãs foram adicionadas ao texto original. Para exemplos das seções cristãs, veja Testamento de Simeão 6.7; Testamento de Levi 10.2; Testamento de Dâ 6.9; Testamento de Naftali 4.5; Testamento de Aser 7.3–4; Testamento de José 19.11; Testamento de Benjamim 3.8; 9.2–4. Parece que os testamentos podem ter sido retrabalhados por um(s) escritor(es) judeu(s) e por outros escritores cristãos ao longo dos séculos. Assim, temos um documento judaico de cerca do terceiro século antes da era comum que passou por redações judaicas e cristãs ao longo de um longo período de tempo. Esses testamentos tornaram-se bastante populares no décimo século, com especial interesse sendo demonstrado nas profecias dos patriarcas e seu conhecimento secreto.

O seguinte é um resumo de cada um dos testamentos dos patriarcas. Os trechos são baseados em *Pseudepigrapha* de R. H. Charles, pp 282–367.

Rúben

O testamento de Rúben é muito influenciado por uma memória avassaladora de ter profanado a cama de seu pai. Isso se refere a Rúben ter tomado a concubina de seu pai, Bila, enquanto ela estava em um estupor alcoólico. Rúben tem opiniões muito fortes sobre o que considera serem atributos negativos das mulheres e adverte seus filhos a serem cautelosos em seu relacionamento com elas. Seus comentários sobre as mulheres provavelmente refletem os sentimentos negativos que existiam entre ele e Jacó em relação a Bila. Rúben prevê que no futuro seus filhos teriam ciúmes dos filhos de Levi, mas não seriam capazes de derrubá-los. Ele admoesta seus descendentes a terem respeito e amor uns pelos outros e a praticarem a verdade com seus vizinhos. Rúben é enterrado em Hebron.

Simeão

O patriarca Simeão é apresentado como um tipo de guerreiro forte. Refletindo o relato bíblico de José sendo vendido como escravo ([Gn 37.25-28](#)), Simeão testemunha que queria matar José em vez de vendê-lo como escravo. Como punição por essa atitude, Deus secou sua mão direita por sete dias. Simeão adverte seus filhos contra a inveja, o engano e a fornicação. Ele prevê que eles tentarão prejudicar os filhos de Levi, mas profetiza que os filhos de Levi permanecerão superiores. Simeão aguardava uma era de bem-aventurança (6.4-7a), quando o "Altíssimo" seria bendito. O versículo 7b é uma interpolação cristã, "Porque Deus tomou um corpo e comeu com os homens e salvou os homens". Ele admoesta seus filhos a obedecer aos filhos de Levi e Judá, pois seria deles que sua salvação seria realizada. Ele prevê que um sumo sacerdote viria de Levi e um rei desceria das linhas de Judá. Simeão conclui seu testamento prevendo que todos os gentios (uma interpolação) e Israel seriam salvos.

Levi

O testamento de leito de morte de Levi está na forma de sonhos que ele relata a seus filhos. Ele prediz que de seus descendentes e dos de Judá o Senhor "apareceria entre os homens" para salvar toda raça de homens (2.11). Os descendentes de Levi seriam "como o sol para toda a semente de Israel" (4.3b) e em um sonho é mostrado que as bênçãos do sacerdócio viriam para seus filhos (8.2-3). Levi prediz que um rei surgiria em Judá; este rei estabeleceria um novo sacerdócio que ministraria tanto para judeus quanto para gentios. O décimo capítulo tem uma interpolação cristã que, por causa da impiedade e transgressão, os filhos de Levi errariam contra "o Salvador do mundo, Cristo" (10.2) e que por isso seriam espalhados por todo o mundo. O capítulo 13 tem vários temas de sabedoria com ênfase na necessidade de seguir e obedecer a lei. O capítulo 16 introduz uma previsão escatológica de que os filhos de Levi se desviariam por 70 semanas. O capítulo seguinte dá um relato detalhado das 70 semanas nas quais haveria um sacerdócio para cada jubileu. O primeiro sacerdócio seria grande, e a relação do sacerdote com Deus seria tal que Deus seria chamado de pai. O segundo sacerdócio "seria concebido na tristeza dos amados" (17.3), mas este sacerdócio será glorificado por todos. Os cinco sacerdócios seguintes seriam caracterizados por tristeza, dor, ódio e trevas. No entanto, um novo sacerdócio eventualmente surgiria e a paz seria trazida a toda a terra (18.4); o pecado chegaria ao fim (18.9), pois este novo sacerdócio teria um espírito de

entendimento e santificação reposando sobre ele. O testamento se encerra com uma advertência para escolher entre a lei do Senhor ou a obra de Beliar (variante de Belial). Os filhos se comprometem com a lei e, após a morte de Levi, eles o enterram em Hebron.

Judá

No início do testamento de Judá, ele diz aos seus descendentes que havia sido prometido por seu pai que ele seria rei. "E aconteceu que, quando me tornei homem, meu pai me abençoou, dizendo: Você será um rei, prosperando em todas as coisas" (1.6). Judá relembra sua juventude e sua habilidade em conquistar animais selvagens. Ele obedeceu aos mandamentos e não cedeu à luxúria. Ele previu que seus descendentes cairiam na maldade por causa do amor ao dinheiro e da sedução de belas mulheres (cap. 17). No capítulo 21, Judá prevê que o Senhor daria a realeza aos seus descendentes e o sacerdócio aos filhos de Levi. O capítulo 24 inclui uma redação messiânica cristã. É previsto que da estrela de Jacó surgirá alguém que será sem pecado e dela crescerá uma vara de justiça para os gentios (24.6). O testamento conclui com esperança escatológica para o futuro quando "aqueles que são pobres por causa do Senhor serão enriquecidos e aqueles que são mortos por causa do Senhor despertarão para a vida" (25.4). Judá morre e é sepultado em Hebron.

Issacar

As últimas palavras deste patriarca são um tanto únicas, pois Issacar é retratado como sendo "reto" e sem transgressão (ao contrário de muitos de seus irmãos). Ele prevê que o sacerdócio virá de Levi e a realeza surgirá da linhagem de Judá. No capítulo 6, Issacar prevê que seus filhos "aderirão" a Beliar. Se reconhecerem a misericórdia de Deus e seguirem a vida exemplar de Issacar, "todo espírito de Beliar fugirá deles". Seu pedido final é ser enterrado em Hebron com seus pais.

Zebulom

O patriarca Zebulom começa seu testamento caracterizando-se como um "bom presente" para seus pais. Ele, como Issacar, indica que não está consciente de pecar "exceto em pensamento" (e se ele tem alguma iniquidade, é apenas o pecado da ignorância). Zebulom afirma que não apoiou as ações tomadas contra José, e teria contado ao seu pai sobre a situação de José, exceto que os outros irmãos concordaram que se "algum revelasse o segredo, ele deveria ser morto" (1.6). Em 1.7, ele declara que se não fosse por ele, os outros irmãos

teriam matado José. Os irmãos estavam tão desconfiados de Zebulom que o vigiavam até que José fosse vendido. O versículo 5.3 tem um tema familiar encontrado no NT e nos rabinos: "Tenham compaixão em seus corações, meus filhos, porque assim como um homem faz ao seu próximo, assim o Senhor fará a ele". Zebulom acredita que esta lição é demonstrada em termos práticos. Os filhos dos outros irmãos adoeceram e morreram por causa da ação tomada contra José ("porque não mostraram misericórdia em seus corações", 5.5). Os filhos de Zebulom foram preservados sem doença. Ele continua seu ensinamento de sabedoria (8.3) declarando que na medida em que um homem tem compaixão por seu próximo, o Senhor na mesma medida terá misericórdia dele. Zebulom prevê a divisão entre os reinos do norte e do sul e a eventual conquista desses reinos pelos gentios. No entanto, o povo se arrependerá e o Senhor os trará de volta para "a terra" e Jerusalém (9.8). No capítulo 10, Zebulom prevê que após sua morte ele "surgirá como um governante no meio de seus filhos" (10.2), e promete recompensa para aqueles que guardam as leis e punição para os ímpios. Zebulom morre no final de seu testamento e é enterrado em Hebron.

Dan

O patriarca Dâ lamenta seu ciúme de José e indica que foi controlado pelo espírito de Beliar. Ele revela que queria matar José para ter o amor de seu pai. Dâ adverte contra os espíritos de mentira e ira, e exorta seus descendentes a amarem a verdade e a longanimidade. Ele os admoesta a guardarem os mandamentos e a "amar o Senhor por toda a sua vida e uns aos outros com um coração verdadeiro" (5.3). Dâ prediz que seus filhos "nos últimos dias" se afastarão do Senhor e assim provocarão a ira dos filhos de Levi. Eles também lutarão contra os filhos de Judá. Seus filhos não vencerão contra os filhos de Levi e Judá porque um anjo do Senhor os guiará. Dâ é representado como tendo lido no livro de Enoque (uma referência favorita para os patriarcas) que Satanás e todos os espíritos de maldade e orgulho farão com que os filhos de Levi, Judá e Dâ pequem. Eles serão levados ao cativeiro onde receberão as pragas do Egito e todos os males dos Gentios. No entanto, quando retornarem ao Senhor, receberão misericórdia e serão agraciados com paz. A previsão é de que haveria um que se levantaria da tribo de Judá e Levi que é chamado de "a salvação do Senhor". Parece que o "que se levanta" faria guerra contra Beliar e executaria uma "vingança da Eternidade" contra seus inimigos (5.10). O aviso final de Dâ é para ter cuidado com

Satanás e seus espíritos e se aproximar de Deus e do anjo "que intercede por vocês" (6.2). A última seção admoesta os filhos de Dâ a passarem para seus filhos tudo o que ouviram para que "o salvador dos Gentios possa recebê-los". Segue-se uma polêmica cristã sobre o salvador ser verdadeiro, longânimo, manso e humilde (6.9). Quando Dâ morre, ele é enterrado perto de Abraão, Isaque e Jacó.

Naftali

Diz-se que Naftali tem 130 anos quando dá suas últimas palavras. Ele é retratado como estando em boa saúde, mas na manhã após um banquete percebe que vai morrer. Assim, ele reúne seus filhos ao seu redor. Naftali tem um forte senso de ordem que contribui para a constituição e ações do homem, bem como do universo. Ele vê o "problema dos gentios" como o abandono do Senhor e a mudança de sua ordem para que obedecessem aos "troncos e pedras". A mudança de ordem foi o problema em Sodoma e também causou o Dilúvio.

Naftali lê do livro de Enoque que seus filhos se afastarão do Senhor e andarão "segundo toda a iniquidade dos gentios" (4.1). Ele prevê que seus descendentes serão levados cativos por causa de seus pecados e, posteriormente, um "pouco" retornará ao Senhor e ele os trará de volta à sua terra. Após o retorno à terra, Naftali prevê que seus filhos esquecerão o Senhor e "se tornarão ímpios", resultando em sua dispersão por toda a terra. Eles permanecerão nesse estado até que a compaixão do Senhor venha e um homem que pratica justiça e misericórdia venha até eles. Naftali relata dois sonhos que teve em seu 40º ano. No primeiro sonho, ele viu o sol e a lua pararem. Isaque disse a seus netos para correrem e segurarem o sol e a lua, cada um de acordo com sua força. Levi segurou o sol, e Judá agarrou a lua. Ambos foram erguidos com o sol e a lua. Apareceu um touro no sonho com dois grandes chifres e asas de águia. Os outros filhos tentaram agarrar esse touro, mas não conseguiram. No entanto, José veio e segurou o touro e ascendeu "com ele nas alturas" (5.7).

Segue-se uma previsão de que as 12 tribos de Israel seriam levadas cativas pelos assírios, medos, persas, caldeus e sírios. O outro sonho viu um navio navegando no mar de Jamnia sem marinheiros ou piloto. Escrito no navio estava a inscrição "O navio de Jacó" (6.2). Jacó e seus filhos estavam no navio, e quando uma tempestade surgiu, Jacó se afastou de sua presença. Eventualmente, o navio se despedeça com a força do mar, e enquanto José navega em um pequeno barco, o resto dos irmãos

se divide entre nove tábua, com Levi e Judá compartilhando uma tábua. Parece que, pelas orações de Levi, todos os irmãos eventualmente chegam em segurança à costa. Quando Naftali relata esses sonhos a seu pai, Jacó responde que todas essas coisas devem se cumprir.

Naftali advertiu seus filhos para estarem unidos a Levi e Judá, pois através deles "a salvação surgirá para Israel" (8.2). Também através de Levi e Judá os justos dos gentios serão reunidos. Naftali morreu e foi sepultado em Hebrom.

Gade

O patriarca Gade é representado como odiando José porque José havia contado a seu pai que Gade e alguns dos outros irmãos estavam comendo do melhor dos rebanhos enquanto os cuidavam. Durante seu testamento, Gade confessa seu pecado de ódio a seus filhos e os adverte contra abrigar ódio, pois isso só traz angústia: "Pois assim como o amor vivificaria até os mortos e chamaria de volta aqueles que estão condenados a morrer, assim o ódio mataria os vivos e aqueles que pecaram venialmente não permitiria viver" (4.6).

O arrependimento é entendido como algo que dá conhecimento à alma e leva a mente à salvação. Gade incentiva seus filhos a honrarem a linhagem de Levi e Judá, pois nela se encontra a salvação de Israel. Ele prevê que seus filhos andarão em toda maldade e corrupção e termina em uma nota um tanto pessimista pedindo para ser enterrado perto de seus pais. Gade é enterrado em Hebrom.

Aser

Aser está muito consciente dos bons e maus espíritos e da escolha que o homem deve fazer entre essas duas possibilidades. Aser prevê que seus descendentes agirão de forma ímpia e não darão atenção à lei de Deus. Assim, serão entregues nas mãos de seus inimigos e serão dispersos. Eles existirão nesse estado até que o "Altíssimo" visite a terra "vindo Ele mesmo [como homem entre os homens comendo e bebendo]... ele salvará Israel e todos os gentios" (7.3-4). Esta interpolação cristã é seguida por uma declaração de que o Senhor os reunirá por causa de sua misericórdia e por causa de Abraão, Isaque e Jacó. Quando Aser morre, ele é enterrado em Hebrom.

José

José se chama de "amado de Israel" (1.2) e, embora tenha visto inveja e morte, não se desviou. Durante seu testamento, ele conta sobre sua provação de ser vendido como escravo. Os versículos do

capítulo 1 estão em paralelismo com a primeira metade do versículo contando a aflição de José e a segunda metade exaltando a segurança do Senhor: "Fui vendido como escravo, e o Senhor de todos me libertou: fui levado cativo, e sua mão forte me socorreu. Fui acometido pela fome e o próprio Senhor me alimentou" (1.5). José detalha suas experiências no Egito com oito capítulos dedicados às tentações da mulher egípcia. No entanto, José resistiu aos avanços dela e o Senhor o recompensou por suas convicções. Ele admoesta seus filhos a terem o temor do Senhor em todas as suas obras, porque quem faz a lei do Senhor será amado por ele. Este é o segredo de seu sucesso. José encoraja seus filhos a fazerem o bem a quem lhes fizer o mal e a orarem por seus inimigos. Ele dá sua atitude em relação a seus irmãos como exemplo de tal virtude.

José admoesta seus filhos a observarem os mandamentos do Senhor e honrarem Levi e Judá, pois "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, que salva todos os gentios e Israel" (19.11) surgirá deles. Ele prevê a escravidão no Egito, mas também a libertação eventual. Ele instrui seus filhos a levarem seus ossos com eles quando saírem do Egito, e o testamento indica que José foi sepultado em Hebrom.

Benjamin

O último patriarca dá seu testamento quando tem 125 anos. Ele encoraja seus filhos a amarem o Senhor e guardarem seus mandamentos. Ele os exorta a seguir a bondade de José, pois ele não queria que as ações de seus irmãos contra ele fossem contadas como pecado. Benjamim prediz que em José se cumprirá a profecia "concernente ao Cordeiro de Deus e Salvador do mundo, e que um sem culpa será entregue por homens sem lei, e um sem pecado morrerá por homens ímpios no sangue da aliança, para a salvação dos gentios e de Israel e destruirá Beliar e seus servos" (3.8). Pode-se ver imediatamente como a interpolação cristã encontraria fácil acesso para uma polêmica neste testamento. José é retratado como sofrendo na inocência e sem remorso. Da mesma forma, o Messias cristão sofreria e morreria por homens ímpios.

Benjamim acredita que há malfeiteiros entre seus filhos; de sua leitura do livro de Enoque, ele prevê que eles cometerão "fornicação com a fornicação de Sodoma" e apenas alguns sobreviverão (9.1). Parece haver um remanescente de cada tribo, pois as 12 tribos e os gentios se reunirão no último templo. A salvação deles será resultado do

“Altíssimo” enviar seu único “profeta unigênito” (9.2), e ele será levantado sobre uma árvore e o véu do templo será rasgado e o Espírito de Deus será passado para os gentios. Benjamim admoesta seus filhos que, se andarem em santidade de acordo com os mandamentos do Senhor, todo Israel será reunido ao Senhor. Quando Benjamim morre, ele é enterrado em Hebrom.

Do breve relato de cada patriarca, é evidente que os testamentos foram sujeitos a redação tanto judaica quanto cristã e vão além de mera interpolação. O texto reflete características como dois messias, um duplo mandamento de amor, ensinamentos éticos e teológicos, bem como salvação universal. No entanto, é muito difícil situar essas características em um período de tempo ou religião específicos.

Tadeu, Atos de

Uma versão do sexto século e extensão da Doutrina de Addai siríaca do quinto século, ou Lenda de Abgar. A Lenda contém uma suposta troca de cartas entre Abgar, rei de Edessa (9–46 d.C.), e Jesus. Essa troca resulta no envio de Tadeu, um dos apóstolos de Jesus, para Edessa. Enquanto está lá, ele realiza numerosos milagres, incluindo a cura de Abgar. Os Atos relatam que Abgar é curado quando Ananias, seu mensageiro, retorna antes da chegada de Tadeu. Os Atos se concentram na atividade de Tadeu ao estabelecer a igreja em Edessa.

Tecla, Atos de Paulo e

Veja Paulo e Tecla, Atos de (acima).

Tomé, Atos de

Os Atos de Tomé é um dos vários atos dos apóstolos que têm três características comuns. Eles narram a propagação do evangelho pelo mundo antigo, promovem os feitos e palavras de um dos apóstolos e inevitavelmente narram o martírio desse Apóstolo. Os mais antigos desses “narrativas de atos” são os de Paulo, João, André, Pedro e Tomé. Os Atos de Tomé, como os outros, é uma mistura de piedade cristã, os romances helenísticos populares da época e ensinamentos moralísticos do tipo haggádico judaico.

O estudo acadêmico dos Atos de Tomé sugere que provavelmente foi escrito no início do terceiro século. Foi definitivamente escrito primeiro em siríaco e provavelmente por alguém com fortes tendências à heresia gnóstica. Provou ser amplamente popular entre gnósticos, maniqueus e igrejas ortodoxas, tanto que foi rapidamente

traduzido do siríaco original para o árabe, armênio e várias traduções gregas. A partir dessas diversas versões gregas, foram feitas traduções para o copta, latim e etíope. Porções significativas da versão copta foram, por sua vez, retraduzidas de volta para o árabe, etíope e grego, criando assim uma tradição textual bastante confusa. Apenas um texto siríaco completo e antigo sobrevive, e é considerado menos confiável do que algumas das traduções gregas existentes.

Na edição crítica em inglês dos Atos de Tomé, a de A. F. J. Klijn publicada em 1962, a narrativa é dividida nos atos tradicionais (praxeis). Existem 13 destes numerados em 170 capítulos sequenciais que incluem o martírio conclusivo do Apóstolo. Várias peças litúrgicas, fragmentos de sermões e hinos são inseridos, incluindo dois hinos particularmente famosos na igreja primitiva — o da “Canção da Noiva” no ato 1 e o da “Canção da Pérola” no ato 9. Os primeiros seis atos não são entrelaçados por nenhum tema particular, e eles registram que Tomé embarcou em um navio para ir à Índia (ato 3), o que implicaria um ministério no sul da Índia. No entanto, o texto fala de ministério ao rei do norte da Índia, Gundaforo (ato 4). No entanto, os atos 7 a 13 e o martírio estão situados no reino do sul da Índia de Mazdai e são obviamente escritos por uma única mão. É provável que os primeiros seis atos representem materiais anteriores colocados no todo pelo escritor dos últimos sete atos e do martírio. Este documento é a primeira menção conhecida das tradições de que Tomé ministrou na Índia, foi martirizado lá, e que seus ossos foram retornados a Edessa. Atos de Tomé é escrito, assim como todos os atos apócrifos dos apóstolos, com a suposição de que o mundo foi dividido entre os apóstolos para evangelização e que a Índia coube a Tomé.

Tomé é chamado Judas Tomé ao longo destes atos, seguindo o estilo sírio de se referir a esse apóstolo. Tomé é mencionado como o gêmeo de Jesus (o Dídimos do NT), como receptor de revelações divinas especiais e como sendo Jesus novamente encarnado — nos capítulos 10, 11, 39, 47 e 48 dos Atos. Muitos historiadores acreditam que estas são indicações claras do pensamento gnóstico. Outros acham que tais ideias são expressões da adaptação de Jesus à percepção humana e identificação com seus apóstolos — características frequentemente encontradas na literatura cristã primitiva. Parece não haver dúvida de que as tendências gnósticas ou maniqueistas foram gradualmente editadas dos textos gregos e latinos por copistas ortodoxos.

Rapidamente se entende essa narrativa. Os Atos de Tomé começam com Judas Tomé recusando-se a ir para a Índia. Ele é então vendido como escravo — em paralelo à vinda de Cristo como escravo para redimir o homem. Assim, Tomé chega à Índia como carpinteiro (novamente o paralelo com Jesus) e construtor de casas. Ele atua como padrinho em um casamento no qual milagres convencem o flautista do papel de Tomé como apóstolo de Deus; então o rei pede a Tomé que ore por sua filha. Grande ênfase é colocada na pureza nos ensinamentos de Tomé, e isso geralmente envolve abstinência sexual também. Finalmente, muitos são convertidos, incluindo o rei, e eles formam uma assembleia de crentes em Sandaruque.

No segundo ato, o rei, Gundofor, dá a Tomé uma grande soma de dinheiro para construir um palácio. Após surpreender o rei traçando o palácio no chão no inverno, Tomé constrói-lhe um palácio no céu ao dar o dinheiro aos pobres. O rei prende e decide matar Tomé pela suposta decepção; mas o irmão do rei, Gade, morre e vai ao céu onde vê o palácio e deseja comprá-lo. Gade é então reunido com seu corpo e tenta comprar o palácio de Gundofor, quando Gundofor descobre que não pode vendê-lo, liberta Tomé da prisão e aconselha Gade a providenciar a construção de seu próprio palácio no céu. Tomé dá uma grande doxologia (caps. 25 do ato 2), e os dois irmãos que passaram a acreditar em tudo isso querem ser batizados.

Nestas narrativas de milagres e ensinamentos, todos os livros do NT parecem ser ecoados, embora haja relativamente poucas citações diretas. Passagens favoritas de milagres, como a jumenta falante de Balaão e a libertação de Pedro da prisão, são revividas na vida de Tomé com vasto embelezamento. A jumenta falante entra em uma casa e expulsa um demônio sob o comando de Tomé; Tomé causa grande consternação ao passar repetidamente para dentro e fora da prisão fechada com segurança. Tais milagres, sofrimentos e conversões compõem os atos 3 até 13 e continuam até o clímax do ministério de Judas Tomé. Seu martírio ocorre (cap. 168) nas mãos de quatro soldados com lanças que foram ordenados pelo rei de Mazdai a executar Tomé. Ele posteriormente aparece para seus seguidores, que têm os ossos de Tomé removidos para Edessa. Enquanto isso, o filho do rei de Mazdai adoece gravemente. Desesperado, o rei vai ao túmulo de Tomé, pensando em obter uma relíquia para curar seu filho. Ao encontrar o corpo desaparecido, ele usa o próprio pó sobre o qual o corpo de Judas Tomé repousava, e seu filho é curado. Depois disso, o rei

se torna um crente e se junta à comunidade de crentes.

Tomé, Evangelho de

Um evangelho não canônico e herético de origem gnóstica que provavelmente data do segundo ou terceiro século d.C. É um de um grande número de escritos semelhantes que floresceram entre as primeiras seitas religiosas, como os marcosianos (um grupo do segundo século que construiu um elaborado sistema sacramental em torno de números) e os maniqueus (uma heresia dualista do terceiro século baseada no conflito primordial entre luz e trevas). De fato, Cirilo de Jerusalém, que morreu em 386 d.C., diz que o Evangelho de Tomé foi escrito por “um daqueles discípulos perversos de Mani” (o fundador do maniqueísmo). Junto com o Protoevangelho de Tiago, é um dos mais antigos e mais amplamente conhecidos dos mais de 50 evangelhos apócrifos que circularam dentro das igrejas durante o período de seu crescimento e expansão iniciais.

Este Evangelho de Tomé (às vezes referido como um “evangelho da infância”) não deve ser confundido com a versão copta que foi desenterrada em 1945 perto de Nag Hammadi no Alto Egito. Esta última é uma coleção de 114 “ditos de Jesus”, que lançam muita luz sobre a influência do gnósticismo no cristianismo egípcio. Eles afirmam ser as “palavras secretas” de Jesus transmitidas por “Didimos Judas Tomé”. O Evangelho de Tomé, com o qual este artigo trata, é composto por uma série de milagres da infância de Jesus e é preservado para nós em quatro versões — duas em grego (uma consideravelmente mais longa que a outra), uma em latim e uma em siríaco.

O Evangelho de Tomé era aparentemente conhecido já por Hipólito (155–235 d.C.), que o cita dizendo: “Aquele que me procura me encontrará em crianças a partir de sete anos; pois lá estarei, eu que estou escondido no décimo quarto eon, serei encontrado”. Hipólito afirmou que era usado pelos naassenos (uma seita gnóstica que adorava a serpente) para apoiar sua doutrina sobre a natureza do homem interior. A citação acima não é encontrada nas versões existentes, mas isso é compreensível porque há evidências da esticometria de Nicéforo (possivelmente do quarto século) de que uma versão anterior tinha mais do que o dobro do comprimento. O Evangelho de Tomé era conhecido tanto por Orígenes (c. 185–254 d.C.) quanto por Eusébio (c. 260–340 d.C.). Este último o classificou entre os escritos heréticos

e disse que deveria ser “rejeitado como totalmente absurdo e ímpio” (*História Eclesiástica* 3.25).

As histórias que compõem o Evangelho de Tomé enfatizam o poder milagroso e a sabedoria sobrenatural do menino Jesus. Alguns estudiosos acreditam que foram originalmente fabricadas por cristãos ortodoxos em oposição à heresia gnóstica de que o “Cristo sobrenatural” veio sobre Jesus no momento de seu batismo. No entanto, é muito mais provável que devam sua origem à curiosidade das pessoas sobre como o menino Jesus deve ter sido. Algumas das histórias podem ter vindo de fontes pagãs.

Além de três ou quatro milagres, que poderiam ser classificados como benéficos, os feitos sobrenaturais que se dizia serem realizados pelo menino Jesus eram destrutivos. Por exemplo, quando uma certa criança estragou algumas poças feitas por Jesus, ele foi amaldiçoado por Jesus e secou completamente. Outro menino que provocou Jesus ao esbarrar nele “imediatamente... caiu e morreu”. Um professor que bateu na cabeça de Jesus foi imediatamente amaldiçoado e caiu no chão. O escritor francês Renan referiu-se ao Jesus do Evangelho de Tomé como “um pequeno malandro perverso”.

Ao longo do evangelho, Jesus é apresentado como infinitamente sábio. Ele ridiculariza seu professor Zaqueu dizendo: “Hipócrita, primeiro, se você sabe, ensine o Alfa, e então nós acreditaremos em você sobre o Beta”. Depois que Zaqueu se repreende por ser tão inferior àquele que pretendia tomar como discípulo, Jesus ri e anuncia: “Eu vim de cima para que eu possa amaldiçoá-los”. O texto continua: “E nenhum homem depois disso ousou provocá-lo, para que ele não o amaldiçoasse, e ele ficasse aleijado”.

Outros milagres incluem fazer 12 pardais vivos de barro, golpear seus acusadores com cegueira, ressuscitar uma criança dos mortos, curar um pé cortado ao meio por um machado, carregar água em uma roupa de tecido, colher uma colheita enorme de um único grão de trigo, esticar um pedaço de madeira até seu comprimento adequado e curar seu irmão Tiago, que havia sido mordido por uma víbora enquanto recolhia gravetos (para fazer fogo). Mais milagres podem ser encontrados na versão latina mais longa.

Não é surpresa que a igreja ortodoxa sempre tenha rejeitado do seu cânon das escrituras sagradas o apócrifo Evangelho de Tomé. No entanto, ele é citado em outros evangelhos posteriores do

mesmo tipo. Por exemplo, o Evangelho de Pseudo-Mateus a partir do capítulo 18 é baseado no Evangelho de Tomé. Juntamente com outros materiais apócrifos, exerceu uma influência significativa na arte e literatura cristãs, especialmente a partir do décimo século. Por exemplo, o relato de Jesus fazendo os 12 pardais de barro aparece no Alcorão.

Verdade, Evangelho da

Por volta de 1945, um grupo de camponeses egípcios perto da moderna Nag Hammadi accidentalmente cavou em uma tumba da antiga vila conhecida como Shenesit-Chenoboskion e desenterrou um jarro contendo 13 livros (9 dos quais estavam em grande parte completos) e 15 fragmentos de obras. Esta descoberta era a biblioteca de uma antiga seita gnóstica e continha todos ou partes de 51 diferentes escritos gnósticos — todos, exceto dois, que nunca haviam chegado às mãos de estudiosos modernos antes. Agora chamados de textos de Nag Hammadi ou Chenoboskion, essas obras foram a primeira descoberta moderna de literatura gnóstica original. Todos são traduções coptas de originais gregos anteriores.

O Códice I (intitulado o Códice Jung porque agora pertence ao Instituto Jung em Viena) é único entre as 13 obras porque está em copta sub-aquimímico, enquanto o restante das obras está no mais usual copta saídico. O Códice I contém cinco obras, duas das quais são o enormemente controverso Evangelho de Tomé e o Evangelho da Verdade.

O Evangelho da Verdade não tem título, mas sim tira seu nome do incipit (primeira linha do texto); não tem autor; não contém destinatário. Na verdade, não é um evangelho, mas sim um tratado que expressa o gnosticismo valentiniano em seu estágio mais inicial. Como o gnosticismo expresso no Evangelho da Verdade carece de todo o desenvolvimento mitológico posterior de valentiniano e porque é declarado de forma simples e em formas de pensamento quase ortodoxas cristãs, a maioria dos estudiosos modernos o atribui ao próprio Valentim, embora nenhuma prova definitiva disso tenha sido descoberta até agora. Se o próprio Valentim não escreveu este documento, então teve que ser alguém no círculo imediato de seus discípulos iniciais.

Valentim nasceu no Egito por volta de 100 a 110 d.C. Ele recebeu uma educação completa em Alexandria, tornou-se cristão e ensinou primeiro

no Egito antes de se mudar para Roma por volta de 136 d.C., onde permaneceu até 154 ou 155. Tertuliano, em sua obra contra a heresia, parece implicar que Valentim foi expulso duas vezes da igreja romana; ele afirma que Valentim era um homem brilhante e eloquente que tinha esperanças de se tornar um bispo em Roma em algum momento. Valentim atraiu seguidores capazes que mais tarde expandiram seus ensinamentos quase além do reconhecimento. Mas quando ele deixou Roma em algum momento após 154 ou 155, ele havia rompido definitivamente com a ortodoxia e estava ensinando uma forma de heresia gnóstica cujo produto foi o Evangelho da Verdade, escrito por ele mesmo ou por alguém de seu círculo imediato. Há uma declaração sobrevivente de que Valentim ensinou posteriormente em Chipre, e então ele desaparece nas brumas da história.

Ireneu disse que o Evangelho da Verdade não é evangelho, pois é diferente dos quatro Evangelhos (*Contra as Heresias* 3.2.9). Ireneu estava certamente correto, pois a obra não é uma narrativa. Nem o Evangelho da Verdade contém qualquer história sobre Jesus, qualquer nome de lugar de qualquer tipo, qualquer data, ou qualquer menção de qualquer pessoa além de Jesus, que é mencionado apenas cinco vezes.

Mais de 60 vezes, este breve trabalho utiliza as noções de conhecimento ou necessidade de saber. Este conhecimento nasce de dentro, à medida que a alma retorna a si mesma, encontrando ali o que a Divindade depositou nela — ou talvez melhor, encontrando ali o resíduo da Divindade ainda preso dentro dela. Assim, quem tem Gnose simplesmente tomou o que é seu e pode saber de onde vem e para onde está destinado. O papel de Cristo era apresentar o “Livro dos Vivos” ou o “Livro Vivo”. “Livro” é entendido, não como a proclamação do evangelho da vida e ensinamentos de Jesus, mas sim como o evangelho primordial ou verdade que existia antes da criação. Foi o erro e a ignorância que se rebelaram contra o Salvador e o pregaram no tronco. Implícito nisso, embora não explicitamente declarado, está o entendimento gnóstico de que também foi erro e ignorância divinos dos quais a matéria emergiu ou foi criada. A salvação para os seres vivos presos nesta matéria vem com o retorno à Divindade pura. O caminho deste retorno é a Gnose (conhecimento). O Pleroma, a plenitude da Divindade, saiu para as profundezas da matéria em busca dos eleitos entre os seres por meio de Jesus e da cruz.

Embora essas características do gnosticismo sejam claras, este evangelho está muito mais próximo da ortodoxia do que a maioria dos escritos gnósticos de Chenoboskion, porque menciona apenas um Filho de Deus, não várias emanações; não divide Jesus em um Jesus físico e um Cristo divino; e, mais notavelmente, Sophia, a personagem central usual no drama cósmico gnóstico, não aparece de forma alguma. É por essas razões, entre outras, que o Evangelho da Verdade é colocado muito próximo da ruptura de Valentino com a ortodoxia.

O Evangelho da Verdade assumiu algum grau de importância nos estudos do NT além do justificado por seu conteúdo herético, porque em toda parte assume nosso cânon completo do NT. Segundo a contagem de alguns estudiosos, há nada menos que 83 lugares onde o Evangelho da Verdade ecoa livros canônicos do NT — apesar do fato de não citar diretamente uma única fala de Jesus. Mais particularmente, ele se baseia fortemente no livro do Apocalipse e na Epístola aos Hebreus.

Virgem, Assunção de

Uma lenda amplamente divulgada trata da morte e translação da Virgem Maria. Nenhuma das muitas versões é anterior ao quarto século. A maioria remonta ao Egito. Nas versões coptas, o próprio Jesus aparece a Maria antes que os apóstolos partam para seus trabalhos missionários; Jesus anuncia sua morte e translação iminente. Em outra forma, um anjo faz o anúncio. Maria solicita a presença de todos os apóstolos, que são milagrosamente trazidos nas nuvens. Maria é transfigurada, e muitas curas resultam do contato com seu corpo morto. Ela é transportada para o céu por Jesus logo após sua morte.

Esta lenda em si mesma ganhou um novo interesse e importância quando, em 1950, “A assunção da bendita Virgem” foi incorporada ao dogma oficial da Igreja Católica Romana.

Virgem, Vida da

Há vários relatos sobre a vida e existência inicial da Virgem Maria. A maioria deles nos chega através de textos coptas. Eles contam sobre o nascimento de Maria para Joaquim (também chamado Cleofas) e Ana, que foram zombados por amigos por não terem filhos. Maria nasceu após uma visão de uma pomba branca. Em alguns relatos, Maria foi dedicada ao Senhor e então confiada aos cuidados de um homem, José. Enquanto estava na casa tecendo o véu do templo, anjos vinham ministrar a ela. A anunciação por Gabriel é dada em grande

detalhe. O nascimento de Jesus é descrito em detalhe enquanto José procura por uma parteira, Salomé. Outros relatos continuam a descrever cenas ternas entre Maria e o menino Jesus. Em algumas dessas versões, há uma identificação imprudente da Virgem Maria com todas as outras Marias dos Evangelhos.

Zebulom, Testamento de

Veja Testamentos dos Doze Patriarcas (acima).

Apócrifos, Evangelhos

Veja Apócrifos (Evangelhos apócrifos).

Apolo

Apolo era um judeu cristão e um pregador habilidoso na época das jornadas missionárias do apóstolo Paulo. Ele nasceu em Alexandria (Egito). A principal passagem bíblica sobre Apolo é [Atos 18.24-19.1](#).

O início do ministério de Apolo

De Alexandria, Apolo foi para Éfeso na Ásia Menor. Apolo era muito entusiasmado com sua fé. Ele era bem-educado e conhecia muito sobre cultura. Ele havia estudado cuidadosamente as Escrituras do Antigo Testamento. Ele conhecia o caminho do Senhor e falava com ousadia e abertamente na sinagoga em Éfeso. Apolo conhecia Jesus e ensinava sobre ele corretamente. No entanto, Apolo só sabia o que João Batista havia dito sobre Jesus. João Batista foi um homem que veio antes de Jesus para preparar as pessoas para a sua chegada.

Apolo aprende com Priscila e Áquila

Priscila e Áquila eram amigos e antigos associados de Paulo. Eles ouviram Apolo falar em Éfeso e perceberam que ele não conhecia o que havia acontecido com Jesus. Então o levaram consigo, em particular, e lhe explicaram o caminho de Deus de forma mais clara.

Apolo estava convencido da importância do batismo de João e da mensagem de João de que Jesus era o Messias (o líder escolhido por Deus). Apolo não conhecia ensinamentos como a justificação pela fé em Cristo ou a obra do Espírito Santo na salvação. A justificação pela fé em Cristo é ser feito justo diante de Deus ao acreditar em Jesus.

A obra do Espírito Santo na salvação é como o Espírito de Deus capacita as pessoas a se tornarem seguidores de Jesus. Priscila e Áquila ajudaram Apolo a aprender essas informações.

O ministério de Apolo na Grécia

Pouco depois dessa instrução, Apolo deixou Éfeso rumo à província romana da Acaia, na Grécia. Ele trouxe cartas dos cristãos de Éfeso, que instavam os discípulos na Acaia a receberem Apolo como um irmão cristão. Ao chegar, ele argumentou de forma contundente e pública com os judeus, usando seu conhecimento das Escrituras do Antigo Testamento para provar que Jesus era o Messias.

Paulo considerou o trabalho de Apolo em Corinto valioso. Paulo descreveu Apolo como aquele que regou a semente que ele havia plantado como fundador da igreja ([1Co 3.5-11](#)). Em 1 Coríntios, também fica claro que um dos grupos que dividia a igreja de Corinto era centrado em Apolo. No entanto, Apolo não era diretamente responsável por isso ([1Co 1.12; 3.1-4](#)). Paulo teve dificuldade em convencer Apolo de que ele deveria retornar a Corinto. Isso pode ser porque Apolo não queria encorajar a continuação daquele pequeno grupo ([1Co 16.12](#)).

Apolônia

Uma cidade localizada na via Egnácia, no leste da Macedônia. Paulo passou por Apolônia em sua segunda viagem missionária ([At 17.1](#)). Ele estava viajando do oeste de Filipos para Tessalônica, uma viagem de cerca de 145 quilômetros. Apolônia é geralmente identificada com a moderna Pollina.

apostasia

Virar-se contra Deus ao abandonar ou rejeitar crenças anteriores. O termo refere-se a uma rejeição deliberada da fé por alguém que costumava acreditar. Não se refere a não entender ou estar enganado. A apostasia é diferente da heresia (negação de uma parte da fé) e de mudar de denominação. Além disso, é possível negar a fé, como Pedro fez uma vez, e reafirmá-la posteriormente.

Originalmente, *apostasia* significava rebelião literal. Assim, o povo judeu foi descrito como "rebeldes" contra o rei Artaxerxes ([1Ed 2.23](#)). Além disso, Jasão foi descrito como um "rebelde contra

as leis" ([2Mc 5.6–8](#)). O Antigo Testamento lista muitos exemplos de rebelião espiritual:

- desvio da lei ([Js 22.22](#));
- abandonar o culto no templo ([2Cr 29.19](#));
- desobediência intencional para com Deus ([Jr 2.19](#)).

Isaías e Jeremias fornecem muitos exemplos das rebeliões de Israel ([Is 1.2–4](#); [Jr 2.19](#)). Os reis israelitas eram frequentemente culpados de apostasia:

- Roboão ([1Rs 14.22–24](#));
- Acabe ([1Rs 16.30–33](#));
- Acazias ([1Rs 22.51–53](#));
- Jorão ([2Cr 21.6,10](#));
- Acaz ([2Cr 28.1–4](#));
- Manassés ([2Cr 33.1–19](#));
- Amom ([2Cr 33.21–23](#)).

Nos tempos do Novo Testamento, muitos discípulos se afastaram de Cristo ([Jo 6.66](#)). Judas Iscariotes é o exemplo mais conhecido. A palavra grega de onde obtemos *apostasia* aparece em apenas duas passagens. O apóstolo Paulo foi acusado de apostasia por ensinar outros a "abandonar Moisés" ([At 21.21](#)). A apostasia será significativa nos tempos do fim ([2Ts 2.3](#)). Os cristãos foram avisados para não serem levados e enganados pela apostasia que virá nos tempos do fim antes do retorno do Senhor. Esta apostasia ocorre devido ao surgimento de uma figura rebelde que será usada por Satanás para realizar seu trabalho ([2Ts 2.3–12](#); compare [1Tm 4.1–3](#)).

Apóstolo, Apostolado

Designação oficial dada a certos indivíduos líderes nas igrejas do NT. Apostolado é o termo mais abrangente, denotando as funções daquele que serve em tal capacidade. Perguntas sobre origem, função e história do apostolado do NT são muito debatidas; não é possível dizer nada sobre algo como um consenso unindo as várias tradições da igreja. Alguma luz é colocada sobre nossa compreensão dos termos por um exame dos possíveis contextos linguísticos e conceituais.

A palavra grega para "apóstolo" não é usada fora do NT no mesmo sentido que é no NT. É derivada do verbo "enviar" e é comumente usada na linguagem marítima, que significa um "navio" específico ou "grupo de navios", uma "expedição marítima" ou "o líder" de tal grupo. Seu uso é quase sempre impersonal e completamente passivo. Não há nenhuma pista de iniciativa ou autorização pessoal, apenas a conotação de algo que está sendo enviado. Papiros posteriores usam a palavra para significar "conta" ou "fatura" ou até mesmo um "passaporte", continuando a refletir o vocabulário dos assuntos marítimos.

No NT, a palavra foi usada para designar aqueles que haviam sido enviados por Jesus para proclamação do evangelho. Entre o grupo mais amplo daqueles que o seguiam, Jesus escolheu 12 homens ([Mt 10.1–4](#); [Mc 3.13–19](#); [Lc 6.12–16](#)) que mantinham uma relação especialmente próxima com ele, recebendo instrução privada e testemunhando seus milagres e controvérsias com as autoridades judaicas. Em uma ocasião, Jesus enviou esses homens para pregar a mensagem de arrependimento, expulsar demônios e curar os doentes; isto é, para ministrar de maneiras que eram características de seu próprio trabalho ([Mt 10.1–15](#); [Mc 6.7–13, 30](#); [Lc 9.1–6](#)). O mesmo relacionamento é expresso no ditado "Quem ouve vocês está me ouvindo; quem rejeita vocês está me rejeitando; e quem me rejeita está rejeitando aquele que me enviou." ([Lc 10.16](#), NTLH; cf. [Mt 10.40](#)). É evidente que os Doze não estão apenas encarregados de transmitir o ensinamento de Jesus, mas de representar sua própria pessoa. Após a ressurreição, Jesus comissionou os Doze ([Mt 28](#); [Lc 24](#); [Jo 20–21](#)) para proclamar a ação de Deus em Cristo em nome de todos os homens. Apenas aqueles que haviam estado com Jesus desde o início de seu ministério até sua ressurreição estavam qualificados para ser suas testemunhas apostólicas ([Atos 1.21–22](#)). Paulo se qualificou porque ele havia visto o Cristo ressuscitado ([1Co 15.4–10](#)).

Os escritos Paulinos demonstram dois usos característicos da palavra "apóstolo". De vez em quando, se refere a pessoas autorizadas pelas congregações locais e confiadas a entrega segura de dons específicos para outros membros da comunidade cristã ([2Co 8.23](#); [Fp 2.25](#)). Mais importantes são aquelas passagens nas quais "apóstolo" assume um sentido mais técnico através da frase qualificadora "de Jesus Cristo" ([1Co 1.1](#); [2Co 1.1](#); [11.13](#); [Gl 1.1](#); [Ef 1.1](#); [Cl 1.1](#); [1Ts 2.6](#)). O "enviado" é o "enviado de Jesus Cristo" ([Rm 16.7](#); [1Co 9.1](#), 5; [12.28](#); [Gl 1.17–19](#)). Nas declarações em

que Paulo afirma seu próprio direito a este título, ele argumenta ao longo das linhas assumindo o mesmo conceito apostólico básico que Jesus tinha. Ele consistentemente liga esta alegação a um evento específico no passado em que o Senhor ressuscitado havia aparecido a ele ([1Co 9.1; Gl 1.12, 16](#)). Esta aparição ele classificou ao lado das aparições da ressurreição ([1Co 15.3–8](#)). Paulo entendeu sua experiência fora de Damasco (cf. [Atos 9.1–19a; 22.6–16; 26.12–18; Gl 1.17](#)) como uma comissão para toda a vida para pregar aquele que agora estava ressuscitado ([1Co 1.17; 2.1–2](#)) principalmente entre os gentios ([Atos 9.15; 22.15; 26.17, 23; Gl 1.15–16](#)). Foi através de seu ministério de pregação que Cristo continuou a trabalhar, criando o novo povo de Deus ([1Co 9.1–2; Gl 2.8](#)).

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro dos; Paulo, O Apóstolo.

Apotegma*

Dito curto e conciso. Como usado por alguns estudiosos bíblicos, o termo “apotegma” denota breves histórias nos Evangelhos que terminam em um ditado de Jesus (p. ex., [Mt 8.18–22; 9.10–13; 16.1–4; Mc 2.18–22; 10.13–15; Lc 6.1–5; 11.37–44](#)). Também conhecidos como “histórias de pronunciamento”, os apotegmas (plural) são desprovidos de um cenário histórico maior e contêm apenas detalhes suficientes para tornar a frase de Jesus inteligível. Porque tais histórias eram usadas na adoração, na educação de novos cristãos e na correção de falsos ensinamentos, elas eram de grande interesse para a igreja primitiva.

Áquila

O marido de Priscila ([At 18.2,18,26; Rm 16.3; 1Co 16.19; 2Tm 4.19](#)). Veja Priscila e Áquila.

Aquim

Um descendente de Zorobabel. Ele é listado no Novo Testamento como um ancestral de Jesus ([Mt 1.14](#)).

Veja: A ancestralidade de Jesus Cristo.

Aquis

O rei da cidade filisteia de Gate. Mesmo que Davi tivesse matado Golias, o campeão de Gate ([1Sm 17](#)), Davi fugiu de Saul para a corte de Aquis. Quando percebeu seu erro, Davi fingiu estar louco para salvar sua vida. Isso fez com que Aquis o expulsasse ([1Sm 21.10–15](#)). Mais tarde, quando Davi voltou a Gate com 600 combatentes, Aquis lhe deu a cidade de Ziclague para usar como base ([1Sm 27.1–7](#)). Aquis pensou que os homens de Davi estavam atacando os israelitas. Em vez disso, eles estavam destruindo cidades filisteias ([1Sm 27.8–12](#)).

Aquisor

O livro de Judite chama Aquisor de “líder de todos os amonitas” ([Jt 5.5](#)). Grande parte do [capítulo 5](#) descreve a versão de Aquisor sobre a história de Israel. Termina com seu aviso a Holofernes de que Deus protegeria Israel. Quando ele disse isso, os ouvintes ameaçaram despedaçá-lo.

Holofernes então enviou Aquior aos israelitas, e Uzias o tratou bem ([Jt 6](#)). Após a morte de Holofernes, Aquior foi ver a cabeça decepada do general assírio. Ao ver isso, ele se lançou aos pés de Judite, louvando-a. Ele reconheceu as poderosas obras de Deus, foi circuncidado (uma cerimônia religiosa para homens que se juntam à fé judaica) e tornou-se um membro permanente da comunidade israelita ([Jt 14.6–10](#)).

Ar

A capital de Moabe estava localizada na fronteira norte ([Dt 2.18,29](#)). Ficava perto do rio Arnom ([Nm 21.28](#)). Ar era às vezes usado figurativamente para se referir a toda Moabe ([Dt 2.9](#)). O profeta Isaías previu a destruição das cidades moabitas Ar e Quir ([Is 15.1](#)).

Arā

Arā é filho de Disã, neto de Seir, o horita, e descendente de Esaú ([Gn 36.28; 1Cr 1.42](#)).

Arã (Pessoa)

- **220.**Filho de Sem e neto de Noé ([Gn 10.22–23, 1Cr 1.17](#)). O ancestral dos arameus. Veja Síria, Sírios.
- **221.**Filho de Quemuel, neto do irmão de Abraão, Naor ([Gn 22.21](#)).
- **222.**Filho de Semer da tribo de Aser ([1Cr 7.34](#)).

Arã-Zobá

Um território sírio governado no tempo de Davi pelo rei Hadadezer. Davi o derrotou em [2 Samuel 8.3](#). Esta forma do nome ocorre no título do [Salmo 60](#).

Veja Zobá.

Arabá

O Arabá é um grande vale no Oriente Médio que divide a terra em partes oriental e ocidental.

Onde está localizado o Vale da Arabá?

O vale começa no Mar da Galileia ao norte e segue para o sul através do vale do Rio Jordão. Continua além do Mar Morto e termina no Golfo de Acaba. As pessoas costumam chamá-lo de Vale do Rift.

O vale tem aproximadamente 10 quilômetros de largura. Ele se estende por cerca de 322 quilômetros de norte a sul. O Mar Morto está dentro deste vale. Este mar é o ponto mais baixo da Terra que não está coberto por água do oceano, situando-se a 388 metros abaixo do nível do mar.

Qual é o significado de "Arabá"?

A palavra "Arabá" vem do hebraico e significa uma área seca e vazia onde poucas plantas podem crescer. O vale tem nomes diferentes em locais distintos. As pessoas que falam árabe chamam a parte norte do vale de "o Gor", que significa "depressão" (um lugar baixo). Esta seção norte vai do Mar Morto até o Mar da Galileia. A parte sul do vale, que se estende abaixo do Mar Morto, é chamada de "a Arabá".

No Antigo Testamento, a Bíblia usa Arabá de diferentes maneiras:

- Arabá às vezes se refere a toda a extensão do vale.
- Em [Deuteronômio 1.1; 2.8](#), Arabá refere-se à parte sul do vale.
- Em [Deuteronômio 3.17, 4.49](#), e [Josué 11.2](#), Arabá refere-se à seção nordeste do vale.
- Arabá poderia também se referir à parte do vale a leste do Rio Jordão ([Dt 4.49](#)).
- Em [Josué 11.16](#), Arabá refere-se à parte oeste do rio.
- Em [2 Samuel 4.7](#), Arabá refere-se ao vale do rio Jordão.

A forma plural de Arabá (Arboth) é usada 17 vezes no Antigo Testamento Hebraico. Seu significado, "planícies", refere-se à seção da Arabá perto de Jericó ou Moabe. O Mar Morto é às vezes referido como o Mar da Arabá ou Mar da Planície ([2 Rs 14.25](#)). Na maior parte, a seção da Arabá ao norte do Mar Morto era fértil e produtiva. Hoje também é.

Quais eventos importantes ocorreram no Arabá?

Foi da Arabá que Josué liderou a campanha para conquistar Jericó. Abner fugiu para a Arabá do norte após ser derrotado em Gibeão ([2 Sm 2.29](#)). Os assassinos de Isbosete atravessaram a área para levar sua cabeça a Davi em Hebron ([2 Sm 4.7](#)). Zedequias fugiu para a área quando foi capturado pelos babilônios ([2 Rs 25.4; Jr 39.4](#)).

O sul da Arabá foi o local das peregrinações de Israel antes de entrar na terra Prometida. Mais ao norte, a Arabá foi o cenário dos atos finais de Moisés ([Nm 32–36](#)). Moisés morreu e foi sepultado na Arabá ([Dt 1.1](#)). Ele foi enterrado nas campinas de Moabe a leste do Mar Morto ([Dt 34.1–6](#)).

O que torna a terra especial e qual é o seu futuro?

Ao sul do Mar Morto, havia depósitos de ferro e cobre. [Deuteronômio 8.9](#) pode aludir a esta área geral ao mencionar "uma terra onde as pedras têm ferro e as montanhas têm minas de cobre". A terra aqui é geralmente árida. Nos tempos antigos, o uso cuidadoso da irrigação tornou a agricultura possível em uma extensão limitada. Várias rotas

comerciais importantes passaram por esta área. A Arabá ao redor do Mar Morto foi outrora uma área especialmente fértil "como o Jardim do Senhor" ([Gn 13.10](#)). Isso mudou após a destruição de Sodoma e Gomorra.

A Bíblia contém promessas sobre o futuro desta área. O profeta Ezequiel escreveu sobre um rio especial que um dia fluirá do templo de Deus. De acordo com seus escritos, este rio descerá para o vale do Arabá. Quando isso acontecer, tornará a água salgada do mar em doce e limpa. Isso criará um bom lugar para peixes e outros seres vivos prosperarem ([Ez 47.1-12](#); [Jl 3.18](#); [Zc 14.8](#)). Veja Palestina.

Arábia, Árabes

A Arábia é uma grande península (uma porção de terra quase cercada por água) no sudoeste da Ásia. A água cerca a região por três lados: o Mar Vermelho a oeste, o Oceano Índico ao sul e o Golfo Pérsico a leste. Ao norte, é limitada por uma região fértil de vales fluviais e terras agrícolas chamada Crescente Fértil. Atualmente, os países da Jordânia e do Iraque formam a fronteira norte da Arábia. A Arábia é muito grande — cerca de 1,6 milhão de quilômetros quadrados (ou pouco mais de 1 milhão de milhas quadradas).

Por volta de 150 d.C., um geógrafo chamado Ptolomeu desenvolveu uma forma de descrever diferentes partes da Arábia. Ele dividiu a terra em três regiões. Outros geógrafos antigos, como Estrabão, utilizaram essas mesmas divisões:

223. Arábia Petreia (significando "Arábia Rochosa") no noroeste. Esta região incluía a Península do Sinai (a ponte terrestre entre a África e a Ásia), as terras de Edom e Moabe (áreas a leste do Mar Morto) e a região a leste do Rio Jordão (chamada de Transjordânia).

224. Arabia Deserta (significando "Arábia Deserta"). Esta região correspondia principalmente ao Deserto Sírio.

225. Arábia Felix (significando "Arábia Feliz"). Esta região abrangia a parte sul da Arábia. Era chamada de "feliz" porque recebia mais chuvas e era mais adequada para a agricultura do que as outras regiões

O que a Bíblia diz sobre a Arábia?

"Arábia" é usada como um termo geográfico na Bíblia. Às vezes, inclui tanto as seções do norte quanto do sul. Por exemplo, [2Cr 9.14](#) diz que os reis da Arábia trouxeram ouro para Salomão como tributo, um pagamento feito por uma nação ou governante a outro como um sinal de submissão ou respeito. Em outras ocasiões, o nome Arábia refere-se apenas ao noroeste *Arábia Petraea*. Por exemplo, Paulo disse que, após sua conversão, ele foi para os desertos da Arábia ([Gl 1.17](#)) e referiu-se ao Monte Sinai ([4.25](#)), que está nessa área noroeste.

Muitos lugares mencionados na Bíblia como Arábia estão mais especificamente em *Arábia Petraea*. Esses locais incluem Buz, Dedã, Dumá, Efá, o Hazor de [Jr 49.28-33](#), Massá, Messa e Midiã. Hazar-Mavé, Ofir, Sabtá, Sefar, Seba e Uzal estão no sul. Havilá e Parvaim estão possivelmente no nordeste. As autoridades debatem a localização de Seba. A terra de Uz é mencionada no livro de Jó. Muitos estudiosos acreditam que está localizada na área entre Edom e o norte da Arábia.

Muitos pensam que a Arábia é um dos países mais quentes. Em algumas áreas, isso é correto. A península tem mares a leste e a oeste, mas esses corpos d'água são pequenos demais para quebrar a paisagem seca afro-asiática. Existem, no entanto, algumas regiões que desfrutam de clima ameno. No sul, grande parte da terra é suficientemente elevada para evitar a intensidade do calor tropical. As planícies ao longo da costa têm um ambiente semitropical. Névoas e orvalhos são comuns nas regiões úmidas. No interior da Arábia, o sol brilha o ano todo. Ele é ocasionalmente obscurecido por uma tempestade de areia ou uma chuva ainda mais rara.

As pessoas desejavam a Arábia por seus recursos naturais. Faraós da primeira dinastia operavam minas de turquesa no Sinai. O ouro de Ofir e o incenso e mirra do sul da Arábia eram conhecidos mundialmente. A Rainha de Sabá trouxe essas especiarias preciosas para Salomão ([1Rs 10.2,10](#)). O comércio entre Israel e Arábia floresceu. Salomão tinha um porto em Eziom-Geber no Mar Vermelho, que usava para negociar com Ofir ([1Rs 9.26-28](#)). O

rei Josafá de Judá também recebia tributo dos árabes ([2Cr 17.11](#)). Josafá tentou reviver o comércio com Ofir, mas falhou ([1Rs 22.48](#)).

Quem eram os povos e tribos da Arábia?

Tribos associadas à Arábia desempenharam um papel significativo na história bíblica. Os ismaelitas ou midianitas levaram José ao Egito ([Gn 37.25-36](#)). Eles eram árabes. Os amalequitas também eram árabes. Eles guerrearam com Moisés no deserto de Arábia Petraea ([Ex 17.8-16](#)). O sogro de Moisés era um midianita ([Ex 18.1](#)). Seu nome era Jetro. O rei Uzias de Judá lutou contra os árabes ([2Cr 26.7](#)). Os meunitas mencionados no mesmo versículo provavelmente também eram da Arábia. Gesém, o Árabe, resistiu à reconstrução do muro de Jerusalém ([Ne 2.19; 6.1.6](#)). Ele também é conhecido por inscrições não religiosas.

Quedar era uma importante tribo árabe do norte. Eles foram condenados na mensagem de Isaías sobre a Arábia ([Is 21.13-17](#)). Jeremias também falou contra ela. Ele profetizou sua destruição por Nabucodonosor, que conquistou a Arábia ([Jr 49.28-33](#)). Os árabes nabateus eram aliados próximos da tribo de Quedar ([Is 60.7](#)). Os árabes nabateus tornaram-se muito importantes na história posterior. Eles capturaram Petra e cumpriram a profecia de Obadias sobre Edom. As referências à Arábia e aos árabes, na literatura apócrifa e no Novo Testamento, dizem respeito principalmente aos árabes nabateus ([1Mc 11.16; Gl 1.17](#)).

Quais reinos se desenvolveram no sul da Arábia?

No sul da Arábia, desenvolveram-se quatro reinos:

- 226.** O reino de Sabá (também chamado de Reino Sabeu);
- 227.** O reino de Ma'in (também chamado de Mineano);
- 228.** O reino de Catabã;
- 229.** O reino de Hadramaute.

Por volta de 115 a.C., o reino Himiarita assumiu o controle do sul da Arábia. O reino Himiarita controlou a Arábia até cerca de 300 d.C. Três séculos depois, a península Arábica presenciou o início do Islã.

Arade (Lugar)

O nome de um assentamento ou região cananeia no Deserto de Neguebe na época da conquista israelita de Canaã.

O rei de Arade lutou contra os israelitas, mas os israelitas o derrotaram ([Nm 21.1-3; 33.40](#)). Após a vitória, eles nomearam o lugar "Horma," que significa "destruição" em hebraico. Mais tarde, Josué e seu exército conquistaram Arade ([Js 12.14](#)).

Onde ficava a antiga Arade?

Por muitos anos, arqueólogos acreditaram que o Arade mencionado na Bíblia era o mesmo local que agora chamamos de Tel Arade (um tel é um monte antigo onde pessoas viveram no passado). No entanto, quando pesquisadores estudaram Tel Arade escavando seus restos, encontraram algo surpreendente. Ninguém estava vivendo lá quando os israelitas chegaram pela primeira vez à terra. Alguns estudiosos sugeriram que o Arade mencionado em Números e Josué era uma região e não um local específico.

Outros dizem que havia dois Arades. Um Arade é a cidade cananeia localizada possivelmente em Tel Malhata, cerca de 12 quilômetros (7,5 milhas) a sudoeste de Tel Arade. O segundo Arade é a cidade israelita localizada no moderno Tel Arade. Esta sugestão do segundo é apoiada por uma inscrição de Sisaque, um faraó egípcio que governou de cerca de 940 a 915 a.C. Isso indica que duas cidades chamadas Arade existiam durante o início do primeiro milênio a.C.

Qual foi o papel de Tel Arade no antigo Israel?

A única possível menção da moderna Tel Arade está em [Jz 1.16](#). Neste versículo, Arade é usada como ponto de referência para a terra ocupada pelos queneus. Tel Arade foi uma grande cidade importante durante a Idade do Bronze Antiga. Após ser destruída por volta de 2600 a.C., não foi reocupada até pouco antes de 1000 a.C. Tel Arade serviu como uma fortaleza na fronteira sul de Judá desde o tempo do Rei Salomão (970 a 930 a.C.) até que os judeus foram levados ao exílio.

O que os pesquisadores descobriram em Tel Arade?

Pesquisadores encontraram muitas coisas interessantes ao estudar Tel Arade. Uma de suas descobertas mais importantes foi um local especial de adoração que os israelitas haviam construído lá.

Este edifício era muito semelhante a outros dois importantes locais de adoração:

- O tabernáculo (a tenda sagrada que os israelitas levavam com eles no deserto);
- O templo (o principal local de adoração que foi posteriormente construído em Jerusalém).

O edifício tinha um altar (uma mesa especial para oferendas a Deus) que era do mesmo tamanho que o descrito em [Ex 27.1](#). Alguns estudiosos acreditam que este local de adoração pode ter sido usado por um grupo chamado queneus.

Os pesquisadores também encontraram pedaços de cerâmica quebrada com escrita neles (os estudiosos chamam essas peças de "ostraca"). Um desses pedaços menciona a "casa de Yahweh" (outro nome para Deus). Isso pode estar se referindo ao templo em Jerusalém.

Aram-Naaraim

Uma palavra hebraica que significa "Aram dos dois rios". Refere-se à área delimitada pelo alto Eufrates e pelos rios Habur. Às vezes é traduzida como "Mesopotâmia" ([Dt 23.4](#), NTLH).

A principal cidade daquela área era Harã, onde Tera e Abrão pararam. Foi também onde Tera morreu ([Gn 11.31-32](#)). Um servo de Abrão (mais tarde chamado Abraão) retornou à mesma região para buscar uma esposa para o filho de Abraão, Isaque ([Gn 24.1-10](#)). O filho de Isaque, Jacó, também voltou a Harã para buscar uma esposa ([Gn 28.1-5](#)). Padã-Arã é outro nome para Aram-Naaraim. Aram-Naaraim era a terra natal de Balaão, que era um profeta pagão ([Dt 23.4](#)).

Um opressor de Israel durante o período dos juízes foi Cusã-Risataim (ou, Cuchã-Risataim), rei de Aram-Naaraim ([Jz 3.8-11](#)). Mais tarde, nas guerras do rei Davi com Amom, ele teve que enfrentar carros mercenários contratados dos centros arameus de Aram-Naaraim, Aram-Maacá e Zoba ([1Cr 19.6](#); cp. [título do Sl 60](#)). Veja Síria, Sírios.

Aramaico

Uma das três línguas originais da Bíblia. O aramaico é encontrado em partes de Daniel ([2.4b-7.28](#)) e

Esdras ([4.8-6.18](#); [7.12-26](#)). Frases e expressões aramaicas também aparecem em Gênesis ([31.47](#)), Jeremias ([10.11](#)) e no Novo Testamento.

Uso no Antigo Testamento.

O aramaico é semelhante ao hebraico em estrutura e é escrito no mesmo alfabeto. Em contraste com o hebraico, o aramaico possui um vocabulário mais extenso, com muitas palavras emprestadas e uma maior variedade de palavras conectivas. Ele também contém muitos tempos verbais, utilizando participios com pronomes ou com várias formas do verbo "ser". Embora o aramaico seja menos agradável ao ouvido e menos lírico que o hebraico, provavelmente é mais eficaz para a comunicação.

O aramaico pode ter a história mais longa de qualquer idioma atual. Foi falado durante o período patriarcal da Bíblia (durante as vidas de Abraão, Isaque e Jacó) e ainda é usado hoje. O aramaico e a língua relacionada, o siríaco, desenvolveram-se em muitos dialetos (palavras e expressões únicas de uma região ou grupo social) em diferentes épocas e lugares. É simples, claro e preciso. Adaptou-se facilmente às necessidades diárias. Foi igualmente útil para estudiosos, alunos, advogados e comerciantes. Alguns o descreveram como o equivalente semítico do inglês.

A origem do aramaico é desconhecida, mas parece estar intimamente relacionada ao amorita e, possivelmente, a outros dialetos perdidos do noroeste semítico (uma família de línguas que inclui o hebraico, o ugarítico e o cananeu). Embora nunca tenha existido um reino arameu, alguns "estados" arameus foram influentes. Alguns escritos curtos em aramaico dos séculos X a VIII a.C. foram encontrados e estudados.

No século VIII a.C., os representantes do rei Ezequias pediram aos porta-vozes do rei assírio Senaqueribe: "Por favor, falem com seus servos em aramaico, pois entendemos. Não falem conosco em hebraico na presença do povo que está no muro" ([2Rs 18.26](#)). No período persa, o aramaico era a língua do comércio internacional. O povo judeu provavelmente começou a usá-lo no exílio por conveniência (pelo menos no comércio), enquanto o hebraico passou a ser usado principalmente pela elite educada e líderes religiosos.

Lentamente, começando após o exílio na Babilônia, o aramaico tornou-se amplamente falado na terra da Palestina. Neemias reclamou que crianças de casamentos mistos (com um dos pais que não era

judeu) não conseguiam falar hebraico ([Ne 13.24](#)). O povo judeu continuou a usar o aramaico amplamente durante os períodos persa, grego e romano. O Antigo Testamento foi eventualmente traduzido em paráfrases aramaicas. Essas traduções são chamadas de *Targums*, e algumas foram encontradas com os Manuscritos do Mar Morto.

Uso no Novo Testamento.

Acredita-se que o aramaico era a língua comum da Palestina durante o tempo de Jesus. No entanto, isso pode ser uma simplificação exagerada. Os nomes usados no Novo Testamento estão escritos em várias línguas:

- Aramaico (e.g., Bartolomeu, Barjonas, Barnabé);
- Grego (e.g., André, Filipe);
- Latim (e.g., Marcos);
- Hebraico.

O aramaico era amplamente utilizado junto com o grego e o hebraico. O latim provavelmente era restrito a grupos militares e políticos. O dialeto hebraico cotidiano, o hebraico mishnaico, também era usado na época de Jesus. Documentos em hebraico mishnaico foram encontrados entre os Rolos do Mar Morto.

O que era o “hebraico” mencionado em certas passagens do Novo Testamento ([Jo 5.2; 19.13,17,20; 20.16](#); [Ap 9.11; 16.16](#))? As línguas na inscrição na cruz de Jesus foram escritas em “hebraico, latim e grego” ([Jo 19.19–20](#)). Mais tarde, foi dito que o apóstolo Paulo falava “hebraico” ([At 22.2; 26.14](#)). O dialeto exato que ele falava não é claro, mas ele era um fariseu e seria capaz de ler o hebraico do Antigo Testamento. A palavra grega para *hebraico* é traduzida, às vezes, como *aramaico*. Pode ser um termo geral para semítico ou para uma mistura de hebraico-aramaico (como o iídiche é alemão misturado com hebraico). Em qualquer caso, o aramaico serviu como uma forma de conectar o hebraico ao grego como a língua falada pelo povo judeu nos dias de Jesus. Nesse sentido, o aramaico conecta o hebraico do Antigo Testamento com o grego do Novo Testamento.

Arão

O irmão de Moisés e o primeiro sumo sacerdote de Israel. Ele foi o representante e ajudante de Moisés durante o Êxodo dos israelitas do Egito.

Primeiros anos de vida e família de Arão

Arão era três anos mais velho que Moisés e tinha 83 anos quando eles se aproximaram do Faraó pela primeira vez ([Êx 7.7](#)). A irmã deles, Miriã ([Nm 26.59](#)), era a mais velha, madura o suficiente para enviar mensagens quando o bebê Moisés foi encontrado pela filha do Faraó ([Êx 2.1–9](#)). Os pais de Arão eram Joquebede e Anrão, que pertenciam à família de Coate dentro da tribo de Levi ([Êx 6.18–20](#)).

Arão e sua esposa, Eliseba, tiveram quatro filhos ([Êx 6.23](#)), que deveriam sucedê-lo como sacerdotes ([Levítico 1.5](#)). Dois deles, Nadabe e Abiú, desobedeceram a Deus ao realizar um ato impróprio enquanto queimavam incenso e foram mortos pelo fogo como consequência ([Lv 10.1–5](#)). O sacerdócio continuou através dos outros dois filhos de Arão, Eleazar e Itamar, que também ocasionalmente falharam em seguir corretamente as instruções de Deus ([Lv 10.6–20](#)).

Eventos importantes na vida de Arão

O êxodo do Egito.

A importância de Arão durante o Êxodo foi, em parte, devido ao seu relacionamento com Moisés. Quando Moisés tentou evitar liderar Israel por causa de uma dificuldade na fala, Deus escolheu Arão, que era um orador habilidoso, para ajudá-lo ([Êx 4.10–16](#)).

Arão nasceu enquanto os hebreus estavam escravizados no Egito. Moisés, criado como egípcio pela filha do Faraó, fugiu para o deserto de Midiâ após matar um capataz egípcio ([Êx 1–2](#)). Quando Deus enviou Moisés de volta ao Egito para libertar os israelitas ([Êx 3–4](#)), Arão foi enviado para encontrá-lo no deserto ([Êx 4.27](#)). Como Moisés esteve ausente por muitos anos, Arão se uniu com os anciões de Israel em nome de Moisés ([Êx 4.29–31](#)). Juntos, eles confrontaram o Faraó, transmitindo a ordem de Deus para libertar os israelitas ([Êx 5.1](#)). Quando o Faraó tornou a vida mais difícil para os escravos hebreus, Deus começou a demonstrar seu poder através de uma série de milagres ([Êx 5–12](#)). Arão, usando uma vara (provavelmente, um cajado de pastor), realizou os três primeiros milagres. Após uma praga de

mosquitos (traduzida, às vezes, como "piolhos") afetar todo o Egito, os magos do Faraó admitiram a derrota, dizendo: "Este é o dedo de Deus!" ([Ex 8.19](#)). Deus trouxe, assim, mais pragas através de Moisés, levando à morte de todos os primogênitos egípcios. Arão estava com Moisés ([Ex 12.1-28](#)) quando Deus revelou a Páscoa, onde as casas marcadas dos israelitas foram poupadadas da morte. Este evento é a origem da festa da Páscoa ainda celebrada pelos judeus hoje ([Ex 13.1-16](#)).

Peregrinação no deserto.

Depois que Deus conduziu os israelitas em segurança para fora do Egito e destruiu os egípcios que os perseguiam, Arão ajudou Moisés a governar o povo durante sua longa jornada para a Terra Prometida ([Ex 16.1-6](#)). Em uma batalha contra o exército de Amaleque, Arão apoiou Moisés segurando seus braços cansados em oração, garantindo a bênção de Deus ([Ex 17.8-16](#)). Embora Arão sempre fosse o segundo em relação a Moisés, ele foi reconhecido como um líder importante ([Ex 18.12](#)). Deus chamou Arão para se juntar a Moisés quando ele deu a lei no Monte Sinai ([Ex 19.24](#)). Arão estava entre os líderes que confirmaram as leis de Deus no Livro da Aliança ([Ex 24.1-8](#)). Ele acompanhou esses líderes parcialmente até a montanha sagrada e viu uma visão do Deus de Israel ([Ex 24.9-10](#)). Junto com Hur, Arão foi deixado no comando enquanto Moisés estava com Deus no topo da montanha ([Ex 24.13-14](#)).

Quando Moisés esteve ausente por mais de um mês, Arão cedeu à demanda do povo por um ídolo. Ele derreteu suas joias de ouro e fez um bezerro de ouro ([Ex 32.1-4](#)) (Os israelitas podem ter sido influenciados pela adoração de Ápis no Egito, um deus da fertilidade na forma de um touro). A princípio, Arão parecia pensar que estava fazendo algo aceitável para Deus ([Ex 32.5](#)). No entanto, as coisas rapidamente saíram do controle, levando a uma celebração selvagem e imoral em torno do ídolo ([Ex 32.6](#)). Deus ficou tão irritado que considerou destruir o povo. Ainda assim, Moisés intercedeu, lembrando a Deus de sua promessa a Abraão ([Ex 32.7-14](#)). Moisés confrontou Arão sobre a idolatria e a imoralidade, mas Arão culpou o povo em vez de admitir sua culpa ([Ex 32.21-24](#)). Os idólatras foram punidos com a morte ([Ex 32.25-28](#)), e todo o acampamento foi atingido por uma praga ([Ex 32.35](#)). Embora Arão estivesse em grande perigo, ele foi poupadado porque Moisés orou por ele ([Dt 9.20](#)).

No segundo ano de peregrinação, Arão ajudou Moisés a realizar um censo ([Nm 1.1-3,17-18](#)). Mais tarde, Arão pode ter ficado com ciúmes da liderança de Moisés, pois tanto ele quanto Miriã começaram a falar contra seu irmão, mesmo que Moisés fosse agora o homem mais humilde da terra ([Nm 12.1-4](#)). A oração de Moisés afastou a ira de Deus, mas Miriã sofreu por suas ações ([Nm 12.5-15](#)). Mais uma vez, Arão não foi punido. Arão também apoiou Moisés contra rebeliões em Cades ([Nm 14.1-5](#)) e mais tarde no deserto ([Nm 16](#)). Após um incidente final em Meribá, onde os israelitas quase se rebelaram novamente, Deus acusou Moisés e Arão de não confiarem plenamente nele e negou-lhes a entrada na terra Prometida ([Nm 20.1-12](#)). Arão morreu aos 123 anos no Monte Hor depois que Moisés removeu suas vestes sacerdotais e as deu ao filho de Arão, Eleazar ([Nm 20.23-29; 33.38-39](#)).

Veja também Israel, História de; O Éxodo; Peregrinações no deserto; Sacerdotes e Levitas; Tribo de Levi; A vara de Arão.

Ararat

Ararate é uma cadeia montanhosa rochosa na Armênia ([2Rs 19.37; Is 37.38](#)).

Ararat está localizado ao sul do Mar Negro e entre este e o Mar Cáspio. A cordilheira se estende até o leste da Turquia, sul da Geórgia e norte do Irã. De acordo com a Bíblia, a arca de Noé pousou nessas montanhas quando as águas do dilúvio começaram a baixar ([Gn 8.4](#)). Muitas pessoas procuraram nesta área remota, na esperança de encontrar a arca.

Não sabemos a localização exata de um único Monte Ararat. No entanto, há uma localização tradicional entre o Lago Van e o Lago Urmia, no que antes era chamado de Urartu (um nome antigo semelhante a "Ararat"). Esta área já fez parte da Assíria. A terra ao redor é um planalto elevado com poucas plantas, poucas pessoas vivendo lá e campos vazios de lava endurecida. Um pico de montanha nesta área é chamado de Agri Dagh, que significa "Montanha de Problemas" em turco. Tem 5.180 metros de altura. Os habitantes locais chamam-no de Kohl Nu, que significa "Monte de Noé". Por causa deste nome, a maioria das pessoas que procura a arca de Noé busca nesta área. *Veja Noé #1; Dilúvio, O.*

Arato

Poeta grego (315?-245? a.C.). Arato nasceu em Soli, na Cilícia (região na Ásia Menor). Ele estudou em Atenas, onde foi influenciado por Zenão, o fundador do Estoicismo. O Estoicismo é uma filosofia que ensina as pessoas a manterem a calma e controlarem suas emoções, concentrando-se no que podem controlar e aceitando o que não podem. Mais tarde, Arato viveu no palácio de Antígonos Gônatas, da Macedônia, e de Antíoco I, rei da Síria. A única obra existente de Arato é um poema sobre astronomia, "Fenômenos", dedicado a Zeus. O apóstolo Paulo citou esse poema em seu discurso no Areópago em Atenas: "Somos sua descendência" ([At 17.28](#)).

Araúna

Araúna era um jebuseu cujo eirado (onde o grão era separado da palha) foi o cenário de eventos significativos na história bíblica. Jebus era o nome de uma antiga cidade cananeia que mais tarde se tornou Jerusalém.

O Senhor impediu um anjo de continuar infligindo Israel com uma pestilência (doença ou praga) após a morte de 70.000 israelitas ([2Sm 24.15-16](#)). Esta praga do Senhor foi o resultado do censo orgulhoso do Rei Davi. A eira de Araúna marcou o local deste evento.

Por instrução do profeta Gade, o arrependido Davi comprou o terreno para construir um altar ([2Sm 24.17-25](#)). Araúna ofereceu bois e tudo o que era necessário para o altar como presente. Davi insistiu em pagar, dizendo: "Eu não oferecer ao SENHOR, meu Deus, sacrifícios que não me custaram nada". ([2Sm 24.24](#)).

Um relato paralelo usa a forma hebraica *Ornā* para o nome estrangeiro dos jebuseus ([1Cr 21.15-16](#)). A Tenda da Presença e o altar estavam muito distantes na colina de Gibeão ([1Cr 21.27-30](#)). Este relato diz que Davi estava com muita pressa para ir à Tenda fazer seu sacrifício.

Davi escolheu a eira como o local para o Templo ([1Cr 22.1](#)). Salomão mais tarde construiu o Templo lá no Monte Moriá ([2Cr 3.1](#)). A eira marcou a mesma área onde Deus havia ordenado que Abraão fosse para o sacrifício de Isaque ([Gn 22.2](#)).

Hoje, um importante santuário muçulmano chamado Domo da Rocha está onde muitos acreditam que a eira de Araúna estava localizada.

Arbusto

Tipo de arbusto perene; a NTLH usa planta do deserto para esse termo em [Jeremias 17.6](#). O mesmo termo hebraico é usado em [Jeremias 48.6](#). Veja Plantas (Zimbro).

Arbusto de lótus, árvore de lótus

Um arbusto ou árvore de lótus (*Zizyphus lotus*) é um arbusto ou árvore baixa que cresce até uma altura de cerca de 1,5 metros. Possui ramos lisos e em ziguezague que são esbranquiçados. As "plantas de lótus" em [Jó 40.21-22](#) podem se referir ao arbusto de lótus.

Alguns estudiosos acreditam que as plantas mencionadas em Jó referem-se a árvores de folhas grandes, como o plátano, *Platanus orientalis*, ou o oleandro, *Nerium oleander*. Esta ideia baseia-se na crença de que o animal descrito em [Jó 40](#) é o hipopótamo. Esses estudiosos acham improvável que um hipopótamo viva sob um arbusto de lótus ou mesmo seja encontrado em lugares onde esse arbusto cresce. Eles consideram o plátano ou o oleandro como escolhas mais prováveis.

Arca da Aliança

A peça de mobiliário mais importante no tabernáculo do deserto (o santuário-tenda) que Deus instruiu Moisés a construir ([Êx 25.10-22](#)). A palavra hebraica para arca também pode significar "cofre" ([2Rs 12.9-10](#)) ou "caixão" ([Gn 50.26](#)). Esta não é a mesma palavra usada para a arca de Noé.

Descrição da Arca

Moisés instruiu Bezalel a fazer uma caixa especial chamada arca. Ela foi feita de madeira de acácia e coberta com ouro por dentro e por fora ([Êx 31.1-5; 37.1-9](#)). O baú media cerca de 114 por 69 por 69 centímetros (ou 45 por 27 por 27 polegadas). A arca tinha argolas nas laterais. As pessoas podiam passar varas por essas argolas para carregá-la.

A arca foi projetada para conter as duas tábua da aliança dadas a Moisés ([Êx 25.16](#)). Como as tábua também eram chamadas de "testemunho", a arca, às vezes, era referida como a "arca do testemunho". Dentro da arca também foi colocado um pote de

maná, o alimento milagroso de Deus ([Ex 16.33](#)), e a vara de Arão que floresceu ([Nm 17.10](#); [Hb 9.4](#)).

A tampa da arca era chamada de "propiciatório" ou "lugar de misericórdia" ([Êx 25.17](#)). Esta era uma placa de ouro que cobria o topo da arca e tinha seu próprio significado. Todo ano, o sumo sacerdote fazia expiação pelo povo de Israel aspergindo o propiciatório com o sangue de touros e bodes ([Lv 16.2-16](#)). O termo "propiciatório" está relacionado à palavra hebraica para "expiar". A tampa era chamada de "assento" porque acreditava-se que o Senhor se sentava entre dois querubins (criaturas aladas) posicionados em extremidades opostas do propiciatório ([Sl 99.1](#)). O Senhor falava com Moisés de entre os querubins ([Nm 7.89](#)).

A arca às vezes era simplesmente chamada de "a arca" ([Êx 37.1](#); [Nm 3.31](#)). Outras vezes, era chamada de "arca do testemunho" ([Nm 4.5](#); [Js 4.16](#)). Os israelitas eram lembrados de que a santidade da arca não era mágica, mas vinha da santa lei de Deus contida nela. O nome "arca do testemunho" também os lembrava da necessidade de seguir os mandamentos dados na aliança de Deus.

Esses comandos foram dados pelo Deus que fez a aliança (ou promessa) com eles. Ele era o mesmo Deus que resgatou Israel da escravidão no Egito e prometeu ser seu Deus sempre presente. ([Êx 6.6-7](#)). Assim, a arca era geralmente chamada de "Arca da Aliança." Às vezes, esse nome era "a arca da aliança do SENHOR" ([1Cr 28.18](#)).

Às vezes, a arca era chamada de "a arca do SENHOR". Era um sinal visível de que o Deus invisível estava presente entre os israelitas. A arca possuía uma santidade poderosa e muitas vezes mortal. Por exemplo, o povo de Bete-Semes foi severamente punido por não tratar a arca adequadamente ([1Sm 6.19](#)).

Da mesma forma, Uzá foi morto pelo Senhor quando tocou na arca para evitar que ela caísse de um carro ([2Sm 6.6-9](#)). A arca era perigosa de tocar porque simbolizava a presença de Deus. Por causa disso, Deus ordenou que a arca fosse colocada no santo dos santos, separada do restante do tabernáculo (e mais tarde do templo) por um véu pesado ([Êx 26.31-33](#); [Hb 9.3-5](#)). Nenhuma pessoa pecadora poderia olhar para a glória de Deus acima da arca e viver ([Lv 16.2](#)).

História

Quando os israelitas viajaram do Monte Sinai para Canaã, a arca os acompanhou pelo deserto. Ela

servia como um lembrete constante da presença santa de Deus. Durante essa jornada, a arca foi descrita quase como se tivesse características pessoais ([Nm 10.33-36](#)). As instruções detalhadas para embrulhar e carregar a arca ([Nm 4](#)) mostravam a relação próxima entre Deus e a arca, dando-lhe uma sensação de estar "viva".

A arca desempenhou um papel significativo durante a jornada no deserto. Quando um grupo de israelitas tentou invadir Canaã por conta própria, sem a arca ou Moisés, foram derrotados por seus inimigos ([Nm 14.44-45](#)). A arca teve um papel importante nos eventos seguintes:

- Atravessando o Rio Jordão ([Js 3.13-17](#); [4.9-10](#));
- A conquista de Jericó ([Js 6.6-11](#));
- A vida dos israelitas em sua nova terra ([Js 8.33](#); [Jz 20.27](#)).

Os israelitas não usavam a arca de maneira supersticiosa ou mágica. Eles não a tratavam como um objeto de sorte ou algo com poderes especiais.

Em vez disso, a arca era importante por duas razões principais:

230. Ele continha as leis de Deus
(chamadas de "testemunho").

231. Isso mostrou que Deus estava com
eles.

Em contraste, na época de Eli e seus filhos, no final do período em que os juízes governavam Israel, o papel da arca havia mudado. Os israelitas ainda respeitavam a arca, mas não compreendiam seu propósito. Eles pensavam que era um objeto mágico que sempre lhes traria sucesso ou vitória. Quando os israelitas perderam uma batalha contra os filisteus, trouxeram a arca para o campo de batalha na esperança de que ela garantisse a vitória ([1Sm 4.1-10](#)). No entanto, esse uso indevido levou à captura da arca pelos filisteus ([1Sm 4.11](#)) e causou derrota e morte entre os israelitas, incluindo a família do sumo sacerdote Eli ([1Sm 4.13-22](#)).

Embora os israelitas tenham usado mal a arca, Deus ainda protegeu sua honra. Quando os filisteus colocaram a arca no templo de seu deus Dagom, coisas estranhas aconteceram ([1Sm 5-6](#)). Esta história mostra duas coisas importantes:

232. O povo de Deus não deve tratar a arca
como se fosse um objeto mágico.

233.Os inimigos de Deus não podem ridicularizar a arca.

Samuel, um grande reformador e profeta, não tentou imediatamente tornar a arca importante novamente após seu retorno a Israel. Ele a deixou em Quiriate-Jearim até que Israel retornasse à obediência ([1Sm 6.21; 7.2](#)). Samuel primeiro teve que fazer Israel obedecer à aliança de Deus antes que a arca fosse útil. Davi, que foi rei após Saul, trabalhou para trazer a arca de volta a um lugar importante na vida de Israel ([2Sm 6.1-17](#)).

Embora a arca fosse uma vantagem para a nova capital de Davi, Jerusalém, [Sl 132](#) revela a profunda preocupação de Davi com a arca e a honra de Deus. Em um momento de grande alegria religiosa e entusiasmo, Davi orou diretamente a Deus, dizendo: "Levanta-te, ó Senhor, para o teu lugar de descanso, tu e a arca da tua força" ([Sl 132.8](#)). Davi via a arca como "inquieta" porque Israel não estava em repouso. Canaã não estava completamente conquistada. Embora alguma paz tenha sido alcançada durante o tempo de Josué ([Js 21.43-45](#)), ainda havia trabalho a ser feito. Ao conquistar Jebus (Jerusalém), Davi quase completou a conquista da terra Prometida.

Com a terra finalmente em repouso, o Senhor poderia agora "habitar" em seu templo, o local de descanso apropriado para a arca. Apesar do desejo de Davi de construir um templo para a arca, Deus não permitiu que ele o fizesse ([2Sm 7.1-17](#)). Em vez disso, foi dito a ele que seu filho Salomão construiria um templo. Salomão construiu um grande templo, colocando a arca na parte mais sagrada, atrás das cortinas ([1Rs 8.1-11](#)).

Arco

Uma arma arqueada que dispara flechas, utilizada nos tempos bíblicos para caça e guerra.

Veja Arqueiro, Arco e Flecha.

Arco-íris

Sinal da aliança de Deus com Noé após o dilúvio ([Gn 9.8-17](#)). A palavra hebraica comum para "arco de guerra" é usada. A tradição judaica interpretou isso como um símbolo de que a ira de Deus havia cessado, já que o arco-íris apontava para baixo, assim como um antagonista abaixa seu arco para

declarar paz. No NT, o arco-íris faz parte da visão celestial ([Ap 4.3; 10.1](#)).

Veja também Dilúvio, O.

Arde, Ardita

O primogênito de Benjamim, Belá, teve nove filhos ([1Cr 8.1; Nm 26.40](#)). Arde, um dos nove filhos, é chamado de filho de Benjamim no sentido hebraico, significando descendente ([Gn 46.21](#)). Ele foi o fundador da família Ardita, um grupo menor dentro da tribo maior de Benjamim. No livro de 1 Crônicas ([8.3](#)), Arde é chamado de Adar. Essa diferença na grafia é provavelmente devido a um erro cometido ao copiar o texto há muito tempo.

Areli, Arelita

Um dos sete filhos de Gade ([Gn 46.16](#)). Após a praga de Baal-Peor, Moisés realizou um censo para se preparar para a guerra com os midianitas ([Nm 25.6-18; 26.17](#)). Os descendentes de Areli, chamados de Arelitas, foram contados no censo.

Areopagita

Um membro do conselho ou tribunal do Areópago em Atenas ([At 17.34](#)). *Veja Dionísio.*

Areópago

Uma colina em Atenas, Grécia. Fica a noroeste da Acrópole e tem vista para o mercado ([At 17.19](#)). "Areópago" também se refere ao conselho ou tribunal ateniense que se reunia lá. A formação irregular de calcário também era conhecida como Colina de Marte. Marte era o equivalente romano do deus grego Ares.

Alguns filósofos epicuristas e estoicos levaram Paulo, o apóstolo, perante o conselho no Areópago. Paulo estava discutindo com judeus e gentios tementes a Deus na sinagoga e no mercado (*ágora*) ateniense por vários dias ([At 17.16-21](#)).

Embora o caso de Paulo não tenha sido um julgamento oficial, julgamentos eram realizados no Areópago. Sócrates enfrentou ali aqueles que o acusaram de depreciar os deuses gregos, cinco séculos antes. No tempo de Paulo, o conselho do

Areópago era responsável por considerar questões políticas, educacionais, filosóficas e religiosas, além de alguns procedimentos legais.

O tom geral do discurso de Paulo não sugere um julgamento. Ele falou como um cristão inteligente que foi capaz de encontrar os atenienses intelectuais em seu próprio terreno ([At 17.22-31](#)). Alguns permaneceram céticos, mas seu discurso foi convincente para alguns que “se juntaram a ele e se tornaram crentes” ([At 17.32-34](#)).

Aretas

234. O nome de vários reis de um povo árabe chamado nabateus. Essas pessoas provavelmente são descendentes de Nebaiote, o filho mais velho de Ismael ([Gn 25.12-16](#); [1Cr 1.29](#)). De acordo com o historiador judeu Josefo, os descendentes de Ismael viviam em uma área chamada Nabatene. Nabatene se estendia do Rio Eufrates até o Mar Vermelho. A cidade capital, Sela, era chamada de Petra nos tempos do Novo Testamento.

235. O Aretas de [2 Macabeus 5.8](#), diante de quem Jasão, o sacerdote, foi acusado, governou por volta de 170 a.C. Os nabateus eram evidentemente amigáveis com os Macabeus ([1Mc 5.24-28](#); [9.35](#)). Josefo mencionou outros dois reis chamados Aretas. Aretas III, originalmente chamado Obodas, estendeu o controle nabateu e ocupou Damasco durante seu reinado de 87 a 62 a.C.

236.0 Novo Testamento faz referência a outro Aretas. O governador de Damasco sob o rei Aretas estava guardando a cidade para capturar o apóstolo Paulo ([2Co 11.32-33](#)). Para escapar, os associados de Paulo o desceram em um cesto por uma janela na muralha da cidade. Esse Aretas foi identificado como Eneas, que tomou o título Aretas IV e governou de 9 a.C. a 40 d.C. Ele atacou e derrotou Herodes Antípatas por uma disputa de fronteira e também como vingança, pois Antípatas havia se divorciado da filha de Aretas para se casar com Herodíadas.

Arfaxade

Filho de Sem e neto de Noé. Os descendentes de Arfaxade foram provavelmente os caldeus ([Gn 10.22-24](#); [11.10-13](#); [1Cr 1.17-18,24](#); [Lc 3.36](#)).

Arfaxade nasceu dois anos após o dilúvio, quando seu pai tinha cem anos ([Gn 11.10](#)). Ele foi o avô de Éber, que alguns acreditam ter sido o ancestral dos hebreus ([1Cr 1.17-25](#); [Lc 3.35-36](#)).

A Bíblia NTLH, diferente da maioria das Bíblias em português transcreve o nome como "Arpaxade".

Argila

Veja Minerais e Metais; Cerâmica.

Argobe (Lugar)

Uma região em Basã foi conquistada pelos israelitas quando derrotaram o Rei Ogue em Edrei ([Nm 21.33-35](#); [Dt 3.4](#)). Argobe estava localizada a leste do Mar de Quinerete (mais tarde chamado de Mar da Galileia), além das regiões de Gesur e Maaca ([Dt 3.14](#)). Moisés designou toda Basã, incluindo Argobe, para metade da tribo de Manassés ([Dt 3.13-14](#)).

Jair, da tribo de Manassés, subjugou as aldeias de Argobe e as nomeou Havote-Jair ("as cidades de Jair", NTLH). [1 Reis 4.13](#) distingue entre Argobe e as cidades de Jair. As cidades estão situadas em Gileade, ao sul de Argobe.

[Deuteronômio 3.14](#) aparentemente contradiz essa localização. A localização das cidades de Jair na fronteira entre Argobe e Gileade pode ser responsável pela aparente discrepância. Essa fronteira pode ter mudado durante os três séculos entre as conquistas de Jair e o reinado de Salomão. Naquela época, o nome Havote-Jair poderia até ter se referido a um conjunto diferente de cidades.

Argueiro

Um termo usado em algumas versões para descrever um pequeno pedaço de material preso no olho de um “irmão” ([Mt 7.3-5](#); [Lc 6.41-42](#)). Traduções mais recentes usam o termo “cisco”.

Ariete

Uma antiga máquina militar com uma viga de madeira pesada era usada para derrubar portões ou paredes. Alguns arietes tinham uma cabeça de carneiro feita de ferro na extremidade da viga.

Veja Armaduras e armas.

Arioque

237.Nome do rei de Elasar. Junto com outros três reis, Arioque capturou cinco cidades e fez vários prisioneiros, incluindo Ló, sobrinho de Abraão ([Gn 14.1-16](#)).

238.Capitão da guarda de Nabucodonosor ou chefe dos carrascos. Arioque levou Daniel ao rei babilônico para interpretar seu sonho ([Dn 2.14-25](#)).

Aristarco

Um companheiro do apóstolo Paulo. Aristarco era um macedônio de Tessalônica, possivelmente de ascendência judaica. Ele é mencionado pela primeira vez como um dos que foram capturados por uma multidão enfurecida em Éfeso ([At 19.29](#)).

Mais tarde, Aristarco acompanhou Paulo no retorno de sua terceira viagem missionária ([At 20.4](#)). Ele também foi a Roma com Paulo para enfrentar César ([At 27.1-2](#)).

Paulo descreveu Aristarco como um colega de trabalho ([Fm 1.24](#)) e companheiro de prisão. Paulo recebeu grande conforto da amizade de Aristarco ([Cl 4.10-11](#)). A tradição diz que o Imperador Romano Nero matou Aristarco em Roma como mártir.

Armadura e armas

A localização da Palestina na encruzilhada de três continentes a tornava muito importante nos tempos antigos, apesar de seu pequeno tamanho. Ela era cercada por nações poderosas como o Egito, a Mesopotâmia e os hititas da Anatólia. Esta terra era frequentemente alvo das ambições dessas nações. O desenvolvimento de diferentes armas, defesas e táticas influenciava umas às outras. Quando um lado criava uma nova tática, o outro lado respondia com um contra-ataque.

Existem três partes principais da guerra:

- movimento
- armas
- proteção

Armas sozinhas raramente decidiam batalhas, especialmente quando ambos os lados eram equivalentes. O sucesso nas batalhas muitas vezes dependia de quão bem as estratégias e táticas eram empregadas. A liderança do comandante e a habilidade dos soldados também eram muito importantes em muitas batalhas mencionadas na Bíblia.

Armas de ataque

O arsenal de um comandante militar nos tempos antigos incluía muitas armas ofensivas para diferentes alcances. Para ataques de longo alcance, usavam arcos e fundas. Para ataques de médio alcance, utilizavam dardos e lanças. Para ataques de curto alcance, empregavam espadas, machados e maças.

Arco

Os primeiros arcos eram feitos de uma única peça de madeira temperada. Nenhum tipo de madeira era leve, resistente e elástica o suficiente. Com o tempo, as pessoas começaram a combinar diferentes materiais como madeira, chifre de animal, tendões, nervos e cola para fazer arcos melhores. Esses arcos compostos eram muito

importantes porque eram leves, fortes e elásticos. Uma forma duplo-convexa lhes dava mais alcance e potência.

As cordas dos arcos eram feitas de cipó, corda natural, couro ou intestinos de bois ou camelos. Encordoar um arco à mão ([2Rs 13.16](#)) muitas vezes exigia dobrá-lo com o pé, o que necessitava de muita força (cp. [2Sm 22.35](#); [Jr 51.3](#)). É por isso que os arqueiros eram chamados de "pisa-arcos" ou "aqueles que pisam um arco".

A forma das pontas de flecha mudou de acordo com as defesas inimigas. No final da Idade do Bronze, as pontas de flecha eram geralmente feitas de bronze. Elas eram grossas no meio e afinavam até uma ponta para penetrar a armadura usada naquela época. Os eixos das flechas eram geralmente feitos de junco, que era tanto forte quanto flexível.

Funda

A funda, originalmente usada por pastores para proteger seus rebanhos (veja [1Sm 17.40](#)), tornou-se uma importante arma de guerra. Sua principal vantagem era sua construção simples. Fazer uma funda exigia pouca habilidade, e as pedras usadas como projéteis eram fáceis de encontrar. Um fundeiro treinado podia lançar uma pedra a até 183 metros. A funda era muito útil para atacar cidades fortificadas porque podia disparar em um ângulo alto em encostas íngremes. No entanto, era necessário muito treinamento para usá-la com precisão (veja [Jz 20.16](#)).

Uma funda geralmente era feita de duas tiras de couro com um bolso para segurar a pedra. Quando as tiras eram puxadas, o bolso se transformava em uma bolsa. O fundeiro segurava a bolsa em uma mão e as extremidades das tiras na outra. Após girar a funda ao redor da cabeça para ganhar impulso, ele soltava uma extremidade das tiras para lançar a pedra. Bolinhas de chumbo e pedras lisas eram usadas como projéteis, carregadas em uma bolsa ou colocadas perto dos pés do fundeiro.

A importância da funda como arma de longo alcance é destacada na história de Davi e Golias (veja [1Sm 17.40-51](#)). Os filisteus possuíam muitas armas avançadas, mas não utilizavam o arco ou a funda. Eles confiavam em armas de médio alcance como o dardo e de curto alcance como a espada (veja [1Sm 17.4-7,45,51](#)). O uso da funda por Davi proporcionou-lhe uma vantagem de alcance sobre as armas e armaduras superiores de Golias ([1Sm 17.48-49](#)).

Dardo e lança

As armas de média distância incluíam o dardo e a lança. Elas pareciam semelhantes, mas diferiam em comprimento e uso. O dardo era mais leve e mais curto, projetado para ser lançado como uma grande flecha. Soldados sumérios que conduziam carros de guerra (veículos de guerra puxados por cavalos) no terceiro milênio a.C. carregavam vários dardos. Um dardo é uma lança leve lançada à mão. Os soldados mantinham esses dardos em um recipiente chamado aljava em seus carros. As pontas dos dardos eram feitas para penetrar armaduras e frequentemente tinham ganchos ou farpas afiadas, tornando-os difíceis e dolorosos de remover de um ferimento.

A lança parecia um dardo, mas era maior e mais pesada. Era usada principalmente para arremesso (veja [Nm 25.7-8](#)). Monumentos militares antigos mostram que a lança estava bem desenvolvida. Na paleta de ardósia do caçador egípcio e em uma estela de Warka de cerca de 3000 a.C., a arma do guerreiro é uma longa lança. Ao longo do terceiro milênio a.C., a lança era comum para a infantaria fortemente armada e eficaz para cargas de carros e infantaria. Escavações mostram que a lança também era amplamente utilizada por tribos seminômades que se mudaram para a Palestina durante a Idade do Bronze Médio.

Nos tempos antigos, as lanças frequentemente tinham uma ponta de metal presa na parte inferior do cabo. Isso permitia que a lança fosse fincada verticalmente no chão quando não estava em uso. Essa característica perdurou em períodos posteriores e é mencionada na Bíblia. Por exemplo, a lança de Saul estava fincada no chão ao lado de sua cabeça enquanto ele dormia ([1Sm 26.7](#)). Às vezes, a ponta de metal também era usada como arma. Isso é mostrado na história da morte de Asael ([2Sm 2.23](#)).

Espada

Um dos primeiros objetos feitos de ferro foi a espada. Espadas eram feitas para perfurar ou golpear. A espada de perfuração tinha uma lâmina longa e reta que se afunilava até uma ponta. Suas bordas eram afiadas, então também podia cortar. A espada de golpe tinha uma borda afiada e uma borda grossa e cega. Muitas vezes era curva como uma foice, com a borda externa afiada. A primeira espada em forma de foice apareceu no final do terceiro milênio a.C. Tanto o cabo quanto a lâmina eram feitos de uma única peça de metal. No meio da

Idade do Bronze, a espada curva de golpe era como um machado, com um cabo longo e lâmina curta.

Esse tipo de espada desapareceu no final da Idade do Bronze porque não era eficaz contra capacetes e armaduras. Um novo modelo com uma lâmina curva, tão longa quanto ou mais longa que o cabo, a substituiu. Esta nova espada era eficaz para combates em carroagens e contra inimigos sem armadura. Isso explica por que a Bíblia diz que Josué feriu os cananeus com "o fio da espada" (e.g., [Js 8.24](#); [10.28-39](#)). Essa expressão seria inadequada para descrever um ataque de uma espada curta, reta e estreita que é cravada no inimigo. Uma fina espada curva foi encontrada em Gezer, datando do século XIV a.C., e outra é mostrada em uma escultura em marfim do século XIII a.C. de Megido.

Os avanços na forja de ferro também melhoraram a espada reta. Os Povos do Mar, incluindo os filisteus, especializaram-se em armas de curto alcance. No século XIII a.C., eles tornaram a lâmina reta mais eficaz do que a espada curva.

Na época de Saul, os filisteus tinham cidades fortificadas e eram a potência militar dominante. Sua força vinha dos carros de guerra e da infantaria bem armada. Eles controlavam a forja de ferro e não permitiam que os israelitas fizessem suas próprias armas (cp. [1Sm 13.19-22](#)). Israel não podia desafiar os filisteus até que isso mudasse.

Maça e machado

Antes que o metal duro fosse forjado, a maça e o machado eram usados em combates corpo a corpo. Eles tinham um cabo curto de madeira com uma cabeça pesada feita de pedra ou metal. Essas armas eram balançadas como martelos. Era importante fixar a cabeça firmemente ao cabo para evitar que se soltasse ou quebrasse. O cabo era mais largo na empunhadura e afinava em direção à cabeça para evitar escorregões. Essas armas eram carregadas na mão ou presas ao pulso com um laço. A maça era usada para esmagar, enquanto o machado era usado para cortar.

A maça era uma arma muito antiga. Símbolos antigos que significavam *lutar* mostram mãos segurando uma maça e um escudo. De 3500 a 2500 a.C., a maça era a principal arma para combate pessoal. Como os capacetes ainda não eram usados, o poder de impacto da maça era muito eficaz. Mesmo depois que a maça deixou de ser usada em combate, ela permaneceu como um símbolo da autoridade do rei ou do deus (cp. [Sl 2.9](#)).

Fazer um bom machado exigia resolver problemas técnicos complexos. A lâmina precisava estar firmemente fixada ao cabo. O machado de corte tinha uma lâmina curta e borda larga, sendo bom para lutar contra inimigos desarmados e derrubar muros de cidades, como visto em uma pintura do século 23 a.C. de Saqqarah. No entanto, não era eficaz contra armaduras. Para melhor penetração, o machado perfurante tinha uma lâmina longa e estreita com uma borda afiada.

Proteção defensiva

Sem proteção pessoal para soldados individuais no campo de batalha, o movimento e o poder de fogo de um exército podem ser grandemente enfraquecidos.

Proteção

O escudo era uma das formas mais antigas de proteção, destinado a criar uma barreira entre o corpo de um soldado e a arma de um inimigo. Durante o tempo dos juízes e dos primeiros reis israelitas, indivíduos de alta patente eram frequentemente protegidos por um escudo muito grande. Este escudo era carregado por uma pessoa especial chamada portador de escudo ou escudeiro, que permanecia constantemente ao lado direito desprotegido do guerreiro que ele foi designado para proteger (cp. [Jz 9.54](#); [1Sm 14.1](#); [17.7](#); [2Sm 18.15](#)). O lado direito era vulnerável porque o soldado carregava suas armas na mão direita e segurava o escudo na mão esquerda. Assim, o portador do escudo ficava ao lado direito do guerreiro para protegê-lo ([1Sm 17.41](#); cp. [Sl 16.8](#)). Naquela época, os escudos eram geralmente ungidos como parte do processo de preparação de um guerreiro israelita e suas armas para a batalha (cp. [2Sm 1.21](#)).

Armadura

A armadura pessoal protegia o corpo de um combatente contra ferimentos, enquanto permitia que suas mãos ficassem livres para usar armas. O tipo mais antigo de armadura corporal era semelhante a um escudo longo. Era uma túnica de comprimento total feita de couro ou fibras resistentes. Esta armadura era fácil de fazer, leve o suficiente para permitir movimento total e protegia o peito, abdômen, costas, coxas e pernas. Com esta armadura, um soldado só precisava de um pequeno escudo para proteger seus braços e rosto.

Durante o final da Idade do Bronze, a cota de malha foi desenvolvida. Esta armadura era feita de centenas de pequenas peças de metal que se sobreponham como escamas de peixe e eram costuradas em uma túnica de tecido ou couro. Registros de Nuzi mostram que fazer uma cota exigia entre 400 e 600 escamas grandes e várias centenas de escamas menores. Escamas menores e fileiras mais estreitas eram usadas em áreas que precisavam de mais flexibilidade, como a garganta e o pescoço. Esta cota era flexível o suficiente para permitir movimento livre, e as escamas de metal proporcionavam uma proteção muito melhor do que apenas couro ou fibra.

Capacete

Como a cabeça era a parte mais vulnerável de um soldado em combate, a necessidade de capacetes de proteção remonta ao final do quarto milênio a.C.

Capacetes de bronze foram usados tanto por Golias quanto por Saul ([1Sm 17.5.38](#)). Embora capacetes fossem comuns entre a infantaria fortemente armada em exércitos estrangeiros por séculos, eles não eram amplamente usados por soldados no exército israelita durante o período do reino unido de Israel. No entanto, o Rei Uzias introduziu capacetes como parte das reformas militares no reino do sul de Judá no século IX a.C. ([2Cr 26.14](#)).

Veja também Guerra.

Armas

Armas são ferramentas utilizadas para lutar ou caçar. Nos tempos bíblicos incluía espadas, lanças, arcos e flechas.

Veja Armaduras e armas; Guerra.

Arnom

Um rio na área leste do Rio Jordão. O Arnom é conhecido hoje como Wadi el-Mojib. O rio corre de leste a oeste através de um cânion com paredes de 457 metros de altura até o Mar Morto.

Na época da conquista israelita de Canaã, o desfiladeiro servia como uma fronteira natural entre Moabe ao sul e os reinos amonitas ao norte ([Nm 21.13-15](#)).

Após a divisão da terra sob Josué, o rio Arnom tornou-se o limite sul do território de Rúben ([Dt 3.12.16](#); [Js 13.16](#)).

Arode, Arodi, Aroditas

Arode foi o sexto filho de Gade e o fundador da família dos Aroditas ([Nm 26.17](#)). Ele é chamado de Arodi na lista dos que foram para o Egito com Jacó ([Gn 46.16](#)).

Aroer

239.Uma cidade transjordaniana (leste do Rio Jordão) existente desde o tempo de Moisés até a queda de Jerusalém em 586 a.C. Aroer foi uma das cidades que Israel conquistou de Seom, o amorita, e de Ogue, o basanita. Aroer estava na fronteira sul da área atribuída às tribos de Gade e Rúben e à metade da tribo de Manassés ([Js 13.9](#)). Estava localizada na borda norte do grande cânion do Arnom ([Dt 2.36](#); [3.12](#); [4.48](#); [Js 13.9](#)). Aroer provavelmente foi reconstruída após Israel destruí-la (cp. [Js 12.2](#); [Nm 32.34](#)).

Aroer era a cidade central para várias aldeias ([Iz 11.26](#)). Foi a cidade de onde o censo começou sob o reinado do Rei Davi ([2Sm 24.5](#)). Os moabitas ganharam o controle dela durante a monarquia posterior e mantiveram até o tempo de Jeremias ([Ir 48.19](#)). O Rei Hazael de Damasco capturou Aroer, assegurando o controle sírio de Transjordânia ([2Rs 10.33](#)).

Aroer foi identificada com um monte ao lado da vila 'Ara'ir. Esta localização está a cerca de 4,8 quilômetros a sudeste de Dibom, no lado leste da antiga rodovia norte-sul de Transjordânia.

240.Uma cidade atribuída à tribo de Gade ([Js 13.25](#)), mencionada como um ponto de referência na vitória de Jefté sobre os amonitas ([Iz 11.33](#)). Este Aroer foi tentativamente localizado na área a noroeste de Amã e a leste de Rabá.

241.Uma cidade na área do Deserto de Neguebe em Judá. Aroer foi uma das aldeias que receberam os despojos tomados na vitória de Davi sobre os amalequitas ([1Sm 30.28](#)). Dois dos "valentes" de Davi eram filhos de Hotão, o aroerita ([1Cr 11.44](#)). Este Aroer foi identificado com Khirbet 'Ar'areh, localizado cerca de 19 quilômetros a sudeste de Berseba.

242.Uma cidade perto de Damasco ([Is 17.2](#)). O texto hebraico diz "as cidades de Aroer", mas a Septuaginta (antigo Antigo Testamento grego) tem "abandonada para sempre" e a NTLH tem "as cidades da Síria fiarão abandonadas para sempre".

Aronitas

Esse é o nome coletivo para os sacerdotes que eram descendentes de Arão através de seus filhos Eleazar e Itamar. Arão era o irmão de Moisés e o primeiro sumo sacerdote de Israel.

Tanto "casa de Arão" ([Sl 115.10.12; 118.3; 135.19](#)) quanto "Arão" ([1Cr 27.17](#)) são utilizados para se referir aos aronitas na versão ARC.

Veja também Arão.

Arpade

Uma cidade no norte da Síria. Arpade foi invadida duas vezes pelos assírios:

- Em 740 a.C., por Tiglate-Pileser III; e
- Em 720 a.C. por Sargão II

Os assírios usaram Arpade e Hamate como exemplos da incapacidade de quaisquer deuses, incluindo o de Israel, de proteger cidades contra os ataques da Assíria ([2Rs 18.34; 19.13; Is 10.9; 36.19; 37.13](#)). Arpade e Hamate também são mencionados em uma profecia posterior contra a cidade síria de Damasco ([Jr 49.23](#)).

Arpade foi identificada como a moderna Tell Erfad, ao norte de Alepo.

Arpaxade

Outra grafia para Arfaxade.
Veja Arfaxade.

Arqueiro

Uma pessoa habilidosa no uso de arco e flecha.
Veja Arqueiro, Arco e Flecha.

Arqueiro, Arco e flecha

Arqueiros usavam arcos e flechas tanto em tempos de paz quanto de guerra. Nômades, caçadores, assaltantes que roubavam de outros e guerreiros ([Gn 21.20; 27.3; 48.22; Js 24.12; Is 7.24; Ez 39.9; Os 1.7](#)) usavam o arco e flecha para caça e combate ao longo da Bíblia.

Ao longo de séculos de uso, as pessoas aprimoraram a eficácia do arco e flecha. O arco mais avançado era o "arco composto". Os fabricantes colavam tiras de tendão de animal nas extremidades do arco e chifre de animal na superfície interna. Os melhores desses arcos podiam disparar flechas de 274 a 366 metros. Um arqueiro precisava ser uma pessoa forte para encordoá-lo e operá-lo.

Embora os arqueiros usassem arcos para caça, a arma era mais útil na guerra. Saul e Jônatas lutaram com espada e arco, e o exército de Davi incluía arqueiros habilidosos ([1Sm 18.4; 1Cr 12.2](#)). Os reis de Israel forneciam tropas com arcos ([2Cr 17.17](#)). Os inimigos de Israel, incluindo egípcios, sírios, assírios, babilônios, persas, gregos e romanos, todos tinham arqueiros em seus exércitos. Excelentes imagens de arqueiros históricos ainda existem em esculturas.

Jó descreveu seus sofrimentos físicos metaforicamente como os arqueiros de Deus o cercando ([Jó 16.13](#)). Alguns Salmos referem-se ao arco de um arqueiro como uma metáfora para a violência ([Sl 11.2; 57.4](#)). Outros referem-se ao arco de um arqueiro como uma metáfora para o julgamento divino ([Sl 7.13; 38.2; 64.7](#)).

Veja também Armaduras e armas.

Arqueologia e a Bíblia

O estudo da história humana antiga através da recuperação e exame de restos físicos. A arqueologia bíblica foca em objetos e estruturas encontrados no Oriente Próximo (Oriente Médio) que se relacionam com a Bíblia. Esses restos incluem artefatos enterrados (objetos antigos), ruínas e monumentos. Alguns desses artefatos têm inscrições (escritos) em línguas antigas. Os estudiosos precisam estudar cuidadosamente essas inscrições para entendê-las. Outros itens incluem objetos do dia a dia, como cerâmica quebrada, madeira queimada, brinquedos e ferramentas. Todas essas peças devem ser compreendidas dentro do período histórico de onde vieram.

Descobertas em arqueologia

Muitas descobertas arqueológicas significativas aconteceram por acaso. Por exemplo, um fazendeiro na Síria desenterrou a antiga cidade de Ugarit enquanto arava. Um beduíno procurando uma cabra perdida descobriu os Manuscritos do Mar Morto em uma caverna. Em 1887, uma mulher egípcia encontrou as tábulas de Amarna enquanto procurava tijolos para usar como fertilizante. Em 1945, egípcios em busca de esterco de pássaros perto de Nag Hammadi encontraram importantes manuscritos gnósticos. No entanto, descobertas acidentais não substituem levantamentos arqueológicos cuidadosos e sistemáticos.

Hoje, arqueólogos pesquisam cuidadosamente locais potenciais usando fotografia aérea e equipamentos eletrônicos. Esses métodos são usados para detectar objetos subterrâneos. Artefatos são datados com base na camada de terra em que foram encontrados e outros métodos, como a datação por radiocarbono. O objetivo é criar uma linha do tempo que reflete com precisão a história dos artefatos e do próprio local.

O papel da arqueologia na compreensão da Bíblia

Arqueólogos e estudiosos tratam esses artefatos como evidências reais e factuais da vida humana passada. Embora possam existir diferentes opiniões sobre como interpretá-los, esses objetos ainda são testemunhas diretas da história. É importante entender esses objetos de tempos passados como evidências e não manipulá-los para se adequarem a teorias pessoais sobre história, cultura ou religião. A arqueologia do Oriente

Próximo nos ajuda a entender a Bíblia ao fornecer informações de fundo objetivas.

Por exemplo, se um artefato com escrita é datado de cerca de 3000 a.C., isso mostra que a escrita existia naquela época. Isso significa que os primeiros autores do Antigo Testamento poderiam ter escrito as histórias atribuídas a eles. Descobertas arqueológicas mostraram que Moisés, o autor tradicional dos primeiros cinco livros da Bíblia, poderia ter escrito em:

- Hieróglifos egípcios;
- Cuneiforme babilônico; e
- Dialetos cananeus, incluindo o hebraico.

Qualquer teoria sobre a Bíblia que ignore tais evidências provavelmente está incorreta.

Resumo

- **Arqueologia e vida cotidiana**
- **Arqueologia e religião**
- **Arqueologia e guerra**
- **Arqueologia e literatura**
- **Arqueologia e linguagem**

Arqueologia e vida cotidiana

A arqueologia revelou muito sobre a vida diária dos povos antigos. Escavações (locais de escavação) mostram que durante o período Neolítico (final da Idade da Pedra), as pessoas viviam em cabanas simples feitas de varas entrelaçadas. Algumas dessas cabanas eram decoradas por dentro. As casas de classe média em Ur, na época de Abrão, eram elegantes, mesmo para os padrões modernos. As ruínas de palácios em lugares como Knossos, Persépolis, Mari e Qantir revelam sua antiga magnificência. A tecelagem é um dos ofícios humanos mais antigos e era praticada mesmo nos tempos antigos. As técnicas usadas para tecer tapetes orientais originaram-se na Mesopotâmia. A cerâmica, tanto simples quanto decorada, era outro ofício antigo.

Costumes sociais

A arqueologia também esclareceu costumes sociais mencionados na Bíblia. Por exemplo, Abrão ter um filho com Hagar, a serva de sua esposa, seguia os costumes locais em Nuzi e não era considerado

imoral. Práticas de adoção, como a adoção de Eliezer por Abrão ([Gn 15.2-4](#)), são melhor compreendidas através de textos de Nuzi. Esses textos descrevem casais sem filhos adotando um servo que herdaria sua propriedade. Esses adotados se tornariam o primogênito, embora o nascimento de um filho natural pudesse remover esses direitos. Textos de Nuzi, Ugarit e Alalakh também explicam os direitos dos filhos primogênitos e como esses direitos poderiam ser negociados, como visto em [Gn 25.31-34](#).

Comércio

O trabalho e os ofícios no período bíblico foram ilustrados por várias descobertas arqueológicas. Por exemplo, um tipo de imagem chamado "tableau" de Beni Hasan (feito por volta de 1900 a.C.) mostra semitas trazendo mercadorias para o Egito, possivelmente como metalúrgicos. Outras fontes retratam atividades como:

- Caça;
- Pescaria;
- Fabricação de tijolos;
- Agricultura;
- Fabricação de cerâmica.

Essas fontes também fornecem informações sobre como as pessoas se vestiam, com exemplos de pinturas egípcias de 500 anos depois, com semitas dando presentes ao Faraó, mostrando estilos de vestuário que permaneceram inalterados por séculos. Os israelitas, no entanto, foram proibidos de fazer representações de seres humanos ou de Deus.

Cacos de cerâmica

Os artefatos diários mais comuns são cacos de cerâmica (pedaços quebrados de cerâmica), que muitas vezes eram usados como materiais de escrita. Por exemplo, as "cartas de Laquis", uma série de cartas militares escritas de um posto avançado do norte em 587 a.C., foram escritas em cacos de cerâmica. Mesmo nos tempos do Novo Testamento, os cacos de cerâmica ainda eram usados para escrever. Isso ocorria porque eram mais duráveis que o papiro e mais convenientes que as tábuas de cera. Canetas, paletas e tinta foram encontradas no Egito. A tinta que foi usada para escrever os Rolos do Mar Morto foi recuperada de Qumran.

Jogos

Descobertas arqueológicas também incluem jogos e brinquedos de tempos antigos. Por exemplo, uma pintura de uma tumba em Beni Hasan (cerca de 2000 a.C.) mostra meninas egípcias jogando um jogo de bola. Um relevo de um templo em Tebas mostra Ramsés III jogando damas. Crianças egípcias de um período posterior jogavam um jogo usando seixos que talvez fosse uma versão inicial do gamão. Em Megido, foi encontrado um tabuleiro de jogo de marfim com buracos, presumivelmente para pinos, de cerca de 1200 a.C. Os brinquedos infantis do Oriente Próximo não eram tão diferentes dos modernos. Foram encontrados brinquedos como:

- Apitos;
- Bolas;
- Modelos de carruagens;
- Animais sobre rodas.

Esportes para adultos como luta livre, arco e flecha e corrida também foram retratados em pinturas de tumbas egípcias.

Embalsamamento

O embalsamamento é um processo que preserva corpos mortos. O embalsamamento de Jacó e José, como descrito em [Gn 50.2-3,26](#), era um costume egípcio antigo. Jacó foi sepultado na caverna de Macpela com seus ancestrais. Embora o local seja conhecido, não pode ser escavado porque é um lugar sagrado para os árabes. Uma inscrição associada a um antigo local de sepultamento hebraico foi encontrada em 1931 no Monte das Oliveiras. Ela diz: "Aqui foram trazidos os ossos de Uzias, rei de Judá — não abra". Esta inscrição data da época de Cristo. Sugere que a tumba do Rei Uzias foi encontrada durante escavações em Jerusalém e que seus restos foram movidos para outro local.

Arqueólogos também mostraram que a porta de pedra cobrindo a entrada do túmulo de Cristo era comum de cerca de 100 a.C. a 100 d.C., o que coincide com os relatos dos Evangelhos.

Arqueologia e Religião

A arqueologia forneceu insights sobre a natureza da religião e adoração bíblica. Muito antes de Abrão deixar Ur para seguir o único Deus verdadeiro, os mesopotâmios não-judeus adoravam vários deuses. Eles reconheciam esses deuses como

deuses do céu. Esse contexto torna mais compreensível a relação dos patriarcas hebreus com seu Deus. A adoração de deuses pagãos em santuários portáteis é ilustrada em um relevo de Ramsés II, mostrando uma tenda divina no acampamento egípcio. Escritos fenícios do sétimo século a.C. também mencionam um santuário portátil puxado por bois. Esse contexto apoia a ideia de que o tabernáculo israelita no deserto não foi uma invenção posterior.

A arqueologia confirmou a tradição de cantores participando do culto antes do exílio babilônico. Por séculos, os palestinos foram conhecidos por suas habilidades musicais. Tábuas de Ras Shamra em Ugarit contêm poesia religiosa semelhante aos salmos hebraicos. O templo de Salomão, construído por operários fenícios, seguiu um plano (veja [1 Reis 6](#)) semelhante a uma capela do oitavo século a.C. encontrada em Tel Tainat na Síria. O Muro das Lamentações em Jerusalém é pensado para incluir pedras do tempo de Neemias. No entanto, nenhum vestígio das fundações de Salomão foi encontrado na cidade. Peças de alvenaria do templo de Herodes, destruído em 70 d.C., foram encontradas. Essas peças fornecem informações valiosas sobre a estrutura do templo. Embora muitas sinagogas existissem na Palestina durante o tempo de Cristo, poucos vestígios foram encontrados.

Arqueologia e guerra

A arqueologia aumentou muito a nossa compreensão da guerra antiga, um tema bíblico significativo. Os povos do Antigo Oriente Próximo viam a guerra como um conflito entre os deuses das nações opostas. O serviço militar era considerado sagrado, e os soldados eram altamente respeitados. Deus, como o Senhor dos Exércitos, era visto como o comandante do exército hebreu. Ele podia ordenar a destruição completa de uma cidade, chamada de "o banimento", como no caso de Jericó ([Js 6.17,24](#)). A guerra seguia regras compreendidas. Se uma cidade fosse ameaçada, seus habitantes poderiam se render e ter suas vidas poupadadas, embora suas propriedades fossem tomadas. Se resistissem, corriam o risco de destruição total. As táticas de guerra incluíam:

- Ataques frontais (ataques diretos);
- Espiões;
- Emboscadas;
- Patrulhas.

Às vezes, as batalhas eram decididas por combate individual, como na história de Davi e Golias ([1Sm 17.38-54](#)).

Armaduras e armas antigas são amplamente representadas em relevos e monumentos.

- Um capacete dourado de Ur é um exemplo notável do equipamento militar sumério. Em contraste, capacetes hititas menores são representados em uma parede de tumba em Karnak. No início, apenas líderes nos exércitos israelitas usavam capacetes de metal (veja [1Sm 17.38](#)). Mas, na época do Império Selêucida, todos os soldados hebreus tinham capacetes de bronze ([1Mc 6.35](#)). Soldados romanos comumente usavam capacetes de couro ou bronze.
- Os hebreus usavam dois tipos de escudos: um grande para infantaria e um menor para arqueiros ([2Cr 14.8](#)). Esses escudos eram geralmente feitos de madeira e couro, embora alguns fossem feitos de bronze.
- Cotas de armadura de escamas, como em [Jr 46.4](#), foram usadas no Oriente Próximo desde pelo menos o século XV a.C., como mostrado por descobertas em Alalakh e Ugarit.
- Espadas e lanças, partes essenciais do armamento hebraico, vinham em várias formas e tamanhos. Fornos para fazer espadas foram encontrados em Gerar, e adagas da Idade do Bronze foram recuperadas de Laquis e Megido.
- O arco composto asiático foi uma melhoria em relação aos arcos mais simples representados em tempos anteriores. Pontas de flechas datadas entre 1300 e 900 a.C., inscritas com nomes, sugerem a existência de companhias de arqueiros (veja [Is 21.17](#)).

Muito pouco é dito no Novo Testamento sobre equipamento militar.

Arqueologia e literatura

Descobertas arqueológicas forneceram paralelos para muitos tipos de literatura bíblica. Por exemplo, escavadores em Ras Shamra encontraram tábuas poéticas e em prosa. Essas

tábuas tinham formas gramaticais e literárias semelhantes às dos salmos hebraicos. Agora está claro que códigos de lei detalhados, como os do Pentateuco, existiam antes do tempo de Moisés.

Códigos sumérios fragmentários de cerca do século XIX a.C., como o Código de Lei de Hamurábi, são semelhantes em forma e estilo à Lei Mosaica. O Código de Lei de Hamurábi explicava os princípios de justiça em 300 seções. O código foi uma tentativa de controlar a sociedade através da lei e da ordem. Seu estilo é interessante; começa com um prólogo em poema, seguido pela seção legal, e termina com um epílogo em linguagem não poética. Esse padrão de três partes também aparece no livro de Jó, assim como em escritos mais modernos.

A estrutura da aliança de [Ex 20.1-17](#) e sua forma mais completa em Deuteronômio é semelhante à estrutura dos tratados de vassalagem hititas do segundo milênio a.C. de Boghazkôy. Os tratados eram escritos em um padrão que também pode ser visto em várias passagens do Antigo Testamento, como:

- [Êxodo 20.1-17](#)
- [Levítico 18.1-30](#)
- [Deuteronômio 1.1-31.30](#)
- [Jeremias 31.31-37](#)

Gênesis contém elementos que são semelhantes às tradições literárias mesopotâmicas. Por exemplo, a frase repetida "estas são as gerações de". Esta frase e o texto ao redor são usados como "colofões" (informações de publicação em livros modernos) em tábuas mesopotâmicas. Esta frase, juntamente com listas de famílias de locais como Nuzi, sugere que o estilo conciso do início de Gênesis é semelhante à escrita histórica suméria.

A literatura de sabedoria hebraica, como Provérbios, também encontra paralelos em outros textos antigos. Por exemplo, a "Instrução de Amenemope", um texto egípcio, compartilha semelhanças com [Pv 22.17-24.22](#), embora os estudiosos debatam se um texto influenciou o outro ou se ambos derivam de uma fonte anterior perdida.

A forma de cartas do mundo antigo é usada frequentemente na Bíblia (por exemplo, [2Sm 11](#); [1Rs 21](#); [2Rs 5.10.20](#); [Ed 4.6-7](#); [Ne 2.7](#)). Esta forma foi usada em papiros egípcios, como os documentos de Zenon, e em escritos gregos, como as cartas de Platão. A *Sétima Carta* de Platão, de

cerca de 354 a.C., é semelhante às cartas do Apóstolo Paulo. A *Sétima Carta* de Platão também tenta corrigir mal-entendidos sobre seu ensino. As cartas de Paulo também são às vezes semelhantes à natureza pessoal de algumas cartas egípcias, particularmente Filemom.

Arqueologia e linguagem

A recuperação de línguas antigas através da arqueologia nos ajudou a entender o Antigo Testamento. Muitas expressões no Antigo Testamento foram encontradas como originalmente sumérias ou acadianas. Por exemplo, a frase "o céu e a terra" em [Gn 1.1](#). Em sumério, a expressão é *an-ki*, significando "universo". Esta frase usa dois termos opostos para expressar totalidade, um recurso literário também visto em [Ap 22.13](#).

O ugarítico e o eblaico são ambos dialetos semíticos ocidentais intimamente relacionados ao hebraico. Esses dialetos forneceram insights sobre a linguagem poética hebraica obscura, revelando que ela preserva expressões cananeias antigas. O aramaico é outra língua semítica do noroeste. O estudo do aramaico também esclareceu a linguagem usada em certas partes do Antigo Testamento, como os livros de Esdras e Daniel. Estes foram escritos em aramaico imperial. Os papiros de Elefantina dos séculos quinto e quarto a.C. apoiam a datação antiga desses textos.

O Novo Testamento foi escrito em grego koiné, ou grego "comum", a língua comum do Oriente Próximo e do Império Romano. O grego do Novo Testamento frequentemente contém expressões semíticas subjacentes que, se não reconhecidas, podem levar a traduções incorretas.

Significado para Estudos Bíblicos

Descobertas arqueológicas expandiram significativamente nosso conhecimento do mundo antigo. Elas nos permitiram ver as pessoas da Bíblia como figuras históricas reais. Esses indivíduos viveram em tempos de estresse e realização cultural. Eles não eram figuras lendárias. Eles lutaram com os problemas da vida. Às vezes, recebiam visões de Deus como Todo-Poderoso e Todo-Santo, guiando-os e suas nações e ajudando-os a cumprir seu propósito na história.

A arqueologia demonstra que os hebreus devem ser estudados dentro do contexto mais amplo do antigo Oriente Próximo como parte de uma grande cultura que incluía povos diversos como os

sumérios e os egeus. Este estudo deve ser abordado objetivamente. Devemos usar evidências para entender eventos e a vida bíblica. Embora possa haver conflitos ocasionais entre interpretações arqueológicas e evidências bíblicas, estes são raros e tendem a diminuir à medida que mais informações são descobertas.

A arqueologia não pode provar ou refutar as verdades espirituais das Escrituras. Mas, ela valida a história hebraica. Esclarece muitos termos e tradições anteriormente incertos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Ao fazer isso, a arqueologia fornece um sólido pano de fundo histórico para as profecias que levam à vida de Jesus Cristo.

Arqueus

Nome de um clã descendente do filho de Cam, Canaã ([Gn 10.17](#); [1Cr 1.15](#)). Os arqueus eram provavelmente residentes de Arca, uma cidade fenícia ao norte de Trípoli, na Síria.

De acordo com uma inscrição antiga, Arca foi capturada pelo assírio Tiglate-Pileser III em 738 a.C. Outro ramo da tribo pode ter se estabelecido perto de Atarote, uma cidade na fronteira entre Efraim e Benjamim ([Is 16.2](#)).

Veja também Arqui, Arquita.

Arquitetura

Ciência, arte ou profissão de projetar e construir edifícios, pontes, etc. A arquitetura é a prática de combinar construção e arte para produzir "beleza com propósito". A síntese do arquiteto de imaginação criativa e habilidade técnica produz estruturas de interesse, unidade, poder e conveniência. Quando olhamos para um edifício, monumento ou túmulo, estamos examinando sua arte, bem como sua estrutura.

Tipos especiais de arquitetura são mencionados nas Escrituras, incluindo casas, estruturas em cidades específicas e, é claro, os templos. Todos foram influenciados pelos impérios que dominavam Israel na época. É, portanto, importante examinar a arquitetura dos impérios associados à história bíblica para entender a arquitetura da Palestina.

Resumo

- Arquitetura suméria
- Arquitetura egípcia
- Arquitetura assíria e hitita
- Arquitetura grega
- Arquitetura romana
- Arquitetura palestina

Arquitetura suméria

A arquitetura foi desenvolvida pela primeira vez pelos sumérios, um povo de origem não semítica. Eles podem ter se estabelecido na ilha de Bahrein, no Golfo Pérsico, mil anos antes de se moverem para o continente. Desde o início de sua cultura, os sumérios consideravam a arquitetura uma importante empreitada artística. Encontrou sua expressão mais completa na construção de templos. O zigurate sumério, ou torre em estágios, tornou-se a contribuição mais distintiva da Mesopotâmia para a arquitetura, tanto secular quanto sagrada. O zigurate tem sido frequentemente comparado a uma catedral europeia medieval, cujo ponto mais alto pode parecer estar alcançando Deus como uma expressão das aspirações religiosas humanas. No entanto, esse não era o conceito que os sumérios tinham ao construir seus santuários. Para eles, o zigurate, erguido em seu monte ou plataforma, representava uma concentração de forças naturais e vitais. O deus já havia descido para sua casa, e era dever do adorador comungar com ele lá.

Por volta de 2000 a.C., uma área de templo mesopotâmico geralmente abrigava o zigurate, vários armazéns, santuários, oficinas e alojamentos para sacerdotes. O zigurate geralmente consistia em três estágios: as paredes internas de tijolos de barro secos ao sol, as paredes externas de tijolos cozidos assentados em betume. Os níveis superiores eram alcançados por escadas ou rampas, e às vezes um pequeno santuário para uma divindade local coroava o estágio mais alto. Além de criar paredes e colunas decoradas, os arquitetos sumérios descobriram como usar arcos, cúpulas e abóbadas para dar a impressão de grandiosidade e espaço.

A arquitetura doméstica suméria era bastante variada em estilo. A maioria das casas da cidade eram residências de dois andares construídas em três lados de um quadrado, com a abertura voltada para longe das ruas estreitas. Casas de pessoas ricas podem ter 20 cômodos; algumas incluem quartos para empregados. Instalações sanitárias

internas foram conectadas por meio de canos de esgoto a uma fossa subterrânea. Muitas casas tinham um túmulo familiar no porão. Não há dúvida de que os acádios, hititas, egípcios e gregos se beneficiaram de várias maneiras das inovações arquitetônicas da Suméria.

Arquitetura egípcia

Os egípcios alcançaram as formas arquitetônicas mais duradouras já tentadas por qualquer civilização, e grande parte de sua arquitetura foi preservada. Tais formas incluíam templos, tumbas e pirâmides. Enormes pedras para construir essas estruturas tiveram que ser trazidas de pedreiras distantes. Os egípcios usavam trabalho escravo e construíam suas estruturas em homenagem aos seus governantes.

Os exemplos notáveis da arquitetura egípcia são as pirâmides, praticamente todas construídas no período do Antigo Império (c. 2700–2200 a.C.). O princípio sumério do nicho recuado foi empregado para acomodar os enormes estresses da alvenaria de pedra. Sem essa técnica, teria sido impossível construir um edifício tão grande como a Grande Pirâmide, cujo peso estimado é de quase seis milhões de toneladas (5.448.000 toneladas métricas). A Grande Pirâmide é um dos edifícios mais perfeitamente orientados na Terra, estando a apenas alguns segundos de um grau da orientação norte-sul verdadeira. Muitos dos enormes blocos de pedra foram cortados e ajustados com tanta precisão que é impossível inserir a borda de uma folha de papel entre eles. As pirâmides foram feitas para servir como tumbas para os restos mortais das pessoas que as mandaram construir, mas as próprias estruturas se tornaram monumentos à criatividade humana.

O principal estilo arquitetônico dos egípcios era "pilar e lintel", com peças horizontais apoiadas em colunas. Como resultado, edifícios de qualquer tamanho se tornaram uma floresta de colunas. As superfícies das paredes estavam cobertas com entalhes, pinturas e hieróglifos. Os templos foram planejados em um eixo longo com simetria quase perfeita. As estruturas parecem projetadas para desfiles imperiais e outras cerimônias encenadas para impressionar o povo com o poder e a autoridade de seus governantes.

Arquitetura assíria e hitita

Os assírios seguiram o padrão sumério de construção de templos, mas ampliaram os zigurates e adicionaram mais andares. O grande

zigurate de Borsipa foi um exemplo notável de construção de templo de sete andares. A fundação tinha cerca de 83 metros quadrados, e o edifício tinha cerca de 49 metros de altura. Cada andar era recuado em relação ao nível abaixo dele em um efeito de terraço e pintado com uma cor diferente de tinta. Cada andar era destinado a representar um dos planetas. De acordo com a prática suméria posterior, o nível mais alto tinha um pequeno santuário construído em seu telhado, onde se pensava que o deus Nebo havia feito sua residência. Muitos acreditam que a Torre de Babel, que Deus destruiu, era uma torre zigurata ([Gn 11](#)).

Os palácios reais assírios dos séculos VIII e VII a.C. eram grandes e elegantes, decorados com enormes baixos-relevos que retratavam o rei ocupado com uma variedade de atividades. A arte assíria estava em seu auge nesse período, e a atenção meticulosa aos detalhes trouxe um caráter forte à arquitetura assíria. Grandes esculturas de pedra de animais protetores foram colocadas nas entradas de edifícios públicos. Estátuas semelhantes eram uma característica da arquitetura hitita na Anatólia, a parte oriental da Ásia Menor.

Edifícios hititas escavados em Boghazkoy e em outros lugares facilmente igualavam os dos assírios em extensão e grandiosidade. Colunas imponentes, longos corredores e salas expansivas eram típicos da construção de palácios hititas na Idade do Bronze.

O design dos templos hititas seguia o que era comum na Babilônia, com vários edifícios agrupados em torno de um pátio aberto. Uma diferença era que o santuário principal era acessado através de uma série de entradas ou pórticos que se estendiam além do comprimento dos edifícios adjacentes. O design permitiu que pequenas janelas fossem colocadas no topo da projeção para fornecer luz adicional no santuário.

Arquitetura grega

A arquitetura alcançou grandes realizações no mundo grego. Muitos fatores se combinaram para produzir uma beleza arquitetônica que durou séculos. Esses fatores incluíam o clima, o ambiente, o governo e as pessoas. Talvez o fator mais importante fossem as pessoas, que pareciam livres para imaginar e desenvolver designs e estruturas que continuam a estimular nossa imaginação até hoje.

Os gregos se esforçaram para alcançar a beleza em sua arquitetura. Este nobre motivo encontrou sua

mais alta expressão no século V a.C. Na época de Péricles (461–429 a.C.), o Partenon e os Propileus na Acrópole foram remodelados a partir de originais anteriores, e o Erecteion também foi construído lá. Templos subsequentes em Atenas incluíam o de Hefesto, que era uma versão menos graciosa do Partenon, e o santuário de Ares. Fídias, o escultor que projetou o Partenon, também foi responsável, junto com seus alunos, por grande parte das estátuas do século V a.C. Embora os sumérios tenham sido os primeiros a executar estátuas de pedra autônomas e bastante estereotipadas, eles o fizeram em grande parte com considerações teológicas em mente. Para os escultores sumérios, a estátua representava um indivíduo diante de um deus, pronto para ser julgado. Para os gregos, no entanto, o objetivo de uma boa estatuária era a reprodução mais realista e precisa possível da anatomia humana, e, como os assírios, seus escultores estudavam anatomia. Eventualmente, os gregos se tornaram os escultores mais proficientes do mundo.

Muitos edifícios gregos apresentavam combinações apropriadas de estrutura e ambiente. Por exemplo, teatros foram construídos em colinas para que a estrutura pudesse ter fileiras de assentos e ainda ter um belo cenário. O mármore foi usado extensivamente. Os edifícios foram colocados de forma que as sombras acrescentassem à sua beleza. Toda aquela beleza estrutural foi vista pelo apóstolo Paulo quando ele visitou a cidade de Atenas, mas "Paulo ficou revoltado ao ver a cidade tão cheia de ídolos" ([Atos 17.16](#), NTLH). Muitos dos edifícios mais bonitos, como o Partenon, foram construídos em homenagem aos deuses pagãos gregos. Em resposta, Paulo pregou seu famoso sermão no Areópago (Colina de Marte), uma colina que dava vista para os templos de Atenas.

Arquitetura romana

Os romanos foram grandes construtores que deixaram sua marca na arquitetura do mundo. Vários fatores influenciaram os estilos arquitetônicos romanos. Primeiro foi o fato de que os romanos assumiram impérios anteriores e formas anteriores de arquitetura. Alguma influência egípcia foi vista, mas o olhar grego para a beleza e o uso de mármore foram mais importantes. Outro fator foi a descoberta romana do cimento feito de terra vulcânica que, quando misturada com cal, formava uma argamassa de grande coesão. O cimento permitiu que os romanos construissem arcos de alvenaria sem colunas de

suporte. O efeito foi uma sensação de pompa e majestade. O uso de cimento também permitiu que os romanos construíssem estruturas de mais de um andar, como o Coliseu.

Os arquitetos romanos usavam praças centrais ou fóruns públicos no centro de suas cidades. Ao redor destes foram construídos edifícios públicos, templos, lojas e pórticos. A praça central continha arcos e monumentos comemorando imperadores vitoriosos. O conceito romano de planejamento municipal foi copiado em todo o Império Romano, incluindo a Palestina.

A escassez de água em vários países sobre os quais os romanos governavam os obrigou a criar meios de transportá-la por terra. Isso levou ao desenvolvimento do aqueduto. Os arquitetos romanos enfrentavam o problema de manter um grau suficiente de inclinação para permitir que a água fluísse por gravidade. Canais cimentados suportados por arcos de pedra forneceram grande parte da solução para o problema. O design arquitetônico dos sistemas de aquedutos permaneceu o mesmo durante todo o período imperial. Os pilares da fundação foram cobertos por arcos redondos. Um canal de pedra foi construído no topo do arco, revestido com cimento e frequentemente coberto por um telhado curvo.

Arquitetura palestina

Por uma geração, os israelitas foram habitantes de tendas, vivendo apenas vidas semissedentárias na melhor das hipóteses, sem necessidade de estruturas permanentes de qualquer tipo. Quando chegou a hora de se estabelecerem, foram prejudicados pela falta de habilidades de construção. Escavações arqueológicas em locais como Siló, Betel e Debir descobriram tentativas israelitas de reconstruir sobre fundações cananeias anteriores. O padrão de mão de obra deles era visivelmente inferior ao dos construtores cananeus, como demonstrado especialmente nas cidades reais cananeias. Até o século V a.C., os edifícios israelitas tendiam a ser pequenos e estreitos, em parte porque os arquitetos não haviam desenvolvido nenhum meio de cobrir uma habitação além de colocar vigas em sua largura e colocar uma cobertura plana no topo. O primeiro arco abobadado na Palestina foi construído no período persa, mas era tão inovador que os judeus conservadores se recusaram a adotá-lo como um estilo arquitetônico. Somente no período romano o arco e a abóbada ganharam aceitação, devido em grande parte à influência de Herodes, o Grande.

Arquitetura do Antigo Testamento

Cidades

Na era do AT, as cidades eram construídas em colinas ou montes e cercadas por um muro para proteção. Geralmente, as casas eram colocadas de forma aleatória com caminhos sinuosos ou becos conectando-as. Pessoas que não podiam pagar pela vida na cidade viviam em vilarejos ao redor da cidade. Eles trabalhavam nos campos próximos e, em tempos de perigo, fugiam para a cidade em busca de proteção.

O mais essencial para qualquer cidade era um abastecimento de água adequado. Por essa razão, as cidades foram construídas sobre ou perto de nascentes subterrâneas. Algumas cidades usavam cisternas rebocadas e bacias de captação para coletar água da chuva para complementar o abastecimento regular de água. Fontes subterrâneas eram protegidas por túneis em degraus para acesso quando a cidade estava sitiada.

Fortificações

Durante grande parte dos tempos do AT, os israelitas usavam as técnicas da Idade do Bronze Médio para defender suas cidades. A característica central era uma parede feita de pedra ou tijolo, de 7,5 a 9 metros de altura. A parede às vezes era feita com uma inclinação artificial e uma vala na parte inferior para fortificá-la contra aríetes inimigos.

Durante a monarquia israelita, paredes de casamata também foram construídas. Estas consistiam em duas paredes paralelas conectadas por uma série de paredes transversais. Os quartos resultantes foram então preenchidos com terra para dar proteção adicional contra aríetes inimigos ([Ez 26.9](#)). Às vezes, paredes de 6 metros de espessura eram construídas com saliências para que os atacantes pudessem ser subjugados. O apóstolo Paulo foi descido do muro de Damasco, em uma cesta à partir de um cômodo em tal muro ([Atos 9.25; 2Co 11.33](#)).

Portões

A maioria das muralhas da cidade tinha dois portões. Um deles era para caravanas de camelos, carruagens e veículos maiores; o outro, do lado oposto da cidade, era usado para pedestres, burros e pequenos animais. Muitos portões consistiam em portas duplas ([Is 45.1; Ne 6.1](#)) feitas de madeira e revestidas com placas de bronze ([Is 45.2](#)). As portas eram protegidas com barras horizontais de madeira, bronze ([1Rs 4.13](#)) ou ferro ([Sl 107.16](#))

que se encaixavam em aberturas nos postes do portão ([Iz 16.3](#)).

A localização dos portões era importante para a defesa da cidade. Frequentemente, a estrada que levava ao portão era planejada de forma que os atacantes, que carregavam seus escudos na mão esquerda, tivessem que enfrentar a parede da cidade e seus defensores no lado direito. Às vezes, o portão fazia parte de uma grande torre ([2Cr 26.9](#)). Ocasionalmente, degraus eram construídos no interior da torre, para que os sentinelas pudessem alcançar o topo para vigiar ([2Rs 9.17](#)). Em outras ocasiões, o portão estava posicionado de tal forma que girava 90 graus entre os portais, a fim de impedir que arqueiros inimigos fizessem um tiro direto através do portão.

Casas

Uma casa israelita acima da média consistia em vários cômodos voltados para um pátio aberto ([2Sm 17.18](#)). O maior cômodo era para a família, outro era para o gado da família, e outro era usado como um depósito geral. Às vezes, as paredes eram feitas de pedras, com as juntas preenchidas com barro. Às vezes, as paredes internas eram revestidas com barro, embora as casas mais prósperas tivessem cipreste ou cedro. Os pisos eram feitos de argila ou pedras de gesso polido. Os telhados planos eram sustentados por vigas e impermeabilizados com madeira ou mato. Uma escada externa dava acesso ao telhado, e algumas pessoas construíam câmaras no telhado que, na prática, faziam uma casa de dois andares ([1Rs 17.19](#)). Os telhados planos das casas forneciam espaço adicional para dormir e recreação para famílias com muitos membros. A lei mosaica exigia que esses telhados fossem cercados por um parapeito protetor para evitar que as pessoas caíssem e morressem ([Dt 22.8](#)).

Templo de Salomão

Provavelmente a peça mais importante da arquitetura israelita foi o templo do Rei Salomão. O edifício estava localizado no local onde Abraão supostamente ofereceu seu filho Isaque ([Gn 22](#)). Levou sete anos e meio para construir e foi notável tanto pela sua beleza quanto pelo seu propósito. O plano do templo era semelhante ao do tabernáculo, exceto que as dimensões foram dobradas e a altura foi triplicada. As paredes eram feitas de pedra revestida de ouro ([1Rs 6.22](#)), com ouro também cobrindo os tetos e o chão. A divisão entre o Santo dos Santos e o Lugar Santo era feita de madeira de cedro coberta de ouro. A entrada do Santo dos

Santos consistia em uma porta dupla feita de madeira de oliveira esculpida revestida com ouro. A porta ficava aberta, mas era velada. Fora do templo havia dois pátios, um pátio interno para os sacerdotes e um pátio externo para o povo.

A falta de expertise em construção em Israel obrigou Salomão a contratar trabalhadores fenícios. O resultado foi uma estrutura tipicamente fenícia, cujo plano de construção se assemelhava muito ao de uma capela cananeia do século VIII a.C. escavada em Tell Tainat, na Síria. Colunas e pórticos eram sem dúvida uma característica do templo de Salomão, embora a função exata dos pilares independentes chamados Jaquim e Boaz ainda esteja longe de ser certa. A alvenaria cuidadosamente vestida parece ter aparecido em Israel inicialmente na época de Salomão; excelentes exemplares de pedra talhada e quadrada foram recuperados de Samaria. O sítio samaritano, junto com Megido, também forneceu exemplos interessantes de um capitel de pilastra decorado que derivou seu design de representações artísticas cananeias.

Quando Babilônia derrubou Jerusalém e arrasou a cidade em 586 a.C., o templo foi saqueado de sua riqueza e queimado até o chão. Depois que Israel retornou do cativeiro, o templo foi reconstruído, com a fundação sendo lançada em 525 a.C. No entanto, esse segundo templo era muito menos magnífico do que o de Salomão e estava em grande necessidade de reparo na época do Rei Herodes da Judeia (37–4 a.C.).

Embora a tradição do AT dê considerável destaque ao templo de Salomão e exalte sua grandiosidade, o edifício era na verdade um anexo ao palácio real, servindo como uma capela. Somente no período pós-exílico o templo foi libertado das associações reais para se tornar um santuário independente onde as pessoas podiam observar os rituais prescritos. Tanto os templos pré-exílicos quanto os pós-exílicos eram bastante pequenos e estreitos em suas dimensões, sua largura sendo limitada pelo comprimento das vigas de madeira disponíveis para fins de cobertura. A única maneira de ampliar tal edifício era da maneira usual do Oriente Próximo, anexando salas adicionais ao exterior.

Arquitetura do Novo Testamento

A arquitetura dos tempos do NT consistia em estruturas gregas e romanas, já que esses governantes haviam dominado Israel mais recentemente. As cidades gregas eram modelos

arquitetônicos, contendo ruas planejadas, arcos, teatros, banhos públicos, templos e um mercado central chamado ágora. As casas judaicas, no entanto, continuavam pequenas, com telhados planos sobre quartos voltados para um pátio.

Durante a dominação romana, Herodes, o Grande (37–4 a.C.) construiu algumas estruturas notáveis, incluindo aquedutos, cisternas, masmorras, palácios e cidades inteiras (por exemplo, Cesareia). Sua maior obra foi a reconstrução do templo, uma estrutura notável que levou 83 anos para ser concluída. Durou em seu estado completo apenas seis anos antes de ser destruído por Tito em 70 d.C.

O templo de Herodes conseguiu misturar o antigo com o novo. Embora parecesse incorporar as últimas tendências arquitetônicas helenísticas em suas colunatas, colunas de mármore e fachadas, ainda estava firmemente enraizado nas tradições da Fenícia. A estrutura herodiana foi uma ampliação e, até certo ponto, uma reconstrução do templo do século VI a.C. Uma série de tribunais e pórticos cercavam o santuário reconstruído, que recebia uma ilusão de grandeza por meio de uma entrada ampliada. No meio daquela varanda havia uma porta enorme que dava acesso à porta interna muito menor do próprio santuário. Infelizmente, nada do próprio edifício sobreviveu à destruição de 70 d.C., deixando-nos quase completamente dependentes do relato de Josefo. *Veja Cidade; Casas e Moradias; Templo.*

Arrependimento

Literalmente uma mudança de mente, não sobre planos, intenções ou crenças individuais, mas sim uma mudança na atitude de alguém sobre Deus. Tal arrependimento acompanha a fé salvadora em Cristo ([Atos 20.21](#)). É inconsistente e ininteligível supor que alguém poderia crer em Cristo, mas não se arrepender. O arrependimento é um aspecto tão importante da conversão que muitas vezes é enfatizado em vez da fé salvadora, como quando Cristo disse que há alegria no céu entre os anjos por um pecador que se arrepende ([Lc 15.7](#)). Os apóstolos descreveram a conversão dos gentios a Cristo como Deus lhes concedendo “arrependimento para vida” ([Atos 11.18](#)). O arrependimento evangélico e a fé em Cristo são, de fato, inseparáveis, embora um convertido possa estar ciente de um aspecto mais do que outro.

Tal penitência não é um ato isolado, mas uma disposição da mente, fornecendo um estímulo para

o comportamento que está de acordo com a vontade declarada de Deus. O reconhecimento de pecados e deficiências diárias, fornece a ocasião para atos renovados de penitência e para novos exercícios de fé em Cristo. Uma das expressões mais profundas e notáveis de tal penitência é o relato de Davi sobre seu adultério com Bate-Seba ([Sl 51](#)). Igrejas inteiras são, em ocasião, chamadas para se arrepender ([Ap 2.5](#)). [Segunda a Coríntios 7](#) contém uma descrição interessante e completa de tal arrependimento coletivo envolvendo os elementos de tristeza pelo pecado e uma decisão determinada de abandonar antigos caminhos pecaminosos e portar-se corretamente. Embora o arrependimento seja muitas vezes acompanhado de sentimentos profundos, não é equivalente a tais sentimentos, mas está enraizado em convicções sobre a própria necessidade do pecador diante de um Deus santo.

Tanto João Batista ([Mt 3.2](#); [Mc 1.4](#)) quanto Cristo ([Mc 1.15](#)) eram pregadores do arrependimento, chamando não os justos, mas pecadores a se arrepender. E de acordo com a Grande Comissão ([Lc 24.44-49](#)), os apóstolos continuaram o mesmo tipo de pregação — começando com a pregação de Pedro no Dia de Pentecostes ([Atos 2](#)), com resultados notáveis. *Veja Confissão; Conversão; Perdão; Regeneração; Salvação.*

Arsa

Arsa era responsável pelo palácio em Tirza, uma cidade no reino do norte de Israel. Ele trabalhava para o rei Elá, que governava a parte norte de Israel. Um dia, o rei Elá estava bebendo álcool e ficou bêbado na casa de Arsa. Enquanto o rei estava lá, um homem chamado Zinri o matou. Zinri então se declarou rei ([1Rs 16.9-10](#)).

Arsaces

Um título compartilhado por governantes partas começando com Arsaces I, fundador do reino (possivelmente em 250 a.C.). Sob Arsaces VI (Mitrídates I), o reino parta cresceu para incluir Média e Pérsia, entre outras nações.

Esse crescimento aproximou os partas do território selêucida. O rei sírio Demétrio Nicator retaliou em 141 a.C. invadindo o reino de Arsaces VI, um evento registrado nos Apócrifos ([1Mc 14.1-3](#)). Arsaces foi

um dos reis aconselhados pelo cônsul romano a não prejudicar os judeus ([1Mc 15.15-22](#)).

Artaxerxes

Nome de três reis do Império Persa:

243.Artaxerxes I foi rei de 465 a 424 a.C.

Ele era conhecido como Macrocheir ou Longímano, filho e sucessor de Xerxes I, que foi rei de 486 a 465 a.C. Xerxes I era o Assuero do livro de Ester e [Esdras 4.6](#).

Alguns anos após a sucessão de Artaxerxes I, os gregos incentivaram o Egito a se revoltar contra a Pérsia. Somente em 454 a.C., esse movimento foi esmagado junto com outras dissensões no Império Persa. Em 449 a.C., o tratado de Callias trouxe paz entre gregos e persas. Artaxerxes havia conquistado total controle sobre seu império, resultando em um período de paz.

Artaxerxes I interrompeu a reconstrução de Jerusalém por um curto período ([Ed 4.7-23](#)). Ele também comissionou Esdras para visitar a cidade como secretário de estado dos assuntos judaicos em 458 a.C. ([Ed 7.8,11-26](#)). Em 445 a.C., Neemias foi a Jerusalém como governador civil no 20º ano de Artaxerxes I ([Ne 1.1; 2.1](#)).

Ler [Esdras 7.7](#) como "trigésimo sétimo" em vez de "sétimo" fez alguns estudiosos questionarem se Artaxerxes II foi o rei persa que interagiu com Neemias. No entanto, os papiros de Elefantina mostram que Sambalate, governador da Samaria, estava bastante avançado em anos em 408 a.C. Isso foi pouco antes da morte de Dario II, que governou de 423 a 405 a.C. A oposição de Sambalate a Neemias deve ter ocorrido muito antes. As datas de Esdras e Neemias, portanto, caem dentro do período de vida de Artaxerxes I.

Artaxerxes I foi notável por sua bondade para com os judeus na Pérsia, após estabelecer procedimentos claros. Seu apoio ao trabalho de Esdras e Neemias é evidente a partir dos escritos deles.

Veja também Assuero; Esdras, Livro de; Neemias, Livro de; Ester, Livro de.

244.Artaxerxes II Mnemon era neto de Artaxerxes I e filho de Dario II. Ele reinou de 404 a 359 a.C. Seu reinado foi um período de agitação no Império Persa, resultando, entre outras coisas, na perda do Egito por volta de 401 a.C. Ele construiu vários edifícios impressionantes e ampliou o palácio em Susã.

245.Artaxerxes III Oco foi o filho e sucessor de Artaxerxes II. Ele reinou de 358 a 338 a.C. Ele trouxe paz ao império por meio de uma diplomacia inteligente, mas foi assassinado. Nem ele nem seu pai são mencionados no Antigo Testamento.

Veja também Pérsia, persas.

Ártemas

Companheiro no trabalho cristão com Paul, a quem o apóstolo considerava um substituto de Tito na ilha de Creta ([Tt 3.12](#)). A tradição posterior descreve Ártemas como um bispo de Listra.

Ártemis

A deusa grega da lua, dos animais selvagens e da caça. O culto de Ártemis em Éfeso, onde ela é conhecida como Diana pelos romanos ([At 19.23-41](#)), a considerava especialmente como uma deusa da fertilidade.

Veja também Diana.

Artesão

Artesão habilidoso trabalhando principalmente com madeira, pedra, metais, gemas e argila. A guilda de artesãos era significativa na classe média da sociedade hebraica durante o período da monarquia.

Veja Trabalho.

Artesãos, Vale dos

Local nomeado por uma comunidade de artesãos que vivia em um vale na fronteira sul da planície de Sarom ([1Cr 4.14](#); [Ne 11.35](#)).

Veja Ge-harashim.

Artífice

Tradução da ARA e NAA da palavra para “artesão” em [Gn 4.22](#); [1Cr 29.5](#); [2Cr 34.11](#); e [Is 3.3](#). *Veja Trabalho.*

Arubote

Uma cidade que serviu como sede para um dos 12 distritos administrativos do Rei Salomão ([1Rs 4.10](#)). Arubote estava provavelmente no território tribal de Manassés, cerca de 14,5 quilômetros ao norte de Samaria, no local da moderna 'Aarabeh.

Arumá

A cidade onde o filho de Gideão, Abimeleque, viveu após ser expulso de Siquém pelos habitantes locais ([Jz 9.1,22-25,31,41](#)). Pode ter sido chamada de Ruma em [2 Reis 23.36](#).

Arvade, Arvadita

Uma pequena ilha fortificada a cerca de 3,2 quilômetros da costa da Síria (antiga Fenícia). Está a cerca de 48 quilômetros ao norte de Trípoli. Arvade desenvolveu uma grande frota de comércio e combate (um grupo de navios). Uma descrição do poder naval de Tiro menciona a fama dos marinheiros arvaditas ([Ez 27.8,11](#)).

Registros egípcios documentam a queda de Arvade para Tutemés III por volta de 1472 a.C. Registros assírios destacam a importância de Arvade e sua recorrente conquista por potências estrangeiras do século XI ao século VII a.C.

Arvade foi posteriormente conhecida como Aradus ou Arados, e é referida por esse nome em [1Mc 15.23](#). Durante os períodos persa e helenístico, foi um importante porto mediterrâneo, mas depois entrou em declínio novamente. A tribo dos cananeus, os arvaditas, possivelmente tinha uma

conexão étnica com a ilha de Arvade ([Gn 10.18](#); [1Cr 1.16](#)). Arwad é o nome moderno da ilha.

Árvore

Uma árvore é uma planta com um caule lenhoso chamado tronco. A maioria das árvores possui galhos e folhas.

A Bíblia menciona muitos tipos de árvores, como oliveira, palmeira e cedro. As árvores eram importantes para alimentação, abrigo, ferramentas e construção. Elas também aparecem frequentemente como símbolos e em histórias na Bíblia ([Gn 2.9](#); [Sl 1.3](#); [Ap 22.2](#)).

Veja Plantas; veja também Árvore do conhecimento do bem e do mal; Árvore da vida.

Árvore da Vida

Árvore colocada por Deus no meio do Jardim do Éden ([Gn 2.8-9](#)), uma árvore cujo fruto poderia dar vida eterna. Deus disse a Adão que ele poderia comer de toda árvore do Jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal (v. [16-17](#)). Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus comendo da árvore do conhecimento do bem e do mal, foram expulsos do jardim para que não “tomassem também da árvore da vida, e comessem, e vivessem para sempre” ([3.22](#)).

A narrativa de Gênesis sugere que Deus pretendia que a árvore da vida fornecesse a Adão e Eva um símbolo de vida em comunhão com e dependência dele. A vida humana, distinguida da dos animais, é muito mais do que meramente biológica; é também espiritual — encontra seu cumprimento mais profundo em comunhão com Deus. A vida na plenitude de suas dimensões físicas e espirituais, no entanto, poderia permanecer com uma pessoa apenas enquanto ela permanecesse obediente ao mandamento de Deus ([Gn 2.17](#)). Além de Gênesis, as únicas outras ocorrências no AT da frase “árvore da vida” são encontradas em Provérbios (citados aqui da ARC), onde simboliza o enriquecimento da vida de várias maneiras. Em [Provérbios 3.18](#), a sabedoria é referida como “uma árvore da vida para aqueles que a seguram”; em [11.30](#), “o fruto do justo é uma árvore da vida”; em [13.12](#), um desejo realizado é como “uma árvore da vida”; e em [15.4](#), “uma língua gentil é uma árvore da vida”.

O livro de Apocalipse contém as únicas referências à árvore da vida no NT ([Ap 2.7; 22.2,14,19](#)). A Bíblia começa e termina com um Paraíso no meio do qual está uma árvore da vida. O caminho para a árvore da vida, que foi fechado em [Gênesis 3](#), está aberto novamente para o povo crente de Deus. Isso foi possível pelo segundo Adão, Jesus Cristo. Aqueles que lavaram suas vestes no sangue de Cristo (cf. [Ap 7.14](#)) e buscaram o perdão de seus pecados através da obra redentora de Cristo, recebem o direito à árvore da vida ([22.14](#)), mas os desobedientes não terão acesso a ela.

Veja também Adão (Pessoa); Eva; Queda do homem; Jardim do Éden; Árvore do conhecimento do bem e do mal.

Árvore de Estoraque

Uma árvore pequena com galhos rígidos. Era usada para fazer incenso. Estoraque era extraído dela ([Ex 30.34](#)).

Veja Plantas.

Árvore de louro, Louro

Uma árvore que cresce naturalmente em Israel e nas áreas circundantes. Ela atinge de 12 a 18 metros de altura. Possui folhas perenes e fragrantes.

Em [Salmo 37.35](#), a "árvore nativa bem enraizada" pode se referir ao cedro do Líbano (*Cedrus libani*). No entanto, a maioria dos estudiosos acredita que se refere ao loureiro (*Laurus nobilis*), também chamado de louro. Esta árvore perene é nativa da região do Mediterrâneo e cresce em matagais e florestas, desde áreas costeiras até regiões montanhosas de média elevação. Embora cresça abundantemente em certas áreas, como o Monte Carmelo e perto de Hebron, não é comum em todo Israel e áreas circundantes.

As pessoas têm usado suas folhas como tempero na culinária há séculos. Além disso, seu fruto, folhas e casca têm sido utilizados na medicina tradicional por muitos anos.

Árvore do conhecimento do bem e do mal

Árvore proibida no Éden, cujo fruto conferiu conhecimento e subsequente morte, ou seja, separação de Deus e morte ([Gn 2.9,15-17; 3.1-24](#)). A serpente tentadora prometeu a Eva igualdade com Deus se ela comesse o fruto. O resultado de Eva e Adão comerem desta árvore foi que eles de fato alcançaram o "conhecimento do bem e do mal". De acordo com o uso da expressão "conhecer o bem e o mal" no restante da Bíblia ([Dt 1.39; Is 7.15-16; Hb 5.14](#)), a ideia é que descreve uma fase na vida de uma criança quando ela passa da inocência para a consciência moral.

Acompanhando esse conhecimento está a autoconsciência sexual. Assim, quando Adão e Eva comeram do fruto, eles se tornaram conscientes de sua própria sexualidade. Ao mesmo tempo, eles foram capazes de ver como Deus via e, assim, pensaram que Deus os envergonharia por sua nudez. A história veio a simbolizar a perda da inocência e da companhia divina através da desobediência deliberada na tentativa de alcançar a divindade.

O triste resultado de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal foi que Adão e Eva perderam sua inocência e foram posteriormente separados de Deus. O banimento do Éden seguiu-se para evitar que comessem o fruto de uma segunda árvore, "a árvore da vida", que os teria tornado imortais. Mas eles teriam sido imortais em seu estado caído e pecaminoso. Assim, foi uma bênção bani-los.

Veja também Adão (Pessoa); Eva; Jardim do Éden; Queda do homem; Árvore da Vida.

Asâ

Uma cidade nas colinas do sudoeste da Judeia, um pouco a noroeste de Berseba.

Asâ estava originalmente na tribo de Judá ([Js 15.42](#)). Depois, tornou-se parte de Simeão ([Js 19.7](#)). Finalmente, foi dada aos levitas como uma cidade de refúgio ([1Cr 6.59](#)). Davi viajou naquela área com seu grupo de homens que não estavam seguindo a lei ([1Sm 30.30](#)). A cidade de Aim mencionada em [Josué 21.16](#) provavelmente refere-se a Asâ (esta é diferente da Aim no nordeste de Canaã, [Nm 34.11](#)).

Veja Cidades de Refúgio.

Asafe

246.O filho de Berequias foi um importante músico do tabernáculo durante o reinado do rei Davi ([1Cr 6.31-32,39](#)). Davi nomeou Hemã como cantor principal, junto com Etã. Com eles, ele designou Asafe para tocar címbalos de bronze durante a cerimônia em que a arca foi levada para o novo tabernáculo ([1Cr 15.1-19](#)). Davi encarregou Asafe para "honrar, agradecer e louvar ao Senhor Deus de Israel" ([1Cr 16.4-5](#)). Asafe deveria liderar Israel em um salmo especial de louvor ([1Cr 16.7-36](#)).

Junto com seus parentes, Asafe ministrava diariamente diante da arca ([1Cr 16.37; 25.6,9; 1Ed 1.15; 5.27,59](#)). Ele também foi descrito como o profeta particular de Davi ([1Cr 25.1-2](#)). O nome de Asafe aparece nas inscrições dos [Salmo 50](#) e [73-83](#) e no grupo que ele estabeleceu, chamada "os filhos de Asafe" ([1Cr 25.1; 2Cr 35.15; Ed 2.41; Ne 7.44; 11.22](#)).

247.Pai de Joá. Joá era o cronista (historiador da corte ou escriba real) na administração do rei Ezequias ([2Rs 18.18,27; Is 36.22](#)).

248.Guarda do templo ou porteiro, aparentemente a mesma pessoa que Ebiasafe ([1Cr 9.18](#)).

249.Um guardião da floresta do rei na Palestina sob Artaxerxes I Longímano ([Ne 2.8](#)). Neemias pediu a este Asafe madeira para reconstruir o muro, os portões e as estruturas de Jerusalém.

Asbel, Asbelitas

O filho de Benjamim que se mudou para o Egito com seu avô Jacó ([Gn 46.21; 1Cr 8.1](#)). Os asbelitas, seus descendentes, foram incluídos no censo de Moisés no deserto ([Nm 26.38](#)). Asbel também é chamado de Jediael ([1Cr 7.6](#)).

Ascensão de Cristo

A ascensão é o evento em que Jesus subiu ao céu após sua ressurreição dos mortos.

O que a Bíblia diz sobre a ascensão de Cristo?

Entre os escritores do Novo Testamento, apenas Lucas descreveu a ascensão de Jesus. [Atos 1.9-11](#) descreve uma cena em que Jesus foi "elevado" e desapareceu em uma nuvem. [Lucas 24.50-51](#) e [Atos 1.12](#) situam esse evento final perto de Betânia. Betânia está a leste de Jerusalém no Monte das Oliveiras.

Mateus terminou sua história antes do dia de Pentecostes. João não descreveu a ascensão diretamente, mas incluiu as próprias palavras de Jesus sobre isso. Jesus disse que partiria, mas retornaria mais tarde ([Jo 21.22](#)). Ele não pode ser tocado, pois deve ascender ([20.17](#)). Muitos acreditarão sem tê-lo visto ([20.29](#)).

Os Evangelhos nos dizem três coisas principais:

250.Após ressuscitar, Jesus apareceu aos seus discípulos;

251.Em determinado momento, essas aparições cessaram; e

252.Embora Jesus não esteja fisicamente presente, ele está espiritualmente presente com sua igreja.

Outros escritos do Novo Testamento concordam com isso. O apóstolo Paulo escreveu que Deus ressuscitou Cristo dos mortos "e o fez sentar-se à sua direita nas regiões celestiais" ([Ef 1.20](#)). O escritor de Hebreus disse: "Ele se assentou à direita da Majestade nas alturas" ([Hb 1.3](#)).

Por que a ascensão é importante?

A ascensão é importante por duas razões: o que ela significa para Cristo e o que ela significa para os cristãos.

Qual é o significado da ascensão para Cristo?

Para Cristo, a ascensão é a entrada necessária em sua "glorificação" celestial. Em sua glorificação, ele se senta à direita do Pai até que seus inimigos sejam completamente derrotados. [Salmo 110.1](#) usa linguagem simbólica para descrever isso: "Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés". (Este Salmo é o texto do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento.) A ascensão é prova de sua

glorificação e sua superioridade sobre heróis do Antigo Testamento como Davi ([At 2.33-36](#)).

Pela sua ascensão, Cristo se eleva sobre todos e preenche tudo ([Ef 4.10](#)). Em sua ascensão, ele recebe "o nome que está acima de todo nome" ([Fp 2.9-11](#)). Para o autor do livro de Hebreus, a ascensão também é prova da superioridade de Cristo sobre os anjos. Ele está entronizado enquanto eles são constantemente enviados para servir ([Hb 1.13-14](#)). Anjos, autoridades e poderes estão todos sujeitos ao Cristo ressurreto ([1Tm 3.16](#); [1Pe 3.22](#)).

Qual é o significado da ascensão para os cristãos?

Para o cristão, a ascensão de Cristo é significativa de quatro maneiras:

253.Sem isso, não haveria o dom do Espírito Santo. O Espírito Santo não poderia vir até que Jesus tivesse ascendido e o enviado ([Jo 16.7](#)). Sem a ascensão, a igreja teria Jesus localmente em um lugar, não presente espiritualmente "onde dois ou três se reunirem" ([Mt 18.20](#); cp. [28.20](#)).

254.Assim como um Jesus verdadeiramente humano ascendeu ao céu, os seres humanos também podem ascender para lá. Jesus foi "preparar um lugar" para seus seguidores ([Jo 14.2](#)). A esperança daqueles que estão "em Cristo" é que eles eventualmente ascenderão para estar com ele ([2Co 5.1-10](#)).

255.A ascensão prova que o sacrifício de Cristo está concluído e aceito por Deus. Jesus passou pelos céus ([Hb 4.14](#)). Ele entrou na presença de Deus ([6.20](#)). Esta presença é descrita como o Lugar Santíssimo do templo celestial. É o verdadeiro templo do qual o da terra era uma cópia ([9.24](#)). Cristo ofereceu um único e definitivo sacrifício a Deus que nunca precisa ser repetido ([9.12](#)). Então Cristo se assentou, mostrando que nenhuma repetição de seu sacrifício é necessária ([1.3](#); [10.12](#); [12.2](#)).

256.A ascensão significa que há um ser humano no céu que simpatiza com a humanidade e, portanto, pode falar em nome da humanidade ([1Jo 2.1](#)). Jesus experimentou tudo o que os humanos vivenciam. Ele passou pelo nascimento, crescimento, tentação, sofrimento e morte. Jesus pode servir efetivamente como mediador diante de Deus no céu ([Hb 2.17; 5.7-10](#)). A ascensão de Cristo assegura à igreja que Deus entende como é ser humano e que os cristãos podem se aproximar dele com confiança em suas orações ([4.14-16](#)).

A ascensão de Cristo é uma parte vital do ensino do Novo Testamento. Ela demonstra a posição exaltada de Cristo e oferece aos cristãos confiança e esperança.

Veja também Cristologia; Jesus Cristo, vida e ensinamentos.

Asdode, Asdodita

Uma das cinco principais cidades dos filisteus, também chamada de "pentápolis". As outras quatro cidades são Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom ([Js 13.3](#)).

Estava em uma localização importante, cerca de 4,8 quilômetros para o interior, entre Jope e Gaza, e perto da costa. Seu antigo porto, Asdode Yam, era um importante porto marítimo, posteriormente superando a própria cidade interior. Escavações em Asdode revelaram sua ocupação inicial pelos cananeus, datando do século 17 a.C. Quando os israelitas entraram em Canaã, Asdode estava ocupada pelos anaquins, uma raça gigante (alta) ([Is 11.21-22](#)). Embora tenha sido atribuída à tribo de Judá, não foi inicialmente conquistada ([Is 15.46-47](#)). O povo de Asdode era chamado de asdoditas ([Is 13.4](#); [Ne 4.7](#)).

No século 12 a.C., ocorreu a invasão dos Povos do Mar, incluindo os filisteus, que destruíram Asdode. Posteriormente, a cidade foi reocupada e desenvolvida como uma importante cidade filisteia. Arqueólogos encontraram três camadas de áreas de habitação filisteias em Asdode. Essas descobertas nos revelam como os filisteus viviam.

Durante o período de Eli, o sacerdote, os filisteus capturaram a Arca da Aliança e a colocaram no

templo de seu deus Dagom, em Asdode, e depois em Gate e Ecrom ([1Sm 5](#)). Uma praga atingiu todos os lugares para onde a arca era levada, então os governantes filisteus a devolveram com uma oferta de ouro ([1Sm 6.1–18](#)). Apesar de estar sob o controle de Davi e Salomão, Asdode não foi totalmente conquistada até que o rei Uzias, de Judá, iniciou uma guerra contra ela por volta de 792–740 a.C. ([2Cr 26.6](#)).

Após o reinado de Uzias, a cidade recuperou a independência à medida que a influência de Judá se tornou menos forte. Asdode resistiu às invasões assírias até ser finalmente destruída por Sargão II em 711 a.C. Esta destruição é confirmada por achados arqueológicos (pessoas que estudam objetos antigos). Um desses achados é um pilar de pedra com inscrições. O pilar é feito de basalto (uma rocha escura e dura). Ele menciona Sargão e foi encontrado na cidade de Asdode em 1963. O profeta Isaías já havia alertado Judá contra depender de Asdode, Egito ou Etiópia como aliados contra os assírios ([Is 20](#)). Arqueólogos encontraram evidências em Asdode de que tanto Uzias quanto Sargão II destruíram partes da cidade.

Asdode permaneceu sob controle assírio até ser capturada pelo faraó egípcio Psamético I, que governou de 664 a 609 a.C. Asdode foi capturada após um longo cerco que durou 29 anos, possivelmente o cerco mais longo registrado na história. Depois disso, por volta da época da queda de Jerusalém em 586 a.C., Nabucodonosor II conquistou Asdode e levou seu rei para Babilônia. Profetas como Jeremias e Sofonias haviam predito o destino de Asdode e de seu povo ([Jr 25.20](#); [Sf 2.4](#)). Os habitantes restantes de Asdode mais tarde resistiram aos esforços de Neemias para reconstruir Jerusalém, e algumas de suas mulheres se casaram com homens judeus ([Ne 4.7](#); [13.23–24](#)). O profeta Zacarias predisse mais destruição para Asdode ([Zc 9.6](#)).

Durante o período dos Macabeus (quando os Macabeus governavam), a cidade, então conhecida como Azoto, foi atacada, saqueada e destruída por Judas e Jônatas Macabeus devido à sua idolatria ([1Mc 4.12–15](#); [5.68](#); [10.77–85](#); [11.4](#)). A cidade foi posteriormente libertada por Pompeu em 63 a.C. e tornou-se parte da província romana da Síria. Herodes, o Grande, posteriormente deu a cidade à sua irmã Salomé como presente após sua morte.

O Novo Testamento observa que Filipe, o evangelista, pregou sobre Cristo em Azoto ([At 8.40](#)). No quarto século d.C., o historiador cristão primitivo Eusébio reconheceu-a como uma cidade

significativa, com bispos cristãos residindo lá, do quarto ao sexto séculos. No entanto, durante a Idade Média, Asdode, ou Azoto, declinou e agora é uma pequena vila chamada Esdud.

Asdode estava situada a cerca de 4,8 quilômetros para o interior, mas tinha um porto separado conhecido como Asdode Yam, ou Asdode-no-Mar. Com o tempo, esta cidade costeira cresceu mais do que a cidade no interior. Escavações arqueológicas no porto revelaram camadas de ocupação dos períodos cananeu, israelita e helenístico. Uma descoberta notável inclui uma instalação de tingimento helenística onde um corante púrpura era produzido a partir da concha de murex, um corante de luxo usado para roupas pela realeza e pelos ricos. O porto permaneceu em uso durante o período Árabe. Hoje, um porto moderno foi estabelecido perto do local da antiga Asdode Yam.

Asdote-Pisga

A versão da NTLH ([Dt 3.17](#); [Is 12.3](#); [13.20](#)) refere-se às encostas do Monte Pisga.

Veja o Monte Pisga.

Aser (Pessoa)

Filho de Jacó, nascido da serva de Lia, Zilpa ([Gn 30.12–13](#)). O nome Aser provavelmente significa "feliz". Foi escolhido por Lia para expressar sua alegria com o nascimento dele. Aser teve quatro filhos — Imna, Isva, Isvi e Berias — e uma filha chamada Sera ([Gn 46.17](#); [1Cr 7.30](#)).

Alguns acreditam que a tribo de Aser pode ter sido nomeada em homenagem a um local mencionado em textos egípcios do século XIII a.C. No entanto, é mais provável que a tribo tenha sido nomeada em homenagem ao seu ancestral. Aser e seus irmãos receberam bênçãos especiais e profecias de Jacó enquanto ele estava morrendo ([Gn 49.20](#); cp. [Dt 33.24–25](#), onde Moisés também abençoou Aser e as outras tribos).

Veja também Aser (Tribo).

Aser (Tribo)

A tribo de Aser vivia na fértil área costeira quando a Terra Prometida foi dividida. O território de Aser se estendia do norte do Monte Carmelo até um

pouco acima de Sidom, com sua fronteira oriental correndo ao longo das encostas ocidentais das colinas da Galileia ([Js 19.24-34](#)). A leste, Aser fazia fronteira com as tribos de Zebulom e Naftali. Ao sul, a cordilheira do Carmelo separava Aser da tribo de Manassés. A terra de Aser era rica em agricultura e conhecida por seus olivais. Economicamente, os aseritas comerciavam com os fenícios de Tiro através de navios.

O tamanho da tribo variou ao longo do tempo. Dos poucos que entraram no Egito com Jacó, Aser cresceu para 41.500 guerreiros adultos no Monte Sinai ([Nm 1.40-41](#)). Pelo segundo censo no deserto, a tribo tinha 53.400 soldados ([Nm 26.47](#)). Durante o reinado do Rei Davi, o número de guerreiros variou de 26.000 a 40.000 ([1Cr 7.40; 12.36](#)). Aser nunca foi mais do que a quinta maior tribo entre os israelitas.

Aser, assim como as outras tribos, rejeitou os relatórios positivos de Calebe e Josué sobre Canaã ([Nm 13.30-14.10](#)). Consequentemente, aquela geração pereceu no deserto após 40 anos ([Nm 14.22-25](#)).

No final da campanha do norte na Terra Prometida, Josué atribuiu territórios às sete tribos restantes, incluindo Aser ([Js 18.2](#)). Anteriormente, Deus havia designado Aiúde para distribuir terras dentro do território de Aser ([Nm 34.16,27](#)). Certos levitas da tribo de Gérson receberam cidades dentro das fronteiras de Aser ([Js 21.6,30; 1Cr 6.62,74](#)).

Como o restante das tribos de Israel, Aser nunca possuía completamente toda a terra que lhe foi dada. A tribo falhou em expulsar os habitantes de cidades como Aco, Sidom e outras, o que levou a serem influenciados por culturas pagãs ([Js 1.31](#)). O território "não possuído" dos sidônios e fenícios se estendia ao longo da região costeira por 322 quilômetros. Assim, "os aseritas viviam entre os habitantes cananeus da terra, porque não os expulsaram" ([Js 1.32](#)). É possível que seu envolvimento no comércio fenício tenha diminuído seu desejo de expulsar os fenícios de suas cidades.

Após a morte do juiz Eúde, Israel foi oprimido por Jabim, rei de Canaã. Quando a juíza Débora incentivou Baraque a liderar as forças de Israel, eles obtiveram uma grande vitória e foram libertados da opressão ([Js 4](#)). Apesar da vitória, Débora reclamou que "Aser parou perto do mar e ficou na beira das praias" ([Js 5.17](#)). Com o tempo, a tribo foi influenciada pela religião e cultura fenícia, levando ao seu declínio.

A Bíblia fornece pouca informação sobre a liderança de Aser. Na época do Êxodo do Egito, Pagiel, filho de Ocrã, era o chefe tribal ([Nm 1.13; 2.27; 7.72; 10.26](#)). Após isso, não há mais menção aos líderes de Aser. Nenhum juiz de Israel veio de Aser, e durante o reinado do Rei Davi, Aser e Gade não foram incluídos entre os principais oficiais da nação ([1Cr 27.16-22](#)).

Apesar desses desafios, Aser teve momentos notáveis:

- Eles apoiaram Gideão na derrota dos midianitas ([Jz 6.1-8,35; 7.23](#)).
- Defenderam Saul, seu primeiro rei ([1Sm 11.7](#)).
- Quarenta mil aseritas apoiaram Davi na tomada do reino de Saul ([1Cr 12.23-36](#)).

Após a queda de Samaria em 722 a.C., um pequeno remanescente de Aser veio a Jerusalém para a primeira festa da Páscoa em muitos anos ([2Cr 30.5](#)) quando o Rei Ezequias (715–686 a.C.) convidou todas as tribos para se juntarem à celebração. ([2Cr 30.10-11](#)).

O Novo Testamento menciona uma viúva de 84 anos chamada Ana, que era descendente de Aser. Ela era uma profetisa que reconheceu Jesus como "a libertação de Jerusalém" durante Sua dedicação no Templo ([Lc 2.36-38](#)).

Veja também História de Israel.

Asfalto

Uma substância marrom ou preta, semelhante a alcatrão, um tipo de betume, usada nos tempos antigos. Era feita de óleo natural que escorria do solo e era utilizada para fazer argamassa e vedar objetos. Em hebraico, as palavras relacionadas podem ser traduzidas como argamassa, piche, lodo ou alcatrão.

Veja Minerais e metais; Betume.

Asfar

Um poço de água na selva de Tecoa. Pode ser o atual Bir Selhub, ao sul de En-Gedi.

Jônatas e Simão Macabeus acamparam em Asfar ao fugir dos sírios sob o comando do General Báquides ([1Mc 9.33](#)).

Ásia

Nos tempos do Novo Testamento, a Ásia era uma província romana. Estava localizada logo a leste do Mar Egeu. Os romanos criaram essa província em 133. Eles fizeram isso depois que Átalo III, o rei de Pérgamo, deixou seu reino para eles em seu testamento.

Os cartógrafos gregos geralmente usavam o nome "Ásia" para se referir a todo o continente oriental. No entanto, a partir do segundo século, os romanos frequentemente chamavam os reis de Pérgamo de "reis da Ásia". Por causa disso, as pessoas lentamente começaram a usar "Ásia" para se referir apenas à península (Ásia Menor).

A extensão da província da Ásia variou ao longo de sua história. Antes da ocupação romana, o termo referia-se ao reino da dinastia Selêucida, que Seleuco I fundou entre 305 e 281 a.C. Este uso é visto nos livros apócrifos ([1Mc 8.6; 11.13; 12.39; 13.32](#); [2Mc 3.3](#)) e nas obras do antigo historiador judeu Josefo, em sua obra "Antiguidades". Os romanos tomaram o território dos selêucidas após a guerra contra Antíoco, o Grande. Como recompensa, eles o deram aos seus aliados, os atálidas. Átalo III eventualmente o legou aos romanos.

As fronteiras do controle romano se estabilizaram apenas após uma grande revolta ser contida. A província então incluía regiões como Mísia, Lídia, Cária e Frígia. Também abrangia áreas próximas ao Mar Egeu, como Eólia, Jônia e Trôade. As ilhas costeiras, como Lesbos, Quios, Samos, Rodes e Patmos, também faziam parte da província. Esta área continental agora faz parte da Turquia moderna.

Em 116 a.C., a província se expandiu e incluiu a Grande Frígia. Suas fronteiras eram a Bitínia ao norte, a Galácia ao leste, a Lícia ao sul e o Mar Egeu a oeste. No entanto, essas fronteiras mudaram ao longo do tempo. Em 25 a.C., Augusto César expandiu o controle de Roma ao adicionar outras partes da Frígia, Licônia, Pisídia e possivelmente Panfília a uma província chamada Galácia. Essas fronteiras permaneceram as mesmas até 285 d.C. Então, a província se tornou muito menor, e "Ásia" passou a se referir apenas às áreas costeiras e aos

vales inferiores dos rios Meandro, Caister, Hermo e Cácio.

Durante o domínio romano, Pérgamo era a capital da província. Na época de Augusto, o governador romano tinha se mudado para Éfeso.

No Novo Testamento, "Ásia" geralmente se referia à província romana com esse nome. Às vezes, significava a área, e outras vezes, a região política. Por exemplo, na festa de Pentecostes em Jerusalém, havia judeus da "Ásia". Isso incluía outras províncias romanas como Capadócia, Frígia e Panfília ([At 2.9-10](#)). Isso sugere que Lucas, o escritor de Atos, usou o termo para descrever a província originalmente deixada aos romanos por Átalo III. Lucas usou a palavra novamente em [Atos 6.9](#), indicando a força das comunidades judaicas na Ásia Menor e confirmando o uso de "Ásia" no sentido mais restrito da província romana.

Na segunda viagem missionária de Paulo, o Espírito Santo impediu que ele e Timóteo pregassem na Ásia ([At 16.6-8](#)). Aqui, Lucas provavelmente estava se referindo às fronteiras originais da província. Quando Paulo retornou da Grécia, ele parou em Éfeso ([At 18.19-21](#)). Em sua terceira viagem missionária, ele permaneceu em Éfeso por mais de dois anos para que, a partir desta cidade capital, "todos os que viviam na província da Ásia, tanto judeus quanto gregos" ouvissem a palavra ([At 19.10](#)).

Lucas mencionou a Ásia novamente em [Atos 19.26-27; 20.4,16,18](#); e [27.2](#). Paulo se refere a ela várias vezes ([Rm 16.5; 1Co 16.19; 2Co 1.8; 2Tm 1.15](#)). O apóstolo Pedro também usou o termo ([1Pe 1.1](#)). No Novo Testamento, o Cristo ressuscitado foi o último a referir-se à Ásia. Ele instruiu o apóstolo João, que estava vivendo em exílio na ilha de Patmos, a escrever cartas para sete igrejas específicas na Ásia ([Ap 1.1-4](#)).

Outras cidades mencionadas nesta província romana no Novo Testamento incluem:

- Laodiceia e Hierápolis ([Cl 4.13](#));
- Adramício ([At 27.2](#));
- Assôs ([At 20.13-14](#)).

Ásia Menor

Uma península que corresponde à Ásia mencionada no Novo Testamento. Atualmente, faz parte da moderna Turquia.

Veja: Ásia.

Asiarca

O título de um importante oficial na província romana da Ásia. Não sabemos exatamente qual era o seu papel. Vários asiarcas estavam preocupados com a segurança de Paulo durante um tumulto de ourives em Éfeso ([At 19.31](#)).

Não sabemos muito mais sobre os asiarcas. Não sabemos quais habilidades eram necessárias para o cargo, quanto tempo trabalhavam como asiarcas ou quais eram suas funções exatas.

Não está claro por que havia muitos asiarcas em Éfeso durante o tumulto ou por que eles se preocupavam com a segurança de Paulo. Eles podem ter sido líderes da "Comuna da Ásia". Se assim fosse, seu trabalho era apoiar e proteger o culto imperial (a adoração de Roma e do Imperador).

Os asiarcas mencionados em Atos não pareciam se opor ao Cristianismo. O Cristianismo estava desafiando o culto pagão popular de Ártemis (uma deusa grega).

A longa história em [Atos 19](#) destaca uma das principais ideias de Lucas: o Cristianismo não estava tentando causar problemas, e Paulo não representava uma ameaça política. Se ele fosse, os asiarcas provavelmente não o teriam ajudado.

Asibias

Um israelita que obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia após o exílio na Babilônia ([1Ed 9.26](#)). Ele pode ser a mesma pessoa que Hasabias ([Ed 10.25](#), também chamado de "Malquias").

Asiel

Bisavô de Jeú. Jeú era um príncipe na tribo de Simeão ([1Cr 4.35,38](#)).

Asilo

Um lugar seguro onde alguém acusado de um crime pode ir para evitar ser preso ou punido. Também pode se referir à proteção que tal lugar oferece.

Este conceito é semelhante ao termo "santuário". Nos tempos antigos, as pessoas frequentemente corriam para altares ou templos em busca de proteção. Por exemplo, Adonias e Joabe buscaram refúgio do Rei Salomão no altar do tabernáculo ([1Rs 1.50–53; 2.28–31](#)). Na lei de Moisés, o asilo era concedido através das cidades de refúgio.

Veja Cidades de refúgio.

Asíncrito

Um dos cristãos em Roma a quem Paulo enviou saudações ([Rm 16.14](#)).

Asmodeu

Asmodeu era um espírito maligno na história de Tobias ([Tb 3.8](#)). Ele era um amante ciumento. Na história, Asmodeu matou os primeiros sete maridos de Sara, a única filha de Raguel de Ecbátana, em suas noites de núpcias. Sara estava muito triste até que Tobias, filho de Tobit, se casou com ela.

O anjo Rafael explicou a Tobias como derrotar Asmodeu. Tobias queimou o coração e o fígado de um peixe em um ritual, o que derrotou Asmodeu.

Em histórias hebraicas sobre espíritos, as pessoas frequentemente consideravam Asmodeu como o rei ou líder dos espíritos malignos. Ele pode estar relacionado a um espírito persa chamado "Aeshma-daeva". Este espírito era conhecido por causar tempestades, raiva e forte desejo sexual.

Veja também Tobias, Livro de.

Aspata

Um dos dez filhos de Hamã. Ele foi morto com seu pai quando o plano de Hamã para destruir os judeus foi encerrado ([Et 9.7](#)).

Áspide

Algumas traduções trazem o sentido de cobra venenosa. Uma cobra venenosa mencionada na Bíblia. A maioria das referências bíblicas à áspide parece se referir à cobra egípcia (*Naja haje*), como em [Deuteronômio 32.33](#). Ela se esconde em buracos, paredes e rochas. Pode expandir o

pescoço levantando suas costelas frontais, tornando seu peito plano e em forma de disco. Seu veneno potente pode causar a morte em 30 minutos. Ela cresce até cerca de dois metros (80 polegadas) de comprimento. As presas estão sempre levantadas, ao contrário das víboras, que são comuns na América do Norte. Apenas a cobra coral na América tem presas que estão sempre levantadas. O veneno da cobra ataca o sistema nervoso, fazendo com que os músculos fiquem paralisados.

Os egípcios consideravam a víbora sagrada. Eles a viam como uma protetora, já que se alimentava dos roedores que comiam suas colheitas. As “serpentes venenosas” em [Números 21.6](#) e [Deuteronômio 8.15](#) podem ter sido cobras. A serpente voadora em [Isaias 14.29](#) e [30.6](#) pode se referir ao capuz da cobra.

Veja também Cobra.

Asquelonita

Habitante da cidade filisteia Asquelom ([Js 13.3](#)).
Veja Asquelom.

Asquenaz

Filho de Gomer e bisneto de Noé através de Jafé ([Gn 10.1-3](#); [1Cr 1.6](#)).

Asquenaz é mencionado em [Jeremias 51.27](#) junto com Ararate e Mini. Isso sugere que Asquenaz foi o ancestral dos citas, que viviam na região de Ararate durante o tempo de Jeremias. Os citas eram conhecidos por serem ativos e belicosos. Eles causaram problemas para o Império Assírio e ajudaram a provocar sua queda.

Hoje, o termo “Asquenazim” (a forma plural de Asquenaz) tem um significado diferente. Refere-se aos judeus que se estabeleceram na Europa Central e Oriental após serem forçados a deixar sua terra natal. Isso é diferente dos sefarditas, que são judeus que se estabeleceram na Espanha e em Portugal.

Asriel, asrielita

Filho de Manassés ([1Cr 7.14](#)). Seus descendentes, os asrielitas, foram incluídos no censo de Moisés no deserto ([Nm 26.31](#)). Mais tarde, eles receberam uma porção da terra da tribo de Manassés ([Js 17.2](#)).

Assassinato, Assassino

Veja Lei civil e justiça; Lei criminal e punição; Mandamentos, Os Dez.

Asse

Grafia em algumas Bíblias para a palavra grega *assarión* que era uma moeda de pequeno valor citada apenas em ([Mt 10.29](#), Lc 12.6).

Veja Moedas.

Assento da misericórdia

Placa de ouro colocada no topo da Arca da Aliança com querubins anexados em cada extremidade, denominada “propiciatório” em muitas versões em português da Bíblia (cf. [Ex 25.17-22](#)). A palavra hebraica para a qual “assento da misericórdia” é a tradução é tecnicamente melhor traduzida como “propiciatório”, um termo que denota a remoção da ira pela oferta de um presente. A importância desta designação é encontrada na cerimônia realizada no Dia da Expiação, realizada uma vez por ano, quando o sangue era aspergado sobre o propiciatório para fazer expiação pelos pecados do povo de Israel ([Lv 16](#)). Devido à importância desta cobertura sobre a arca e à cerimônia associada a ela, o Santo dos Santos, onde a arca estava alojada no templo, é denominado “casa do propiciatório” em [1Cr 28.11](#) (ARC). O termo “propiciatório” entrou em uso em português a partir da tradução alemã de Lutero do termo hebraico, que é difícil de traduzir adequadamente do hebraico (cf. NVI “lugar do propiciatório” e NVT “lugar de expiação”).

O propiciatório media dois côvados e meio (114,3 centímetros) por um côvado e meio (68,6 centímetros). Os querubins em cada extremidade também eram feitos de ouro e estavam voltados um para o outro, com suas asas estendidas para cima sobre a arca. Foi neste espaço acima da arca que a presença do Senhor com seu povo foi localizada de maneira especial, e de onde o Senhor fez seus mandamentos conhecidos a Moisés ([Ex 25.22](#); cf. também [Lv 16.2](#)). Devido à estreita associação da presença do Senhor com o espaço acima da arca, diz-se que ele está entronizado entre os querubins ([1Sm 4.4](#); [2Sm 6.2](#)). A própria arca continha as tábulas de pedra inscritas com os Dez Mandamentos, que resumiam as obrigações da

aliança dos israelitas para com seu Rei divino. Quando os filhos de Israel não cumpriam suas obrigações da aliança, pecando contra Deus e quebrando seus mandamentos, o sangue do sacrifício aspergido sobre o propiciatório fazia expiação por seu pecado e os reconciliava com Deus.

O propiciatório ou assento de misericórdia aponta para Jesus, que é denominado por Paulo ([Rm 3.25](#)) como o “meio de propiciação” através da fé em seu sangue para todos os que pecaram e carecem da glória de Deus. Aqui em [Romanos 3.25](#), o termo grego traduzido como “propiciação” é a mesma palavra grega consistentemente usada na Septuaginta e em [Hebreus 9.5](#) para traduzir a palavra hebraica para assento de misericórdia no AT.

Veja também Arca da Aliança; Propiciação; Tabernáculo; Templo.

Assir

- 257.**Filho de Corá e descendente de Levi através de Coate ([Êx 6.24](#); [1Cr 6.22](#)).
- 258.**Filho de Ebiasafe e descendente do primeiro Assir ([1Cr 6.23,37](#)).
- 259.**O filho de Jeconias (também chamado de Jeaquim), rei de Judá ([1Cr 3.17](#)). A palavra hebraica *Assir* pode ser um adjetivo descrevendo Jeconias. Isso significaria "enquanto cativo" (compare [2Rs 24.15](#)). Se for assim, seus filhos nasceram enquanto ele estava cativo.

Assíria, assírios

Império antigo considerado o símbolo de terror e tirania no Oriente Próximo por mais de três séculos. Assíria recebeu seu nome da pequena cidade-estado Assur, na margem ocidental do Rio Tigre, no norte da Mesopotâmia (atual Iraque). A cidade era o centro de adoração do deus do sol Assur (também escrito Ashur). O nome hebraico ocorre frequentemente na Bíblia e é traduzido como Assíria ([Gn 2.14](#)), às vezes transliterado como Assur. A forma do nome vem originalmente da língua acadiana.

Originalmente, a Assíria era um pequeno distrito no norte da Mesopotâmia, situado em um triângulo irregular entre o Rio Tigre e o Alto Zab, um afluente do Tigre. Eventualmente, a Assíria ganhou controle do norte da Síria, garantindo uma saída para o Mar Mediterrâneo, e tomou posse da fértil planície mesopotâmica, estendendo o domínio assírio sobre toda a Babilônia até o Golfo Pérsico.

História

Antes do oitavo século a.C.

No final do terceiro milênio a.C., os sumérios estavam comercializando com a Assíria e influenciando seu povo culturalmente. Periodicamente, reis sumérios reivindicavam controle político sobre a Assíria. Sargão de Agade (ca. 2350 a.C.) trouxe a Assíria para a esfera de suas atividades políticas e comerciais, e quando os amoritas derrubaram a terceira dinastia de Ur e estabeleceram seus próprios estados, um deles incorporou a Assíria em seu território. Durante o período de Hamurábi, um dos últimos grandes reis da primeira dinastia babilônica (ca. 2360-1600 a.C.), os assírios forneciam materiais de construção e outros bens para o reino babilônico.

O comércio entre Assur e a colônia assíria de Kanish na Anatólia começou muito cedo na história assíria. As mercadorias eram transportadas por caravanas de até 200 burros de cada vez. A riqueza proveniente de tal comércio colocou a Assíria em uma posição econômica muito forte.

A fase inicial do desenvolvimento comercial assírio foi seguida por um longo período de declínio, culminando no século quinze a.C. Naquela época, a Assíria foi reduzida a um estado de vassalagem por um povo não semita, os hurrianos (bíblico horeus) do estado de Mitani. No século quatorze, outro povo não semita, os hititas, derrubou o poder de Mitani. A Assíria foi gradualmente capaz de se reerguer e assumir o papel de uma grande potência no antigo Oriente Próximo, em grande parte através das políticas de um príncipe astuto, Assurbanilit. Seu reinado marcou o início de um longo processo pelo qual a Assíria finalmente se elevou à supremacia.

Enlil-nirari (1329-1320 a.C.), filho e sucessor de Assurbanilit, atacou Babilônia e derrotou Kurigalzu II, o rei cassita de Babilônia (1345-1324 a.C.). Adad-nirari I (1307-1275 a.C.) expandiu a influência da Assíria ao conquistar vitórias sobre os cassitas na Babilônia. Ele também adicionou território ao noroeste.

O período de consolidação e expansão no primeiro Império Assírio culminou na captura de Babilônia por Tukulti-ninurta I (1244–1208 a.C.), o que pela primeira vez colocou Babilônia sob domínio assírio. Após esse clímax, no entanto, o poder assírio declinou.

Os três séculos de cerca de 1200 a 900 a.C. foram marcados por movimentos de diferentes povos, como os gregos, filisteus, arameus e hebreus. Sob pressão de pessoas migrando da Europa, o Império Hitita, que anteriormente havia dado estabilidade política à Ásia Menor e protegido as rotas comerciais, desmoronou rapidamente. Por volta de 1200 a.C., caiu sob ataques dos Povos do Mar vindos do continente grego.

Durante o décimo século a.C., a Assíria começou a se recuperar lentamente. No reinado de Adad-nirari II (911–891 a.C.), a Assíria novamente iniciou um período de notável expansão econômica e militar. Nos 60 anos seguintes, os reis assírios seguiram uma política consistente de consolidar o trabalho de Adad-nirari II. Asurnasirpal II (885–860 a.C.) é considerado o primeiro grande monarca dessa nova era na história assíria. Ele possuía todas as qualidades e defeitos de seus sucessores ao extremo. Ele tinha a ambição, energia, coragem, vaidade e magnificência de um construtor de impérios implacável e incansável. As primeiras atividades de Asurnasirpal foram direcionadas à área montanhosa a Leste, onde ele estendeu o controle da Assíria entre os povos das montanhas. No oeste, ele subjugou os arameus com crueldade característica e fez o mesmo na Ásia Menor.

Salmaneser III é bem conhecido pelos historiadores do mundo bíblico pela batalha de Qarqar (853 a.C.), considerada o evento mais bem documentado do mundo antigo. Ele lançou uma invasão da Síria que foi enfrentada por uma coalizão liderada por Ben-Hadade de Damasco e apoiada pelo rei Acabe de Israel e vários outros estados. Como Salmaneser não conseguiu derrotar as 60.000 tropas que se opunham a ele, passaram-se muitos anos antes que os assírios conseguissem conquistar Damasco e Samaria. O rei Jeú de Israel (841–814 a.C.), que mais tarde optou por pagar tributo em vez de lutar, está representado, talvez por um enviado, no Obelisco Negro de Salmaneser III, escavado na cidade capital de Salmaneser, Calá (agora chamada Nimrud). Jeú é retratado beijando o chão aos pés do monarca assírio e oferecendo um tributo de vasos de prata, ouro e chumbo.

Perto do final de seu reinado, Salmaneser teve que suprimir uma rebelião em algumas das principais

cidades assírias. Ele foi sucedido por seu herdeiro, Shamshi-adad V (823–811 a.C.). O filho de Shamshi-adad, Adad-nirari III (810–782 a.C.), construiu um novo palácio em Calá e atacou o rei Hazael de Damasco (Síria) em 804 a.C. A pressão assíria sobre os sírios foi, sem dúvida, um alívio para Israel, que havia sido oprimido por Hazael ([2Rs 13.22–25](#)).

Do oitavo século à batalha de Carquemis (605 a.C.)

A partir de cerca de 800 a.C., a influência de Urartu (Ararat) começou a se expandir, especialmente no norte da Síria, às custas da Assíria. No meio século seguinte, houve um declínio drástico na sorte da Assíria. Em 746 a.C., durante uma revolta na cidade de Calá, toda a família real foi assassinada.

A fase final do poder assírio foi instituída pelo usurpador Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.), também conhecido pelo seu nome de trono babilônico adotado, Pul ([2Rs 15.19](#); [1Cr 5.26](#)). Seu reinado iniciou o processo pelo qual a Assíria recuperou e consolidou o controle de todos os seus territórios e se estabeleceu firmemente como a potência militar e econômica dominante no Oriente Próximo. Tiglate-Pileser primeiro assegurou o controle das passagens montanhosas no norte para eliminar a ameaça de invasão daquela direção. Em seguida, ele submeteu a Síria e a Palestina no oeste e tomou controle da estrada para o Egito e o Mar Mediterrâneo. Finalmente, através da diplomacia, ele também conquistou o trono da Babilônia. Sob o nome de Pul, ele governou a Babilônia, criando a situação notável de duas coroas unidas em um governante com dois nomes diferentes. Sua prudência política não era geralmente encontrada nos monarcas assírios implacáveis.

A partir do ano 743 a.C., Tiglate-Pileser III empreendeu várias campanhas na Síria e Palestina. O rei Menaém de Israel (752–742 a.C.) pagou-lhe tributo ([2Rs 15.19–20](#)), assim como Tiro, Biblos e Damasco. Em 738, ele subjugou o estado norte-central de Hamate. Respondendo a um apelo do rei Acaz de Judá (735–715 a.C.) para ajudar a resistir às pressões de uma proposta de coalizão antiassíria, Tiglate-Pileser conquistou Damasco em 732 e Samaria, capital do reino do norte de Israel, uma década depois. Em ambas as ocasiões, ocorreram deportações de pessoas para a Assíria. A queda de Samaria em 722 a.C. marcou o fim do reino de Israel.

Sargão II (722–705 a.C.) afirmou ser o governante assírio que capturou Samaria, mas o registro

bíblico atribuiu a captura a Salmaneser ([2Rs 17.2-6](#)). À política de deportação, Sargão e seus sucessores acrescentaram a de colonização. Para substituir os povos levados ao cativeiro, esses reis assírios trouxeram tribos da Babilônia, Elam, Síria e Arábia e as estabeleceram em Samaria e no território circundante. Os novos chegados se misturaram com o povo nativo que permaneceu na terra após a deportação e se tornaram os samaritanos.

Após 10 anos de guerra contra seus inimigos a oeste na Síria e na Ásia Menor, e ao norte em Urartu, Sargão concentrou seus esforços na Babilônia. Ele perseguiu Merodaque-Baladã II (721–710 a.C.; cf. [2Rs 20.12-19](#); [Is 39.1](#)) até Elam e se fez rei da Babilônia em 709. Ele começou a construir uma nova capital para si, Dur-Sharrukin (Khorsabad) perto de Nínive, mas foi morto em batalha antes que estivesse concluída.

Sargão foi sucedido por seu filho Senaqueribe (705–681 a.C.), que esteve ocupado durante todo o seu reinado em uma série de guerras amargas. Ele é especialmente conhecido nos estudos bíblicos por sua campanha contra Judá e cerco de Jerusalém durante o reinado do Rei Ezequias (715–686 a.C.) e o ministério do profeta Isaías ([2Rs 18.13-19.37](#); [Is 36-37](#)). Foi durante essa crise que o celebrado Túnel de Siloé foi construído para levar água à capital sitiada da fonte de Giom, fora da muralha da cidade, até o tanque de Siloé ([2Rs 20.20](#)).

Senaqueribe foi assassinado em 681 a.C. e foi sucedido por Esar-Hadom, que tentou sem sucesso estabelecer o controle assírio sobre o Egito. Esar-Hadom foi sucedido por Assurbanipal (669–626? a.C.), que conseguiu capturar No-Amom (Tebas), realizando assim a maior vitória da história assíria (cf. [Na 3.3-10](#)). Assurbanipal estabeleceu uma Grande biblioteca em Nínive, que foi escavada em 1860. Muitas tábua feitas do mais fino barro e variando em tamanho de 2,5 a 38 centímetros (1 a 15 polegadas) foram encontradas, contendo uma vasta seleção de material acádio. Algumas das tábua contêm registros históricos; outras, relatórios astronômicos, cálculos matemáticos e cartas privadas ou públicas. Uma parte considerável da coleção trata de astrologia e medicina. Muitas das tábua contêm orações, encantamentos, salmos e textos religiosos em geral. Também foi encontrada uma cópia do relato babilônico da criação. Esta biblioteca é agora um dos principais tesouros do Museu Britânico em Londres.

Muito pouco se sabe sobre o reinado de Assurbanipal após 639 a.C., já que seus anais não se estendem além desse ano. No entanto, algumas informações sobre os eventos de seus últimos 13 anos podem ser obtidas a partir de alusões em correspondências estatais, documentos comerciais e orações dirigidas aos deuses. Evidentemente, a situação na Assíria estava se tornando cada vez mais séria, e quando Assurbanipal morreu em 626, seu império declinou rapidamente.

Os medos entraram nos anais assírios durante o reinado de Esar-Hadom, quando ainda consistiam em um grande número de tribos associadas, mas separadas. Mais tarde, essas tribos começaram a ser unidas em um único reino. Heródoto afirma que Fraortes, seu rei, atacou a Assíria, mas perdeu a vida no campo de batalha e foi sucedido por seu filho Ciáxares.

O ano 626 a.C. marcou vários eventos importantes no mundo antigo. Nabopolassar, um príncipe caldeu, tornou-se rei da Babilônia (626–605 a.C.) no final daquele ano. Uma aliança entre os medos e Nabopolassar foi concluída, e a partir de então, o sucesso de Nabopolassar contra a Assíria foi quase inevitável. No ano 617 a.C., ele havia limpado a Babilônia de todas as guarnições assírias. Ele então marchou pelo Eufrates até os distritos arameus que haviam sido parte do Império Assírio por dois séculos e meio. O plano era que Nabopolassar atacasse Nínive pelo oeste e os medos a atacassem ao mesmo tempo pelo leste; no entanto, as forças combinadas dos assírios e egípcios, agora aliados, obrigaram Nabopolassar a retirar-se para a Babilônia.

Em 614 a.C. os medos realizaram um ataque massivo à Assíria. Embora Nínive fosse forte demais para ceder ao ataque, os medos capturaram algumas das cidades vizinhas, incluindo Assur, a antiga capital. Nesse ponto, Nabopolassar chegou com as forças babilônicas. Ele encontrou-se com Ciáxares em Assur, e eles estabeleceram amizade e paz mútuas. Sua aliança foi posteriormente confirmada pelo casamento de Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, com Amitis, filha de Ciáxares. Em 612 a.C. suas forças combinadas lançaram um ataque final contra Nínive, e após três meses de cerco, a poderosa cidade caiu ([Na 1.8](#)).

Apesar da perda de sua capital, um reino assírio enfraquecido sobreviveu por mais três anos. As tropas assírias que conseguiram escapar de Nínive fugiram para o oeste, para Harã, onde um príncipe assírio, Assur-uballit, foi feito rei e buscou a ajuda do Egito para restaurar a realeza da Assíria. Neco II

(609–593 a.C.), conhecido na Bíblia como Neco, respondeu e partiu com suas tropas egípcias para Harã para lutar contra os babilônios, que agora haviam aniquilado a Assíria. O rei Josias de Judá (640–609 a.C.), que evidentemente se considerava um vassalo do herdeiro da Assíria, Neo-Babilônia, marchou para se opor ao avanço egípcio e foi mortalmente ferido por uma flecha no campo de batalha de Megido ([2Rs 23.29–30; 2Cr 35.20–24](#)).

Quando Nabopolassar e seus aliados atacaram Harã em 610 a.C., Assur-uballit não tentou defendê-la, mas fugiu para o sudoeste para aguardar Neco e suas tropas. As forças conjuntas dos egípcios e dos assírios voltaram para montar um ataque a Harã com algum sucesso inicial. Mas o exército de Nabopolassar obrigou as forças assírio-egípcias a abandonar o cerco e retirar-se para Carquemis (atual Jarablus). Lá, sob a liderança de Nabucodonozor, os babilônios fizeram um ataque direto ao poderoso exército. A carnificina resultante de ambos os lados foi graficamente descrita pelo profeta Jeremias ([46.1–12](#)). Nabucodonozor saiu vitorioso na batalha de Carquemis (605 a.C.). No entanto, devido à morte de seu pai, ele não perseguiu sua vitória, mas voltou para Babilônia para assumir o trono.

Há uma tradição na igreja cristã assíria de que, após o colapso do Império Assírio sob o ataque dos medos e neobabilônios, um remanescente do povo assírio — principalmente príncipes, nobres e guerreiros — refugiou-se nas montanhas do Curdistão. Lá, construíram várias fortalezas armadas. Alexandre, o Grande (336–323 a.C.), seus sucessores e as legiões romanas não tentaram conquistar essas tribos. Trajano (98–117 d.C.) marchou à frente dos exércitos romanos através da Armênia, tocando a região norte do Curdistão, a caminho da Pérsia. Afirma-se que os sábios, ou magos, que visitaram o recém-nascido rei em Belém, o bebê Jesus, vieram de Edessa. Segundo essa tradição, os magos, ao retornarem de Belém, proclamaram as coisas incríveis que ouviram e viram em sua visita ao rei. Uma igreja cristã foi fundada entre os assírios e sobreviveu ao longo dos séculos.

A região que era a Assíria, incluindo toda a Mesopotâmia, está dentro do atual Iraque, um país de língua árabe predominantemente muçulmano em religião.

Veja também Israel, História de; Reis, Livros de Primeiro e Segundo; Mesopotâmia.

Assistente

Um oficial de alta patente que trabalhava para o rei. *Veja Camareiro.*

Assôs

Assôs era um porto marítimo em Mísia, parte da província romana da Ásia Menor. O apóstolo Paulo e Lucas se reuniram em Assôs depois que Paulo viajou por terra de Troas, conforme descrito em [Atos 20.13–14](#). O escritor romano Plínio observou que os reis de Pérgamo fundaram a cidade, que originalmente se chamava Apolônia. Assôs estava localizada no topo e ao longo dos lados em terraços de um cone vulcânico extinto que se eleva a 234,6 metros. O filósofo grego Aristóteles viveu lá por vários anos. Foi também onde nasceu Cleantes, um poeta estoico mencionado por Paulo em [Atos 17.28](#). Hoje, Assôs é conhecida como Behram Kevi.

Assuã

Uma cidade no sul do Egito, conhecida por suas antigas pedreiras de pedra e pela Barragem de Assuã nas proximidades, no Rio Nilo. Nos tempos antigos, a cidade era chamada de Sinim.

Veja Sinim.

Assuero

260. O rei persa mais conhecido pelos leitores ocidentais como Xerxes I governou de 486 a 465 a.C. Ele era filho e sucessor de Dario I (Histaspes). Em [Esdras 4.6](#), Assuero recebeu cartas acusando os judeus de reconstruírem seu templo.

Assuero é uma figura importante no livro de Ester. De acordo com o historiador grego Heródoto, no terceiro ano de seu reinado, Assuero planejou uma invasão à Grécia. O livro de Ester começa com um banquete que provavelmente fazia parte desse plano. Seu ataque à Grécia em 480 a.C. falhou. Depois disso, Assuero voltou-se para preocupações pessoais, conforme registrado em Ester. Ester foi a segunda esposa de Assuero. Ela e seu primo Mordecai convenceram o rei a interromper um plano para matar todos os judeus. Assuero ordenou

a morte de Hamã, seu principal ajudante, que havia solicitado a criação da lei contra o povo judeu. Assuero mandou enforcar Hamã.

Assuero controlava uma grande área "da Índia até Cuxé" ([Et 1.1](#)). Ele construiu muitas coisas em Susã e Persépolis. Seu governo terminou em 465 a.C. quando foi morto em seu quarto. O livro de Tobias erroneamente o chama de conquistador de Nínive ([Tb 14.15](#)). Mas Nínive foi destruída em 612 a.C., mais de um século antes de Assuero nascer. Veja: Pérsia, Persas; Ester, Livro de; Israel, História de.

261. O pai de Dario, do país da Média ([Dn 9.1](#)). As identidades deste pai e filho são desconhecidas.

Assur

Uma palavra hebraica que é difícil de traduzir. Nas Bíblias em português, é traduzida como Assíria, assírio, assírios, ou simplesmente "Assur". Todas essas traduções vêm da palavra assíria *Assur*.

262. A palavra para Assíria em [Gênesis 10.11](#) não se refere a uma pessoa e deve ser traduzida como: "Dessa terra ele [Ninrode] partiu para a Assíria". Nesse país, a leste do Rio Tigre, Ninrode construiu quatro cidades: Nínive, Reobot-Ir, Calá e Resém.

263. Filho de Sem ([Gn 10.22](#); [1Cr 1.17](#)). Isso pode significar todo o povo assírio, ou pode ser uma pessoa real. No entanto, outros nomes como Arfaxade parecem se referir a pessoas individuais, então Assur deve ser interpretado da mesma forma ([Gn 10.24](#); [11.12](#)). Se isso for verdade, ele pode ter fundado a cidade de Assur, que foi nomeada em sua homenagem. O deus e a nação de Assur podem então ter sido nomeados após a cidade.

Veja Assur (Lugar).

264. O principal deus da cidade de Assur.

Assur

Transliteração do nome hebraico para a Assíria. É também o mesmo termo para um descendente de Sem em Gênesis 10.22 e Crônicas 1.17. Também é usado nas palavras de Balaão em Números 24.22,24.

Veja Assíria, Assírios.

Assur (Lugar)

Uma cidade antiga no Rio Tigre. Pessoas viveram lá desde 2500 a.C. Assur era uma cidade menor (menos de um décimo do tamanho de Babilônia ou Nínive), mas era a terra natal e a primeira capital do reino assírio.

Por volta de 2000 a.C., Assur era uma cidade movimentada. Ela comercializava com uma colônia assíria em Kanish (na atual Turquia). Assur foi mais forte durante o antigo Império Assírio sob o reinado do Rei Shamshi-Adad I, que governou de 1813 a 1781 a.C. Ele controlava grande parte do norte da Mesopotâmia (a terra entre os rios Tigre e Eufrates), incluindo a cidade de Mari.

Mais tarde, Hamurabi da Babilônia assumiu o controle e governou de 1792 a 1750 a.C. Após derrotar Shamshi-Adad, Assur tornou-se menos importante. Sabemos pouco sobre essa época.

No final do segundo milênio, os assírios novamente se tornaram uma grande potência no Oriente Próximo. Eles transferiram sua capital para outra cidade, mas Assur continuou sendo sua cidade sagrada e o lar de seu principal deus, também chamado Assur.

Por centenas de anos, as pessoas não sabiam onde ficava Assur. Nos anos 1800, descobriram que era em um lugar chamado Qalat Shergat, no Iraque. Pesquisadores alemães escavaram lá por muitos anos antes da Primeira Guerra Mundial. Eles encontraram:

- um templo para Anu-Adad com um zigurate duplo (uma grande pirâmide escalonada);
- um palácio e outros edifícios;
- escritos antigos importantes, incluindo um relato assírio do épico da criação babilônica (uma antiga história sobre a origem do mundo); e
- parte do código de leis assírio (regras para a sua sociedade)

Veja também Assíria, Assírios.

Assureus, Assuritas

Os descendentes de Abraão e sua segunda esposa, Quetura, através de seu neto Dedã ([Gn 25.3](#)). Os assureus viviam provavelmente na Arábia.

Assuritas

Esta é provavelmente uma maneira diferente de soletrar aseritas, um membro da tribo de Aser. Os assuritas apoiaram Isbosete, filho de Saul, em vez de Davi como rei sobre Israel após a morte de Saul ([2Sm 2.8-9](#)). A NTLH traduz apenas como "Aser". Em [Ezequiel 27.6](#), a palavra hebraica refere-se a um tipo de madeira em vez de um grupo de pessoas.

Assurnasirpal

265.Assurnasirpal I foi rei da Assíria aproximadamente de 1049 a 1031 a.C. Ele é mencionado na crônica histórica assíria como o sucessor legítimo de Shamshi-Adad IV. Shamshi-Adad IV reinou aproximadamente de 1053 a 1050 a.C. Ashurnasirpal I governou a Assíria durante um período em que o país não era forte, após o reinado de Tiglate-Pileser I, que havia sido um rei poderoso. Tiglate-Pileser I reinou aproximadamente de 1115 a 1077 a.C.

266.Assurnasirpal II foi rei da Assíria de 885 a 860 a.C. Ele era filho de Tukulti-Ninurta II, que foi rei da Assíria de 890 a 885 a.C. Seu avô, Adad-nirari II, foi rei de 911 a 891 a.C. Ele lançou as bases do período Neo-Assírio, que durou de 900 a 612 a.C.

Assurnasirpal II, o primeiro grande monarca dessa era, fortaleceu sua posição ao esmagar tribos rebeldes ao longo do médio Eufrates. Ele então liderou campanhas contra a Síria em 877 a.C. e contra a Filístia. Em seus anais, ele registrou o saque que recebeu das cidades costeiras da Filístia, incluindo "ouro, prata, estanho, cobre... macacos grandes e pequenos, ébano, buxo e marfim".

A expedição para o oeste de Assurnasirpal foi a primeira de vários ataques assírios à Síria, que eventualmente ameaçaram as forças israelitas. Esta expedição também estabeleceu sua reputação como um líder cruel e impiedoso, um tema frequentemente mencionado em seus anais. Uma estátua de Ashurnasirpal II encontrada em Calá o retratava como um despota severo e egocêntrico. Ele transformou o exército assírio em uma força militar temível.

Assurnasirpal II era conhecido por seu tratamento brutal dos inimigos. Em seus anais, ele se gabava: "Cortei as cabeças de seus guerreiros e formei com elas um pilar em frente à sua cidade... Esfolei todos os homens principais... e cobri o pilar com suas peles; alguns eu emparedava dentro do pilar, outros eu empalava no pilar em estacas". Outros atos cruéis e violentos incluíam:

- Queimando prisioneiros vivos
- Cortar as mãos, narizes e orelhas dos prisioneiros
- Cortando os olhos
- Atacando mulheres grávidas
- Abandonar prisioneiros no deserto para morrerem de sede

Assurnasirpal II transformou Calá (Nimrud) em sua capital, reconstruindo-a com mais de 50.000 prisioneiros. A.H. Layard, ao escavar Nimrud em

1845, descobriu o palácio real junto com várias grandes estátuas. Assurnasirpal II foi sucedido em 859 a.C. por seu filho, Salmaneser III, que reinou por 35 anos.

Veja Assíria, Assírios.

Astarote

Era uma cidade conhecida por seu culto pagão à deusa Astarote ([Dt 1.4](#)).

Veja Astarote, Ashterahite.

Astarote, Asteratita

Uma cidade de Basã, que era a casa do Rei Ogue, assim como Edrei ([Dt 1.4](#); [Is 9.10](#); [12.4](#); [13.12.31](#)).

Astarote é a forma plural de Astarte, o nome de uma deusa da fertilidade cananeia que era adorada lá. Após Ogue ser derrotado pelos israelitas ([Dt 3.1-11](#)), Moisés deu Astarote à meia tribo de Manassés ([Is 13.12.31](#); [Dt 3.13](#)). Mais tarde, tornou-se uma cidade levítica habitada pelos gersonitas ([1Cr 6.71](#)).

Asterote-Carnaim ([Gn 14.5](#)) é provavelmente a mesma cidade que Astarote. Sua localização é geralmente identificada como a moderna Tell Ashtarah, a 34 quilômetros a leste do Mar da Galileia. Em [1 Crônicas 11.44](#), um dos valentes de Davi, Uzias, é chamado de asteratita ("da cidade de Asterá" - NTLH).

Astarte

Uma deusa-mãe pagã amplamente adorada em todo o antigo Oriente Próximo. Ela também era conhecida como Astarote.

Veja Deuses e religiões cananeias.

Asterote-Carnaim

Uma cidade onde uma aliança de quatro reis liderada por Quedorlaomer, rei de Elão, derrotou os gigantes de Refaím ([Gn 14.5](#); compare [Dt 3.11](#)). A área foi dada a Abraão e seus descendentes pelo Senhor ([Gn 15.18-20](#)). Provavelmente é a mesma que Astarote.

Veja Astarote, Astarotita.

Astíages

O quarto e último rei dos Medos, segundo o antigo historiador grego Heródoto, governou por 35 anos até 550 a.C., quando seu neto persa, Ciro II, o depôs. Astíages foi alertado em um sonho sobre a futura grandeza dos descendentes de sua filha Mandane. Para proteger seu trono, ele casou Mandane com Cambises I, um persa de sangue real, pois os persas eram então fracos. Astíages garantiu ainda mais sua segurança ao arranjar para que Ciro, filho deles, fosse abandonado na selva. No entanto, Ciro foi salvo e criado por um vaqueiro até que sua verdadeira identidade fosse descoberta. Ele foi então enviado para viver com seus pais reais na Pérsia.

Ciro liderou uma revolta contra seu avô e tomou o trono. Ele contou com o apoio de Harpago, a quem Astíages havia prejudicado. Segundo Heródoto, Ciro posteriormente permitiu que Astíages vivesse na corte real sem causar-lhe mais danos.

[Bel e o Dragão 1.1](#) sugere que Ciro herdou o reino quando Astíages morreu, o que pode ser uma lenda popular em vez de um fato histórico (Bel e o Dragão é um livro apócrifo e não é considerado Escritura por algumas igrejas). Algumas inscrições cuneiformes apoiam o relato de Heródoto.

Veja também Ciro, o Grande.

Astrologia

Um sistema de crenças sobre como estrelas e planetas afetam a vida das pessoas. A astrologia não é uma ciência verdadeira. Ela afirma que a posição do sol, da lua e dos planetas pode influenciar o caráter e o futuro de uma pessoa.

Os astrólogos (pessoas que praticam astrologia) utilizam um mapa do céu chamado "zodíaco". O zodíaco é dividido em 12 partes, cada uma nomeada em homenagem a um grupo de estrelas chamado constelação. À medida que o sol e os planetas se movem pelo céu, eles passam por diferentes partes do zodíaco. Os astrólogos observam esses movimentos e tentam interpretar o que significam para a vida das pessoas.

Os 12 segmentos do zodíaco são chamados de "casas", e cada casa está associada a uma constelação ou "signo" (e.g., Leão, Virgem,

Sagitário). A data de nascimento de uma pessoa determina o seu signo.

Um astrólogo cria um mapa detalhado do céu chamado "horóscopo" para uma pessoa. Este é um processo complexo. O horóscopo mostra onde o sol, a lua e os planetas estavam no momento do nascimento da pessoa. Os astrólogos acreditam que as posições dos planetas em diferentes signos, ou o alinhamento do sol e da lua, podem indicar eventos positivos ou negativos que podem ocorrer.

O registro mais antigo conhecido da astrologia vem da antiga Suméria. Suméria era uma região próxima ao Rio Eufrates, localizada no atual Iraque. A história é encontrada em cilindros de argila da Suméria. Esses cilindros narram um sonho que o Rei Gudea teve. No sonho, uma deusa chamada Nidaba veio até ele segurando uma tábua que mostrava um mapa do céu. O sonho sugeriu que era um bom momento para o Rei Gudea construir o templo chamado "Eninnu".

A astrologia tornou-se muito popular na antiga Babilônia. Os sacerdotes desempenharam um grande papel em seu crescimento. Eles estudavam o céu com seriedade, mas também procuravam sinais ou mensagens nele. Os babilônios eram muito supersticiosos, frequentemente buscando significados especiais nas coisas do dia a dia. Portanto, é compreensível que eles tentassem encontrar mensagens nos movimentos do sol, da lua, dos planetas e das estrelas.

Até onde sabemos, os babilônios criaram o zodíaco. Eles também desenvolveram um calendário mensal. Este calendário indicava dias que consideravam propícios para realizar atividades, assim como dias em que acreditavam que as pessoas deveriam fazer muito pouco. Eles pensavam que realizar muitas atividades em certos dias poderia irritar seus deuses. Depois de estabelecerem esse padrão mensal, eles o aplicaram ao ano todo.

No século IV a.C., as ideias sobre astronomia e astrologia da Babilônia se espalharam para a Grécia. Os gregos se tornaram muito interessados em astrologia por duas razões principais:

267.Eles amavam a ciência e estudar a natureza.

268.A religião deles acreditava em muitos deuses, o que facilitava para eles pensar que estrelas e planetas poderiam ser deuses ou ter poderes especiais.

À medida que a cultura grega se espalhou, a astrologia chegou ao Egito, tornando-se muito popular e duradoura. Heródoto, um dos primeiros escritores gregos a estudar história, escreveu que os egípcios usavam datas de nascimento para tentar prever o futuro das pessoas e mantinham registros cuidadosos de eventos incomuns. Eles utilizavam esses registros para tentar prever o que poderia acontecer se eventos semelhantes ocorressem novamente. Os egípcios acrescentaram novas ideias à astrologia grega, como dividir o céu em 36 seções, cada uma com seu próprio deus, e dividir o dia em 24 horas, algo que ainda é usado hoje.

A astrologia grega também se espalhou para Roma e tornou-se muito importante lá. Um astrólogo romano chamado Nigidius foi influenciado por ideias gregas. Ele fez previsões que eram inteligentes, mas também bastante imprecisas.

Não sabemos muito sobre outros astrólogos romanos, mas a astrologia era uma parte importante da vida romana:

- Eles criaram um sistema de dias de sorte e de azar.
- Eles nomearam os dias da semana em homenagem aos planetas, que, por sua vez, foram nomeados em homenagem aos deuses. Essa prática provavelmente começou no período helenístico.
- Os romanos aprimoraram o calendário, o que facilitou para as pessoas comuns utilizarem a astrologia.

Por exemplo, em 46 a.C., eles começaram a usar um calendário com 365 dias chamado calendário Juliano. Isso tornou mais simples realizar cálculos astrológicos.

Alguns afirmam que a Bíblia contém referências astrológicas. Por exemplo, as bênçãos de Jacó sobre seus 12 filhos foram associadas aos signos do zodíaco. Algumas pessoas acreditam que descrições do espaço e das estrelas em histórias de fim do mundo (chamadas de "imagética apocalíptica") têm significados astrológicos. No entanto, essas ideias são apenas suposições. Não há prova concreta de que essas descrições sejam realmente sobre astrologia.

O Antigo Testamento não permitia que as pessoas tentassem prever o futuro consultando falsos deuses, médiums (pessoas que afirmam falar com espíritos) ou usando objetos. Fazer isso ignora Deus como a verdadeira fonte da revelação (conhecimento sobre o futuro). Pessoas como Daniel, que podiam interpretar sonhos, faziam isso com a ajuda de Deus ([Dn 2.17-23](#)).

[Isaías 47.12-13](#) menciona especificamente informações sobre astrologia. Esta parte de Isaías fala sobre a queda da Babilônia, um império poderoso. Isaías descreve algumas práticas que eram comuns na Babilônia:

- Eles utilizaram encantamentos mágicos.
- Eles praticavam feitiçaria (magia).
- Eles tinham astrólogos (pessoas que estudam as estrelas para prever o futuro).

Isaías menciona que os babilônios dividiram o céu em partes (provavelmente o zodíaco). Ele também diz que eles faziam previsões a cada lua nova. Isaías zomba dos babilônios e diz para continuarem usando essas práticas como se pudessem ajudar. Mas o que Isaías realmente quer dizer é que Babilônia será destruída, e nem mesmo seus famosos astrólogos poderão salvá-la.

O profeta Jeremias advertiu os israelitas a não terem medo dos sinais no céu ([Jr 10.1-3](#)). Esses "sinais" eram provavelmente coisas incomuns que as pessoas viam no céu, como:

- eclipses (quando o Sol ou a Lua são bloqueados)
- Cometas (objetos brilhantes com caudas que se movem pelo céu)
- planetas aparecendo próximos

Nos tempos antigos, muitas pessoas temiam esses eventos. Elas acreditavam que esses sinais indicavam o que aconteceria no futuro. No entanto, Jeremias afirmou que o povo de Deus não deveria acreditar que esses eventos celestes tinham poder mágico ou usá-los para tentar prever o futuro ([Jr 10.3](#)). Jeremias ensinou que tentar prever o futuro a partir de coisas no céu era inútil.

O livro de Daniel menciona um grupo de pessoas chamadas de "adivinhos" (assim como "astrólogos", NTLH, ARC; [Dn 2.27](#); [5.11](#)). Muitos acreditam que eram astrólogos. O significado da

palavra, no entanto, não é claro. A palavra vem de uma palavra aramaica que significa "cortar" ou "dividir". Esses adivinhos são listados junto com outras pessoas que tentavam prever o futuro. Isso torna provável que eles fossem de fato astrólogos. O ponto importante em Daniel é que essas pessoas, que usam métodos diferentes para tentar prever o futuro, não são eficazes.

Os magos que visitaram Jesus no seu nascimento podem ter sido astrólogos, mas a palavra "magos" pode significar muitas coisas ([Mt 2.1-16](#)). Quando Jesus nasceu, alguns planetas podem ter parecido muito próximos no céu. Os magos podem ter pensado que essa visão incomum significava que um novo rei judeu havia nascido. Os magos podem ter conhecido as crenças judaicas de duas maneiras:

269.Eles poderiam ter lido o livro de Daniel na Bíblia. Daniel foi um profeta judeu que viveu na Babilônia e na Pérsia há muito tempo.

270.Eles podem ter conversado com judeus que trabalhavam para o governo persa. Muitos judeus viviam na Pérsia naquela época.

Essas fontes poderiam ter ensinado aos magos sobre a esperança judaica de um rei especial (chamado Messias) que viria um dia.

Uma tradição pode ter se desenvolvido a partir de [Números 24.17](#) de que uma estrela apareceria quando o Messias nascesse. No entanto, é muito importante entender que essa história na Bíblia não apoia a astrologia. A Bíblia não está dizendo que ler as estrelas pode nos revelar o futuro.

Veja também Astronomia; Calendários, Antigos e Modernos.

Astronomia

O estudo das coisas fora da atmosfera da Terra. Foca-se nas posições, movimentos e características dos objetos no espaço. A palavra "astronomia" vem de palavras gregas que significam "a lei das estrelas".

Astronomia não é uma ciência moderna. As pessoas estão interessadas no espaço há muito tempo. As primeiras civilizações estudavam o céu para adivinhação (astrologia) e para ajudar na navegação.

A Bíblia fala sobre astronomia de maneiras interessantes. De acordo com [Gênesis 1.14–19](#), Deus fez o sol, a lua e as estrelas para:

- 271.**dê luz sobre a terra;
- 272.**marcos estações e festivais; e
- 273.**atuar como "sinais" para ajudar as pessoas a encontrar o caminho".

A palavra "estaçao" pode referir-se a festivais e às estações do ano. Como o calendário babilônico, o calendário hebraico era baseado nas fases da lua. Ele usava a lua para definir datas para festivais religiosos. A função das estrelas e planetas como sinais parece estar relacionada a como eles delineiam os céus. Isso permite que as pessoas na Terra encontrem seu caminho, naveguem e se orientem.

A Bíblia não menciona diretamente eclipses. Mas algumas passagens sobre o sol e a lua escurecendo podem estar falando sobre eclipses ([Jl 2.31](#); [Am 8.9](#); [Mt 24.29](#)).

Algumas constelações são mencionadas no Antigo Testamento. Nem sempre é fácil determinar quais constelações estão sendo discutidas por palavras hebraicas específicas. A palavra traduzida como "Plêiades" (em muitas versões) significa um "aglomerado" ou "monte". Provavelmente se aplica ao aglomerado de estrelas mais visível na constelação de Touro ([Jó 9.9](#); [38.31](#); [Am 5.8](#)). Uma palavra hebraica possivelmente relacionada à palavra "tolo" é frequentemente entendida como a constelação de Orion. A conexão entre essa constelação e a palavra "tolo" é desconhecida. Outras constelações são mencionadas como "as constelações do Sul" e "a Ursa" ([Jó 9.9](#); [38.32](#)). Pode ser vista no céu do norte.

A Bíblia frequentemente menciona estrelas. Deus disse a Abraão que seus descendentes seriam tão numerosos quanto as estrelas ([Gn 15.5](#)). Paulo escreveu que as estrelas têm diferentes níveis de brilho ([1Co 15.41](#)).

O texto de [Judas 1.13](#) compara falsos mestres a "estrelas errantes". Alguns acham que essa metáfora se baseia em como as estrelas parecem se mover ao redor da estrela polar (a estrela estacionária mais próxima com base em sua proximidade com os polos). A estrela polar fixa fornece um ponto de referência para a navegação, enquanto as estrelas em movimento seriam guias não confiáveis, como falsos mestres.

No entanto, é mais provável que a metáfora de Judas se refira aos planetas. Naquela época, as pessoas conheciam os movimentos regulares das estrelas e constelações ao redor da estrela polar, então não considerariam todas as estrelas, exceto a estrela polar, como "errantes". Os planetas, por outro lado, eram vistos como se movendo em caminhos erráticos, ao contrário da rotação fixa das estrelas. Alguns comentaristas acreditam que "estrelas errantes" também poderiam se referir a cometas.

Veja também Astrologia.

Asvate

O filho de Jaflete era um grande guerreiro e chefe de um clã na tribo de Aser ([1Cr 7.33](#)).

Atace

Uma cidade para a qual Davi enviou parte de seu saque após uma vitória sobre os amalequitas ([1Sm 30.30](#)). Provavelmente, ficava perto de Ziclague, no sul de Judá

Atade

O local onde os filhos de Jacó pararam durante o funeral a caminho de Hebron. Provavelmente estava localizado em Canaã. Lá, na eira (onde o trigo era separado da palha), a família de José e muitos egípcios da casa do Faraó passaram sete dias lamentando a morte de Jacó ([Gn 50.10–11](#)). Os cananeus ficaram impressionados com o luto e nomearam o lugar de "Abel-Mizraim". O nome é um trocadilho, combinando "campo" e "pranto," enquanto o segundo é a palavra hebraica para Egito.

Atai

274.O filho da filha de Sesã e de Jara, o escravo egípcio de Sesã. Atai era da tribo de Judá ([1Cr 2.35–36](#)).

275.Um guerreiro da tribo de Gade que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o Rei Saul ([1Cr 12.11](#)).

276.O filho do rei Roboão de Judá por Maacá. Ele era neto de Salomão ([2Cr 11.20](#)).

Ataías

Filho de Uzias da tribo de Judá. Ele viveu em Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ne 11.4](#)).

Atalia

277.A esposa do rei Jeorão de Judá e filha do rei Acabe de Israel e de sua esposa, Jezabel. Atalia foi a única rainha de Judá. Ela governou de 841 a 835 a.C. ([2Rs 11](#); [2Cr 22-23](#)).

Como sua mãe Jezabel, Atalia adorava Baal, um deus cananeu, e encorajou seu marido a fazer o mesmo. Atalia teve uma forte influência sobre Jeorão. Após sua morte, seu filho Acazias tornou-se rei ([2Rs 8.25-27](#); [2Cr 22.1](#)). Assim como seu pai, Acazias foi influenciado por Atalia e fez "o mal aos olhos do Senhor" ([2Rs 8.27](#)).

Como os reis de Israel e Judá desobedeceram a Deus, Ele escolheu Jeú para ser o verdadeiro rei de Israel ([2Rs 9.2-3](#)). Jeú matou Jorão, rei de Israel ([2Rs 9.24](#)), e Acazias, rei de Judá ([2Rs 9.27](#); [2Cr 22.9](#)).

Após a morte de seu filho, Atalia assumiu o trono de Judá. Ela tentou matar todos os homens da família real ([2Rs 11.1](#); [2Cr 22.10](#)). Mas Jeosabeate, filha de Jeorão e esposa de Joiada, o sacerdote, resgatou Joás, filho de Acazias. Ela o escondeu de Atalia ([2Rs 11.2-3](#); [2Cr 22.11-12](#)).

Após seis anos, Jeoiada "se fortaleceu" e decidiu revelar o jovem príncipe Joás ao povo. Ele fez um acordo com alguns mercenários trazidos para Jerusalém: "os levitas... e os chefes das famílias de Israel" ([2Cr 23.1-3](#)). Em uma cerimônia secreta no templo, Joás foi coroado rei.

Atalia ouviu pessoas celebrando e tocando trombetas e tentou interromper o que estava acontecendo, rasgando suas roupas e gritando: "Traição!" Ela foi imediatamente retirada da área do templo e executada ([2Rs 11.13-16](#); [2Cr 23.12-15](#)).

Veja Israel, História de; Reis, Primeiro e segundo livros.

278.Um dos filhos de Jeorão da tribo de Benjamim ([1Cr 8.26](#)).

279.O pai de Jesaías, que liderou os filhos de Elão que estavam retornando da Babilônia com Esdras ([Ed 8.7](#)).

Atália

Um porto marítimo no Mediterrâneo, localizado na Ásia Menor.

O apóstolo Paulo e Barnabé navegaram de volta para Antioquia a partir de Atália no final da primeira viagem missionária de Paulo ([At 14.25](#)). A cidade foi fundada por Átalo II Filadelfo, o rei da província de Pérgamo de 159 a 138 a.C. Pérgamo foi tomada pelos romanos em 79 a.C. e tornou-se uma província em 43 d.C. No tempo de Paulo, Atália fazia parte da província de Panfília.

Hoje, apesar de seu porto ser raso, ainda é um importante porto marítimo turco (Antalya).

Átalo

O nome ou título de vários reis de Pérgamo. Átalo II Filadelfo, o rei de 159 a 138 a.C., provavelmente recebeu uma "carta de recomendação" para os judeus do cônsul romano Lúcio ([1Mc 15.22](#)). Este Átalo foi sucedido por seu sobrinho Filômetor Evergetes, que reinou de 138 a 133 a.C. Filômetor deu seu reino a Roma, encerrando a história de Pérgamo como uma entidade política. Roma organizou o reino na província da Ásia.

Atara

A mãe de Onã e a segunda esposa de Jerameel ([1Cr 2.26](#)).

Atarim

O lugar onde os israelitas tentaram entrar em Canaã e foram atacados pelo rei de Arade em Atarim ([Nm 21.1](#)). O nome significa "trilhas" e acredita-se que esteja localizado perto de Tamar, ou Hazazão-Tamar, vários quilômetros ao sul do Mar Morto. Uma possível leitura do texto sugere que seja o mesmo que Tamar. A ARC segue o Targum (uma tradução aramaica do Antigo

Testamento) e a Vulgata (uma tradução latina da Bíblia) e traduz como “espias”.

Atarote

- 280.**Uma cidade na região montanhosa a leste do Rio Jordão. Atarote foi reconstruída pela tribo de Gade ([Nm 32.33-36](#)). Foi mencionada na famosa Pedra Moabita pelo Rei Mesa, que afirmou ter trazido de volta o "altar de Davi" de Atarote. Esta Atarote é provavelmente a atual Khirbet Attarus.
- 281.**Uma cidade na fronteira sul da terra tribal de Efraim ([Js 16.2](#)), possivelmente a mesma que Atarote-Adar ([Js 16.5; 18.13](#)).
- 282.**Uma cidade no Vale do Jordão, na fronteira nordeste da terra tribal de Efraim ([Js 16.7](#)).
- 283.**Uma cidade em Judá perto de Belém, pertencente à família de Joabe, filho de Salmã ([1Cr 2.54](#)).

Atarote-Adar

Uma cidade na fronteira entre a terra tribal de Efraim e Benjamim ([Js 16.5; 18.13](#)). Ficava cerca de 11 quilômetros ao norte de Jerusalém.

Atarote-Bete-Joabe

Uma cidade em Judá perto de Belém ([1Cr 2.54](#)).

A palavra hebraica *Atarote* significa “coroas”. Portanto, alguns estudiosos acreditam que a frase pode se referir aos descendentes de Salmã como líderes do clã de Joabe.

Atarote-Sofã

Uma cidade na Transjordânia na terra tribal de Gade ([Nm 32.35](#)). Algumas traduções erroneamente listam Atarote-Sofã como duas cidades.

Atbash

Um criptograma hebraico é um sistema de escrita secreta usado para ocultar mensagens.

- A primeira letra do alfabeto hebraico é trocada pela última letra.
- A segunda letra é trocada pela penúltima letra.
- Esse padrão se mantém para todas as letras.

Este sistema de escrita secreta foi usado em [Jeremias 51.1](#) para a palavra “Caldéia”. Também foi usado em [Jeremias 25.26](#) e [51.41](#) para a palavra “Babilônia” (escrita como “Sheshach”).

A Septuaginta, a antiga tradução grega do Antigo Testamento, traduziu corretamente esses termos como “Caldéia” e “Babilônia”, respectivamente.

Atenas

Atenas é a capital da Grécia moderna. Por muitos séculos, foi a principal cidade de uma região chamada Ática. O ponto de referência mais famoso em Atenas é a Acrópole. A Acrópole é uma rocha plana que se eleva cerca de 61 metros acima da área circundante. Ainda possui vários edifícios antigos famosos. Muros de pedra de 1100 a.C. indicam que uma comunidade avançada viveu lá há muito tempo.

Atenas começou a se tornar uma grande cidade nos anos 500 a.C. Primeiro, um líder chamado Sólon (que morreu em 559 a.C.) criou sistemas para o governo democrático. Mais tarde, outro líder chamado Péricles (que morreu em 429 a.C.) construiu os belos edifícios na Acrópole. Durante esse período, conhecido como a idade de ouro, Atenas se tornou um importante centro de filosofia, arte, arquitetura e drama.

Quando Paulo levou a mensagem cristã para Atenas ([At 17.15-34](#)), a cidade já não era tão grandiosa quanto antes. No entanto, os imperadores romanos ainda apoiavam Atenas. Eles construíram novas estruturas e reformaram a Ágora (o mercado). Atenas ainda possuía a melhor universidade do mundo grego. Dois grupos de pensadores, chamados epicureus e estóicos, ainda estavam ativos na cidade.

O apóstolo Paulo trouxe o Cristianismo para Atenas pela primeira vez durante sua segunda viagem

missionária por volta de 50 d.C. Ele menciona Atenas apenas uma vez em [1 Tessalonicenses 3.1](#), onde diz que ele e Timóteo chegaram juntos à cidade, mas ele enviou Timóteo de volta a Tessalônica enquanto ele permaneceu em Atenas.

Lucas fornece um relato detalhado do trabalho de Paulo em Atenas ([At 17.16–34](#)). Paulo ficou perturbado com as muitas estátuas de deuses que viu na cidade. Como monoteísta judeu, ele via Atenas como um lugar pecaminoso, apesar de suas conquistas culturais.

Como em outras cidades daquela época, Atenas tinha uma comunidade judaica. Paulo começou a pregar para seus companheiros judeus, como era seu costume. Ele então passou a falar no mercado sobre Jesus para qualquer um que quisesse ouvir, incluindo alguns filósofos que o zombavam como um "tagarela". Eles pensaram que Paulo estava introduzindo um novo deus, então o levaram perante o Areópago, um conselho responsável por assuntos religiosos e morais em Atenas. Este conselho recebeu seu nome de uma pequena colina perto da Acrópole onde costumava se reunir. Na época de Paulo, o conselho se reunia em um pórtico em uma extremidade do mercado.

A maior parte da história de Lucas é sobre o discurso de Paulo no Areópago. Paulo mencionou seus muitos deuses, até mesmo um "deus desconhecido", e disse que estava revelando a eles o verdadeiro Deus. Ele chamou ao arrependimento e advertiu sobre o julgamento. Algumas pessoas zombaram da ideia de ressurreição, mas outras queriam ouvir mais.

Lucas menciona que apenas algumas pessoas seguiram Paulo, incluindo Dionísio, um membro do Areópago, e uma mulher chamada Dâmaris. Parece que Paulo não fundou uma igreja em Atenas, então a cidade não teve um papel significativo na história cristã primitiva.

Atenóbio

Um amigo do rei Antíoco VII da Síria ([1 Mc 15.28–36](#)). Quando Antíoco atacou a cidade de Dor, o sumo sacerdote Simão Macabeu tentou ajudar Antíoco enviando-lhe 2.000 soldados, ouro, prata e equipamento militar. No entanto, Antíoco recusou esses presentes e rompeu todos os acordos com Simão. Ele então enviou um homem chamado Atenóbio a Jerusalém. Atenóbio disse a Simão para dar a Antíoco o controle de vários lugares fortes ou

pagar uma grande soma de dinheiro. Se Simão não fizesse nenhuma das duas coisas, Antíoco ameaçou atacar. Simão ofereceu pagar apenas um décimo do que Antíoco pediu. Atenóbio voltou para Antíoco muito irritado com isso. Como resultado, Antíoco enviou seu general, Cendebeu, para atacar a Judeia ([1 Mc 15.38–41](#)).

Ater

284.O ancestral de um grupo de pessoas que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.16](#); [Ne 7.21](#)).

285.O ancestral de uma família de porteiros que também retornou a Judá com Zorobabel ([Ed 2.42](#); [Ne 7.45](#)).

286.Um líder político que assinou a promessa de Esdras de ser fiel a Deus com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.17](#)).

Atlai

Descendente de Bebai. Ele obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não-judaica após o exílio para Babilônia ([Ed 10.28](#)).

Atos dos Apóstolos, Livro dos

Livro do NT que apresenta a história da igreja primitiva e escrito como uma sequência do Evangelho de Lucas.

Na organização dos livros do NT, Atos vem após os quatro Evangelhos e antes das Epístolas.

Resumo

- Autor
- Data, Origem, Destino
- Contexto e Conteúdo
- Propósito

Autor

O livro de Atos não declara claramente quem é seu autor, mas o consenso geral é que Lucas foi seu autor.

A tradição da igreja primitiva do segundo século afirma que Atos (assim como o terceiro Evangelho) foi escrito por um companheiro de viagem e colaborador do apóstolo Paulo. Esse companheiro é identificado em [Colossenses 4.14](#) como "Lucas, o médico amado" (ARA) e mencionado entre os colaboradores de Paulo ([Cl 4.10-17](#); veja também [2Tm 4.11](#); [Fm 1.24](#)).

Um forte apoio para a tradição de que o autor de Atos era um companheiro de Paulo vem da segunda metade do livro, que relata o ministério de Paulo. Lá, várias narrativas são contadas na primeira pessoa do plural:

1. "Naquela noite Paulo teve uma visão. Ele viu um homem da província da Macedônia, que estava de pé e lhe pedia: "Venha para a Macedônia e nos ajude!" Logo depois dessa visão, nós resolvemos partir logo para a Macedônia, pois estávamos certos de que Deus nos havia chamado para anunciar o evangelho ao povo dali. ([16.9-10](#), NTLH).

2. "Eles foram adiante e nos esperaram em Trôade... nós embarcamos em um navio em Filipos na Macedônia e cinco dias depois chegamos em Trôade, onde ficamos uma semana" ([20.5-6](#)).

3. "Ficou resolvido que devíamos embarcar para a Itália." ([27.1](#), NTLH).

Essas seções de "nós" ([16.9-18](#); [20.5-21.18](#); [27.1-28.16](#)) soam como parte de um relato de viagem ou diário escrito por uma testemunha ocular que acompanhou Paulo de Trôade a Filipos em sua segunda viagem missionária; de Filipos a Mileto na terceira; de Mileto a Jerusalém; e de Cesareia a Roma.

Como o estilo e o vocabulário dessas narrativas de viagem se assemelham aos do restante do livro, é altamente provável que o escritor também tenha sido o autor de todo o livro.

O estilo literário sofisticado e o uso refinado da língua grega no livro, bem como o fato de ser dirigido a alguém chamado Teófilo (possivelmente um oficial romano de alta patente), fornecem um forte apoio à tradição de que Lucas era um gentio convertido ao cristianismo.

Seu uso consistente e frequente da Septuaginta grega pode indicar que ele era um gentio "temente a Deus" antes de se converter à nova fé.

Data, Origem, Destino

A questão da data e do local de origem de Atos continua a ser debatida. Não há indicações claras no próprio livro. Com relação ao seu destino, no entanto, Lucas não deixou nenhuma dúvida. No versículo de abertura, ele se dirige a um certo Teófilo, a quem já havia escrito um livro anterior sobre a vida de Jesus. Não há dúvida de que ele estava se referindo ao trabalho que conhecemos como o Evangelho de Lucas. No prefácio desse Evangelho ([Lc 1.1-4](#)), Lucas declarou claramente seu propósito ao escrever e dirigiu seu relato ao "excelentíssimo Teófilo." Não está claro quem era essa pessoa. Alguns intérpretes acreditam que Teófilo (que significa "querido por Deus" ou "amante de Deus") representa os leitores cristãos em geral, em vez de qualquer indivíduo específico. No entanto, a designação "mais honrável" argumenta contra tal suposição. Essa atribuição era um título comum de honra, designando uma pessoa com posição oficial na ordem sociopolítica romana (cf. uso do título para Félix, [At 23.26](#); [24.2](#); e para Festo, [26.25](#)). É, portanto, provável que Lucas tenha destinado sua obra em dois volumes para um representante oficial da sociedade romana.

Quando Atos foi escrito? Alguns estudiosos datam-no no último quarto do primeiro século. Como o Evangelho foi escrito primeiro, e como Lucas baseou sua história de Jesus em relatos de testemunhas oculares e fontes escritas (entre as quais possivelmente estava o Evangelho de Marcos, provavelmente escrito nos anos 60), Atos não deve ser datado muito antes de 85 d.C. Proponentes de uma data tão tardia afirmam apoio na teologia de Atos, que eles veem como retratando uma igreja cristã estabelecida na história, ajustada à perspectiva de um longo período antes do retorno do Senhor. Já que a expectativa do retorno iminente do Senhor foi alimentada pela revolta judaica e pela queda de Jerusalém em 70 d.C., o período deve ter permitido que essa chama diminuisse um pouco.

Outros estudiosos datam Atos por volta de 70 d.C. ou logo depois. A rebelião judaica de 66-70 d.C., que culminou na destruição de Jerusalém, causou à fé judaica — legal até então — descrédito. O movimento cristão, que havia sido aceito como uma seita judaica, tornou-se suspeito. Os cristãos foram cada vez mais acusados de serem inimigos de Roma. Um estudo de Atos mostra que, entre vários propósitos (veja abaixo), Lucas parece ter defendido os cristãos contra a acusação de hostilidade em relação ao estado. Ele mostrou

como os oficiais romanos repetidamente testemunharam a completa inocência dos cristãos e, acima de tudo, de Paulo ([16.39](#); [18.14-17](#); [19.37](#); [23.29](#); [25.25](#); [26.32](#)). Lucas também deixou claro que Paulo tinha permissão para continuar sua missão com total aprovação dos oficiais romanos no coração da capital imperial ([28.16-31](#)).

Uma data ainda mais antiga, mas próxima do encarceramento de Paulo em Roma (início dos anos 60), foi defendida por vários estudiosos. Há duas razões convincentes: (1) O final abrupto de Atos, descrevendo Paulo continuando um ministério em Roma antes de seu julgamento ter começado, pode indicar que Lucas estava escrevendo naquele momento. É possível, é claro, que Lucas tenha terminado sua história com Paulo pregando o evangelho em Roma porque um de seus propósitos havia sido alcançado: a saber, mostrar como o evangelho se espalhou de Jerusalém para Roma. Mas parece altamente improvável que Lucas encerrasse sua história sem a defesa do evangelho por Paulo diante do próprio César, se isso já tivesse acontecido. (2) O período mais apropriado para a história de Lucas, com sua defesa do movimento cristão contra todos os tipos de acusações tanto de judeus quanto de gentios, é o período em que o cristianismo estava se tornando suspeito, mas ainda não era proscrito. Esse foi o tempo antes do início das perseguições sob Nero em 64 d.C. A data inicial corresponderia à alegação de que Lucas estava com Paulo durante seu encarceramento em Roma e que ele escreveu sua história em Roma enquanto aguardava o início do julgamento de Paulo. É possível que o trabalho de Lucas tenha sido parcialmente destinado a influenciar o veredito. Lucas apresentou uma imagem do Cristianismo e de Paulo que ele esperava que permitisse a Paulo continuar seu trabalho entre os gentios.

Contexto e Conteúdo

Lucas fundamenta seu documentário sobre a rápida expansão do Cristianismo na história do Império Romano e da Palestina durante as três décadas de 30 a 60 d.C. Algumas breves considerações históricas e geográficas ajudarão a entender a história de Lucas.

[Atos 1-12](#) relata os primórdios do movimento cristão na província imperial da Síria, que incluía a Judeia e Samaria. No primeiro século d.C., essas regiões eram geralmente governadas por procuradores romanos ou reis marionetes. Na época da morte e ressurreição de Jesus (c. 30 d.C.),

Pôncio Pilatos era procurador na Judeia e Samaria (26-36 d.C.). A Galileia era governada pelo Rei Herodes Antipas (4 a.C.-39 d.C.). Tibério foi imperador do Império Romano (14-37 d.C.). O relato de [Atos 1-12](#) ocorreu no período de 30-44 d.C.

A conversão de Saulo ([Atos 9](#)) é geralmente datada em 33 d.C. Após a conversão de Saulo e sua partida para sua terra natal, Tarso, a igreja evidentemente desfrutou de um período de tranquilidade, consolidando seus ganhos e crescendo constantemente ([9.31-11.26](#)). Pode-se supor, a partir de [Gálatas 1.18-21](#) e da existência de comunidades cristãs que Paulo e Silas visitaram na segunda viagem missionária ([At 15.40-41](#)), que Paulo não esteve ocioso durante aquela década, mas intensamente envolvido na missão aos gentios. (Depois de [At 13.9](#), o nome "Saulo" é retirado da narrativa.)

Em 41 d.C., Cláudio tornou-se imperador de Roma e coroou Herodes Agripa I como rei dos judeus. (O procurador Pôncio Pilatos havia sido removido vários anos antes por administração inepta da região.) Agripa I era neto de Herodes, o Grande, e de sua princesa judia Mariamne. Por causa de suas raízes judaicas, ele era mais popular entre seus súditos do que os antigos Herodes. Sem dúvida, foi o seu desejo de aumentar essa popularidade e ganhar o apoio das autoridades religiosas judaicas que levou a um novo surto de violência contra a igreja de Jerusalém. [Atos 12](#) relata a execução de Tiago (o irmão do apóstolo João) e a prisão de Pedro. A história da morte de Agripa I ([12.20-23](#)) é paralela a um relato do historiador judeu Josefo, que data o evento em 44 d.C.

Um segundo evento que fornece uma referência temporal para o desenrolar da história da igreja primitiva é a coleta de ajuda para a fome em Antioquia para os cristãos na Judeia ([11.27-29](#)). Lucas afirmou que uma grave fome ocorreu (v [28](#)) durante o reinado do Imperador Cláudio (41-54 d.C.). Josefo, escrevendo a obra *Antiguidades* no final do primeiro século, falou de uma severa fome na Palestina entre os anos 44 e 48 d.C. De acordo com [Atos 12.25](#), Barnabé e Paulo terminaram sua missão aos cristãos famintos na Judeia após a morte de Agripa I, tornando possível datar sua missão por volta de 45 d.C.

Nesse ponto da narrativa de Atos, Paulo é oficialmente enviado em sua missão aos gentios ([13.1-3](#)), para a qual a história e a geografia do grande Império Romano formam o pano de fundo. A política oficial romana em relação às várias

religiões no império era de tolerância. Essa política, além do uso da língua grega em todo o império e uma rede fenomenal de estradas e rotas marítimas, abriu caminho para o trabalho missionário de longo alcance de Paulo.

A primeira viagem (46–47 d.C.) levou Paulo e Barnabé pela província insular de Chipre, na ponta nordeste do Mar Mediterrâneo, e até a província da Galácia, onde igrejas foram estabelecidas em várias cidades do sul da Galácia (Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe). A Galácia fica localizada na Ásia Menor, sendo delimitada pelo Mar Negro, o Mar Egeu e o Mar Mediterrâneo em seus lados norte, oeste e sul. Essas cidades, importantes postos coloniais para os romanos, continham populações mistas, incluindo grandes comunidades judaicas. Foi nas sinagogas dessas comunidades que Paulo iniciou seus esforços missionários, quase sempre encontrando considerável oposição (cps [13-14](#)).

A deliberação do Concílio de Jerusalém sobre as diferenças entre cristãos judeus e gentios ([cp 15](#)) pode ser datada no ano 48 d.C. Foi seguido pela segunda viagem missionária de Paulo, que o levou através do território já evangelizado de sua nativa Cilícia, Galácia, e através de Trôade na costa do Egeu até a Macedônia e descendo para Acaia, a Península Grega ([15.40-18.22](#)). Igrejas foram estabelecidas nas importantes cidades macedônicas de Filipos, Tessalônica e Bereia.

O um ano e meio de Paulo em Corinto ([18.11](#)) pode ser datado com alguma certeza em 51–52 d.C. Uma inscrição antiga entre as ruínas de Delfos, uma cidade na Grécia central, afirma que Gálio se tornou procônsul da Acaia em 51. [Atos 18.12-17](#) conta como Paulo foi acusado por judeus antagonistas diante de Gálio. A implicação é que os adversários de Paulo em Corinto sentiam que um novo procônsul poderia ser persuadido a apoiar sua causa. Assim, a estadia de Paulo em Corinto pode ser datada no início do procônsul de Gálio.

O relato de Lucas sobre o retorno de Paulo à Palestina e o início de sua terceira viagem missionária levanta uma questão histórica fascinante sobre o que aconteceu com os seguidores de João Batista ([13.13-19.7](#)). [Atos 18.24-28](#) refere-se a um judeu erudito, Apolo, que estava ativamente ensinando sobre Jesus na sinagoga em Éfeso, mas que aparentemente não era membro de uma comunidade distintamente cristã, não tendo sido batizado em nome de Jesus. Ele estava familiarizado apenas com o batismo de arrependimento praticado por João Batista. Depois

que Apolo foi para Corinto para ministrar à jovem congregação que Paulo fundou no ano anterior, Paulo foi para Éfeso. Lá ele conheceu vários discípulos de Jesus que, como Apolo, tinham experimentado o batismo de arrependimento de João, mas que não tinham sido batizados como cristãos.

A referência de Lucas a Apolo e aqueles discípulos, bem como várias passagens nos Evangelhos, indicam que o movimento iniciado por João Batista não simplesmente terminou quando Jesus começou seu ministério. Evidentemente, João continuou a batizar até sua morte ([Jo 3.22-24](#)), e muitos de seus discípulos mantiveram o trabalho de João após sua morte. Provavelmente tanto Apolo quanto os discípulos em Éfeso eram produtos do ministério contínuo dos discípulos de João. Eventualmente, eles foram apresentados ao "caminho do Senhor" ([18.25](#)). A falta de conhecimento deles sobre um batismo cristão distinto ou sobre a realidade do Espírito Santo ([19.2-4](#)) mostra quanta diversidade tanto em crença quanto em prática existia no cristianismo primitivo.

A terceira viagem missionária de Paulo começou com um ministério de três anos em Éfeso ([19.1-20.1](#)), continuou com uma visita às igrejas estabelecidas na jornada anterior ([20.2-12](#)), e culminou com sua prisão em Jerusalém ([Atos 21](#)). Ocorreu em meados dos anos 50 (53–57 d.C.). A prisão de Paulo em Jerusalém e a acusação perante o governador provincial, Félix, em Cesareia ([23.23-24.23](#)) deve ser datada por volta de 57. Depois que Paulo passou dois anos em prisão domiciliar, sem dúvida prolongada por Félix para ganhar favor com os súditos judeus, Félix foi substituído por Pórcio Festo (59–60 d.C.). Josefo observou que Félix foi chamado de volta por causa de um surto de conflito civil entre os habitantes judeus e gentios de Cesareia e a gestão imprudente de Félix da situação.

O novo procurador, Festo, estava incerto sobre o que fazer com seu prisioneiro. A liderança judaica procurou aproveitar essa oportunidade, ciente do desejo dos novos procuradores de ganhar popularidade com seus súditos ([25.1-9](#)). Percebendo a ameaça, Paulo apelou seu caso ao tribunal mais alto do império, presidido pelo próprio César ([25.10-12](#)).

Festo então tinha um problema. Ele teve que enviar com seu prisioneiro um relatório ao imperador, delineando claramente as acusações. Como ele realmente não compreendia o caso ([25.25-27](#)), ele

buscou o conselho de Herodes Agripa II, que com sua irmã tinha vindo a Cesareia para prestar seus respeitos ao novo governador imperial da Palestina ([25.13](#)). Agripa II era filho de Herodes Agripa I e, pelo menos em teoria, um judeu. Ele governou partes da Palestina de 50 a 100 d.C. e recebeu o direito de nomear os sumos sacerdotes judeus. Sua familiaridade com as tradições religiosas judaicas e a Lei o colocava em uma posição melhor para entender o caso de Jerusalém contra Paulo. O resultado da aparição de Paulo perante Festo e Agripa ([26.1-29](#)) foi o reconhecimento da inocência de Paulo ([26.31](#)). No entanto, o apelo de Paulo a Roma teve que ser honrado; a lei que rege tais casos teve que ser seguida ([26.32](#)).

A relativa liberdade de Paulo durante o próximo período de dois anos ([28.30](#)) parece incomum, mas era uma prática bastante comum nos procedimentos judiciais romanos, especialmente para cidadãos romanos que haviam apelado ao imperador. Não há uma boa razão para acreditar que Paulo foi executado na época em que a narrativa de Lucas termina (c. 61-62 d.C.). O grande incêndio de Roma e a subsequente perseguição aos cristãos por Nero ainda estavam a alguns anos de distância (64 d.C.). É provável que o caso contra Paulo tenha sido arquivado, especialmente à luz do veredito favorável de Festo e do Rei Agripa. É também provável que Paulo tenha sido executado durante a perseguição mais geral aos cristãos. Tal sequência corresponderia à tradição citada por Eusébio, um historiador da igreja do século 4, de que Paulo retomou seu ministério e mais tarde sofreu martírio sob Nero.

Propósito

No prefácio do Evangelho, destinado a cobrir também o segundo volume, Lucas disse a Teófilo (e ao público que ele representava) que ele havia se proposto a escrever um relato preciso e ordenado sobre os primórdios do movimento cristão no ministério de Jesus de Nazaré ([Lc 1.1-4](#)). As linhas iniciais em Atos indicam que a narrativa começando com Jesus de Nazaré (vol 1) está continuando e que o segundo volume de Lucas pretende traçar a história da Palestina até Roma ([At 1.1-8](#)).

Ao contar essa história, Lucas tentou defender o movimento cristão contra falsas acusações feitas contra ele. Vários equívocos acompanharam o nascimento e o crescimento do movimento cristão. Um dizia respeito à relação entre a nova fé e o

judaísmo. Muitos, tanto dentro da igreja quanto entre os oficiais romanos, entendiam a fé cristã como nada mais do que uma expressão particular de, ou seita dentro, do judaísmo. Contra essa noção restrita, Lucas-Atos adota um tom universal. O Evangelho proclama Jesus como Salvador do mundo ([Lc 2.29-32](#)). Em Atos, a defesa de Estêvão perante o conselho judaico ([cp 7](#)), a experiência de Pedro em Jope com Cornélio ([cp 10](#)), e o discurso de Paulo em Atenas ([cp 17](#)) demonstram que o Cristianismo não é meramente uma seita judaica, qualquer movimento messiânico restrito, mas sim uma fé universal. Outro problema foi a identificação popular da nova fé com os vários cultos religiosos e religiões de mistério no Império Romano. Os relatos do conflito da igreja primitiva com Simão, o mago ([cp 8](#)), e da rejeição de Paulo e Barnabé a uma tentativa de adorá-los em Lístra ([cp 14](#)) enfraquecem a acusação popular de superstição. Além disso, o Cristianismo não é um culto de mistério em que ritos esotéricos e secretos trazem o adorador à união com o divino. O Senhor adorado pelos cristãos, disse Lucas, pertence à história real; ele viveu sua vida na Palestina no passado recente, abertamente, para todos observarem (veja os discursos de Pedro e Paulo em [At 2; 10; 13](#)).

O principal propósito de Lucas, no entanto, era a defesa do Cristianismo contra a acusação de que representava uma ameaça à ordem e estabilidade do Império Romano. Havia, é claro, motivos para tais suspeitas. Afinal, o fundador do movimento havia sido crucificado sob a acusação de sedição por um procurador romano, e o movimento que reivindicava seu nome parecia evocar tumulto, desordem e agitação onde quer que se espalhasse. A conta de Lucas enfrentou esses problemas de frente. No Evangelho, ele apresentou o julgamento de Jesus como um grave erro judicial. Pilatos havia entregado Jesus para crucificação, mas ele havia considerado Jesus inocente. Herodes Antípaso também não encontrou substância nas acusações contra Jesus ([Lc 23.13-16; At 13.28](#)). Uma atitude neutra ou até amigável dos oficiais romanos em relação aos principais cristãos e ao movimento como um todo é documentada ao longo de Atos. O procônsul romano de Chipre, Sérgio Paulo, recebeu com alegria Paulo e Barnabé e respondeu positivamente à sua mensagem ([At 13.7-12](#)). O magistrado-chefe em Filipe pediu desculpas pela surra e prisão ilegais de Paulo e Silas ([16.37-39](#)). O procônsul da Acaia, Gálio, considerou Paulo inocente aos olhos da lei romana ([18.12-16](#)). Em Éfeso, o magistrado interveio no ataque da

multidão a Paulo e seus companheiros, rejeitando as acusações contra eles ([19.35-39](#)). Um tribuno do contingente militar romano em Jerusalém prendeu Paulo, mas acabou salvando o apóstolo da ira de uma multidão; em sua carta ao procurador Félix, o tribuno reconheceu que Paulo não era culpado pela lei romana ([23.26-29](#)). O mesmo veredito foi repetido após a acusação de Paulo perante Félix, seu sucessor Festo, e Herodes Agripa II: "Este homem não fez nada digno de morte ou prisão" ([26:31](#)). Lucas culminou sua história contando como Paulo continuou sua atividade missionária em Roma, o próprio coração do império, e com a permissão dos guardas imperiais ([28.30-31](#)). É claro ao longo da defesa de Lucas que o conflito que acompanhou os inícios e o progresso do Cristianismo não se deveu principalmente a algo dentro do movimento, mas sim à oposição e falsificação judaica.

Dentro de sua longa apologia pela integridade do Cristianismo, as perspectivas teológicas específicas de Lucas podem ser claramente vistas. A obra em dois volumes apresenta um grande esquema da história da redenção, estendendo-se desde o *tempo de Israel* ([Lc 1-2](#)) através do *tempo de Jesus*, e continuando através do *tempo da igreja*, quando as boas novas para Israel são estendidas a todas as nações. Paralelamente a essa ênfase, há uma insistência de que Deus está presente na história redentora através do Espírito Santo. No Evangelho, Jesus é apresentado como o Homem do Espírito; a realidade do Espírito o capacitou para sua obra ([Lc 3.22; 4.1,14,18](#)). Em Atos, a comunhão dos discípulos de Jesus é apresentada como a comunidade do Espírito ([1.8; 2.1-8](#)). O que Jesus no poder do Espírito havia começado em seu próprio ministério, a igreja no poder do Espírito continua a fazer.

Para Lucas, a presença capacitadora do Espírito de Deus era uma realidade que dava à nova fé seu poder, integridade e perseverança. Isso permitiu um testemunho fiel ([1.8](#)) e criou uma comunidade genuína ([2.44-47; 4.32-37](#)), algo pelo qual o mundo antigo ansiava desesperadamente. O Espírito na nova comunidade produziu coragem e ousadia (veja as defesas de Pedro nos cps [2-5](#)), capacitou para o serviço ([cp 6](#)), superou o preconceito como na missão em Samaria ([cp 8](#)), quebrou barreiras como no episódio de Cornélio (caps [10-11](#)), e enviou crentes em missões ([cp 13](#)).

A história inteira também é pontuada pela centralidade da ressurreição de Jesus. Lucas, como Paulo (veja [1Co 15.12-21](#)), deve ter sido

convencido de que sem a ressurreição de Jesus não haveria fé cristã alguma. Mais do que isso, a ressurreição colocou o selo de aprovação de Deus na vida e no ministério de Jesus, autenticando a veracidade de suas afirmações. Lucas anunciou seu interesse nesse tema desde o início: o critério definitivo para um substituto apostólico de Judas era que ele devia ter sido, junto com os outros discípulos, uma testemunha da ressurreição de Jesus. Ao longo de Atos, desde o sermão de Pedro no Pentecostes e suas defesas perante o Sinédrio até os discursos de Paulo diante de Félix e Agripa, a igreja é mostrada testemunhando a ressurreição de Jesus como uma grande reversão executada por Deus ([2.22-24, 36; 3.14-15; 5.30-31; 10.39-42](#)).

Atos se divide naturalmente em duas partes, capítulos [1-12](#), e [13-28](#). A primeira parte, a grosso modo, contém os "atos de Pedro". A segunda parte é amplamente preocupada com os "atos de Paulo". Nos primeiros 12 capítulos, Pedro é a figura central que inicia a escolha de um substituto para Judas Iscariotes ([cp 1](#)); dirige-se às multidões no Pentecostes ([cp 2](#)); interpreta o significado da cura de um homem coxo para uma multidão no templo ([cp 3](#)); faz uma defesa da proclamação cristã perante o supremo conselho judaico ([cp 4](#)); lidera os apóstolos em um ministério de cura e fala por eles ([cp 5](#)); está na linha de frente do conflito com um mágico samaritano, "Simão, o Grande" ([cp 8](#)); expande — embora um tanto relutantemente — o movimento do evangelho para os gentios através de Cornélio (caps [10-11](#)); e atrai a ira da campanha de Herodes contra a igreja, mas é milagrosamente libertado da prisão ([cp 12](#)).

A proclamação do evangelho aos gentios através do ministério de Paulo é o tema da segunda parte de Atos (caps [13-28](#)). A história diz respeito principalmente a três grandes viagens missionárias, cada uma das quais levou o evangelho a territórios ainda intocados e expandiu os esforços missionários anteriores. O relato da vida e obra de Paulo culmina com sua prisão em Jerusalém (cps [21-22](#)), uma longa prisão em Cesareia (cps [23-26](#)), e uma viagem a Roma (cps [27-28](#)).

Outra maneira de abordar a estrutura e o conteúdo de Atos é temática. Tem seu ponto de partida na declaração de Jesus: "Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês; e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra" ([1.8](#)). Atos pode ser visto como a história do cumprimento daquela "Grande Comissão",

desdobrando-se essencialmente em três etapas: (1) testemunho ao Judaísmo, focado em Jerusalém, mas também se expandindo para a Judeia circundante e ao norte, na Galileia (cps [1-7](#)); (2) testemunho à Samaria através de Filipe, Pedro e João ([8.1-9.31](#)); (3) testemunho ao mundo gentio, primeiro de forma hesitante através de Pedro ([9.32-12.25](#)), e depois de forma decisiva através de Paulo (cps [13-28](#)).

Veja também Lucas (Pessoa); Paulo, O Apóstolo; Simão Pedro; Teófilo #1; Cronologia da Bíblia (Novo Testamento).

Atributos de Deus

Os atributos de Deus são as qualidades ou características que revelam quem Deus é.

Isso inclui as virtudes de Deus (boas qualidades morais), excelências (grandeza) e perfeições (coisas que são completas e sem falhas). Esses atributos ajudam as pessoas a entender quem Deus é.

Veja Deus, Ser e atributos de.

Attharates

Uma palavra persa que significa "governador" ([Ne 8.9](#)). "Attharates" é uma grafia diferente do título Tirsata. Nos Apócrifos, é escrito como um nome próprio ([1Ed 9.49](#)). (Os Apócrifos são um conjunto de textos antigos não incluídos na Bíblia Hebraica, mas aceitos por alguns grupos cristãos.)

Attharias

Uma grafia grega do título persa, Tirsata, que significa "governador" ([1Ed 5.40](#); compare [Ed 2.63](#)).

Auaran

O apelido de Eleazar, irmão de Judas Macabeu ([1Mc 2.5; 6.43](#)). O nome pode significar "Despertado", "Cara pálida" ou "Perfurador".

Augusto Cesar

Augusto foi o primeiro imperador do Império Romano. Ele governou de 31 a.C. até 14 d.C. e era imperador quando Jesus nasceu.

Primeiros anos e ascensão ao poder

Augusto nasceu em 63 a.C. Seu nome completo era Gaio Otaviano (também chamado de Octaviano). Ele era neto de Júlia, a irmã de Júlio César. Ele tinha 18 anos e estava estudando na Grécia quando Júlio César foi morto por Cássio e Bruto. Em seu testamento, César adotou Otaviano como seu filho e o nomeou seu herdeiro. Isso levou Otaviano a lutar pelo poder em Roma.

Cerca de um ano e meio depois, três homens compartilhavam o poder em Roma: Otaviano, Antônio e Lépido. No ano seguinte, Otaviano e Antônio travaram uma batalha em Filipos e derrotaram Cássio e Bruto. Esses dois homens haviam ajudado a planejar o assassinato de Júlio César. Filipos ficava na Macedônia, que atualmente faz parte da Grécia.

Após a batalha, Antônio governou a parte oriental do império, incluindo a Grécia e o Egito. Otaviano retornou à Itália. Lépido assumiu o controle da Gália e do oeste do Norte da África. Mais tarde, Lépido foi forçado a renunciar ao poder, e Otaviano tomou suas terras.

Otaviano e Antônio já haviam lutado no passado. Agora, eles se tornaram inimigos novamente. Em 31 a.C., Otaviano venceu uma grande batalha contra Antônio em Ácio. Depois disso, Otaviano se tornou o único governante do mundo romano. Ele foi o primeiro imperador de Roma.

Liderança e legado

Otaviano não era um líder militar forte como Júlio César, mas era bom em manter a paz e resolver problemas. Por causa disso, muitas pessoas o apoiavam.

Durante seu governo, a cultura romana floresceu. Foram construídos muitos novos edifícios e produzidos escritos importantes.

Augusto também criou a Guarda Pretoriana, um grupo especial de 9.000 soldados que protegiam o Imperador. Mais tarde, a Guarda Pretoriana tornou-se muito poderosa, a ponto de poderem até remover um Imperador ou escolher um novo sem consultar o Senado. O Senado era o grupo de

homens mais velhos de Roma que ajudava a fazer leis.

Em 27 a.C., Otaviano recebeu o título de *Augusto* (da palavra grega *Augoustos*). Esta palavra significa "honrado" ou "respeitado". O título refletia a ideia crescente de que os imperadores deveriam ser adorados. Júlio César havia iniciado essa prática. Ele se autodenominava "o deus invicto" e "o pai da pátria".

Augusto seguiu essa ideia. No início, ele disse que as pessoas deveriam adorá-lo apenas junto com a deusa Roma. Mais tarde, as pessoas começaram a pensar em Augusto como o salvador do mundo. O povo construiu um templo para ele em Atenas. Até mesmo Herodes, o Grande, construiu templos para honrá-lo.

Quando Augusto se tornou Imperador, ele trabalhou para trazer ordem ao império. As províncias (as áreas fora da Itália) estavam em dificuldades. Assim, Augusto implementou mudanças na economia e no sistema monetário do império.

Augusto e o Novo Testamento

O nome César Augusto aparece apenas uma vez no Novo Testamento. No entanto, muitas pessoas o conhecem por causa do censo que ele ordenou antes do nascimento de Jesus ([Lc 2.1](#)). Este censo fez com que José e Maria viajassem para Belém.

Não sabemos muito sobre este primeiro censo. Lucas diz que aconteceu quando Jesus nasceu. Um segundo censo ocorreu mais tarde, em 6 d.C. Esse censo causou um protesto liderado por Judas da Galileia ([At 5.37](#)).

Família de Augusto e Herodes

Durante o governo de Augusto, Herodes, o Grande, tornou-se um dos líderes de confiança do Imperador. Augusto permitiu que Herodes governasse o povo judeu com pouca interferência de Roma. Para demonstrar sua gratidão, Herodes reconstruiu a cidade de Samaria e a renomeou *Sebaste* em homenagem a Augusto. Ele também construiu uma nova cidade portuária chamada *Cesareia*, na costa da Palestina, em homenagem ao Imperador.

Em 12 a.C., Augusto ajudou a resolver um conflito entre Herodes e seus filhos. Quando outro desentendimento ocorreu mais tarde, Augusto instruiu um tribunal romano a decidir o caso. Em 7 a.C., o tribunal determinou que dois dos filhos de

Herodes, Alexandre e Aristóbulo, deveriam ser mortos. Em 4 a.C., Augusto deu permissão para Herodes matar outro filho, Antípatro.

No testamento final de Herodes, ele escolheu três filhos para governar seu reino: Arquelau, Antipas e Filipe. No entanto, eles precisavam da aprovação do Imperador. Após a morte de Herodes, Arquelau viajou para Roma para solicitar a Augusto mais poder. Antipas também foi a Roma para pedir status real.

Enquanto estavam em Roma, um grupo de líderes judeus também conversou com Augusto. Eles pediram a ele para encerrar o governo da família de Herodes, pois muitas pessoas não gostavam dos Herodes. Ao mesmo tempo, houve tumultos na Judeia, e soldados romanos da Síria tiveram que conter a violência.

Augusto assumiu um compromisso. Ele transformou o reino de Herodes em uma província romana e não fez de nenhum dos filhos reis. No entanto, ele ainda seguiu os desejos de Herodes:

- Arquelau tornou-se o governante da Judeia, Samaria e Idumeia. Esta era metade da província.
- Antipas governou um quarto da província. Sua área incluía a Galileia e a Pereia.
- Filipe governou Itureia e Traconites ([Lc 3.1](#)). Este último quarto da província era uma área a leste da Galileia.

Mais tarde, Arquelau governou mal. Em 6 d.C., Augusto o removeu do poder e o enviou para Viena, no sul da França.

Morte e sucessão

Augusto morreu em 14 d.C. após uma breve doença. Ele deixou o império para seu sucessor escolhido, Tibério.

Veja também Césares, Os.

Aumai

Descendente de Jaate da tribo de Judá ([1Cr 4.2](#)).

Aurano

Um líder escolhido por Lisímaco, o irmão do sumo sacerdote. Lisímaco escolheu Aurano para conter os judeus que estavam muito irritados ([2Mc 4.40](#)). O texto diz que Aurano não estava em seu juízo perfeito (ele estava mentalmente doente). A versão siriaca dos Apócrifos (livros que algumas igrejas incluem na Bíblia, mas outras não) afirma que ele era o líder de um grupo de criminosos violentos.

Aurora, Estrela da Manhã

"Aurora" e "estrela da manhã" são termos usados na Versão King James para se referir a Vênus, o planeta visível pouco antes do amanhecer, ou à primeira luz do próprio amanhecer.

- Em [Jó 38.12](#), tanto a ARC quanto a NTLH usam a palavra "madrugada".
- [2 Pedro 1.19](#) na ARC usa a expressão "estrela da alva", enquanto a NTLH usa a expressão "estrela da manhã".

Em [Isaías 14.12](#), "estrela da manhã" refere-se ao orgulhoso rei de Babilônia. A versão Vulgata o chama de "Lúcifer". Este rei tentou se exaltar demais e prejudicou Israel. O versículo sugere que Deus o derrubará, assim como a estrela da manhã desaparece quando o sol nasce.

Veja Estrela da Manhã.

Autógrafo

Um dos documentos manuscritos originais de um livro que eventualmente se tornou parte da Bíblia. Nenhum dos manuscritos originais da Bíblia permanece. Em vez disso, cópias chamadas apógrafos estão disponíveis. Os apógrafos foram feitos por escribas cuja ocupação era copiar cuidadosamente manuscritos. Existem cópias suficientes para nos dar confiança de que nossa Bíblia atual preserva com precisão as palavras dos autógrafos. *Veja Bíblia, Manuscritos e Texto da (ambos os artigos).*

Auzã, Auzão

O filho de Assur e Naara é um membro da tribo de Judá ([1Cr 4.6](#)).

Auzate

Um conselheiro real de Abimeleque de Gerar. Auzate foi com Abimeleque a Berseba para fazer um acordo com Isaque ([Gn 26.26](#)).

Ava

Um distrito na Síria, também chamado de Iva em [2 Reis 18.34; 19.13](#). Sargão da Assíria o conquistou no século VIII a.C. Após os israelitas serem deportados de Samaria em 722 a.C., Salmanaser, rei da Assíria, enviou pessoas de Ava e outros distritos para viverem nas cidades de Samaria ([2Rs 17.24](#)). A NTLH usa a grafia "Iva".

Veja também Iva.

Aveleira

Má tradução da ARC, ARA e NAA para amendoeira em [Gênesis 30.37](#). *Veja Plantas (Amêndoas).*

Áven

287. Um termo usado pelo profeta Ezequiel para descrever a cidade de Om, que também é chamada de Heliópolis. Om era o centro de adoração do deus sol egípcio Rá ([Ez 30.17](#)). A palavra hebraica Aven ("maldade") era semelhante ao nome Om. Foi usada em uma profecia contra a idolatria e a maldade do Egito.

Veja Heliópolis.

288. Uma descrição de Betel ([Os 10.8](#)), abreviado de Bete-Áven, "casa da maldade" ([Os 4.15; 5.8; 10.5](#)). O profeta Oseias estava criticando a idolatria do reino do norte. Betel era um centro de idolatria no norte ([1Rs 12.28-29](#)).

Veja Bete-Áven #2.

289. Um vale onde a Síria seria punida por causa de seus crimes contra o Senhor ([Am 1.5](#)). Pode ser uma referência vaga a Baalbek, o centro do culto a Baal da Síria no vale de Beqa'a.

Aves domésticas

Aves domésticas são pássaros criados por pessoas para alimentação ou outros usos, como galinhas, patos e perus. A mais comum é a galinha doméstica (*Gallus gallus domesticus*), provavelmente descendente do galo selvagem vermelho da Índia.

Parece que as pessoas já conheciam as aves domésticas nos tempos do Antigo Testamento ([Pv 30.31](#)). Um selo de cerca de 600 a.C. mostra um galo de briga. Ele pertencia a um homem mencionado como Jazanias (veja [2Rs 25.23](#)). [Neemias 5.18](#) pode referir-se a aves em sua mesa, mas isso também pode significar aves selvagens em vez de aves domésticas.

Aves eram um símbolo de fertilidade. O costume judaico incluía carregar um galo e uma galinha na frente de uma noiva e um noivo em casamentos. Jesus falou sobre o cuidado de uma galinha com seus pintinhos ([Mt 23.37](#); [Lc 13.34](#)).

Os galos geralmente cantam uma ou duas horas antes do amanhecer. A terceira vigília da noite, da meia-noite às 3:00 da manhã, era chamada de "canto do galo". Conforme o Talmude (escritos judaicos que explicam e comentam a lei de Moisés), galinhas não eram permitidas em Jerusalém nos tempos do Novo Testamento. Isso era para evitar que insetos e larvas das fezes das galinhas tornassem a carne sacrificial impura. Por essa razão, o galo que Pedro ouviu ([Mt 26.34, 74](#); [Lc 22.34, 60-61](#)) pertencia provavelmente a romanos ou a judeus que não seguiam essa regra.

Consulte também Aves.

Avestruz

O avestruz é a maior ave viva atualmente. Ela não pode voar, mas corre muito rápido. Avestruzes vivem em lugares secos com pouca vegetação.

Nos tempos bíblicos, eles viviam tão ao norte quanto a Síria e através do deserto do Neguebe. Hoje, eles não vivem mais nessas áreas. O nome hebraico para avestruz significa "filha do deserto".

Um avestruz pode crescer até 3 metros de altura e pesar cerca de 79 quilogramas. Alguns machos podem pesar até 136 quilogramas. As fêmeas são menores. Avestruzes têm pernas fortes e coxas grandes. Eles podem correr a uma velocidade de até 64 quilômetros por hora.

Os avestruzes consomem uma variedade de alimentos. Eles comem grama, frutas e pequenos animais como lagartos, cobras e pássaros. Além disso, engolem grandes pedras, que ajudam a triturar os alimentos no estômago da ave.

As avestruzes fêmeas põem seus ovos em um buraco raso na areia. Um grupo de ovos é chamado de ninhada, que pode ter até 25 ovos. Alguns ovos são deixados descobertos durante o dia. Isso pode parecer que a ave não cuida dos ovos, mas o avestruz macho geralmente se senta sobre eles à noite para mantê-los aquecidos. A fêmea ajuda durante os dias frios. A casca forte do ovo mantém os filhotes seguros do calor do deserto.

Os ovos de avestruz, por exemplo, são grandes e valiosos. Nos tempos bíblicos, as pessoas trocavam as cascas vazias. Alguns as usavam para fazer ferramentas ou contas.

Às vezes, as pessoas montam em avestruzes ou os utilizam para puxar pequenos carrinhos. Suas penas também são valiosas. Nos tempos antigos, as cortes reais usavam plumas de avestruz (penas macias e decorativas) como leques. O Rei Tutancâmon (Rei Tut) do Egito possuía um leque com penas de avestruz. Os avestruzes machos têm penas brancas, enquanto as fêmeas têm penas marrom-acinzentadas.

Os avestruzes têm a reputação de terem um comportamento tolo. Quando são caçados e não conseguem escapar, muitas vezes ficam paralisados em vez de fugir. No entanto, em áreas abertas, eles são cautelosos e correm rapidamente para escapar do perigo.

Os avestruzes não protegem seus ovos e filhotes como outros pássaros. Se perseguidos, eles fogem em vez de permanecer com seus filhotes. Isso é diferente de pássaros como a perdiz.

Avestruzes na Bíblia

A Bíblia frequentemente retrata os avestruzes de forma negativa. Eles eram considerados impuros na lei judaica ([Lv 11.16](#); [Dt 14.15](#)). Estão associados a lugares solitários ou vazios ([Jó 30.29](#); [Is 13.21](#); [34.13](#); [43.20](#); [Jr 50.39](#)). Seu grito à noite soa doloroso, como o som baixo de um boi ([Mq 1.8](#)). A

Bíblia também menciona como os aveus parecem esquecer ou ignorar seus ovos e filhotes ([Jó 39.13-18](#); [Lm 4.3](#)).

Veja também Aves.

Aveus (Pessoas)

O termo hebraico refere-se a um grupo de pessoas antigas mencionado na Bíblia, que vivia na parte sudoeste de Canaã antes dos israelitas. Aveus e Avitas referem-se ao mesmo grupo de pessoas. Algumas versões usam a grafia, menos comum, "Avins".

Veja Avitas.

Avim (Lugar)

Avim era uma cidade na terra tribal de Benjamim ([Js 18.23](#)). Estava localizada ao sul de Betel.

Avins, Avitas

Versões de Avim e avitas ou aveus ([Dt 2.23](#) e [Js 13.3](#)).

Veja Avitas.

Avitas

290. Um povo antigo que vivia em aldeias perto de Gaza antes de serem destruídas por uma invasão dos filisteus ([Dt 2.23](#); [Js 13.3](#)).

291. O nome dado às pessoas que viviam no distrito sírio de Ava ("Iva", NTLH). Salmaneser da Assíria os transferiu para Samaria após a conquista em 722 a.C. ([2Rs 17.31](#)).

Veja Ava.

Avite

A capital de Hadade, o quarto rei de Edom ([Gn 36.35](#); [1Cr 1.46](#)).

Azã

O pai de Paltiel é um membro da tribo de Issacar. Paltiel foi escolhido para ajudar Eleazar e Josué na divisão da Terra Prometida ([Nm 34.26](#)).

Azael

Filho de Ezora. Ele obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia após o exílio na Babilônia ([1Ed 9.34](#)). Azareel não está incluído na lista de [Esdras 10.40-42](#).

Azai

Um sacerdote da ordem de Imer. O descendente de Azai, Amasai, foi um sumo sacerdote em Jerusalém nos dias de Esdras ([Ne 11.13](#)). Azai e Jazera provavelmente eram a mesma pessoa ([1Cr 9.12](#)).

Veja: Jazera.

Azalias

Filho de Mesulão e pai do escriba de Josias, Safá ([2Rs 22.3](#); [2Cr 34.8](#)).

Azanias

Pai de Jesua. Jesua era um levita que assinou a promessa de fidelidade a Deus feita por Esdras com Neemias e outros após o exílio para Babilônia ([Ne 10.9](#)).

Azareel

Grafia de Azarel em algumas versões da Bíblia.

Veja Azarel.

Azarel

Algumas versões da Bíblia usam a grafia "Azareel".

- 292.**Um guerreiro da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o Rei Saul. Azarel foi um dos arqueiros e fundeiros de Davi que podia atirar com ambas as mãos, direita e esquerda ([1Cr 12.2,6](#)).
- 293.**Um levita escolhido por Davi para gerenciar a música do santuário ([1Cr 25.18](#), também chamado de "Uziel").
- 294.**Um chefe da tribo de Dã foi selecionado por Davi para ser um líder tribal durante o censo ([1Cr 27.22](#)).
- 295.**Um israelita da família de Binui que obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia após o exílio na Babilônia ([Ed 10.41](#)).
- 296.**Pai de Amasai. Amasai era um sacerdote da família de Imer que viveu em Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ne 11.13](#)).
- 297.**Um sacerdote que tocou uma trombeta na dedicação do muro de Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ne 12.36](#)).

Azarias

Um nome judaico muito comum. O nome aparece muitas vezes nas histórias familiares de sacerdotes, o que torna difícil saber de qual Azarias se está falando às vezes. A seguir está um dos vários arranjos possíveis:

- 298.**Filho ou neto de Zadoque. De acordo com a maioria das traduções, Azarias foi sumo sacerdote durante o reinado de Salomão ([1Rs 4.2](#)). Sua posição pode ter sido, alternativamente, a de um conselheiro especial ou guardião do calendário real.
- 299.**Filho de Natã, um alto funcionário na corte do Rei Salomão. Ele era o oficial chefe sobre os 12 administradores regionais ([1Rs 4.5](#)).

- 300.**Filho de Amazias, rei de Judá ([2Rs 14.21; 15.1-7](#)). Ele também era conhecido como Uzias. Veja Uzias #1.
- 301.**O filho de Etã, um descendente de Judá ([1Cr 2.8](#)).
- 302.**Jeú, filho de outro descendente de Judá ([1Cr 2.38](#)).
- 303.**Filho de Aimaás e neto de Zadoque ([1Cr 6.9](#)). Se Azarias #1 foi um sumo sacerdote, este Azarias é a mesma pessoa.
- 304.**Filho de Joanã e pai de Amarias ([1Cr 6.10-11](#)). Ele é o mesmo Azarias mencionado em [Esdras 7.3](#) e [2 Esdras 1.2](#). Seu antepassado (chamado de "pai") era Meraiote. A nota entre parênteses sobre o templo de Salomão em [1 Crônicas 6.10](#) é geralmente associada ao Azarias do versículo 9 (veja #6). Também é possível que este Azarias tenha servido no templo (construído por Salomão) durante o reinado de Uzias. Isso significaria que ele é o mesmo Azarias mencionado no #17 abaixo.
- 305.**Filho de Hilquias e pai de Seraías ([1Cr 6.13-14; Esdras 7.1; 2Ed 1.1](#)). Este Azarias pode ser o mesmo que #10 ou #11.
- 306.**Filho de Sofonias, um ancestral do cantor Hemã. Hemã cantou no ritual de adoração instituído pelo Rei Davi ([1Cr 6.36](#)).
- 307.**Filho ou descendente de Hilquias, um dos primeiros sacerdotes a se estabelecer em Jerusalém após o exílio ([1Cr 9.11](#); "Seraías," [Ne 11.11](#)).
- 308.**O filho de Odede, um profeta nos dias do Rei Asa de Judá, encorajou Asa a iniciar reformas muito necessárias no 15º ano do rei ([2Cr 15.1-15](#)).
- 309.**Um filho do Rei Josafá de Judá. Juntamente com quatro de seus irmãos, foi morto por razões políticas por Jeorão, o herdeiro do trono ([2Cr 21.1-4](#)).

- 310.** Outro filho do Rei Josafá, com o mesmo nome que o #12, seu irmão. Junto com quatro de seus irmãos, foi morto por razões políticas por Jeorão, o herdeiro do trono ([2Cr 21.1-4](#)).
- 311.** Um nome alternativo de Acazias, rei de Judá ([2Cr 22.6](#), Algumas traduções usam essa grafia). Veja Acazias #2.
- 312.** O filho de Jeorão, um dos comandantes militares de Judá. Este Azarias seguiu o sacerdote Joiada em uma rebelião. Joás foi coroado rei após a rebelião, e a Rainha Atalia foi executada ([2Cr 23.1](#)).
- 313.** O filho de Obede, um dos cinco comandantes em aliança com Joiada contra Atalia ([2Cr 23.1](#)).
- 314.** O sumo sacerdote em Jerusalém durante o reinado do Rei Uzias ([2Cr 26.16-21](#)). Ele se opôs à tentativa arrogante de Uzias de queimar incenso no altar. Talvez seja o mesmo que #7.
- 315.** O filho de Joanã, um líder da tribo de Efraim. Azarias e outros líderes da tribo se juntaram ao profeta Obede para protestar contra a captura de prisioneiros judeus pelo rei Peca de Israel e exigir sua libertação ([2Cr 28.12](#)).
- 316.** Um descendente de Coate e pai de um levita chamado Joel. Joel participou da purificação do templo ordenada pelo Rei Ezequias de Judá ([2Cr 29.12](#)).
- 317.** Filho de Jealelel. Este Azarias, um descendente de Merari, também participou da purificação do templo por Ezequias ([2Cr 29.12](#)).
- 318.** Descendente de Zadoque e sumo sacerdote durante o reinado de Ezequias de Judá ([2Cr 31.10,13](#)). Ele participou das grandes reformas religiosas de Ezequias.

- 319.** O filho de Maaséias, um chefe de família em Jerusalém que participou da reconstrução do muro por Neemias ([Ne 3.23](#)).
- 320.** Um líder que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ne 7.7](#); "Seraias," [Ed 2.2](#)).
- 321.** Um assistente levítico de Esdras que explicou ao povo as passagens da lei lidas por Esdras ([Ne 8.7](#)).
- 322.** Um sacerdote que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.2](#)).
- 323.** Um participante na dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.33](#)).
- 324.** Uma forma alternativa de Jazanias, o nome do filho de Hosaías, em [Jeremias 42.1](#) e [43.2](#). Veja Jazanias #1.
- 325.** Um dos três jovens judeus levados cativos com Daniel. Na Babilônia, ele foi renomeado Abed-nego ([Dn 1.6-7,11,19](#); [2.17](#)). Veja Sadraque, Mesaque e Abednego.
- 326.** O nome, ou nome falso, que o anjo Rafael usou quando se juntou ao filho de Tobias, Tobit, na jornada de Tobias para a Média ([Tb 5.4.13](#); [12.15](#)). Tobias é uma história encontrada em algumas versões da Bíblia, mas nem todos os cristãos a consideram parte de suas Escrituras.

Azaz

Filho de Sema e pai de Bela da tribo de Rúben ([1Cr 5.8](#)).

Azazel

Uma palavra hebraica de origem e significado incertos. Aparece em [Levítico 16.8,10,26](#). Como há pouca informação sobre ela na Bíblia ou em outras fontes, estudiosos sugeriram pelo menos quatro interpretações:

327. Bode expiatório: Alguns acreditam que Azazel se refere ao bode expiatório usado nas cerimônias do Dia da Exiação. No entanto, essa interpretação é improvável porque os versículos 10 e 26 dizem que o bode foi enviado para Azazel, e não como Azazel.

328. Um lugar para onde o bode foi enviado: Muitos estudiosos judeus acreditam que Azazel é um local para onde o bode foi enviado, possivelmente um penhasco alto de onde o bode era lançado. Outros sugerem que significa "lugares desérticos".

329. "Lugar" abstrato ou estado de ser: Alguns acreditam que Azazel vem de uma palavra hebraica que significa "partir" ou "remover", e assim a interpretam como "remoção total", "envio completo" ou "solidão". Que "mandará esse bode para o deserto, a fim de conseguir o perdão dos pecados do povo" em [Levítico 16.10](#) pode ser interpretado como "enviado para se tornar nada" ou "totalmente removido". Isso implica a remoção dos pecados: eles se tornam "nada", já que são totalmente removidos. Enviar o bode embora seria então um ato simbólico e ritual através do qual Deus remove os pecados passados de alguém.

330. O nome pessoal de um ser, provavelmente um demônio, para o qual o bode expiatório foi enviado: Muitos estudiosos modernos acreditam que Azazel é um ser, provavelmente um demônio, para o qual o bode expiatório foi enviado. O livro não canônico de Enoque descreve Azazel como um líder de anjos caídos que enganam os humanos. Esta interpretação sugere que um bode é dado ao Senhor, e o outro a um ser maligno, possivelmente Satanás.

Azazias

331. Um músico do templo que era levita. Ele tocou a lira quando o Rei Davi trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém ([1Cr 15.21](#)).

332. Pai de Oseias. Oseias foi líder da tribo de Efraim durante o reinado do Rei Davi ([1Cr 27.20](#)).

333. Um administrador do templo que era levita. Ele foi nomeado pelo Rei Ezequias de Judá para ajudar a gerenciar as ofertas armazenadas no templo ([2Cr 31.13](#)).

Azbuque

O pai de Neemias era governante de metade do distrito de Bete-Zur ([Ne 3.16](#)). O filho de Azbuque ajudou o famoso Neemias, o governador ([Ne 10.1](#)), na reconstrução do muro de Jerusalém.

Azeca

Uma cidade na planície agrícola conhecida como Sefelá. Existia pelo menos desde a época da conquista de Canaã (a Terra Prometida), já que Josué levou a aliança dos reis amorreus para Azeca ([Js 10.10.22](#)). Também é mencionada na história do encontro de Davi e Golias ([1Sm 17.1](#)). Escavações arqueológicas mostraram que Azeca era fortemente defendida com um sistema de câmaras de refúgio subterrâneas ([2Cr 11.9.11](#)). Azeca, Laquis e Jerusalém são mencionadas como as únicas cidades muradas restantes do reino do sul de Judá na época do ataque de Nabucodonosor a Jerusalém ([Jr 34.7](#)). Alguns retornados do exílio na Babilônia mudaram-se para Azeca ([Ne 11.30](#)). Hoje é conhecida como Tell Zakariyeh.

Azel

Um lugar desconhecido, provavelmente localizado a leste de Jerusalém ([Zc 14.5](#)).

Azel

Um descendente de Benjamim, Saul e Jônatas. Azel era filho de Eleasa e pai de seis filhos ([1Cr 8.37-38; 9.43-44](#)).

Azenate

A esposa egípcia de José, que se tornou a mãe de Manassés e Efraim. Azenate era filha do sacerdote Potífera ([Gn 41.45,50-52; 46.20](#)).

Azgade

- 334.** Um ancestral de um grupo que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.12; Ne 7.17](#)).
- 335.** Um líder político que assinou a promessa de fidelidade a Deus de Esdras com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.15](#)).

Aziel

Outro nome para Jaaziel, um levita que tocava música quando a Arca da Aliança foi trazida para Jerusalém ([1Cr 15.20](#)).

Veja Jaaziel.

Aziza

Descendente de Zatu. Ele obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia ([Ed 10.27](#)).

Azmavete (Lugar)

Uma cidade próxima a Anatote.

Quarenta e dois homens da cidade retornaram do exílio na Babilônia com Zorobabel ([Ed 2.24](#)). É chamada de "Beth-Azmavete" em [Neemias 7.28](#). Mais tarde, Azmavete forneceu cantores para ajudar a celebrar a dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.29](#)). É a atual Hizmeh, um local a oito quilômetros (cinco milhas) ao norte de Jerusalém.

Azmavete (Pessoa)

- 336.** Um guerreiro entre os homens valentes de Davi, conhecido como "os trinta". Sua cidade natal era Baurim ([2Sm 23.31; 1Cr 11.33](#)).
- 337.** Filho de Jeoada. Ele era um descendente do Rei Saul através de Jônatas ([1Cr 8.36](#); compare [1Cr 9.42](#), onde ele é chamado de "filho de Jadá").
- 338.** O pai de Jeziel e Pelete da tribo de Benjamim ([1Cr 12.3](#)). Ele pode ser o mesmo que o número 1 acima.
- 339.** Filho de Adiel. O rei Davi o colocou no comando do dinheiro do palácio ([1Cr 27.25](#)).

Azmom

Uma cidade ao sul de Judá entre Cades-Barneia e o "ribeiro do Egito" ([Nm 34.4-5; Js 15.4](#)).

Aznote-Tabor

Uma localização na fronteira sudoeste da terra tribal de Naftali ([Js 19.34](#)). É traduzido como os "picos (ou encostas) de Tabor".

Azor

Um descendente de Zorobabel e um ancestral de Jesus ([Mt 1.1,13-14](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Azoto

A forma do Novo Testamento de Asdode em [Atos 8.40](#).

Veja Asdode, Asdodita.

Azricão, Azricã

- 340.** Um dos três filhos de Nearias. Um descendente de Davi através de Zorobabel ([1Cr 3.23](#)).
- 341.** Um dos seis filhos de Azel. Um descendente de Saul ([1Cr 8.38](#); [9.44](#)).
- 342.** Um ancestral de Semaías, um levita que retornou a Jerusalém após o exílio para Babilônia ([1Cr 9.14](#); [Ne 11.15](#)).
- 343.** Um oficial do palácio sob o rei Acaz de Judá. Ele foi morto por Zicri ([2Cr 28.7](#)). Ele pode ser o mesmo que o número 2 acima.

Azriel

- 344.** O chefe de uma família na meia-tribo de Manassés, que vivia a leste do rio Jordão. O rei da Assíria levou Azriel e outros como cativos ([1Cr 5.23-26](#)).
- 345.** Pai de Jeremote. Jeremote foi um líder na tribo de Naftali durante o reinado do Rei Davi ([1Cr 27.19](#)).
- 346.** O pai de Seraias durante o reinado do Rei Jeoaquim. O rei enviou Seraias para prender Jeremias e Baruke por profetizarem contra os caminhos malignos de Israel e Judá ([Jr 36.26](#)).

Azuba

- 347.** Filha de Sili e mãe do Rei Josafá de Judá ([1Rs 22.42](#); [2Cr 20.31](#)).
- 348.** A primeira esposa de Calebe e mãe de três de seus filhos ([1Cr 2.18-19](#)).

Azul

Uma cor mencionada na Bíblia, frequentemente associada ao céu, ao mar e a tecidos especiais usados no tabernáculo e nas vestes sacerdotais.

Veja Cor.

Azur

- 349.** Um líder político que assinou a promessa de fidelidade a Deus feita por Esdras com Neemias e outros após o exílio para Babilônia ([Ne 10.17](#)).
- 350.** O pai do falso profeta Hananias ([Jr 28.1](#)).
- 351.** O pai de Jazanias, um dos homens importantes de Jerusalém que Ezequiel viu em uma visão ([Ez 11.1](#)).